



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS- LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

OLIMPÍADAS DE LINGUÍSTICA:

MOSAICO DE UMA PRÁTICA SOCIAL BASEADA EM PROBLEMAS

Brasília
2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS- LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

Eduardo Cardoso Martins

OLIMPÍADAS DE LINGUÍSTICA:

MOSAICO DE UMA PRÁTICA SOCIAL BASEADA EM PROBLEMAS

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Linguística, Área de Concentração: Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Luiza Monteiro Sales Coroa

Brasília
2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Co Cardoso Martins, Eduardo
OLIMPIADAS DE LINGUÍSTICA: MOSAICO DE UMA PRÁTICA SOCIAL
BASEADA EM PROBLEMAS / Eduardo Cardoso Martins; orientador
Maria Luiza Monteiro Sales Coroa. -- Brasília, 2022.
567 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2022.

1. Olimpíadas de Linguística. 2. Análise de Discurso
Crítica. 3. Representação Social. 4. Problema Linguístico
Autossuficiente. I. Monteiro Sales Coroa, Maria Luiza ,
orient. II. Título.

Eduardo Cardoso Martins

OLIMPÍADAS DE LINGUÍSTICA:

MOSAICO DE UMA PRÁTICA SOCIAL BASEADA EM PROBLEMAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Linguística, Área de Concentração: Linguagem e Sociedade, com defesa em 11 de fevereiro de 2022, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

DRA. MARIA LUIZA MONTEIRO SALES COROA

Universidade de Brasília – Presidente

DR. ANDREY VLADIMIROVICH NIKULIN

Université d’Ottawa – Membro Efetivo

Olimpíada Internacional de Linguística – IOL

DR. ROBSON CARAPETO-CONCEIÇÃO

Universität Wien – Membro Efetivo

DR. RODRIGO ALBUQUERQUE PEREIRA

Universidade de Brasília – Membro Efetivo

DR. ANDRÉ LUCIO BENTO

Universidade de Brasília – Membro Suplente

A Andrei Zaliznyak, Alfred Zhurinsky e Vladimir Uspensky,
que tornaram as Olimpíadas de Linguística possíveis.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto do apoio e colaboração de diversas pessoas e instituições, sem as quais seria impossível a sua realização.

Antes de tudo agradeço a Deus que permitiu a concretização deste sonho, pois é Ele quem efetua em nós tanto o querer como o realizar, de acordo com Sua vontade, diz Filipenses 2:13.

Agradeço muitíssimo ao amor de minha vida, Bianca, que incondicionalmente apoia todas as minhas empreitadas, especialmente aquelas que envolvem vender nossas coisas e mudar para Brasília duas vezes. Agradecimentos em titulações acadêmicas não conseguem medir o privilégio de compartilharmos todos os momentos, felizes ou difíceis. É simplesmente incomensurável seu amor e sua dedicação. Obrigado.

Igualmente sou grato a minha mãe, Nely, por sempre estar comigo do primeiro dia de aula na escolinha ao último dia deste doutorado. Seu incentivo, cooperação e investimento foram fundamentais no meu percurso, em qualquer momento, a qualquer distância. “Pode contar sempre comigo” são suas palavras recorrentes que ecoam no fundo do meu coração.

Agradeço a minha querida orientadora Maria Luiza, pela nova parceria acadêmica, pela paciência, perseverança e carinho até nas questões burocráticas; pela sabedoria e sensibilidade nos encontros. Faltará espaço para listar todas as suas qualidades e meus agradecimentos, então, sendo extremamente reducionista: obrigado por fazer parte da minha trajetória.

Também agradeço meus outros professores Dionei Moreira Gomes, Rodrigo Albuquerque e Thiago Costa Chacon; e professoras Ana Adelina Lôpo Ramos e Cibele Brandão de Oliveira Borges pelas suas contribuições à minha formação.

Aos funcionários do PPGL, por suportar as burocracias; e aos amigos Ana Cláudia Dias, Chislene Cardoso, Débora Martins, Flávia Luiz, Franciene de Andrade, Juliana Ribeiro, Leonardo Café, Nubia Tupinambá e Schneider Caixeta pelos proveitosos debates.

À Universidade de Brasília que sempre busca a excelência em suas atividades, e em particular, agradecer ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas que sedia o Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL. Desde a seleção até a defesa a excelência sempre foi sua marca registrada.

Agradeço também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e ao Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento e parceria nesse projeto.

À Universidade Federal do Amazonas, sede da minha formação inicial e local de trabalho, por acreditar numa educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.

Agradeço aos meus amigos desses últimos 4 anos, Marcelo, Patrícia, Daniel, Karen, Rubens, Renata, Oniel, Cláuzia, Carlinhos, Darlene, Beto, Alda, Raquel, Lourdinha, Valdir, Sirlei, Luís, Patrícia, Pedro, Valquíria, Douglas, Cilma, Alexandra, Daniele, Gustavo, Darlan, Roberto, Paulo(s), Pedro(s), e diversos outros amigos da Capital que não conseguirei nomear em poucas linhas. Vocês realmente se fizeram minha família nesta cidade.

À professora Nara Martini Bigolin, que me ajudou a observar facetas pouco visíveis dos desequilíbrios presentes nas competições de conhecimento e em outras esferas de nossa sociedade. Ao professor Daniel Lavouras, querido Bagual, por ser o maior entusiasta e impulsionador de Olimpíadas Científicas do Brasil.

Aos antigos integrantes da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) Robson Carapeto, Stephanie Godiva, Pedro Neves, Andrey Nikulin, Abel Santana e Takerou Sato. Vocês participaram da minha formação de um modo que nem podem imaginar.

Aos membros da OBL em São Carlos: Jane, Yan, Renata e Roger; no Rio de Janeiro: Cynthia e Rodrigo; aos organizadores ex-olímpicos: Artur, Davi, Palote; e por fim, ao grupo de Embaixadores espalhados pelo Brasil: Thiago Motta Sampaio, Dirceu Cleber Conde, Márcio Leitão, Mahayana Godoy, Janaína Weissheimer, Eloísa Pilati, entre outros. Ainda tenho muito o que aprender com cada um de vocês.

Aos Organizadores das Olimpíadas Nacionais, líderes de delegações, Júri Internacional e estudantes que juntos criam a incrível atmosfera que me fascinou na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL).

Um agradecimento especial a Bruno L'Astorina, Coordenador Geral da OBL e Integrante do Júri da IOL. Discordamos muitas vezes durante esses quatro anos, mas é justamente a oposição do vento que sustenta o avião até alcançar as terras distantes e desconhecidas. Suas dicas e correções ajudaram esta Tese a desbravar um novo mundo para a Academia.

Agradeço enfaticamente a todos os membros Banca de Doutorado, pois contribuíram de maneira espetacular para a qualidade deste trabalho. Obrigado.

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.

Mikhail Bakhtin (1997, p. 413-414).

The Happiest Days Of Our Lives

(You! Yes, you! Stand still, laddie!)
When we grew up and went to school
There were certain teachers
Who would hurt the children any way they could
By pouring their derision upon anything we did
Exposing every weakness
However carefully hidden by the kids

But in the town it was well known
When they got home at night
Their fat and psychopathic wives would thrash them
Within inches of their lives

Another Brick In The Wall (part II)

We don't need no education
We don't need no thought control
No dark sarcasm in the classroom
Teachers, leave them kids alone
Hey! Teacher! Leave them kids alone!
All in all, it's just another brick in the wall
All in all, you're just another brick in the wall

We don't need no education
We don't need no thought control
No dark sarcasm in the classroom
Teachers, leave them kids alone
Hey! Teacher! Leave us kids alone!
All in all, you're just another brick in the wall
All in all, you're just another brick in the wall

Wrong, do it again! Wrong, do it again!
If you don't eat yer meat, you can't have any pudding
How can you have any pudding if you don't eat yer meat?
You! Yes, you behind the bikesheds, stand still, laddie!

Os Dias Mais Felizes de Nossas Vidas

(Você! Sim, você! Fique onde está, mocinho!)
Quando crescemos e fomos para a escola
Havia certos professores
Que machucavam as crianças de todas as formas que podiam
Ao derramar seu escárnio sobre qualquer coisa que fizéssemos
Expondo todas as fraquezas
Por mais que as crianças as escondessem cuidadosamente

Mas, na cidade, todo mundo sabia
Que, quando chegavam em casa à noite
Suas esposas gordas e psicopatas esmigalhavam
Cada pedacinho da vida deles

Mais Um Tijolo No Muro (parte 2)

Nós não precisamos de nenhuma educação
Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral
De nenhum sarcasmo na sala de aula
Professores, deixem as crianças em paz
Ei! Professor! Deixe as crianças em paz!
Em suma, é apenas mais um tijolo no muro
Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro

Nós não precisamos de nenhuma educação
Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral
De nenhum sarcasmo na sala de aula
Professores, deixem as crianças em paz
Ei! Professor! Deixe em paz a nós, crianças!
Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro
Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro

Errado, faça de novo! Errado, faça de novo!
Se você não comer sua comida, não terá nenhuma sobremesa
Como você pode querer sobremesa, se não comer a sua comida?
Você! Sim, você atrás das bicicletas, parado aí, mocinho!

Banda *Pink Floyd*, álbum *The Wall*, faixas 4 e 5 (primeiro vinil, lado A),
lançado em 30 de novembro de 1979. Composições de *Roger Waters*.

Resumo

Esta pesquisa, de perspectiva qualitativa (descritiva e interpretativa), visa analisar o mosaico de elementos que compõem a Prática Social das Olimpíadas de Linguística (OL). Baseada nos fundamentos teóricos-metodológicos da Análise de Discurso Crítica, especialmente de Fairclough (1992; 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), esta Tese evidencia como as OL são herdeiras da própria disciplina Linguística, apesar de adotarem características particulares. Começando a investigação pela historiografia, busca-se justificar a influência geopolítica na criação das OL e na institucionalização delas em diversos países, como eventos integradores entre a ciência da linguagem, a matemática, a computação e a educação. Passando à Prática Discursiva dos regulamentos, sítios eletrônicos e relatos dos Organizadores Nacionais de OL, são evidenciadas as Representações Sociais sobre o que caracteriza essa competição intelectual, sobre as principais dificuldades e sobre os impactos desejados para os estudantes, ainda que estejam inseridos em distintos contextos econômicos e culturais. No mesmo sentido, o trabalho aborda como as OL se alinham ao movimento que tem buscado alterar a conjuntura escolar para pensar linguisticamente em diferentes localidades (DERHAM & LOBECK, 2010a). O mosaico das peças da Prática Social das OL engloba ainda a Representação Social do público não-especializado sobre a Linguística, a qual está em plena transformação devido ao recente movimento de popularização científica, sobretudo no Brasil. Por fim, esta análise focaliza a Prática Textual do principal gênero das OL, o Problema Linguístico Autossuficiente, mostrando suas características de composição e o raciocínio que desenvolve (DERZHANSKI & PAYNE, 2010), como herança da Aprendizagem Baseada em Problemas. É por meio da integração entre as Práticas Social, Discursiva e Textual das OL que os Problemas Sociais são interpretados, com vistas a possíveis mudanças. Semelhante a um caleidoscópio, a reunião de diferentes formatos, cores e texturas nos fornece um quadro geral belo e instável, sujeito a alterações, mas que sempre formam um todo coerente e harmônico.

Palavras-chave: Olimpíadas de Linguística. Análise de Discurso Crítica. Representação Social. Problema Linguístico Autossuficiente.

Abstract

This research, from a qualitative perspective (descriptive and interpretive), aims to analyze the mosaic of elements that make up the Social Practice of the Linguistics Olympiad (LO). Based on the theoretical-methodological foundations of Critical Discourse Analysis, especially by Fairclough (1992; 2003) and Chouliaraki and Fairclough (1999), this Thesis shows how LO are heirs of the Linguistics discipline itself, despite adopting particular characteristics. Starting the investigation with historiography, it seeks to justify the geopolitical influence in the creation of LO and in their institutionalization in several countries, as integrative events between language science, mathematics, computing and education. Moving on to the Discursive Practice of the regulations, websites and reports of the National LO Organizers, this Thesis approaches the Social Representations about the features of the intellectual competition, about the main difficulties and the desired impacts for students, even if they are inserted in different contexts economic and cultural. In the same sense, the work addresses how LO is aligned with the movement that has aimed to change the school environment to think linguistically in different locations (DERHAM & LOBECK, 2010a). The mosaic of the LO Social Practice pieces also includes the Social Representation of the non-specialized public on Linguistics, which is undergoing full transformation due to the recent movement of scientific popularization, especially in Brazil. Finally, this analysis focuses on the Textual Practice of the main genre of LO, the Self-Sufficient Linguistic Problem, showing its compositional characteristics and the reasoning it develops (DERZHANSKI & PAYNE, 2010), as a legacy of Problem-Based Learning. It is through the integration between Social, Discursive and Textual Practices of LO that Social Problems are interpreted, with a view to possible changes. Similar to a kaleidoscope, the meeting of different shapes, colors and textures provides us with a beautiful and unstable general picture, subject to change, but which always form a coherent and harmonious whole.

Keywords: Linguistics Olympiads. Critical Discourse Analysis. Social Representation. Self-Sufficient Language Problem.

Zusammenfassung

Diese Forschung aus qualitativer Perspektive (deskriptiv und interpretativ) hat zum Ziel, das Mosaik der Elemente zu analysieren, die die soziale Praxis der Linguistik-Olympiaden ausmachen. Ausgehend von den theoretisch-methodischen Grundlagen der Kritischen Diskursanalyse, insbesondere von Fairclough (1992; 2003) und Chouliaraki und Fairclough (1999), wird in dieser Arbeit herausgearbeitet, wie die Linguistik-Olympiaden trotz ihrer besonderen Merkmale ein Erbe der Sprachwissenschaften selbst sind. Die Untersuchung beginnt mit der historischen Darstellung des geopolitischen Einflusses auf die Einrichtung der Linguistik-Olympiaden und ihre Institutionalisierung in mehreren Ländern als Ereignisse, die Sprachwissenschaft, Mathematik, Informatik und Bildung zusammenführen. Weiter geht es mit der Diskursiven Praxis der Regelungen, Websites und Berichte der nationalen Veranstalter. Hier sind die Sozialen Einstellungen über die Eigenschaften dieses intellektuellen Wettbewerbs, über die wichtigsten Schwierigkeiten und über die erwünschten Auswirkungen für die teilnehmenden Jugendlichen ersichtlich, auch wenn sie in unterschiedlichen wirtschaftlichen und kulturellen Kontexten eingebettet sind. Im gleichen Sinne befasst sich die Studie mit der Frage, wie die Linguistik-Olympiaden sich der Forderung nach einer Veränderung der schulischen Rahmenbedingungen im Sinne eines sprachlichen Denkens an verschiedenen Orten anschließen (Derham/Lobeck 2010a). Zum Mosaik der einzelnen Teilstücke der Sozialen Praxis der Linguistik-Olympiaden gehört auch die Soziale Einstellung der allgemeinen Öffentlichkeit gegenüber der Linguistik, welche sich durch die jüngste Bewegung der wissenschaftlichen Popularisierung, insbesondere in Brasilien, in vollem Wandel befindet. Schließlich konzentriert sich diese Analyse auf die Textuelle Praxis des olympischen Hauptgenres, nämlich des Self-Sufficient Linguistic Problems, und zeigt dessen strukturelle Merkmale und die darin entwickelte Denkfähigkeit (Derzhanski/Payne 2010) als eine Ausprägung des Problem-Based Learning. Durch die Integration der sozialen, diskursiven und textuellen Praktiken der Linguistik-Olympiaden werden soziale Probleme mit Blick auf mögliche Veränderungen interpretiert. Ähnlich wie bei einem Kaleidoskop entsteht durch das Zusammentreffen verschiedener Formate, Farben und Texturen ein schönes und unbeständiges Gesamtbild, das zwar Veränderungen unterliegt, aber immer ein kohärentes und harmonisches Ganzes bildet.

Schlüsselwörter: Linguistik-Olympiaden. Kritische Diskursanalyse. Soziale Einstellung. Self-Sufficient Linguistic Problem.

Аннотация

Настоящее исследование качественного (описательного и интерпретативного) характера ставит перед собой цель проанализировать мозаику элементов, составляющих социальную практику олимпиад по лингвистике (ОЛ). Опираясь на теоретические и методологические положения Критического дискурса-анализа, особенно на работы Фэйрклафа (FAIRCLOUGH, 1992; 2003) и Чулиараки и Фэйрклафа (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999), эта диссертация подчёркивает, что ОЛ наследуют самой лингвистической дисциплине, хотя им свойственны и некоторые отличные характеристики. Диссертация открывается историографическим исследованием, в рамках которого определяются геополитические факторы, оказавшие влияние на создание ОЛ, а также на институционализацию ОЛ в различных странах в качестве мероприятий, позволяющих сочетать в рамках одного мероприятия науку о языке, математику, информатику и образование. Затем рассматриваются дискурсивные практики, представленные в регламентах, на официальных интернет-страницах и в личных высказываниях национальных организаторов ОЛ. Эти дискурсивные практики отражают социальные представления о специфике этого интеллектуального соревнования, об основных трудностях и о желаемых результатах для учащихся, причём детали могут различаться в зависимости от экономического и культурного контекста. Кроме того, в исследовании рассматривается вопрос о том, как ОЛ согласуются с движением, призванным обогатить лингвистическим мышлением конъюнктуру среднего образования в различных регионах мира (DERHAM & LOBECK, 2010a). Мозаика из элементов социальной практики ОЛ также включает в себя социальное представление неспециалистов о лингвистике, которое в настоящее время подвержено активным изменениям благодаря активизации процесса популяризации науки, особенно в Бразилии. Наконец, уделяется внимание текстовой практике самодостаточной языковой задачи — основного жанра ОЛ, наследующего проблемно-ориентированному обучению, — включая особенности составления таких задач, а также развиваемые их посредством когнитивные компетенции (DERZHANSKI & PAYNE, 2010). Именно через интеграцию социальных, дискурсивных и текстовых практик ОЛ становится возможным интерпретировать общественные проблемы, а также предлагать пути к их решению. Подобно калейдоскопу, сочетание различных форматов, цветов и текстур образует красивую и вместе с тем неустойчивую общую картину, подверженную изменениям, но в каждый момент образующую связное и гармоничное целое.

Ключевые слова: Олимпиады по лингвистике. Критический дискурс-анализ. Социальная репрезентация. Самодостаточная лингвистическая задача.

LISTA DE FIGURAS*

Figura 1 – Ilustração do modelo tridimensional	57
Figura 2 – Momentos de uma prática social	63
Figura 3 – Duplo sistema da linguagem	64
Figura 4 – Estratos do sistema de ordem do discurso	64
Figura 5 – Distribuição geográfica das Olimpíadas até 2020	146
Figura 6 – Prática Social da Olimpíada de Linguística	173
Figura 7 – Distribuição das Escolas participantes da UKLO	220
Figura 8 – Elementos impulsionadores da Prática Social da OL	232
Figura 9 – Percepção sobre a imagem dos cientistas no Brasil	260
Figura 10 – Índice de confiança entre categorias profissionais	261
Figura 11 – Bolsas do CNPq em Ciências Exatas em 2013-2014	290
Figura 12 – Bolsas do CNPq em Ciências Humanas e Biológicas	293
Figura 13 – Quadro Geral da Prática Social das Olimpíadas	382
Figura 14 – Ilustração de um mosaico marroquino	390

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Cartaz da 1ª Olimpíada de Linguística e Matemática – 1965	121
Imagem 2 – Comitê da 4ª Olimpíada de Linguística e Matemática –1968	122
Imagem 3 – Comitê Organizador das primeiras Olimpíadas russas	124
Imagem 4 – Cartaz da 1ª Olimpíada Internacional de Linguística	130
Imagem 5 – Problema inaugural da 1ª Olimpíada Internacional	131
Imagem 6 – Problema da Olimpíada de Linguística de Moscou – 1979	301
Imagem 7 – Problema da prova individual da IOL – 2021	317
Imagem 8 – Problema da prova individual da IOL – 2013	318
Imagem 9 – Problema da 1ª fase da Edição Vina – OBL – 2013	319
Imagem 10 – Problema da 1ª fase da Edição Paraplü – OBL – 2013	320
Imagem 11 – Problema da Olimpíada da Suécia – 2013	321
Imagem 12 – Problema 30 da Olimpíada de Moscou – 1966	324
Imagem 13 – Problema da prova por equipe da IOL – 2016	325
Imagem 14 – Problema da prova individual da IOL – 2014	326
Imagem 15 – Problema da prova individual da IOL – 2021	327
Imagem 16 – Problema da prova individual da IOL – 2018	328
Imagem 17 – Problema da prova individual da IOL – 2017	329
Imagem 18 – Problema da prova por equipe da IOL – 2010	330
Imagem 19 – Problema da prova por equipe da IOL – 2009	331
Imagem 20 – Problema da prova individual da IOL – 2011	332
Imagem 21 – Problema da prova individual da IOL – 2015	333
Imagem 22 – Problema da prova individual da IOL – 2013	334
Imagem 23 – Problema da 2ª fase da Edição Yora – OBL – 2018	335
Imagem 24 – Problema da 1ª fase da Edição Noke Vana – OBL – 2012	336
Imagem 25 – Problema da 1ª fase da Edição Paraplü – OBL – 2013	337
Imagem 26 – Problema da prova individual da IOL – 2016	338
Imagem 27 – Problema da Olimpíada da Letônia – 2013	339

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados das Olimpíadas Internacional de Linguística até 2020	147
Tabela 2 – Dados das premiações dos países na IOL até 2020	151
Tabela 3 – Dados das Olimpíadas Brasileira de Linguística	167
Tabela 4 – Dados dos Regulamentos das Olimpíadas	204
Tabela 5 – Dados dos sítios eletrônicos das Olimpíadas	207
Tabela 6 – Dados das premiações masculinas e femininas na IOL	225
Tabela 7 – Dados das participações masculinas e femininas na IMO	226
Tabela 8 – Dados das participações masculinas e femininas na IOI	228
Tabela 9 – Critérios quanto à estrutura dos Problemas Linguísticos	316
Tabela 10 – Critérios quanto ao conteúdo dos Problemas Linguísticos	323

LISTA DE SIGLAS

ADC – Análise de Discurso Crítica

ABP – Aprendizagem Baseada em Problemas

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CENPEC – Centro de Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária

CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONSED – Conselho Nacional de Secretários da Educação

DC – Divulgação Científica

EL – Educação Linguística

K-12 – Correspondente ao período do Jardim de Infância ao Ensino Médio

LC – Linguística Crítica

LSA – Sociedade Linguística da América

MEC – Ministério de Educação

OTiPL – Departamento de Linguística Teórica e Aplicada

OL – Olimpíadas de Linguística

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

STEM ou STEAM – Ciências, Tecnologia, Engenharia, (Artes) e Matemática

TRS – Teoria das Representações Sociais

UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA RESUMIDA DE OLIMPÍADAS DE CONHECIMENTO

IAO – Olimpíada Internacional de Astronomia
IBO – Olimpíada Internacional de Biologia
IChO – Olimpíada Internacional de Química
IESO – Olimpíada Internacional de Ciências da Terra
IGeO – Olimpíada Internacional de Geografia
IJSO – Olimpíada Internacional Júnior de Ciências
IMO – Olimpíada Internacional de Matemática
IOAA – Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica
IOI – Olimpíada Internacional de Informática
IOL – Olimpíada Internacional de Linguística
IPO – Olimpíada Internacional de Filosofia
IPhO – Olimpíada Internacional de Física
OBA – Olimpíada Brasileira de Astronomia
OBAP – Olimpíada Brasileira de Agropecuária
OBB – Olimpíada Brasileira de Biologia
OBECON – Olimpíada Brasileira de Economia
OBF – Olimpíada Brasileira de Física
OBFEP – Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas
OBI – Olimpíada Brasileira de Informática
OBL – Olimpíada Brasileira de Linguística
OBM – Olimpíada Brasileira de Matemática
OBMEP – Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
OBq Jr – Olimpíada Brasileira de Química Júnior
OBR – Olimpíada Brasileira de Robótica
Obsma – Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente
OLPEF – Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro
ONC – Olimpíada Nacional Ciências
ONHB – Olimpíada Nacional de História do Brasil

LISTA DE OLIMPIADAS DE LINGUÍSTICA
Em ordem alfabética de países

Concurso Nacional de Seleção Alemã
Olimpíada da Armênia em Linguística e Lógica – AMLO
Olimpíada Australiana de Computação e Linguística – OzCLO
Olimpíada Nacional de Linguística em Bangladesh – NLO
Olimpíada de Linguística de Minsk (Belarus)
Olimpíada Brasileira de Linguística – OBL
Olimpíada de Linguística Matemática da Bulgária
Olimpíada Linguística Canadense Anglófona – CLO
Olimpíada Linguística Canadense Francófona – OLCF
Olimpíada Linguística do Cazaquistão
Olimpíada de Linguística Nacional da China – NOL
Olimpíada Colombiana de Linguística – OCL
Liga de Idiomas (Dinamarca) - SPROGLIGA
Competição de Raciocínio Lógico (Eslovênia)
Olimpíada de Linguística da Espanha – OLE
Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte – NACLO
Olimpíada de Linguística da Estônia – Lingvistikaolümpiaad
Olimpíada Finlandesa de Linguística – KiOL
Olimpíada de Linguística (França)
Olimpíada de Linguística de Hong Kong – HKLO
Olimpíada de Linguística da Holanda – TKO
Olimpíada Estudantil de Linguística da Hungria – MNyD

LISTA DE OLIMPIADAS DE LINGUÍSTICA

Em ordem alfabética de países

Seleção para Olimpíada Internacional de Linguística (Ilha de Man) – LINGOMANN

Olimpíada Panini de Linguística (Índia) – PLO

Olimpíada Linguística de toda a Irlanda – AILO

Comitê do Japão para as Olimpíadas Internacionais de Linguística – IOLING

Olimpíada Linguística da Letônia – LLO

Olimpíada de Linguística Computacional da Malásia – MyCLO

Olimpíada de Linguística da Nova Zelândia – NZLO

Olimpíada de Linguística Computacional do Himalaia (Nepal) – HLON

Olimpíada de Linguística Matemática da Polônia – OLM

Olimpíada de Linguística do Reino Unido – UKLO

Olimpíada de Linguística da Coreia – KLO

Olimpíada Linguística Tcheca – ČLO

Olimpíada Nacional de Linguística Solomon Marcus (Romênia)

Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou

Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de São Petersburgo

Olimpíada de Linguística de Singapura – SGLO

Olimpíada de Linguística da Suécia – Lingolympiad

Olimpíada Linguística de Taiwan – TOL

Olimpíada Nacional de Linguística Turca

Olimpíada Ucraniana de Linguística

Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico – APLO

Olimpíada de Linguística Computacional de Língua Inglesa – ELCLO

Olimpíada de Linguística Online – ONLING

LISTA DE INSTITUIÇÕES PROMOTORAS DE OLIMPIADAS

ADAPT – Centro de Tecnologia de Conteúdos Digitais – Universidade de Dublin
ArdentEdu – Consultoria Educacional Ardente – Malásia
BDŪ – Universidade Estatal de Belarus
CCU – Universidade Nacional Chung Cheng – Taiwan
Centro de Educação Científica da Universidade de Helsinque – Finlândia
Centro Científico e Prático Republicano Daryn da República do Cazaquistão
CLIE – Comitê de Linguística na Educação da Grã-Bretânia – Reino Unido
DCU – Universidade da Cidade de Dublin – Irlanda
HLT – Centro de Pesquisa em Tecnologias da Linguagem Humana – Romênia
HSE – Escola Superior de Economia – Rússia
HUFS – Universidade de Estudos Estrangeiros de Hankuk – República Coreia
IIIT-H – Instituto Internacional de Tecnologia da Informação de Hyderabad – Índia
ILIR – Instituto de Linguística da Academia Romena "Iorgu Iordan – Al. Rosetti"
INALCO – Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Orientais – França
IPPO – Instituto de Educação Pedagógica de Pós-Graduação da Univ. de Kiev
ISTC – Centro de Soluções e Tecnologias Inovadoras – Armênia
ITCCC – Centro Internacional de Competição e Intercâmbio de Jovens da China
JNU – Universidade Jawaharlal Nehru – Índia
JSPS – Sociedade Japonesa de Promoção da Ciência – Japão
KU – Kathmandu University – Nepal
KVA – Academia Real de Ciências da Suécia
LTK – Tecnologia de Línguas Kendra – Nepal
LSDB – Sociedade Linguística de Bangladesh
LST – Sociedade Linguística de Taiwan
LU – Universidade de Leiden – Holanda
LU – Universidade de Lund – Suécia
LUCL – Centro de Linguística da Universidade de Leiden – Holanda

LISTA DE INSTITUIÇÕES PROMOTORAS DE OLIMPIADAS

MGU ou MSU – Universidade Estatal de Moscou Lomonóssov – Rússia

MRI – Microsoft Research Índia

MSLU – Universidade Linguística Estatal de Moscou – Rússia

MTA – Academia Húngara de Ciências – Hungria

MU – Universidade de Mumbai – Índia

NSYSU – Universidade Nacional Sun Yat-sem – Taiwan

NTU – Universidade Nacional de Taiwan

PPKE – Universidade Católica Pázmány Péter – Hungria

PolyU – Universidade Politécnica de Hong Kong

Prompsit – Engenharia de Linguagem em Tradução – Espanha

RGGU ou RSUH – Universidade Estatal Russa para as Humanidades – Rússia

SRC – Centro de Pesquisa Semiosis – República da Coreia

Sociedade União dos Matemáticos Búlgaros – Bulgária

SPbU – Universidade Estatal de São Petersburgo – Rússia

SU – Universidade de Estocolmo – Suécia

TalentcampDK – Associação Dinamarquesa de Escolas – Dinamarca

TU – Tribhuvan University – Nepal

UA – Universidade de Alicante – Espanha

UAN – Universidade Antonio Nariño – Colômbia

UB – Universidade de Bucareste – Romênia

UC – Universidade de Canterbury – Nova Zelândia

UFS – Jovens Cientistas de Estocolmo – Suécia

UK – Universidade Charles – República Tcheca

UNAL – Universidade Nacional da Colômbia

UPOL – Universidade Palacký Olomouc – República Tcheca

UT – Universidade de Tartu – Estônia

UWr – Universidade de Wrocław – Polônia

YSU – Universidade Estatal de Yerevan – Armênia

ZAS – Centro Leibniz de Linguística Geral – Alemanha

ZOTKS – Associação de Cultura Técnica da Eslovênia

SUMÁRIO

À guisa de introdução	24
i O que são as Olimpíadas de Conhecimento?	24
ii Teorias, fontes, <i>corpora</i> e instrumentos	30
iii O mosaico de uma análise em movimentos	33
CAPÍTULO 1 Movimentos interpretativos nas peças teórico-metodológicas	46
1.1 A transdisciplinaridade da Análise de Discurso Crítica	46
1.2 Ferramentas de investigação: as categorias analíticas	52
1.3 Representações sociais e discursos: (du)elos de significação	67
1.4 Princípios da Aprendizagem Baseada em Problemas	75
1.5 As bases do mosaico: qualitativa-crítica-funcionalista	90
CAPÍTULO 2 Movimentos interpretativos nas peças das práticas sociais	96
2.1 Prolegômenos de uma Olimpíada de Linguística	96
2.2 Fragmentos historiográficos das Olimpíadas de Linguística	110
2.3 Face(ta)s da Olimpíada Internacional de Linguística	140
2.4 A peculiar Olimpíada Brasileira de Linguística	158
2.5 O vislumbre do mosaico: parte-todo-parte	172
CAPÍTULO 3 Movimentos interpretativos nas peças das práticas discursivas	188
3.1 Visões e vicissitudes em (dis)curso nas Olimpíadas	190
3.2 Do regulamento ao evento: um caleidoscópio	203
3.3 Reflexão linguística, refração escolar, difração olímpica	236
3.4 Ainda “a linguística que nos faz falhar”	254
3.5 O muro do mosaico: tijolos-martelos-efeitos	277
CAPÍTULO 4 Movimentos interpretativos nas peças das práticas textuais	296
4.1 O gênero Problema Linguístico Autossuficiente	296
4.2 Por uma tipologia dos Problemas das Olimpíadas	312
4.3 A heterogeneidade dos ornitorrincos linguísticos	348
4.4 Um ecossistema de formações: pessoal, social e cultural	365
4.5 A montagem do mosaico: peça–ajuste–resultado	380
CONSIDERAÇÕES FINAIS	391

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **407**

APÊNDICES **426**

APÊNDICE A – Movimentos de criação das Olimpíadas Nacionais	427
APÊNDICE B – Histórico da Olimpíada Internacional de Linguística	440
APÊNDICE C – Premiação dos países-membros na IOL até 2020	446
APÊNDICE D – Histórico da Olimpíada Brasileira de Linguística	453
APÊNDICE E – Movimentos de divulgação da Linguística Brasileira	458

ANEXOS **464**

Alemanha	465
Austrália (1 & 2)	467
Brasil	472
Bulgária	477
Canadá anglófono	479
Colômbia	482
Dinamarca	486
Eslovênia	488
Espanha (1 & 2)	493
Estados Unidos	498
Estônia (1 & 2)	501
Finlândia	507
Hungria	510
Ilha de Man	513
Índia	516
Irlanda	521
Japão (1 & 2)	524
Letônia (1 & 2)	530
Malásia	537
Nepal (1 & 2)	540
Polônia	545
Reino Unido	548
República da Coreia	551
República Tcheca	554
Rússia	557
Suécia	560
Turquia	563
Uzbequistão	565

CARTA DE RECOMENDAÇÃO DA TESE	567
-------------------------------	-----

À guisa de introdução

I. O que são as Olimpíadas de Conhecimento?

Olimpíadas Científicas são competições intelectuais que consistem na realização de provas ou trabalhos práticos em determinada área do conhecimento. Geralmente realizadas em duas ou três etapas, têm o objetivo de promover tanto habilidades cognitivas individuais quanto o raciocínio coletivo e a cooperação entre os participantes, com intercâmbio de experiências pedagógicas e científicas. Elas possuem diferentes abrangências de atuação, local, estadual, regional, nacional e internacional, e têm proliferado no Brasil e no mundo como um instrumento de divulgação e popularização da Ciência, como o estímulo à atuação nas mais variadas áreas do saber acadêmico, superando, inclusive, os conteúdos previstos no currículo escolar.

O conjunto das Olimpíadas do Conhecimento, Olimpíadas de Ciência, Olimpíadas Escolares, Desafios intelectuais, Maratonas do saber e Torneios acadêmicos estimulam os participantes a desenvolverem diversas habilidades, como observação de dados, investigação de razões, testagem de hipóteses, resiliência nas falhas, automotivação, inovação e curiosidade, características relevantes para o desenvolvimento do estudante enquanto sujeito ativo no processo de aprendizagem. Muitas entidades como empresas, organizações não governamentais (ONGs) ou instituições de ensino realizam esses concursos com a finalidade de impulsionar os participantes a adquirirem conhecimentos, às vezes, relacionados a algumas profissões. Assim, as olimpíadas se tornaram conhecidas como uma “ferramenta” para identificação de jovens talentos (o que é conhecido como *mindhunter*) ou ainda para destacar de modelos educacionais considerados inovadores.

Conforme Meneguello (2011: 2), as olimpíadas do conhecimento começaram a se popularizar na Europa, no final do século XIX e faziam parte

[...] das iniciativas associadas à expansão do ensino e aos esforços de valorização do estudo como culminando projetos nacionais de erradicação do analfabetismo e de formação de uma mão-de-obra mais capacitada. Ao longo do século XX, especialmente nas ciências ditas exatas, estes programas altamente competitivos evoluíram para competições em nível internacional, como na paradigmática Olimpíada Internacional de Matemática, cuja primeira edição ocorreu em 1959 na Romênia e que prossegue como um programa regular. Este tipo de competição tornou-se corriqueira também nos países asiáticos e americanos, especialmente em âmbito nacional.

Pesquisas apontam a ocorrência de competições não oficiais desde o século XVI. Naquela época, havia desafios entre matemáticos, nos quais apostavam dinheiro, reputação e até mesmo cátedras em universidades. Muitos desses competidores empenhavam-se na busca de resolução de problemas que pudessem lhes trazer algum prestígio ou reconhecimento pela sociedade. Funcionavam na forma de um duelo: um candidato desafiava o outro nos problemas, portanto, aquele que resolvesse em maior número era declarado o ganhador (MACIEL, 2009).

A primeira competição de conhecimento no formato que a conhecemos foi a Olimpíada de Matemática ocorrida na Hungria em 1894. Destinada a estudantes que concluíam o último ano escolar do ensino regular daquele país, o concurso era organizado pela Sociedade de Matemática e Física. Ele passou a acontecer todo outono e consistia em três problemas de matemática que os alunos deveriam resolver. Na época, os 10 primeiros colocados eram premiados com acesso à universidade. Realizada anualmente desde 1894, foi em 1925 que o evento recebeu o nome pelo qual ficou conhecido: Competição de Matemática *Loránd Eötvös*, em homenagem ao físico húngaro do século XIX. Em 1947, após a Segunda Guerra Mundial, ela foi retomada como Competição *József Kürschák*, em homenagem a um dos primeiros entusiastas do torneio e membro da Academia de Ciências da Hungria e do Instituto Politécnico da Universidade de Budapeste.

O concurso húngaro, no entanto, nunca recebeu o nome de olimpíada. Este nome foi usado pela primeira vez em 1934, na Olimpíada de Matemática de Leningrado, atual São Petersburgo, e na Olimpíada de Matemática de Moscou no ano seguinte, 1935. O nome foi possivelmente cunhado pelo matemático e polímata russo *Boris Nikolaevich Delonay*¹, um matemático bastante talentoso e multifacetado, com interesse especial no encantamento de novas gerações de matemáticos. Possivelmente inspirado nas olimpíadas esportivas modernas e nas competições gregas antigas, *Delonay* estava conectado a uma tradição própria de problemas e desafios de matemática, física e química entre estudantes de ensino médio, com vistas ao despertar de novos matemáticos e cientistas. Falando sobre a origem da competição em Leningrado, *Odinets* (2017) explica:

¹ Os nomes russos são transliterados para o inglês a fim de permitir outras pesquisas não disponíveis com os nomes transliterados para o português. Os patronímicos são utilizados na primeira citação ao nome e quando constarem em uma lista, não são mencionados nos demais contextos.

No início de 1912, o primeiro Congresso Russo de Professores de Matemática foi sediado em São Petersburgo, tendo entre seus participantes professores de todas as províncias da Rússia e das mais importantes universidades, um total de 1.217 participantes e convidados. Entre as ideias apresentadas no congresso para contribuir para um domínio maior da matemática, havia a ideia de disputa entre estudantes, em diferentes formas, assim como uma forte individualização dos trajetos de conhecimento (ODINETS, 2017)².

Com o passar dos anos, lentamente, outras competições regionais foram se espalhando pelos países do Leste Europeu e mais a União Soviética, culminando na criação da Olimpíada Internacional de Matemática (IMO)³, na Romênia em 1959, com a participação de 52 estudantes, sendo 46 homens e 6 mulheres⁴, vindo de sete países: Alemanha Oriental, Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia e União Soviética. Devido a conjuntura geopolítica da época, foi somente em 1976, na décima oitava edição, que a IMO foi realizada em um país não socialista, a Áustria, e apenas na vigésima segunda edição, em 1981, fora da Europa, nos Estados Unidos.

Nas décadas seguintes, outras olimpíadas internacionais foram organizadas. Incentivado pelo sucesso da IMO, o professor de física *Czesław Ściśkowski* organizou a Olimpíada Internacional de Física (IPhO) na Polônia, em 1967, com alunos de cinco países: Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia e Tchecoslováquia. Da mesma forma que sua antecessora, foi apenas em 1972, na quinta edição, que o primeiro país ocidental e o primeiro país não europeu participaram do evento, França e Cuba, respectivamente. E somente na décima terceira edição, em 1982, foi que a IPhO se realizou em um país não socialista, a Alemanha Ocidental, e na vigésima segunda edição, em 1991, se realizou fora da Europa, em Cuba.

Em 1968, o Comitê Nacional da Olimpíada da Química da Tchecoslováquia, apoiado pelo Ministério da Educação, transformou uma competição nacional já existente no sistema escolar secundário do bloco socialista na Olimpíada Internacional de Química (IChO). Apesar de ter enviado cartas de convite a todos os países socialistas, exceto a Romênia, país que não era bem-vindo à União Soviética

² <https://cyberleninka.ru/article/n/ob-istorii-matematicheskikh-olimpiad-v-leningrade-sankt-peterburge>

Acesso em 12.10.18. **Nesta tese, para melhor organizar, optamos por referenciar os endereços eletrônicos como notas de rodapé e as referências bibliográficas ao final do trabalho.**

³ As siglas das olimpíadas internacionais são registradas sempre em língua inglesa, supostamente um idioma hegemônico da ciência, amplamente debatido em SILVA, F. & RAJAGOPALAN, K. (2004).

⁴ Em <http://www.imo-official.org/organizers.aspx> encontra-se uma tabela de países participantes da IMO e o número de competidores homens e mulheres em cada edição. Acesso em 16.10.18

na época, as tensas relações fizeram com que apenas Tchecoslováquia, Hungria e Polônia participassem da primeira edição. Semelhante às anteriores, foi somente em 1980, na décima segunda edição, que a IChO foi realizada em um país não socialista, a Áustria, e apenas na vigésima quarta edição, em 1992, foi realizada fora da Europa, nos Estados Unidos, que havia sediado a IMO onze anos antes.

Em 1977, houve uma conferência dos Ministros da Educação do bloco socialista na qual decidiu-se que tais países organizariam as Olimpíadas Internacionais de Matemática, Física e Química a cada dois anos. Alguns organizadores trataram esse posicionamento como político, com o objetivo de reduzir os contatos entre estudantes do Oriente e do Ocidente, enquanto outros trataram o posicionamento como consequência do aumento do número de países participantes e do rápido aumento dos custos organizacionais. Porém, indiscutivelmente, a decisão abriu um convite a países não-socialistas para sediarem as Olimpíadas Científicas, o que, de fato, veio a acontecer em anos posteriores.

O título “Olimpíadas Internacionais da Ciência” era, portanto, limitado por questões geopolíticas segregacionistas até os anos 1980. Por vários anos somente países socialistas receberam e participaram das Olimpíadas com destaque para a Alemanha Oriental, a Bulgária, a Hungria, a Polônia, a Romênia, a Tchecoslováquia e a União Soviética. Da mesma forma, foi apenas depois dos anos 90 que países fora da Europa sediaram esses eventos com alguma regularidade. Tais fatos podem nos fornecer algumas pistas sobre a pouca tradição, participação e divulgação deste tipo de competição em algumas partes do mundo, especialmente ao sul do Trópico de Câncer, como grande parte da África e das Américas Central e do Sul.

No período de 1984 a 1991, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apoiou financeiramente a publicação dos anais da IPhO, além de outros livros sobre as Olimpíadas de Física em vários idiomas. Os materiais foram distribuídos aos países membros da UNESCO, o que impactou positivamente a publicidade sobre Olimpíadas do Conhecimento em geral.

Em 1987, o professor de análise numérica da Universidade de Sófia, *Blagovest Hristov Sendov*, propôs a ideia da Olimpíada Internacional de Informática (IOI) na 24ª Conferência Geral da UNESCO em Paris. Sua proposta foi aceita e a organização patrocinou o evento na Bulgária, em 1989, com a participação de 13 países: Alemanha Oriental, Bulgária, China, Cuba, Grécia, Hungria, Iugoslávia, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia, União Soviética, Vietnã e Zimbábue.

Turki (2016), em estudo comparativo de dez Olimpíadas Científicas Internacionais, demonstra algumas dificuldades comuns à maioria delas, como a participação de mais de sessenta (60) países a cada edição ou o limite de duzentos estudantes (ou menos) por falta de financiamento. Este autor propõe colocar as Olimpíadas sob os cuidados definitivos da UNESCO, pois esta organização compreende mais de 190 países membros, o que facilitaria os recursos, os meios e o apoio político da sociedade internacional para desenvolver estas competições e torná-las mais fortes. Contudo, o crescimento desordenado pode tornar-se um motivo de preocupação, como expressa Waldemar Gorzkowski⁵:

Deve-se perceber, no entanto, que os propósitos da UNESCO e de outras organizações internacionais não são idênticos aos propósitos das Olimpíadas Internacionais (embora, muitas vezes, alguns pontos sejam comuns). Por exemplo, ao forçar o aumento do número de países participantes, pode-se causar problemas organizacionais muito sérios. Os organizadores das Olimpíadas recentes encontram muitas dificuldades de caráter técnico e financeiro. Para facilitar o trabalho dos organizadores, em 1997 foi introduzida uma taxa voluntária paga pelos participantes da IPhO. Esta taxa cobre parte das despesas de organização e é um bom ponto de partida para levantar dinheiro de possíveis patrocinadores. A fim de assegurar uma organização suave, o aumento do número de participantes nas Olimpíadas Internacionais de Física deve ser controlado. Caso contrário, a organização da IPhO poderia entrar em colapso. (Tradução nossa⁶).

Seguindo o crescente movimento olímpico com o surgimento das Olimpíadas Internacionais de Biologia (1990), Filosofia (1993), Astronomia (1996) e Geografia (1996), também foi organizada a **Olimpíada Internacional de Linguística (IOL)**, na Bulgária, em 2003, com a participação de seis países⁷: Bulgária, Estônia, Holanda, Letônia, República Tcheca e Rússia. O histórico desse evento, desde o seu surgimento na União Soviética dos anos 60, o crescimento das diversas Olimpíadas Nacionais de Linguística subsequentes e os resultados de cada país/território (que chamaremos de país-membro da IOL) serão analisados no capítulo 2 deste trabalho.

No Brasil, o movimento olímpico começou com a Academia Paulista de Ciências, que, em 1977, organizou a Olimpíada Paulista de Matemática. Dois anos mais tarde, a Sociedade Brasileira de Matemática organizou a 1ª Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM) em 1979. Apesar de algumas iniciativas isoladas, como a realização de uma Olimpíada de Química pelo Instituto de Química da

⁵ Em <https://www.jyu.fi/tdk/kastdk/olympiads/history.pdf> Acesso em 20/10/2018.

⁶ As traduções das citações foram feitas pelo autor com auxílio tecnológico e de colaboradores.

⁷ A noção de país na IOL não coincide com outras definições territoriais, tais como da ONU.

Universidade de São Paulo em 1986, foi somente após 1998 que diversas iniciativas tomaram corpo e competições nacionais foram organizadas como: Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA) em 1998; Olimpíada Brasileira de Física (OBF) e Olimpíada Brasileira de Informática (OBI), ambas em 1999; Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (Obsma) em 2001; Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB), ambas em 2005; Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR) em 2007; Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF) e Olimpíada Brasileira de Química Júnior (OBq Jr.) ambas em 2008; Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB) em 2009; Olimpíada Brasileira de Física na Escola Pública (OBFEP) em 2010; Olimpíada Brasileira de Agropecuária (OBAP) em 2011; Olimpíada Nacional de Ciências (ONC) em 2016; e Olimpíada Brasileira de Economia (OBECON) em 2018.

Em meio a este movimento nacional, surgiu a **Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL)** em 2011, com a participação de 134 estudantes, vindos de 13 cidades, localizadas em 7 Estados. Com a OBL, o Brasil tornou-se o primeiro país de língua românica a possuir uma olimpíada nacional, apesar de uma participação eventual da Espanha na IOL de 2007. O desenvolvimento institucional da OBL, suas características e premiações serão aprofundados no capítulo 2 desta Tese.

Como brevemente demonstrado, nos últimos anos, o movimento olímpico tem crescido exponencialmente no Brasil tanto em termos de participantes como em número de olimpíadas, a maior parte delas criadas a partir das etapas internacionais correspondentes. Por serem, geralmente, realizados sem investimento dos participantes, as Olimpíadas necessitam de apoio de entidades internacionais, como a UNESCO, e de órgãos nacionais, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o qual afirma em seu sítio Institucional⁸:

O caráter competitivo estimula a inventividade dos alunos e professores, além de fornecer elementos fundamentais ao Ministério da Educação para avaliar estudantes brasileiros em relação aos outros países. Como benefício adicional, muitas olimpíadas incentivam o trabalho em equipe, reforçando hábitos de estudo, o despertar de vocações científicas e os vínculos de cooperação entre equipes de estudantes e professores. (CNPq, 2015)

Além de premiações como medalhas, diplomas de participação, bolsas e viagens, as Olimpíadas do Conhecimento pretendem buscar o prazer da descoberta de novas ideias, de técnicas inovadoras, além de metodologias atuais de cada área

⁸ Em <http://memoria.cnpq.br/olimpiadas-cientificas> Acesso em 22/10/2018.

da Ciência. É possível participar de diferentes Olimpíadas Científicas todos os anos, pois participantes da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, chamados Obmepeiros⁹, do Núcleo Olímpico de Incentivo ao Conhecimento (NOIC)¹⁰ e ainda de outras entidades estudantis organizam calendários olímpicos “não oficiais” de diversas olimpíadas, pressionando suas organizações a evitarem o conflito de datas em suas etapas nacionais, pois muitos alunos participam de várias delas. Não há um calendário oficial unificado de olimpíadas no Brasil.

Os organizadores de Olimpíadas de Conhecimento defendem que tais eventos não visam promover a competição por uma premiação, mas principalmente estimular o interesse dos jovens pelas Ciências, proporcionando descoberta da capacidade de crescimento intelectual, econômico e social. Por meio de desafios acadêmicos, as Olimpíadas incentivam a persistência, a motivação e a curiosidade, fatores determinantes para o desenvolvimento do estudante enquanto sujeito ativo no processo educacional. Além disso, os eventos promovem um intercâmbio entre discentes e Instituições de Ensino Superior, expandindo os horizontes para novas opções de escolha profissional.

II. Teorias, fontes, *corpora* e instrumentos

Visando à compreensão em profundidade das Olimpíadas de Linguística (OL) e a confiabilidade da pesquisa qualitativa, buscamos dados de pesquisa pertinentes e congruentes. Com o objetivo de prevenir possíveis distorções, a triangulação é a alternativa para se empreender múltiplas práticas teórico-metodológicas em uma mesma pesquisa, o que garante rigor e riqueza à pesquisa (GÜNTHER, 2006). Nesta Tese, caracteriza-se por quatro dimensões: triangulação das teorias, triangulação das fontes, triangulação do *corpus* e triangulação dos instrumentos.

A primeira diz respeito às **diferentes teorias** para análise de dados. Fortemente ancorada na transdisciplinaridade, a chamada triangulação analítica consiste em integrar vários pontos de vista teóricos, a fim de enriquecer e complementar ainda mais as possibilidades de produção de conhecimento, e ainda, de superar os potenciais epistemológicos (sempre limitados) de qualquer teoria ou

⁹ <https://obmepeiros.com/calendario/> Acesso em 24/10/2018.

¹⁰ <https://noic.com.br/calendario/> Acesso em 26/10/2018.

método individual. Nossa principal base é a Análise de Discurso Crítica (ADC), que aliada a Teoria das Representações Sociais (TRS) e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) compõem um quadro capaz de analisar a Prática Social das Olimpíadas de Linguística em muitas de suas facetas. Entendemos como Prática Social toda atividade potencial, individual ou coletiva, que tem fundamento nas instituições sociais, envolve procedimentos rotineiros e de conhecimento dos participantes, que tem implicações para o público em geral ou para um pequeno grupo social, especificamente.

A outra triangulação aborda as **diferentes fontes** para geração de dados em critérios como tempo, espaço, colaboradores e de tratamento analítico das informações que compõem a pesquisa. Consiste em envolver sistematicamente no estudo informações relevantes obtidas em diversas épocas e locais, com pessoas e/ou documentos distintos. Dessa forma, nossos dados são gerados das seguintes fontes: sítios virtuais, colaboradores de pesquisa e provas disponíveis, todas as fontes expressas por meio de textos escritos, mas elaborados por pessoas distantes no tempo e no espaço, sujeitos oriundos de vários países/territórios com histórico de participação na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), destacando, à medida que as informações estiverem disponíveis, as características mais marcantes dos dados gerados nesta pesquisa.

Como consequência natural, temos a triangulação dos **diferentes corpora** de pesquisa, pois são gerados dados de três tipologias distintas. O primeiro se refere aos textos institucionais, especificamente das plataformas virtuais, dos regulamentos e dos informativos (*press release*) das Olimpíadas, quando disponíveis. O segundo se refere às respostas de questionários abertos aplicados aos líderes de delegação (*team leaders*), aos Organizadores de Olimpíadas Nacionais e à equipe organizadora da IOL (*international board*). Por fim, o terceiro tipo são os Problemas Linguísticos Autossuficientes, que constroem um tipo de conhecimento nos eventos analisados. Esses três tipos de *corpus*, funcionando integradamente, podem fornecer material confiável de análise, capaz de respaldar as interpretações que deles se façam separadamente, como explicam Denzin & Lincoln (2006: 17):

A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas “age” no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorarem visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas.

Por fim, a última triangulação trata dos **diferentes Instrumentos** para geração de dados. Também chamada de triangulação metodológica, consiste em combinar diferentes métodos de análise para abordar sob múltiplas perspectivas integradas o conteúdo de diferentes *corpora*, como no nosso caso.

Iniciamos examinando os textos institucionais das Olimpíadas de Linguística (OL), expressos em sítios virtuais, informativos e regulamentos por meio da análise documental. Por investigar documentos que nunca receberam nenhum tratamento acadêmico prévio, a análise documental se constitui em uma técnica pioneira de abordagem, uma primeira avaliação, dos dados qualitativos sobre a história e a estrutura das OL, o que faremos no capítulo 2 deste trabalho.

O segundo instrumento consiste em analisar as respostas ao questionário aberto aplicado aos líderes de delegação e a equipe organizadora. Este tipo de ferramenta, com perguntas subjetivas, admite textos variados dos colaboradores, que dissertam livremente, sem nenhum tipo de direcionamento. Este instrumento permite um maior aprofundamento nos relatos, com maior liberdade, e nos permite investigar as diferentes representações, ações e identidades presentes nos discursos que compõem as Olimpíadas, o que faremos no capítulo 3 desta Tese.

A escolha do questionário (em recusa à entrevista) se justifica por muitas razões. Por tratar com colaboradores espalhados pelo mundo, o instrumento possibilita alcançar pessoas em distantes localizações geográficas com baixo custo. Além disso, permite que as perguntas registradas em inglês, conforme a necessidade, possam ser traduzidas para os idiomas dos colaboradores, mas não dominados pelo pesquisador, o que seria impossível para qualquer metodologia via interação face a face e/ou via comunicação oral. Outra vantagem é que os Organizadores de Olimpíadas Nacionais, geralmente professores universitários, têm a possibilidade de responder no momento que lhes seja mais apropriado, também considerando a enorme diferença de fusos horários em relação ao Brasil. O questionário descarta a presença do pesquisador, minimizando influências indevidas nas respostas e tornando-se um instrumento com bastante liberdade para manifestações naturais e verdadeiras. Por fim, ele facilita a transcrição dos dados de pesquisa, os quais constituem, na integralidade, o anexo deste trabalho.

Em seguida, passamos ao exame do gênero Problema Linguístico Autossuficiente por meio da análise bibliográfica. Diferente da documental, a abordagem bibliográfica se respalda em publicações prévias, em estudos

acadêmicos já realizados, que serão reunidos para servir de base a novas teorizações e análises, relacionando novas características e funções, o que evidencia discursos e rotinas sociais, o que faremos no capítulo 4 desta Tese.

Sabendo que a Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem teórica com amplo escopo de aplicação e constitui um modelo teórico-metodológico aberto à investigação de diversas práticas na vida social, uma pesquisa sobre Olimpíadas de Linguística (OL) naturalmente pretenderá uma transformação nas práticas desenvolvidas nesta competição. O discurso é um lugar privilegiado para atuar, pois é um elemento integrante da realidade social, constituindo o mundo, além de ser constituído por ele. As relações discursivas estão baseadas na noção de poder, especialmente na noção de dominação. O discurso é, então, um instrumento de dominação, mas também de mudança, sendo a transformação considerada possível através da tomada de consciência acerca das estruturas de opressão. Ao tomar consciência do desequilíbrio nas relações de poder, o sujeito busca superá-lo, lutando contra os fatores que impactam a desvantagem social. Desse modo, a incorporação de novos valores ou conhecimentos é traduzida em marcas discursivas e materiais que permitem ao analista perceber quais valores determinado grupo assume para si e para os outros. Por isso a teoria social do discurso pode ser considerada revolucionária, por pretender extinguir as relações de dominação existentes e, nesse sentido, originar novos Textos, inseridos em novas Práticas Discursivas que sustentam uma nova Prática Social.

III. O mosaico de uma análise em movimentos

O tema Olimpíadas Científicas tem atraído pesquisadores de todas as áreas do conhecimento. Como demonstramos brevemente, a temática é interdisciplinar por excelência; pois tais eventos envolvem questões de natureza educacional, profissional, geopolítica, econômica, social, (inter)cultural, jurídica, psicológica, identitária e, sobretudo, linguístico-discursiva (foco deste trabalho). Diante disso, necessitamos demonstrar como fatores tão distintos são tratados nas Olimpíadas de Linguística. Para tanto, propomos uma pesquisa em forma de **mosaico**, que agrega peças de diferentes formatos, cores, materiais e texturas que se completam, formando um todo coerente e harmônico. Apesar de juntar distintos componentes, é o olhar holístico que produz o sentido desejado, mostrando que cada parte contribui

significativamente para o todo. A riqueza dos variados elementos envolvidos na Prática Social das Olimpíadas de Linguística nos motiva a novos olhares, pois possibilita distintas visões das competições sob ângulos inovadores.

Vale ressaltar a ambiguidade das pesquisas que têm as Olimpíadas de Conhecimento como objeto de análise. Ora o evento será a causa de mudanças em algumas áreas supracitadas; ora a competição será a consequência de ações para o desenvolvimento das mesmas áreas. Destacamos que na construção desta Tese adotamos ambos os pontos de vista, entendendo as Olimpíadas num contínuo movimento dialético de Práticas Sociais: ora causa e ora efeito da realidade. Assim, é o nosso maior objetivo demonstrar como as Olimpíadas de Linguística refletem um imbricado **mosaico de questões sociais**, a serem pormenorizados e analisados nos capítulos 2 a 4, os quais cristalizam pontos de tensão na sociedade moderna. Tais tensionamentos justificam a escolha deste relevante tema de pesquisa.

Realizando o necessário estado da arte nas publicações brasileiras sobre Olimpíadas do Conhecimento, para o embasamento e fundamentação da temática estudada, não encontramos até hoje em diversos catálogos institucionais de dissertações e teses nem mesmo um único trabalho que tivesse como objeto de análise as Olimpíadas de Linguística (OL). O ineditismo de nossa Tese se configura, então, como uma grande responsabilidade. Primeiro, por buscar descrever o mais detalhadamente possível essa competição desconhecida não apenas do grande público, como também da quase totalidade dos professores de línguas e linguistas brasileiros. Segundo, por reconhecer a inerente incompletude de qualquer trabalho acadêmico seminal, visto que é sempre necessário delimitar-nos ao nosso objeto de pesquisa, mas que, ainda assim, pode inspirar futuros estudos complementares em temas correlacionados e não abordados. Por fim, pelo desafio de integrar diferentes elementos empíricos em uma única análise, contribuindo para a compreensão holística dos discursos e práticas realizadas nas Olimpíadas de Linguística.

Diante disso, necessitamos de um tipo de análise focalizada na materialidade linguística, que se concretiza nos textos dos sítios na internet, regulamentos e Problemas Autossuficientes da competição, que revelam relações de poder, de dominação e de desigualdade social, pois essas Práticas Discursivas representam, reproduzem e até combatem determinadas ideologias no contexto social e político. Assim, investigamos o conjunto de ambiguidades no tratamento dos textos e dos discursos produzidos em/sobre as Olimpíadas, ora como causa, ora como efeito das

Práticas Sociais que realizam. Esse mosaico apresenta elementos variáveis de natureza extradiscursiva, como também intradiscursiva, estabelecendo uma relação dialética com as ações no mundo, moldando certas atividades e sendo moldada por elas. Nas palavras de Fairclough (2001: 35-36):

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto.

Pensar dialeticamente é desvendar os movimentos contraditórios que compõem a realidade, pois o mundo é entendido como um conjunto de relações em contínua transformação, um complexo de processos em articulação e modificação ininterrupta. Os textos que constituem o *corpus* deste trabalho servem para mostrar como o discurso é fruto das articulações de todos os ramos de atividades humanas, chamadas Práticas Sociais, e, em contrapartida, também promove tais articulações em lutas hegemônicas veladas e em relações de dominação naturalizadas.

A ADC pode ser entendida como uma forma de análise que conecta o texto a contextos sociais e interacionais mais amplos, com o objetivo de mostrar como a língua participa de processos sociais. Nossa opção foi considerar os elementos de natureza linguístico-ideológico como objeto de análise, tomando como base as informações institucionais registradas nos sítios oficiais de cada Olimpíada de Linguística na internet, além dos seus regulamentos e textos de divulgação (*press release*). Da mesma forma, contrastamos ou confirmamos nossas interpretações com a análise das respostas aos questionários aplicados aos chefes de delegação (*team leaders*), aos Organizadores de Olimpíadas Nacionais e à equipe organizadora da IOL (*international board*). E por fim, analisamos o conjunto de Problemas Linguísticos Autossuficientes aplicados nas maiores competições, propondo uma categorização em uma tipologia própria e uma reflexão sobre a construção cognitiva do conhecimento linguístico que os desafios pretendem desenvolver. Assim, investigamos as Práticas Sociais, Discursivas e Textuais em plena relação dialética de mosaico.

Em nosso estado da arte, investigamos diversos repositórios digitais de bases de dados, especialmente a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de Teses e Dissertações do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Portal Domínio Público e ainda o Banco de

Dissertações e Teses das maiores universidades brasileiras para encontrar diversos trabalhos como artigos, trabalhos de conclusão de curso de graduação, especialização, mestrados e doutorados que têm a **Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF)** como fonte, objeto ou campo de pesquisa. Apesar de ser um processo diferente da Olimpíada de Linguística em várias áreas, como objetivos, estrutura organizacional, apoio institucional, foco de análise, entre outras, as duas iniciativas atuam no campo da linguagem e compartilham questões relevantes a serem contrastadas. Os textos originários de programas de pós-graduação *stricto sensu*, dissertações e teses, se revelaram de maior interesse nesta comparação pelo maior aprofundamento e pela simetria com este trabalho. Eles foram defendidos em diversas Instituições de Ensino Superior, espalhadas por todas as regiões do Brasil, nas áreas de letras, linguística (aplicada), educação, psicologia, entre outros, o que demonstra a pluralidade de focos e temáticas analisadas, como evidenciamos a seguir, por ordem de antiguidade:

1. Gênero argumentativo no ensino fundamental I – Análise de produções de alunos participantes do Prêmio Escrevendo o Futuro. Dissertação em Letras, USP, 2007
2. Narrativas sobre a experiência de ensinar a escrever um gênero textual: um estudo fenomenológico. Tese em Psicologia da Educação, PUC/SP, 2007.
3. Elementos articuladores em artigo de opinião: uma experiência com sequência didática no Ensino Médio. Dissertação em Estudos Linguísticos, UFMG, 2009.
4. O ensino singular dos gêneros poéticos: reflexões e propostas. Tese em Língua Portuguesa, USP, 2009
5. O gênero artigo de opinião do programa Escrevendo o Futuro: estudo de caso. Dissertação em Ciências da Linguagem, UNISUL, 2009.
6. Apreensão do gênero textual relato de memórias em produções escritas da Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Estudos de Linguagens, UFMS, 2010.
7. **Olimpíada da Língua Portuguesa: um diagnóstico com foco nos alunos. Dissertação em Ciências da Linguagem, UNICAP, 2010.**
8. **O papel da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro no processo de formação continuada de professores. Tese em Psicologia da Educação, PUC/SP, 2010.**
9. A discursividade no caderno “Ponto de vista” da Olimpíada da Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Dissertação em Estudos da Linguagem, UFMT, 2011.
10. A contribuição da sequência didática no desenvolvimento da leitura e da escrita no Ensino Médio: análise dos materiais didáticos “sequência didática artigo de opinião” e “pontos de vista”. Dissertação em Educação, UNESP, 2011.
11. Questões de estilo e de gênero: um estudo sobre enunciados memorialistas da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Tese em Linguística, USP, 2012.

12. Estratégias de referenciação em textos da Olimpíada da Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Dissertação em Língua Portuguesa, PUC/SP, 2012.
13. A autoria nas produções de crônicas da Olimpíada da Língua Portuguesa: um olhar enunciativo-discursivo. Dissertação em Estudos da Linguagem, UFMT, 2012.
14. O programa Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro e sua relação com as ações pedagógicas na sala de aula. Dissertação em Educação, UFSC, 2013.
15. Didatização do gênero memória literária na Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Linguagem e Ensino, UFCG, 2013.
16. Memórias literárias: das práticas sociais ao contexto escolar. Dissertação em Estudos da Linguagem, UFMT, 2013.
17. As contribuições da “Olimpíada de Língua Portuguesa - Escrevendo o Futuro” para a formação contínua, o trabalho e o bem-estar docente: a experiência nas escolas públicas de Bandeirantes/MS. Dissertação em Educação, UCDB, 2014.
- 18. Educação linguística e projetos de letramento: as condições de produção do gênero artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Dissertação em Letras, UESB, 2014.**
19. A didatização do gênero discursivo poema: uma análise enunciativo-discursiva bakhtiniana. Dissertação em Estudos da Linguagem, UFMT, 2014.
20. Olimpíada de Língua Portuguesa como instrumento de formação docente. Dissertação em Estudos da Linguagem, UEL, 2014.
21. “Palavras borboletas, palavras vaga-lumes”: a compreensão de professores de língua portuguesa acerca da dimensão estilística dos gêneros discursivos. Tese em Educação, FURB, 2014.
22. O governmento da expressão escrita de alunos da sétima série (8º ano) a partir da Olimpíada de Língua Portuguesa: gênero memórias literárias. Dissertação em Educação nas Ciências, UNIJUÍ, 2014.
23. A hibridização dos subsistemas atitude e gradação no gênero memórias literárias. Dissertação em Linguística, UFC, 2014.
24. O discurso argumentativo em artigos de opinião produzidos por alunos finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa: uma análise à luz da teoria dos blocos semânticos. Dissertação em Linguística, UFC, 2015.
25. A argumentação em artigos de opinião da Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Letras, UERN, 2015.
26. O discurso do outro no gênero memórias literárias: funções, marcas e verbos introdutórios. Dissertação em Letras, UERN, 2015.
27. Argumentação em memórias literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Letras, UERN, 2015.
28. Escritas da memória: fomento à leitura e à escrita nas (re)construções da identidade com o gênero memórias literárias. Dissertação em Letras, UERN, 2015.
29. Olimpíada da Língua Portuguesa: ressignificação de práticas de leitura e escrita. Dissertação em Letras, UFRN, 2015.

30. Letramentos e produção textual: leitura e escrita de crônicas em ambientes mediados ou não por computadores. Dissertação em Letras, UFPB, 2015.
31. Gênero crônica produzido por finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa: escolhas léxico-gramaticais de avaliatividade e ciclo de aprendizagem. Dissertação em Letras, UPE, 2015.
32. A construção da autoria em textos de alunos do 7º e 8º anos do ensino fundamental: a pontuação no gênero memórias literárias. Dissertação em Educação, UFAL, 2015.
33. Uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em memórias literárias produzidas por alunos de escolas públicas. Dissertação em Linguística, UFC, 2015.
34. Uma proposta de uso do procedimento *WebQuest* no atendimento de alunos com indicativo de altas habilidades/superdotação em língua portuguesa. Dissertação em Letras, UFPA, 2015.
35. Caderno virtual pontos de vista: descrição e análise da sequência didática proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. TCC em Letras, UFRGS, 2015.
36. Uso de Enunciados Proverbiais em Crônicas na Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Letras, UEL, 2015.
37. O empoderamento através das narrativas memorialísticas: ressignificando a prática escolar. Dissertação em Teologia, EST, 2015.
38. Trabalho prescrito versus trabalho real: uma investigação sobre a aplicação da Olimpíada de Língua Portuguesa e seus multiletramentos. Dissertação em Ensino de Linguagens e suas tecnologias, UNOPAR, 2015.
39. Proficiência escrita do aluno-autor do 9º ano do ensino fundamental: gêneros textuais e prática de reescrita. Dissertação em Letras, UFCG, 2015.
40. Ecos de práticas pedagógicas em textos produzidos por estudantes da educação básica na Olimpíada de Língua Portuguesa: um estudo de caso. Dissertação em Letras, PUC/MG, 2016.
41. A intervenção didática no processo de produção textual de alunos participantes da Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Educação, UFAL, 2016.
42. Movimentos reflexivos de docentes da educação básica em relatos de prática da Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Letras, UESB, 2016.
- 43. O Estado da Arte das publicações sobre as Olimpíadas de Ciências no Brasil. Dissertação em Educação em Ciências e Matemática, UFG, 2016.**
44. Reflexões sobre uma experiência com a produção de textos on-line: análise das emoções expressas por alunos de ensino fundamental. Dissertação em Linguística Aplicada, UNISINOS, 2016.
45. O ensino do artigo de opinião na perspectiva da olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Letras, UFOPA, 2016.
46. O que são memórias literárias e como elas se realizam na proposta da Olimpíada de Língua Portuguesa? Dissertação em Letras, UFOPA, 2017.
47. Rabiscos na Ponta do Lápis: concepções de língua, linguagem, ensino e aprendizagem. Dissertação em Educação, UFOPA, 2017.
48. Leitura e produção de textos: a contribuição da OLP para o ensino de língua portuguesa por meio do gênero poema no 6º ano do ensino fundamental. Dissertação em Letras, UFOPA, 2017.

49. Políticas linguísticas e a prática discursiva no instrumento linguístico (OLPEF – memórias literárias). Dissertação em Letras, UNIR, 2017.
50. Discurso e argumentação: um estudo de caso sobre artigos de opinião produzidos por alunos do ensino médio da cidade de Feijó, Acre. Dissertação em Letras, UNIR, 2017.
51. A escrita literária e a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: memórias de uma professora. Tese em Letras, UFES, 2017.
52. A recategorização do referente *O Lugar Onde Vivo* em artigos de opinião. Dissertação em Linguística Aplicada, UECE, 2017.
53. Ensino de língua portuguesa e Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro na diretoria de ensino – Região de Jales/SP (2002-2012). Dissertação em Educação, UEMS, 2017.
54. Estudo dialógico de um programa público-privado de formação continuada do professor de língua portuguesa. Tese em Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2017.
55. O agir e o representar por meio de linguagem: gênero memórias literárias. Dissertação em Psicologia da Educação, PUC/SP, 2018.
56. Letramentos e produção textual: leitura e escrita de crônicas em ambientes mediados ou não por computadores. Dissertação em Letras, UNIFESP, 2018.
57. Práticas Colaborativas De Escrita No Wiki E O Novo Ethos: Os Letramentos Digitais Na Formação Continuada De Professores. Dissertação em Letras, UNIFESP, 2018.
58. Alunos protagonistas aprendendo a argumentar utilizando a rede social Facebook. Dissertação em Letras, UFJF, 2018.
59. A sequência didática como recurso metodológico no ensino de língua materna a partir das proposições da Olimpíada de Língua Portuguesa. Dissertação em Letras, UFOPA, 2018.
60. A produção de memórias no ensino fundamental: retextualizações e reescrita(s). Dissertação em Letras, UFRN, 2018.
61. O que diz a olimpíada de língua portuguesa sobre avaliação? Uma análise dos materiais de orientação teórica e de orientação prática publicados pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Dissertação em Letras, UFRGS, 2019.
62. Ensino do gênero crônica na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: ecos da tradição e novas práticas. Tese em Letras, UFPE, 2019.
63. O Gênero artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa: do objeto de saber ao objeto ensinado. Dissertação em Letras, UFGD, 2019.
64. A olimpíada de língua portuguesa escrevendo o futuro como dispositivo de rarefação discursiva na formação docente. Dissertação em Letras e Linguística, UFG, 2019.
65. Uma proposta de intervenção com a resignificação das atividades da olimpíada de língua portuguesa escrevendo o futuro: a apreensão da literariedade do gênero crônica à guisa do letramento literário. Dissertação em Letras, UFRPE, 2019.
66. Da leitura de memórias ao registro: o diário de leitura como instrumento de avaliação. Dissertação em Letras, UFRN, 2019.
67. “O lugar onde vivo” em documentários: os multiletramentos no ensino de língua portuguesa por computadores. Dissertação em Letras, UFOPA, 2020.

Destacamos em negrito as pesquisas que mencionam a existência da Olimpíada Brasileira de Linguística (números 18 e 43), limitando-se a inserir seu nome numa lista de olimpíadas existentes. Esse fato é indício de como a OBL, fundada em 2011, ainda permanece ausente dos estudos acadêmicos, o que justifica ainda mais a relevância desta análise pioneira e inédita. Por esta razão, temos a preocupação em descrever e explicar em detalhes os diversos aspectos desse evento social bastante desconhecido de discentes e docentes brasileiros.

Pudemos observar que, apesar do grande número de pesquisas sobre a OLPEF, estas concentraram-se em poucos temas como gêneros textuais e sequências didáticas, processo de formação de professores, leitura e escrita, argumentação, letramento e ensino. Percebemos que os trabalhos que não trazem o nome “Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro” no título, em geral, tratam o evento apenas como um suporte ou uma fonte de pesquisa e não como objeto a ser analisado. As pesquisas 7 e 8, também negritadas, demonstraram-se relevantes a ponto de serem citadas em trabalhos posteriores. Vale notar que a OLPEF mantém em sua página eletrônica¹¹ alguns poucos artigos, dissertações e teses que tratam sobre o programa, além de outros recursos como cursos, fóruns, oficinas, relatos de prática, jogos e reportagens, em formato de textos e vídeos.

A OLPEF foi implantada a partir de 2002, com o nome de “*Programa Escrevendo o Futuro*”, pela Fundação Itaú Social e pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). Em 2008, o Ministério da Educação (MEC), o Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e o Canal Futura uniram-se ao Itaú Social e ao CENPEC para transformar o programa em Olimpíada. A OLPEF passou de 33.449 professores inscritos a 130.650 docentes participantes já na edição seguinte. O número de estudantes também saltou de 1,6 milhões para 6,2 milhões. Tais números se refletiram também no número de pesquisas que mobilizaram ao longo do tempo, que passaram a no mínimo três a partir de 2009, com destaque para dezesseis trabalhos defendidos em 2015.

Isso demonstra alguns indícios de como o apoio institucional, quer seja da iniciativa privada ou do aparato estatal, pode refletir no alcance da olimpíada em número de inscritos e em vários outros aspectos como formação de professores e

¹¹ <https://www.escrevendoofuturo.org.br/biblioteca/#/banco-academico/dissertacao> Em 04.12.18.

pesquisas sobre o tema. A questão da institucionalização e do financiamento serão problemas enfrentados em muitas OL, inclusive no Brasil, desencadeando reflexos em diversos fatores como os objetivos da olimpíada, a equipe organizacional, a premiação, o regulamento, o relacionamento com a mídia local, o alcance das escolas, enfim, influenciando todo o processo que sustenta a Prática Social das OL.

É buscando investigar a complexidade do mosaico de dados que constituem as Olimpíadas de Linguística que nos fundamentamos na Análise de Discurso Crítica (ADC), que alia uma teoria do discurso com uma teoria social, pois entende que é na e pela linguagem que construímos identidades e interpretamos o mundo ao nosso redor. A ADC, sendo uma teoria discursiva aliada a um método transdisciplinar, nos permite um “desenho de pesquisa” bastante flexível, buscando investigar as diversas facetas dos discursos presentes na Prática Social das OL.

Diante disso, nossa **primeira questão de pesquisa** indaga de que forma a criação e a institucionalização das Olimpíadas de Linguística moldaram o seu desenvolvimento e as atividades realizadas nessa Prática Social. Na constituição do mosaico de elementos, investigamos os discursos expressos em textos sobre as motivações para a realização desses eventos sociais e os impactos quantitativos e qualitativos dessas Práticas em cada comunidade. Para tanto, utilizamos a Análise de Discurso Crítica, um referencial teórico que se movimenta entre o linguístico e o social. A ADC se interessa pelas condições do discurso, compreendido como uma forma de Prática Social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade. Nesse sentido, o termo “Práticas” engloba tanto as ações localizadas no espaço e no tempo, quanto sua relativa permanência e padronização resultante da reprodução continuada dessas ações. Em outras palavras, são as ações dos atores sociais que estabilizam, em maior ou menor grau, uma atividade continuada, entretanto, ao mesmo tempo, o conhecimento internalizado neste processo ajusta o modo de agir do ator social nos limites previstos por essa mesma Prática Social.

Em decorrência da estabilidade da Prática Social, a **segunda questão de pesquisa** envolve desvelar como os discursos das/sobre as Olimpíadas de Linguística constroem as mudanças sociais nas práticas linguísticas, sociais e educacionais (e são construídas por elas ao mesmo tempo). Investigando a visão dos Organizadores de Olimpíadas Nacionais, da equipe organizadora da IOL (*international board*) e dos chefes de delegações (*team leaders*), reuniremos as diferentes peças do mosaico, como o impacto institucional pretendido e alcançado

em cada localidade, além dos efeitos em seus participantes. A articulação dos elementos da Prática Social das OL demonstra a dinâmica de uma complexa rede de fatores multifacetados e imbricados que, mesmo sendo de diferentes domínios, se complementam. Esta rede interconectada de Práticas Sociais forma a vida em sociedade em suas faces econômicas, políticas, culturais, sociais, educacionais, entre outras.

Por fim, nossa **terceira questão de pesquisa** consiste em investigar como a construção do conhecimento linguístico é promovida nas Olimpíadas de Linguística. Nesse aspecto, adquire relevância a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), quadro teórico-metodológico que se relaciona com o principal gênero textual utilizado nas Olimpíadas Nacionais e Internacional, e ainda, as reflexões sobre Educação Linguística (EL), que apoiam conceitualmente o mosaico deste trabalho, apesar de as teorias terem objetivos distintos entre si. Acreditamos que integrar fundamentos linguísticos, sociais e educacionais nas análises pode despertar nos agentes detentores do poder uma conscientização para, por meio de uma educação de qualidade, melhorarem as condições de vida e promoverem a equidade de oportunidades, conscientizando todos os cidadãos sobre a necessidade de resistir à dominação e exploração de estruturas pouco visíveis.

Para investigar tais questões de pesquisa, ao longo de toda análise integramos conceitos da teoria social na análise de práticas discursivas para explicar fenômenos educacionais, isto é, ao longo do trabalho tecemos reflexões teóricas e práticas analíticas conjuntamente, não separando uma seção independente para cada. Entendemos que a riqueza de elementos da Prática Social da Olimpíada de Linguística merece uma visão holística, articulada em um cenário mais amplo, contudo, sem desprezar a microanálise dos problemas sociais que compõem o grande quadro. Essa é exatamente a ideia de mosaico: parte e todo integrados.

Para tanto, no capítulo 1, apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam nossas análises transdisciplinares. Evidenciamos as categorias analíticas e os passos metodológicos da Análise do Discurso Crítica (ADC), nossa principal base teórica. Explicitamos o diálogo teórico com a Teoria das Representações Sociais (TRS) como o conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões que são produzidas e compartilhadas pelos membros de um grupo a respeito de um Objeto social. Em seguida, destacamos a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), como parte do quadro geral, capaz de analisar as Olimpíadas

de Linguística, tudo ancorado nos fundamentos da Pesquisa Qualitativa e da Abordagem Crítica. O diálogo entre diferentes teorias e a interação entre distintas Práticas Sociais será uma característica frequente e constitutiva deste trabalho.

O modelo tridimensional de Fairclough (1992 [2001]), focado em observações em níveis que compõe um todo analítico, será a inspiração para a segmentação dos capítulos 2 a 4 focalizando, respectivamente, a Prática Social (o que as pessoas fazem), a Prática Discursiva (a produção, a distribuição e o consumo de textos) e a Prática Textual (o evento discursivo). Vale ressaltar que essa separação é para fins didáticos, não sendo uma divisão estanque, visto que dialogamos constantemente entre os níveis, com aproximações e afastamentos de nosso objeto de pesquisa.

No capítulo 2, focalizamos a Prática Social específica do nosso objeto de análise, as Olimpíadas de Linguística, começando pela razão de sua criação, passando pelo desenvolvimento de sua organização, refletindo até o atual modo de funcionamento. Isto é, analisando as contingências históricas e institucionais dos primeiros eventos. Apresentamos, a seguir, a descrição detalhada dos papéis e atividades da Olimpíada Internacional de Linguística e da Olimpíada Brasileira de Linguística, nos mesmos aspectos de institucionalização, motivação e resultados, revelando como esses eventos sociais rompem com fronteiras disciplinares e impulsionam os estudantes a novos horizontes, todavia, revelando problemas sociais cristalizados nas Práticas Sociais dessas competições intelectuais.

No capítulo 3, focalizamos a Prática Discursiva das Olimpíadas de Linguística, revelando as várias vozes atravessadas nos discursos dos Organizadores de Olimpíadas Nacionais, dos líderes de delegação (*team leaders*) e da equipe organizadora da Olimpíada Internacional de Linguística (*international board*). Analisando os regulamentos, sítios eletrônicos e as respostas ao questionário aplicado, buscamos os impactos sociais desejados e concretizados, e ainda, como a Linguística pode alterar a conjuntura escolar em diversas localidades, que pode variar até dentro do mesmo território.

No capítulo 4, focalizamos a Prática Textual por meio da investigação do principal gênero das OL, o Problema Linguístico Autossuficiente, mostrando as suas características de composição e o raciocínio que desenvolve, invertendo as tradicionais aulas de gramática normativa. Também demonstramos o hibridismo peculiar do gênero Problema Linguístico e a formação intelectual que ele propõe.

Por último, nas Considerações Finais, reunimos diversos aspectos atravessados pela Prática Social das Olimpíadas de Linguística. Resumimos de que forma o mosaico de dados levantados nesta Tese pode contribuir para questionar os problemas sociais nas áreas da linguística, da economia, das relações interpessoais, da cultura, da política, da educação, entre outras. Assim, procuramos fornecer subsídios científicos para estudos qualitativos sobre eventos sociais multifacetados e dinâmicos, que provocam mudanças na qualidade de vida das pessoas.

Considerando que Chouliaraki e Fairclough (1999: 21) tratam as Práticas como “modos rotinizados, ligados a espaço e tempo particulares, por meio dos quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir juntas no mundo”, isso significa que as Práticas Sociais das Olimpíadas de Linguística, como de quaisquer outras, são constituídas na vida da sociedade, nos domínios da economia, da política, da educação, da cultura, entre outras. Por isso, focalizaremos nossas análises nos discursos situados historicamente, visando perceber a internalização de diversos domínios nessa Prática Discursiva particular, desde sua origem institucional até a conjuntura que regula seu funcionamento atual.

Nesse âmbito, para tratar com fatores tão diversificados, consideramos o discurso como um instrumento privilegiado de promoção da justiça social e da equidade. Além de ser capaz de criar realidades discursivas, este adquire poder pelo uso que os agentes “poderosos” fazem dele. Isso explica por que estudos críticos adotam a perspectiva dos que sofrem, e analisam o discurso dos que estão no poder e são responsáveis pela existência das desigualdades. Tais agentes dispõem dos meios e oportunidades para melhorar as condições econômicas, culturais e intelectuais dos grupos sociais, porém, não o fazem ou mesmo não foram despertados a fazê-lo. Assim, desde o primeiro momento, torna-se evidente que o discurso não existe fora dos sujeitos que o proferem e fora das práticas sociais nas quais as pessoas intervêm e realizam suas ações, mobilizando seus saberes.

Dessa forma, organizamos o mosaico desta Tese começando na conjuntura da Prática Social das OL, progredindo para a miscelânea dos elementos das Práticas Discursivas, expressos na materialidade dos textos dos regulamentos, sítios e respostas dos organizadores, chegando à Prática Textual do gênero Problema Linguístico Autossuficiente. Para a mudança social propomos a superação dos problemas identificados nas condições de produção do discurso, na conscientização dos sujeitos e na mudança de qualquer forma de desigualdade e efeito de

dominação das Olimpíadas de Linguística. Com isso queremos incorporar as vozes das pessoas que não têm tido acesso a bens culturais ou a espaços públicos em que a participação política delas pudesse lhes render benefícios sociais. Essas vozes compreendem aqueles grupos que se encontram em situações de vulnerabilidade social no globo (genericamente são crianças, mulheres, negros, quilombolas, indígenas, refugiados, imigrantes, deficientes, idosos, pessoas carentes financeiramente, animais, dentre outros). Muitas vezes esses grupos são estereotipados ou invisibilizados por conta das visões dominantes propagadas pela mídia de massa e incorporada no discurso cotidiano da população.

Importante salientar que a Olimpíada de Linguística está inserida e articulada em uma rede de Práticas Sociais. Assim, para investigações mais aprofundadas de mecanismos discursivos e seus potenciais efeitos ideológicos, organizamos nossa análise em forma de um diálogo transversal, em que o objeto principal é atravessado por diversos elementos complementares e transfronteiriços, fundamentais para a explanação crítica dos problemas sociais que compõem a Prática Social. Dessa forma, assumimos desde já a inseparabilidade entre a ontologia, a epistemologia e a historiografia na análise da Olimpíada de Linguística, em uma perspectiva interdisciplinar e a heterogênea, instaurando um conjunto de diálogos, debates e questionamentos que visam a justamente desmontar práticas e discursos pré-estabelecidos como verdadeiros na sociedade.

CAPÍTULO 1 Movimentos interpretativos nas peças teórico-metodológicas

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos que sistematizam e organizam o mosaico de dados analisados na construção do objeto pesquisado: as Olimpíadas de Linguística. Mostramos que as escolhas das categorias analíticas estão enraizadas nas abordagens transdisciplinar, qualitativa, crítica e funcionalista. Justificamos as escolhas das teorias, das fontes, dos *corpora* e dos instrumentos, revelando múltiplos olhares sobre os aspectos aparentes e encobertos do evento social examinado. Assim, integrando perspectivas analíticas das abordagens supracitadas, podemos interpretar os diversos significados das redes de Práticas Sociais que envolvem os eventos educacionais desta pesquisa.

1.1 A transdisciplinaridade da Análise de Discurso Crítica

O termo *Análise de Discurso Crítica* (**ADC**) tem sido preferido para se referir à teoria anteriormente identificada como *Linguística Crítica* (**LC**). Em sua evolução, as abordagens críticas receberam denominações que variam entre Linguística Crítica (Fowler), Semiótica Social (Kress & Threadgold), Consciência Crítica da Linguagem (Fairclough), Linguística Aplicada Crítica (Pennycook), Estudos Críticos do Discurso (van Dijk) e **Análise de Discurso Crítica**¹² (Fairclough, Wodak & Chouliaraki). Na verdade, essas teorias podem ser definidas como campos fundamentalmente interessados em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestadas na linguagem. Em outras palavras, a ADC almeja investigar como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada e naturalizada por meio da linguagem.

A ADC emergiu depois de um simpósio em Amsterdã, em janeiro de 1991, constituída por uma rede de estudiosos. *Teun van Dijk*, *Norman Fairclough*, *Gunther Kress*, *Teo van Leeuwen* e *Ruth Wodak* discutiram teorias e métodos de análise de discursos voltados a problemas sociais. Apesar de a LC e a ADC existirem anteriormente, foi em 1991 que se formou um grupo internacional heterogêneo, porém teoricamente consistente, de pesquisadores. Sua união deu-se muito mais por uma agenda de pesquisa do que por uma teoria ou metodologia unificada.

¹² Também traduzida por *Análise Crítica do Discurso* (cf. PEDRO, Emília Ribeiro, 1997).

Por decorrência histórica e postura epistêmica, a ADC é ao mesmo tempo uma perspectiva teórica e uma metodologia caracterizadas por uma forte preocupação social que deriva de abordagens transdisciplinares no estudo da linguagem. Nas palavras de Wodak e Meyer (2009: 5):

A ADC nunca foi, nunca tentou ser e nunca pretendeu ter uma única teoria específica. Da mesma forma, também não se pretendeu uma metodologia unificada de pesquisa. Pelo contrário, estudos em Análise do Discurso Crítica são multifacetados, derivados de origens teóricas bastante diferentes, orientados por dados e metodologias distintas. (Tradução nossa).

Como os estudos do discurso e da sociedade têm dado origem a teorias em campos e disciplinas variadas, a ADC se propõe a fazer uma síntese transformadora que, além de juntar visões relativas ao discurso, possibilita a análise a partir de perspectivas múltiplas e contribui para o enriquecimento mútuo de várias teorias e metodologias de análise mais abrangentes. Seus proponentes estão convencidos de que quaisquer questões sociais e políticas têm uma faceta linguístico-discursiva, e o estudo dela pode revelar aspectos importantes da vida em sociedade. Assim sendo, ao analisar textos criticamente não estão interessados apenas nos textos em si, mas em problemas sociais atravessados na materialidade da língua, ou seja, nos traços dos discursos que representam a realidade, manifestam identidades e evidenciam relações de poder e dominação no mundo atual.

A ADC, desenvolvida principalmente pelo linguista britânico **Norman Fairclough**, atribui grande relevância à compreensão da linguagem na condução da vida no mundo atual. Ele procurou preencher a falta de atenção que o discurso recebia como elemento que molda e é moldado pelas práticas sociais. As bases teóricas e epistêmicas propostas por *Fairclough* surgem como resposta às avaliações críticas que o autor fez de várias perspectivas do estudo da linguagem, pois afirmava que “nenhuma delas se dedica a investigar as conexões do uso de formas discursivas em relação à produção, manutenção e mudança de relações de poder” (FAIRCLOUGH, 1989). Entretanto, ao mesmo tempo em que aponta limitações, ele incorporou aspectos relevantes de outras abordagens.

Da pragmática, a ADC adotou o princípio de que os indivíduos realizam ações por meio da linguagem: a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1990 [1962]). Da sociologia, incorporou o fundamento de que há sempre uma relação bidirecional entre o discurso e as estruturas sociais, ou seja, o discurso é simultaneamente influenciado pelas estruturas sociais e igualmente as influencia. Dos trabalhos de

Pêcheux, a ADC assumiu a convicção de que a linguagem é uma forma material de ideologia. Da Linguística Crítica, aproveitou a ideia de articular um método de análise linguística com uma teoria social do funcionamento da linguagem. Do pensador francês Michel Foucault (1987 [1972]), Fairclough aplicou a noção de que o discurso tem efeito constitutivo, ou seja, os sujeitos constroem, criam e reproduzem realidades sociais. A ADC procura integrar teoria e método para mostrar que as “realidades” representadas por meio de ações discursivas são criações sociais e não verdades absolutas. Os interesses da ADC passam ainda pelos estudos da retórica, da linguística textual, da antropologia, da etnografia da fala, da análise da conversação, da sociolinguística, da psicolinguística, da ciência cognitiva, do letramento e da linguística aplicada.

Em contraste com outros paradigmas de análise, a ADC focaliza não somente os textos, falados e escritos, como objetos de investigação, mas também os processos e estruturas sociais que levam à (re)produção de discursos, evitando estabelecer uma relação simplista de determinação entre o texto e o contexto social, o que justifica nossa escolha como base teórica para análise das Olimpíadas de Linguística e todo o mosaico de fatores e circunstâncias imbricadas nesses eventos.

Os estudos que assumem uma visão mais centrada nas características estruturais mais fixas da linguagem tendem a investigar a linguagem apenas como sistema semiótico, desprezando de algum modo os atores que dela fazem uso. Por outro lado, aqueles que se centram mais nas ações dos agentes sociais, nos eventos individualizados mais flexíveis, tendem a investigar a linguagem com base em textos isolados, sem atentar para as estruturas, coerções e constrictões presentes tanto na sociedade quanto no uso da linguagem.

Aproximando essas duas posturas está a concepção da ADC, em que a linguagem é um momento das Práticas Sociais. Nessa perspectiva, o conceito de **discurso** é central, pois foca tanto o sistema quanto o seu uso contextualizado. É concomitantemente um modo de representação da realidade e um modo de ação no mundo. Isso justifica o fato de a ADC não pesquisar a linguagem como sistema semiótico isolado, mas, sim, o discurso entendido como um momento (uma parte) de toda uma rede de Práticas Sociais. O discurso mantém uma relação permanentemente dialética entre um evento discursivo particular e a estrutura social que o envolve. No nosso caso, investigamos os discursos das/sobre as Olimpíadas de Linguística e as ações concretas e simbólicas que se desenvolvem nela ou por

meio dela. Esse conceito complexo de discurso nos permite compreender o uso da linguagem ancorado em estruturas semióticas e sociais, sem perder de vista tanto o sistema linguístico em uso quanto a flexibilidade dos eventos comunicativos.

Toda essa complexidade conceitual justifica o uso de múltiplas abordagens no estudo da linguagem. Mais do que interdisciplinar, Fairclough (2001) propõe um caráter transdisciplinar, em que ela não apenas se utiliza de conhecimentos de outras áreas, mas também recria conhecimentos incorporados a partir da conexão entre as disciplinas. Dessa forma, a ADC produz teorias próprias, que sintetizam outras teorias para a mediação entre o social e o linguístico. Acreditamos no princípio de que diferentes metodologias podem contribuir para a compreensão dos mais variados fenômenos que investigamos. Então, a ADC permite aos pesquisadores lançar mão de conceitos e categorias oriundos de diversas perspectivas, possibilitando a criatividade nos formatos de pesquisa, pois focaliza não somente análises de natureza linguístico-discursiva, mas também engloba elementos cognitivos, identitários, sociais, políticos, econômicos, entre outros.

Em consequência disso, a ADC é transdisciplinar tanto teórica quanto metodologicamente, porque não somente agrega outras abordagens e métodos, mas porque operacionaliza, mescla, rearranja e transforma tais fundamentos e mecanismos, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas com teorias sociais pelo qual objetiva subsidiar sua própria abordagem sociodiscursiva assim como oferecer suporte para que pesquisas sociais possam contemplar também aspectos discursivos. Segundo Ramalho (2008: 136),

a proposta teórica da ADC oferece ferramentas analíticas para o pesquisador mapear conexões entre aspectos sociais semióticos e não-semióticos, tendo em vista dois objetivos principais: O primeiro refere-se à investigação de mecanismos causais discursivos e seus efeitos potencialmente ideológicos e o segundo visa à reflexão sobre possíveis maneiras de superar relações assimétricas de poder parcialmente sustentadas por sentidos de textos.

Para Fairclough (2003), a contribuição da pesquisa social crítica está em procurar compreender melhor como são produzidos na/pela sociedade tanto os efeitos benéficos como os maléficos, e como os efeitos maléficos podem ser suavizados, ou até mesmo eliminados. Por isso, segundo o autor, a pesquisa social crítica começa com questionamentos a respeito de como as sociedades podem prover algumas pessoas com tantos recursos e possibilidades para enriquecer e satisfazer vidas, e como, por outro lado, elas negam a outras esses recursos e

possibilidades. A perspectiva da linguagem como parte irreduzível da vida social pressupõe relação interna e dialética entre linguagem e sociedade, pois questões sociais são também discursivas, e vice-versa.

O foco da ADC não é a linguagem como ato individual, mas como Prática Social, entendida como uma entidade intermediária, que se situa entre as estruturas sociais mais fixas e as ações individuais mais flexíveis. A importância deste aspecto para a ADC, assim como para a Ciência Social Crítica, decorre de sua qualidade de ponto de conexão entre estruturas abstratas (e seus mecanismos) e eventos concretos, ou seja, entre sociedade e pessoas vivendo suas vidas (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 21). A percepção de vida organizada em torno de Práticas Sociais ajuda a evitar o foco único e restrito nos eventos, por um lado, ou no sistema linguístico, por outro. Essa integração é fundamental em nossa pesquisa.

Decorrente dessa visão multifocal da ADC, justifica-se o trabalho transdisciplinar. A fim de obter uma compreensão adequada de como a linguagem funciona na construção e transmissão do conhecimento, nas instituições, na organização social e no exercício do poder, cada teoria pode agregar novos métodos de observação e novos modos de intervenção na realidade social, o que contribui significativamente para a visão geral das pesquisas críticas.

Segundo a Carta de Transdisciplinaridade¹³, adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, realizado em Portugal, em novembro de 1994, sob a direção geral da UNESCO, esta característica deve ser assim entendida:

Artigo 1 - Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2 - O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3 - A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura delas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4 - O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta por um novo olhar, sobre a relatividade da definição e das noções de “definição” e “objetividade”. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade comportando a exclusão do sujeito levam ao empobrecimento.

¹³ Em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf> Acesso em 12/12/2018.

(...)

Artigo 6 - Com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multidimensional. Levando em conta as concepções do tempo e da história, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte trans-histórico.

(...)

Artigo 14 - Rigor, abertura e tolerância são características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação, que leva em conta todos os dados, é a barreira às possíveis distorções. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às ideias e verdades contrárias às nossas.

Diante disso, podemos afirmar que a metodologia em ADC tem uma relação transdisciplinar e dialógica com outras abordagens, pois ultrapassa o conhecimento justaposto, em que as disciplinas científicas interagem entre si, para chegar a teorias híbridas, em que as fronteiras das disciplinas são praticamente inexistentes. Há uma sobreposição tal que é impossível identificar onde começa uma abordagem e onde ela termina. O objetivo desses múltiplos olhares para o fenômeno social é suscitar avanços capazes de compreender, de forma holística, como a linguagem contribui para a organização da vida em sociedade a fim de perpassar as fronteiras das várias teorias e métodos (FAIRCLOUGH, 2000). Em outras palavras, todos deveríamos estar abertos a diferentes lógicas teóricas e metodológicas visando um conhecimento integral, a “interiorização” de visões (HARVEY, 1996), tornando possível transformar as relações que existem entre diferentes teorias.

Entretanto, a heterogeneidade que caracteriza a ADC garante também a sua instabilidade. É instável não apenas porque há possibilidade de combinações entre múltiplas abordagens, mas também porque um dos pressupostos básicos de análises discursivas críticas é a interdisciplinaridade, que requer tanto elementos de natureza linguística quanto um corte sociológico (RAMALHO & RESENDE, 2011: 19). A instabilidade não é vista na ADC como fragilidade, mas como atributo que permite às pesquisas qualitativas todo o empreendimento da subjetividade, da interpretabilidade e da perspectivação do pesquisador. Em resumo, a ADC se ocupa de investigar a linguagem em uso, situando-a em um contexto social específico. Sua metodologia examina ações e discursos que sustentam e moldam as Práticas Sociais. Há, portanto, um olhar para o texto e outro para a realidade social, de forma que a investigação dos textos orais e escritos revele diversos significados, discursos, ações e identidades ali contidos.

1.2 Ferramentas de investigação: as categorias analíticas

De forma geral, a produção de Fairclough pode ser dividida em duas fases: A primeira apresenta o modelo tridimensional, presente nas obras *Language and Power* (1989) e *Discourse and Social Change* (1992). A segunda, por sua vez, recontextualiza abordagens da Ciência Social Crítica e está na perspectiva de Chouliaraki e Fairclough (1999) em *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*. Posteriormente, amplia-se a análise textual em pesquisas sociais em *Analysing Discourse: textual analysis for social research* (2003). O conjunto dessas obras é utilizado para desenvolver esta pesquisa.

Para atender aos propósitos da ADC, cujo foco repousa nas mudanças e lutas sociais travadas no discurso, Fairclough (1992; 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) operacionalizam conceitos advindos da teoria foucaultiana, de cunho explicativo, bem como de várias outras também explicativas, a fim de aprimorar a concepção de linguagem como parte irredutível da vida social. Os analistas críticos acreditam que a desconstrução ideológica de textos que integram Práticas Sociais pode intervir de modo benéfico na sociedade, a fim de desvelar e superar relações de dominação. Para a ADC, a **ideologia** é a responsável pela naturalização das relações assimétricas de poder. Nas palavras de Fairclough (1989: 85),

a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente. (Tradução nossa).

Como observa Fairclough (2003), muitas das relações entre linguagem e estrutura sociais são opacas, pouco visíveis, podendo ser consideradas “agendas ocultas”, que passam despercebidas. Uma das razões do ocultamento é a naturalização de realidades criadas ideologicamente. A noção de naturalidade é associada à de opacidade, o que significa que as realidades criadas pela ideologia dominante passam a ser percebidas como algo natural, imutável, parte de sua própria natureza, pois se torna naturalizada, comum, “legítima”, subliminar e de difícil desconstrução, como as relações assimétricas entre classes sociais, homens e mulheres, relações étnicas e culturais, debate de minorias, e, no nosso caso, diversos tipos de motivações e efeitos para se promover uma Olimpíada de

Linguística. A ADC busca desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação dos mecanismos ideológicos. Retomaremos a este tópico nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

Sabendo que vivemos em ambientes institucionalmente organizados, que as instituições são caracterizadas por práticas e valores específicos, e ainda, que tais ideologias são expressas através da linguagem, o **discurso** é o conjunto de afirmações que, articuladas na linguagem, expressam os valores e significados das diferentes instituições. É um modo particular de representar nossa experiência de mundo. O **texto**, por sua vez, é a realização material, neste caso linguística, na qual se manifesta o discurso, que envolve suas condições de produção, distribuição e consumo, ou seja, seu funcionamento discursivo em Práticas Sociais cotidianas e situadas. Enquanto o texto é uma unidade concreta, a produção linguística de um sujeito, o discurso é o conjunto de princípios, valores e significados “por trás” de um texto, isto é, maneiras específicas de conceber a realidade. Além disso, todo discurso é também reflexo de certa hegemonia, exercício de poder e domínio de um sobre os outros. Para Fairclough (1992 [2001], p. 47):

Discurso é mais do que apenas o uso da linguagem. É o uso da linguagem, seja ela falada ou escrita, numa prática social. (...) o discurso constitui o social. Três dimensões do social são consideradas: o conhecimento, as relações sociais e a identidade social. (...) o discurso é formado por relações de poder e é investido de ideologias.

Ao fazermos uso do discurso em nossas vidas cotidianas, recorremos a **gêneros discursivos**¹⁴ específicos, isto é, maneiras particulares de agir e interagir, de representar o mundo, e ainda, de identificar a nós mesmos e a outros. Assim, qualquer pessoa, com suas particularidades e em seu contexto histórico, político e cultural, provoca ações (e reações) no seu contexto social por meio gêneros adequados às situações específicas da interação na sociedade. Esses discursos internalizam traços de diversas práticas interacionais, representacionais e identitárias, as quais podem ser analisadas por meio de variados textos. Assim, a linguagem constitui-se socialmente na mesma medida em que tem “consequências e efeitos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais” (FAIRCLOUGH, 2003: 14). Como ciência crítica, a ADC preocupa-se com efeitos ideológicos que os textos

¹⁴ Para a ADC os gêneros não são tipos textuais fixos, mas um dos momentos da Ordem do Discurso, sendo chamados de “gênero discursivo”. Utilizaremos o termo “gênero textual” no capítulo 4 para destacar a face mais concreta dos discursos das Olimpíadas: o Problema Linguístico Autossuficiente.

possam ter sobre relações e interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores e identidades, isto é, a ADC defende que **o discurso é socialmente constitutivo e socialmente condicionado**. Os discursos são constituídos nas situações e nos relacionamentos entre as pessoas ou grupo de pessoas, e são usados para sustentar e reproduzir os *status quo*, podendo também transformá-los. Nesse sentido é que investigamos os discursos das/sobre as Olimpíadas de Linguística, suas regras de funcionamento e as Práticas Discursivas que (re)produzem.

Para a ADC, o **texto** é uma unidade semântica (de significação), mas também uma forma de (inter)ação. Assim sendo, o texto pode ser analisado em termos de linguagem como sistema e como elemento semiótico que reflete processos discursivos e socioculturais ligados a estruturas sociais. Texto é, em suma, uma unidade de sentido em negociação interlocutiva que apresenta elementos materiais, mas sempre permeados por vazios interpretativos. Fairclough (1992 [2001]) enfatiza a necessidade de analisar os traços e pistas semânticas que ocorrem em diferentes gêneros, buscando evidenciar como estes refletem discursos e rotinas sociais. Isto faremos no capítulo 4 ao tratar do gênero Problema Linguístico Autossuficiente.

Na ADC, proposta por *Fairclough*, adotam-se também as teorizações sobre **dialogismo** do russo *Mikhail Bakhtin* (1997). A dialogia bakhtiniana preconiza que cada texto responde a outros anteriores e é seguido por outros posteriores, em um contínuo diálogo de muitas vozes. Como uma corrente ou cadeia de unidades semânticas, todas estas vozes têm alguma ligação com discursos associados a estruturas sociais mais amplas. Dessa forma, qualquer manifestação de linguagem estará filiada a um ou mais discursos, sendo estes conscientes ou não. Portanto, cada texto tem uma dimensão histórica que é constitutiva, ou seja, parte integrante dele. Para Fairclough (1992 [2001]), a historicidade inerente aos textos torna-os capazes de exercer papéis importantes de liderança na mudança sociocultural da sociedade. A ADC se preocupa em descrever e explicar quem produz textos para quem, por que, em quais circunstâncias de poder e ideologia.

A ADC define **poder** como a capacidade que os sujeitos ou instituições têm de fazer uso de algum tipo de recurso para agir em algum contexto social. **Hegemonia** é a liderança enquanto manutenção da direção e do consenso nos mecanismos ideológicos. É um foco de luta constante por meio do qual se obtém provisoriamente a passividade de outros grupos sociais diante das metas propostas à vida comunitária. A Hegemonia necessita de contínuas articulações e alianças

para construir ou sustentar suas relações de domínio na economia, na política, na cultura ou qualquer outra forma ideológica (FAIRCLOUGH, 1992 [2001]). Podemos falar em **poder hegemônico** quando o poder está a serviço da continuidade do assujeitamento e da dominação de uns sobre outros, por meio da difusão de uma visão de mundo particular pelo tecido da sociedade como um todo, igualando, assim, o próprio interesse de um grupo dominante como se fosse o da sociedade em geral (EAGLETON, 1997: 108). Diferente de outras teorias que veem o poder como uma força de coação unilateral da estrutura sobre o indivíduo, que dela não se consegue se libertar, para a ADC o poder é temporário, com equilíbrio apenas instável. Por isso, relações assimétricas de poder são passíveis de mudança e superação, por meio da reflexividade e da agência.

A **reflexividade** é a capacidade de mudança a partir da incorporação de novas tecnologias, valores ou conhecimentos. Ao incorporar novos conceitos, os indivíduos passam a agir em consonância com sua nova identidade. Ao tomar consciência da dominação, o indivíduo busca superá-la, lutando contra os fatores que determinam a desvantagem social. Desse modo, a incorporação de novos valores ou conhecimentos é traduzida na identidade pelas marcas discursivas e materiais. A **agência** é a habilidade que confere ao indivíduo o poder de transformar a vida, a capacidade de suportar e superar a coerção, mesmo aquela mais extrema, ainda que haja limites ou restrições de ordem física, econômica ou política. Pela reflexão, o indivíduo sente que detém em si conhecimento e capacidade. A agência promove a ação a partir dessa consciência, buscando aprender a intervir e modificar o fluxo social, seu contorno, observando, avaliando e modificando constantemente a si mesmo em face das circunstâncias externas (GIDDENS, 2009).

Embasada nestas questões teóricas, a ADC, desenvolvida por Fairclough (1992 [2001]), em sua fase inicial, propõe uma metodologia de análise de um evento social sob três ângulos ou dimensões que se completam: como Prática Textual, como Prática Discursiva e como Prática Social, buscando, respectivamente, a sua descrição, interpretação e explicação.

Ao analisar a **Prática Textual**, a ADC privilegia a descrição dos elementos linguísticos, como o vocabulário, as opções gramaticais, a coesão e a estrutura do texto procurando as implicações ideológicas construídas linguisticamente. É o que Fairclough chama, baseado em Halliday (1978), de relexicalização. A escolha (consciente ou não) de palavras como *seis* ou *meia dúzia*, ainda que pareçam

sinônimas, demonstra uma concepção numérico-espacial diferente. Escolhas lexicais como *aborto* ou *interrupção de gravidez*, por exemplo, nunca são aleatórias, mas já demonstram em si um ponto de vista e uma posição ideológica. Isto significa representar o mundo de uma maneira particular, que revela modos particulares de ver e entender o mundo, as pessoas, as relações, as lutas pelo poder. O texto traz em si traços da ação individual e da ação coletiva que lhe deu origem, mostrando relações sociais mais ou menos assimétricas entre as pessoas envolvidas na interação; suas crenças (representações), valores, história; do contexto sócio-histórico específico etc. De maneira geral, textos são entendidos como realizações concretas de formas de conhecimentos abstratos, os discursos.

Depois da dimensão textual, passemos a olhar para a **Prática Discursiva**. Neste ângulo de análise, Fairclough (1992 [2001]) propõe que examinemos os textos, expressos em gêneros, no que diz respeito à sua produção, distribuição e consumo, que são processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. Isto é, focaliza-se como os ouvintes/leitores, lidam com a coerência, a força, a intertextualidade e a interdiscursividade dos enunciados. A coerência refere-se às conexões e inferências necessárias baseados em pressupostos ideológicos. A força dos enunciados observa os tipos de atos de fala desempenhados nas interações. A análise intertextual observa às relações dialógicas entre o texto e outros textos (intertextualidade) e às relações entre ordens de discurso (interdiscursividade). Este nível de análise está mais próximo de uma atividade interpretativa do que a dimensão anterior.

Finalmente, analisa-se o evento discursivo como **Prática Social**. Nesta esfera, Fairclough propõe que sejam examinadas as conexões do texto/discurso com as Práticas Sociais que os envolvem, especialmente de ideologia, poder e hegemonia. Na categoria ideologia, observam-se os aspectos que sutilmente carregam visões de mundo, como os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas e as vozes. Na categoria poder, investiga-se a assimetria das relações sociais e as ações decorrentes de quaisquer formas de desigualdade, discriminação e domínio de um grupo sobre outro. Na categoria hegemonia, observam-se as orientações econômicas, políticas, ideológicas e culturais. Assim, a ADC enfoca a desigualdade social e as formas pelas quais textos são usados para denotar poder e ideologia. Ao entender tais relações, a análise pode descrever e explicar como o abuso de poder é incorporado, reproduzido e legitimado pelo texto e pelo discurso

de grupos e instituições dominantes ao representar atores sociais de maneiras específicas no discurso. O objetivo da ADC não é apenas analisar textos para investigar relações de poder, mas também encontrar formas de (re)trabalhar a desigualdade. Desde seus primórdios, o projeto tem sido o de modificar distribuições desiguais de bens culturais, políticos e econômicos nas sociedades atuais.

Neste ponto a discussão pode afastar-se consideravelmente do texto para tentar explicar por que este tem o “formato” que tem, que formações ideológicas e hegemônicas o moldam e são moldadas por ele. Esse nível de análise pode implicar uma complexidade bem maior que os anteriores, pois depende de teorias transdisciplinares, além da Linguística, para explicar como a realidade é criada discursivamente, como os textos são investidos ideologicamente e refletem lutas pelo poder, dependendo das estruturações sociais e dos discursos que os orientam. Enfim, a dimensão da Prática Social tem a maior potencialidade explicativa.

Procurando ser ao mesmo tempo descritiva, interpretativa e explicativa, a ADC se diferencia de outras abordagens do discurso que enfatizam somente a descrição, como, por exemplo, os trabalhos de Labov e Fanchel (1977), ou ainda somente a explicação, como, por exemplo, os trabalhos de Foucault (1987). Em síntese, a abordagem tridimensional pode ser assim esquematizada:

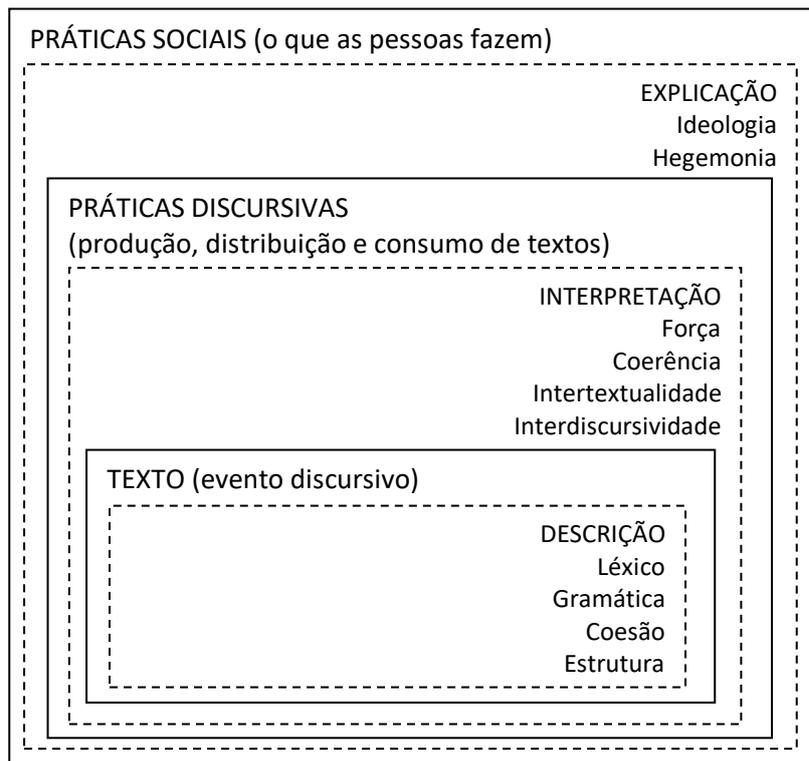


Figura 1 – Ilustração do modelo tridimensional de Fairclough
Fonte: Meurer; Bonini; & Motta-Roth (2005: 95)

Percebemos, então, que a Figura 1 combina três tradições analíticas, cada uma delas indispensável para a ADC: a tradição da análise textual da linguística, a tradição macrossociológica da interpretação da Prática Social em relação às estruturas sociais, e ainda, a tradição microssociológica da análise da Prática Social enquanto ativamente produzida e entendida pelas pessoas, respectivamente.

O que Fairclough (1992 [2001]) propõe, em sua primeira fase, é um modelo tridimensional de Análise do Discurso, que compreende a análise do texto, da Prática Discursiva e da Prática Social. Em uma fase posterior, Chouliaraki e Fairclough (1999) mantêm as três dimensões do discurso, contudo de maneira mais integrada e com fortalecimento da análise da Prática Social de relações exploratórias. Houve, entre os modelos, um movimento do discurso para a Prática Social, ou seja, o discurso passou a ser visto como *um momento* das Práticas Sociais, consequência da aproximação da Linguística e da Ciência Social Crítica.

Certamente, para um estudo mais aprofundado sobre as relações estabelecidas *na* e *pela* linguagem, é necessário estabelecermos a ligação entre os sistemas internos das línguas naturais e suas funções sociais. A ADC apresenta um conjunto de métodos privilegiados para a análise linguística de dados empíricos com foco social. O texto, em sentido amplo (escrito, oral, visual), é tomado como unidade mínima de análise (WODAK, 2004).

Sabendo que a ADC se constitui, ao mesmo tempo, como uma teoria discursiva e uma metodologia de investigação para diversos fenômenos, a investigação do exercício de poder hegemônico no mundo contemporâneo se mescla com Práticas Discursivas e Práticas Sociais. A visão científica de crítica social justifica-se pelo fato de a ADC ter como objetivo prover base científica para um questionamento crítico da vida comunitária em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e poder (FAIRCLOUGH, 2003). Com esse objetivo, a ADC vem estreitando laços com teorias sociais e com metodologias de outras áreas.

Apesar das diversas possibilidades de alinhamentos teórico-metodológicos, Chouliaraki e Fairclough (1999), citando Bhaskar (1986), não deixaram de propor um caminho de análise discursiva crítica que consiste nos seguintes passos:

- 1- Destacar a **percepção de um problema social** em alguma parte da vida real. O problema pode ser uma atividade ou uma construção inserida na vida social que possa resultar em reflexividade e agência para aqueles que permanecem

subjugados e/ou em posição de desvantagem social, ou seja, os aspectos semióticos do problema social.

- 2- Identificar os obstáculos a superar por meio da **análise das conjunturas** que são conjuntos relativamente estáveis de pessoas, materiais, tecnologias e práticas. Deve-se explicitar as circunstâncias e o processo de produção do discurso, revelando ações, representações e identificações carregadas de ideologias, formas de dominação e poder. Em outras palavras, analisa-se o discurso como um momento das Práticas Sociais que também envolvem atividades materiais, relações (e processos) sociais, fenômenos mentais, além do discurso em si mesmo.
- 3- Revelar a **estrutura da ordem de discurso**, entendida como as condições históricas da vida social que podem ser lentamente modificadas. Pretende-se a análise interacional dos gêneros que são (re)produzidos, distribuídos e utilizados na Prática Discursiva; a análise interdiscursiva das diferentes representações e vozes invocadas nos discursos; e ainda, a análise linguística do texto, desvendando os recursos léxico-gramaticais e semânticos envolvidos na construção dos significados.
- 4- Considerar a **função do problema social na sua própria Prática Social**, ou seja, refletir se a única forma de superar o problema seria mudando a prática que o sustenta, legitima, ou esconde ideologicamente. Visa-se, assim, explorar as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, através da incompletude e das contradições das conjunturas.
- 5- Levantar possíveis **caminhos para a superação dos obstáculos** a fim de minimizar ou extinguir os efeitos do problema social nas Práticas Discursivas e, conseqüentemente, nas Práticas Sociais que a constituem.
- 6- Por fim, deve-se fazer uma **reflexão crítica sobre a análise** e sobre o papel do analista no combate ao problema analisado, visando conscientizar as pessoas de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades. Ao revelar a assimetria das relações sociais e as ações decorrentes de discriminação e domínio, pretende-se explicitar as articulações hegemônicas de poder e ideologia para possível superação da realidade observada. Em outras palavras, deseja-se “empoderar” sujeitos ou grupos sociais para fazerem uso de recursos e ferramentas para agirem em algum contexto desfavorável a si ou a outros, pois a submissão discursiva já deixou de funcionar ideologicamente.

Diante dos passos metodológicos citados, é relevante salientar que o primeiro e o último demonstram como a ADC inicia e finaliza focando em um problema social. Seu objetivo final é **emancipatório**, pois visa conscientizar pessoas menos privilegiadas, excluídas socialmente, oprimidas por diversos agentes (pela mídia, pelo capital etc.), por suas características (pela etnia, pelo gênero etc.) com qualquer tipo de desvantagem acerca das possibilidades de superação que lhes são negadas. A ADC foi pensada para evidenciar problemas e buscar soluções. Em muitos casos, os problemas sociais podem nem ser entendidos como problemáticos *a priori*, como é o caso das Olimpíadas de Linguística em análise neste trabalho, o que demonstra mais ainda a necessidade de conscientizar as pessoas sobre toda e qualquer forma de desigualdade e dominação veladas no discurso.

O segundo passo busca apontar questões que envolvem e sustentam os problemas sociais. Chamados pelos autores de obstáculos, esses discursos, atividades, relações sociais ou fenômenos mentais presentes na conjuntura são os alvos iniciais a serem identificados e explicados, pois são esses que mantêm em funcionamento as práticas pilares dos problemas sociais. Por meio da investigação das relações entre discurso e Prática Social, busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas. Evidenciamos nossos obstáculos ao descrever toda a conjuntura das Olimpíadas de Linguística primeiro dentro do panorama internacional e, em seguida, na constituição e no funcionamento das competições nacionais, que não possuem nenhum tipo de hierarquia funcional, visto que cada uma está circunscrita ao contexto de atuação local.

O terceiro passo focaliza o sistema de ordem do discurso, etapa que visa compreender como gêneros, discursos e estilos (vozes) constroem, respectivamente, ações, representações e identidades em um evento discursivo. Analisamos como os discursos dos organizadores constroem representações e práticas no interior da competição e ainda as múltiplas vozes constitutivas do evento social Olimpíada de Linguística. Por fim, analisamos o gênero Problema Linguístico Autossuficiente como o principal, mas não único, modo de (inter)agir, representar um discurso e formar identidades de todos os envolvidos nas Olimpíadas. Queremos assim, desvendar estruturas de dominação, operações ideológicas e relações sociais desiguais veladas nas Práticas Discursivas.

O quarto passo retorna a análise da Prática Social buscando a função do problema social para a estrutura que o sustenta. Neste ponto, começa-se a refletir sobre a desconstrução do problema visando mudanças internas nas práticas sociais, apontando contradições, lacunas e deficiências dentro da própria conjuntura, ou ainda, mostrando diferenças e resistências. Mostraremos que alguns dos problemas sociais das olimpíadas têm origem na própria estrutura geopolítica e econômica, além do próprio sistema educacional, especialmente na realidade brasileira.

O quinto passo é o ápice para a teoria crítica, pois é o momento em que se propõem soluções para os problemas analisados. Nesta etapa, é preciso investigar o porquê do problema, uma vez identificado, ainda não ter sido solucionado. A resposta talvez seja outra pergunta: existe algum interesse para que o problema não seja resolvido? Neste trabalho faremos proposições devolutivas para os colaboradores de pesquisa, em especial os Organizadores de Olimpíadas Nacionais de Linguística em cada país/território, chamado nesta Tese de país-membro da IOL.

Por fim, o sexto passo é a autorreflexão, pois o pesquisador questiona-se acerca dos objetivos emancipatórios iniciais, se eles foram realmente atingidos. Indaga-se sobre a contribuição da pesquisa para as Práticas Sociais analisadas e para as práticas do próprio pesquisador, sobretudo nas relações de poder e hegemonia. De fato, algumas mudanças são derivadas da postura dos analistas críticos ao realizarem suas pesquisas e conscientizarem outras pessoas.

Contudo, a simples reflexão não dá ao sujeito ferramentas para agir, mas sim a consciência de que é possível atuar pela mudança. Para que a agência dos sujeitos oprimidos se fortaleça, é preciso haver mudança nas relações que abram espaço para a mudança efetiva aflorar. A reorganização de atividades, a reunião de elementos conscientizadores, a junção de atores sociais e a oportunidade histórica, somadas às habilidades de convencimento e de influência sobre os demais, formam um conjunto poderoso de valorização e emancipação a qualquer grupo.

Portanto, de forma geral, os modelos de Fairclough (1992; 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) fazem avanços importantes rumo aos objetivos deste trabalho, pois procuram descrever os textos, interpretar a Prática Discursiva e explicar a Prática Social. Nossa pesquisa organiza-se pela visão dialética, segundo a qual o mundo não é um conjunto de coisas acabadas, mas um complexo de processos em articulação e modificação ininterrupta. Assim os textos não só são estruturados pelo sistema, mas também podem ser potencialmente inovadores do

próprio sistema: toda instância discursiva “abre o sistema para novos estímulos de seu meio social” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). É nessa direção que a linguagem é vista como um sistema aberto a mudanças socialmente orientadas, o que lhe provê uma capacidade teoricamente ilimitada de construir sentidos.

Uma vantagem da abordagem da ADC é que o trabalho com os textos pode ter diferentes “pontos de entrada”. O mais importante, todavia, é que os três níveis de análise se complementem e não devem ser vistos como áreas isoladas. Assim, o aparato teórico-metodológico que Fairclough construiu permite a integração de variadas abordagens no estudo de textos como forma de ação, de representação e de identidades, visando demonstrar a dialética entre linguagem e sociedade. Nas palavras finais do livro de Resende e Ramalho (2004: 204):

(...) com o aprofundamento da questão social na ADC, é importante salientar a necessidade de nos mantermos atentos aos dados linguísticos, que devem, necessariamente, sustentar a análise do ponto de vista das práticas sociais. Sobretudo, é preciso cuidar para não se separar as análises linguística e social – afinal, o objetivo é mapear conexões entre o linguístico e o social em uma análise verdadeiramente integrada.

Portanto, a ADC configura-se como um campo de estudos desenvolvido por pesquisadores interessados em descrever e explicar o envolvimento da linguagem no funcionamento da sociedade contemporânea. Direcionada ao estudo das dimensões discursivas da mudança social, a perspectiva teórico-metodológico apresenta uma concepção de linguagem e um aparato analítico construídos a partir do conceito de Prática Social. Essa concepção parte do fato de que a linguagem não é apenas uma forma de representação do mundo, mas também de ação sobre o mundo e sobre o outro. Essa teoria supera a caracterização do uso da linguagem como atividade puramente individual ou como reflexo de variáveis sociais, apontando para a relação dialética que existe entre a Prática Discursiva e a estrutura social, em outras palavras, entre os textos e a sociedade que faz uso deles.

A vida em sociedade é uma rede interconectada de Práticas Sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, sociais, educacionais, entre outras), todas realizadas por algum elemento semiótico. A concepção de Práticas Sociais nos permite combinar as perspectivas de estrutura e de ação. Uma prática é, por um lado, uma maneira relativamente permanente de agir na sociedade, determinada por sua posição dentro da rede de práticas estruturada, e, por outro, um domínio de ação e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las. Todas são

práticas de produção, “arenas” dentro das quais a vida social é produzida. Nas palavras de Resende e Ramalho (2004: 193):

uma prática particular envolve configurações de diferentes elementos da vida social. Uma vez que esses diversos elementos da vida são reunidos em uma prática específica, são chamados de momentos da prática e cada momento é visto como internalizando os outros sem ser redutível a ele. Os momentos de uma prática são, então, articulados, ou seja, estabelecem relações mais ou menos permanentes como momentos da prática, podendo ser transformados quando há recombinação entre os elementos.

Nas Práticas Sociais, a linguagem se manifesta como discurso sendo uma parte irreduzível das maneiras como representamos e identificamos a nós mesmos, a outros e a aspectos do mundo por meio dos discursos. As Práticas Sociais são maneiras recorrentes e parcialmente estabilizadas de produção da atividade humana, situadas temporal e espacialmente, pelas quais agimos e interagimos com o mundo. As Práticas Sociais formam redes, nas quais o discurso tece a regularidade dos sentidos/sentimentos (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; HARVEY, 1996). O discurso é visto também como um momento dessa Prática Social que, por sua vez, é intermediadora entre o potencial abstrato presente nas estruturas e a realização desse potencial em eventos concretos, por meio das atividades materiais, das relações sociais, dos fenômenos mentais e dos discursos, conforme a ilustração:



Figura 2 – Momentos de uma Prática Social
Fonte: Resende e Ramalho (2004: 193)

Em *Analysing Discourse: textual analysis for social research*, Fairclough (2003) explica o sistema de **ordem do discurso** como três maneiras centrais de analisar as Práticas Sociais: como modos de agir, como modos de representar e como modos de ser. O autor propõe uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discursos, identificação e estilos. A análise de um discurso deve ser simultânea à explicação de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos nos textos, investigando estruturas de dominação, operações de ideologia e relações sociais.

Assim, os significados da linguagem devem ser entendidos não somente como sistema semiótico, mas também de sistema de ordem do discurso, isto é, “combinações particulares de gêneros, discursos e estilos, que constituem o aspecto discursivo de redes de Práticas Sociais” (FAIRCLOUGH, 2003: 220). Semelhante as camadas de uma cebola, é necessário reconhecer que o sistema aberto da linguagem é mantido tanto por seus recursos internos (lexicogramaticais, semânticos) quanto por recursos externos (ordem do discurso). As duas ilustrações são representativas desta relação:

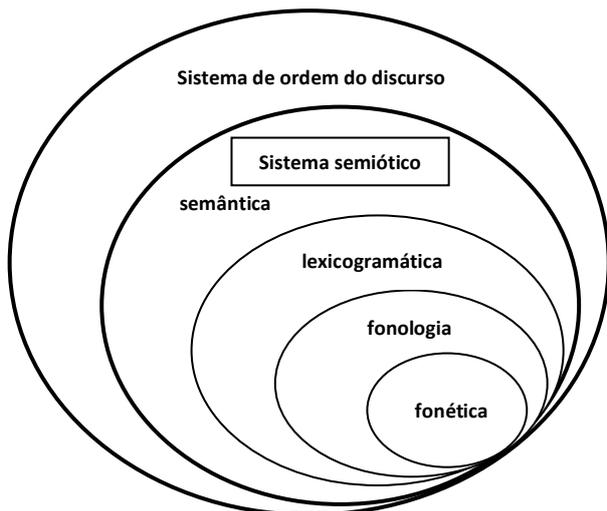


Figura 3 – Duplo sistema da linguagem.
Fonte: Ramalho & Resende (2011: 46)

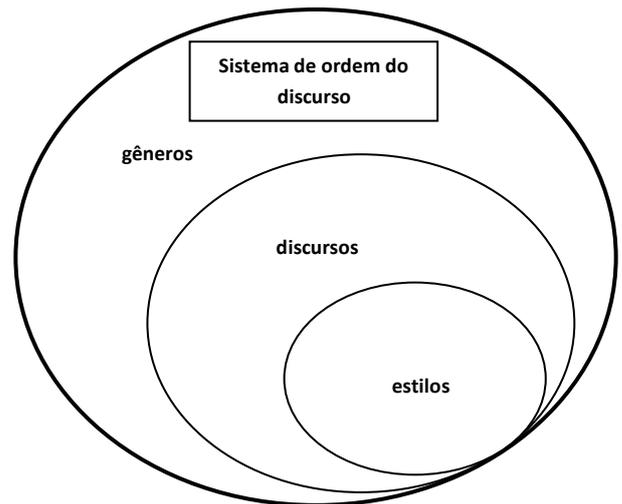


Figura 4 – Estratos do sistema de ordem do discurso. Fonte: Ramalho & Resende (2011: 47)

O sistema de redes de ordem do discurso, de natureza sociodiscursiva, reflete a faceta social da estrutura da linguagem e é estratificado (Figura 4). A ordem de discurso é a maneira de os gêneros, os discursos e os atores sociais estarem inter-relacionados. Nesse contexto, Gêneros são “os tipos de linguagem ligados a uma atividade social particular”. Discursos são “os tipos de linguagem usados para construir algum aspecto da realidade de uma perspectiva particular”. Estilos são “os tipos de linguagem usados por uma categoria particular de pessoas e relacionados com sua identidade” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 63). Dessa forma, a ordem do discurso é uma ordenação social particular das relações entre os vários modos de construir sentido. Alguns desses modos são dominantes, outros modos de construção de sentidos são marginais, subversivos, alternativos ou indesejados.

A ADC oscila entre a ênfase na estrutura, focalizando as mudanças na estruturação da diversidade semiótica das ordens de discurso, e a ênfase na ação, focalizando o trabalho semiótico produtivo que acontece nos textos e interações.

Nas duas perspectivas, o que se busca são as articulações em mudança entre gêneros, discursos e estilos, a mudança da estruturação social entre esses três elementos na estabilidade e permanência nas ordens de discurso, e ainda, uma continuidade no trabalho das relações entre os modos de agir, os modos de representar e os modos de ser, nos textos e interações analisadas.

O conceito de ordem do discurso é uma noção foucaultiana para aquilo que determina o que pode e deve ser dito em cada lugar e em cada ocasião. A ordem do discurso abrange a totalidade de Práticas Discursivas dentro de uma instituição ou uma sociedade, além das relações entre elas. Em outras palavras, esta é a dimensão que mais especificamente investiga os recursos sociocognitivos sobre quem fala/escreve; sob que circunstâncias; com quais motivações; objetivando quais efeitos; evocando quais aspectos de intertextualidade e interdiscursividade; quem e como se divulga e se interpreta; quem recebe esses textos; enfim, toda a situação de produção, distribuição e consumo dos textos em ambientes econômicos, políticos, educacionais e institucionais particulares.

Elementos da ordem do discurso são categorias tanto discursivas quanto sociais, que ultrapassam a fronteira entre o linguístico e o não linguístico. Assim, a ADC focaliza suas análises nas **relações dialéticas** entre o discurso e outras semioses nas Práticas Sociais, revelando as mudanças na realidade contemporânea. A semiose pode variar de importância e aparência em determinada prática ou outra, especialmente com o passar do tempo.

São três as maneiras de atuação da semiose. Primeiramente, atua como parte da atividade inserida em uma prática, um modo particular de usar a língua para determinado fim. Em segundo lugar, a semiose atua nas representações. Os atores sociais produzem não só imagens mentais compartilhadas das práticas em que estão inseridos como de outras práticas recontextualizando-as e incorporando-as em suas próprias. Além disso, os sujeitos irão produzir representações de modo distinto, dependendo da posição que eles ocupam dentro de suas práticas. Esse é um processo de construção das práticas. Em terceiro lugar, a semiose atua no desempenho de posições particulares. As identidades de pessoas que operam em certas posições são apenas parcialmente determinadas pela prática em si. As pessoas de diferentes classes sociais, sexos, nacionalidades, etnias ou culturas, com experiências de vida diversas, produzem desempenhos distintos. As semioses participam de práticas específicas (gêneros) que carregam uma representação

(discurso) na qual os indivíduos constroem suas identidades (estilos). A análise da ordem do discurso possibilita a explanação da relação entre o discurso, relações sociais, atividade material e fenômeno mental (FAIRCLOUGH, 2003: 25).

Assim como a análise da ordem do discurso busca reconhecer as semioses disponíveis na Prática Social, a análise interacional quer entender como essas semioses interagem no discurso, construindo sentidos e visando sua transformação. Ela pode começar por descrever o interlocutor, mesmo que este seja apenas projetado, e as expectativas de suas reações ao texto (FAIRCLOUGH, 1992 [2001]). O objetivo desta análise é demonstrar que aquilo que acontece na interação social reflete nos textos e vice-versa. Isso é possível ao entender que um texto é uma materialização linguística de certos gêneros e discursos presentes na interação. Como já mencionamos, um texto é construído a partir de escolhas lexicogramaticais e semânticas de seu locutor; as quais refletem escolhas da ordem do discurso. De maneira análoga, o locutor também faz escolhas de semioses e de combinações, dando textura ao texto, revelando suas representações de mundo, suas relações sociais, suas identidades e seus valores culturais.

Portanto, a ADC entende o discurso tanto como reproduzidor quanto transformador de realidades, compreendendo o **sujeito da linguagem** a partir de uma perspectiva psicossocial, não somente propenso ao moldamento ideológico, mas também agindo como transformador de suas próprias Práticas Discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas pela linguagem. Para a ADC, o sujeito e o discurso se constituem num processo dialético, que ora se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, as ressignificando ou reconfigurando.

Desse modo essa perspectiva tem se apresentado como um instrumental teórico para a análise de Práticas Discursivas que reproduzem e transformam as variadas ordens sociais vigentes, investigando a diversidade das relações de poder investidas no uso cotidiano e institucional da linguagem. Assim, a ADC propõe analisar a linguagem como fenômenos de mudança/transformação social, entendendo o discurso como uma Prática Social que reflete e constitui as relações humanas. Assim, assumimos uma abordagem de caráter ativista na luta por democracia social, na medida que denunciemos práticas de dominação e conflitos que refletem desigualdades entre as pessoas, pois a consciência é o primeiro passo para a emancipação dos sujeitos oprimidos.

1.3 Representações sociais e discursos: (du)elos de significação

A noção de representação social nasceu na sociologia sob a denominação de “representação coletiva” (DURKHEIM, 1898). Ainda sob denominações diversas, historicamente, ela se refere sempre à relação entre a significação, a realidade e sua imagem. Por mais de cem anos difundiu-se por muitas ciências e hoje apresenta um grande campo de atuação interdisciplinar.

No campo filosófico, no qual esta noção também é bastante discutida, dois pontos de vista tradicionalmente se opõem: por um lado, aquele pelo qual a existência de uma “realidade ontológica” seria dissimulada pelas “falsas aparências do mundo sensível”; por outro lado, aquele pelo qual, entre a realidade ontológica e o sujeito, se encontraria a “tela da construção de um real” como significação do mundo. Esse segundo ponto de vista está associado às ideias do filósofo *Wittgenstein*, para quem as representações *não testemunham* o mundo, mas *são* o mundo. É aquilo em razão do que tomamos conhecimento do mundo (WITTGENSTEIN, 1986, *apud* CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004). Também esse é o ponto de vista do sociólogo *Pierre Bourdieu*, para quem é preciso “incluir no real a representação do real” (BOURDIEU, 1998 [1976]).

Na psicologia social, essa noção foi retomada e reformulada por Serge Moscovici (1972). Ela é definida a partir de sua função primeira, que é interpretar a realidade que nos envolve: de um lado, mantendo com ela relações de simbolização, e de outro, atribuindo-lhe sentidos. Desse modo, as **representações sociais** recobrem o conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões que são produzidas e partilhadas pelos indivíduos de um mesmo grupo, a respeito de um dado objeto social.

A questão das representações é atual nas ciências humanas e sociais, porque remete às questões bastante complexas da distinção entre sistema de pensamentos, sistema de valores, doutrinas, ideologias, suas definições e sua estruturação. Alguns pesquisadores preferem a nomenclatura de “esquemas mentais”, pois esta categoria pretende fazer ver alguma coisa a alguém; mais precisamente, é uma representação discursiva, construída em direção a um destinatário, daquilo que seu autor concebe de certa realidade (VAN DIJK, 2012).

Marin (1993 *apud* CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004) confere às representações três funções sociais: primeiramente a de “*representação coletiva*”, que organiza os esquemas de classificação, de ações e de julgamentos. Em seguida a função de “*exibição*” do ser social, por meio dos rituais, estilizações de vida e signos simbólicos que o tornam visível. Por fim, a função de “*presentificação*”, que é uma forma de encarnação, em um representante, de uma identidade coletiva. Todas elas se mostram produtivas, em diferentes escalas, nesta Tese.

A categoria de representação social da psicologia está intimamente relacionada à noção de Prática Social da ADC, pois considera aquilo que as pessoas produzem ativamente e entendem por meio de conhecimentos e práticas compartilhadas (FAIRCLOUGH, 1992 [2001]). Assim, a relação dialética língua-realidade social não é meramente mais um espelho da realidade, mas uma atividade de construção e reconstrução de realidades possíveis por meio do discurso.

Os fenômenos de representação social se localizam em diversos segmentos espalhados pela sociedade: na cultura, nas instituições, nas Práticas Sociais, nas comunicações interpessoais e de massa, e ainda, nos pensamentos individuais. Por natureza, os fenômenos de construção desta imagem são difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da vida em sociedade, mesmo fora da interação face a face (presencial).

Para uma concepção forte de representação social, Sá (1998) expõe que deveríamos somente selecionar grupos orgânicos ou estruturados, em que os membros se relacionam através de laços biológicos ou por direitos, deveres e obrigações, em relações face a face ou contratuais; porém, para esta pesquisa, utilizamos o grupo taxonômico, que é a simples reunião de sujeitos individuais sob uma mesma classificação - **Organizadores de Olimpíadas**. De fato, muitos organizadores, quando estavam em idade escolar, participaram dos eventos que hoje lideram. Seu papel pode ser diverso como, líder de delegação (*Team Leader*), organizador geral da Olimpíada Nacional, ou ainda, colaborador independente do Comitê de problemas etc. Tais grupos podem apresentar as propriedades de um grupo sociocultural estruturado, por compartilharem interesses e um senso de identidade, ainda que nem todos os organizadores conheçam pessoalmente uns aos outros ou interajam face a face. Participando de eventos sociais semelhantes, torna-se plausível que os organizadores compartilhem representações razoavelmente homogêneas sobre as Olimpíadas de Linguística, objetos desta Tese.

Apesar de o termo *representação social* ter sido cunhado por *Serge Moscovici* para designar especificamente o tipo de fenômeno ao qual a sua interpretação teórica se aplicava, esse termo hoje é utilizado de modo mais amplo, sem uma correspondência necessária com o conceito proposto por seu fundador. Utilizamos aqui como sinônimo de representação coletiva e imagem mental compartilhada, em um sentido amplo e já implícito na proposição original de Durkheim (1898). De fato, Jodelet (1984 *apud* SÁ, 1998) reconhece nesse campo de estudo pelo menos seis diferentes perspectivas de análise:

- (1) Uma primeira perspectiva se relaciona à atividade puramente cognitiva pela qual o sujeito constrói sua representação. Duas dimensões fazem com que a representação se torne social: uma dimensão de contexto e uma dimensão de pertencimento.
- (2) Uma segunda perspectiva acentua os aspectos significantes da atividade representativa. O sujeito é considerado como o produtor de sentido, que exprime na representação o significado que dá à sua experiência no mundo social.
- (3) Uma terceira corrente trata a representação como uma forma de discurso e procura decorrer suas características da prática discursiva de sujeitos socialmente situados e da finalidade de seus discursos.
- (4) Na quarta perspectiva, é a prática social do sujeito que é levada em consideração. O sujeito produz uma representação que reflete as normas institucionais que decorrem de sua posição ou as ideologias ligadas ao lugar que ocupa.
- (5) Para o quinto ponto de vista, o jogo das relações intergrupais determina a dinâmica das representações. O desenvolvimento das interações entre os grupos influi sobre as representações que os membros têm do seu grupo e dos outros grupos.
- (6) Uma última perspectiva, mais sociologizante, faz do sujeito o portador de representações sociais e baseia a atividade representativa sobre a produção de esquemas de pensamento socialmente estabelecidos.

Esta pesquisa perpassa todas as perspectivas, com destaque para a primeira, a terceira e a quarta, sem descartar as demais. Da primeira, porque se ocupa mais especificamente do conteúdo cognitivo das representações, concebendo-o como um conjunto organizado ou estruturado, não como uma coleção de ideias e valores aleatórios. Da terceira, porque investiga a representação enquanto Prática Discursiva situada, descrevendo as características, significados e ideologias presentes nesse discurso. Da quarta perspectiva, porque confere foco às Práticas Sociais das representações coletivas, sendo este também o principal foco de atuação da ADC, visto que trabalha a linguagem como Prática Social situada.

Credita-se a Denise Jodelet (1984) a noção básica de que uma representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto representado. Três focos podem, então, ser formulados acerca dessa concepção: a primeira é “*quem sabe e de onde sabe?*”, e as respostas apontam para as condições de produção e circulação das representações sociais. A segunda é “*o que e como se sabe?*”, que corresponde à pesquisa dos processos e estados das representações. E a terceira é “*sobre o que se sabe e qual o efeito?*”, o que leva a uma preocupação com o estatuto epistemológico das representações sociais.

Jodelet (1984) privilegia a consideração dos suportes pelos quais as representações são vinculadas na vida cotidiana. Esses suportes são basicamente os discursos das pessoas e grupos que constroem e mantêm tais representações, e ainda os seus comportamentos e Práticas Sociais situadas, nas quais essas representações se manifestam. Os suportes são especificamente os documentos e registros em que tais discursos, práticas e comportamentos ficam institucionalmente fixados e codificados. Neste trabalho analisamos sítios eletrônicos, regulamentos e informativos de imprensa, além das respostas aos questionários e da análise dos Problemas Linguísticos Autossuficientes, pois todos esses demonstram rotinas e são formas de agir e interagir nas olimpíadas estudadas. Assim, a representação é um conjunto estruturado de opiniões e atitudes influenciando no cotidiano dos sujeitos.

Se, por um lado, a representação pode ser concebida como um compartilhamento social de comunicação e discurso, por outro, a representação pode ser vista como atributos individuais, como estruturas de conhecimento individualmente acessíveis, embora compartilhadas. Esse ponto de vista dual do conceito o torna versátil, dando margem a várias interpretações e aplicações. Sua versatilidade se origina de uma abertura particular da teoria, que a faz passível de ser apropriada, empregada, misturada e incorporada por outras abordagens.

Desta forma, entendemos o termo *representação social* como um conteúdo mental estruturado, isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico, sobre um fenômeno social relevante (ABRIC, 1976). Essa estrutura toma a forma de imagens mentais ou metáforas que são compartilhadas com outros membros na interação. Na esfera coletiva, a representação é vista como um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado no discurso cotidiano de um grupo. Assim, “representação social é definida como a elaboração de um objeto social pela comunidade” (MOSCOVICI, 1961).

O discurso é um lugar privilegiado de análise dessa elaboração, difusão e mudança de um objeto social, pois é nele que podemos vislumbrar as contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito enunciativo a selecionar determinadas estruturas linguísticas e a articulá-las de determinada maneira num conjunto de outras possibilidades. Portanto, o discurso é um espaço de luta por sentidos, por poder e hegemonia expressos em formas materiais específicas como vocabulários, expressões, gêneros discursivos etc. Assim, o poder não emana de um sujeito, mas de um conjunto de relações que permeiam o corpo da sociedade.

A representação compartilhada confere realidade às coisas que habitam o mundo social, pois fazem o mundo inteligível para os membros de grupos sociais e culturais. Esse conhecimento permite uma interação que não apenas recria os próprios objetos, mas também define os atores como parte complementar daqueles e lhes dá o sentido de pertencerem a comunidades e culturas específicas, como é o caso das Olimpíadas de Linguística.

O termo *representação social* pode ser concebido, concomitantemente, como processo e produto. De um lado, como um processo de comunicação em desenvolvimento nos grupos; de outro lado, como o resultado dessa Prática Discursiva. De um jeito ou de outro, as representações sociais resultam de tal mecanismo de comunicação e discurso, ou seja, são construídas *na* e *pela* linguagem. Nas palavras de Jean-Claude Abric (1987: 64),

a representação é ao mesmo tempo o produto e o processo de uma atividade mental, através da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui a realidade com a qual ele se confronta e para a qual ele atribui um significado específico.

Como processo, a representação social só pode ocorrer em grupos e sociedades onde o discurso inclui a comunicação tanto de pontos de vista compartilhados, quanto divergentes sobre muitos assuntos. Nenhum processo desse tipo é concebível em comunidades ortodoxas ou radicais, em que princípios objetivos e subjetivos de organização da experiência coincidem sempre, ou com muita frequência (BOURDIEU, 1998). Sociedades modernas industrializadas abrem espaço para crenças que podem ser potencialmente negociadas e conflitantes. Essas sociedades heterodoxas incluem e aceitam a possibilidade de experiências antagônicas para a formação da opinião coletiva, que será o resultado (ou produto) desse processo.

São exatamente essas experiências e conhecimentos contraditórios que habilitam o discurso coletivo, criando o senso comum nas sociedades modernas. No entanto, se reproduzirmos acriticamente um aspecto problemático do senso comum, a ideologia segue contribuindo para sustentar desigualdades. Se, ao contrário, desvelarmos, desnaturalizarmos o senso comum, de maneira consciente, existe a possibilidade de coibirmos ou anularmos o funcionamento ideológico. Muito frequentemente, será uma mudança nas condições de vida dentro da sociedade que dará surgimento a uma reelaboração e modificação da concepção dos objetos sociais. Amplas relações de poder estão em jogo. Em muitos casos, pelo menos no começo, a modificação da concepção dos objetos sociais será um tópico de conflito entre um ou mais grupos, como observaremos no capítulo 2 desta Tese.

A ADC tem enfatizado o importante papel do contexto de cultura e do contexto de uso envolvidos neste processo de construção da realidade, pois está fundamentalmente interessada em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle, manifestas na linguagem. Em outras palavras, a ADC se ocupa de investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso (sempre ideológico¹⁵) da linguagem. Como afirma Habermas (2002: 35);

a linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder, [...] não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica.

Assim, a categoria chamada de representação social é basicamente uma teoria sobre a construção de uma realidade. Primeiramente, é socialmente construída por meio de discursos públicos nos grupos. O conhecimento que as pessoas têm do seu universo é o resultado de processos discursivos socialmente construídos. Em um segundo sentido, esse conhecimento também é criado pelo grupo para fazer significar a sua Prática Social. Isto é, ora a representação será efeito do discurso, ora será causa que criará um efeito. Este conjunto estruturado de opiniões e atitudes têm existência cíclica e mutuamente condicionada.

¹⁵ Vale salientar que a noção de ideologia não é tratada da mesma maneira pela Teoria das Representações Sociais (potencialmente neutra) e pela Análise de Discurso Crítica (potencialmente negativa). Não aprofundaremos tais diferenças neste trabalho. Adotamos a concepção da ADC em que ideologia é uma categoria de naturalização ilusória e enganadora de uma realidade. Ela visa estabelecer e sustentar relações de dominação e exploração.

Para construir um sistema de representação, os membros de um grupo refletem sobre um objeto social relevante dando a este significado e realidade. A interação dos componentes da comunidade tende a reforçar suas crenças subjacentes; de fato, a representação é sempre uma unidade do que as pessoas pensam e do modo como agem diante de um objeto social. Assim, uma representação é mais do que uma imagem estática de um objeto na mente das pessoas. Ela compreende também seu comportamento e a prática interativa do grupo. Este sistema é, ao mesmo tempo, uma teoria sobre o conhecimento representado e uma teoria sobre a ação e construção do mundo.

A partir das representações sociais, os membros de um determinado grupo elaboram coletivamente regras, justificações e razões para crenças e comportamentos dentro de suas Práticas Discursivas e Sociais diárias. As representações caracterizam o estilo de pensamento dos membros do grupo sobre um objeto e justificam suas crenças e comportamentos na interação da comunidade com o objeto social. A conversa entre os pares, amigos e conhecidos, assim como a comunicação da mídia de massa, abastece as pessoas com elementos de novos conhecimentos, imagens e metáforas, que são "construções cognitivas", mas não necessariamente "verdades absolutas" no estrito sentido do termo. Diante disso, a Teoria das Representações Sociais (TRS) "proporciona uma visão da comunicação e do pensamento cotidianos no mundo de hoje" (MOSCOVICI, 1984).

Para ter efeito nas Práticas Sociais, o discurso grupal que elabora representações precisa ser público. Em outras palavras, processos discursivos têm de se estender potencialmente por todos os membros da comunidade, envolvendo-os como produtores e como consumidores do sistema de crenças e valores. O requerimento mínimo é que os resultados dessa elaboração coletiva sejam acessíveis a todos os sujeitos em interação. Sem ser público para a totalidade dos membros do respectivo grupo, o saber elaborado coletivamente não pode preencher sua função como base para a comunicação.

Naturalmente, as teorias subjetivas e o conhecimento pessoal sempre serão baseados em e relacionados a um conhecimento social e cultural preexistente. Nenhum pensamento individual cria ideias sem referência a um alicerce mental formado social e culturalmente, conforme defende Mikhail Bakhtin (1997: 78):

Na interação verbal, mesmo os discursos aparentemente não-dialógicos, como textos escritos, sempre são parte de uma cadeia dialógica, na qual respondem a discursos anteriores e antecipam discursos posteriores de variadas formas. A interação é, antes, uma operação polifônica, que retoma vozes anteriores e posteriores da cadeia de interações verbais, e não só uma operação entre as vozes do locutor e do ouvinte: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte”.

Portanto, a representação social é algo que emerge das Práticas Discursivas e Sociais em vigor na sociedade e na cultura, e que se autoalimenta, perpetuando-se ou contribuindo para sua própria transformação. A identificação da "visão de mundo" que os indivíduos ou os grupos têm e utilizam para agir e para tomar posição é indispensável para compreender a dinâmica das interações e esclarecer a conjuntura das redes de Práticas Sociais (MOSCOVICI, 2003).

A representação não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização significativa. E esta significação depende, ao mesmo tempo, de fatores contingentes (as circunstâncias): natureza e limites da situação, contexto imediato, finalidade da situação; e também de fatores mais globais que ultrapassam a situação em si mesma: contextos social e ideológico, lugar do indivíduo na organização social, história do indivíduo e do grupo, determinantes sociais, sistemas de valores. Em suma, “É uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma orientação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989).

A representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, moldando comportamentos e práticas. A representação é um guia para a ação e para as relações sociais. Ela é um sistema de pré-decodificação da realidade porque determina um conjunto de antecipações e expectativas.

É nesse sentido que a visão dos Organizadores de Olimpíadas Nacionais juntamente com a equipe organizadora da etapa internacional (*international board*) e dos chefes de delegações (*team leaders*) revela como o conhecimento é socialmente elaborado e partilhado, regendo as ações e as relações entre os indivíduos, moldando os comportamentos e as práticas nas Olimpíadas de Linguística. Revelar a representação social é uma forma de justificar a motivação das atividades desse evento social, por meio dos seus principais agentes.

1.4 Princípios da Aprendizagem Baseada em Problemas

A Aprendizagem Baseada em Problemas é uma abordagem educacional que tem sido usada com sucesso desde o final dos anos 1960 como um método que coloca uma problemática em primeiro lugar e no qual o processo posterior é conduzido a partir desse contexto. É um tipo de formação centrada no estudante, para conduzi-lo à pesquisa, a integração entre teoria e prática, e ainda, ao desenvolvimento de competências e habilidades com vistas à resolução de questões do seu cotidiano profissional. A ideia principal dessa perspectiva é que o ponto de partida do conhecimento não deve ser a instrução inicial, mas uma situação motivadora, uma dúvida ou um quebra-cabeça, que o aluno deseja desvendar.

Ao iniciar a pesquisa sobre Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP ou ABProb), mais conhecida pela sua sigla em inglês “PBL” (*Problem-Based Learning*), em qualquer mecanismo de busca na internet, é possível encontrar centenas de textos dedicados a essa estratégia educacional. Atualmente, ao mesmo tempo que essa abordagem tem adquirido relevância, existe uma considerável diversidade de conceitos e metodologias aplicados em todas as áreas do conhecimento. O rótulo “ABP” pode ser usado para cobrir uma variedade imensa de práticas educativas, que vão desde debates orientados por um problema, incluindo interações em ambiente experiencial-relacional, ou até mesmo currículos inteiros dedicados a aprimorar as competências cognitivas e metacognitivas de um indivíduo ou grupo.

É importante associar a concepção inicial da ABP ao movimento progressivo da Escola Nova, especialmente na pedagogia de John Dewey (1859-1952), para quem a educação deve estar conectada às experiências dos alunos fora da escola, de modo a aproveitar os instintos naturais de investigação e criação dos estudantes: um aprender fazendo (*learning by doing*). Para esse autor, o conhecimento deve ser pautado pelos princípios de iniciativa, originalidade e cooperação com vistas a liberar todas as potencialidades dos discentes. Assim, a educação não é a preparação para o futuro, mas acompanha a própria vida ao longo do desenvolvimento do ser humano, da formação de sua autonomia e de sua aprendizagem por meio das experiências que vivencia.

No entanto, a ABP como método foi desenvolvida e implementada pela primeira vez como uma abordagem alternativa para a formação médica na *School of Medicine* da *McMaster University*, em Hamilton, Ontário, Canadá, em 1965, sob a

coordenação de Howard S. Barrows, para ajudar os estudantes que eram capazes de memorizar extensivos conteúdos médicos sem, no entanto, desenvolver habilidades de utilizar tais informações para diagnosticar as doenças. Relatos mostravam que naquele contexto

aprender por meio de aula expositiva não se equiparou bem à aplicação real; as notas obtidas nas disciplinas, embora indicadoras de sucesso, não eram boas preditoras da capacidade de aplicar os conhecimentos em situações clínicas com pacientes reais” (ALBANESE & MITCHELL, 1993).

Para superar a fraqueza daquele sistema educacional, Barrows projetou um programa que envolvia aproximar os acadêmicos da prática médica real, de forma competente e humana, em que os alunos teriam que usar as ferramentas à sua disposição (prontuários médicos, entrevistas e anamnese, registros arquivados, novas pesquisas bibliográficas, autópsias etc.) para chegar a uma conclusão sobre como tratar um paciente simulado. Para isso os discentes deveriam trabalhar em uma série de problemas clínicos que iam além dos estudos de caso convencionais, permitindo que se engajassem na aquisição de novos conhecimentos por conta própria, integrando e aplicando o conhecimento adquirido nos problemas em outros contextos, o que significa para o raciocínio clínico dos alunos (BARROWS, 1985).

Depois da *McMaster*, algumas outras faculdades de medicina adotaram a ABP, de forma plena ou como um currículo paralelo. Entre elas, estão: *Maastricht Faculty of Health, Medicine and Life Sciences* (Holanda), *Southern Illinois School of Medicine* (EUA), *Faculté de Médecine - Université de Sherbrooke* (Canadá) e *Harvard Medical School* (EUA). Estas, assim como outras instituições, ofereceram oportunidades para treinamento e aperfeiçoamento de docentes de outras universidades no método da ABP. A *Maastricht University* tem exercido importante papel na divulgação dessa perspectiva no Brasil, com atuação na formação de docentes de Instituições de Educação Superior.

A principal razão do surgimento da metodologia da ABP foi a ineficácia das abordagens convencionais da época e a busca pela aprendizagem profunda ao longo de toda a vida, o que exigia uma reconsideração dos processos utilizados na maioria das universidades. Em grande parte das instituições de ensino superior a aprendizagem é organizada para os alunos para adquirirem os conteúdos básicos da disciplina na parte inicial de um curso e aplicar esse conhecimento em situações práticas na parte mais avançada. A abordagem universitária tradicional tem sido

criticada ao longo dos anos por vários motivos, tais como: (i) a criação de uma divisão artificial e permanente entre a teoria e a prática; (ii) a dificuldade de aplicação dos conteúdos fora de um contexto específico não transferível a outros; (iii) a desmotivação ou falta de engajamento dos estudantes nas tarefas consideradas mecânicas e repetitivas; por fim, (iv) o esquecimento de parte considerável dos assuntos considerados irrelevantes dentro de uma disciplina.

O currículo original da ABP foi planejado para ajudar a desenvolver um pensamento crítico, uma comunicação eficaz e habilidades específicas para o diagnóstico médico, pois os discentes colaboram entre si para buscar soluções e conhecimentos que ainda não tinham, levantando questões relevantes e determinando a viabilidade das soluções pensadas. Assim, a ABP foi concebida como uma proposta pedagógica centrada na aprendizagem autônoma do aluno, partindo do estudo de problemas reais ou simulados. Os currículos que utilizam a ABP geralmente são divididos em módulos ou unidades temáticas, que são compostos de várias sessões e integram diversas disciplinas, independente da área do conhecimento em que seja aplicada.

Nas décadas de 1970 e 1980, foram feitos pequenos ajustes no currículo da ABP por razões contextuais de cada localidade. Entretanto, de maneira geral, as principais características do programa se consolidaram: ausência de um percurso formativo específico, rompimento de fronteiras disciplinares e ênfase na solução de problemas práticos. Assim, o método, por mais desafiador que parecesse inicialmente, levaria ao desenvolvimento de competências para o estudante dirigir o próprio aprendizado, além da integração de múltiplos conteúdos e a exploração de novas temáticas, promovendo o gerenciamento permanente da formação acadêmica e a capacidade de trabalhar em equipe.

Na década de 1990, a ABP começou a tornar-se uma estratégia educacional mais ampla, o ponto de partida para novas concepções pedagógicas mais abrangentes. A partir dos anos 2000, com a popularização da internet, a tecnologia disponibilizou uma quantidade quase ilimitada de informações que os alunos, se dominarem as técnicas, podem usar como ferramentas para uma autoinstrução autônoma e eficiente. Os resultados de uma pesquisa não estão mais restritos a distantes relatórios, dissertações ou teses, mas estão disponíveis em bibliotecas virtuais na rede mundial de computadores. Assim, a ABP passou a ser mais do que um simples método instrucional e incorporou um ambiente educacional estimulante,

no qual os elementos do processo (até o currículo inteiro) são ativamente alinhados para ajudar os discentes a alcançarem de maneira autorregulada os melhores resultados de sua prática profissional.

A ABP coloca o estudante no início do processo de aprendizagem e reverte a abordagem transmissiva tradicional. A discussão e a análise dos dados iniciam as etapas ao invés da instrução formal de um professor. O problema estabelece um cenário complexo que levanta questionamentos os quais o aluno não sabe a resposta. O papel principal do problema é despertar a consciência de que uma solução é possível, mas deve ser alcançada por meio de uma análise apurada, relacionando diversos conhecimentos prévios e novos, e ainda associando causalidades e implicações de cada solução pensada. Na ótica do trabalho pedagógico da ABP, ensinar significa criar situações para despertar a curiosidade do discente e lhe permitir pensar o concreto, conscientizar-se da realidade, questioná-la e construir conhecimentos para transformá-la, superando a ideia de que ensinar é sinônimo de transferir conhecimento.

Os **princípios didáticos** da ABP podem englobar tanto uma atividade singular no interior de uma disciplina ou até mesmo todos os elementos de currículo: objetivo das disciplinas, escolha de conteúdo, métodos de aprendizagem, Instrumentos de informação e comunicação, papel dos professores, sistemas de avaliação, organização transdisciplinar do currículo, cultura acadêmica, entre outros fatores. Durante a revisão de literatura, foi possível encontrar opiniões favoráveis a aplicar a ABP no currículo inteiro, por outro lado, há quem defenda que esta metodologia deve ser usada apenas em certas partes dos cursos.

Os muitos modelos de ABP se organizam de forma bastante diversificada, permitindo uma enorme variação dentro do quadro geral. No entanto, existem limites a essa flexibilidade visando a coerência do processo pedagógico. Por exemplo, não é suficiente mudar apenas o formato das aulas e manter a avaliação conteudista tradicional no processo. Este é um dos "erros clássicos" quando se trata de ABP, pois a aquisição de conhecimentos não é medida em um exame, por meio da capacidade de memorização. Caso contrário, os estudantes estabelecerão que as provas de base mnemônica são mais importantes do que o processo de raciocínio analítico. Na ABP, o desvendamento consistente e automotivado é o cerne de um aprendizado, o pensamento crítico e o desenvolvimento das competências metacognitivas são mais importantes do que apenas a resposta final isolada.

Os teóricos da ABP acreditam que o desempenho do aluno depende muito de sua capacidade de supervisionar, ajustar e modificar sua própria formação intelectual. A **metacognição** é um componente mental composto pela (i) capacidade de compreender o próprio processo de aprendizado e ainda pela (ii) capacidade de programar, monitorar, analisar e regular seus próprios processos de aprendizado. Assim, as habilidades metacognitivas referem-se aos sistemas de controle do planejamento da solução de um problema, controle do acompanhamento do progresso das respostas e controle dos modos de avaliação para verificar se os objetivos estão sendo atingidos.

Na ABP, os discentes desenvolvem uma consciência metacognitiva do que dominam e de quais são suas metas de aprendizagem. Eles identificam o que precisam aprender para a tarefa em que estão engajados e ainda selecionam estratégias de aprendizagens apropriadas. Em outras palavras, eles devem decidir sobre o percurso de ação para resolver um problema. Conforme os estudantes implementam seu planejamento, seus pares devem ser capazes de monitorar e avaliar se as metas traçadas estão sendo alcançadas, desenvolvendo habilidades de trabalho em equipe e gestão de pessoas. Essa interação requer uma troca aberta de ideias e o envolvimento de todos os membros do grupo para explicar as próprias ideias, conversar sobre as ideias dos outros, debater com clareza os pontos fortes e fracos, colaborando ativamente para a aprendizagem individual.

Os objetivos de adquirir conhecimentos e de aprimorar os próprios processos metacognitivos são desenvolvidos conjuntamente e ao mesmo tempo. Com isso, a ABP pretende ajudar os alunos a se tornarem intrinsecamente motivados, impulsionados pelos seus interesses individuais, pelos desafios ou pela sensação de satisfação. Os discentes valorizam mais o conhecimento quando escolhem o que estão aprendendo e quando estão envolvidos pessoalmente nas tarefas, pois o resultado da aprendizagem está sob seu controle. Assim, uma das metas da ABP é desenvolver as habilidades metacognitivas dos alunos, ajudando-os gradualmente a se tornarem aprendizes autônomos que podem continuar a aprender mesmo fora de um ambiente de formação institucional.

Ao longo dos anos, muitos professores têm percebido que os estudantes não aprendem em seu potencial máximo quando estão recebendo informações de forma passiva, ou seja, quando o docente ministrante é o único agente ativo, fornecedor exclusivo dos conteúdos, que repassa informações de forma expositiva

nas aulas tradicionais. Ao contrário, os alunos aprendem melhor quando são os protagonistas do processo de aprendizagem e descobrem por si próprios os caminhos para gerar e avaliar os conhecimentos construídos de forma individual ou coletiva, nas interações com os pares profissionais.

Uma das ideias centrais da ABP é que qualquer pessoa aprende melhor quando realiza tarefas automotivadas, ligadas a um contexto relevante e realista. Para solucionar um desafio apresentado, os alunos recorrem aos conhecimentos prévios, discutem, estudam, adquirem e integram novos conteúdos. Essa postura acadêmica, aliada à aplicação prática, aumenta significativamente a retenção de informações, que podem ser mais facilmente resgatadas quando o estudante estiver diante de novos problemas. O percurso da ABP valoriza, além do conteúdo a ser aprendido, a forma como ocorre o aprendizado, reforçando o papel ativo do discente no processo, permitindo que ele “aprenda a aprender”. Segundo Murray (1986: 20 *apud* PELETTI & ROSSATO, 2018: 160-161),

a motivação representaria um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa. Por essa vertente intrínseca, a motivação é vista, portanto, como uma força que tem origem no interior do aluno e que o empurra, o impulsiona para realizar as atividades propostas, provocando seu interesse para a aprendizagem. Assim, o discente conteria em seu interior (ou não) toda a motivação para aprender, e o seu sucesso escolar estaria vinculado ao seu interesse, aos seus objetivos e metas traçadas. O envolvimento e a manutenção na atividade aconteceriam pela tarefa em si, por ser interessante e produzir satisfação; estudantes com esse tipo de motivação trabalham nas atividades por considerá-las agradáveis. Nesse caso, os alunos intrinsecamente teriam como fontes de motivação a curiosidade, o desafio, o controle sobre a ação e a fantasia.

Os cursos baseados na ABP começam com a prática cotidiana de uma profissão em vez de uma exposição teórica dos assuntos das disciplinas. A palavra “problema” é entendida como um termo técnico que se refere à uma atividade complexa e multifacetada, enraizada no mundo real, que reflete uma situação típica do ambiente de trabalho de uma carreira. É crucial que esse “problema” direcione o processo para aprendizagens múltiplas, porque a base da aquisição de novos conhecimentos está na habilidade de formulação de perguntas investigativas e não no percentual de acertos das questões formuladas previamente. É o próprio problema que determina quais conteúdos são relevantes em um contexto específico, promovendo uma aprendizagem significativa, motivacional e direcionada pelos aprendizes. Idealmente, o processo culmina com estudantes capazes de tutorar

outros estudantes em habilidades específicas. O modelo curricular da ABP está fundamentado em adquirir competências associadas a uma prática profissional.

A ABP tem a plasticidade de formular um programa diferente para cada área que é aplicada, todavia, sempre com o mesmo objetivo de adquirir de forma autônoma as competências e os conhecimentos de uma profissão. Essa abordagem oferece a oportunidade de antecipar problemas reais do seu futuro campo de trabalho, entendendo melhor uma situação, trabalhando as hipóteses alternativas e desenvolvendo soluções razoáveis para os problemas de sua área. Os discentes que desenvolvem essas habilidades tornam-se, assim, bem-preparados para lidar com ocupações em que o pensamento crítico e inovador são requisitos para sucesso.

Descrevendo de maneira genérica, uma classe é dividida em grupos de aproximadamente cinco alunos que, normalmente, permanecem constantes por um determinado prazo. Cada equipe é responsável por decidir como organizar seus estudos a cada novo ciclo-problema. Por essa razão, a implementação adequada da ABP requer uma ampla gama de recursos (biblioteca, laboratório, recursos audiovisuais, modelos computadorizados, simulações, protótipos, espécimes, microscópios, entre outros recursos específicos de uma determinada área do conhecimento), que atendam às necessidades dos estudantes. Da mesma forma, classe maiores requerem um número expressivo de tutores adequado para apoiar cada grupo. Saber como orientar as equipes sem parecer estar escondendo a resposta não é uma tarefa fácil, por essa razão, o treinamento dos tutores também é um fator fundamental para o sucesso da metodologia.

Apesar de entender que o aprendizado é individual, os grupos colaborativos são importantes nas ABP porque desenvolvem a capacidade de gerenciamento de ideias, a compreensão do raciocínio do outro, o ordenamento e a avaliação coletiva de prioridades, assim como o domínio dos mecanismos para enriquecer, organizar e expandir a compreensão de questões ou fenômenos específicos. Uma proposta da ABP é que a estrutura de pequenos grupos ajuda a distribuir a carga cognitiva entre os membros da equipe, aproveitando experiência distribuída entre os membros da equipe para resolver os problemas que normalmente seriam muito difíceis para cada aluno sozinho. A noção de *expertise* distribuída é particularmente relevante na ABP porque conforme se organizam, os discentes se tornam “especialistas” em tópicos específicos. Além disso, as discussões e debates do grupo colaboram para

encontrar a melhor resolução de um problema, promovendo coletivamente a construção de conhecimento. Outros indivíduos, com diferentes vivências e experiências, são ótimas fontes para desafiar nossas visões particulares da realidade, evitando soluções simplistas e, portanto, demonstrando a complexidade das situações reais. É comum que nossos pares sejam bons causadores de perplexidade e divergências na condução de um estudo, o que instaura um desafio adicional ao aprendizado: o gerenciamento do contraditório.

A metodologia da ABP visa enfrentar situações complexas com iniciativa e entusiasmo; resolver problemas de forma eficaz, empregando habilidades de aprendizagem autodirigida; avaliar e adquirir conhecimentos continuamente; e, por fim, colaborar efetivamente como membro de um grupo. Dependendo da área aplicada, a ABP pode ser detalhada e pormenorizada em diversos níveis e subníveis. Contudo, o desenvolvimento do método apresenta pelo menos três etapas mínimas:

1) Busca da formulação do problema – que consiste em reconhecer os tópicos/itens/critérios em conflito; levantar conexões em potencial; delinear perguntas específicas; e ainda, definir e especificar o foco.

2) Busca da resolução do problema – que consiste em obter referências em fontes empíricas e científicas: a primeira baseia-se em observações registradas, sem qualquer análise, estes dados são depois elaborados e analisados com o objetivo de se atingir conclusões; a segunda consiste em relatórios científicos construídos através de pesquisas. Nesta etapa pretende-se ampliar investigações em pesquisas laboratoriais, de campo, por *softwares*, bancos de dados, entrevistas com especialistas etc.

3) Busca da discussão do problema – que consiste em críticas e debates das conclusões encontradas. É necessário sintetizar as análises em relatórios científicos ou explicações orais de modo a persuadir os destinatários, e ainda, fomentar o contraditório com pontos de vista ou resultados opostos.

Tal como acontece com problemas reais, o passo a passo das ações necessárias para resolver a situação é desconhecido. Mesmo depois de propor uma linha de raciocínio, um trajeto de investigação, os alunos podem imaginar outras formas possíveis de abordagem do problema, em tese alcançando outros resultados. Assim, eles devem desenvolver a resiliência de lidar com as incertezas,

pois precisam tomar as melhores decisões para condução da situação com base nas informações sabidamente limitadas de que dispõem.

Na ABP, os estudantes assumem o papel de cientistas que têm um interesse real no problema proposto, isto é, a motivação deles aumenta porque se percebem como parte da solução de um problema real. Essa perspectiva assume que nenhum problema do mundo real é objetivo, que cada ponto de vista vem com uma tendência para interpretar os dados de uma determinada maneira. Defende-se que é a pluralidade de formas de abordar um problema pode contribuir de diversas maneiras, complementares ou antagônicas, para uma solução mais holística.

Conforme os alunos começam a perceber as conexões entre seus conhecimentos acadêmicos e o mundo ao redor deles, eles podem começar a responder a uma pergunta frequentemente ouvida na escola: "Quando vou usar isso?" A ABP evidencia a correlação entre a escola e os problemas do mundo real. Portanto, o desejo de solução de um problema é intensificado por este conhecimento que é possível usar no cotidiano. Assim, os discentes começam a projetar pesquisas técnicas, análises de dados e trabalhos criteriosos para questões reais da sociedade, atuando conforme os seus interesses pessoais.

Uma das formas de compreender a ABP é comparando-a com outras formas de aprendizagem. O contraste entre o ensino tradicional e a ABP revela que aquele é fortemente segmentado em disciplinas enquanto este tem a tendência interdisciplinar ou transdisciplinar. Além disso, os professores comuns podem até pedir aos alunos que resolvam problemas, mas ensinam os assuntos da matéria e os conceitos antes de dar a eles um problema para resolver. No tradicionalismo, o processo de resolução de problemas serve como um meio para os discentes aplicarem os conteúdos disciplinares já aprendidos. Na ABP, ao contrário, o docente nunca iniciará com uma sequência de informações prévias, mas em vez disso, apresentará aos estudantes um problema a explorar. Os alunos aplicam seus conhecimentos para analisar os dados, identificar os pontos de conflito e tentar especificar as soluções possíveis como etapas para a construção da própria aprendizagem.

O contraste entre o Estudo de Caso e a ABP nos mostra que ambas são abordagens orientadas para o problema, usando cenários do mundo real para desenvolver as habilidades de analisar problemas, identificar questões e formular soluções. Mas as abordagens diferem muito em processos e avaliações. No Estudo

de Caso, assim como no tradicionalismo, as teorias e as técnicas são ensinadas *a priori* e elas são usadas para os alunos aplicarem os conhecimentos já aprendidos. No Estudo de Caso, o professor é o principal responsável por conduzir as discussões, semelhante ao conhecido Método Socrático. Na ABP, os estudantes estão ancorados na aprendizagem autodirigida, pois se revezam para liderar a equipe, para definir os objetivos e os planos a fim de alcançar a resposta buscada. O docente é um tutor, mais contido a auxiliar na boa implementação do processo de aprendizagem e verificar se os discentes estão no caminho certo. A orientação será dada apenas se for necessária. Em termos de avaliação, o Estudo de Caso se concentra na avaliação no “produto final”, enquanto a ABP se concentra no desenvolvimento das competências metacognitivas como avaliação formativa, fornecendo aos alunos *feedbacks* contínuos do processo de aprendizagem.

O contraste entre a Aprendizagem Baseada em Projetos e a Aprendizagem Baseada em Problemas evidencia que ambas são perspectivas baseadas em investigação, em exploração ativa e em construção de conhecimentos por meio da experiência. Ambas as formações usam perguntas abertas para fornecer aos estudantes um contexto do mundo real e defendem a aprendizagem interdisciplinar ou transdisciplinar centrada no aluno. Entretanto, na orientação pelo “Projeto”, a situação estudada é tratada como um “exemplo” e o Projeto não está necessariamente focado no desenvolvimento de habilidades profissionais, envolvendo o discente na solução. Na orientação pelo “Problema”, todo o conhecimento surge da análise da situação enfrentada. Desde o início, o aprendizado é sintetizado e organizado nas competências metacognitivas dos que já trabalham na área técnica do problema. Por essa razão, o estudante é comprometido como parte autêntica da resolução.

Todo o esforço do professor será completamente inútil se o estudante não estiver interessado em aprender. Por mais que um assunto interesse ao professor, não vai interessar, necessariamente, aos alunos e, muito menos, a todos eles. Um problema que existe para o professor pode não existir da mesma forma para o aluno. A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Pode haver aprendizagem sem professor, sem livro, sem computador, sem escola e sem uma porção de outros recursos. Mas, mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação, não haverá aprendizagem (PILETTI, 2018: 31).

De maneira geral, os princípios da ABP podem ser assim resumidos:

- Os alunos exploram problemas abertos do mundo real como o ponto de partida do aprendizado.

- Os alunos se envolvem na aprendizagem autodirigida, incluindo planejamento, implementação e avaliação do processo geral de aprendizagem.
- Os professores assumem o papel de facilitadores, tutores e até mesmo colaboradores sem assumir o protagonismo.
- Os alunos trabalham individual e coletivamente em pequenos grupos, para apoiar e contraditar uns aos outros, a fim de alcançarem os melhores resultados.
- Os resultados da aprendizagem enfatizam não apenas o conhecimento do conteúdo, mas também competências metacognitivas que incluem as habilidades técnicas, o gerenciamento interpessoal do contraditório e a valorização do processo de “aprender a aprender”.

A ABP se baseia nas expectativas e interesses dos estudantes. Por isso, é comum que os discentes empenhem mais tempo em seus estudos no modelo da ABP do que em aulas e exercícios da abordagem tradicional, onde eles não têm voz na condução do percurso. Conforme os alunos se tornam mais acostumados com o ambiente de aprendizagem da ABP, eles começam a amadurecer intelectualmente, adquirindo autoconfiança, habilidades analíticas e experiência em gestão de equipe.

Como a ABP focaliza as habilidades úteis para a vida profissional do aluno, estes se sentem cada vez mais confiantes à medida que o tempo passa, pois o aprendizado torna-se natural, avançado e recompensador. Em comparação com abordagens convencionais, a ABP pode encurtar o prazo de uma formação, pois os alunos tornam-se motivados e evidenciam um comportamento mais maduro, capaz de aprimorar suas habilidades profissionais, adquirindo uma base considerável de conhecimento prático e significativo, não somente memorizado.

Ao se aproximar de um problema em uma nova área, pode parecer que o tempo investido para sua resolução foi excessivo. Na verdade, essa é uma impressão equivocada pois, uma vez que grande parte desse estudo fornecerá as bases para a compreensão de outras questões posteriores. De fato, o tempo para resolução de situações na mesma área poderá diminuir com o raciocínio experimentados nos problemas anteriores. Conforme o estudante começa a entender o básico, seu raciocínio se torna mais apurado nos desafios subsequentes.

Ao estudar a ABP, algumas dificuldades surgem na aplicação central do método. Inicialmente, apesar de os alunos atingirem um nível profundo de

investigação, ainda é possível que eles possam perder o quadro geral mais amplo das teorias que abordam. Isto é, os estudantes podem, eventualmente, perder a perspectiva epistemológica do conhecimento que estudam, assim como ter uma visão parcial da distinção entre as teorias. Assim, uma parte importante da pedagogia da ABP é garantir que o estudante seja capaz de identificar e preencher quaisquer “lacunas” em seu estudo pessoal.

Outro aspecto de dificuldade refere-se aos poucos livros ou artigos sobre ABP que abordam o processo de transferência metodológica de uma área para outra, ou seja, ao deslocar um método da área médica, quais são as necessárias adaptações para a aplicação dessa perspectiva no campo da engenharia ou da linguística, por exemplo. Da mesma forma, a literatura em ABP não descreve como proceder no processo de transformação de cursos segmentados em disciplinas para currículos transdisciplinares. Tais mudanças de área e de currículo têm sido bastante contextuais e pragmáticas, dependendo de cada caso, resultando na enorme variedade de possibilidades metodológicas disponível sobre a ABP.

Ainda sobre os pontos vulneráveis, durante a implementação da ABP, há relatos de que alguns docentes têm grande dificuldade em delegar responsabilidades para os discentes, especialmente para dirigirem o próprio aprendizado. Essa é uma preocupação central na ABP: o professor precisa atuar realmente como um facilitador, não como um especialista no assunto (embora possa ser, de fato). O docente desempenha uma função crítica no processo, mas sua principal tarefa é, eventualmente, tornar-se redundante ou desnecessário ao progresso do aluno.

Por fim, pesquisas apontam que a ABP não aumenta a capacidade do estudante de passar em exames de certificação (conselhos nacionais, concursos de múltipla escolha, exames de verdadeiro ou falso) que enfatizem amplamente a lembrança de fatos e conceitos isolados. Para quem se acostumou com a ABP, a recuperação mnemônica dos dados ocorre melhor quando o aluno se depara com um problema aberto, não quando se depara com questões fechadas, orientadas para o assunto, sem um contexto de análise.

De fato, é preciso reconhecer que a ABP pode ser desafiadora de implementar, pois requer muito planejamento e trabalho árduo dos discentes e docentes no início. Contudo, também é preciso reconhecer que a maioria dessas críticas pode não se manter ao longo do tempo. Se julgarmos o sucesso de uma

abordagem educacional na medida em que esta atinge sua estabilidade, a ABP tem tido sucesso no desenvolvimento de alunos autodirigidos que podem não ser bons em lembrar conhecimentos factuais em situações de exame, mas são bons em resolver sistematicamente problemas autênticos em um contexto real. Da mesma forma os docentes ganham qualidade de ensino ao lidar com estudantes cada vez mais autônomos e engajados. Certamente, mudar de um ambiente de aprendizagem convencional para a ABP, como qualquer outra inovação, pode criar um estresse entre os envolvidos, devido a carga de trabalho no início, mas os resultados a médio e longo prazos são recompensadores.

É importante salientar que o professor não é inerte ou subjugado na ABP. Ele desenvolve três funções possíveis. Primeiro, quando necessário, o facilitador pode auxiliar no desenvolvimento de perguntas que os estudantes fazem sobre o problema a ser investigado. Segundo, eventualmente, o tutor pode ajudar os discentes a localizarem ou compreenderem as referências apropriadas ao estudo. Com isso, os alunos identificam claramente os recursos profissionalmente adequados de seu campo e pode começar a aplicá-los ao problema em questão. Terceiro, algumas vezes o instrutor atua na qualificação do “produto”, indicando pontos vulneráveis da solução proposta. Portanto, cabe ao docente dar o suporte à pesquisa e ao raciocínio dos estudantes sem assumir para si o protagonismo.

O papel do educador na ABP muda de "onisciente" para um de ajudante qualificado. O controle da investigação é dos alunos, que fazem seu próprio caminho para a resposta, em vez de ser direcionado pelo docente. Desistir do controle é a parte mais desafiadora para os educadores. Por sua vez, os estudantes também precisam aprender a ver seus professores como colaboradores e não como fonte com todas as respostas. Só depois de formada essa parceria acadêmica entre discente e docente é que ocorre a aprendizagem autônoma e investigativa.

Nessa metodologia, os docentes agem como “modelo” de aprendizes, pensando em voz alta e praticando o comportamento que deseja que seus alunos desenvolvam. Eles familiarizam os alunos com o gerenciamento do aprendizado como, “o que está acontecendo aqui?” “O que isso significa?” “Quais as implicações disso?” “Há mais algum aspecto a considerar?” “O que precisamos saber mais acerca disso?” “O que fizemos durante o problema que foi eficaz?” *Howard Barrows* (1986) insiste em que as interações do facilitador sejam em um nível metacognitivo e que esse tutor evite expressar opiniões ou informações aos discentes. O docente

não usa seu conhecimento do conteúdo para direcionar as perguntas que levarão à resposta "correta". Ao contrário, a função do professor é desafiar o pensamento do estudante para que não se contente com noções vagas e superficiais.

Ao projetar uma aula baseada na ABP, os educadores devem primeiro identificar quais padrões ou resultados eles querem que seus alunos saibam quando chegarem a uma conclusão viável para o problema. Sabendo disso, os docentes podem escolher ou desenvolver uma questão que permita espelhar problemas e situações do mundo real, incluindo integração entre disciplinas e conexão com a comunidade. É preciso oferecer situações que permitam múltiplas perspectivas, pois os discentes precisam ter liberdade para escolher qual percurso lhes interessa e serem envolvidos no processo de aprendizagem.

Durante os primeiros passos na ABP, o tutor desafia tanto o nível de compreensão quanto o nível de relevância das questões estudadas. Gradualmente, no entanto, os próprios alunos assumem esse papel na medida em que se tornam aprendizes autônomos e eficazes, que assumem a responsabilidade pelo problema. Conforme o tempo passa, os estudantes tornam-se investigadores autodirigidos e os professores se encaminham cada vez mais aos bastidores, impulsionando a independência dos estudantes no processo.

Aprender com os problemas é uma condição da existência humana. Em nossas tentativas para resolver os muitos problemas que enfrentamos diariamente, ocorre o aprendizado. A ABP existe há mais de cinco décadas e seu impacto é cada vez mais reconhecido. Embora tenha se estendido a diferentes disciplinas do ensino superior, sua implementação é muito mais próspera na educação profissional. Este fenômeno pode ser explicado por três razões: (i) a ABP se encaixa bem com a educação profissional porque foi originalmente projetada para estimular os alunos enfrentarem os desafios do mercado de trabalho real, (ii) os resultados da educação profissional são imediatamente sentidos pelo público, por isso há uma maior necessidade de inovações curriculares, e (iii) exemplos de sucesso podem gerar mais tentativas de implementação da ABP, visto que os profissionais são frequentemente estimulados por exemplos reais de sucesso.

Um perigo intrínseco é que os discentes podem assumir que a aprendizagem apenas tem valor prático ou instrumental, que vem de uma interpretação muito estreita de educação. Outro perigo é transformar a experiência empírica em fato científico sem o devido processamento, teste e comprovação. Certamente, a ABP

não é a solução para todos os problemas de desenho de currículos nem na educação profissional nem na educação acadêmica. No entanto, é uma alternativa bem articulada e experimentada para substituir as práticas tradicionais e fornecer um meio de lidar com alguns dos desafios atuais, trazendo competências profissionais para o currículo de uma forma significativa e permitindo que os alunos desenvolvam uma visão holística da prática para a qual estão sendo preparados.

O amplo uso da ABP pode ser incentivado por questões externas a própria abordagem como, por exemplo, pelo crescente apelo por habilidades práticas, que tem efeitos tanto sobre cursos de curta duração (técnico-profissionalizante) quanto sobre disciplinas universitárias. Da mesma forma, com o fortalecimento da tendência neoliberal, que visa cortar investimentos nas Instituições de Ensino Superior (públicas e privadas) e o conseqüente aumento do tamanho das turmas, cada vez mais metodologias autônomas de aprendizagem estão sendo implementadas nos Programas de Estudos Tutoriais (PET) e na Educação à Distância (EaD), reduzindo custos com pessoal, o que certamente afeta a qualidade do ensino atual.

Como na ABP o aluno "aprende a aprender", ele pode continuar sua formação mesmo sem um ambiente de ensino formal. O estudante adquire uma relevante ferramenta para suas necessidades educacionais futuras, independentemente de sua carreira, uma vez que seu aprendizado é autodeterminado. Assim, o discente se torna um participante ativo no processo de construção do seu conhecimento, o que aumenta a motivação e a retenção dos conteúdos. Suas recompensas são internas (satisfação) e não são buscadas recompensas externas (notas). O aluno torna-se capaz de avaliar seus próprios pontos fortes e fracos, para suprir suas lacunas educacionais. Com orientação de um tutor, o estudante encontra referências atualizadas e recursos de aprendizagem para atender as suas necessidades, como obras relevantes, recursos audiovisuais, entre outros.

Assim, ao longo de seu desenvolvimento, a ABP tornou-se uma abordagem holística e complexa, ancorada num processo de usar aquilo que o aluno já domina para obter novas habilidades. Cada indivíduo ou grupo identifica as lacunas de seu aprendizado e busca ativamente novos conhecimentos para uma resolver um problema prático. Assim, a ABP tornou-se tanto um método de ensino-aprendizagem autodirigido como uma filosofia pedagógica de automotivação dos discentes.

1.5 As bases do mosaico: qualitativa-crítica-funcionalista

Diante da fundamentação teórica, das questões motivadoras e dos dados gerados com descrição, interpretação e explanação das Práticas Sociais, não resta dúvida de que se trata aqui de uma **pesquisa qualitativa**. Interessada no processo e não somente no resultado, essa abordagem está perfeitamente alinhada aos objetivos desta Tese, visto que entende o contexto como intimamente ligado aos comportamentos, discursos e ações das pessoas, ou seja, é preciso compreender um fenômeno por meio da perspectiva dos sujeitos que interagem, interpretam e constroem sentidos. Assim, justifica-se a necessidade de uma boa descrição das peças do imbricado mosaico que compõem as Olimpíadas de Linguística.

Por esta razão, vale destacar que os dados quantitativos como número de medalhas, de participações nas etapas internacionais, quantidade de estudantes envolvidos nas etapas nacionais etc. não serão desprezados, ao contrário, são indícios numéricos de questões sociais muito mais profundas que resultaram em determinada situação. Então, apesar de adotar a abordagem qualitativa, parte de nossa descrição será focalizada em dados quantitativos, mas não para a mera verificação de porcentagens, e sim para buscar evidências de questões que precisam ser debatidas, evidenciadas e/ou desconstruídas.

A proposta de integração de teorias sociais numa análise discursiva sobre um evento educacional é perfeitamente compatível com a perspectiva qualitativa, pois esta não se baseia em um conceito teórico-metodológico unificado, nem se apresenta como uma definição rigidamente estruturada, fixa ou imutável. A pesquisa com viés qualitativo permite configurações teóricas inovadoras e diversos formatos metodológicos que conduzam os investigadores em trabalhos que explorem novos enfoques. Segundo Triviños (1987: 59), na investigação qualitativa,

o pesquisador possui ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seus estudos, levando em consideração as exigências de um trabalho científico e observando os critérios das estruturas de coerência, consistência e originalidade. (...) o pesquisador qualitativo, que tem no sujeito um dos elementos principais do seu fazer científico, buscará métodos e técnicas que favoreçam a participação ativa desses sujeitos, no desenvolvimento do processo de suas pesquisas.

A adoção de métodos abertos à complexidade de um tema de pesquisa é uma maneira de viabilizar pesquisas com temas pouco usuais. Nessa perspectiva, os objetos analisados não são reduzidos a algumas simples variáveis, mas sim

representados em sua totalidade, dentro de suas interações cotidianas. Sabendo da impossibilidade de se explicar qualquer fenômeno social de maneira isolada, a orientação qualitativa se fundamenta em uma diversidade de dados que podem ajudar a entender o complexo mosaico desse estudo sobre a realidade social.

Evitando o problema da sub-representação dos dados, quando um exemplar não é característico de um conjunto de exemplares, ou seja, quando não se pode produzir generalizações válidas, optamos por **não** fazer um estudo de caso, mas analisar os eventos dos países-membros da Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), destacando, na medida em que as informações estiverem disponíveis, as características mais marcantes de cada uma. Uma dificuldade enfrentada é que nem todas registram em suas páginas virtuais determinadas informações relevantes sobre suas atividades; algumas olimpíadas mantêm até mesmo seu Regulamento em área restrita aos participantes, que necessita de inscrição prévia e autorização do moderador para se ter acesso; e ainda há Olimpíadas que comunicam as informações por e-mail, deixando o sítio na internet apenas para notícias, reportagens, fotos e testemunhos de seus resultados. Devido a abrangência internacional, os sítios e regulamentos destacam informações bastante heterogêneas e omitem muitas outras, conforme aquilo que valorizam em sua cultura ou que são exigidos por leis locais. Essa grande diversidade de dados acarreta a necessidade de análise de uma gama de tópicos distintos que ofereçam subsídios para interpretações fundamentadas e conclusões assertivas. A representatividade é uma preocupação bastante comum nas pesquisas qualitativas, o que nos motivou a não escolher apenas um exemplar das Olimpíadas de Linguística, mas buscar descrever, exaustivamente, os eventos conhecidos.

A consciência de prestar um relevante serviço à comunidade justifica a **abordagem crítica** da ADC. Esta teoria se propõe a mapear as conexões entre as relações de poder e recursos linguísticos, funcionando como um instrumento para desconstruir os significados não-óbvios, ou “agendas ocultas”. Pretende-se mostrar como os textos são perpassados por traços e as pistas que refletem discursos e estruturas sociais, privilegiando grupos ou indivíduos em detrimento de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou preservação de poderes (hegemonia) de grupos dominantes. A teoria oferece ferramentas de percepção aos que se encontram em desvantagem social contra as relações assimétricas nas sociedades contemporâneas. Segundo Fairclough:

Ela [a ADC] é crítica, primeiramente, no sentido de que busca discernir conexões entre a língua e outros elementos da vida social que estão normalmente encobertos. Entre eles: como a língua aparece em relações de poder e dominação; como a língua opera ideologicamente; a negociação de identidades pessoais e sociais, continuamente problematizadas através de mudanças na vida social, em seu aspecto linguístico e semiótico. Em segundo lugar, ela é crítica no sentido de que está comprometida com mudanças sociais contínuas (FAIRCLOUGH, 2001: 230).

A perspectiva crítica implica para os estudos discursivos algumas características. A primeira diz respeito à posição do analista, que é consciente de que não está isento às motivações sociais, econômicas e políticas. Não há pesquisa neutra, pois posições teóricas escolhidas pelo pesquisador sempre refletem interesses particulares e são, portanto, parciais ou políticas. A pesquisa crítica é construída sobre um juízo de valor acerca das estruturas sociais, desmascarando a injustiça social, o que a difere de outras teorias que buscam a neutralidade na pesquisa. Estudiosos críticos não são neutros, ao contrário, adotam uma posição política explícita sobre os problemas sociais, analisando-os no meio em que ocorrem, evidenciando quem são seus responsáveis e como resolvê-los.

A segunda característica se refere à posição da pesquisa que deve ser o mais transparente possível acerca dos seus interesses e critérios, sempre denunciando a injustiça social e buscando corrigir as desvantagens sociais. A visão crítica entende a capacidade e a responsabilidade de revelar, discutir e propor soluções para questões reais da atualidade, reduzindo os problemas sociais e acentuando a qualidade de vida dos seres humanos. Estudos críticos são comprometidos com o contexto sociocultural no qual são realizadas e até mesmo as características do próprio pesquisador. Com a finalidade de denúncia social, as pesquisas em ADC revelam o encobrimento naturalizado de manifestações ideológicas (em geral, situações de exploração), que aparelham inúmeras práticas de nossas vidas, levando-nos a acreditar que essas práticas sempre foram como são, *in natura*. Ciências críticas evidenciam o estado de coisas ofuscado por interesses particulares, sempre em favor de quem se encontra em desvantagem social.

A terceira característica diz respeito ao engajamento dos colaboradores de pesquisa. A orientação crítica promove a emancipação dos sujeitos ou dos grupos sociais por meio da autorreflexão. Isto é, busca-se promover a conscientização daqueles que se encontram em desvantagem social, municiando-os de ferramentas perceptíveis para resistir a qualquer forma de dominação. Em contraste com a

pesquisa “tradicional” que visa entender e explicar algo, sem alterar o objeto estudado, a teoria crítica visa criar um alerta nos participantes das Práticas Sociais sobre suas próprias necessidades negligenciadas ou, pior, subjugadas, o que Bourdieu (1989) chamou de *méconnaissance* e violência simbólica, respectivamente. A abordagem crítica pretende ser um conhecimento para a conscientização das pessoas, tornando-as agentes de transformação, subvertendo as estruturas de poder constituídas.

Por fim, como consequência desse modo de pesquisa motivado e político, transparente e denunciativo, engajado e emancipatório, os estudos críticos caracterizam-se por um forte compromisso com uma sociedade mais justa e igualitária, promovendo uma mudança social. A ADC não está interessada na investigação das unidades linguísticas em si mesmas, mas no desvendamento dos fenômenos sociais, perpassados por práticas ideológicas. Desta forma, a análise de qualquer fenômeno social é passível de uma investigação crítica, desde que se construa um instrumental adequado à revelação das estruturas subjacentes.

Para a ADC, a análise linguística e a crítica social devem, necessariamente, estar interrelacionadas: o estudo dos elementos da língua fundamenta com subsídios materiais/empíricos a crítica social e, por sua vez, o exame da sociedade justifica as características encontradas nos textos falados e escritos. Assim, a ADC, ao mesmo tempo, rejeita as análises que não se mostrem relevantes para a crítica social e exige as análises de problemas sociais sejam textualmente orientadas (FAIRCLOUGH, 2001).

O “C” de ADC justifica-se por seu engajamento com a tradição da Ciência Social Crítica, que visa oferecer suporte científico para a crítica situada de problemas sociais relacionados ao poder como controle. Isto é, estudos em ADC não partem de meros interesses acadêmicos, de reflexão autocentrada na metalinguagem do campo. Ao contrário, pesquisas na perspectiva crítica partem da motivação de “investigar como a desigualdade social é expressa, sinalizada constituída e legitimada pelo uso do discurso” (WODAK, 2004: 225). Em outras palavras, o sentido do termo “crítico” nos estudos da linguagem implica desvelar conexões entre os textos e os fatores que os permeiam, como contexto histórico e social de produção e compreensão dos sentidos. Pretende-se tornar transparente o que estava oculto e, ao fazer isso, iniciar um processo de reflexão nos indivíduos ou nos grupos, apresentando os fundamentos ideológicos dos textos.

Partindo do princípio de que “questões sociais são, em parte, questões sobre discurso”, a ADC visa alcançar “níveis mais profundos, suas entidades, estruturas e mecanismos que existem e operam no mundo”. Para tanto, as investigações baseiam-se em análises de mecanismos causais e de seus efeitos potenciais em contextos particulares, com atenção voltada para causas e efeitos envolvidos em relações de poder (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Entretanto, é preciso não perder de vista que, como não pode haver análises textuais ‘completas’, ‘definitivas’ e ‘imparciais’, toda análise é inevitavelmente seletiva, pois sempre há uma escolha para responder a determinadas questões sobre eventos sociais e texto, descartando, intencional ou acidentalmente, outras várias questões possíveis de formulação. Fairclough (2003) afirma, todavia, que isso não compromete a ‘cientificidade’ da análise, mas aponta as limitações desse tipo de trabalho, quando isolado da Prática Social que a produziu, circulou e/ou consumiu.

Por fim, além de estar fundamentada na pesquisa qualitativa e na abordagem crítica, nossa Tese utiliza como base o **paradigma Funcionalista** dos estudos linguísticos, isto é, como uma prática interconectada a várias outras da vida social, por exemplo, a identidade social dos usuários de uma língua é levada em conta ao se analisar um texto, pois esta interfere na maneira como os usuários se comunicam. A linguagem é um lugar de disputa ideológica; um lugar de (inter)ações comunicativas pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico-ideológico. Os usuários da língua interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e discursivos: “falam” e “ouvem” desses lugares.

A perspectiva funcionalista tem por objetivo estabelecer princípios gerais relacionados ao uso da linguagem e investigar a interface entre aspectos sociais e o sistema interno das línguas, sendo, portanto, um modelo mais abrangente de estudos que evidencia como a estrutura linguística atua na significação e como as funções externas do sistema da língua influenciam na estrutura. Essa dialética, inerente à pesquisa nessa abordagem, é tratada de maneiras diferentes a depender da teoria adotada (NEVES, 1997). No entanto, a compreensão das implicações das funções sociais no sistema linguístico é central à discussão que relaciona a linguagem à sociedade em todas as vertentes do funcionalismo.

Conforme salienta Neves (1997), a investigação funcionalista contextualiza o sistema linguístico na situação social em que se dá a interação verbal, pois esse sistema não existe em si e por si, mas em virtude de um propósito comunicativo. Para captar a situação social, diferentes metodologias são propostas, ora o discurso, ora a semântica como componentes centrais de uma língua. Esta corrente interpreta a língua como uma rede de relações, em que os textos (falados ou escritos) são realizações de tais relações, ou seja, os fatores sociais exteriores ao sistema (intenções pragmáticas) moldam os fatores interiores (gramática de uma língua), com a função primária de estabelecer comunicação entre os usuários, mas também de veicular relações de poder e embates ideológicos.

Segundo Nascimento (1990) e Dillinger (1991), não cabe desconsiderar o formalismo para destacar o funcionalismo como a melhor e/ou única opção, pois um estudo não exclui o outro. As correntes têm objetivos diferentes e seus estudos podem ser complementares e igualmente necessários. Cada um dos dois modelos de análise linguística pode contribuir para o progresso do outro, expandido as explicações sobre as representações mentais, as relações sociais e o processamento da linguagem.

O viés funcionalista não é uma abordagem monolítica, ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Mais do que uma teoria ou conjunto de teorias, a orientação do funcionalismo é um modo de pensar, um olhar sobre a linguagem e suas relações com a organização do mundo, concentrando-se no esclarecimento das relações entre forma e função.

Em resumo, os analistas de discurso também adotam a visão funcionalista, uma vez que o foco de interesse não é apenas a interioridade dos sistemas linguísticos, mas, sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias no discurso. É preciso reconhecer, entretanto, a necessidade de equilíbrio entre internalismo e externalismo nos estudos linguísticos. Isso porque é temerário reduzir a linguagem a seu papel de ferramenta social, bem como reduzi-la ao caráter formal, imanente do sistema linguístico, pois “língua não é forma nem função, e sim atividade significativa constitutiva” (MARCUSCHI, 2002).

CAPÍTULO 2 Movimentos interpretativos nas peças das práticas sociais

Neste capítulo, refletimos sobre uma epistemologia e uma historiografia que sustentaram o desenvolvimento das Olimpíadas de Linguística como evento integrador entre a ciência da linguagem, a matemática, a computação e a educação. Adiante, analisamos os papéis e as características dos eventos desta natureza por meio dos discursos registrados nos textos institucionais e, ainda, observamos se tais objetivos têm se concretizado em resultados práticos. Por fim, dedicamos nossa atenção à Olimpíada Brasileira de Linguística nos mesmos critérios mencionados. Desta forma, descrevemos os elementos constitutivos do mosaico da Prática Social das Olimpíadas de Linguística.

2.1 Prolegômenos de uma Olimpíada de Linguística

“Mas será que isso é mesmo Linguística?” “De qual Linguística a Olimpíada trata?” “Em qual teoria a Olimpíada de Linguística se ancora?” “Como existe uma Olimpíada de Linguística se os estudantes de ensino médio nunca estudaram essa disciplina?” “Qual universidade organiza a Olimpíada?” Essas são algumas das perguntas mais frequentes quando universitários e professores tomam ciência da existência de uma Olimpíada voltada à Linguística. Por outro lado, curiosamente, são os alunos da Educação Básica, público-alvo da Olimpíada, que geralmente se concentram na questão mais básica da qual derivam todos os demais questionamentos: *“Mas o que é Linguística?”*

O termo Linguística comporta uma ambiguidade inerente. Primeiramente, pode se referir ao conjunto de conhecimentos construídos sobre as línguas e sobre as linguagens ao longo da história humana. Entendido como um amplo campo do conhecimento, evoca diversas tradições de estudo como na ancestral Índia, nas dinastias da China, na Grécia clássica, na Roma antiga, também entre os árabes e os judeus na Idade Média, entre outros da Idade Moderna. Apesar da preocupação religiosa, normativa, histórica, filológica ou filosófica, as observações e explicações reunidas sobre as línguas e linguagens certamente não podem ser ignoradas, elas foram base para a segunda acepção do termo, mais conhecida e restritiva, que se refere à Disciplina fundada no final do século XIX, chamada “Ciência Piloto das Ciências Humanas”, a Linguística Moderna. Nas palavras de Altman (2009: 116):

A Linguística é uma disciplina e um campo do conhecimento, objetos cujos escopos não são, em absoluto, coincidentes. Conseqüentemente, sua história é parte da história geral das ciências e parte da história geral das disciplinas (...). Ainda que muitos manuais de Linguística (...) apontem o Método Histórico Comparativo do século XIX como a instância *ab quo* das ciências contemporâneas da linguagem, o início da reflexão do homem sobre as línguas é bastante anterior a este momento, quase tão antigo quanto a percepção pelo homem de que suas línguas podem ser representadas e que diferem entre si. (...) Em perspectiva histórica, o termo linguística pode se referir a qualquer estudo sobre a linguagem que tenha sido feito pelo homem, onde quer que se encontrem dele vestígios de documentação, (...) deve incluir entre seus objetos, potencialmente, todas as formas e designações sob as quais se apresentou esse conhecimento.

Desde o surgimento da Linguística Moderna, muito se tem debatido sobre os conceitos fundadores da área. De fato, até mesmo a definição do escopo dessa Disciplina, qual o seu objeto, seu método e sua abrangência parecem flutuar ainda mais hoje, passados cem anos de sua organização, a depender de diversos fatores. Segundo dicionários, manuais e textos especializados da área, temos que:

- “Linguística é uma ciência, que procura determinar, com métodos próprios, a estrutura e a função da linguagem, entendida como a capacidade que tem o homem de comunicar-se por meio de sons articulados em si”. (Introdução aos Estudos Linguísticos. BORBA, 1977: 36);
- “Linguística é o estudo científico da linguagem”, sendo esta última definida como a “capacidade específica da espécie humana de comunicar por meio de signos”. (Dicionário de Linguística. DUBOIS, 1978: 389 e 387, respectivamente);
- “Linguística é a ciência que estuda as línguas naturais, no quadro das ciências humanas e no interior da Semiologia. (...) a Linguística assumiu, nestes últimos anos, o papel de Ciência Piloto, fornecendo subsídios para uma imensa quantidade de disciplinas”. (Fundamentos da Linguística Contemporânea. LOPES, 2000: 20);
- “A Linguística é, portanto, uma parte dessa ciência geral; estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, as línguas naturais, que são a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso”. (Introdução à Linguística: objetos teóricos. FIORIN, 2003: 20);
- “Linguística é o estudo científico da língua”, sendo que este último termo “recobre vários conceitos bastante diferentes, que é preciso distinguir com cuidado”. (Dicionário de Linguagem e Linguística. TRASK, 2004: 177 e 158, respectivamente);
- “Um campo vasto, heterogêneo, multidisciplinar, que consolida seus domínios e constrói seus objetos de estudo a partir de influências intradisciplinares e de uma complexa, mas muito produtiva, rede de relações com outros lugares de construção do conhecimento”. (Introdução à Linguística: domínios e Fronteiras – MUSSALIM & BENTES, 2006: 15);
- “A linguística é o estudo científico da língua como um fenômeno natural”. (...) “Cada teoria linguística define língua de uma forma diferente”. (Introdução aos Estudos Linguísticos. VIOTTI, 2008: 8 e 18);
- “A Linguística definiu-se, com bastante sucesso entre as ciências humanas, como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana”. (O que é Linguística? Coleção primeiros passos - 184. ORLANDI, 2009: 9);

- “Essa ciência tem como objetivo compreender a linguagem, primeiramente em seu conjunto, como meio de expressão do pensamento humano; depois em suas variedades (...). Enfim, ela visa indiretamente um outro estudo: o do progresso da humanidade (...) na medida em que podemos descobri-los pelos fatos da língua”. (A vida Linguagem. WHITNEY, 2010: 20);
- “A linguística é definida, na maioria dos manuais especializados, como a disciplina que estuda cientificamente a linguagem. Essa definição, pouco elucidativa por sua simplicidade, nos obriga a (...) determinar o que estamos entendendo pelo termo "linguagem", (...) delimitar o que significa estudar cientificamente a linguagem. Além disso, (...) estabelecer alguns contrastes entre a linguística e algumas ciências ou disciplinas afins, de modo a delimitar seu campo de atuação”. (Manual de Linguística. MARTELOTTA, 2011: 15);
- “Linguística, antes de ser o estudo de línguas específicas, é o estudo da Faculdade da Linguagem, que permite de forma exclusiva a espécie humana adquirir uma língua nativa. Nesse sentido, a Linguística é um estudo integrado das diferentes línguas como processos cognitivos da capacidade de linguagem do homem”. (A Linguística no século XXI. FRANÇA, FERRARI & MAIA, 2016: 17);
- “Linguística é a área de estudo científico da linguagem. É considerado linguista o cientista que se dedica aos estudos a respeito da língua, fala e linguagem. A pesquisa linguística é feita por filósofos e cientistas da linguagem que se preocupam em investigar quais são os desdobramentos e nuances envolvidos na linguagem humana”. (Wikipédia – <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica>);

Essa heterogeneidade demonstrada nos objetos e delimitações não é nenhuma novidade para os linguistas, pois desde 1916, com a publicação do Curso de Linguística Geral, considerada a obra fundadora da nova disciplina chamada de Linguística Moderna, Saussure já evidenciava que:

A matéria da Linguística é constituída inicialmente **por todas as manifestações da linguagem humana** (...) não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas **todas as formas de expressão** (p. 13. Grifo nosso). Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê. Limitemo-nos, aqui, a esclarecer a dificuldade. **Outras ciências trabalham com objetos dados previamente que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. (...) Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto** (p. 15. Grifos nossos). Dessarte, qualquer que seja o lado porque se aborda a questão, **em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística**. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades [*individual e social*], ou, **se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si**. (p. 16. Grifo nosso) Tomada em seu todo, **a linguagem é multiforme e heteróclita**; o cavaleiro de diferentes domínios; ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; **não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade** (SAUSSURE, 2006: 17. Grifos nossos).

Assim, é extremamente importante ressaltar que, desde o surgimento da Linguística Moderna, o ponto de vista epistemológico do linguista é o criador de seu objeto científico de estudos e, conseqüentemente, de seu método de análise. Diante disso, Saussure propõe o famoso corte epistemológico definindo a língua como foco central a ser observado por uma metodologia de análise sincrônica. Para o autor, o conjunto heteróclito de formas da linguagem impossibilita à Linguística estabelecer-se como ciência, pois esta deve procurar, na homogeneidade dos fenômenos que estuda, a regularidade de seu objeto. Por isso ele afirma que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (p. 16). Saussure escolheu um ponto de vista.

Embora muitas definições de dicionários e de manuais de Linguística a mencionem como “a ciência da linguagem” e não como “uma das ciências das linguagens”, não é possível falar de uma Linguística única, já que qualquer ciência é um processo que irá se redefinindo permanentemente na Prática Social. Para Feyerabend (1979), a ciência é uma construção discursiva que, mesmo realizada a partir de uma determinada tradição, não deixa de tornar possível transformar as condições em que circula o discurso dominante. É preciso deixar de compreender a investigação científica como um todo e assumi-la em sua dimensão fragmentária, pois a ciência não é unidade, mas multiplicidade. De fato, existem tantas “Linguísticas” quantos pontos de vistas sobre seus objetos de estudo e seus métodos, pois cabe ao cientista da linguagem definir em que termos concretos será estudada a capacidade humana abstrata de se comunicar.

Nesse sentido, o livro *Conversas com Linguistas* (XAVIER & CORTEZ, 2003) demonstra a riqueza e a diversidade de posicionamentos ao questionar professores(as) brasileiros(as), com mais de vinte anos de experiência em docência e pesquisa, acerca de vários temas. Aqui nos interessa resgatar o questionamento: **o que é Linguística?**

Bernadete Abaurre p. 16-17	Então, eu tenho um pouco de problema em aceitar simplesmente uma definição de linguística como <i>ciência da linguagem</i> . (...) Mas eu me sinto mais confortável com uma definição de linguística que a toma como um amplo campo de estudos sobre a linguagem. Esses estudos estão relacionados aos seus mais variados aspectos: ao seu modo de estruturar-se, de evoluir, aos seus usos, à maneira como ela é aprendida, à maneira como se relaciona com o social, e assim por diante. Vejo a linguística, portanto, como um campo de estudos que acomoda os mais variados temas a respeito de linguagem e das línguas.
-------------------------------	---

<p>Eleonora Albano p. 29-30</p>	<p>Então, é um discurso científico que nasceu na virada do século XX, a partir de outros discursos que já havia por aí, que falavam sobre linguagem e que realmente eram muito heterogêneos. E Saussure teve o papel de peneirar e de saber puxar um fio lógico: vamos separar isso aqui de tal forma que a gente consiga mapear um certo recorte com métodos claros e possa fazer distinções. Então a Linguística é esse conhecimento da linguagem que se quer fazer científico e que, para mim, está sempre entrelaçado com essas outras coisas aí, essas outras formas de saber sobre a linguagem. Então acho que a Linguística é essencialmente uma disciplina confusa, hoje em dia, porque há vertentes dela própria e outros saberes sobre a linguagem; aquela voga da linguística como ciência positiva já passou.</p>
<p>Borges Neto p. 44</p>	<p>Essa questão é extremamente complicada, porque de certo modo, é uma questão normativa, (...) envolve um posicionamento teórico, um posicionamento ideológico, axiológico em relação à linguagem e ao mundo etc. Dependendo da posição que eu assumo, a linguística vai ser uma coisa ou vai ser outra. (...) eu pessoalmente acho que é meio difícil dizer o que é linguística e o que não é linguística. Eu lembro de ter participado de uma mesa-redonda com Rajan em que ele dizia que linguística é uma paixão pela linguagem. Qualquer pessoa que seja apaixonada pela linguagem, e que fale sobre a linguagem, e que comente sobre a linguagem, e que observe a linguagem estará fazendo linguística. Isso é uma posição normativa extremamente frouxa. (...) Minha posição diante da questão é de alguma tolerância, mas sem o exagero de Rajan.</p>
<p>Ataliba de Castilho p. 55-56</p>	<p>Então, a língua e a linguística não são; elas são o que para cada um de nós parecem ser. Não será possível ter uma percepção englobante e compartilhada disso tudo. Acho que cada um de nós fica ali localizado nesses domínios. (...) Por isso acho muito difícil responder o que é língua, o que é linguística, se você não se localiza previamente num ponto de vista numa teoria. (...) Então não dá para responder isso em geral, é preciso verificar de que teoria se está falando, de que visão se está postulando para a língua. E gosto muito de lembrar aos meus alunos que teoria é uma palavra grega que justamente quer dizer <i>visão, ponto de vista</i>.</p>
<p>Carlos Alberto Faraco p. 66</p>	<p><i>Grosso modo</i>, podemos citar uma definição de manual. A linguística é a ciência que tem como objeto a linguagem verbal ou as línguas naturais. Mas para sair do manual, talvez fosse bom pensar que o termo linguística tem uma designação ampla e uma designação estrita. No sentido amplo, poderíamos dizer que a linguística congrega as diferentes atividades de estudo sistemático da linguagem verbal e das línguas naturais, que são desenvolvidas nos departamentos de linguística e nos programas de pós-graduação em linguística, seja no Brasil, seja no mundo. Linguística seria, então, o conjunto de atividades científicas que os que se designam linguistas desenvolvem no contexto universitário.</p>
<p>José Luiz Fiorin p. 73</p>	<p>Bom, uma definição <i>hard</i> de linguística diz que ela estuda os componentes estruturadores da linguagem: a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica. E a semântica é uma semântica formal. Ora, penso que a linguística é todo o estudo da linguagem humana e das linguagens humanas. Quer dizer, na verdade, qualquer tipo de abordagem da linguagem humana é linguística. E, portanto, eu não posso compartilhar da concepção <i>hard</i> da linguística que considera linguística a fonologia, a morfologia, a sintaxe e tal. Mas tudo o que se destina a analisar algum componente, existe algum aspecto da linguagem humana, isso é linguística.</p>

<p>João Wanderley Geraldi p. 81-83</p>	<p>Eu diria que linguística, tal como a recebemos como herança cultural, é uma das caixinhas de um certo modo de produzir conhecimentos, um conjunto de instrumentos, procedimentos, enunciados em base nos quais se assenta a produção de novos conhecimentos. Talvez, mais apropriadamente se poderia chamar de “disciplina”, no sentido de Foucault. (...) Hoje, mais do que certezas e procedimentos garantidos, dispomos de temas, de problemas. Nosso grande tema – a linguagem – é tratado com instrumentos que, às vezes, vêm da sociologia, às vezes, da psicologia cognitiva, às vezes, das ciências cognitivas, das ciências das inteligências artificiais. (...) Esses deslocamentos estão destruindo a noção de disciplina, mas essa destruição da noção de disciplina é a destruição dos seus limites, não dos fenômenos que estudam.</p>
<p>Francisco Gomes de Matos p. 93</p>	<p>Há várias maneiras de se caracterizar. Deixemos a definição para os dicionários especializados. Eu caracterizaria a linguística como a ciência que se ocupa do processo linguagem em suas múltiplas representações, principalmente a linguagem escrita, a linguagem falada e a linguagem gestual e que também se ocupa da descrição das origens, da estrutura, do funcionamento e dos efeitos do uso nos usuários. Essa é uma caracterização abrangente e que claro poderia ser ainda mais detalhada, se considerássemos que a linguística como ciência da linguagem e das línguas também interessa a dimensões que transcendem propriamente o estudo linguístico. A linguística é um campo com dupla face: teórica e aplicada, segundo a vocação/a motivação dos que atuam.</p>
<p>Rodolfo Ilari p. 101-103</p>	<p>Esse trabalho que nós fazemos de tentar entender como a língua funciona, não é saber muitas línguas e também não consiste apenas em juntar informações sobre as mais variadas características de uma língua só, mas é tentar ver como funciona. A língua é uma máquina que tem funções a exercer. As pessoas dominam uma parte do funcionamento desta máquina, nem todo mundo domina os mesmos recursos. (...) A linguística seria, digamos, essa ciência intrometida que pretende dizer como é que se faz aquilo que todo mundo sabe fazer. (...) Claro, há também uma série de finalidades práticas, que são mais fáceis de resolver quando você tem um domínio conceitual mais explícito da máquina. Você pode querer construir geladeiras que obedecem ao comando de voz, pode até pensar melhor o ensino (...). Linguística é essa prática pela qual nós tentamos dar o manual de uma prática que funciona sem manual.</p>
<p>Mary Kato p. 116</p>	<p>A linguística é uma grande área. A linguística é um termo genérico para muitas subciências, até bastante contraditórias. (...) Então é muito difícil definir linguística. Você pode dizer que a linguística é a ciência que estuda as línguas humanas, as línguas naturais. Agora, a abordagem, o ângulo, é que diferem. Como você aborda um elefante? Segurando pelo rabo, pela tromba, pela orelha. Quer dizer, cada um tem uma perspectiva. É um objeto muito complexo. (...) A língua realmente é uma coisa muito complexa e precisa de muitas cabeças para nela trabalhar.</p>
<p>Ingedore V. G. Koch p. 125</p>	<p>Bom, para mim a linguística é exatamente isso, é a teoria da linguagem verbal. Então, a linguística para mim estuda esse sistema, o sistema linguístico, como dizia Saussure na metáfora do jogo de xadrez, o tabuleiro, as peças, as regras de combinação em todos os níveis. Mas a linguística estuda também a maneira como essa língua é posta em prática no seio da sociedade. Então, é importante haver sempre essa focalização muito grande na prática social.</p>

<p>Luiz Antônio Marcuschi p. 135-136</p>	<p>Difícil dizer o que é linguística, principalmente hoje em dia, quando há muitas tendências. Quando se diz que a linguística é a ciência da linguagem ou da língua é muito complicado. Temos que olhar em primeiro lugar o que é ciência e em segundo o que é língua, aí temos que definir os dois. E aí começa a coisa a complicar. Então uns dizem que linguística é o estudo das formas linguísticas. (...) Outros, como eu mesmo, acham que a linguística pode ser mais ampla e envolve inclusive gramática de texto, análise do discurso e análise da conversação, por exemplo. Isto é, envolve processos, atividades e outras coisas mais. É nesse sentido que eu tomo a linguística. Ela envolve muito mais do que o estudo da forma. Acho que seria a investigação das formas, dos usos e das atividades linguísticas.</p>
<p>Maria Cecília Mollica p. 145</p>	<p>Essa é uma das perguntas mais ousadas e difíceis de responder. É a pergunta primeira que surge tanto do leigo, quanto de estudantes e pessoas da área, (...). Mas qualquer que fosse a resposta seria sempre fragmentada. Uma resposta parcial, olhando só um aspecto e talvez impregnada por uma determinada tradição. Então, de uma forma muito ampla, eu ousaria dizer que é razoável afirmar que a linguística é primeiramente uma área de investigação de conhecimentos que se ocupa de uma gama de questões relacionadas à origem, à natureza e à função da linguagem humana. Nessa medida, são inúmeros os seus domínios. (...) é amplo o diálogo com outras áreas do saber. De modo que os limites e interdisciplinaridade na linguística estão sujeitos a revoluções epistemológicas constantes. É uma área por si só naturalmente fragmentada, razão pela qual a própria definição vai conter uma dinamicidade muito grande.</p>
<p>Diana Luz Pessoa de Barros p. 153</p>	<p>Bom, se você estiver pensando como um linguista em sentido restrito, é a ciência que constrói um objeto (...) e que trata desse objeto de uma certa perspectiva teórica e metodológica. (...) Então o que caracteriza a linguística, seja ela uma ciência, seja ela um projeto de ciência, é o fato de ser descritiva e explicativa do objeto que construiu, podendo, portanto, variar nas diferentes teorias, mas tendo sempre de ser descritiva e explicativa. (...) Se tomarmos a linguística como uma disciplina de caráter científico, a sua principal característica vai ser a de procurar descrever e explicar os fatos da língua, quer seja a língua pensada com heterogeneidade, ou como um sistema, ou com fatos de competência.</p>
<p>Sírio Possenti p. 166-167</p>	<p>A linguística se define muito mais pelas divisões institucionais do que por uma certa imanência do objeto, embora ele não deixe de afetar a institucionalização dos trabalhos. Assim, um pouco como piada, se poderia dizer que linguística é o que se faz nos departamentos de linguística. Mas há um risco que eu gostaria de mencionar: há linguistas que acham que estudar questões da língua é chato e se metem a falar de outros campos. Vão para a história, para a antropologia etc., porque nesses campos, sim, há coisas interessantes a pesquisar, e acabam fazendo péssima história e antropologia de segunda. Seria melhor que mudassem de departamento, já que não gostam daquilo que teriam que fazer.</p>
<p>Kanavilill Rajagopalan p. 178</p>	<p>Dizendo de forma curta e grossa: é uma das tantas maneiras de pensar a linguagem, que, por razões históricas, passou a ser “a” ciência. Isto é, o linguista não detém nenhum monopólio sobre a linguagem.</p>

<p>Margarida Salomão p. 188-189</p>	<p>Acho que a linguística é um campo interdisciplinar, um campo discursivo e um domínio social. A linguística é esse campo discursivo que trata a linguagem de uma forma não normativa, e que procura entendê-la sob o aspecto social, sob o aspecto cognitivo e sob o aspecto gramatical. (...) é o estudo da linguagem que tenta ser científico, mas definitivamente não normativo. (...) E eu penso que hoje a linguística como um empreendimento extremamente bem-sucedido, pode se dar ao luxo de franquear suas fronteiras e de permitir relações mais intensas com outros saberes (...) como a neurobiologia, a psicologia cognitiva, a antropologia, a filosofia da linguagem, a inteligência artificial. Então essas disciplinas representam uma quantidade de saberes com os quais a linguística hoje interage muito fortemente (...).</p>
<p>Carlos Vogt p. 197</p>	<p>A coisa mais simples do mundo. Linguística é exatamente o estudo dessa coisa fantástica que permite a um indivíduo produzir uma série de sinais acústicos ou gráficos e associar a eles um significado. Só. E (...) descobrir quais são as regras, os protocolos intelectuais, de inteligência, afetivos, objetivos, subjetivos, sociais etc., que integram sistematicamente esse aparelho neurofisiológico e tornam esse aparelho tão completo que permite a você produzir a sequência de sinais e associar a eles um sentido, um significado, com os quais não tem absolutamente nada, nada a ver. Em outras palavras, é selecionar, talvez, o maior paradoxo do ser humano, que é produzir sentido com sinais que não tem nada a ver com esse sentido. Isso é fazer linguística.</p>
<p>Mário Perini Revel (2010)</p>	<p>A linguística é uma tentativa de descrever e compreender um fenômeno muito misterioso: uma pessoa pode comunicar a outra certas ideias através de sinais sensorialmente perceptíveis. Em outras palavras, é o estudo dos códigos usados pelas pessoas para se comunicarem, e da capacidade inata que nos permite levar a efeito essa atividade. Além desse estudo basicamente estrutural, a linguística também estuda a evolução histórica das línguas, as variantes que uma língua mostra segundo seu uso pelas diferentes classes sociais, as variantes regionais, o processo de aquisição da linguagem pelas crianças e vários outros aspectos da estrutura e do uso das línguas. Há também um esforço no sentido de descobrir os traços comuns a todas as línguas, com a ideia de que eles são evidência de aspectos da programação inata que nos permite adquirir e utilizar uma língua natural. Acrescente-se a tudo isso a procura de aplicações dos resultados da linguística à solução de problemas práticos, em especial ao ensino de línguas.</p>

Em comum à maioria dos conceitos de Linguística mencionados está a questão da cientificidade dos Estudos da Linguagem. Na história da constituição das áreas do conhecimento, especialmente a partir da tendência positivista do século XIX, a palavra *ciência* teve uma posição de destaque. No interior de cada área acadêmica, configurou-se como científico o saber mais legitimado entre os demais saberes. É neste espaço que a Disciplina Linguística vai se constituir como “a” ciência da linguagem em detrimento da filologia e da gramática comparada, hegemônicas até então. Contudo, não se pode negar o estatuto científico aos

estudos anteriores de Saussure, pois já se encontravam presentes neles os requisitos que se costumam exigir para reconhecer a cientificidade de uma área do conhecimento: objeto e metodologia definidos, formulação de hipóteses, procedimentos explícitos de testagem, conclusões passíveis de fundamentar o avanço da pretendida ciência.

A demanda por cientificidade, evocou o termo **disciplina** como um espaço privilegiado de funcionamento dos conhecimentos universitários. Isto significa que a Linguística se tornou no Século XX o lugar da administração, da regulação, da divisão e da disciplinarização dos saberes, nos termos de Foucault (1996). Nesse processo, outras vozes que poderiam “falar” sobre a linguagem serão diminuídas ou até completamente silenciadas, como é o caso da filologia, da gramática, da estilística, da semiótica, da literatura, da história, da antropologia, da sociologia, da filosofia, da matemática, da computação, da psicologia, da medicina, da biologia, da psicanálise, do direito, entre outras áreas em interface com a linguagem. Segundo Costa (2015: 110), as vozes da gramática comparativa, da filologia e da linguística ainda são amplamente ouvidas nas universidades do século XIX, assim como na *Société de Linguistique* de Paris. A universidade do século XX, todavia, disciplinará essas vozes e colocará na voz da linguística, o adjetivo científico. Ser linguista passou a ser considerado o único modo de subjetividade que fala cientificamente sobre a língua, isto é, a voz legitimada, dominante e hegemônica.

Nesse sentido, a Olimpíada de Linguística é uma outra voz, uma outra subjetividade, um outro discurso ou um outro saber sobre a linguagem e as línguas, segundo o ponto de vista de Eleonora Albano, relatado anteriormente. Desde o início, a Disciplina Linguística e a Olimpíada de Linguística assumiram posicionamentos axiológicos distintos, mas não necessariamente conflitantes, em relação à linguagem. Isto significa que as duas construções discursivas seguiram caminhos institucionais diferentes, criando pontos de divergência e de convergência que, ora distanciam e ora aproximam as suas características.

A Disciplina Linguística Moderna foi pensada em cursos universitários para ficar circunscrita ao domínio de teóricos autorizados do *lócus* de saber especializado: a Universidade. A Olimpíada também foi concebida em cursos universitários, mas para ser organizada por professores e estudantes no *lócus* do saber generalista: a Escola. Entretanto, a Olimpíada espalhou-se por diversos espaços institucionais, como veremos mais adiante neste capítulo.

Diante da institucionalização, na Disciplina Linguística, apenas quem possui a *licentia docendi*, a autorização de ensino ou diploma, é uma voz legitimada para falar com os aprendizes e com outros especialistas em aulas, palestras, cursos, congressos e publicações científicas. Algumas práticas limitam-se, inclusive, a portadores de diplomas do máximo grau acadêmico: o doutorado. Enquanto isso, na Olimpíada de Linguística, essa licença universitária, apesar de relativamente comum, não será uma exigência obrigatória dessa prática, ou seja, vozes não-outorgadas pelo poder acadêmico, principalmente de ex-participantes mais experimentados, se constituem aptas e legítimas. Cientistas especializados e estudantes experientes participam em equidade de responsabilidades.

Como nos mostrou brevemente Maria Cecília Mollica, cada conceito de Linguística parece estar impregnado por uma determinada tradição. Certamente, a Disciplina homônima seguiu a brilhante tradição iniciada por Ferdinand de Saussure (1857-1913), baseada numa construção discursiva que busca descrever e explicar os fatos linguísticos, de forma sistematizada e autônoma, instalada nos Departamentos de Linguística, conforme corroboram os depoimentos de Carlos Alberto Faraco e Sírio Possenti. Essa mentalidade mais teórica e imanente disseminou-se pelo Brasil quando o parecer 283/62, do Conselho Federal de Educação - CFE, aprovado em 19 de outubro de 1962, instituiu a Disciplina Linguística como componente dos cursos de Letras em todo o país. Naquela época, existiam oitenta e três (83) cursos de Letras¹⁶, seguidores da tradição filológica que norteava o ensino de línguas numa perspectiva histórica e normativa. A nova disciplina institucionalizou-se com a ênfase na descrição sincrônica das línguas, com forte influência do Estruturalismo e do Gerativismo. Assim, em decorrência de fatores aqui não explorados, em 2018, o número de cursos de Letras presenciais¹⁷ era de 1.212 (748 em IES públicas e 464 em IES privadas) e mais 183 cursos de Letras à Distância, muitos dos quais ainda possuem a tendência de foco na língua independente de aspectos contextuais, isto é, de forma imanente, autônoma, fechada em si mesma. Essa visão de língua(gem) está em um contínuo e lento processo de mudança, em maior ou menor grau, dependendo da IES, para incluir aspectos funcionais, pragmáticos, ideológicos, entre outros, na visão do curso.

¹⁶ <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/linguagem/ling15.htm> Acesso em 11/06/2020.

¹⁷ <https://www.cesgranrio.org.br/pdf/Enade/2%20-%20RELATORIO%20DE%20LETRAS%20DIGITAL%20COMPLETO.pdf> - p. 31. Tabela 4.1. 11/06/20.

Curiosamente, são nos currículos dos seis (06) bacharelados¹⁸ em Linguística e nas linhas de pesquisa dos cento e três (103) Programas de Pós-Graduação (mestrados e doutorados) na área de Estudos da Linguagem¹⁹ que podemos observar uma maior tendência de interface da Disciplina Linguística com a cultura, com a tecnologia, com a educação, enfim, com outras áreas de conhecimento mediante aplicações diversas, interface excluída de muitas graduações em Letras.

Historicamente, a Olimpíada de Linguística seguiu a influência de *Jean-François Champollion* (1790-1832), que decifrou a Pedra de Roseta, em 1822, e abriu caminho para que se compreendesse a história, religião e cultura do antigo povo egípcio. Na tradição discursiva da Olimpíada, a curiosidade, a criatividade, o raciocínio e o desafio são qualidades intrínsecas das atividades. Nessa mentalidade mais logicista e aplicada na resolução de problemas práticos, como indicaram Rodolfo Ilari e Mário Perini, os dados linguísticos representam a “chave-mestra” para abrir novos conhecimentos em prol da coletividade, ou seja, os problemas linguísticos **não** são entendidos como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta capaz de impactar positivamente toda a sociedade.

Champollion desenvolveu sua lógica particular, seu próprio raciocínio para repensar o desafio da Pedra de Roseta a partir de dados já disponíveis em sua época. Ele obteve uma cópia de dois textos que provinham de um obelisco da região de *Philae*, descoberto em 1815, onde estavam escritos os nomes de Ptolomeu e Cleópatra, tanto em escrita hieroglífica quanto em grego, apesar de um texto não ser a tradução do outro. O estudioso conseguiu isolar cada um dos sinais que compunham os dois nomes e os comparou em seguida, fato que lhe foi bastante útil para a decifração dos escritos da Pedra de Roseta, pois ele utilizaria a mesma técnica posteriormente. Segundo Costa (2015: 157), muitos acadêmicos sabiam do fato de pessoas comuns do século XIX olharem com admiração as descobertas de *Champollion*, porém essa mesma admiração da sociedade não acadêmica não seria extensiva às ideias de Saussure anos mais tarde, as quais se demonstravam de difícil compreensão até para outros professores de sua época.

¹⁸ Nas Universidades Estaduais de São Paulo (USP), de Campinas (UNICAMP) e de Mato Grosso do Sul (UEMS), e nas Federais de São Carlos (UFSCAR), de Minas Gerais (UFMG) e de Goiás (UFG).

¹⁹<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=41> Acesso em 16/12/2020.

Contudo, é importante destacar também os pontos de convergência que compartilham a Disciplina Linguística e a Olimpíada de Linguística. Primeiramente as duas tradições discursivas abandonaram o pré-requisito do conhecimento de outras línguas, especialmente as clássicas como grego, latim e sânscrito, para a descrição e a explicação de um idioma ou fenômeno qualquer, como era comum nas análises filológicas do século XIX. Fazer linguística significa entender de que forma a língua funciona, não mais saber muitas línguas, como bem apontou Rodolfo Ilari. Inclusive, desde as aulas do famoso Curso de Linguística Geral, o domínio de outros idiomas já não era privilegiado, como justifica Costa (2015):

A burguesia que adentrará as universidades do mundo, incluindo a de Genebra, espera conseguir bons empregos e boas remunerações com os conhecimentos que aprenderão na 'catedral do saber'. Os alunos com os quais Ferdinand de Saussure se defrontará não serão mais versados em latim, grego ou sânscrito, nem em francês ou alemão antigo. (p. 148)

(...)

O novo curso, menos filologicamente ambicioso que seu antecessor, foi projetado para estudantes cujos conhecimentos de latim e grego não eram necessariamente muito detalhados, e que não conheciam linguística. O tipo de estudante, em outras palavras, que estava se tornando a norma na Faculdade de Letras e Ciências Sociais. (p. 201)

Outro fator em comum diz respeito à interdisciplinaridade. Tanto a Disciplina como a Olimpíada homônima promovem um forte diálogo com outras áreas do conhecimento ao limite de provocar deslocamentos epistemológicos, como ressaltaram os depoimentos das linguistas Eleonora Albano, Maria Cecília Mollica e Margarida Salomão. Esses movimentos característicos da pós-modernidade estão reconfigurando a área da Linguística por meio do rompimento de fronteiras entre as disciplinas e a integração de novos saberes, novos objetos e novas metodologias de estudo, como também destacou a resposta de João Wanderley Geraldi.

Por fim, tanto a Disciplina Linguística quanto a Olimpíada de Linguística contêm Práticas Discursivas que despertam em quem as conhece um fascínio pela linguagem. Muitos participantes de cursos ou atividades, teóricas ou práticas, se sentem atraídos pela diversidade e pelos mistérios das línguas humanas. Isso faz com que o linguista, iniciante ou experiente, mesmo ao longo do tempo, permaneça apaixonado pela linguagem, falando sobre a epifania das línguas, comentando as curiosidades das diferentes visões de mundo, enfim, fazendo linguística, nas palavras do professor Rajagopalan, relatadas por Borges Neto.

Portanto, “*mas será que isso é mesmo Linguística?*” Sim. A Olimpíada de Linguística está sim inserida no amplo campo de estudos da Disciplina, já que se destina a analisar diferentes aspectos da linguagem humana, como mencionaram Ataliba de Castilho e José Luiz Fiorin. A Olimpíada é o espaço privilegiado de diálogo com os não especialistas, que constitui tanto a popularização quanto a divulgação científica. Esse evento adota um ponto de vista de estudos aplicados, que buscam a resolução de Problemas Linguísticos para repensar questões práticas e cotidianas em interface com a linguagem, entretanto de uma forma lúdica e atrativa para o público-alvo. A Olimpíada de Linguística, apesar de seguir outra tradição discursiva, está em consonância com a interface das teorias da Disciplina Linguística, porém de forma não exclusiva a uma só vertente. Em outras palavras:

Parece estar-se configurando em nosso tempo uma nova epistemologia linguística. Ela está ligada ao dismantelamento das fronteiras; à diminuição da soberania dos Estados nacionais com a criação das grandes entidades transnacionais; à livre circulação de bens e de capitais; à descrença nas grandes narrativas; enfim, ao fenômeno que é chamado globalização e à sua expressão cultural que é denominada pós-modernidade. As circunstâncias históricas criaram um tempo em que adquirem relevo as margens, o descentramento, o dialogismo, as mestiçagens, os hibridismos, as imigrações, a recusa da pureza. Esse ar do tempo leva a pôr em questão os construtos teóricos com que operamos e propõe uma epistemologia fundada na instabilidade, na continuidade, na mistura linguística, nas práticas de linguagem, na heterogeneidade, nos fluxos, nas trocas, nos entrelugares etc. Essa epistemologia está alterando a configuração de alguns objetos teóricos (...) (FIORIN, 2013: 9. Linguística? O que é isso?).

Essa é a Linguística de hoje: híbrida, mestiça, heteróclita, transdisciplinar, plural, de fronteiras líquidas, enfim, um estudo científico heterogêneo que agrega a liberdade de configurações de teorias e/ou metodologias, desde que compatíveis epistemologicamente. Não é novidade, portanto, que a análise das Olimpíadas de Linguística se mostre uma construção discursiva que, mesmo realizada a partir de uma determinada tradição, permite aproximações e distanciamentos dos discursos dominantes da área, o que possivelmente causará algum estranhamento a quem não estiver tão acostumado com a heteróclita e multifacetada Linguística.

Como já afirmamos, assumimos nesta Tese a dimensão fragmentária da Ciência da Linguagem, considerando a língua um fenômeno social, histórico e ideológico, que não separa o individual do social. Todo enunciado é um elemento linguístico produzido em determinada situação comunicativa, localizado no tempo e no espaço, advindos de sujeitos socio-histórico-ideológicos. Portanto, os enunciados precisam ser analisados consoante as amplas estruturas sociais.

Desse modo, ao analisar as diversas fontes e *corpora*, buscamos desnaturalizar de forma consciente o senso comum, pois assim há a possibilidade de nulificar ou coibir o funcionamento ideológico da linguagem (RAMALHO, 2010). Todo enunciado se torna um espaço de luta hegemônica, em que interagem múltiplas vozes sociais, expressando determinadas representações da realidade (ideologias), que podem contribuir para instaurar, sustentar ou transformar relações sociais de poder, dominação e exploração.

Assim, ao questionarem “*De qual Linguística a Olimpíada trata?*” ou “*Em qual teoria a Olimpíada de Linguística se ancora?*”, é possível perceber que a indagação trata mais sobre a ontologia e a epistemologia da própria Disciplina Linguística do que especificamente sobre a natureza da Olimpíada de Linguística. Em outras palavras, a tentativa de quem pergunta é tentar localizar como funciona uma Olimpíada de Linguística dentro da miscelânea de elementos que podem fazer parte do escopo da Ciência da Linguagem.

Da mesma forma, os questionamentos sobre “*Como existe uma Olimpíada de Linguística se os estudantes de ensino médio nunca estudaram essa disciplina?*” ou “*Qual universidade organiza a Olimpíada?*”, de fato, indagam sobre a constituição Disciplinar da Linguística nas instituições em que ela é praticada, pois quem pergunta questiona o público-alvo do Ensino Médio e, ainda, o *locus* de realização, o ambiente escolar. A disciplinarização da Ciência Piloto das Ciências Humanas delimitou os saberes linguísticos legitimados no domínio das universidades (que mantêm a reserva de domínio até a atualidade), silenciando outras vozes e instituições. Essa postura restringiu os estudos científicos da linguagem aos teóricos/docentes/pesquisadores universitários, excluindo o professor escolar.

Nesta perspectiva, refletir sobre a legitimidade dos saberes sobre a linguagem implica revelar como a produção de conhecimento linguístico está historicamente marcada por condições materiais específicas que envolvem o político, o institucional, o ideológico e o simbólico. Dentro dessas condições, os saberes legitimados podem traçar diferentes caminhos em espaços ou épocas semelhantes, e tais caminhos, por vezes, se cruzam, se aproximam, se desdobram, se opõem ou se distanciam. Assim, passemos a observar as condições materiais específicas de como os deslocamentos se refletiram na Institucionalização das Olimpíadas de Linguística ao longo de sua história, em seus valores e em seus participantes.

2.2 Fragmentos historiográficos das Olimpíadas de Linguística

O sucesso de qualquer projeto científico depende, até certo ponto, de uma organização institucional sólida e de um treinamento efetivo dos atuais e futuros cientistas. Nesse sentido, em 1960, começou a ser erguido o empreendimento acadêmico que moldou as Olimpíadas de Linguística da forma como conhecemos hoje. Foi criado o Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (*OTiPL* na sigla original que optamos para todas as instituições) na Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Moscou Lomonósov (*MGU* em russo ou *MSU* nos *links* em inglês), instituição em homenagem a *Mikhail Vasilievich Lomonósov*, escritor da primeira gramática russa e primeiro cientista russo a alcançar projeção mundial.

Na história das ciências humanas na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o *OTiPL* desempenhou um papel excepcionalmente importante, pois foi um dos poucos lugares onde se instalou uma comunidade científica muito produtiva, inovadora e relativamente independente²⁰, ou seja, menos subjugada ao controle ideológico soviético realizado por diversos órgãos de poder estatal para a conformidade dos estudos científicos ao pensamento predominante do marxismo-leninismo e à construção do socialismo/comunismo²¹. Tal vigilância do Partido Comunista resultou em uma campanha generalizada de repressão às áreas científicas declaradas "burguesas" e "idealistas" em que muitos foram perseguidos, reprimidos, eventualmente até mortos. Nas palavras do filólogo e linguista *Dmitry Sergeevich Likhachev*²², no prefácio da obra *Ciência reprimida* (1991):

É extremamente difícil imaginar todos os desastres da "ciência reprimida". A questão não é apenas que cientistas individuais ou certas áreas da ciência foram perseguidas, proibidas, destruídas ... Incutiu-se a ideia de que, desde o início da pesquisa, apenas um caminho podia ser correto, uma direção verdadeira, uma escola científica e, naturalmente, o "líder" de sua ciência. A ciência se desenvolveu (se é que pode ser chamada de desenvolvimento) sob a pressão dos pensamentos sobre a correção de uma direção e a incorreção de todas as outras. E essa direção "correta", escolhida por motivos puramente externos, foi declarada autenticamente marxista. (...) A predeterminação da verdade era considerada inegável, especialmente nas ciências sociais, mas não apenas nelas. Dessa forma, foi criada a noção de busca da verdade como uma busca por algo que já se possui, como uma escolha de pontos de vista existentes. E essa escolha deveria ter sido feita

²⁰ https://elementy.ru/nauchno-populyarnaya_biblioteka/431784/Pamyati_Aleksandra_Evgenevicha_Kibrika Acesso em 16/12/2019.

²¹ http://old.russ.ru/ist_sovr/20020704.html Acesso em 16/12/2019.

²² <http://old.ihst.ru/projects/sohist/books/os/5-6.htm> Acesso em 16/12/2019.

por razões políticas, geralmente da natureza mais escolástica. A ciência, principalmente as disciplinas sociais, foi politizada e esquematizada até o limite. Essencialmente, tudo isso recusava a própria possibilidade de descobertas na ciência. As pesquisas particulares, embora não fossem proibidas explicitamente, não eram aprovadas. O papel das surpresas na ciência e as conclusões "imprevisíveis" decorrentes de experimentos, fontes manuscritas, considerações desinteressadas etc. era ignorado. Supunha-se que na ciência se devesse "provar" (mais precisamente, selecionar provas) um ponto de vista já predeterminado por considerações políticas. Era incontestável que na ciência haja apenas duas vontades opostas: uma que aceita as classes (ideologia proletária) e outra hostil às classes. Daí o surgimento na ciência de um grande número de "inimigos" do regime vigente e das autoridades do Estado, pragas, simples criminosos, sujeitos a prisão e punição - até à execução. O progresso da ciência foi concebido como represália àqueles que não concordavam com a única direção *a priori* correta. (...) Foram destruídos não apenas institutos, laboratórios, cientistas e escolas científicas, mas também livros, manuscritos e dados experimentais. "Ataques hostis", "inimigos de classe na ciência", "vermes", "contrabando burguês na ciência" etc. - expressões como essas abundavam nos "trabalhos científicos" dos anos 30-50 do século XX na URSS. As pessoas foram perseguidas por guardar livros de autores proibidos, por mencioná-los em seus escritos e, por outro lado, por não se referenciar ao "trabalho dos grandes líderes". Estes, como se supunha e afirmava, nunca estavam errados, nunca disseram ou escreveram nada sem sentido. Tudo isso cresceu ao ponto de política social total. (Tradução nossa).

Nas décadas de 1920 e 1930, estima-se que 2.000 escritores e intelectuais foram presos e 1.500 morreram em prisões e em campos de trabalhos forçados denominados *Gulags* na URSS. A princípio, os livros censurados foram simplesmente destruídos, mas a partir de 1926 as chamadas "lojas especiais" foram criadas em grandes bibliotecas para armazenar livros e periódicos disponíveis apenas a quem recebesse uma permissão especial. Em algumas delas, no final dos anos 80, havia até meio milhão de obras confiscadas. De 1930 a 1953, época de severa censura do Partido Comunista, áreas inteiras da ciência foram proibidas, como a genética e a cibernética. A citação de um determinado autor já era suficiente para colocar a obra em restrição. Se um autor estivesse na lista de "inimigos do povo", seus escritos seriam imediatamente removidos não importando a natureza da publicação. Entre 1937 e 1939, época de extrema perseguição política conhecida como "o grande expurgo", 16.453 títulos de livros, totalizando 24.138.799 exemplares, foram retirados das bibliotecas e da rede de vendas. Materiais sobre semiótica, estruturalismo e qualquer outra teoria formal que prevalecia no Ocidente eram consideradas teorias "burguesas" da linguagem, sendo automaticamente banidas. Até mesmo autores como *Mikhail Bakhtin*, *Nikolai Trubetskoy*, *Roman Jakobson*, *Yuri Lotman*, *Boris Eichenbaum*, e todos os vencedores do Prêmio Nobel de Literatura de origem soviética foram censurados integral ou parcialmente.

Durante o século XIX, os linguistas do Império Russo sempre estiveram em contato com os avanços da ciência linguística europeia. A Revolução Bolchevique de 1917 fez com que se interrompessem os contatos com o resto do mundo. De forma geral, a área da Linguística na URSS no século XX foi representada por muitas escolas e tendências, no entanto, adotou-se a única metodologia possível, o materialismo histórico. Alguns estudiosos seguiram as ideias do georgiano *Nikolay Yakovlevich Marr*, chamada de *Nova Doutrina da Linguagem*, em que a linguagem é um instrumento de dominação de classe e que a estrutura linguística é determinada pela estrutura econômica da sociedade. A teoria de *Marr* era de natureza pseudocientífica, pois trabalhava com várias declarações improváveis, por exemplo, derivando todas as palavras de todas as línguas de "quatro elementos primitivos". Contudo, o marrismo recebeu apoio oficial da liderança do Partido Comunista e, entre os anos 1920 e 1950, foi promovida como uma linguística "verdadeiramente marxista". Em 1927, ninguém menos que *Andrei Yanuaryevich Vyshinsky*, então diretor da Universidade Estatal de Moscou Lomonósov (*MGU*), exigiu em sua instituição a introdução do marrismo no ensino universitário, considerando inimigos públicos os críticos das ideias de *Nikolay Marr*, que logo sofreram represálias, o que atrasou significativamente o desenvolvimento da Linguística na URSS por 30 anos (ALPATOV, 1991).

Em 1948, os marristas começaram uma última campanha com o objetivo de eliminar definitivamente a ciência "burguesa" e seguir ortodoxamente a *Nova Doutrina da Linguagem*. Todavia, o efeito da campanha mostrou-se radicalmente contrário. Em resposta à investida dos marristas, em 1950, o linguista georgiano *Arnold Stepanovich Chikobava* ofereceu subsídios ao político de origem georgiana *Josef Vissariónovitch Stalin*, para que este decidisse assumir uma posição amplamente reconhecida no senso comum contra os ensinamentos absurdos de *Marr* (porém que representavam também o ponto de vista de vários pesquisadores estrangeiros considerados como inimigos). As razões do apego de *Joseph Stalin* à Linguística ainda não são totalmente claras, mas ele, de fato, publicou no influente jornal *Pravda* um artigo chamado "O marxismo e as questões da linguística" criticando fatalmente o marrismo pseudocientífico, alegando, entre outros motivos, que a linguagem não dependia da organização econômica, visto que a língua russa usada pelo capitalismo pré-revolucionário e pelo comunismo pós-revolucionário era a mesma. Tal afirmação, ainda que óbvia, ninguém teve a audácia de enunciar

antes. Nas palavras do líder soviético: “a linguagem é um meio de comunicação, e não uma superestrutura. Foi criada não por uma classe, mas por toda a sociedade no curso da história pelos esforços de centenas de gerações”. A intervenção de *Stalin* não somente pôs fim ao longo domínio teórico marrista na linguística soviética, como também chamou a atenção do mundo para essa teoria. Porém, os marristas não sofreram represálias ou expulsão das universidades.

Foi neste contexto de repressão bibliográfica, intelectual e institucional à academia que *Vladimir Andreevich Uspensky*, então estudante do terceiro ano de matemática, e *Vyacheslav Vsevolodovich Ivanov*, então estudante do quinto ano de Filologia, em 1950, convenceram-se da existência de aspectos matemáticos no sistema linguístico e passaram a informalmente investigar como a integração da área das ciências exatas com a ciência linguística (não filológica ou histórica como predominava na época) poderia levar à utilização de modelos de sistemas formais, lógicos, para descrever a estrutura das línguas naturais. Devido ao relaxamento parcial da censura, período conhecido como “degelo de *Nikita Khrushchov*”, apenas seis anos mais tarde, em 1956, *Uspensky* e *Ivanov*, agora professores assistentes dos cursos que se graduaram na *MGU*, propuseram a realização de uma série de seminários visando discutir a interface matemática na estrutura linguística. Contudo, como o termo “estrutura” ainda era considerado “burguês”, o ciclo de seminários foi chamado de “Algumas aplicações de métodos matemáticos em linguística”.

Os seminários reuniram semanalmente docentes e discentes que eram (ou se tornariam) notáveis cientistas na URSS, como os matemáticos *Vladimir Andreevich Uspensky*, *Yuri Alexandrovich Shikhanovich*, *Andrei Nikolayevich Kolmogorov*, *Alexander Dmitrievich Wentzel*, e os linguistas *Vyacheslav Vsevolodovich Ivanov*, *Aleksandr Aleksandrovich Reformatsky*, *Peter Savvich Kuznetsov*, *Victor Yulievich Rosenzweig*, *Igor Alexandrovich Melchuk*, *Vladislav Markovich Illich-Svitych*, *Alexander Evgenievich Kibrik*, *Sebastian Konstantinovich Shaumyan*, *Aharon Borisovich Dolgopolsky*, *Isaac Iosifovich Revzin*, *Vladimir Antonovich Dybo*, *Boris Yurievich Gorodetsky*, *Andrei Anatolievich Zaliznyak*, *Alfred Naumovich Zhurinsky*, entre outros. Essas ações inovadoras renovaram a linguística soviética após a catastrófica dominação pseudocientífica oficial. (cf. Maria Mikhailovna BURAS, 2021)

O primeiro seminário (da série de 31 encontros) ocorreu em 24 de setembro de 1956 e o responsável oficial foi o professor da Faculdade de Filologia *Kuznetsov*, amigo do influente linguista *Reformatsky* e frequentador de seminários matemáticos.

Em 1958, o professor *Ivanov* foi demitido da *MGU* por discordar abertamente da avaliação oficial do romance "Doutor Zhivago", do escritor *Boris Pasternak*, e a apoiar publicamente as opiniões de *Roman Jakobson*, os quais eram perseguidos pelo Partido Comunista. Os seminários, como consequência, foram interrompidos.

Então, *Vladimir Andreevich Zvegintsev* propôs a criação de um departamento que incluísse a nova área, chamada de Linguística Matemática, em paralelo com as disciplinas já existentes da Faculdade de Filologia: o *Departamento de Linguística Estrutural e Aplicada*. Em 19 de maio de 1959, numa reunião com *Ivan Georgievich Petrovsky*, reitor da *MGU*, o matemático *Uspensky* discordou de *Zvegintsev* e defendeu a criação um departamento exclusivamente de linguística, sem as aulas de literatura que estavam embutidas nos departamentos da Faculdade de Filologia. Alguns filólogos se opuseram a separar-se da literatura. Em seguida, *Uspensky* propôs um truque terminológico para agradar a todos: propôs o **Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (OTiPL)**. A ideia foi apoiada pelo diretor *Petrovsky* e, em 1960, ocorreram as primeiras matrículas de estudantes. Mais tarde, o filólogo *Zvegintsev* foi nomeado chefe do *OTiPL*²³ e ficou no cargo de 1962 a 1982.

No final da década de 1950, já estava óbvio que o sistema de ensino superior vigente na URSS não estava pronto para pesquisar a linguagem em interface com as Ciências Exatas. Na medida em que o objetivo de um linguista passou a ser analisar as línguas naturais por meio de modelos lógico, o domínio do raciocínio matemático mostrou-se um excelente aliado. A criação do Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (*OTiPL*) foi fruto do interesse por problemas aplicados, associados ao processamento automático de texto e a tradução automática, áreas extremamente novas em 1960. Pressupunha-se que, para solucionar os problemas de processamento da linguagem, o idioma precisava ser descrito por métodos exatos e modelos formais, o que implicava na atuação conjunta de linguistas e matemáticos. A implementação desse programa, na prática, significou não apenas a separação institucional da linguística teórica e da tradicional filologia vigente, mas também a relativa liberdade administrativa da pesquisa linguística do dogmatismo dos guardiões da "pureza ideológica" marxista-leninista.

²³ De 1962 a 1992, o *OTiPL* chamou-se Departamento de Linguística Estrutural e Aplicada (*OSiPL*), como *Zvegintsev* propôs inicialmente. Em 2011, o nome foi novamente modificado para "Departamento de Linguística Fundamental e Aplicada" a fim de enfatizar a natureza fundamental da formação necessária e ao mesmo tempo a seu foco em aplicações de alta tecnologia.

Os fundadores do *OTiPL* conseguiram aproveitar a conhecida reverência das autoridades acadêmicas e governamentais pelas Ciências Exatas para impulsionar a área de Ciências Humanas, que foi severamente perseguida por vários anos. No imaginário coletivo da época, a linguística estrutural era considerada uma ciência do futuro, um símbolo da modernidade (cf. BURAS, 2021: 19). Apesar de ter que lidar constantemente com acusações de "propaganda da linguística burguesa", as atividades do Departamento voltadas às áreas inovadoras foram se aprimorando e, por mais de 20 anos, seu corpo docente e discente foi adquirindo experiência e consolidando-se como um grupo inovador, de vanguarda, na linguística soviética.

Desde o início, o *OTiPL* já contava com a presença de um curso de matemática em uma faculdade de humanidades, o que era muito exótico, mas que contribuiu para modificar radicalmente as ideias sobre o que está incluído no conhecimento básico de um linguista profissional. No início, não havia um currículo definido, não havia experiência de ensino nesse formato. Docentes e discentes tiveram que aprender juntos. O Departamento se dispôs, então, ao trabalho criativo, à abertura ao novo e à rejeição ao dogmatismo. Nas palavras de Kibrik (2001)²⁴, reinou uma atmosfera de descoberta, entusiasmo e crença incondicional em um futuro promissor. A primeira década do novo Departamento pode ser chamada de período de acumulação de experiência e formação de tradições.

A estrutura curricular foi sendo desenvolvida gradualmente. Porém, os princípios básicos da formação linguística e matemática já foram definidos nos primeiros momentos da existência do *OTiPL*. O programa fornecia disciplinas matemáticas ao longo de todos os cinco anos (lógica matemática, estatística, teoria das probabilidades e várias outras) e o estudo aprofundado de no mínimo duas línguas estrangeiras vivas. De fato, muitos alunos cursavam três ou até quatro idiomas. Como parte de sua formação, os estudantes recebiam muitos conceitos teóricos modernos, ainda emergentes, como História das Doutrinas Linguísticas, Psicolinguística, Sociolinguística, Semiótica e Linguística Aplicada, informações básicas sobre as línguas do mundo e os problemas da classificação genética, tipológica e geográfica das línguas. A união dos fundamentos linguísticos e das disciplinas de exatas não foi encontrada em nenhuma outra Instituição de Ensino Superior na URSS. De fato, até em outros países também é uma raridade.

²⁴ <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/department/history-1960-2000> Acesso em 16/12/2019.

O surgimento do modelo educacional do Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (*OTiPL*) pode ser considerado o resultado de uma combinação bem-sucedida de circunstâncias internas e externas a Universidade Estatal de Moscou Lomonóssov (*MGU*). Primeiro, pela necessidade de estudos aplicados visando combater a abstração incomprovável da Linguística que dominou a URSS até 1955. Assim, ganharam relevância métodos exatos nas ciências humanas como o modelo “Sentido↔Texto” que, orientado por *Ivanov* e *Reformatsky*, foi desenvolvido pelo linguista *Igor Melchuk*. Mais tarde, *Melchuk* e o matemático *Alexey Andreevich Lyapunov* criaram o primeiro sistema de tradução automática da URSS.

Segundo, pela valorização entre os docentes e discentes da *MGU* de áreas do saber acadêmico que foram anteriormente difamadas e perseguidas, como a genética e a cibernética, por exemplo, consideradas “pseudociências burguesas e reacionárias” até o “degelo de *Nikita Khrushchov*”²⁵. Com a invenção do *transistor* e das primeiras linguagens de programação, novos experimentos em tradução automática foram relatados em revistas científicas russas. Com a apreensão de ser “*apenas*” demitido, não mais torturado, exilado ou morto, abriram-se perspectivas promissoras para a aplicação do conhecimento linguístico em outras ciências.

Terceiro, pelo surgimento de uma atmosfera de inovação tecnológica. O novo movimento chamado de **Linguística Matemática**, não mais ligado à filologia vigente e nem copiando o estruturalismo abstrato ocidental, poderia impulsionar a recém-criada Linguística Computacional com modelos lógico-formais ou estatísticos de línguas naturais, capazes de reconhecer e produzir informação linguística para sistemas automatizados. Também contribuíram para essa atmosfera de inovação tecnológica na URSS o lançamento em 1957 do *Sputnik 1*, o primeiro satélite artificial do mundo, e o sucesso da primeira missão do programa espacial soviético *Vostok 1*, a primeira missão espacial tripulada da história, em 1961.

O encontro dessas circunstâncias favoreceu a atenção dos estudantes de linguística e do público em geral para áreas aplicadas à tecnologia. Algumas conferências reuniram um número expressivo de participantes, até quinhentas pessoas, a quase totalidade sem experiência, mas cheia de entusiasmo em desenvolver novas áreas do conhecimento como linguística matemática, tradução automática e semiótica (BURAS, 2019 e 2021). Alguns eventos marcaram o período:

²⁵ <http://historyofcomputing.tripod.com/essays/VAU.HTM> Acesso em 16/12/2019.

- Em 1952-53, o matemático A.A. *Lyapunov* ministrou oito palestras intituladas "Princípios de Programação" no recém-criado Departamento de Matemática Computacional da Faculdade de Mecânica e Matemática da *MGU*.
- Em 1954, exatamente em 7 de janeiro, a primeira demonstração pública de tradução automática ocorreu no escritório da IBM em Nova York. Foram traduzidas mecanicamente (e com muito entusiasmo) 60 frases do russo para o inglês. Desde então, estudos semelhantes foram relatados na URSS, por exemplo, o Boletim nº 4, de 1957, em que *I.A. Melchuk* trata da tradução automática do húngaro para o russo, e ainda, na Revista "Problemas de Cibernética", de 1964, sobre a tradução do russo para o armênio.
- Em 1955, A.A. *Lyapunov* e sua aluna de pós-graduação *Olga Kulagina* publicaram um artigo na revista *Priroda* sobre o uso de computadores para tradução de idioma para idioma. A formalização da descrição linguística ganhava legitimidade por meio de métodos exatos para identificar estruturas e conexões entre diferentes aspectos de uma língua.
- Em 1956-57, realizou-se uma série de seminários de Linguística Matemática, sob a direção de *V.V. Ivanov* e *V.A. Uspensky*, na Faculdade de Filologia da *MGU*, e outros seminários no Instituto de Linguística de Moscou, sob a supervisão do ilustre linguista *A.A. Reformatsky*, participante do Círculo Linguístico de Moscou em 1919.
- Em 1957, fundou-se a Associação para Tradução Automática, no Laboratório de Tradução Automática, do Instituto Pedagógico Estatal de Línguas Estrangeiras de Moscou, liderado por *V.Y. Rosenzweig*. O programa completo do seminário da *MGU*, supervisionado por *V.V. Ivanov* e *V.A. Uspensky* no ano acadêmico de 1956 a 1957, foi publicado no Boletim da Associação para Tradução Automática, nº 5, 1957, p. 3-4.
- Em 1957, realizou-se a criação de um laboratório experimental de tradução automática, abrigado na Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Leningrado, atual São Petersburgo.
- Em 1958, surgiram cursos opcionais em tradução automática e Linguística Matemática na Universidade Estatal de Gorky, atual Nizhny Novgorod.
- Em 1958, de 15 a 21 de maio, foi realizada no 1º Instituto Pedagógico Estatal de Moscou o primeiro Congresso Nacional sobre Tradução Automática. O

programa da conferência foi publicado no Boletim da Associação de Tradução Automática nº 8, 1959, contendo relatórios de *V.V. Ivanov*, *A.A. Lyapunov*, *I.A. Melchuk*, *I.I. Revzin*, do neuropsicólogo *Alexander Romanovich Luria* etc.

- Em 1958, no IV Congresso Internacional Eslavo, realizado em Moscou, *V.Y. Rosenzweig* organizou uma reunião para interessados em teorias da tradução automática e recebeu o apoio público de *Roman Jakobson*, que defendeu longamente a tradução automática embasada na teoria da comunicação²⁶.
- Em 1958, exatamente em 28 de novembro, em decorrência das conferências, foi emitido o Decreto nº 1228 do Ministro do Ensino Superior da URSS, *Vyacheslav Petrovich Elyutin*, instruindo todos os reitores a "prestar a melhor assistência possível a funcionários que conduzissem pesquisas em tradução automática e Linguística Matemática, esforçando-se para unir professores de diferentes departamentos, faculdades e laboratórios neste trabalho".
- Em 1959, de 15 a 21 de abril, realizou-se o primeiro Congresso Nacional de Linguística Matemática, em Leningrado. *V.Y. Rosenzweig* proferiu o discurso principal: Teoria Linguística Geral da Tradução e Linguística Matemática.
- Em 1960, houve o Congresso Interuniversitário de Linguística Aplicada, de 22 a 28 de setembro, na Universidade de Tchernivtsi, no sudoeste da Ucrânia.

No quadro geral, o papel desses lotados congressos científicos foi muito relevante. Primeiro para a Linguística Matemática deixar de ser vista como um "estudo burguês e reacionário", segundo para o fortalecimento institucional da área nas universidades da URSS, e ainda, para a introdução ao grande público das ideias que seriam publicadas em 1969, na obra *Elementos de Linguística Matemática*, pelo linguista *Igor Melchuk* e o lógico/matemático *Aleksey Vsevolodovich Gladky*.

Contudo, apesar do relativo apoio à Linguística Matemática, a rigorosidade avaliativa do *OTiPL* resultou numa pesada rotina. Na primeira turma, em 1960, 13 foram admitidos, 5 se formaram em 1965, 1 desistiu, 2 se mudaram para outros departamentos da mesma faculdade e 5 foram expulsos por baixo desempenho. Na segunda turma foram 10 concluintes em 1966. E na terceira, 14 pessoas obtiveram um diploma em 1967. Pensava-se como atrair jovens talentosos e resilientes para o *OTiPL*, pois, além da linguística não existir na escola, as 1.030 horas em matemática

²⁶ <http://historyofcomputing.tripod.com/essays/VAU.HTM> Acesso em 16/12/2019.

também se mostraram um grande desafio. Nas palavras de *Elina Konstantinovna Lavoshnikova* (2014), aluna admitida em 1963, na terceira turma²⁷:

A direção da Faculdade de Filologia não gostava de *Yuri Shikhanovich* e, em geral, de todo o nosso Departamento, que, com **sua matemática, era uma espécie de inclusão alienígena na Faculdade de Filologia**. (...) a matemática era ensinada pelo *Shikhanovich*, uma pessoa lendária. Ele **não se poupou no desejo de formar um pensamento matemático estrito entre os estudantes**, mas também não tinha piedade de nós. Certa vez uma aluna apresentou uma queixa contra *Shikhanovich* porque, devido à pressão sofrida, ela teve urticária com todo o nervosismo. Muitas pessoas se lembram de como *Shikhanovich* fazia testes e provas quase até uma hora da manhã, até o metrô fechar (...), quando o dia de trabalho na faculdade já tinha terminado. (...) estou inclinada a acreditar que **mais de mil horas de matemática para um linguista** já são demais. Acredito que nenhum aluno mais tarde precisou de matemática nesse volume. É claro que **ela desenvolve o raciocínio, mas acho que desenvolvê-lo seria bom em uma idade mais precoce**. Embora, com justiça, note-se que o hábito de uma exposição rigorosa e o desejo de verificar e provar tudo foram implantados com sucesso em todos nós. (Tradução e grifos nossos).

Foi buscando as habilidades necessárias naquele contexto de educação que *Alfred Zhurinsky*, então estudante do terceiro ano, propôs ao matemático *Vladimir Uspensky* realizar uma olimpíada com os problemas lógico-linguísticos que o professor *Andrei Zaliznyak* tinha publicado naquele mesmo ano de 1963. As olimpíadas de matemáticas da *MGU*, organizadas desde 1935 por muitos docentes, inclusive *Kolmogorov*²⁸, foram a inspiração, mas os linguistas ainda não tinham experiência em problemas que não demandassem conhecimentos prévios para alunos em idade escolar. Foi então que *Zhurinsky* entregou ao professor *Uspensky*, no corredor do *OTiPL*, um pedaço de papel com um conjunto de tarefas criadas por ele para demonstrar sua proposta.

Vladimir Uspensky viu um grande futuro para naquela ideia e, visando garantir a fidedignidade à Linguística Matemática, decidiu assumir ele mesmo o desafio de formar e chefiar o primeiro Comitê Organizador das Olimpíadas de Linguística. Começou com a fundamental autorização do diretor da Faculdade de Filologia²⁹, *Aleksey Georgievich Sokolov*. Tal documento de autorização já demonstrou, desde o primeiro momento, que as Olimpíadas de Linguística seriam um imbricado mosaico

²⁷ Em <http://uni-persona.src.msu.ru/site/authors/lavoshnikova/text.htm> Acesso em 16/12/2019. Lavoshnikova E.K. OSiPL inesquecível [Departamento de Linguística Estrutural e Aplicada, Faculdade de Filologia] // Universitas personarum. Diários e cadernos. - Moscou: SRC MGU, 2014.

²⁸ <https://www.obzor.lt/news/n9015.html> Acesso em 16/12/2019.

²⁹ Em <https://cyberleninka.ru/article/n/17315287> Acesso em 11/05/18.

de questões educacionais, geopolíticas e institucionais, as quais, *mutatis mutandis*, permanecem entrelaçadas até os dias atuais. Nas palavras de *Kibrik* (2011a)³⁰.

Em 1965, começamos a realizar as Olimpíadas em nossa faculdade. Isso também foi um evento inédito. *Vladimir Uspensky* foi chefe do Comitê Organizador (*OrgKomitet*); havia também eu (*Kibrik*), *Polivanova*, *Zaliznyak* e *Zhurinsky*, que compunha a maioria dos problemas da Olimpíada. Em 1963, quando *Uspensky* trouxe a lista de membros do *OrgKomitet* para o diretor assinar, o diretor disse: “OK, exceto que temos que remover *Zhurinsky*”. Descobriu-se que *Zhurinsky* tinha renunciado se tornar membro do Partido Comunista (visto que se exigia de um candidato, num período de um [01] ano, uma declaração escrita sobre o seu desejo de se tornar membro e *Zhurinsky* não a entregou). Isso não o impediu de ser um estudante, mas o diretor não pôde permitir que *Zhurinsky* estivesse no *OrgKomitet*. *Uspensky* disse: “Tudo bem, vou cancelar este documento e não vamos fazer a Olimpíada.” E nós não fizemos. Cerca de um ano depois, o diretor ligou para *Uspensky* e perguntou: “O que aconteceu com nossa Olimpíada?”. E *Uspensky* disse: “Lembra? O senhor não assinou o documento.” E o diretor disse: “Tudo bem, eu assino.” E assim, *Zhurinsky* ficou no *OrgKomitet* e nós tivemos nossa primeira Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou. (Tradução e grifos nossos).

Por sugestão do diretor *Sokolov*, da Faculdade de Filologia, foram colados mil e quinhentos cartazes distribuídos em escolas e todo tipo de instituição em Moscou. Os cartazes traziam o anúncio das Olimpíadas e uma lista de “tarefas preparatórias”. Misturar anúncios e problemas em uma folha foi um erro do Comitê Organizador, porque era difícil resolver os desafios “na parede” e muitos arrancavam parte ou até o cartaz inteiro contendo as tarefas. Contudo, os problemas deram uma ideia sobre a natureza do que os jovens poderiam encontrar na realização da primeira **Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou**, que se concretizou em 1965. Desde o início, a Olimpíada recebeu o nome de ‘tradicional’ porque seus organizadores desejavam que elas se tornassem uma tradição como já havia acontecido com as Olimpíadas de Matemática³¹, de Física e de Química³². Cerca de 300 estudantes participaram da 1ª Olimpíada de Linguística de Moscou, surpreendentemente, quase a mesma quantidade de participantes da 1ª Olimpíada de Matemática, realizada no mesmo local 30 anos antes, o que demonstrou a boa aceitação ao evento sobre línguas e linguagens desconhecidas. O padrão dos mil e quinhentos cartazes distribuídos nas escolas e instituições moscovitas pode ser visualizado na Imagem 1, a seguir:

³⁰ Em <http://linguistlist.org/fund-drive/2011/linguists/AleksandrKibrik.cfm> Acesso em 11/05/18.

³¹ Em https://www.mccme.ru/Ilsh/books/olimp-1965-1975/lingv_1965_1975.pdf cf. p. 546-567.

³² <https://olimpiada.ru/article/687> Acesso em 11/05/18.



Imagem 1 – Cartaz da 1ª Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou - 1965. Fonte: imagem da internet³³

De acordo com *Kibrik* (2011b)³⁴, a Olimpíada se tornou uma das melhores tradições do OTiPL, ao lado das expedições linguísticas para o estudo de idiomas minoritários e uma produtiva publicação científica. Cada tradição, a sua maneira, teve um papel de destaque na promoção do conhecimento linguístico entre diferentes públicos. *Alfred Zhurinsky*, que se tornaria mais tarde um notável linguista, considerou as Olimpíadas o trabalho mais importante de sua vida³⁵. Até a sua morte em 1991, permaneceu bastante ativo nas Olimpíadas, compondo e testando novos tipos de Problemas Linguísticos Autossuficientes, detalhados no capítulo 4.

³³ Em <http://darwin.philol.msu.ru/~otipl/50/category/image-galleries/olimpiada> Acesso em 10.10.18.

³⁴ Em <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/department/history-1960-2000> Acesso em 10.10.18.

³⁵ Em <http://ling.narod.ru/brochure.html> Acesso em 10.10.18.

A primeira edição da Olimpíada de Linguística foi presidida pelo matemático *Vladimir Andreevich Uspensky*³⁶, e contava com os linguistas *Igor Grigoryevich Miloslavsk*³⁷ (vice-presidente), *Alexander Evgenievich Kibrik*³⁸ (Secretário Executivo) e *Anna Konstantinovna Polivanova*³⁹. Além desses, o Comitê de Problemas era formado com outros organizadores como *Boris Yurievich Gorodetsky*⁴⁰ (Presidente do Comitê de Problemas e recém-graduado), *Alexandra Alexandrovna Raskina*⁴¹, *Viktor Vitalievich Raskin*⁴², *Andrei Anatólievitch Zaliznyak*⁴³ e *Alfred Naumovich Zhurinsky*⁴⁴, autor da maioria dos Problemas Linguísticos Autossuficientes.



Imagem 2 - Comitê Organizador 4ª Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática – 1968.
No alto: B. Yu. Gorodetsky e A.K. Polivanova. **Em pé:** V.M. Alpatov, M.V. Lomkovskaya, A.D. Wentzel, A.E. Kibrik, S.V. Kodzasov, I.P. Olovyannikova. **Na frente:** V.A. Uspensky, A.A. Zaliznyak, N.Yu. Bokadorova e V.V. Ruskin. Fonte: imagem da internet³¹

³⁶Em <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/department/inmemoriam/VAUsp> Acesso em 17.12.19.

³⁷Em <http://letopis.msu.ru/peoples/5411> Acesso em 17.12.19.

³⁸Em <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/department/inmemoriam/AEK> Acesso em 17.12.19.

³⁹Em <http://publisher.usdp.ru/authors/328.html> Acesso em 17.12.19.

⁴⁰Em <https://www.philol.msu.ru/faculty/in-memoriam/GorodetskyBY/> Acesso em 17.12.19.

⁴¹Em <https://7iskusstv.com/Avtory/Raskina.php> Acesso em 17.12.19.

⁴²Em <https://web.ics.purdue.edu/~vraskin/Raskin-CV.pdf> Acesso em 17.12.19.

⁴³Em <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/department/inmemoriam/AAZ> Acesso em 17.12.19.

⁴⁴Em <https://iling-ran.ru/web/ru/scholars/zhurinsky> Acesso em 17.12.19.

O Comitê de Problemas compunha, selecionava e aprimorava as tarefas, verificando se todos os dados eram verdadeiros, se cada problema possuía apenas uma única solução correta e autossuficiente, e ainda, desenvolviam critérios para avaliar o nível de complexidade de cada tarefa. Várias vezes, os estudantes se tornaram os autores dos Problemas das próximas olimpíadas. Alguns meses antes da realização da Olimpíada, reunia-se uma Comissão Organizadora, formada com alunos, que promoviam grande parte do trabalho prático durante os eventos.

A primeira edição foi composta com problemas tratando dos sons em russo e polonês; dos significados de palavras em russo; da sintaxe simbólica; da escrita devanágari da Índia; de frases em húngaro; do empréstimo de termos franceses no inglês; das origens latinas do francês; e das semelhanças entre inglês e alemão. Não era necessário conhecer nenhum idioma estrangeiro para responder as tarefas.

Da mesma forma que as Olimpíadas mostraram ser um mosaico de causas que moldaram seu formato, também era visível uma rede de efeitos educacionais, afetivos, sociais, políticos e econômicos. A Olimpíada foi responsável por atrair muitos discentes a graduação em Linguística, oferecendo vantagens a quem participava, o que entusiasmava à Comissão Organizadora apesar do grande esforço para realizar os eventos. Ainda nas palavras de *Kibrik* (2011a)⁴⁵.

[A Olimpíada] foi um começo completamente novo. Foi um grande salto 20 anos à frente. Nos ajudou a identificar estudantes pré-universitários que poderiam se interessar por linguística. E tem funcionado até hoje. Muitos linguistas fortes na Rússia começaram como vencedores de prêmios nas Olimpíadas. Então, realmente fazia sentido, mas sempre exigiu muita energia e muito entusiasmo. Nós sentávamos e discutíamos escolhendo os problemas. (...) todo problema tinha que ter exatamente uma solução. Em nenhum caso, um problema poderia ser insolúvel. Então as discussões eram realmente sérias. E queríamos evitar a possibilidade de haver outras soluções além das pretendidas. Então, nós tínhamos um círculo de pessoas que resolviam os problemas e olhavam para eles de perto. Mas, às vezes, alguma coisa caía nas rachaduras. Às vezes, durante a própria Olimpíada, com 200 alunos trabalhando em problemas, pôde-se perceber que, embora tudo estivesse logicamente correto, não era o que pretendíamos ou queríamos. (...) Então, quando surgiram as Olimpíadas, tudo mudou. Foi uma vida totalmente nova. As Olimpíadas continuam acontecendo, embora o Ministério da Educação esteja dificultando nossa vida. Queremos que o sucesso das Olimpíadas continue a dar aos estudantes uma vantagem real em competir pela admissão nos principais departamentos de linguística, porque sem esse benefício recebido por quem participa, as Olimpíadas assumem um significado diferente. No começo, as olimpíadas não tinham o benefício na seleção para o ensino superior, mas há alguns anos conseguimos conquistá-lo. Agora o governo está tornando mais difícil e estamos tendo que lutar por isso. (Tradução nossa).

⁴⁵ Em <http://linguistlist.org/fund-drive/2011/linguists/AleksandrKibrik.cfm> Acesso em 11/05/18.

A Olimpíada russa funcionou regularmente⁴⁶ de 1965 a 1981, com a produção de centenas de problemas de linguística⁴⁷. Em decorrência da interrupção das atividades do *OTiPL* por seis anos, de 1982 a 1988, o evento também foi interrompido. Entre 1989 e 1991, a Olimpíada foi retomada pelos linguistas do Instituto Estatal de História e Arquivologia de Moscou, que se tornou em 1991 a Universidade Estatal Russa para as Humanidades (*RGGU* em russo ou *RSUH* nos *links*), juntamente com o Instituto Pedagógico Estatal de Línguas Estrangeiras de Moscou *Maurice Thorez*, que se tornou em 1990 a Universidade Linguística Estatal de Moscou (*MSLU*), em cooperação com o recriado *OTiPL* da *MGU*. Em 1992, a *MSLU* deixou a organização do evento e a partir de 2014 a Olimpíada passou a ser promovida também pela Faculdade de Filologia da Universidade Nacional de Pesquisa “Escola Superior de Economia” (*HSE*).



Imagem 3 – Comitê Organizador das primeiras Olimpíadas Russas de Linguística e Matemática
A.A. Zaliznyak, A.D. Wentzel, V.A. Uspensky, A.E. Kibrik.
(1968 - Foto de Vladimir Mikhailovich Alpatov) Fonte: imagem da internet³¹

Aproveitando a forte tradição soviética dos *Kruzhok* (círculos), reuniões voluntárias para o estudo ativo e profundo de um tema, como matemática, política ou literatura, a Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática se consolidou como outra relevante experiência educativa de *Kruzhok*, que inspirou outros eventos, principalmente pela influência de docentes e discentes do *OTiPL*.

⁴⁶ Em <http://darwin.philol.msu.ru/~otipl/50/category/image-galleries/olimpiada> Acesso em 10.10.18.

⁴⁷ Em https://www.mccme.ru/llsh/books/olimp-1965-1975/lingv_1965_1975.pdf Acesso em 15.10.18.

Na Bulgária, iniciativas em Linguística Matemática começaram a utilizar os Problemas Linguísticos Autossuficientes. O maior evento foi a Competição Nacional de Matemática e Linguística Computacional, realizada entre maio e junho de 1982 em Plovdiv. Em 1984, esse evento originou a **Olimpíada de Linguística Matemática da Bulgária** organizada pelo professor de Linguística Computacional e Engenharia da Linguagem *Ruslan Văkov Mitkov*, integrante da União dos Matemáticos Búlgaros, com apoio da Comissão Nacional de Olimpíadas e do Ministério da Educação e Ciência. Cada escola podia participar com quatro (04) estudantes e cerca de 220 participavam anualmente. Na primeira edição, havia jovens do Ensino Médio das cidades de Sófia, Plovdiv e Pazardzhik.

O apoio governamental facilitou o alcance de novas escolas, mas também implicou em regras mais estritas para o evento. Atualmente, a Olimpíada é realizada em três rodadas sucessivas (municipal, regional e nacional) em datas indicadas pelo Ministério da Educação. A aprovação em cada etapa é condicionada a um acerto mínimo de 75% dos Problemas Autossuficientes. Em 2001, a Olimpíada de Matemática Linguística inovou ao incluir uma experimental **competição em equipe**, que logo se tornou uma característica permanente da rodada nacional na Bulgária. Nesta rodada, um único Problema Linguístico Autossuficiente, geralmente de tamanho e dificuldade ampliados, é atribuído a três ou quatro alunos que buscam resolvê-lo por duas horas. Eles dividem a tarefa entre si à vontade, mas entregam uma única solução e recebem uma nota por equipe. A partir de 2003, a Olimpíada de Matemática Linguística da Bulgária foi adicionada à programação anual de Olimpíadas do Ministério da Educação juntamente com eventos mais tradicionais.

Paralelamente, outras iniciativas fomentavam o movimento olímpico na Bulgária, como os “Dias Matemáticos de Inverno” que aconteciam como parte das competições tradicionais em Matemática e Ciência da Computação. Pequenos concursos em Linguística Matemática e Computacional foram incorporados às atividades anuais das escolas de idiomas entre 1985-1989. Além disso, foram organizadas “Torneios de Exibição” regulares como sessões dos seminários de outono para professores escolares. **Delegações internacionais** da Rússia, Polônia, Cazaquistão e outros países participaram em 1988, 1989 e 1994. Os vencedores da Olimpíada búlgara participaram na Olimpíada de Moscou e vice-versa a partir de 1990, o que demonstrou o potencial de cooperação internacional utilizando os Problemas Linguísticos Autossuficientes traduzidos para outros idiomas.

Em 1992, os professores do Instituto de Linguística da Universidade Estatal Russa para as Humanidades (*RGGU*) *Maxim Anisimovich Krongauz*⁴⁸ e *Elena Vladimirovna Muravenko*⁴⁹ implementaram o projeto **Escola de Linguística de Verão**⁵⁰, no qual jovens em idade escolar, estudantes de linguística e acadêmicos consagrados se divertiam juntos com tópicos interessantes de linguística por 10 dias. A ideia da “Escola de férias” surgiu a partir de uma antiga tradição dos *Kruzhok* de Moscou e São Petersburgo: os círculos matemáticos. Com um formato parecido com os clubes de estudo, os círculos eram encontros regulares entre docentes universitários e discentes de ensino médio, envolvendo palestras, discussões, resolução de Problemas etc. Eram espaços de discussão de temas em alto nível, mas em uma linguagem acessível para adolescentes, resultado de uma cultura científica que busca reunir intelectuais de ponta e a futura geração acadêmica.

A Escola Linguística de Verão, desde a sua criação, objetivou familiarizar os participantes com as novas discussões no campo da linguística e proporcionar atividades criativas e desafiadoras. A fácil comunicação entre os estudantes e os cientistas convidados não apenas nas salas de aula, mas principalmente fora delas, criou uma maravilhosa atmosfera de aprendizagem que cativou profundamente os participantes⁵¹. Além das palestras e “bate-papos” com linguistas renomados, todas as noites, após o jantar, aconteciam vários jogos e competições linguísticas, literárias e intelectuais. Atualmente, um Festival de Idiomas começou a fazer parte da programação e muitos alunos, da Rússia e do exterior, submetem inscrições para participar, pois é limitada a 75 estudantes, visto que o evento se tornou conhecido como uma boa prática científica e pedagógica. O clima informal oportuniza conhecer as diversas áreas da Linguística, testar habilidades e repensar interesses profissionais. Várias organizações já patrocinaram o evento como a *Dynasty Foundation*, a *Evolution Foundation*, a *Yandex* e a *ABBY*, essa última alocou dinheiro por muitos anos⁵². Outras Escolas e Olimpíadas de Linguísticas possuem formatos e públicos diversos⁵³, a depender de seus organizadores.

⁴⁸ Em https://www.rsuh.ru/who_is_who/detail.php?ID=4859 Acesso em 26.10.19.

⁴⁹ Em https://www.rsuh.ru/who_is_who/detail.php?ID=5057 Acesso em 26.10.19.

⁵⁰ Em <http://lsh.ru/> Acesso em 26.10.19.

⁵¹ Em <https://www.rsuh.ru/education/il/linguistics-for-students/summer-language-school/> Ac. 26.10.19.

⁵² Em <https://trv-science.ru/2018/07/31/v-lingvistiku-s-uvlecheniem/> Acesso em 26.10.19.

⁵³ Em <https://sites.google.com/view/lingling-new/olympiads?authuser=0> e <https://ling.hse.ru/about>

Em 1996, *Valentin Feodosyevich Vydrin, Marina Valentinovna Rusakova, Alexander Yuryevich Rusakov, Sergey Sergeyeovich, Sergey Ivanov, Alexandr Yuryevich Zheltov, Alexey Pchelintsev e Stanislav Borisovich Gurevich*⁵⁴ fizeram a **Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de São Petersburgo**⁵⁵, com o apoio da Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de São Petersburgo (*SPbGU* em russo ou *SPbU* nos *links*). Posteriormente, as olimpíadas também foram aplicadas na cidade de Tchekboksary, apoiada pela Escola de Línguas para o Sucesso de Línguas Estrangeiras, e em Minsk, conduzida por um Comitê Organizador da Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Belarus, com estudantes de Kiev, da Carcóvia (Kharkiv) e de cidades ucranianas e belarussas.

Na Rússia e na Bulgária, as escolas de verão (ou ocasionalmente de outono ou de inverno) são realizadas regularmente e é prática geral convidar os alunos que tiveram melhor desempenho na Olimpíada mais recente, contudo as escolas não se configuram como uma etapa eliminatória desses eventos. Segundo Derzhanski & Payne (2010), essas atividades, que variam de quatro a vinte dias, buscam preparar os participantes para novas Olimpíadas Nacionais e Internacionais, aprofundar o conhecimento e o interesse em seguir uma carreira em linguística ou ingressar na equipe da Olimpíada após a graduação. As escolas realizam palestras sobre tópicos da linguística e de áreas afins, como também podem incluir sessões práticas de resolução de Problemas, minicursos sobre línguas específicas, competições e desafios intelectuais, com especial ênfase em jogos de palavras e quebra-cabeças.

Vale destacar que as olimpíadas oferecem vantagens para o ingresso em algumas universidades russas e búlgaras aos mais bem colocados. Assim, por exemplo, cinco dos oito melhores participantes da Olimpíada de Linguística russa de 2013 ingressaram no primeiro ano do *OTiPL* da *MGU* logo após o evento⁵⁶. Isso comprovou a vantagem educacional pretendida pelos idealizadores de Moscou.

De 1998 a 2000, *Thomas (Tom) Edward Payne*, professor de Linguística Descritiva e Tipologia das Línguas da Universidade do Oregon, organizou um programa com Problemas Linguísticos Autossuficientes na cidade de Eugene, Oregon, semelhante à Olimpíada moscovita, da qual tomou conhecimento em 1996 ao ministrar aulas por quatro meses no *OTiPL*. A competição foi organizada por um

⁵⁴ <http://theschool.nichost.ru/stanislav-borisovich-gurevich/> Acesso em 24.10.19.

⁵⁵ Em <https://web.archive.org/web/20060815225611/http://www.olympics.spb.ru/history/history1.htm>

⁵⁶ Em <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/department/history-1960-2000/history-2000-2013> Ac. 26.10.19.

comitê consultivo composto por 6 docentes de 4 departamentos da Universidade do Oregon e uma equipe de cerca de 15 estudantes e voluntários da comunidade. Os alunos de graduação e pós-graduação da Universidade puderam receber dois créditos acadêmicos por sua participação. O programa foi coordenado antecipadamente com a escola pública da cidade de Eugene e contava com o apoio de alguns patrocinadores. Prêmios foram fornecidos pela *Cambridge University Press*, livrarias locais e uma loja de fotocópias. O programa foi divulgado através de folhetos enviados pelo correio para docentes e discentes, e ainda por várias colunas de jornais. Cada coluna incluía um Problema de amostra e prometia um prêmio ao primeiro leitor que enviasse uma solução correta. Essas colunas geraram muita publicidade e interesse na comunidade. Dezenas de soluções foram recebidas por e-mail e por correio. Toda semana, o vencedor do desafio anterior era anunciado e um certificado era enviado como presente de uma livraria local.

Cerca de três semanas antes da competição presencial, foram feitos os contatos com educadores que tinham manifestado interesse no programa, e dois estudantes da Universidade começaram a fazer algumas visitas, principalmente nas aulas de segunda língua, de língua nativa (inglês) e de literatura. Eles fizeram apresentações sobre os Problemas de Linguística e algumas amostras foram resolvidas com os alunos, conduzindo-os pelo processo analítico, como uma espécie de sessão de treinamento, às vezes em idiomas diferentes do inglês. Segundo Derzhanski & Payne (2010), a competição informal via jornal e o alcance das visitas em sala de aula foram tão significativos quanto os eventos reais em termos de educação do público sobre língua e linguística. Os professores e o público em geral foram receptivos ao programa piloto local.

De 2001 a 2006, o programa passou a ser uma atividade educacional na internet, o *Linguistic Challenge*⁵⁷, que descrevia o programa piloto e publicava exemplos de Problemas, incluindo aqueles usados nas competições presenciais. Devido ao interesse educacional da página virtual, ele foi listado no topo da maioria dos mecanismos de busca da Internet e recebeu milhares de acessos por mês, o que estimulou várias pequenas competições locais nas cidades de Nova York, Portland, Eugene e San José, que culminaram na criação de uma olimpíada em 2007 em todo o território dos Estados Unidos.

⁵⁷ Em <https://lingclub.mycpanel.princeton.edu/challenge/LCbackground.htm> Acesso em 17.10.18.

Em 2001, a **Olimpíada de Linguística da Holanda (TKO)** foi organizada na Universidade de Leiden (*LU*) por *Ruslan Văkov Mitkov*, docente de Linguística Computacional e Engenharia da Linguagem; por *Michiel Arnoud Cor de Vann*, docente de Línguas Indo-Europeias, Linguística Histórica e Dialectologia, que organizou o evento até 2004; por *Leonid Igorevich Kulikov*, docente de Linguística Histórica e Sânscrito, que a organizou até 2005; e ainda por *Alexander (Sasha) Lubotsky*, docente de Linguística Indo-Europeia, que organizou o evento até 2007. Como já mencionamos, *Mitkov* foi inspirado pela Olimpíada moscovita e fundador da Olimpíada de Linguística Matemática da Bulgária em 1982. *Lubotsky* e *Kulikov* participaram da Olimpíada de Linguística de Moscou e depois também estudaram no *OTiPL*, na *MGU*, entre 1973-1976 e 1981-1998, respectivamente. Em 2018, a *TKO* foi patrocinada pelas três maiores editoras de conteúdos linguísticos dos Países Baixos. Atualmente, é organizada pelo Centro de Linguística da Universidade de Leiden (*LUCL*), fundado em 2008 para estudar as línguas do mundo.

Em todas as Olimpíadas de Linguística mais antigas, observamos a influência do Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (*OTiPL*) da *MGU*, por meio de seus egressos, na divulgação e fomento das Olimpíadas em outros países. Semelhantemente ao que aconteceu em Moscou, é comum que muitos ex-participantes se tornem parte da equipe organizadora nacional ou até de outros países. Além disso, muitos linguistas afirmam que a Olimpíada moscovita contribuiu significativamente para suas escolhas profissionais, pois, em 2020, a tradição Olímpica completou 50 edições na atual Rússia. Tais constatações podem indicar a Olimpíada de Linguística como uma ferramenta de fortalecimento da própria Disciplina Linguística universitária e, de forma geral, de divulgação da Ciência da Linguagem entre a população mais ampla, especialmente entre os jovens.

Uma das características do gênero Problemas Linguísticos Autossuficientes, adotado nas olimpíadas, é que muitas tarefas são traduzíveis para falantes de diferentes idiomas, o que permite integrar diferentes línguas no mesmo evento. Surgiu, assim, a ideia de realizar a primeira **Olimpíada Internacional de Linguística Teórica, Matemática e Aplicada**, que foi organizada na cidade búlgara de Borovets, em 2003, e contou com seis países-membros: Rússia (com um time de Moscou e outro de São Petersburgo), Bulgária (também com dois times), Letônia, Estônia, República Tcheca e Holanda. As provas foram traduzidas para cinco línguas, pois a Letônia fez a prova em russo.

Association for Computational Linguistics (Bulgaria)
 Union of Bulgarian Mathematicians
 Mikhail Lomonosov Moscow State University
 Russian State University for the Humanities
 Angel Künchev University of Rouse
 St Cyril and St Methodius International Foundation
 Ministry of Education and Science of Bulgaria



1st International Olympiad
 in Theoretical, Mathematical
 and Applied Linguistics

<http://www.philol.msu.ru/~otipl/new/main/mol/index.php>

8–12 September 2003
 Hotel Chamkoria, Borovetz, Bulgaria



<http://www.chamkoria.com>

Imagem 4 – Cartaz da 1ª Olimpíada Internacional de Linguística Teórica, Matemática e Aplicada.

Fonte:

<https://web.archive.org/web/20040805152956/http://www.philol.msu.ru/~otipl/new/main/mol/samples-2003-ru.php>

First International Olympiad in Theoretical, Mathematical and Applied Linguistics

8–12 September 2003, Borovetz, Bulgaria

Individual Contest

Problem 1 (20 marks)

In 1916 the Russian scholar Jacob Linzbach invented a universal writing system, which he thought should be understandable to all people, regardless of their native tongue. Linzbach called his new language ‘Transcendental Algebra’.

Several sentences have been written in Linzbach’s language and translated into English:

- | | |
|--|--|
| 1. $(\frac{\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}}{\hat{\Delta}\hat{\Delta}} + \frac{\hat{\Delta}}{\hat{\Delta}}) \llcorner$ | The father and the brother are talking. |
| 2. $n(> \hat{I})^{\hat{I}} - \hat{t}$ | The giants are working without haste. |
| 3. $(\frac{\hat{\Delta}(\hat{\Delta}\hat{\Delta})}{(-\hat{\Delta}\hat{\Delta})}) \swarrow = \boxtimes$ | The orphans are writing a letter. |
| 4. $(-\hat{n}\hat{I}_1) \swarrow - \hat{t} = \hat{I}_2$ | It wasn’t us who wrote about you (sg.). |
| 5. $\boxtimes \sqrt{\swarrow} - \hat{t} = -\hat{\Delta}_3$ | It was not by her that the letter was written. |
| 6. $(\frac{\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}}{\hat{\Delta}\hat{\Delta}}) - \heartsuit = \square-$ | The father doesn’t like the work. |
| 7. $((> \hat{I}) - \heartsuit)^{\heartsuit} - \hat{t} = \frac{\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}}{\hat{\Delta}}$ | The wicked giant ate the parents. |
| 8. $\hat{\Delta}_3^{-\hat{t}}$ | She is not in a hurry. |

Assignment 1. Translate into English:

9. $\hat{I}_3^{\heartsuit} - \sqrt{\heartsuit}$
10. $(\frac{\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}}{\hat{\Delta}\hat{\Delta}} - \llcorner) \swarrow + \hat{t} = \frac{\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}}{\hat{\Delta}\hat{\Delta}} + \frac{\hat{\Delta}\hat{\Delta}\hat{\Delta}}{\hat{\Delta}\hat{\Delta}}$
11. $\hat{\Delta}_2^{\hat{I}} + \hat{t} - \llcorner - \hat{t}$
12. $\boxtimes \sqrt{\heartsuit} - \hat{t} = \frac{\hat{\Delta}}{\hat{t}} - \heartsuit$

Assignment 2. Write in ‘Transcendental Algebra’:

13. It wasn’t about them that my husband and I (*say*: I and the husband) talked.
14. The people are working reluctantly.
15. The good widow loves the unemployed dwarf.
16. You (pl.) will be talked about.

Explain your solution.

(Ksenia Guiliarova)

Imagem 5 – Problema inaugural da 1ª Olimpíada Internacional de Linguística Teórica, Matemática e Aplicada.

Fonte: <https://ioling.org/booklets/iol-2003-indiv-prob.en.pdf>

Na sua oitava edição, em 2010, para uma simplificação do nome, o evento passou a ser chamado de **Olimpíada Internacional de Linguística (IOL)**, mas sem implicações de mudança na essência de seus Problemas Autossuficientes. Segundo Derzhanski & Dekova (2014: 1), tratando sobre o foco da Olimpíada búlgara, “a imprecisão na nomenclatura é tolerável, especialmente porque, quaisquer que sejam os tópicos que os problemas apresentem, o principal ativo para sua solução é o pensamento analítico, que é geralmente associado à matemática”.

O presidente do Comitê de Problemas da 1ª IOL foi o linguista búlgaro *Ivan Aleksandrovich Derzhansk*⁵⁸, professor do Instituto de Matemática e Ciências da Computação, da Academia de Ciências da Bulgária, e integrante da União dos Matemáticos Búlgaros e do Comitê de Problemas da Olimpíada búlgara desde 1988, juntamente com professores universitários e ex-participantes das olimpíadas russas: *Aleksandrs Sergejevich Berdicevskis*⁵⁹ (mestrando da Universidade Estatal de Moscou); Alexander Vladimirovich Arkhipov⁶⁰ (prof. assistente na Universidade Estatal de Moscou); *Boris Leonidovich Iomdin*⁶¹ (Instituto de Língua Russa, Academia Russa de Ciências); *Elena Vladimirovna Muravenko*⁶² (Universidade Estatal Russa para as Humanidades); *Ksenia Alekseyevna Gilyarova*⁶³ (Universidade Estatal Russa para as Humanidades); *Maria Lvovna Rubinstein*⁶⁴ (egressa - Universidade Estatal Russa para as Humanidades); *Yakov Georgiyevich Testelets*⁶⁵ (Universidade Estatal Russa para as Humanidades); *Alexander Evgenyevich Kibrik*⁶⁶ (Universidade Estatal de Moscou), que foi secretário executivo na organização da primeira Olimpíada russa.

Em anos posteriores, não ao mesmo tempo, diversos docentes (ativos e egressos) e estudantes (em formação inicial e na pós-graduação) do OTiPL, além de ex-participantes das duas olimpíadas russas, realizadas em Moscou de São Petersburgo, contribuíram significativamente junto ao Comitê de Problemas da IOL face às experiências bem-sucedidas de 50 anos de tradição nesta Prática, a saber: *Vladimir Mikhailovich Alpatov*⁶⁷ (egresso e docente da Universidade Estatal de Moscou); *Leonid Igorevich Kulikov*⁶⁸ (graduação e mestrado na Universidade Estatal de Moscou); *Valentin Feodosyevich Vydrin*⁶⁹ (egresso da Universidade Estatal de São Petersburgo);

⁵⁸ <http://www.math.bas.bg/~iad/biograf.html> Acesso em 16/12/2019.

⁵⁹ https://w2.uib.no/filearchive/cv_berdicevskis.pdf Acesso em 16/12/2019.

⁶⁰ <http://otipl.philol.msu.ru/staff/people/arxipov.php> Acesso em 16/12/2019.

⁶¹ <https://www.hse.ru/org/persons/34616715> Acesso em 16/12/2019.

⁶² https://www.rsu.ru/who_is_who/detail.php?ID=5057 Acesso em 16/12/2019.

⁶³ <https://foxford.ru/teachers/gilyarova-kseniya-alekseevna> Acesso em 16/12/2019.

⁶⁴ <https://stengazeta.net/?author=10032> Acesso em 16/12/2019.

⁶⁵ <https://iling-ran.ru/web/scholars/testelets> & https://www.rsu.ru/who_is_who/detail.php?ID=5356.

⁶⁶ <http://otipl.philol.msu.ru/staff/people/kibrik.php> Acesso em 16/12/2019.

⁶⁷ <http://otipl.philol.msu.ru/staff/people/alpatov.php> Acesso em 16/12/2019.

⁶⁸ <https://www.universiteitleiden.nl/en/staffmembers/leonid-kulikov/publications#tab-3> Ac 17/12/2019.

⁶⁹ https://llacan.cnrs.fr/p_vydrin.php Acesso em 16/12/2019.

*Dmitry Valentinovich Gerasimov*⁷⁰ (egresso da Universidade Estatal de São Petersburgo); *Svetlana Anatolyevna Burlak*⁷¹ (egressa e docente da Universidade Estatal de Moscou); *Alexander Chedovich Piperski*⁷² (docente - Universidade Estatal Russa de Humanidades); *Ilya Borisovich Itkin*⁷³ (Universidade Nacional de Pesquisa “Escola Superior de Economia”); *Liudmila Lvovna Fedorova*⁷⁴ (Universidade Estatal Russa para as Humanidades); *Stanislav Borisovich Gurevich*⁷⁵ (egresso da Universidade Estatal de São Petersburgo); *Andrey Vladimirovich Nikulin*⁷⁶ (egresso da Universidade Estatal de Moscou Lomonósov e Premiado na OL moscovita desde 2004 e na IOL entre 2008 e 2010); entre outros.

Com o advento da Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), cinco movimentos de criação de Olimpíadas Nacionais foram observados paralelamente em diferentes regiões geográficas. O primeiro movimento a acontecer, como vimos, foi na **Rússia e Europa Oriental**, advindo das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e de seus Estados Satélites (ou docentes emigrados), onde olimpíadas já eram bastante tradicionais. São parte desse movimento as seguintes olimpíadas: Estônia (2003), Polônia (2004), Eslovênia (2008), Hungria (2011), Letônia (2012), República Tcheca (2012), Romênia (2012), Turquia (2013), Belarus (2014), Ucrânia (2014), Finlândia (2015), Cazaquistão (2015) e Armênia (2017). A participação eventual da Sérvia (2004), Lituânia (2006), Uzbequistão (2019) e Azerbaijão (2021) faz parte desse movimento europeu oriental, ainda que não tenham formado olimpíadas nacionais. Os detalhamentos como ano de surgimento, motivação e articulação inicial, coordenação local, entidade organizadora, financiamento, apoio institucional e eventual interrupção são registrados no Apêndice A desta Tese.

O segundo movimento ocorreu em paralelo nos países da **Europa Ocidental**. São parte desse movimento as olimpíadas da Suécia (2006), da Alemanha (2008), da França (2009), da Espanha (2014) e da Dinamarca (2018). A participação eventual da Noruega (IOL 2010) e da Grécia (IOL 2012 e 2014) faz parte desse movimento ocidental, mesmo sem formar uma olimpíada nacional.

⁷⁰ <https://iling.spb.ru/people/gerasimov.html.ru> Acesso em 16/12/2019.

⁷¹ <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/departament/faculty/SAB> Acesso em 16/12/2019.

⁷² <https://www.hse.ru/org/persons/34802244> Acesso em 16/12/2019.

⁷³ <https://www.hse.ru/org/persons/35378710> Acesso em 16/12/2019.

⁷⁴ https://www.rsuh.ru/who_is_who/detail.php?ID=5408 Acesso em 16/12/2019.

⁷⁵ <http://www.school.ioffe.ru/staff/person.html?id=169> & <https://ioling.org/pc/> Acesso em 16/12/2019.

⁷⁶ <http://lattes.cnpq.br/4825495887805821> Acesso em 20/02/2020.

O terceiro movimento surgiu com os **Países Anglófonos**. São parte desse movimento as olimpíadas dos Estados Unidos e Canadá Anglófono (2007), da Austrália (2008), da Irlanda (2009), do Reino Unido (2010), da Ilha de Man (2012) e da Nova Zelândia (2015), esta última descontinuada conforme situação relatada no Apêndice A. Como cada etapa de cada edição da Olimpíada exige novos problemas anualmente, em 2012 surgiu uma rede cooperativa para o desenvolvimento de novos problemas conhecida como *ELCLO*: Olimpíada de Linguística Computacional de Língua Inglesa, sediada nos Estados Unidos, sendo mais um exemplo de cooperação internacional envolvendo as Olimpíadas de Linguística.

O quarto movimento olímpico ocorreu nos **Países Asiáticos**, que somaram novos representantes a IOL continuamente por mais de uma década. São parte desse movimento as olimpíadas da República da Coreia (2008), da Índia (2009), de Singapura (2010), da China (2012), do Japão (2012), de Taiwan (2013), do Paquistão (2014), de Bangladesh (2015), do Nepal (2017), da Malásia (2018) e de Hong Kong (2019). Os Emirados Árabes Unidos em 2011, o Vietnã em 2011 e 2021, Israel em 2012, e também o Sri Lanka em 2016 participaram como convidados da IOL, mas não constituíram suas Olimpíadas Nacionais. Em 2019, delegados da Índia, Malásia, República da Coreia e Taiwan criaram a Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico (*APLO*), que distribui aos Comitês Organizadores Locais dos países ou regiões participantes os conjuntos de problemas e todos fazem a prova em seu local de origem no mesmo dia. A maioria das Olimpíadas asiáticas utilizam a *APLO* como segunda fase de seleção de seus eventos nacionais.

O quinto movimento de criação de Olimpíada de Linguísticas, por fim, chega às **Américas não-anglófonas** na segunda década do século XXI. São parte desse movimento as olimpíadas do Brasil (2011), do Canadá Francófono (2017) e da Colômbia (2019). Por ser uma região sem tradição em participar de Olimpíadas de Conhecimento, é notória a dificuldade de organização e fomento desses eventos.

Conforme pode-se observar no Apêndice A, para o fomento de olimpíadas nacionais, até 2016, era usual o convite de equipes “isoladas” para participação na IOL, como ocorreu com a Sérvia (2004 a 2013); Lituânia (2006); Noruega (2010); Emirados Árabes Unidos (2011), Vietnã (2011); Grécia (2012 e 2014); Israel (2012); Paquistão (2014 e 2016); França (2015); e Sri Lanka (2016). Tais países não organizaram concursos nacionais imediatamente depois, contudo, a estratégia funcionou em outros lugares depois de uma ou duas participações na IOL.

Nos primeiros anos da IOL, equipes formadas por estudantes de apenas um colégio ou uma cidade eram permitidas para representar seus países, mas com o aumento de participantes, escolas e regiões essa prática não é mais necessária e nem recomendada. Em 2012, a IOL determinou que os países credenciados tivessem uma competição nacional de seleção e um sítio na internet para ampla divulgação. Como descrito no Apêndice A, muitas olimpíadas ainda apresentam dificuldades de implementar um concurso em todo o território, sobretudo sem apoio institucional, além de dificuldades de manter um sítio minimamente atualizado.

Naturalmente, uma vez que um movimento olímpico surja em um território, existem boas chances de ele influenciar outras regiões similares que tenham uma forte interação política, acadêmica ou cultural, como foi o caso dos países advindos do Bloco Soviético, da Irlanda com o Reino Unido, e dos Estados Unidos com o Canadá. Porém, essa influência não é imperativa. A existência de uma Olimpíada Tcheca não resultou ainda no surgimento de outra na Eslováquia. A Moldávia ainda não organizou uma Olimpíada, apesar das existentes na Romênia, na Ucrânia e na Rússia. As Olimpíadas no Brasil e na Espanha não motivaram uma Olimpíada em Portugal, o que se repete em muitos outros contextos internacionais.

A partir da etapa internacional de 2003, as Competições Nacionais seguiram lógicas de criação diferentes das primeiras olimpíadas de Linguísticas (Apêndice A). Questões históricas e identitárias definiram que as Olimpíadas da Índia e da Austrália, que realizam suas provas em inglês, seguissem caminhos bem diferentes. A OL indiana filiou-se à Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico (APLO) e não faz parte do consórcio da Olimpíada de Linguística Computacional de Língua Inglesa (ELCLO). De forma inversa, a OL australiana recebeu forte influência da ELCLO e não entrou na APLO, mesmo estando localizada em sua área de abrangência. Outra lógica criou a Onling, *Online Olympiad in Linguistics*, que é um evento internacional, mas não seletiva para a IOL e nem com as características apontadas nesta Tese.

Assim, reunir os fragmentos historiográficos de fundação do Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (*OTiPL*), bem como observar os objetivos que motivaram a criação Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou, em 1965, e ainda relacionar ao desenvolvimento institucional das Olimpíadas de Linguística (Computacional) de cada país nos permite evidenciar um panorama de como esses eventos se constituíram na integração entre a linguística, a matemática, a computação e a educação, demonstrada em heranças de diversas naturezas.

Segundo Fairclough (2003: 14), “tanto eventos sociais concretos quanto estruturas sociais abstratas, assim como as Práticas Sociais menos abstratas (intermediárias entre evento e estrutura) fazem parte da realidade”. Estruturas sociais são entidades potenciais amplas, como a estrutura econômica, educacional, cultural etc., que definem um conjunto de possibilidades para a realização de eventos. Ao considerar a estrutura social “Olimpíada de Linguística”, é possível perceber que existem várias redes de relações sociais entre os Organizadores Nacionais, os professores colaboradores, os estudantes e até os pais e/ou a comunidade envolvida. Essas redes de relações ocorrem por meio de eventos sociais concretos do cotidiano, como a composição das provas, a organização logística das salas, a aplicação das provas, a correção, a premiação, a divulgação da mídia, os treinamentos e viagens para participar da etapa internacional.

Por meio da historiografia detalhada nessa seção, no Apêndice A e nos relatos dos anexos, podemos comprovar que a Olimpíada de Linguística oferece voz aos não-outorgados pelo poder acadêmico, principalmente estudantes, que motivaram a criação desses eventos em países como Austrália, Brasil, Dinamarca, Eslovênia, Hungria, Índia, Japão, República da Coreia, República Tcheca, Reino Unido e a própria Olimpíada original em Moscou. Ao adquirirem experiência, vários alunos se tornam integrantes da organização, ainda que não tenham diplomas universitários. Contudo, é necessário salientar que a participação de professores é fundamental. Sem apoio institucional, especialmente de uma universidade, ou de uma empresa, ou principalmente de algum órgão governamental, as Olimpíadas apenas com discentes permanecem subdesenvolvidas, ou pior, funcionam alguns poucos anos e são interrompidas por falta de verbas/apoio para sua manutenção.

Para Fairclough (2003), a relação entre estruturas e eventos é bastante complexa, pois os eventos não são simplesmente efeitos de estruturas abstratas. Para o autor, a relação é mediada por Práticas Sociais. O discurso é entendido, nesse contexto, como um momento da Prática Social, uma forma de ação no mundo para além das atividades individuais, como linguagem associado a um determinado campo (discurso educacional, discurso publicitário, por exemplo), e ainda como modo de construção de aspectos da realidade, associado a uma perspectiva particular (discurso tradicional de meritocracia, por exemplo). Não há como pensar no discurso de maneira estática, sem movimentos.

Se transpusermos essas reflexões para o domínio da linguagem, teremos que as estruturas sociais estariam no mesmo nível de abstração das línguas; as Práticas Sociais se equiparariam à ordem do discurso; e os eventos sociais seriam os textos (BATISTA JR, *et al.* 2018: 90). Assim, a língua e a estrutura social são definidas como um potencial, um conjunto amplo de possibilidades de construção de sentidos, uma rede de opções a partir do qual o sujeito seleciona determinada combinação de alternativa para realizar (excluindo naturalmente outras opções não realizadas). As Práticas Sociais e a ordem do discurso são entidades organizacionais de mediação dos discursos com outros elementos não discursivos (outras semioses), isto é, entre o mais abstrato (as possibilidades) e o mais concreto (os textos). E por fim, os eventos e os textos são as entidades concretas de realização dos sentidos.

A estrutura social que engloba a “Olimpíada de Linguística” demonstra variadas possibilidades de configuração/restrrição para a ação dos indivíduos na Prática Social, mas também é dialeticamente o resultado dessas ações. O momento de ação da vida social é, também, o momento de recriação/reprodução da estrutura. Ação e estrutura constituem-se mutuamente, de forma que não podem ser separadas ou reduzidas a uma. O sistema é dinâmico, pois se adapta às necessidades dos interagentes, inseridos em múltiplos contextos, com distintos objetivos e sob diversas coerções de redes de Práticas. A escolha de novas ações não desarticula o sistema, mas o pressiona paulatinamente para diferentes orientações sem que isso desestruture a própria rede. Entretanto, essas ações não são livres, pois existem expectativas - nem sempre conscientes - que gerenciam tais atividades. As expectativas correspondem a tensão entre as coerções, enquanto padrões de orientações prévios, e a agência, enquanto potencial de mudança.

Uma tensão que constituiu a Olimpíada de Linguística foi o conteúdo que deveria estar incluído no currículo básico de um linguista. A herança do pensamento linguístico-matemático-computacional do OTiPL, de forma direta ou indireta, institucionalizou-se em muitas Olimpíadas de Linguística que são promovidas por faculdades de matemática, de ciência da computação ou de lógica, como é o caso das Olimpíadas na República Tcheca, no Nepal e na Eslovênia, respectivamente (detalhes no Apêndice A). Esse profundo diálogo com as Ciências Exatas, estranho na maioria dos países, é o que provoca os questionamentos no primeiro contato com o evento: *“Mas será que isso é mesmo Linguística?”*; *“De qual Linguística a Olimpíada trata?”*; *“Em qual teoria a Olimpíada de Linguística se ancora?”*.

Um dos grandes objetivos da ADC é captar a invisibilidade das tensões das coercividade e da agência que orientam a Prática Discursiva como um todo. Essa tarefa necessita da análise de diversos textos concretos para a compreensão da estrutura social abstrata e o entendimento das Práticas Sociais (e dos elos relevantes da rede de Práticas). Enfim, utilizamos neste estudo uma abordagem que alia uma ampla descrição (dimensão textual), uma fundamentada explicação (dimensão social, histórica, política, econômica, educacional, antropológica etc.) e uma necessária interpretação (dimensão da prática discursiva).

A Prática Social da Olimpíada de Linguística articula usos particulares do discurso sobre meritocracia e empreendedorismo, que convida ao desafio e à inovação por meio da interação dos Problemas Linguísticos com o lúdico. Os discursos que circulam nas Olimpíadas se constituem maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais os organizadores e participantes de cada país/território/região constroem consensos. Como qualquer outra Prática Social, nas Olimpíadas de Linguística são articuladas pessoas (e suas crenças, valores, atitudes, histórias, formações etc.) em diversas relações sociais e institucionais.

Como mencionamos, desde 1965, os objetivos das Olimpíadas de Linguística (ou de Linguística e Matemática) sempre estiveram a serviço da busca dos melhores estudantes, da identificação de jovens talentos, do encantamento de novos cientistas, do despertar da nova geração para o enfrentamento de problemas práticos, o que recebeu o nome de *mindhunter*. Algumas olimpíadas são organizadas por entidades que têm como objetivo principal o interesse em procurar alunos particularmente qualificados (superdotados) e/ou preparar uma elite intelectual que seja capaz de ocupar lugares importantes no governo, na economia, na ciência, na cultura e na arte, como registram na seção “sobre nós” em seus sítios eletrônicos a Dinamarca⁷⁷, o Cazaquistão⁷⁸ e a Letônia⁷⁹. Apesar de não ser um objetivo explícito em todos os eventos sociais, podemos ver como esta característica é constitutiva dos concursos nacionais. Por se tratar de uma competição, os discursos sobre meritocracia e seletividade dos mais capacitados são naturalmente veiculados em textos diversos. Todavia, quais efeitos ideológicos são resultados dessa Prática Discursiva e Textual? Retomaremos este ponto no capítulo 3.

⁷⁷ <https://sprogliga.dk/om-os> Acesso em 27.05.20.

⁷⁸ <https://daryn.kz/en/about-center/> Acesso em 27.05.20.

⁷⁹ <http://www.fondsasni.lv/gb/about-us> Acesso em 27.05.20.

As Olimpíadas de Linguística podem variar em sua configuração estrutural de acordo com o espaço institucional em que são geradas. É por meio da análise de variados elementos que podemos descrever suas características comuns, pois não existe uma abordagem absolutamente objetiva. Por essa razão, um recurso fundamental para a pesquisa social da ADC é a investigação dos textos e discursos aliados à análise da rede de Práticas Sociais. Nesse sentido, as Práticas Textuais, as Práticas Discursivas e as Práticas Sociais demonstram como são essencialmente imbricadas e indissociáveis nessa pesquisa.

Foi seguindo essa metodologia que pudemos comprovar como o apoio institucional, especialmente do Ministério da Educação de cada país, ou ainda de grandes empresas privadas (cf. Apêndice A), contribui significativamente para o empreendimento desses eventos intelectuais. Se tomarmos a quantidade de participantes e as premiações como indícios de atividades realizadas nos eventos sociais, a diferença entre olimpíadas que têm apoio (governamental ou privado) e olimpíadas que não dispõem de suporte é notória. Dois exemplos que se destacaram em nossa pesquisa foram as Olimpíadas da Espanha e da Alemanha que, mesmo sendo países europeus considerados ricos, interromperam suas competições nacionais por várias edições e, conseqüentemente, suas participações na IOL, por falta de apoio e patrocínio. Isso nos aponta para observação de Práticas Discursivas e Sociais em duas direções opostas: Ou os governos e as empresas não veem a Linguística como uma área relevante para o desenvolvimento científico e tecnológico nacional, ou, *a contrario sensu*, a própria Linguística não tem conseguido se fazer relevante (nem mesmo conhecida) para o público exterior à academia, principalmente para entidades educacionais, governamentais ou empresariais de tecnologia. Retomaremos este ponto de discussão no capítulo 3.

Nessa perspectiva, a descrição historiográfica aqui reunida tem como objetivo a explicitação da diversidade dos processos de institucionalização das Olimpíadas de Linguística e das Práticas Sociais delas decorrentes que, por sua vez, geraram outras redes de Práticas, em um contínuo processo dialético de continuidade e descontinuidade, de avanços e de retomadas. Assim, sabendo que a escrita da história é um fazer interpretativo, é necessário pormenorizar as atividades inseridas na Olimpíada Internacional de Linguística, que foi a fomentadora de muitas Olimpíadas Nacionais organizadas após 2003, o que faremos a seguir.

2.3 Face(ta)s da Olimpíada Internacional de Linguística

A Olimpíada Internacional de Linguística (IOL) foi concebida no dia 22 de dezembro de 2002 (conforme registra o regulamento da IOL⁸⁰), no apartamento de *Elena Muravenko* e amadurecida por um comitê organizador internacional em Moscou, que incluía professores e alunos da Universidade Estatal de Moscou, Universidade Estatal Russa para as Humanidades, Universidade Estatal de São Petersburgo, vários institutos da Academia Russa de Ciências, professores das escolas de Moscou e São Petersburgo, além de linguistas da Bulgária, Estados Unidos, Reino Unido e Polônia⁸¹. O objetivo era reunir diversos países na resolução de Problemas Linguísticos Autossuficientes, que não requerem conhecimentos especiais, apenas familiaridade com conceitos fundamentais do estudo da linguagem e das línguas, como são tipicamente apresentados nos currículos escolares, bem como na cultura geral e no pensamento lógico. O evento geralmente tem duração de 5 a 7 dias, contendo uma cerimônia de abertura⁸², uma prova individual e outra em equipes⁸³, um dia de excursão cultural (passeio) para que o júri corrija a prova individual, atividades linguístico-culturais⁸⁴ e uma cerimônia de discussão dos Problemas Linguísticos⁸⁵, com premiação e encerramento⁸⁶.

Na prova individual, cada participante resolve cinco problemas linguísticos e entrega suas soluções em papel em até seis horas. Não há intervalo, embora seja habitual que alguns refrescos sejam fornecidos. Todas as tarefas são traduzidas para o idioma preferencial dos participantes e este escreverá as soluções nesta mesma língua, por isso, são projetados para serem igualmente difíceis para falantes de línguas diferentes. Nunca são utilizados idiomas que qualquer participante já domine. Cada tarefa tem atenção específica do Júri (DERZHANSKI, 2013).

Na prova em equipes, cada time (um ou dois) do país/território resolve um único Problema Linguístico mais complexo e de maior extensão, distribuindo o

⁸⁰ Em <https://ioling.org/rules/rules.pdf> Acesso em 11.12.21.

⁸¹ Em <http://www.lingling.ru/olymps/international.php> Acesso em 11.12.21.

⁸² Em <https://www.youtube.com/watch?v=s3C-Gv1wpFA> Acesso em 11.12.21.

⁸³ Em https://ioling.org/problems/by_year Acesso em 11.12.21.

⁸⁴ Em <https://www.youtube.com/watch?v=NpLTMc95C64&t=349s> Acesso em 11.12.21.

⁸⁵ Em https://www.youtube.com/watch?v=iRSLVJ_pTYs Acesso em 11.12.21.

⁸⁶ Em <https://www.youtube.com/watch?v=lieGk8tDBxg&t=18s> Acesso em 11.12.21.

trabalho como desejarem os resolvedores e entregando uma única resposta. A exceção foi na primeira IOL em que foram submetidos três problemas. A solução é avaliada pelo Júri que anuncia na cerimônia final as três (ou mais) equipes vencedoras - ouro, prata e bronze - e a premiação do desempenho individual.

Os Problemas Linguísticos Autossuficientes são entregues aos participantes em papel e permanecem com eles depois da aplicação. A folha de resposta é fornecida pelo Comitê Organizador Local e outro papel não é permitido para resposta. Os participantes devem trazer suas próprias canetas ou lápis, embora os supervisores levem também algumas unidades reservas para socorrer em uma eventualidade. Ajudas artificiais como calculadoras e calendários não podem ser usadas. Celulares e outros dispositivos eletrônicos são estritamente proibidos. Qualquer equipamento que seja necessário para resolver os problemas devem ser disponibilizados a todos pelo Comitê Organizador anfitrião. As provas são sempre identificadas e contêm um breve questionário com as seguintes questões:

- Qual problema você achou mais difícil?
- Qual problema você achou mais fácil?
- Qual problema você mais gostou?

As informações desse questionário destinam-se a auxiliar o Júri na marcação do nível de dificuldade, e ainda, são utilizadas para fins estatísticos. O autor do problema favorito dos participantes de cada edição recebe um prêmio no final da Olimpíada, o chamado "*Solvers' Choice Award*".

Na prova de equipe, os membros da mesma equipe receberão o problema em somente um idioma e devem respondê-lo na mesma língua. Os Organizadores de cada um dos países devem notificar os Organizadores Locais da IOL sobre os idiomas que os alunos desejam usar o mais tardar dez semanas antes do evento, como parte do processo de inscrição. Para uma língua que não tenha sido utilizada no ano anterior, o aviso deve ser entregue até 1º de fevereiro, conforme determina o regulamento. Cada participante ou equipe pode ter acesso a somente uma versão da prova. Os Problemas Linguísticos são objetos do capítulo 4 deste trabalho.

De acordo com o atual regulamento⁸⁷, cada país/território é representado por não mais de quatro **estudantes** por equipe, acompanhados de um **líder de equipe** (*team leader*). Os participantes devem ter menos de 20 anos no primeiro dia do

⁸⁷ Em <https://ioling.org/regulations/> Publicado em 2009 e atualizado em 2011, 2013, 2015, 2016, 2017 e 2019. Acesso em 27/01/20.

evento e devem ser pré-universitários. Eles podem estar estudando no exterior ou receber educação domiciliar (*homeschooling*). Também podem representar um país estrangeiro, diferente de sua nacionalidade, a critério da organização de cada OL. Os alunos devem ser escolhidos com base em um concurso nacional em linguística ou áreas correlatas, realizada na(s) língua(s) oficial(is) de educação daquele país⁸⁸.

As Olimpíadas Nacionais são responsáveis pelos custos de suas viagens ao local da IOL, inclusive as taxas de visto e seguro médico, quando aplicáveis, e ainda despesas diversas. Os valores de alojamento e alimentação estão incluídos na inscrição para os dias do evento. Um pedido para enviar uma segunda equipe do mesmo país pode ser feito por um prazo estipulado pelo Comitê Organizador Local. O valor da inscrição é superior ao da primeira equipe, que é reembolsável apenas se não houver espaço suficiente, mas não reembolsável se o país retirar a inscrição submetida. Pessoas adicionais, não participantes, como vice-líderes, treinadores, observadores, convidados e pais, podem ser recebidos, se houver espaço suficiente, a critério do Comitê Organizador anfitrião. Tais integrantes serão responsáveis por todas as suas despesas, incluindo alojamento e alimentação. No geral, a IOL é formada por oito (08) colegiados que passamos a apresentar:

O **Conselho Internacional da IOL** (*International Board*), entidade organizadora geral da Olimpíada, é constituído por membros eleitos do Comitê Organizador Internacional, normalmente incluindo:

- Presidente do Conselho;
- Secretário;
- Coordenador do sítio virtual da IOL;
- Presidente de financiamento;
- Presidente de relações públicas;
- Organizadores locais das duas Olimpíadas passadas*;
- Organizadores locais das próximas duas Olimpíadas*;
- Presidente do Júri Internacional*;
- Presidente do Comitê de Problemas;
- Secretário do Comitê de Problemas;
- Oficial de ligação do organizador local.

Os membros do Conselho Internacional são eleitos pela reunião anual do Comitê Organizador Internacional. Os cargos indicados com asterisco (*) são

⁸⁸ Sob esta perspectiva, a noção de “país/território” na IOL se assemelha a uma unidade linguística oficial/educacional, o que pode ser problemático para falantes de línguas minoritárias, não-oficiais. A OL da Espanha (OLE) aplicava as provas nacionais simultaneamente em castelhano, catalão, galego e euskera (basco). A OL da Letônia aplica as provas nacionais simultaneamente em letão, russo e inglês, mas apenas uma língua pode ser usada na prova de equipes da IOL.

indicados pelo próprio Conselho com mandato até que seu sucessor seja nomeado. O Conselho Internacional se reúne pelo menos uma vez entre as Olimpíadas, normalmente em dezembro ou janeiro, para preparar a próxima edição. Isso pode ser feito eletronicamente, por exemplo, através de uma troca de e-mails ou por meio de videoconferência. A ata da reunião, contendo um resumo das discussões e conclusões, é enviada por e-mail a todos membros atuais do Comitê Organizador Internacional não menos que dez semanas antes da próxima Olimpíada. O Conselho também se reúne na Olimpíada, para preparar a agenda para a reunião do Comitê Organizador Internacional. Qualquer membro do Conselho que não puder comparecer a uma reunião pessoalmente ou *online* pode solicitar um procurador que, uma vez aprovado pela assembleia, terá pleno direito de voto.

O **Comitê Organizador Internacional da IOL** (*IOC*, da sigla em inglês) é constituído pelos Organizadores das Olimpíadas Nacionais dos países credenciados e membros do Júri da Olimpíada. Os membros do *IOC* são, na verdade, organizações e não indivíduos, portanto, os negócios do *IOC* são conduzidos por indivíduos que atuam como representantes dessas organizações, geralmente educacionais. Em um momento conveniente, durante o evento, é realizada uma reunião anual para discutir quaisquer assuntos relacionadas à IOL, incluindo a nomeação e/ou reeleição de membros da diretoria e escolha do local das futuras Olimpíadas, para que pelo menos o local da próxima edição da Olimpíada possa ser anunciado oficialmente no encerramento. Esta reunião é liderada pela Presidente do Comitê Organizador Local ou seu delegado. Membros do *IOC* que estiverem ausentes podem ser representado pelos líderes de equipe (*team leader*). Representantes de países convidados não são considerados membros do *IOC*, ou seja, podem participar da reunião e contribuir com ideias, mas não têm direito a voto. Outras pessoas presentes na Olimpíada podem ser convidadas para participar da reunião do *IOC* sob as mesmas regras.

Países que desejarem participar pela primeira vez da Olimpíada devem buscar o credenciamento junto ao Conselho Internacional (*International Board*). O credenciamento pode ser solicitado a qualquer momento, mas a data limite de 1º de janeiro é o prazo-limite para a participação naquele ano. Equipes que ainda não completaram o processo de credenciamento podem ser autorizados a participar da Olimpíada como convidados, por um período máximo de dois anos consecutivos.

O **Comitê Organizador Local** é composto pelos representantes do país anfitrião, elegendo um presidente que deve ter experiência na organização de eventos para estudantes em nível nacional. É dever do Comitê Organizador Local:

- Anunciar a Olimpíada com bastante antecedência em fóruns apropriados;
- Projetar (ou encomendar o design de) um logotipo para a Olimpíada;
- Criar e manter um sítio virtual com informações sobre a edição organizada;
- Receber inscrições e valores das Organizadores Nacionais;
- Ajudar os líderes de equipe na organização de sua viagem até o local do evento, enviando convites oficiais e fornecendo informações importantes;
- Transmitir manifestações de interesse e pedidos de participação de países não credenciados para a Conselho Internacional;
- Informar o Comitê de Problemas sobre as línguas utilizadas pelos participantes, o mais tardar dez semanas antes da IOL;
- Preparar um espaço adequado para a Olimpíada no país de acolhimento, visando assegurar condições de vida iguais para todos os concorrentes;
- Planejar e organizar programações sociais e culturais;
- Prover acomodação e pensão completa para quatro participantes e um líder de equipe de cada país credenciado, bem como o Júri, durante o período da Olimpíada;
- Custear a viagem dos membros do Júri Internacional para o local da Olimpíada, incluindo taxas de visto, se aplicável, e despesas técnicas;
- Oferecer refrescos e pessoal de apoio (supervisores) durante as provas;
- Providenciar salas adequadas para a abertura, provas individuais, em equipes e cerimônia de entrega de prêmios e encerramento;
- Reservar salas para a reunião do IOC, do Conselho Internacional e do júri;
- Distribuir folhas de resposta para os participantes, canetas extras, assim como qualquer equipamento necessário para as duas provas;
- Confeccionar medalhas, prêmios, diplomas e certificados.

O **Comitê de Problemas (CP) da IOL** tem a missão de reunir os problemas para as duas provas, individual e em equipe. É composto por pessoas que geralmente desempenham o mesmo papel nos eventos nacionais. É liderado por um Presidente indicado entre os seus membros com a aprovação do Conselho Internacional. O Secretário do Comitê é o ponto principal de contato entre o CP e o Comitê Organizador Local. O Comitê de Problemas é responsável por:

- Criar e testar os problemas de cada prova, garantindo que o nível de dificuldade será semelhante para todos⁸⁹, independentemente do idioma;
- Solicitar Problemas Linguísticos de alta qualidade, submetê-los a especialistas de estrita confiança e mantê-los em segredo até as provas;
- Traduzir os problemas de cada edição e os gabaritos para as línguas participantes, garantindo a equivalência de todas as versões⁸⁹;
- Avisar e assessorar o Comitê Organizador Local para providenciar qualquer equipamento que pode ser necessário para resolver as provas.

⁸⁹ Sobre isso, conferir os textos: **On the Translatability of Linguistic Problems: the Lessons of the First International Linguistics Olympiad.** (DERZHANSKI; BERDIČEVSKIS; GILYAROVA; IOMDIN; MURAVENKO; & RUBINSTEIN, 2004) e ainda **Multilingual Editing of Linguistic Problems.** (DERZHANSKI, 2013).

O **Júri Internacional da IOL** é composto por pessoas selecionadas dentre os membros do Comitê de Problemas e especialistas afiliados que têm a experiência em participar de júris de concursos nacionais de línguas ou olimpíadas anteriores. É dirigido por um Presidente que normalmente será a pessoa que serviu como Presidente do Comitê de Problemas no último ano. Se isso não for possível, o Presidente do Júri será nomeado de entre os membros do Comitê de Problemas com a aprovação do restante do Conselho Internacional. É dever do Júri:

- Explicar as regras dos concursos para os estudantes e seus líderes;
- Responder às perguntas permitidas que os participantes possam ter sobre os enunciados dos problemas durante a prova;
- Confeccionar os gabaritos após cada prova e produzir uma lista ordenada de resultados, com base na qual as medalhas são atribuídas;
- Corrigir as provas individuais e em equipe durante a Olimpíada;
- Apresentar os problemas e suas soluções antes do encerramento;
- Classificar as equipes pela pontuação média dos indivíduos;
- Indicar destinatários de prêmios para melhores soluções de problemas individuais e outros prêmios especiais.

A **Organização da Olimpíada Nacional de cada país** é responsável pela seleção dos participantes da IOL por meio de Olimpíadas de Linguística ou áreas correlatas. Essas pessoas devem ser ligadas a organizações educacionais fidedignas, tendo como objetivo e capacidade organizar um evento nacional a longo prazo. Os deveres da Organização Nacional em relação à IOL são as seguintes:

- Informar o Conselho Internacional sobre mudanças de contatos nacionais;
- Comunicar ao Comitê Organizador Local os dados dos membros e do líder da(s) equipe(s), e em quais línguas desejam realizar as provas individual e em equipe;
- Confirmar as informações mencionadas, pelo menos, dez semanas antes do evento. Se a solicitação for de um idioma não previsto na Olimpíada anterior, o prazo é até 1º de fevereiro;
- Pagar todas as taxas e encargos referentes a hospedagem e alimentação da equipe dentro do prazo determinado.

O **Líder de equipe** (*team leader*) de cada delegação deve ser legalmente adulto no país da equipe e no anfitrião país. Este não deve ter participado do trabalho do Comitê de Problemas como membro ou especialista, nem pode estar no Júri. Seus deveres incluem:

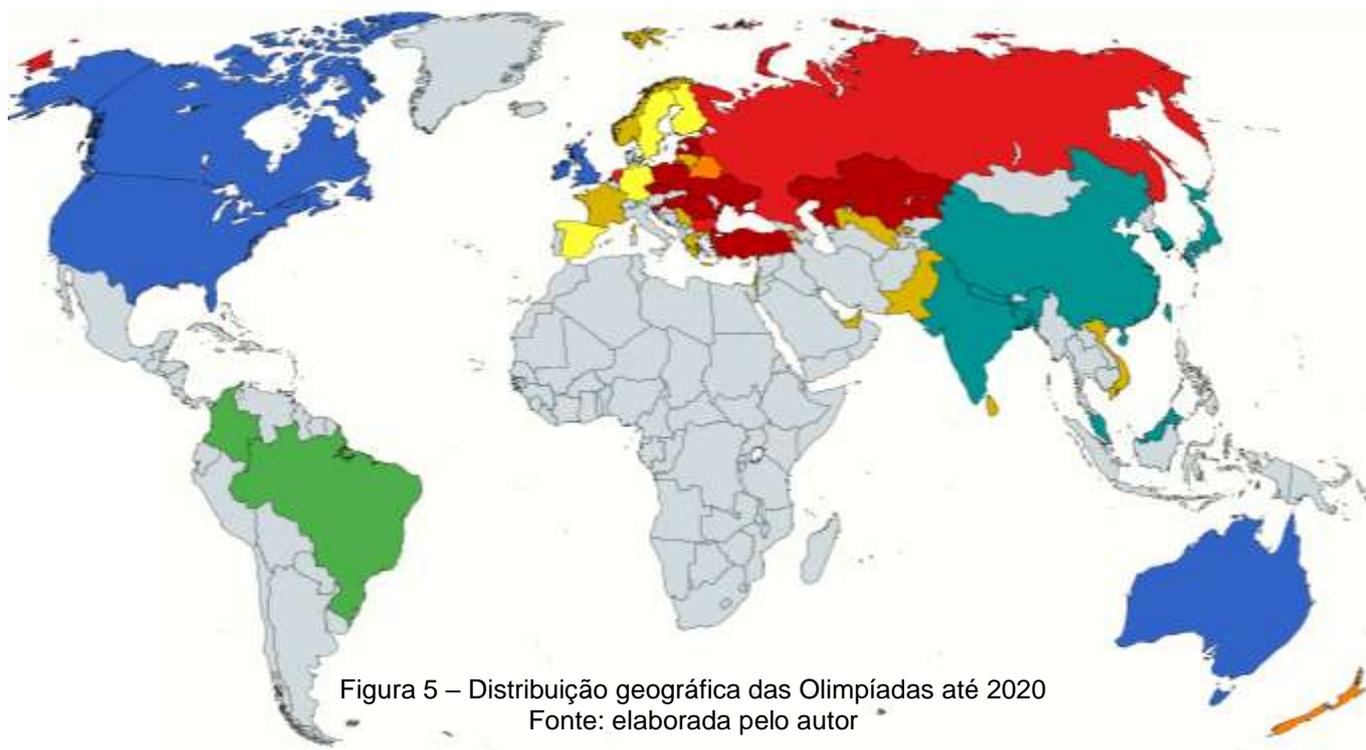
- Cuidar do bem-estar e do comportamento da equipe durante a viagem;
- Representar a sua Organização Nacional na reunião anual do IOC realizada durante a Olimpíada, se necessário;
- Auxiliar o Júri, se necessário, na leitura de caligrafia ilegível ou, no mais extremo dos casos, traduzindo algumas passagens das respostas;
- Atuar como supervisor (vigilante) na prova de equipe, se necessário;
- Atuar como mediador entre a equipe e os Organizadores da Olimpíada.

Os **supervisores**, chamados de vigilantes ou aplicadores, atuam apenas durante as provas, individual e de equipes, período em que são responsáveis por:

- Cuidar para que os participantes possam fazer as provas em paz, usufruindo do tempo determinado sem ninguém distrair a atenção deles;
- Prevenir e suprimir qualquer tentativa de comunicação entre um concorrente e qualquer outra pessoa que não seja do Júri;
- Evitar a utilização de ferramentas e fontes de informação não autorizadas;
- Contatar o Júri, se um participante pedir ou em outra situação imprevista;
- Auxiliar o Júri na coleta das respostas e questionários, garantindo que todas as folhas de respostas e canetas estejam em ordem durante a prova.

Geralmente, há palestras sobre tópicos de interesse relevantes para a linguística em uma ou duas noites durante a IOL, que é planejada e organizada pelos anfitriões. Após a competição por equipes e antes do encerramento, atividades como festas, questionários, esportes e outros eventos podem ser organizados.

Ao todo, até 2020, equipes de 48 países (cf. Apêndice A) já participaram, pelo menos uma vez, da Olimpíada Internacional de Linguística: Alemanha, Austrália, Bangladesh, Brasil, Bulgária, Canadá (anglófono e francófono), Cazaquistão, China, Colômbia, Dinamarca, Emirados Árabes Unidos, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hong Kong, Holanda, Hungria, Ilha de Man, Índia, Irlanda, Israel, Japão, Letônia, Lituânia, Malásia, Nepal, Noruega, Paquistão, Polônia, Reino Unido, República da Coreia, República Tcheca, Romênia, Rússia, Sérvia, Singapura, Sri Lanka, Suécia, Taiwan, Turquia, Ucrânia, Uzbequistão e Vietnã. Os movimentos são visualizados em cores na Figura 5:



Os detalhamentos das informações acerca das Olimpíadas Internacionais de Linguística como local, organização geral, quantidade de estudantes, times e países, assunto das provas, presidência do júri e premiação são registrados no Apêndice B desta Tese. Em resumo, os dados podem ser sintetizados na seguinte Tabela 1:

Edição	Ano	Local	Países ou Territórios	Times	Participantes	Total de Medalhas	Menções Honrosas
1º	2003	Borovets, Bulgária	6	9	33	7	--
2º	2004	Moscou, Rússia	7	12	45	14	--
3º	2005	Leiden, Holanda	9	13	50	6	9
4º	2006	Tartu, Estônia	9	13	51	13	2
5º	2007	São Petersburgo, Rússia	9	15	61	12	--
6º	2008	Slanchev Bryag, Bulgária	11	16	67	20	--
7º	2009	Wrocław, Polônia	17	23	86	22	20
8º	2010	Estocolmo, Suécia	18	26	99	27	23
9º	2011	Pittsburgo, Estados Unidos	19	27	102	25	25
10º	2012	Liubliana, Eslovênia	26	34	131	37	24
11º	2013	Manchester, Reino Unido	26	35	138	36	35
12º	2014	Pequim, China	28	39	152	41	28
13º	2015	Blagoevgrad, Bulgária	30	43	167	46	31
14º	2016	Mysore, Índia	30	43	167	53	24
15º	2017	Dublin, Irlanda	28	43	172	50	33
16º	2018	Praga, República Tcheca	30	49	192	60	19
17º	2019	Yongin, República da Coreia	36	53	209	60	31

Tabela 1 – Dados das Olimpíadas Internacional de Linguística até 2020

Fonte: Elaborada pelo autor

Segundo Ivan Derzhanski (2007a), a Olimpíada Internacional é amplamente baseada na Olimpíada em Linguística Matemática da Bulgária, somada com algumas características moscovitas, o que indica que tanto as etapas nacionais mais antigas influenciaram a etapa internacional quanto esta influenciou as Olimpíadas Nacionais que surgiram depois. Segundo o autor, que foi presidente do Júri da IOL em 2003, 2008 e 2012 (cf. Apêndice B), o evento evoluiu como um domínio para experimentar novos problemas e modelos, incluindo projetos que requerem equipamentos especiais (como gravadores ou computadores para editar discursos ou vídeos) e passou a ser visto como um excelente local para mostrar aos estudantes do ensino médio como é o trabalho na pesquisa linguística real.

A historiografia descrita na seção 2.2 e nos Apêndices A e B nos fornecem pistas de como as Olimpíadas Nacionais se constituíram, com suas prioridades e filiações institucionais, especialmente vinculada em departamentos de matemática ou de computação. Como mencionado na introdução desta Tese, nos movimentos de criação das primeiras Olimpíadas Científicas Internacionais, de 1959 até os anos 1990, esses eventos eram limitados por questões geopolíticas. Por vários anos, somente países socialistas receberam e participaram das Olimpíadas Científicas, e ainda, por muitos anos, as edições foram sediadas somente em países europeus.

Como podemos observar na Tabela 1, em somente 4 ocasiões a IOL foi realizada fora do velho continente europeu (uma vez nos Estados Unidos e três vezes na Ásia – China, Índia e Coreia). Da mesma forma, os países europeus participantes das duas primeiras IOL sediaram 58% (10 de 17) eventos até 2020. Até este ano, 94% (16 de 17) das IOL realizadas foram em países ao norte do Trópico de Câncer. Assim, torna-se evidente a pouca tradição das Olimpíadas de Linguística em países emergentes e subdesenvolvidos, com ausências marcantes de grandes extensões territoriais como na Oceania, na África e na América Latina. Por ser um evento sobre línguas, é alarmante a escassez de países com grande diversidade linguística, como Papua Nova Guiné (pelo menos 820 línguas), Indonésia (707 línguas), Nigéria (526 línguas) e México (289 línguas).

Como qualquer evento competitivo, com premiações em disputa, os resultados são uma parte importante para aferir o nível de sucesso alcançado. Nas Olimpíadas de Linguística, de fato, os prêmios são tratados de diferentes maneiras por cada um dos participantes, dentro das equipes, pelos treinadores, pelos torcedores e até por alguns patrocinadores. Em alguns países, as premiações são (ou foram) uma espécie de grande conquista nacional. Eventualmente, os estudantes podem receber vantagens para entrada em cursos de nível superior ou bolsas de estudos para algumas universidades de excelência, como acontece na Bulgária (diversas instituições), China (*Tsinghua University* e *Peking University*), Estônia (*University of Tartu*), Estados Unidos (*Harvard*, *Stanford*, *Yale*, *MIT*, entre outras), Índia (*International Institute of Information Technology*, Hyderabad), Polônia (*Universidade de Wrocław*), Reino Unido (*Cambridge University*), República Tcheca (*Charles University*), Rússia (Universidade Estatal de Moscou Lomonóssov e muitas outras), Turquia (em cursos de Linguística, mas não de Linguística Computacional) etc., conforme registrado nos sítios das olimpíadas e nas entrevistas desta Tese.

No Brasil, em 2019, a única a aceitar a OBL foi a Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), no curso de Engenharia de Materiais. Em 2020, o Instituto Federal do Sul de Minas (IF-Sul de Minas) aceitou a OBL para o curso de Educação Física. As três universidades estaduais paulistas (UNESP), de São Paulo (USP), de Campinas (UNICAMP) aceitam para ingresso diversas olimpíadas do conhecimento nas “vagas olímpicas”, mas ainda não reconhecem a Olimpíada de Linguística para esta finalidade. Essas instituições notadamente privilegiam as olimpíadas da área de exatas, com vagas exclusivas para medalhistas em nível nacional, ibero-americano e internacional. Em posição oposta à brasileira está a Rússia, onde a Olimpíada de Linguística é qualificada como nível 1 (mais elevado) de recomendação para ingresso em universidades de excelência⁹⁰, como relatado nas entrevistas adiante.

Diante disso, para aumentar o número de medalhistas, muitos países membros da IOL fornecem algum tipo de treinamento aos participantes das fases mais avançadas, especialmente resolvendo os Problemas Linguísticos que estão disponíveis nas provas anteriores da IOL, de sua própria Olimpíada e de outros países. Porém, para as fases iniciais, todas as Olimpíadas Nacionais são unânimes em registrar em seus endereços virtuais a **não** necessidade de conhecimentos técnicos de Linguística ou das línguas, pois os Problemas Linguísticos são autossuficientes. O contraste entre discurso sobre a tradição de não preparação e a prática cada vez mais competitiva dos eventos sociais foi explicado pelos organizadores da Olimpíada Russa em resposta ao questionário de nossa Tese:

De fato, a tradição sempre desaprovou qualquer preparação. Mas o fato é que está se tornando cada vez mais costumeiro se preparar: resolver problemas de prática, participar de clubes com problemas linguísticos depois da escola, cursos *on-line* etc. Até agora, isso nunca foi oficialmente incentivado pelos organizadores da Olimpíada. (Representante da Rússia. Pergunta nº 15 do Anexo da Tese, tradução nossa).

Sem dúvidas, um sucesso ou fracasso pontual não tem nenhum significado especial. Mas reiteradas vitórias, por vários anos seguidos, são indícios de Práticas Sociais subjacentes. De fato, nenhum resultado tem uma única razão isolada, por isso, vários fatores influenciam nos dados expressos em medalhas. Países que levam duas equipes estatisticamente multiplicam suas chances de medalhas, como os Estados Unidos, por exemplo. Além disso, quanto mais cedo um participante conseguir uma medalha, mais chance este terá de repetir a ação. Por isso alguns

⁹⁰ <https://olimpiada.ru/article/687> Acesso em 26.02.20.

países incentivam a participação desde muito cedo, na idade do Ensino Fundamental⁹¹, como a Rússia, por exemplo. O *Hall da fama* da IOL registra medalhistas repetitivos e os times em que todos medalharam, que são nomeados de *Equipe dos sonhos (Dream Teams)*. Países com essas premiações certamente podem nos indicar Práticas Sociais e Discursivas distintas dos demais países.

Nas Olimpíadas Nacionais, adotam-se diferentes modos de premiação. Em Moscou, originalmente, os prêmios para os maiores pontuadores e para os autores da melhor solução de cada problema eram livros sobre linguagens ou linguística, frequentemente doados pelos organizadores. Atualmente, há olimpíadas que **não** possuem uma cerimônia de premiação oficial, como, Alemanha, Estados Unidos, Suécia e Turquia; e outras olimpíadas que oferecem *souvenirs* como livros, canecas, sacolas de pano, camisas, canetas, ingressos de museus, como Estônia, Eslovênia, Polônia e Brasil. Medalhas e certificados são as premiações mais comuns.

Na IOL, os números de medalhas de ouro, prata e bronze da prova individual são aproximadamente na proporção 1: 2: 3, e o número total de premiados será entre um quarto (25%) e um terço (33%) do número de participantes da edição. A separação entre os tipos de medalhas depende dos maiores intervalos de pontuações, o que significa que o Comitê Organizador Local deve estar preparado para uma flutuação natural dos números de medalhas de cada tipo. Na prova de equipe, as medalhas de prata e bronze serão entregues aos mais bem colocados.

Na etapa internacional, o participante que obtiver uma pontuação maior que a média, mas não ganhar uma medalha, receberá uma Menção Honrosa. Também é costume premiar uma ou duas melhores soluções de cada problema no concurso individual. Outros prêmios simbólicos ou reais podem ser preparados e concedidos a critério do Comitê Organizador Local. Todos os competidores que não receberem uma medalha ou Menção Honrosa receberão um certificado de participação.

No sítio oficial da IOL, podemos reunir a premiação de cada país, o que fizemos no Apêndice C desta Tese. Vale ressaltar que neste sítio não há nenhuma tabela com a classificação entre os países, somente o registro dos medalhistas de cada edição, isto é, dos resultados individuais e de cada país ao longo dos anos. Contudo, sínteses podem ser encontradas na internet⁹², conforme Tabela 2 adiante:

⁹¹ https://vk.com/@lingling_ru-vospominaniya-uchastnikov-tradicionnoi-olimpiady-chast-1 11/04/2020.

⁹² https://en.wikipedia.org/wiki/International_Linguistics_Olympiad#cite_note-HistUKLO-2 05/05/2020.

#	País ou Região	Alunos na IOL	Ouro	Prata	Bronze	Menção honrosa	Hall da fama	Troféu de equipes	Equipe dos sonhos
1	Estados Unidos	108	19	35	20	20	14	11	8
2	Bulgária	138	19	20	29	22	15	7	6
3	Rússia	148	16	26	39	21	15	15	4
4	Reino Unido	68	13	8	13	12	5	3	3
5	Polônia	121	9	22	17	27	6	6	2
6	Índia	64	2	6	13	11	5		
7	República Tcheca	41	2	6	4	9	4		
8	Coreia	96	2	3	14	17	1	1	
9	Canadá Anglófono	36	2	3	6	11	2		
10	Romênia	35	2	3	6	4	2		1
11	Holanda	71	2	2	4	18		6	
12	China	60	1	8	10	13	1	1	
13	Estônia	75	1	7	15	13	3	1	1
14	Taiwan	35	1	6	3	10	1	1	
15	Brasil	43	1	4	3	6	2	1	
16	Letônia	72	1	3	10	10	2	2	
17	Ucrânia	32	1	3	7	8	2		
18	Japão	53	1	2	6	10	1		
19	Austrália	65	1	2	4	8		1	
20	Eslovênia	58		4	5	11	2	2	
21	Suécia	83		2	7	5	2	1	
22	Malásia	16		2	1			1	
23	Hungria	56		1	6	8			
24	<i>Singapura</i>	<i>24</i>		<i>1</i>	<i>4</i>	<i>8</i>			
25	Alemanha	24		1	1	6			
26	Irlanda	49			2	5			
27	Cazaquistão	36			2	4			
28	Turquia	23			1	---			
29	<i>Sérvia</i>	<i>28</i>			<i>1</i>	<i>4</i>			
30	<i>Espanha</i>	<i>21</i>				<i>1</i>			
31	Finlândia	16				1			
32	<i>Noruega</i>	<i>4</i>				<i>1</i>			

#	País ou Região	Alunos na IOL	Ouro	Prata	Bronze	Menção honrosa	Hall da fama	Troféu de equipes	Equipe dos sonhos
33	Ilha de Man	32							
34	Bangladesh	14							
35	Canadá Francófono	12							
36	<i>Grécia</i>	<i>12</i>							
37	Dinamarca	8							
38	Hong Kong	8							
39	<i>Paquistão</i>	<i>8</i>							
40	Nepal	4							
41	Colômbia	4							
42	<i>Israel</i>	<i>4</i>							
43	<i>Lituânia</i>	<i>4</i>							
44	Uzbequistão	3							
45	<i>Vietnã</i>	<i>2</i>							
46	<i>Emirados Árabes Unidos</i>	<i>1</i>							
47	<i>França</i>	<i>1</i>							
48	<i>Sri Lanka</i>	<i>1</i>							
49	<i>Armênia</i>								
50	<i>Belarus</i>								
51	<i>Nova Zelândia</i>								

Tabela 2 – Dados das premiações dos países na IOL até 2020
 Fonte: Elaborado pelo autor

Diante dos dados (detalhados no Apêndice C), podemos agrupar as olimpíadas em quatro categorias de semelhanças: eventos em fase de tradição; em fase de consolidação; em fase de evolução; e em fase de paralização.

O primeiro grupo está em fase de tradição. São olimpíadas geralmente com mais de 15 anos de funcionamento sem interrupções, que, comumente, levaram mais de 100 estudantes à IOL. Estão representados nos números 1 a 5 da Tabela 2. São eventos reconhecidos, promovidos por docentes de respeitadas universidades, que recebem apoio institucional/financeiro de órgãos governamentais e/ou de várias associações privadas de linguísticas, de matemáticas ou de computação. Decorrente disso, possuem recursos para levar dois times à IOL com regularidade, o

que estatisticamente aumenta suas chances de medalhas e, ainda, ajuda a fortalecer internamente a própria Olimpíada, visto que treinam mais alunos com *expertise* para contribuir nas edições posteriores. Outra característica em que este grupo se destaca é em número de medalhas de ouro, muito acima das demais olimpíadas, pontuando também em todos os parâmetros indicados na Tabela 2, especialmente as premiações coletivas (*Troféu de equipes* e *Equipe dos sonhos*). Cada Olimpíada desse grupo possui mais de 30 medalhas e 20 menções honrosas até 2020. De forma geral, esses eventos têm diversos materiais sobre Problemas Linguísticos Autossuficientes publicados em livros e coletâneas *online* e seus estudantes praticam resoluções em clubes de linguística nas escolas, ou seja, os discentes são versados em Problemas Linguísticos antes de chegarem às Olimpíadas. Por fim, observamos que 47% (8 de 17) das edições da IOL, até 2020, ocorreram nestes países: na Bulgária 3 vezes; na Rússia 2 vezes; nos Estados Unidos, Reino Unido e Polônia 1 vez cada. Isto aponta como a IOL fortalece as Olimpíadas Nacionais ao mesmo tempo que estas se destacam. Das treze primeiras posições da Tabela 2, apenas Canadá e Romênia nunca sediaram a IOL.

Vale destacar que a *NACLO* (Estados Unidos) e a *UKLO* (Reino Unido), apesar de não terem 15 anos de existência em 2020, possuem as demais características do grupo em fase de tradição, com considerável produção, testagem e publicação de Problemas Linguísticos. O alto número de medalhas de ouro contrasta com o baixo número de participantes do grupo, o que nos indica uma seleção competitiva, com muitos candidatos qualificados, e um treinamento anterior à competição oficial. Inclusive, as duas Olimpíadas destinam áreas específicas de seus sítios eletrônicos para o treinamento dos professores e o apoio na formação de clubes de linguística na escola, o que impacta diretamente neste tipo de premiação, pois todos se familiarizam com o raciocínio exigido desde muito cedo.

O segundo grupo está em fase de consolidação. São olimpíadas que funcionam há cerca de 08 a 14 anos, e que levaram entre 35 e 100 estudantes à IOL. Estão representados entre os números 6 a 21 da Tabela 2. Muitas dessas olimpíadas têm dificuldades em manter o financiamento de suas atividades, por isso, algumas delas enviam somente um time à IOL. As Olimpíadas que passaram a enviar duas equipes começaram a fazer isso depois de 4 anos de funcionamento (Austrália e Suécia) ou 6 anos de atuação (Brasil e Índia). Cada Olimpíada desse grupo possui entre 7 e 23 medalhas e entre 5 e 18 menções honrosas até 2020.

Desse conjunto, apenas dois países não possuem integrantes no *Hall da fama*, porém, em contrapartida, somente dois países pontuam na categoria *Equipe dos sonhos*. Em hipótese, isso pode indicar práticas de treinamento individual dos participantes, mas não institucionalizadas para a comunidade em geral. Percebemos que poucas olimpíadas desse grupo possuem livros ou outras publicações sobre os Problemas de Linguística, limitando a preparação dos alunos às provas anteriores.

Vale destacar que, até 2020, a República da Coreia, a China e a Estônia possuem entre 19 e 23 medalhas no total, porém concentradas em prata e de bronze, além de 13 a 17 menções honrosas. Isso aproxima tais países do grupo de tradição, e demonstra uma consolidação maior em relação aos demais países desse grupo. Em contrapartida, a Romênia e a Holanda, mesmo com 15 e 19 anos de experiência, em 2020, não possuem as características da fase de tradição.

O terceiro grupo está em fase de evolução. É composto por olimpíadas, em geral, com menos de 8 anos de funcionamento e/ou que apresentaram alguma interrupção em sua continuidade ao longo do tempo. Esses países, geralmente, levaram menos de 35 estudantes à IOL, comumente em apenas um time. Estão representados com frequência entre os números 22 a 41 da Tabela 2. Este grupo possui no máximo 7 medalhas e 8 menções honrosas até 2020. Os eventos com menos de 3 anos de experiência não possuem nenhuma premiação, exceto a Olimpíada da Malásia (*MyCLO*), que com essa idade possui resultados expressivos, inclusive um *Troféu de equipes*. A Hungria (MNYD) e a Irlanda (AULO) merecem atenção porque com 9 e 12 anos de experiência, respectivamente, em 2020, não possuem as características das olimpíadas em fase de consolidação.

Por fim, o quarto grupo está em fase de paralização. É composto por olimpíadas descontinuadas e estão marcadas em cinza e *itálico* na Tabela 2. Vale notar que alguns integrantes desse grupo participaram de mais de uma IOL e alcançaram medalhas e menções honrosas, como Singapura, Sérvia, Espanha e Noruega. Contudo, a maior parte desse grupo participou de apenas uma edição da IOL e não formou uma Olimpíada Nacional. Estão mais representados entre os números 42 a 51 da Tabela 2. Como já dissemos, Armênia e Belarus, apesar de constarem no rol de participantes da Olimpíada Internacional de Linguística, nunca enviaram participante ao evento. Ambos os países organizaram Olimpíadas Nacionais, em 2014 e 2017 respectivamente, mas apontaram dificuldades financeiras de participar da IOL. Belarus sempre aplicou os Problemas Linguísticos

de Moscou, e registrou em fevereiro de 2020, em seu endereço eletrônico⁹³ que a Olimpíada de Linguística de Minsk não oferece admissão para universidades em Belarus, mas pretende participar da próxima IOL na Letônia. Nova Zelândia (NZLO) não consta no rol de Olimpíadas da IOL, mesmo tendo sido apoiada por *Dick Hudson* (UKLO) e por *Dragomir Radev* (NACLO), conforme Apêndice A.

Analisando as premiações (detalhadas no Apêndice C), **não** podemos afirmar categoricamente que o número de medalhas é determinante para avaliar a situação Institucional de uma Olimpíada, entretanto, esses dados podem fornecer indícios das Práticas Sociais realizadas, ou seja, dos pontos fortes e vulneráveis das Olimpíadas de Linguística. As considerações sobre as características particulares e como elas se articulam a intenções mais amplas serão debatidas no capítulo 3.

De acordo com a ADC, em qualquer atividade humana, as interconexões e redes de causa e efeito podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão (FAIRCLOUGH, 1995). Por isso, nossa análise não se centra apenas em elementos especificamente linguísticos, mas também em outras semioses, como as medalhas nesta seção. A análise das premiações e o “*ranking*” construído nesta pesquisa implicam conexões e causas pouco visíveis, que constroem e desconstroem práticas dominantes de poder, uma vez que as estruturas hegemônicas e seus discursos estabilizam as convenções sociais e as convertem em algo natural, fazendo com que as mais variadas práticas ideológicas sejam, muitas vezes, tidas como inquestionáveis (FAIRCLOUGH, 2001).

Ao construir o quadro de premiações, intentamos dar visibilidade ao que antes pode não ter sido notado, ou ainda que percebido, pode ter sido naturalizado como “normal”. É importante destacar que as práticas linguístico-discursivas se imbricam nas estruturas sociopolíticas do poder e da dominação, ou seja, é preciso observar os números descritos nas diversas tabelas se questionando sobre o que fazem (ou falam, de acordo com Austin [1990]) as Olimpíadas que são consideradas “bem-sucedidas” nesta Prática Social, quais atividades desenvolvem, sob quais motivações e alcançando quais efeitos. Assim, pretende-se observar em que medida as estruturas atuam numa sociedade em detrimento de grupos particulares, específicos, e com isso, espera-se produzir mudanças não apenas nas Práticas Discursivas, mas também nas práticas e estruturas sociopolíticas que as apoiam.

⁹³ <https://minsklingolymp.by/about.php> Acesso em 05/05/2020.

Desse modo, este trabalho almeja ser um instrumento para a descoberta de questões pouco visíveis, possibilitando aos indivíduos envolvidos com as Olimpíadas de Linguística se tornarem cada vez mais conscientes das influências da linguagem e da estrutura social em suas práticas cotidianas. Na ADC, a noção de poder está atrelada à de hegemonia porque essa perspectiva se preocupa com os efeitos ideológicos depreciativos, que os discursos têm sobre as relações sociais em favor de projetos específicos de dominação e/ou exploração.

Fairclough (2001: 122) define hegemonia como liderança e dominação econômica, política cultural e ideológica consensuais, mas relativamente instáveis, porque as relações assimétricas podem ser mudadas, invertidas, superadas, por conta da concepção dialética da relação entre linguagem e sociedade, o que abre a possibilidade de mudança. A Hegemonia trata da tentativa de universalização do particular, com o objetivo de atingir e manter o poder. A Hegemonia se estabelece mais pela construção de alianças, pela integração e pelo consentimento do que pela dominação. Consentimento e naturalização são fatores relevantes para a reprodução e manutenção do *status quo* das relações sociais. Hegemonia é relação de dominação baseada no consentimento que envolve a naturalização de práticas, isto é, considerar os elementos de uma prática dada como corretos, verdadeiros, bons, legítimos e/ou suficientes, sem questionar se são, de fato, necessários ou mesmo desejáveis, condenando alternativas de ação. Essa fabricação de consensos é um modo de garantir que grupos instalados no poder consigam manter seus privilégios por estabilizarem elementos que sustentam as desigualdades – ainda que de forma local, temporária e instavelmente –, construindo realidades sociais opacas, que refletem interesses particulares como se fossem coletivos e imutáveis.

As ideologias são parte fundamental ao estabelecimento da hegemonia por consenso, sustentando relações de poder que legitimam um mundo “naturalizado”. Fairclough (2001: 17) ressalta que as ideologias nas práticas discursivas são mais eficazes quando se tornam “o natural das coisas” e atingem o *status* de “senso comum”. Porém, as ideologias não são posições unilaterais, universais ou sempre dominantes, ao contrário, por seu caráter transformacional, é possível que uma entidade denuncie e lute contra elas na prática discursiva. Não é por outro motivo que há constantes conflitos sociais em torno de pontos de maior instabilidade de hegemonia, porque o poder de uma classe é apenas transitório e parcial.

Assim, é preciso (d)enunciar os aspectos de desequilíbrio das Olimpíadas de Linguística. Primeiro, não deveria ser natural que um evento internacional itinerante com quase duas décadas de realização não possa ser sediado com maior frequência em locais abaixo do Trópico de Câncer. Como dissemos, a realização da IOL pode contribuir, divulgar e o fortalecer a Olimpíada Nacional, além de fomentar a chamada “cultura olímpica”, tanto no país anfitrião quanto eventualmente nos países convidados (quicá vizinhos). Ainda nesta temática, dada a natureza da IOL, não deveria ser natural a ausência de países com grande diversidade linguística.

Da mesma forma, em um evento que deseja promover o multilinguismo, estranhamos a hegemonia de uma única língua para registro do sítio oficial⁹⁴, do regulamento⁹⁵, das brincadeiras, dos jogos, das palestras, das cerimônias e das documentações, como estabelece o item 2.6 do regulamento⁹⁶ - “*Todos os negócios da IOL são conduzidos nos idiomas mais bem compreendidos, sendo o inglês a escolha padrão quando se dirige a um público multinacional. Todos os diplomas e certificados devem ser escritos em inglês (...)*”. Não temos registro do impacto desse favorecimento aos anglofalantes, mas é certo que este existe, inclusive nas brincadeiras de perguntas e respostas rápidas do evento.

Ao observar a Tabela 2, não consideramos natural o domínio financeiro dos países que podem enviar duas equipes a IOL (que costuma ser um alto investimento considerando a passagem aérea, o preço da inscrição, do visto e do seguro médico), em detrimento de países sem recursos para a segunda equipe. É perceptível como Olimpíadas com patrocinadores fortes têm vantagens na quantidade de premiações impulsionadas **não** pelo maior intelecto/habilidade, mas, sobretudo, pela vantagem estatística de ser mais numeroso que outros países/territórios.

Por fim, é preciso evidenciar o descompasso entre o discurso de não estudar para resolver os Problemas Linguísticos Autossuficientes e a observação de treinamentos que ocorrem cada vez com mais frequência nos eventos sociais. Sabendo que as Olimpíadas Nacionais são uníssonas em ressaltar que não é necessário conhecer as línguas e/ou as teorias linguísticas, esse é um discurso importante que circula na Prática Social, todavia, que está em plena transformação face a natureza cada vez mais competitiva dos Eventos Sociais.

⁹⁴ <https://ioling.org/> Acesso em 15/05/2020.

⁹⁵ <https://ioling.org/regulations/> Acesso em 15/05/2020.

⁹⁶ <https://ioling.org/rules/rules.pdf> Acesso em 15/05/2020.

2.4 A peculiar Olimpíada Brasileira de Linguística

No Brasil, como vimos brevemente na introdução deste trabalho, o movimento olímpico começou com pouca popularidade. Foi apenas a partir de 1998 que as Olimpíadas entraram em uma fase de expansão, com iniciativas concentradas especialmente no estado de São Paulo. Relatórios públicos daquele período⁹⁷ apontavam que as Olimpíadas tinham dificuldades como a falta de apoio governamental para atingir discentes e docentes em nível nacional. Foi a partir de 2005, com a organização da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), organizada diretamente pelo Ministério da Educação, que as Olimpíadas passaram a capilarizar sua atuação, em especial para as escolas públicas. Na primeira edição, a OBMEP alcançou 10,5 milhões de participantes em 31.031 escolas, contemplando 93,5% dos municípios brasileiros, um feito não alcançado por nenhuma olimpíada. Também contando com o apoio governamental, em 2008, organizou-se a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF). Em sua primeira edição, a OLPEF contou com 130.650 professores, em 55.570 escolas, em 5.445 municípios em todos os Estados do Brasil.

Nesse contexto de popularização surgiu a ideia da **Olimpíada Brasileira de Linguística** (OBL), em maio de 2006. Exatamente como nas olimpíadas de outros países, a primeira ação foi buscar o apoio institucional de departamentos de linguistas de universidades públicas brasileiras, prioritariamente de São Paulo (USP, Unesp, Unicamp) e do Rio de Janeiro (UFRJ, Uerj, UFF). Foram enviados e-mails para diversos(as) pesquisadores(as), porém, mesmo contando com o apoio informal de outros organizadores de Olimpíadas, como Daniel Lavouras e Jaime Fernando Villas da Rocha, na época vice coordenador da Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA), nenhum linguista profissional demonstrou interesse em organizar a OBL. De fato, até os dias atuais, alguns docentes que passam a conhecer a OBL ainda recebem a ideia com alguma desconfiança e/ou ceticismo.

Então, Bruno Lopes L'Astorina de Andrade e Felipe Gonçalves Assis, ex-participantes e colaboradores de competições como as Olimpíadas de Astronomia (OBA), de Física (OBF) e de Matemática (OBM), juntamente com Victória Flório Pires de Andrade, à época doutoranda em Física e professora temporária da

⁹⁷ Em <http://www.oba.org.br/site/?p=conteudo&idcat=4&pag=conteudo&m=s> Acesso em 05/10/2018.

Universidade Federal de Goiás (UFG), e Robson Carapeto-Conceição, à época mestrando em Letras e professor da Escola Alemã do Corcovado, organizaram a primeira edição da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) em 2011, cinco anos após a tentativa inicial de institucionalização. Segundo o documento chamado de Constituição da OBL (2021, no prelo), essa iniciativa pretende ser:

A Olimpíada Brasileira de Linguística é **um instrumento de comunicação pública das diferentes tradições linguísticas**, isto é, **uma maneira da linguística falar com muitas pessoas**. Por ‘linguística’, não entendemos uma visão teórica específica, mas uma confederação de teorias, métodos e tradições de compreensão sobre como efetivamente funcionam as línguas naturais, a linguagem, os códigos, a comunicação e a cognição. Vemos o interesse público na linguística como centrado em dois aspectos: por um lado, a **investigação cuidadosa dos mecanismos de funcionamento das línguas e suas relações com a mente** (aqui adotamos uma postura de pluralismo teórico e metodológico: quanto mais visões estiverem contempladas, melhor) e, por outro, **a reafirmação das responsabilidades políticas e sociais decorrentes dos reconhecimentos contidos nessas diferentes visões** – especialmente no que diz respeito à relação entre língua e direitos humanos e sociais, à preservação das línguas indígenas, de sinais e, de uma forma geral, à defesa das minorias. (OBL, 2021, p. 1, no prelo, grifos nossos).

Segundo o mesmo documento, a OBL também visa fomentar no Brasil a pedagogia de problemas (ou pedagogia olímpica), que reflete os fundamentos políticos e sociais decorrentes dos estudos linguísticos, especialmente no que diz respeito à relação entre língua e direitos humanos, à preservação das línguas indígenas, de sinais, de imigração e, de uma forma geral, à defesa de línguas minoritárias/menorizadas e suas culturas. Para tanto, a OBL utiliza processos transdisciplinares que impactam o ensino de gramática de língua nativa; o ensino de línguas adicionais; a valorização da produção de conhecimento científico na escola; e ainda a reorientação do ensino para resolver os problemas reais atuais.

A OBL adota uma visão pedagógica em que o estudo de qualquer tema não se inicia através de textos teóricos ou explicações prévias, mas através de um “chamado à aventura” oferecido pelo Problema Linguístico, evocando múltiplos aprendizados e o desenvolvimento de competências em um processo eminentemente autônomo, que tem o potencial (nem sempre concretizado) de gerar mudanças nos ambientes escolares e, posteriormente, em toda a sociedade. Baseado na Constituição da OBL, a visão pedagógica pode ser resumida assim:

Com relação a seu escopo, a OBL se entende como um processo de formação e transformação muito mais amplo do que a aquisição de certos conteúdos e habilidades, no sentido humanístico tradicional de *Bildung*: um desvelamento integral da pessoa (os pensares, os sentires, os fazeres), em

direções que são únicas para cada pessoa e situação, não podem ser propriamente previstas e não atendem a um fim externo a si mesmo. Essa formação se estrutura em torno de três elementos, alinhados à nossa compreensão da pedagogia olímpica. Primeiro, como base, o fascínio e o encantamento pelo mundo: o conhecimento oferecido ou explorado faz sentido na medida em que toca o coração das pessoas, em que faz sentido afetivamente e, através dos afetos, traga transformação nas formas de perceber e se relacionar com o mundo. (...) aproximando-se do ideal renascentista de um polímata. Segundo, como caminho, a autonomia e a autoativação: treinando a capacidade de se autodirigir sua atenção, a pessoa aprende a acessar, escolher e aperfeiçoar suas habilidades cognitivas, metacognitivas, emocionais e aquilo que diga respeito à introspecção em geral. Terceiro, como ambiente, as relações e a interdependência: o processo de aprendizado faz sentido na medida em que permite nos conectar uns com os outros, direcionando o olhar de encantamento para si mesmo e para os demais, (...). Em outras palavras, a explicitação do fato de que uma olimpíada é, sobretudo, um lugar para fazer amigos verdadeiros e estabelecer uma cultura em comum. (OBL, 2021, p. 1-2, no prelo, grifos nossos).

Para concretizar seus objetivos, OBL congrega diferentes grupos que tenham interesse em promover a olimpíada, mas preservando a independência dos variados atores sociais que colaboram em relação ao núcleo organizacional da OBL. Assim, atuam na OBL professores e pesquisadores de diferentes instituições de ensino e pesquisa, pessoas da iniciativa privada que tenham afinidades com a área da linguística e, mais importante, a grande parte do voluntariado é feito por seus participantes, que sustentam o desejo de oferecer a outras pessoas o encantamento que tiveram ao participar das atividades e vivenciar o ambiente olímpico. Sobre a abordagem pedagógica e o funcionamento das Olimpíadas, o atual coordenador geral da OBL, Bruno L'Astorina, em texto publicado em sítio pessoal na internet⁹⁸, em 04 de março de 2018, afirmou:

há muito pouca literatura teórica, na área da educação, sobre como as olimpíadas funcionam. De fato, no Brasil, mas também na maior parte dos outros países, as olimpíadas são organizadas de maneiras mais ou menos amadoras (nenhuma crítica intencional neste termo), guiada principalmente pela intuição dos professores de universidades e de escolas que as organizam. Embora externamente as olimpíadas pareçam uma glorificação da competitividade individualista, as “culturas olímpicas” que se formam nesses ambientes são bastante opostas a isso. De fato, a abordagem pedagógica própria das olimpíadas é alguma coisa que se opõe fortemente ao formato tradicional expositivo de aulas; a aprendizagem começa a partir do interesse (do fascínio) dos estudantes, segue a partir de sua própria autonomia, num processo direcionado por si mesmo (*self-directed learning*) e pavimentado por processos metacognitivos - o próprio aluno vai, ao longo dos problemas, ajustando suas próprias estratégias (...). Se formos traçar a genealogia pedagógica disso (mesmo que em geral não esteja explícita na mente dos que organizam as olimpíadas), isso se chama Aprendizagem Baseada em Problemas (*problem-based learning*).

⁹⁸ <https://medium.com/@Biunil/problemas-ol%C3%ADmpicos-a4d45a74e1c0> Acesso em 12/02/2020.

No início, a natural escolha de um nome para a olimpíada de uma temática fora da grade escolar já se mostrou um desafio significativo. Algumas ideias foram: Olinbra (Olimpíada de Linguística do Brasil); Obralin (Olimpíada Brasileira de Linguística); Olinca (Olimpíada de Línguas Canarinho); LINC (Línguas em Competição); CLIN (Competição em Línguas); CLINB (Competição em Línguas do Brasil); COBRALIN (Competição Brasileira de Linguística); PALINBRA (Páreo de Línguas Brasileiro); PAL Brasil (Páreo Linguístico do Brasil); SALINA (Sabatina Linguística Nacional); LEGAL (Competição Brasileira sobre Línguas em Geral); Torlin (Torneio Linguístico do Brasil); dentre outras siglas menos convencionais Braili; Brasilíada; Brasiling; Linbras; Lingolin; Linguimpíada. Decidiu-se, então, por um nome e uma sigla mais tradicional, **Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL)**, em simetria com as outras Olimpíadas Nacionais, mas com cada edição recebendo um nome fantasia diferente, para se referir a um destaque temático específico para o ano em ocasião. Dessa forma, uma importante peculiaridade se formou, pois, em geral, as olimpíadas de conhecimento no Brasil numeram suas edições (não conferem nomes distintos), ainda que seja comum cada ano ter um tema de ênfase.

Segundo informa o sítio oficial, a primeira edição recebeu o nome de **Kytã**, que significa "nó" em tupi. A OBL pretendeu atar os nós entre as línguas humanas e a matemática, além de amarrar às novas possibilidades de linguagem e tecnologia em um mundo cada vez mais interconectado. A própria língua Tupi reflete um nó entre os portugueses navegantes e os povos que viviam nas terras brasileiras.

A segunda edição foi chamada de **Noke Vana**, que é como os Katukina do Acre, da família linguística Pano, referem-se à própria língua. Em tradução livre, significa "nossa língua", "nossa fala". Com este nome, a OBL pretendeu instigar os estudantes à redescoberta de seus próprios falares, de todos os sotaques e culturas, todos os gostos e aptidões, de modo a perceberem as diversas formas linguísticas que constituem os diferentes falares brasileiros.

A terceira edição da OBL foi a **Paraplü**, que significa guarda-chuva em papiamento, uma língua crioula falada no Caribe que se desenvolveu como uma mistura de português, espanhol, holandês e línguas africanas. A ideia foi abrigar tanto a história quanto a diversidade linguística, como o papiamento agrupou, servindo como língua franca entre seus usuários, para trocas, interações, e ainda, para compreensão da chuva de mudanças linguísticas provocada pelo contato.

A quarta edição aproveitou o ano da Alemanha no Brasil, e foi batizada de **Vina**, que é como os curitibanos chamam a salsicha, um encurtamento de *wiener Wurst*, salsicha de Viena. A OBL celebrou o legado germânico destacando a metáfora da unidade que agrega toda a diversidade processada, misturada, e que recebe temperos de todos os tipos. De fato, os alimentos encontrados no Brasil são ilustrativos para demonstrar o delicioso caldo cultural em que estamos imersos.

A quinta edição foi nomeada de **Òkun**, que significa oceano em iorubá. Com este nome pretendeu-se destacar toda a contribuição linguística negra para a cultura brasileira. Os oceanos, assim como as línguas, separam e unem as pessoas. São unidades que congregam diversidades. Pelos mares, tanto os portugueses espalharam sua língua pelo mundo, como trouxeram as línguas africanas para compor a nossa miscigenação brasileira. Foi vencendo os mares que os portugueses chegaram às Índias, que foi o local da IOL realizada naquele ano.

A sexta edição chamou-se **Ñanduti**, que significa teia em Guarani. Em homenagem ao grupo indígena mais populoso do país, com cerca de 70 mil habitantes no Brasil e mais 200 mil no Paraguai, Argentina e Bolívia, a OBL focalizou a rede que nos conecta, como a grande teia de comunicação que é a Internet, chamada *Ñanduti Guaçu* (grande teia) ou *Momarandu Ñanduti* (teia de informação). Aproveitando pela primeira vez uma prova *online*, a teia foi expandida visando à conexão a outras teias espalhadas por esse mundo, cheio de cores, sons e línguas.

A sétima edição recebeu o nome de **Măргеle**, plural de *măргеa*, que significa miçanga em romeno. A OBL visou resgatar o fio remanescente entre as diferentes línguas românicas, inclusive os parentes mais distantes. As famílias linguísticas compõem um dos modos em que as línguas podem ser agrupadas, como um dos muitos cordões que ligam diferentes povos, línguas, histórias e culturas. As contas são a materialização do contato entre os povos, garantindo uma experiência única, corpórea e de aproximação entre o coletivo e o individual, pois as miçangas compõem, com sua individualidade, um todo maior, complexo e belo.

A oitava edição da OBL foi a **Yora**, que significa o pronome “nós” em koroniamgo, o falar da colônia japonesa, uma grande costura entre o português brasileiro, os dialetos de diferentes partes do Japão e as línguas ryukyuanas. Celebrando os 110 anos do início da imigração japonesa para o Brasil, a Olimpíada resgata a intrigante trajetória do pronome pessoal português “eu”, que modificado foneticamente ganhou a forma “yo” e combinou-se ao sufixo plural japonês “-ra”. Em sua forma breve, yora

(nós) entrelaça essas línguas distantes, expressando em um pronome a manifestação das várias redes humanas. Os fios singulares, “eus” individuais, diversos em suas origens, particulares em suas cores, se entrecruzam e tecem uma trama única, um “nós” rico, complexo, fascinantemente plural.

A nona edição chamou-se **Ye'pâ-Masa**, que remete à cobra (canoa) que, descendo o Rio Negro, foi parando em pontos diferentes da margem para que descessem os diversos povos que foram habitando o mundo. Assim, contam os Tukano, que nos emprestam o nome desta edição: masa significa 'gente'; ye'pâ significa "nossa mãe", sinônimo de "nossa terra", "lugar de onde viemos". Assim, Ye'pâ-Masa, "gente da nossa terra/nossa mãe", é a forma como os Tukano se referem a si mesmos. Essa edição comemora o Ano Internacional das Línguas Indígenas, em 2019, que contribuirá para a conscientização da necessidade urgente de se preservar, revitalizar e promover as línguas indígenas no mundo.

A décima edição, devido ao impacto da pandemia do COVID-19, foi chamada de **Kubata**, que significa ‘em casa’ em kimbundu, uma língua banta falada em Angola e trazida para o nosso continente junto com os africanos escravizados. No contexto do movimento *Vidas Negras Importam*, é fundamental lembrar como essas matrizes são parte constituinte do que veio a ser a língua e a cultura do Brasil. O nome se refere tanto ao ‘refúgio’ e ‘segurança’, nosso abrigo necessário neste momento de dificuldades e de redefinição de rotas, quanto à ‘morada comum’, reforçando a necessidade de cuidarmos juntos do nosso meio ambiente, celebrando a diversidade e a singularidade do planeta em que vivemos.

A décima primeira edição foi chamada de **Mascate**, pois faz referência a um importante centro comercial na costa do atual Omã, a cidade de Masqaṭ (مسقط), ocupada durante 150 anos pela Coroa Portuguesa. Na língua portuguesa, o termo “mascate” se referiu à atividade comercial – de porta-em-porta como os caixeiros, às vezes aos grandes comerciantes, como os holandeses da Guerra dos Mascates. A língua e cultura árabes se fizeram presentes no Brasil de diversas formas, começando pelo sequestro e tráfico de negros escravizados da África, muitos praticantes da religião muçulmana, quanto na arquitetura das nossas cidades, no sobrenome de alguns políticos e na culinária árabe tradicional. Assim, os traços inconfundíveis dos mascates levantinos estão no tecido da nossa cultura.

Os dados sobre datas, número de participantes e conteúdo das provas de cada edição podem ser visualizados no Apêndice D deste trabalho.

Em 2020, a Olimpíada Brasileira foi realizada em três etapas. Conforme o regulamento⁹⁹ da edição, a primeira é chamada **fase online** e consiste em uma prova contendo 24 questões de múltipla escolha a serem resolvidas em 4 horas, por volta de agosto ou setembro. Essa atividade é aplicada através de um computador conectado à internet ou por meio do aplicativo da OBL, disponível gratuitamente para Android e iOS, o que agiliza a correção e, principalmente, aumenta a acessibilidade da Olimpíada, uma vez que não há necessidade de deslocamento dos participantes. Nesta etapa, por ser digital, a OBL pode inovar nos problemas de Linguística e incluir músicas, vídeos e outras mídias, em Língua Brasileira de Sinais – Libras e/ou outras línguas de sinais. A nota da primeira fase conta apenas como critério eliminatório para participação na segunda fase, não como nota classificatória para a premiação na Olimpíada. Esta fase foi implementada na OBL em 2016. No período que precede a primeira fase, a OBL foca-se em divulgação para atingir o público mais amplo possível. O processo envolve intensa atividade nas redes sociais e na comunicação com professores. Tipicamente, esse processo inicia com a cobertura de mídia da IOL anterior. Conforme indica a Constituição da OBL (2021, no prelo, p. 15):

A fase online é a porta de entrada e o outdoor da olimpíada. São 24 problemas simples e de múltipla escolha, entre problemas autossuficientes mais clássicos e perguntas de interpretação de texto que mostrem alguma área ou fenômeno interessante da linguística. O objetivo dessa fase é maximizar o alcance em termos de (i) número de participantes, (ii) dispersão geográfica, (iii) diversidade de escolas e estudantes.

Na segunda fase, chamada **fase em papel**, os participantes que acertaram no mínimo 16 das 24 questões, ou seja, 2/3 da prova da primeira fase são convidados a resolverem uma prova de 4 horas, contendo 6 Problemas Autossuficientes, por volta de outubro ou novembro. Essa atividade é realizada em cerca de 30 sedes, distribuídas em todos os estados do país, de forma que nenhum participante precise se deslocar acima de 1 hora de viagem (cerca de 70 quilômetros) para realizar a prova. Caso a distância seja superior, ou abre-se um novo polo ou realiza-se uma prova isolada supervisionada por um professor local. Os prêmios são apenas simbólicos, declarados em certificado digital, disponíveis na área restrita do sítio virtual. Contudo, as escolas, se assim desejarem, podem realizar cerimônias e prêmios físicos correspondentes à premiação obtida. Depois da segunda fase, há

⁹⁹ https://obling.org/assets/documents/kubata/Regulamento_Kubata.pdf Acesso em 15/02/2021.

um intenso processo de correção, quando a OBL convida graduandos, pós-graduandos e professores escolares, de forma que cada problema seja corrigido por pelo menos duas pessoas. A nota final do participante é a soma das notas de cada uma das 6 questões, valendo 24 pontos cada, totalizando o máximo possível de 144 pontos. O processo de avaliação dos problemas será abordado no capítulo 4 deste trabalho. A Constituição da OBL (2021, no prelo, p. 17) resume assim esta fase:

A fase de papel pode ser chamada de olimpíada propriamente dita. Nela, os estudantes se defrontam com o formato clássico de problemas de linguística. São seis problemas para quatro horas de prova, exigindo desvendar o fenômeno em questão, responder a algumas tarefas (de tradução ou outra) e providenciar explicações. Ela também serve ao papel de regionalizar a olimpíada, permitindo que as embaixadas se tornem centros de referência em linguística para os alunos das escolas daquela cidade ou região.

Na terceira fase, chamada **Escola Linguística de Outono (ELO)**, aproximadamente 60 estudantes com as melhores notas na segunda fase são convidados a participar, por volta de abril ou maio. Nesta fase, quatro (ou oito) alunos do Ensino Médio mais bem colocados são convidados para participar da Olimpíada Internacional de Linguística – IOL, realizada por volta de julho ou agosto, que já tratamos anteriormente. Durante a ELO, os custos de alimentação e hospedagem dos discentes são cobertos pela OBL, cabendo a eles, com apoio de suas escolas, providenciarem transporte até o local do evento.

A ELO consiste em atividades olímpicas as quais detalhamos a seguir:

As palestras são tradicionalmente ministradas por docentes da universidade anfitriã, por embaixadores ou convidados especiais. Como já dissemos na seção 2.2 deste trabalho, o contato direto entre pesquisadores e olímpicos é fundamental para desenvolver uma linguagem adequada de divulgação científica nos professores e uma fonte especializada de conhecimento para os estudantes. Há o cuidado para que a palestra não seja nem maçante, com dados herméticos/incompreensíveis para o público de ensino médio, nem infantilizante, com dados muito simplificados, pois, apesar da pouca idade, tal público busca uma interlocução de alto nível. Frequentemente, as palestras versam sobre temas cativantes que demonstrem um amplo panorama dos estudos da linguagem e de seus múltiplos objetos de pesquisa, especialmente variação e preconceito linguístico, assim como os diversos níveis de análise linguística, com destaque para a fonética, morfologia e sintaxe.

As Oficinas introduzem os estudantes às línguas específicas, especialmente as minoritárias/menorizadas, com especial destaque para o idioma homenageado na edição, além de línguas do país-sede da IOL correspondente, uma língua indígena e uma língua de sinais. As Oficinas visam ampliar o repertório sobre idiomas de diferentes famílias. Ligado a uma visão formativa de quem se interessa por diversidade linguística e aprendizagem de idiomas, frequentemente, são abordadas questões como história da língua, aspectos culturais (músicas, filmes etc.), visões de mundo de diferentes povos, políticas linguísticas (aspectos de contato de línguas) e comunidades de fala.

O Rolezinho Linguístico consiste em uma experiência de pesquisa em grupo, envolvendo desde a delimitação do tema, a coleta e análise de dados, e uma apresentação pública. Ligado a uma visão de investigação empírica, frequentemente mestrandos ou doutorandos em Linguística são convidados a prepararem quatro temas e a atuarem como tutores neste projeto-relâmpago de pesquisa. Outros professores e pós-graduandos atuam como jurados. Cada grupo afixa seu pôster mostrando a metodologia, o referencial teórico e os resultados advindos das pesquisas e defende oralmente o seu tema, enquanto as pessoas circulam entre os apresentadores, leem e fazem perguntas, inclusive os jurados. Também faz parte do processo a avaliação por estudantes de outros times, que se revezam na defesa oral para avaliar os demais trabalhos. A comissão reúne a avaliação especializada dos jurados e a avaliação horizontal dos pares para a composição do resultado definitivo.

O Debate traz questões amplas de epistemologia, ética, política, tecnologia, entre outros temas, em interface com a Linguística, buscando ampliar a reflexão dos participantes acerca das convergências e divergências de diversas áreas com os estudos da linguagem. Ligado a uma visão filosófico-humanista, novamente mestrandos ou doutorandos em Linguística são convidados a prepararem quatro temas e a atuarem como oráculos orientando possíveis problemas na argumentação inicial dos debatedores. Baseados em uma bibliografia divulgada previamente, cada grupo deve desenvolver um pensamento crítico sobre os temas em análise, visando a reflexão sobre múltiplas facetas da realidade, a desconstrução das falácias, o combate aos sofismas e o questionamento do senso comum.

Por fim, ainda é aplicada uma Prova, ligada à uma visão lógico-analítica, com três ou quatro Problemas Linguísticos Autossuficientes, em modelo e nível similar à IOL, a serem resolvidos em até cinco horas.

De acordo com o Apêndice D, disponível nesta tese, o histórico dos dados da Olimpíada Brasileira de Linguística pode ser assim resumido:

Ano	Edição	Estudantes da primeira fase	Escolas participantes	Número de cidades	Número de Estados
2010-2011	Kytã	189	03 públicas 13 privadas	14	7
2011-2012	Noke Vana	1.010	10 públicas 28 privadas	31	14
2012-2013	Paraplü	758	14 públicas 30 privadas	33	14
2013-2014	Vina	626	21 públicas 39 privadas	46	17
2014 - 2015		---	---	---	---
2015-2016	Òkun	408	06 públicas 21 privadas	38	17
2016-2017	Ñanduti	882	141 públicas 146 privadas	159	24
2017-2018	Märkele	2.605	279 públicas 267 privadas	257	26
2018-2019	Yora	5.543	320 públicas 371 privadas	291	27
2019-2020	Ye'pâ-Masa	4.369	308 públicas 356 privadas	285	27
2020-2021	Kubata	2.591	287 públicas 327 privadas	266	27
2021-2022	Mascate	4.052	405 públicas 498 privadas	384	27

Tabela 3 – Dados das Olimpíadas Brasileira de Linguística
Fonte: Elaborado pelo autor

A configuração da OBL a assemelha a outras olimpíadas em vários países, porém, com práticas e atividades inovadoras, isto é, com ações e concepções que a tornam diferenciada das demais. Apesar de começar como muitas outras, por uma iniciativa não institucional, de 2011 até a elaboração deste trabalho, em 2021, a OBL persistiu sem vínculo formal de organização com uma Instituição de Ensino Superior. Ou seja, desde a sua criação, a OBL sempre esteve sob a responsabilidade de uma Comissão de interessados, mas sem ligação direta com uma associação ou instituição de linguistas, que são outorgados pelo poder acadêmico oficial, como tratamos na seção 2.1. A Comissão organizadora da OBL é formada por muitos ex-olímpicos. Seus nomes são atualizados anualmente no sítio eletrônico da OBL.

Além da Comissão Organizadora, ex-olímpicos atuam em comissão de testes dos problemas linguísticos, equipe de correção de provas, mídias sociais, edição de vídeos, e, eventualmente, como tutores do Rolezinho Linguístico ou oráculos dos Debates, sem mencionar outras atividades pontuais. Isso, de fato, é comum em diversas Olimpíadas, como Derzhanski & Payne (2010) afirmam:

Esse espírito aberto de colegialidade é uma característica central de qualquer programa bem-sucedido de Olimpíada de Linguística. Parte disso pode ser devido à natureza voluntária da equipe da Olimpíada. **Na maioria dos programas de Olimpíada de Linguística, nenhum dos organizadores recebe salário. Aqueles que participam o fazem voluntariamente, como parte de sua contribuição à disciplina, motivados pela estimulação intelectual envolvida na criação, teste e pontuação de Problemas, e pela satisfação em ver os jovens entusiasmados com idiomas e linguística.** Em contraste com a atmosfera muitas vezes competitiva e controversa que caracteriza muitos ambientes acadêmicos, **as relações entre os organizadores de Olimpíada de Linguística tendem a ser muito favoráveis, sem pressão para "superar" um ao outro. Carreiras não estão em risco.** A contribuição de todos é importante. É muito trabalho colocar esse tipo de programa; portanto, qualquer pessoa que possa ajudar é incentivada a fazê-lo. Não há "estrelas" na equipe - apenas acadêmicos entusiasmados, que dedicam muito tempo e esforço intelectual para preparar e testar problemas, além de avaliar construtivamente os esforços uns dos outros. **Os estudantes que descobrem que têm talento para idiomas e linguística geralmente começam a compor seus próprios problemas. Esses esforços os atraem para a comunidade de estudiosos envolvidos nas atividades contínuas de Olimpíadas de Linguística. Alguns dos alunos mais entusiasmados não esperam até se formarem.** Sabemos de estudantes do ensino médio que organizaram círculos de solução de problemas em suas escolas, realizaram concursos linguísticos para seus colegas através de jornais escolares ou pela Internet (às vezes usando problemas de sua própria composição), criaram problemas bons o suficiente para serem usados oficialmente nas Olimpíadas, ou projetaram *software* e configuraram *sites* relacionados à Linguística. **Assim, à medida que o programa atrai jovens estudiosos, ele garante sua própria sobrevivência, capacitando novas gerações de colaboradores de Olimpíadas de Linguística. Grande parte dessa atração decorre de puro desafio intelectual e espírito comunitário.** (Tradução e grifos nossos).

Nesse sentido, a partir de 2017, alguns docentes universitários de diferentes áreas da linguística têm se aproximado para contribuir com a Olimpíada. O corpo de **Embaixadores da OBL** constitui o braço acadêmico do projeto olímpico e tem a missão de (I) ajudar a divulgar a olimpíada em sua região; (II) organizar um polo de aplicação da segunda fase; (III) fomentar a olimpíada dentro das suas comunidades acadêmicas; (IV) representar voluntariamente a OBL diante de órgãos governamentais, de agências de fomento entre outras entidades, especialmente da Educação Básica, de sua cidade e região.

O papel do grupo de Embaixadores é criar uma interface entre a OBL e (i) a comunidade acadêmica daquela instituição, por meio das atividades de ensino e pesquisa, e (ii) as comunidades escolares da região de atuação do professor, através de programas de extensão ou de atividades que envolvam contato com escolas ou estudantes de Ensino Médio. Por meio desse grupo, iniciou-se contatos ocasionais com instituições acadêmicas como, por exemplo, Associação Brasileira de Linguística (Abralín), o Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (Gelne) e as

Universidades Federais do Rio de Janeiro (UFRJ), São Carlos (UFSCar), Paraíba (UFPB) e Rio Grande do Norte (UFRN). Segundo a Constituição da OBL (2021, no prelo), existem muitas possibilidades de atuação dos Embaixadores, a saber:

- ✓ Iniciativas de divulgação de linguística: blogs, podcasts, canais de vídeo, redes sociais, ações presenciais etc.;
- ✓ Promoção dos problemas linguísticos autossuficientes junto à Educação Básica, através de minicursos, oficinas, workshops, cursos de formação continuada, atividades em congressos etc.;
- ✓ Fomento de clubes de resolução de problemas ou núcleos olímpicos, entre alunos de graduação ou pós, ou mesmo envolvendo estudantes de ensino médio, por meio de projetos de extensão;
- ✓ Produção de conteúdos relacionados a olimpíada em periódicos especializados, de material técnico ou didático relacionado aos fenômenos linguísticos abordados nos problemas;
- ✓ Realização de mapeamento de habilidades e competências presentes na resolução dos Problemas e em outras atividades da competição;
- ✓ Desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao método dos problemas autossuficientes, sua efetividade pedagógica no ensino de línguas e o seu uso enquanto instrumento para temas contemporâneos de debate e pesquisa em sala de aula;
- ✓ Publicação de artigos, ensaios, relatos de experiência descrevendo a atuação da/na Olimpíada Brasileira de Linguística;
- ✓ Orientação de trabalhos de graduação e pós-graduação, envolvendo temas correlatos às Olimpíadas de Linguística;
- ✓ Engajamento acadêmico dos estudantes de ensino médio, através de bolsas de iniciação científica júnior ou outras formas de inserção de jovens interessados na pesquisa em linguística.

Com isso, a OBL pretende reforçar o vínculo entre as universidades e as escolas, visando melhorar as práticas educacionais no ensino de línguas e, ao mesmo tempo, fomentar a ludicidade, criando o que a Constituição da OBL chama de “cultura olímpica” na região de atuação de cada “embaixada” universitária.

Em 2020, um segundo grupo de professores foi organizado, os chamados **Comissários da OBL**. Embora tenha missões semelhante às dos Embaixadores, os Comissários atuam com mesmo público-alvo da OBL, isto é, infanto-juvenil. Enquanto os Embaixadores priorizam Institucionalizar a Olimpíada nas IES, os Comissários têm o foco de crescimento no ambiente escolar. Estes diferentes grupos de educadores são muito relevantes para institucionalização da OBL.

Outra característica que torna a OBL peculiar diante de outras Olimpíadas de Linguística se refere à forma de financiamento. No Brasil, diferente de outros países, as empresas de tecnologia ainda não consideraram relevante impulsionar o desenvolvimento de habilidades analíticas que a Olimpíada de Linguística se dedica a fazer. Isto se deve a diversas causas, talvez por desconhecer a existência da OBL; ou talvez pela peculiaridade de sua institucionalização fora da universidade; ou

talvez pela falta de resultados práticos a longo prazo (pois a OBL é muito jovem); ou talvez pela ausência de uma visão estratégica e um planejamento em educação por parte tanto do governo quanto das grandes empresas, ou ainda, talvez pela inexistência de grandes empresas no Brasil centradas em Linguística computacional. Ainda faltam pesquisas sobre as causas listadas, entretanto é fato que os poucos recursos sempre limitaram a OBL de alcançar novos estudantes, de ampliar sua visibilidade no Brasil e provar sua competitividade no cenário internacional na área da linguística. Para agravar a situação no Brasil, o Governo Federal e os Governos Estaduais têm limitado cada vez mais recursos financeiros para editais de fomento às olimpíadas e atividades científicas no Ministério de Educação e nas Agências ou Institutos de Pesquisas, contrário a muitos países desenvolvidos em que os órgãos estatais educacionais financiam integralmente as olimpíadas de conhecimento, visando a excelência acadêmica e a descoberta de jovens talentos (*mindhunter*).

Mais outra característica que torna a OBL *sui generis* refere-se ao direcionamento da temática das provas. É notável que os temas mais recorrentes em cada país refletem o interesse dos estudos locais, o impacto social desejado e até o planejamento para a futura atuação no mercado de trabalho do participante. Assim, no Brasil, percebe-se o foco na conscientização sobre as línguas minoritárias/menorizadas, como as indígenas ou de sinais, sobre as variedades linguísticas brasileiras e sobre os diversos tipos de expressões culturais. Isso contrasta com outros países que, historicamente, se aproximaram de aspectos matemáticos/computacionais, como originalmente em Moscou, na antiga União Soviética, e depois na Bulgária, Holanda, República Tcheca, Nepal, Malásia, Estados Unidos e nas olimpíadas de língua inglesa influenciadas pela NACLO (Austrália, Irlanda, Reino Unido, Ilha de Man e Nova Zelândia). O foco no aspecto linguístico-cultural reflete a filosofia pedagógica da OBL, mas também pode ser outra justificativa da pouca atratividade da Olimpíada para as empresas de tecnologia que não observam uma relação direta para financiamento no contexto brasileiro.

Por fim, a maneira particular de nomear as edições, o uso de memes, músicas e símbolos da cultura *pop* nas provas, as confecções artísticas indígenas de brindes e até mesmo o uso de bichos de pelúcia como mascotes, com a função de gerar uma relação afetiva, criando uma atmosfera única de empatia e afinidade entre os participantes e os organizadores da OBL, sem o distanciamento profissional inerente dos eventos acadêmicos em geral entre palestrante–plateia ou mestre–

discípulo. Aliás, é comum que alguns organizadores sejam ex-participantes da última edição do evento, o que motiva ainda mais outros participantes a se engajarem na Olimpíada para, eventualmente, até se tornarem parte de seu corpo organizacional.

Assim, para a análise da Prática Social das Olimpíadas de Linguística, é preciso considerar seu caráter de processo habitual, ritualizado e institucionalizado em organizações específicas. Para explicar a Olimpíada de Linguística, fizemos uma descrição de seu contexto social e algumas implicações. O contexto evidenciou os participantes que atuam ora como agentes ora como pacientes nas atividades que estão envolvidos. Esse ciclo pode ser observado na transformação de estudantes em organizadores das olimpíadas, ao adquirirem uma voz legitimada mesmo sem uma formação acadêmica específica, sobretudo, uma graduação completa.

Da mesma forma, o contexto também se manifesta por meio do momento histórico e de sua dinâmica, pois toda Prática Social evolui com o tempo (como pode ser observado nos Apêndices desta Tese), fazendo com que mudanças tecnológicas ou procedimentais, ou ainda aspectos culturais de cada geração, cooperem para dar uma determinada conformação à Prática Social. Assim, Olimpíadas mais experientes compartilham características que competições mais novas não possuem. O detalhamento das qualidades de cada evento pode ser observado na Tabela 2 e na classificação subsequente em Olimpíadas de fase de tradição; em fase de consolidação; em fase de evolução; e em fase de paralização.

De modo semelhante, o contexto também é revelador sobre a relação Olimpíada e sociedade em que está inserida, pois nenhuma Prática Social é isolada, ao contrário, todas estão ancoradas em estruturas sociais mais amplas, formando uma rede de Práticas que se influenciam mutuamente. Portanto, cada Olimpíada revela em seu funcionamento os embates e impasses que a sociedade também vivencia. Apesar de ter uma dinâmica própria, cada Prática Social demonstra, de forma explícita ou implícita, interesses ideológicos dominantes e a contínua mobilização em busca da hegemonia e de construção de consensos.

Por fim, dentro do contexto também vale observar as instituições e seus mecanismos de controle, pois quanto mais institucionalizada uma Olimpíada for (por uma universidade ou empresa), menos visíveis ficam as características de cada organizador e aos objetivos de cada entidade no funcionamento da Prática Social. Trataremos especificamente desse tópico na análise dos regulamentos no capítulo 3 deste trabalho.

2.5 O Vislumbre do mosaico: parte-todo-parte

Nos tópicos anteriores, mostramos como o próprio campo da Linguística constitui uma miscelânea de tradições e definições acerca de seu objeto ou escopo, ou seja, não é possível falar de uma Linguística única, mas de uma multiplicidade de pontos de vista reunidos em torno de uma ciência plural. Mencionamos a epistemologia fundadora da Disciplina Linguística para mostrar os deslocamentos característicos da pós-modernidade, que estão rompendo as fronteiras entre as disciplinas e integrando novos saberes, novos objetos e novas metodologias.

A partir disso, revisitamos a historiografia da primeira Olimpíada de Linguística em Moscou, como expressão da transdisciplinaridade deste campo do conhecimento, e suas motivações para além do evento acadêmico. Comprovamos a influência da Olimpíada pioneira na constituição dos eventos subsequentes na Bulgária, na Holanda, nos Estados Unidos e que culminou na criação de uma Olimpíada Internacional de Linguística, que, por sua vez, influenciou a criação de diversas outras competições, com a herança de integração entre a linguística, a matemática, a computação e a educação. Essa descrição histórica pretendeu alcançar a compreensão das articulações e dos arranjos sociais hoje observados.

Nosso objetivo agora é desvelar as conexões entre os eventos sociais, os fatores citados contexto histórico e as motivações subjacentes, a fim de evidenciar como as partes contribuem para o todo, e vice-versa, tornando mais transparente o que estava opaco, e, ao fazer isso, promover um processo de reflexão nos indivíduos e nos grupos. Conforme Melo (2011: 1336):

uma teoria crítica (é) aquela que ajuda a fornecer recursos para o conhecimento de uns sobre o posicionamento de outros, isto é, aquela que joga luz à reflexão do indivíduo, para que ele consiga compreender o que subjaz o notório, munindo, desse modo, de ferramentas perceptivas principalmente aqueles que possam encontrar-se em desvantagem social.

Essa relação dialética parte-todo-parte é perpassada por relações ideológicas e relações de poder em práticas sociais dadas como naturais, mas que privilegiam certos grupos e indivíduos em detrimento de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou de preservar a hegemonia (poder) de grupos dominantes. A dominação deve ser entendida como um exercício do poder social por elites, instituições ou grupos, que resultam em desigualdades econômicas, política, cultural, de etnia, de gênero etc.

No caso das Olimpíadas de Linguística, identificamos cinco elementos que se retroalimentam para o funcionamento das Práticas Sociais. São eles: **Rede de atores motivados**, as **Olimpíadas Nacionais**; os **Estudantes de Excelência**; as **Universidades Inovadoras**; e as **Entidades Mantenedoras**. Em decorrência da relação dialética, cada participante assume alguns papéis/funções na prática social, interagindo com outros atores sociais com diferentes tipos de poder, de autonomia e de motivações. Essa complexidade pode ser representada na Figura 6:



Figura 6 – Prática Social da Olimpíada de Linguística
Fonte: Modificado de um modelo de retroalimentação¹⁰⁰

Tudo começou em 1965, com a rede de atores motivados (cf. BURAS, 2019), especialmente *Andrei Zaliznyak* e *Alfred Zhurinsky*, que desenvolveram os Problemas Linguísticos Autossuficientes com o objetivo de revelar estudantes de excelência, jovens talentosos e resilientes, capazes de suportar as exigências dos cursos do Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (OTiPL) na Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Moscou Lomonóssov (MGU). Este gênero textual permitiu a criação da primeira Olimpíada de Linguística e, até hoje, é a base de todos os demais eventos de Linguística Matemática ou Linguística Computacional, ou ainda, da Olimpíada Internacional de Linguística.

¹⁰⁰ Disponível em <https://www.langua.eu/> Acesso em 17.01.20.

Por sua vez, as Olimpíadas Nacionais selecionam estudantes talentosos para premiações que, na verdade, ultrapassam a questão de medalhas e certificados. Esses alunos geralmente adquirem *expertise* em processamento de línguas naturais, desenvolvem um raciocínio lógico-matemático e se interessam por linguagens de programação, habilidades que interessam diretamente a muitas empresas das áreas de tecnologia e inovação. Assim, devido à perícia neste tipo de raciocínio, é muito comum que os melhores colocados voltem à Olimpíada como integrantes do time de organizadores, que elaboram e testam os novos Problemas de Linguística para futuras edições, o que sustenta a continuidade da Olimpíada.

É notório que muitos participantes de Olimpíadas Científicas têm o objetivo de estudar em universidades proeminentes, que sejam bem classificadas em diversos rankings internacionais, e estas competições acadêmicas, por sua vez, têm contribuído bastante para este propósito. Por outro lado, algumas universidades inovadoras também passaram a atrair continuamente tais alunos para seu corpo discente, oferecendo vantagens adicionais na admissão (como já era o objetivo da Olimpíada pioneira em Moscou), bolsas de estudo (*scholarships*, *fellowships* e *grants*) ou até mesmo a reserva de vagas para essa forma de seleção (vagas olímpicas). Sobre isto, um dos organizadores da NACLO relatou:

O escritório de admissões do *Massachusetts Institute of Technology - MIT* presta especial atenção aos candidatos que obtiveram alta pontuação na Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte - NACLO. Cerca de 25% dos estudantes que fizeram parte da equipe da NACLO foram para o MIT. (Resposta 26 do Representante dos Estados Unidos. Tradução e grifos nossos).

A maior parte das Olimpíadas não declara explicitamente esse objetivo, porém a olimpíada chinesa faz questão de enfatizar em seu sítio eletrônico¹⁰¹ que “a IOL é um programa de recomendação de admissão para universidades famosas, como o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, a Universidade de Yale, a Universidade de Harvard, Universidade de Stanford e assim por diante.” E mais adiante no mesmo texto, reforça a ideia também em nível nacional: “Os vencedores dos primeiros prêmios dos Jogos Olímpicos Nacionais de Linguística anteriores, membros da equipe nacional, são aceitos principalmente pela Universidade de Tsinghua e pela Universidade de Pequim (as duas mais bem ranqueadas da China), e outras escolas famosas no país e no exterior”.

¹⁰¹ <http://www.ioling.org.cn/> e <http://www.ioling.org.cn/event-information/introduction/> Ac. 20.01.20.

Outra Olimpíada que reforça nossa tese de que este é um objetivo importante para o evento social é a do Cazaquistão que registra em seu endereço virtual¹⁰² que:

“Um dos principais objetivos da Olimpíada é atrair os estudantes para as ciências. Muitos vencedores de prêmios e participantes da Olimpíada entraram e estão estudando com sucesso nos departamentos linguísticos de universidades na Grã-Bretanha, Holanda, Rússia, EUA e França”.

Desta forma, empresas de tecnologia, universidades inovadoras, agências de fomento a ciência, associações educacionais, centros científicos, órgãos de pesquisa, entidades de classe profissional, instituições governamentais e, de forma geral, parte do mercado de trabalho desejam contratar este participante de Olimpíada, egresso de excelentes cursos superiores (ou até antes de sua formatura), pelas capacidades já demonstrada em compreender o funcionamento de linguagens naturais e computacionais, e ainda de raciocinar de forma perspicaz. Para tanto, essas entidades têm oferecido suporte financeiro e logístico para a realização das Olimpíadas como incentivadoras das habilidades técnicas e cognitivas mencionadas. Algumas instituições têm ajudado na popularização dos Problemas Linguísticos com a publicação de livros impressos ou coletâneas virtuais. Outras têm financiado a divulgação e a realização da Olimpíada em si, outras ainda cobrindo especificamente os custos da viagem até o local da etapa Internacional.

As Entidades Mantenedoras são empresas privadas e instituições públicas que tem interesse nos efeitos produzidos pelas Olimpíadas, tanto nos recursos humanos treinados, como nas formas de raciocínio para desenvolvimento científico e tecnológico. Contudo, em geral, estas entidades não expressam claramente seu interesse nos estudantes talentosos ao oferecer suporte financeiro e logístico as Olimpíadas de Linguística. Segundo relatos dos Organizadores das Olimpíadas Nacionais, expressos nas respostas à pergunta 19 do Anexo da Tese, a maior parte das Instituições (re)quer apenas um reconhecimento no endereço eletrônico, a exibição de uma logomarca no uniforme, nos materiais acadêmicos (livros, apostilas, provas) e/ou a menção ao patrocínio em informativos de imprensa ou entrevistas. É importante refletirmos o porquê dos Organizadores de Olimpíadas Nacionais **não** saberem claramente sobre a motivação subjacente de seus patrocinadores, as quais podem ser de diferentes naturezas, desde a promoção de sua imagem até o usufruto de um “produto” intelectual moldado na competição acadêmica.

¹⁰² <https://daryn.kz/olympiads/view/4/2891> Acesso em 25.01.20.

O suporte de uma entidade financiadora pode ser o fator preponderante para o progresso de uma Olimpíada. Como já afirmamos, além de outros aspectos, há fortes indícios de que as questões econômicas influenciam no quadro geral de medalhas e nos efeitos para além da própria Olimpíada. Quanto mais patrocínio, os eventos acadêmicos tendem a produzir mais materiais de divulgação, aumentando sua amplitude nacional e alcançando mais participantes para sua seleção. Além disso, esses eventos tendem a produzir mais treinamento com Problemas Linguísticos dentro da Olimpíada e, especialmente, para as escolas, o que é fundamental para enraizar a tradição olímpica no país. Por fim, Olimpíadas com mais verbas levam duas equipes a IOL e, assim, têm mais chance de medalhas, como menciona claramente o sítio¹⁰³ da *UKLO*, o que acarreta efeitos como a seleção para universidades e a atratividade de empresas para financiar as Olimpíadas. Eventos sem apoio financeiro têm poucos participantes em suas Olimpíadas Nacionais e comumente (mas não sempre) resultados inexpressivos na Etapa Internacional, o que não gera publicidade da mídia de massa e dificulta ainda mais conseguir novos patrocinadores interessados sem que esses possam ver os resultados previamente.

A interconexão da rede de discursos demonstra como as análises linguísticas estão inseridas em reflexões mais amplas na realidade social. Na visão crítico-discursiva, nenhum dos momentos é mais relevante do que o outro, pois o que há entre eles são relações de ordem dialética, em que cada momento internaliza motivações das outras práticas sem se confundirem entre si. Cada prática internaliza potencialidades e coerções externas, sem que eles sejam reduzidos uns aos outros. Os elementos são diferentes, mas são mutuamente constitutivos e dialeticamente relacionados (HARVEY, 1996). O interesse mútuo (coengajamento ou simbiose) é uma característica importante na Prática Social das Olimpíadas de Linguística.

As setas em preto na Figura 6 são unidirecionais e representam relações de interesses na Prática Social, pois os atores motivados organizam as Olimpíadas Nacionais de Linguística a fim de selecionar estudantes de excelência que, por sua vez, almejam cursar universidades de grande renome e, por causa dessa formação acadêmica de ponta, comumente trabalham para entidades privadas e públicas que

¹⁰³ <https://www.uklo.org/donations> Acesso em 09/07/2020.

visam avanços tecnológicos. Todo esse processo desenvolve novos atores motivados a impulsionar e expandir as Olimpíadas e, assim, o ciclo se reinicia.

As setas em verde na Figura 6 são bidirecionais e representam relações dialéticas de interesses entre todos os elementos integrantes da Prática Social. A rede de atores motivados congrega tanto por discentes ex-olímpicos, advindos das próprias Olimpíadas, quanto docentes universitários, que acreditaram nos possíveis benefícios cognitivos e acadêmicos. Dessa forma, o coengajamento de alunos e professores passam organizar esses eventos sociais.

De modo semelhante, a simbiose entre estudantes de excelência e universidades é notória. Aqueles querem estudar nessas e essas querem atrair aqueles. A relação de interesse mútuo também se aplica em menor grau entre discentes e empresas de ponta, comumente de tecnologia. Ambos desejam uma conjunção de propósitos e, assim, engajam-se na mesma direção: em impulsionar as olimpíadas que promovem a aproximação entre estudantes e empresas de ponta.

Como podemos observar no Apêndice A, as Olimpíadas de Linguística podem sobreviver anos apenas aplicando Problemas de Linguística aos alunos e convidando os melhores a voltarem para sustentar as próximas edições, ciclo da metade direita da Figura 6. Entretanto, no geral, esses eventos sociais permanecem, comumente, sem muitas premiações, conseqüentemente, sem entrada da mídia de massa e sem alcance nacional (principalmente fora das grandes cidades).

Quando as Olimpíadas passam a receber o respaldo institucional, principalmente de instituições universitárias, aumentam-se as chances de atrair patrocinadores, sobretudo governamentais, e mudanças na Prática Social começam a surgir. Ao incluir a metade esquerda da Figura 6, as Olimpíadas Nacionais têm reflexos no aumento de suas premiações na IOL e, conseqüentemente, passam a contar com uma maior divulgação na mídia de massa. Por essa razão, as Olimpíadas crescem em número de participantes e maior alcance da Linguística no ambiente escolar. A publicação de livros e coletâneas de Problemas de Linguística é muito mais comum nas Olimpíadas com maior consolidação institucional, as quais também oferecem mais benefícios aos estudantes para acesso à educação universitária, e, naturalmente, uma maior oportunidade de colocação no mercado de trabalho em empresas interessadas. Todo esse processo desenvolve novos atores motivados a impulsionar e expandir as Olimpíadas e, assim, o ciclo se reinicia.

Como se pode depreender da Tabela 2, a premiação chamada *Hall da fama*, disponível no sítio¹⁰⁴ oficial da IOL, pode se constituir um indício que alia tanto o talento individual como o treinamento recebido pelo aluno, proporcionado pela Olimpíada ou não. Já os parâmetros chamados de *Troféu de equipes* e *Equipe dos sonhos* são indícios coletivos mais consistentes da preparação geral dos estudantes dentro da Olimpíada e da circulação dos Problemas Autossuficientes de Linguística no ambiente escolar, ou seja, um treinamento institucional mais amadurecido, que alcança a coletividade do time e da comunidade escolar ao redor, pois é característico apenas de olimpíadas consolidadas. Assim, podemos inferir uma relação, ainda que parcial, dos resultados das premiações com a eficácia das atividades desenvolvidas em âmbito pessoal e institucional, além da consolidação da mudança nas escolas do país, que passam a valorizar mais o conhecimento linguístico, o que leva tempo para ser desenvolvido e consolidado na comunidade.

Este duplo objetivo, pessoal (do estudante) e institucional (da olimpíada), na Prática Social são imbricados e, às vezes, indissociáveis, como podemos observar em uma carta¹⁰⁵ para professores, publicada em 28 de setembro de 2018 por *Richard (Dick) Hudson*, coordenador da Olimpíada Linguística do Reino Unido (*UKLO*)¹⁰⁶, em que tais objetivos estão fortemente ligados às questões financeiras, a saber:

Este ano fará exigências especiais às nossas finanças muito limitadas, porque a Olimpíada Internacional está sediada na Coreia. Como você sabe, não cobramos nenhuma parte da olimpíada, incluindo o custo de nossa equipe internacional; todos os nossos custos são cobertos por um apoio generoso, mas limitado, de nossas organizações patrocinadoras (<https://www.uklo.org/sponsors>). Como vocês também sabem, esperamos enviar duas equipes (de quatro competidores cada) para cada edição da IOL; Dessa forma, não apenas dobramos as vagas de qualquer competidor entrar no elenco, mas também dobramos nossas chances de ganhar os prêmios brilhantes que nossa delegação teve tanto sucesso em trazer para casa recentemente. Este ano, essas duas aspirações estão comprometidas, por isso estamos ainda mais dependentes do que o habitual do financiamento extra que podemos arrecadar das escolas. (Tradução nossa).

A proposta de não cobrar as inscrições dos participantes, ainda que não seja um ato proibido por nenhum regulamento, é prática comum de quase a totalidade das Olimpíadas de Linguística. Este propósito visa ampliar a competição para que

¹⁰⁴ https://ioling.org/results/hall_of_fame/ Acesso em 26/09/2020.

¹⁰⁵ <https://www.uklo.org/wp-content/uploads/2018/09/192-money-Bellos-seasonal-SSL.docx> 26/09/20.

¹⁰⁶ <https://www.uklo.org/2019messages> Acesso em 26/09/2020.

todos os estudantes que desejarem participar possam fazê-lo sem impedimentos econômicos, pois, segundo seu discurso, as OL pretendem uma seleção pela competência e não pela capacidade financeira. Todavia, cada vez que a Olimpíada cresce, o desafio de arcar com os custos das atividades também aumenta, sobretudo para participar da etapa internacional (IOL). A carência de patrocinadores é, sem dúvida, a maior dificuldade relatada pelos Organizadores de Olimpíadas Nacionais. Os recursos financeiros que sustentam as atividades materiais da Prática Social impactam diretamente o alcance do evento no país/território e o acesso da comunidade escolar ao principal gênero utilizado nas competições, por meio de publicações e divulgações que geram custos. Assim, de maneira naturalizada, a falta de simetria entre os recursos dos países membros da IOL é um fator pouco visível de desequilíbrio no desempenho dos estudantes.

No Brasil, o financiamento das Olimpíadas do Conhecimento é principalmente por meio da concorrência em editais de fomento a estas iniciativas, quase sempre com recursos governamentais. Nestes editais também podemos encontrar o duplo objetivo, coletivo e individual, de aprimoramentos que as Olimpíadas propõem aos diversos setores da sociedade e a própria pessoa participante, a saber:

A presente Chamada tem por objetivo selecionar propostas para apoio financeiro a projetos que visem contribuir significativamente para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação do País.

São objetivos selecionar propostas para a realização de Olimpíadas Científicas de âmbito Nacional como instrumento de melhoria dos ensinamentos fundamental e médio, para identificar jovens talentosos que podem ser estimulados a seguir carreiras técnico-científicas. (Chamada MCTI/CNPq/SECIS/MEC/CAPES/FNDE nº 49/2012. O mesmo texto foi repetido na chamada CAPES Nº 43/2014; e ainda na Chamada CNPq/MCTIC Nº 13/2019 - Olimpíadas Científicas). Grifos nossos.

Esta Chamada procura atuar como instrumento de **descoberta e valorização do talento nas carreiras científicas**, de estímulo ao desenvolvimento do ensino e do saber científico, de esforço para a popularização das Ciências, e de fortalecimento da inserção e da transformação social por meio do acesso e participação em eventos relacionados às Ciências. (Seleção pública para credenciamento e apoio a entidades organizadoras de Olimpíadas do Conhecimento ou Científicas – Finep - 2018). Grifos nossos.

Diante disso, observamos que as práticas acadêmicas/escolares atuais estão cada vez mais ligadas às práticas econômicas (de mercado) e estatais (de governança e controle social). Os discursos presentes nas Olimpíadas de Linguística estão sobrepostos a outros discursos, como o meritocrático ou neoliberal, tornando a ação ideológica mais efetiva e menos visível, com maior potencial de sustentar

desigualdades de poder e coerções. Tais discursos omitem o poder das constringências econômicas, impondo de maneira velada suas crenças, valores e rituais, desconsiderando a falta de simetria entre os recursos dos países membros da IOL.

A trajetória interna da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) é ilustrativa das contingências e resultados de uma Prática Social com desenvolvimento recente. Nascida em 2011, teve como o principal apoio institucional nos cinco primeiros anos o Colégio Etapa, em São Paulo, sobretudo pela atuação de Edimilson Mota, na época diretor pedagógico da escola e membro da comissão organizadora da Olimpíada Brasileira de Matemática e *team leader* frequente da IMO. O Etapa estimula o interesse por Olimpíadas Científicas desde o ensino fundamental, realizando aulas preparatórias durante o ano letivo em diversas áreas como Matemática, Física, Química, História, Biologia, Geografia e Informática, e fora do currículo escolar como Neurociências, Robótica, Astronomia e Linguística.

Na edição Noke Vana (2012-2013), o coordenador pedagógico do Colégio Etapa, Pablo Ganassim, viabilizou por meio do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) da Olimpíada Paulista de Matemática (OPM) que a OBL recebesse uma verba de patrocínio da Fundação Carlos Chagas (FCC), mas que, por questões internas do Colégio Etapa, não se renovou nos anos seguintes.

Por ter um perfil incentivador de diversas olimpíadas de conhecimento, e ser local de trabalho de Bruno L'Astorina e Pedro Neves Lopes (1º medalhista brasileiro na IOL), o Colégio Etapa patrocinou diversas fases da OBL, inclusive, a participação nas etapas internacionais de 2011 a 2016, e a realização da terceira fase da edição Paraplü (2013-2014) nas dependências da escola, incluindo o custeio total do curso ministrado por *Boris Iomdin*, membro do júri da Olimpíada de Moscou e da IOL.

No último ano que ofereceu suporte, edição Òkun (2015-2016), três dos membros da organização – Pedro Neves, Antônio Giraldes e Lisângela Peruzzo, eram funcionários do Colégio Etapa, e uma quarta funcionária, a professora Luana Vieira, foi líder da delegação (*team leader*) brasileira na IOL 2016. Por ser uma escola com treinamento específico e estreitos vínculos com a OBL, notamos que, de 2011 a 2016, dos 17 estudantes que representaram o Brasil na IOL, 9 deles (52,9%) eram rapazes que estudavam no Colégio Etapa.

A partir da edição Ñanduti (2016-2017), o principal apoio institucional se tornou o Instituto Vertere, entidade privada sem fins lucrativos, que ofereceu o suporte para o desenvolvimento da primeira fase da OBL inteiramente na Internet, o

que acarretou um crescimento exponencial no número de participantes nos três anos seguintes: de 408 para 882, e em seguida para 2.605, e chegando a 5.543 estudantes em 2018. Um salto também foi observado em medalhas individuais, com duas em 2018 e mais duas em 2019, e até uma medalha de Bronze em equipe em 2018, o que respalda que a passagem de premiações individuais para coletivas é indício de alterações nas práticas internas da Olimpíada, como patrocínio e treinamento. Assim, o Brasil em dois anos igualou o rendimento dos últimos seis anos somados e conquistou integrantes no *Hall da fama* da IOL com medalhistas em repetição. Algumas reportagens começaram a ser elaboradas sobre a Olimpíada e seus ganhadores, divulgando o evento em veículos de comunicação de massa, o que contribuiu para o crescimento de participantes e de parcerias.

Em uma rápida consulta aos sítios de várias escolas privadas brasileiras, como os Colégios Ari de Sá¹⁰⁷ (Fortaleza) e Etapa¹⁰⁸ (São Paulo), pudemos observar como algumas instituições transformaram as olimpíadas científicas em modelo de negócios, de forma a atrair um público específico de alunos. Além dessas escolas, há também plataformas especializadas¹⁰⁹ que promovem as mesmas proposições, a saber, as olimpíadas científicas como formas de acesso universitário, como descoberta de jovens talentos (*mindhunter*), como aprimoramento de interesses pessoais e de currículo, ou ainda, como potencializador de habilidades e comportamentos necessários para a vida acadêmica e profissional do estudante.

Em outra direção, algumas instituições privadas resolveram fazer suas próprias olimpíadas internas de linguística, como incentivo aos alunos para competições mais amplas. Esse é o caso do Colégio Classe A, em Campo Grande – Mato Grosso do Sul, que promoveu em 23 de outubro de 2019 a OULing, Olimpíada Unificada de Linguística¹¹⁰, contendo 12 questões de múltipla escolha e 3 questões dissertativas. O tempo da prova foi de 90 minutos, com correção dos professores da própria escola. Apesar de nosso contato, não houve informação para maiores detalhes sobre a elaboração das questões e os efeitos obtidos. Entretanto, o

¹⁰⁷ <https://servicos.aridesa.com.br/grandesconquistas/> Acesso em 20.09.2020.

¹⁰⁸ <https://www.colegioetapa.com.br/portal/resultados/olimpiadas-cientificas> Acesso em 20.09.2020.

¹⁰⁹ <https://www.pravaler.com.br/olimpiadas-cientificas-o-que-sao-e-como-funcionam-as-principais-do-brasil/> Acesso em 20.09.2020.

¹¹⁰ <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/especial-publicitario/colégio-classe-a/noticia/2019/10/08/colégio-classe-a-promove-olimpiada-unificada-de-linguistica-ouling.ghtml> 20.09.

surgimento de Olimpíadas fora do escopo escolar é revelador de como essa Prática Social tem ganhado relevância no cenário educacional brasileiro e, especificamente, revela como a Linguística tem adquirido visibilidade mais recentemente.

Todavia, outros acontecimentos também fizeram parte na rede de práticas educacionais brasileiras. Em 2016, por circunstâncias políticas e sociais, e uma onda conservadora internacional, instalou-se no Brasil um forte discurso neoliberal que resultou no enfraquecimento de políticas de financiamento da educação em todos os níveis. Enquanto o liberalismo clássico, da época da burguesia nascente, propôs os direitos do homem e do cidadão, entre os quais, o direito à educação, o neoliberalismo enfatiza mais os direitos do consumidor do que as liberdades públicas e democráticas. Enquanto o liberalismo tinha por base o Indivíduo, o neoliberalismo está na base das atividades do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial, dos grandes conglomerados e das corporações internacionais. No discurso neoliberal a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança. Segundo Marrach (1996: 46-48), a retórica neoliberal atribui um papel estratégico à educação e determina-lhe basicamente três objetivos:

1. Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica a serviço do mercado ou às necessidades da iniciativa privada. Assegurar que o mundo empresarial tem interesse na educação porque deseja uma força de trabalho qualificada, apta para a competição no mercado nacional e internacional. Fala-se em nova “vocacionalização”, na qual a aquisição de técnica e linguagens de informática e conhecimentos de matemática e ciência adquirem relevância. Valoriza-se as técnicas de organização, o raciocínio de dimensão estratégica e a capacidade de trabalho cooperativo. Em nossa sociedade contemporânea, a ciência tem se transformado cada vez mais em capital técnico-científico e as grandes empresas têm controlado boa parte da produção científica para seus objetivos particulares. Nessa visão, as patentes e os produtos de tecnologia científica antecipam tendências e necessidades do mercado, principalmente por meio da pesquisa organizada nas próprias empresas financiadoras, com vistas a controlar o processo de produção científica.

2. Tornar a educação um meio de transmissão dos princípios doutrinários do neoliberalismo. A integração da escola à produção industrial, baseada no avanço tecnológico e na qualificação universitária, transforma a ciência em capital técnico-

científico. Esta produção precisa sustentar-se no plano das visões do mundo, por isso, a busca pela hegemonia neoliberal passa pela construção da realidade simbólica. Em nossa sociedade contemporânea, quase sempre a função de construir consensos é preenchida pelos meios de comunicação de massa, mas a educação tem um papel importante na difusão da ideologia ou no questionamento dela. Nesse quadro, fazer da universidade e da escola veículos de transmissão do pensamento neoliberal pressupõe o controle dos conteúdos ensinados e o combate das teorias críticas para enquadrar a educação como uma reprodutora da ideologia neoliberal.

3. Fazer da escola um mercado consumidor para seus próprios produtos. No discurso, os neoliberais condenam a participação direta do Estado no financiamento da educação, entretanto, na prática, não hesitam em aproveitar os subsídios estatais para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos, suas tecnologias e ferramentas de gerenciamento educacional. Para a educação, o discurso neoliberal parece propor um tecnicismo reformado. Os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais da educação se convertem em problemas administrativos, técnicos, de reengenharia. A escola ideal deve ter gestão eficiente para competir no mercado. O aluno se transforma em consumidor do ensino, e o professor em um funcionário técnico para preparar seus *trainees* para o mercado de trabalho e para fazer pesquisas práticas e utilitárias a curto prazo. O neoliberalismo esvazia o conteúdo político da cidadania, substituindo-o pelos direitos do consumidor. É como consumidores que o neoliberalismo vê os estudantes e seus familiares.

Consoante os objetivos acima, no ano de 2019, diversos cortes no orçamento público acarretaram a suspensão de todos os editais de fomento às Olimpíadas Científicas, o que impactou muitos eventos nacionais e internacionais organizados no Brasil. A precariedade de financiamento além de seguir uma lógica neoliberal também pode ter outras razões derivadas da própria natureza dos estudos sobre a linguagem. Essa temática será discutida no próximo capítulo desta Tese.

Do outro lado desta relação, foi em 2019 que três das melhores universidades do país, a saber, a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), e duas entidades federais, a Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e o Instituto Federal do Sul de Minas (IF-Sul de Minas) aceitaram reservar uma cota específica em seus processos seletivos para participantes de olimpíadas do

conhecimento, as chamadas “vagas olímpicas”, privilegiando, notadamente, as olimpíadas de exatas e o ingresso nos cursos de exatas.

A “vaga olímpica” é uma nova modalidade de seleção em que **não** é necessário participar dos testes tradicionais para ingressar na instituição superior, bastando ter boas pontuações e medalhas. Além disso, essa modalidade é uma forma de reconhecer o esforço e a dedicação dos jovens que participam desses torneios. Segundo José Alves de Freitas Dantas, coordenador da Comissão de Vestibular (Comvest) da UNICAMP, os parâmetros exigidos das Olimpíadas para participarem das “vagas olímpicas” foram que tais competições i) tivessem pelo menos cinco (05) anos de existência; ii) que fizessem atividades individuais; e iii) que fossem promovidas por entidades científicas ou universidades. Tudo isso pode ser observado nos editais da USP¹¹¹; UNICAMP¹¹²; UNESP¹¹³; UNIFEI¹¹⁴; e IF-Sul de Minas¹¹⁵. Essa situação institucional de aproveitamento das Olimpíadas científicas como seleção para o Ensino Superior, representada na metade esquerda do ciclo da Prática Social demonstrado na Figura 6, demonstra uma Prática Social em que os elementos estão recém-inaugurados na rede de práticas educacionais brasileiras, com relações instáveis ou ainda em formação, mas que podem ser observadas em outros países com mais tradição olímpica. Segundo a Constituição da OBL (2021, no prelo, p. 21):

(...) as olimpíadas em geral são ambientes de formação muito intensos. Não programático, como nos cursos acadêmicos, mas por exposição dos estudantes a um contexto intelectual muito vivo e afiado, estimulando bastante a autonomia. Queremos não apenas que mais alunos da olimpíada estudem linguística na universidade, mas também almejamos algo mais amplo: criar uma cultura em que as pessoas, nas diferentes coisas que elas decidirem fazer com a vida delas, usem e cultivem essas habilidades e perspectivas (...). Em outras palavras, precisamos criar uma cultura olímpica específica da olimpíada de linguística. Assim, faz sentido se opor a que os alunos "de exatas" levem as medalhas e as vagas na IOL. Porque eles fazem parte de outra cultura olímpica, mas levam a reboque a diversão do que fazemos. Investir em que esses estudantes vão à IOL é um pouco desperdício de energia: a energia injetada neles não fica aqui, para aquecer a nossa cultura olímpica, mas é levada para outras paragens.

¹¹¹ https://www.fuvest.br/wp-content/uploads/Edital_Ingresso-de-Participantes-de-Competi%C3%A7%C3%B5es-do-Conhecimento_Retificado_30-08-2019.pdf Acesso em 11.10.2020.

¹¹² https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/10/Edital_VO_2021.pdf Em 11.10.2020.

¹¹³ <https://documento.vunesp.com.br/documento/stream/MjEwNzc5NQ%3d%3d> Ac. em 11.10.2020.

¹¹⁴ <https://owncloud.unifei.edu.br/index.php/s/2D3p4xHFZuq2aL7> Acesso em 11.10.2020.

¹¹⁵ <https://portal.ifsuldeminas.edu.br/attachments/article/3892/Edital%20164-2020%20-%20Vagas%20OI%C3%ADmpicas%20-%20Cursos%20Superiores%20-%202021-1.pdf> 11.10.2020.

Um exemplo de Prática Social com elementos mais consolidados é a Olimpíada de Linguística do Reino Unido (*UKLO*). Em um relatório¹¹⁶, publicado em 2012, chamado de “*Os primeiros três anos da UKLO: uma revisão da Olimpíada de Linguística do Reino Unido*”¹¹⁷, a autora e o autor *Laura Tomlinson* e *Graeme Trousdale* enfatizam a necessidade do evento de “*atrair participantes mais jovens (...), pois serão capazes de competir várias vezes antes de sair da escola*”. Isso revela que, com apenas 3 anos de funcionamento, a *UKLO* já buscava uma cultura escolar olímpica, o que é quantificado em nossa pesquisa pelas premiações *Hall da fama*, *Troféu de equipes* e *Equipe dos sonhos*, como indícios de práticas coletivas de treinamento e aprimoramento. Para isso, os Organizadores da *UKLO* firmaram uma série de relações com instituições correlatas, as quais são listadas no documento:

- Associação para Aprendizagem de Línguas (ALL) (www.all-languages.org.uk);
- Academia Britânica (www.britac.ac.uk);
- Associação Britânica de Linguística Aplicada (BAAL) (www.baal.org.uk);
- Centro de assuntos ingleses (www.english.heacademy.ac.uk);
- Associação de Línguas Modernas das Escolas Independentes (ISMLA) (www.ismla.co.uk);
- Associação de Linguística da Grã-Bretanha (LAGB) (www.lagb.org.uk);
- Links para as Línguas (www.linksintolanguages.ac.uk);
- Associação Nacional para o Ensino de Inglês (NATE) (www.nate.org.uk);
- Centro Nacional de Línguas (CILT) (www.cilt.org.uk);
- Sociedade Filológica (www.philsoc.org.uk);
- Rotas para as Línguas (www.routesintolanguages.ac.uk);

Segundo os autores, estas organizações conferem uma rede de publicidade à *UKLO* por meio de listas de mala direta para professores e gestores, divulgando as atividades olímpicas em múltiplos contatos. Em 2012, três anos após seu surgimento, a Olimpíada já tinha o suporte direto de onze universidades que impulsionavam a *UKLO* a atrair estudantes para o estudo das línguas e da linguística em níveis superiores. Segundo o relatório, os membros do Comitê Organizador da *UKLO* se apresentaram em diversas Conferências para apresentar a Olimpíada como uma atividade destinada a promover a aprendizagem de línguas nas escolas.

¹¹⁶ <https://www.uklo.org/wp-content/uploads/2012/02/UKLO-Academy-final.docx> Em 23/08/2020.

¹¹⁷ Disponível em <https://studylib.net/doc/7078918/introduction> Acesso em 23/08/2020.

A publicação apontou que a *UKLO* forneceu material *online* para as escolas criarem Clubes de Linguística e para os professores desenvolverem algum nível de treinamento com os estudantes locais. Desde 2012, um grupo de graduandos da Universidade de Edimburgo tem elaborado uma série de apresentações em *slides* e apostilas com o objetivo de promover a *UKLO* nas escolas, fornecendo aos alunos uma amostra dos Problemas Linguísticos da competição.

Segundo o documento, a abordagem de publicidade *online* e publicação de materiais de apoio se provou ser bem-sucedida, pois tem havido um aumento anual desde o início da competição, tanto no número de estudantes inscritos como no número de escolas participantes, o que demonstra o eficaz funcionamento da Prática Social das OL em todos os seus aspectos listados na Figura 6.

Semelhante ao contexto econômico brasileiro, os autores relataram que devido a cortes financeiros, parecia improvável que o Departamento de Educação pudesse colaborar com o financiamento da Olimpíada, mas que “a *UKLO* estava interessada no desenvolvimento do relacionamento com o Departamento principalmente com vistas ao reconhecimento da linguística como parte do currículo”, o que aponta para a situação institucional dos estudos da linguagem e, conseqüentemente, da Olimpíada de Linguística no contexto do Reino Unido.

Por fim, o texto menciona que artigos têm sido publicados em jornais locais sobre os vencedores da Primeira Rodada da *UKLO*, bem como diversos textos em revistas profissionais para professores e linguistas, porque a *UKLO* está buscando elevar seu perfil na imprensa educacional nacional, para que seja reconhecida como um novo elemento no sistema educacional, o que mostra a conscientização dos organizadores sobre os impactos desejados da *UKLO* para no Reino Unido.

Assim, por meio de exemplos concretos, demonstramos a complexa rede de fatores multifacetados que envolvem as Olimpíadas de Linguística. No entremeio de uma série de interesses imbricados, este evento social adquire neste trabalho a forma de mosaico, que agrega peças de diferentes formatos, cores, materiais e texturas que se completam, formando um todo coerente e harmônico. Em nossa Tese, as atividades materiais das Olimpíadas, as relações sociais entre as instituições, os fenômenos mentais dos participantes e os discursos que expressam se articulam para evidenciar como a vida social é uma rede interconectada de Práticas Sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, sociais, educacionais, entre outras), todas realizadas por algum elemento semiótico.

A Prática Social demonstrada nas Olimpíadas de Linguística é, por um lado, uma maneira de agir na sociedade, adentrando um espaço que a Linguística não tinha no ambiente escolar, reconfigurando posições dentro da rede de práticas estruturadas, e, por outro, um domínio de ação social que reproduz estruturas que dela se esperam, refletindo anseios acadêmicos e sociais, mas com potencial de transformar tais estruturas. A análise da conjuntura realizada nessa seção demonstra que os interesses envolvidos na rede de práticas de uma Olimpíada de Linguística são múltiplos e difusos, pois dependem do foco dos agentes envolvidos: estudantes, professores escolares, docentes universitários, empresários (especialmente do setor de tecnologia), dirigentes de instituições públicas e privadas de ensino, até mesmo representantes governamentais. O mapeamento das relações dialéticas expressas na Figura 6 revela o funcionamento da Prática Social e garante a contextualização da Prática Discursiva, ou seja, garante que os textos analisados sejam relacionados a suas causas mais amplas e a seu contexto particular.

De acordo com Fairclough (2003: 15), para ter acesso a efeitos ideológicos de textos, é preciso relacionar a microanálise à macroanálise de maneira a evidenciar as relações de poder que operam por meio das redes de práticas e estruturas. Por isso, pesquisas em Análise de Discurso Crítica são empreendimentos complexos, que não se limitam à análise textual, ao contrário, exigem um diálogo constante com as Ciências Humanas, Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas (antropologia, sociologia, política, comunicação, marketing, administração, geografia humana, história, contabilidade, economia, direito, psicologia, entre outros). Isso possibilita uma compreensão mais ampla do problema sociodiscursivo pesquisado, tornando mais efetivas as análises discursivas propriamente ditas.

No próximo capítulo, aprofundamos os discursos que circulam nos mais diversos elementos da Prática Social, demonstrando como as práticas são atravessadas pela linguagem tanto nas práticas formais quanto nas práticas informais, isto é, tanto nas situações institucionalizadas na esfera pública quanto nas múltiplas interações da vida cotidiana. Queremos, desta forma, obter um panorama holístico sobre o que representa uma Olimpíada de Linguística na vida social de seus participantes e organizadores, mostrando que cada parte do mosaico desta pesquisa contribui de forma significativa para o todo.

CAPÍTULO 3 Movimentos interpretativos nas peças das práticas discursivas

Neste capítulo, analisamos os discursos das/sobre as Olimpíadas de Linguística (OL) por meio das Representações Sociais que (re)produzem e das Práticas Sociais que sustentam. Para tanto, investigamos as representações sociais dos Organizadores de Olimpíadas Nacionais e suas motivações registradas como respostas a um questionário em contraste (ou concordância) com os regulamentos das Olimpíadas, os sítios dos eventos na internet e outros documentos relacionados.

O questionário aplicado consistia em perguntas abertas sobre concepções gerais, processos internos, participantes, finanças e questões acadêmicas, a saber:

- 1) Qual Olimpíada de Linguística você representa, de qual país/região?
- 2) Como você descreveria uma Olimpíada de Linguística para alguém que nunca ouviu falar?
- 3) Quais são os objetivos da Olimpíada de Linguística no seu país/região?
- 4) Quais foram as consequências/efeitos já alcançados da Olimpíada de Linguística em seu país?
- 5) Os regulamentos da Olimpíada de Linguística estão disponíveis online?
- 6) Você pode descrever como começou a Olimpíada de Linguística? O que motivou a criação? Quem trouxe a ideia? Quando foi iniciada? Quais instituições estavam envolvidas? Como isso se desenvolveu durante os primeiros anos?
- 7) Quais foram as dificuldades para desenvolver a Olimpíada de Linguística no seu país/região no início? E quais são os principais obstáculos para o desenvolvimento da Olimpíada hoje?
- 8) Você pode estimar quantos estudantes participaram da Olimpíada em cada um dos primeiros cinco anos? Você percebeu um crescimento maior em um momento específico depois disso?
- 9) Existe alguma rodada da Olimpíada de Linguística em que estudantes de diferentes partes do país/região se reúnem em um local por alguns dias, como um acampamento ou uma escola de verão? Se sim, você pode resumir brevemente quantos dias dura e qual é o cronograma geral?
- 10) Os ex-participantes desempenham algum papel na Olimpíada? Se sim, qual e em que grau?
- 11) Os professores da escola participam ou desempenham algum papel na Olimpíada de Linguística? Se sim, qual e em que grau?
- 12) Os pais dos estudantes participam/desempenham algum papel na Olimpíada de Linguística? Se sim, qual e em que grau?
- 13) Em quais aspectos você espera que a Olimpíada de Linguística mude a vida dos participantes?
- 14) Existe algum grupo social (meninas, escolas financiadas pelo governo, alguma etnia etc.) que recebe atenção, apoio ou incentivo especial para participação na Olimpíada de Linguística? Se sim, qual grupo e como é feito?
- 15) Os alunos são incentivados a se preparar para a Olimpíada de Linguística de alguma forma em seu país/região? Se sim, como eles devem se preparar?
- 16) A Olimpíada de Linguística fornece ou indica algum material de treinamento para escolas, professores ou estudantes para se prepararem para a primeira rodada? Se sim, qual material?

- 17) A Olimpíada de Linguística fornece ou indica algum material de treinamento para os estudantes se prepararem para a rodada internacional (IOL)? Se sim, que tipo de material?
- 18) Quais empresas prestam apoio financeiro, patrocínio, para a Olimpíada de Linguística em seu país/região a cada ano desde a fundação das Olimpíadas?
- 19) O que os patrocinadores esperam como retorno da Olimpíada de Linguística?
- 20) Os membros do Comitê de Problemas são publicados em seu país/região? Se sim, insira o link, por favor. Se eles não são publicados, por que não?
- 21) Como os membros do Comitê de Problemas são escolhidos em seu país/região?
- 22) Como os líderes de equipe são escolhidos para acompanhar os participantes na IOL?
- 23) A Olimpíada de Linguística faz esforços explícitos para se comunicar com a mídia em geral, como produzir comunicados de imprensa? Focado em quais aspectos, elementos ou rodadas da olimpíada? Você pode escrever aqui um link desse comunicado?
- 24) Você conhece algum trabalho acadêmico sobre Problemas Linguísticos Autossuficientes em seu país/região? Se sim, você pode escrever aqui os links para os mais relevantes?
- 25) Você conhece algum trabalho acadêmico sobre as Olimpíadas de Linguística no seu país ou em outros países? Por favor insira o link.
- 26) As Olimpíadas oferecem benefício para a ingresso em faculdades e universidades em seu país?
- 27) Que tipo de premiação é dada aos estudantes no final do ciclo das olimpíadas? Medalhas, livros, outras coisas? Existe uma cerimônia de premiação nacional ou algo assim? Quantos alunos, aproximadamente, são contemplados com prêmios a cada ano?
- 28) O que você e o resto da equipe da Olimpíada de Linguística veem como os principais pontos a melhorar em sua realização para os próximos anos?
- 29) O que você e o restante da equipe da Olimpíada de Linguística veem como os principais pontos a melhorar na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL) para os próximos anos?
- 30) Você tem algo interessante ou curioso sobre sua Olimpíada que deseja contar, além do que você já disse nas perguntas anteriores?

Como já dissemos, a escolha pelo questionário (em lugar da entrevista) se justificou por alcançar colaboradores espalhados em diversos países, com grande distância geográfica e com baixo custo. Além disso, este instrumento permitiu que os Organizadores de Olimpíadas Nacionais o respondessem no momento que lhes fosse mais oportuno, considerando a enorme diferença de fusos horários de outros países em relação ao Brasil, descartando a presença do pesquisador e minimizando a influência dele nas respostas. Por fim, as perguntas permitiram uma ampla liberdade nos comentários dos colaboradores, os quais estão registrados integralmente nos anexos deste trabalho, em inglês, que é o idioma utilizado nas comunicações oficiais da Olimpíada Internacional de Linguística, ou seja, como língua franca da IOL.

Responderam ao questionário 34 colaboradores representando 28 países membros da IOL (75% dos 36 territórios participantes da IOL 2019), a saber: Alemanha, Austrália, Brasil, Bulgária, Canadá anglófono, Colômbia, Dinamarca, Eslovênia, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, Hungria, Ilha de Man, Índia, Irlanda, Japão, Letônia, Malásia, Nepal, Polônia, Reino Unido, República da Coreia, República Tcheca, Rússia, Suécia, Turquia e Uzbequistão. A Espanha, apesar de inativa, respondeu ao questionário sobre o tempo em que esteve ativa.

As OL que os representantes foram convidados, mas não responderam ao questionário representam 11 países ou territórios, a saber: Bangladesh, Belarus, Canadá francófono, Cazaquistão, China, Hong Kong, Holanda, Nova Zelândia, Romênia, Taiwan e Ucrânia. Por fim, não localizamos os representantes dos 12 países inativos na IOL, a saber: Armênia, Emirados Árabes Unidos, França, Grécia, Israel, Lituânia, Noruega, Paquistão, Sérvia, Singapura, Sri Lanka e Vietnã.

3.1 Visões e vicissitudes em (dis)curso nas Olimpíadas

Sabendo que as Representações Sociais recobrem o conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões que são produzidas e compartilhadas pelos indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social, é importante salientar que os Organizadores de Olimpíadas de Linguística (OL) são sujeitos com nacionalidades distintas, formações acadêmicas diversas, vivências e culturas variadas. Entretanto, apresentam propriedades de um grupo estruturado, pois compartilham interesses e práticas semelhantes, um mesmo senso de identidade. Assim, torna-se natural que esse grupo tenha representações compartilhadas razoavelmente homogêneas sobre os eventos sociais que organizam.

Isso pode ser comprovado nas respostas acerca de como os Organizadores conceituam uma Olimpíada de Linguística para alguém que nunca ouviu falar sobre o evento (Pergunta 2). Os comentários se concentraram em duas características relevantes: o desafio lúdico e a **não necessidade** do domínio antecipado de teorias ou línguas. Com o número de ocorrências em parênteses, as OL foram representada como uma ‘competição’ (13) ou um ‘concurso’ (11) para ‘re/solução/resolver’ (29) ‘problemas linguísticos’ (14) ou ‘quebra-cabeças’ (12) utilizando a ‘lógica’ (10) e ‘sem conhecimentos prévios’ (9) de linguística ou de línguas.

Assim, torna-se necessário distinguir competições acadêmicas convencionais e Olimpíadas de Conhecimento em três pontos essenciais. Primeiro, concursos intelectuais possuem um conteúdo a ser avaliado, um programa de estudos (*syllabus*) a ser verificado; todavia, as Olimpíadas desejam surpreender o participante com conteúdos nunca vistos, geralmente além da ementa escolar, como é o caso da Linguística. Segundo, torneios escolares tendem a mensurar o rendimento dos participantes em dados memorizados e aplicação de fórmulas já conhecidas; contudo, as Olimpíadas tendem a se basear em raciocínio crítico e soluções inovadoras para situações/problemas apresentados. Terceiro, o objetivo de um campeonato educacional tradicional é selecionar um indivíduo ou grupo vencedor; porém, as Olimpíadas premiam um número considerável de estudantes, porque possuem a finalidade de expandir as fronteiras do conhecimento entre muitos. Essas diferenças podem ser observadas nas respostas dos Organizadores¹¹⁸ que buscam uma definição:

A OL é um concurso de solução de problemas para estudantes do ensino médio. **Todo problema é sobre um idioma que você nunca ouviu falar. Você não precisa de conhecimento prévio** para resolver os problemas, eles são independentes. **Enigmas realmente divertidos!** (Representante da Suécia, tradução e grifos nossos).

A OL é um concurso no qual os alunos do ensino médio **desenvolvem suas próprias estratégias** para resolver **problemas em idiomas fascinantes de todo o mundo**. Os estudantes devem **usar sua criatividade** para **resolver quebra-cabeças**, como **decifrar hieróglifos egípcios**, **decodificar códigos** numéricos de espionagem e **interpretar poesia** maia antiga. **Não é necessário nenhum conhecimento prévio de linguística ou de um segundo idioma**, pois mesmo os problemas mais difíceis exigem apenas capacidade lógica, trabalho paciente e vontade de repensar os pontos cegos". (Representante da Irlanda, grifos nossos).

A OL é uma competição em que as pessoas (mais jovens) podem **se sentir como um "detetive"** de qualquer idioma, porque precisam **resolver quebra-cabeças de diferentes tipos de códigos**. (Representante da Colômbia, tradução e negrito nossos; parênteses e aspas no original).

O sítio¹¹⁹ da Olimpíada de Linguística Panini (PLO) , na Índia, destaca todas essas características quando define que a *"PLO é um concurso <divertido, emocionante, educacional, desafiador, intrigante, linguístico> para estudantes das*

¹¹⁸ O colaborador é indicado apenas pelo país que representa e no masculino genérico, como forma não marcada, ou seja, podem ser homens ou mulheres. Não nomearemos os colaboradores por questões éticas naturais da pesquisa acadêmica.

¹¹⁹ <http://ltrc.iit.ac.in/nlpmt/plo/#/> Acesso em 05/09/2020.

séries 6 a 8 (juniores) e 9 a 12 (seniores). Esta competição ajuda a promover a resolução de problemas, o pensamento computacional e a apreciação da diversidade de línguas e da Linguística em geral”.

Outra comprovação de que as Representações dos Organizadores Nacionais são razoavelmente homogêneas diz respeito aos objetivos das Olimpíadas de Linguística em cada país (pergunta 3). Apesar de inseridos em variados sistemas escolares, com distintas realidades linguísticas, em diferentes culturas, grande parte dos colaboradores apontaram metas semelhantes para a atuação das Olimpíadas nas áreas acadêmicas, comunitária e profissional que a envolve, a saber:

- promover a linguística para estudantes escolares (14 ocorrências);
- selecionar uma equipe (forte) para participar na IOL (11 ocorrências);
- aumentar o interesse na diversidade de idiomas (10); e
- atrair os estudantes para carreiras universitárias na área da linguagem (8).

Como objetivo mais mencionado, o impacto nas instituições da educação básica é uma grande ênfase das Olimpíadas visto que a Linguística não é uma disciplina escolar. Muitas países membros da IOL entendem que quanto mais cedo alcançarem os alunos com o raciocínio que o evento proporciona, mais benefícios podem gerar no sistema educacional e na ampliação de horizontes acadêmicos/culturais. Além disso, as OL têm outros objetivos (pergunta 3):

Temos dois objetivos principais. **Em primeiro lugar, queremos aumentar o perfil da linguística nas escolas. Nosso objetivo é fazer isso através de um concurso de vários níveis, com materiais mais simples acessíveis a alunos de 9 ou 10 anos de idade.** Em segundo lugar, queremos selecionar equipes fortes para competir na IOL. (Representante do Reino Unido, tradução e grifos nossos).

[Nossos objetivos são] 1º Promover a linguística, 2º **apoiar crianças talentosas e abrir novos horizontes para elas.** (Representante da República Tcheca, tradução e grifos nossos).

1.1. Popularizar a solução de problemas linguísticos autossuficientes, como forma de os alunos desenvolverem o pensamento analítico e ampliarem horizontes; 1.2 estimular o interesse dos estudantes letões em linguística e disciplinas correlatas; 1.3 familiarizar os discentes letões com a diversidade das línguas do mundo; 1.4 **apoiar o desenvolvimento holístico dos alunos letões, usando a interdisciplinaridade do gênero do problema linguístico autossuficiente, que contém elementos tanto das ciências [exatas] quanto das humanidades;** 1.5 usando o recurso especial da Olimpíada de que não requer conhecimento prévio dos participantes, para **estimular o interesse de um círculo mais amplo de estudantes sobre as Olimpíadas de Ciências em geral;** 1.6 selecionar uma equipe que representará a Letônia na Olimpíada Internacional de Linguística do ano letivo em curso. (Representante da Letônia, tradução e grifos nossos).

De fato, como vimos, diversos objetivos estão em jogo durante a realização de uma OL. O direcionamento de alunos qualificados para cursos universitários na área da linguagem foi em 1965 (e continua sendo atualmente) um dos alvos mais relevantes desta Prática Social¹²⁰, mas não destacado (talvez até omitido) nos sítios e regulamentos, exceto na Olimpíada Linguística Nacional da China, que registra esse desígnio na internet. Porém, a relação de simbiose ou cooperação entre Estudante-Olimpíada-Universidade pode ser observada nos objetivos que os Organizadores Nacionais apontaram ao responder sobre o que as OL pretendem:

Introduzir a linguística aos estudantes da escola, dar-lhes uma ideia da diversidade linguística do mundo, **para ajudá-los a decidir se gostariam de estudar linguística no nível universitário**. Em um nível mais prático, também gostaríamos de estabelecer contatos com os professores e ajudá-los a introduzir a linguística de alguma forma no currículo escolar. (Representante da Finlândia, tradução e grifos nossos).

Aumentar a conscientização dos estudantes do ensino médio sobre **linguística como um campo de estudo e torná-los mais interessados em continuar estudando na universidade**. (Representante da Austrália, tradução e grifos nossos).

Para popularizar a linguística, um campo que não é muito conhecido entre os alunos do ensino médio, **quando eles estão escolhendo o que estudar na universidade**. (Representante da Estônia, tradução e grifos nossos).

Melhorar as habilidades de resolução de problemas; e **incentivar os estudantes a assumirem carreiras STEM (Computação, Idiomas) na faculdade**. (Representante da Irlanda, tradução e negrito nossos; parênteses no original).

Para as pessoas conhecerem linguística; e proporcionar aos estudantes a oportunidade de experimentar linguística e **anunciar a carreira em ciências da linguagem**. (Representante do Japão, trad. e grifos nossos).

Além do direcionamento aos cursos superiores, também podemos encontrar nos discurso dos Organizadores Nacionais a preocupação em encaminhar possíveis candidatos ao mercado de trabalho. Esta dupla preocupação, com a carreira universitária e com o mundo profissional, foi o que destacamos na Figura 6 como parte relevante da Prática Social das OL, porém não de forma explícita em todos os eventos. De fato, esta relação é mais visível analisando o *Curriculum Vitae* dos vencedores das Olimpíadas, o que extrapola a delimitação proposta para este trabalho. Entretanto, tal relação também fica bastante evidente quando, em textos menos monitorados, o Organizador afirma que a Olimpíada de Linguística deseja:

¹²⁰ https://vk.com/@lingling_ru-vospominaniya-a-n-barulina-chast2 Acesso em 17.03.2020.

Preencher as necessidades da força de trabalho em computação, mostrando que a ciência da computação não é apenas números e código. Os cientistas da computação usam a computação para resolver problemas fascinantes em diversas áreas. Além disso, **preencher as necessidades da força de trabalho em linguagem humana** - ajuda humanitária, negócios internacionais, ensino etc. **E introduzir linguística, ciências da linguagem humana, aos estudantes antes de eles ingressarem na universidade.** (Representante dos Estados Unidos, tradução e grifos nossos).

O principal objetivo da OL na Colômbia é mostrar às crianças e adolescentes tópicos relacionados à linguagem para reconhecer, promover, proteger, usar, preservar e fortalecer os idiomas dos grupos étnicos da Colômbia e os idiomas do mundo. **Um segundo objetivo é introduzir o raciocínio linguístico no ensino básico e secundário, ou seja, promover** o (auto) conhecimento das línguas, diversidade linguística em todo o mundo e nacionalmente, **as profissões em ciências e tecnologias da linguagem, pensamento lógico, aplicação criativa na solução de problemas, método científico, entre muitos outros.** (Representante da Colômbia, tradução e grifos nossos).

Selecionar a equipe nacional indiana que representará a Índia na IOL. **Espalhar a conscientização sobre linguística e linguística computacional entre os alunos.** Divulgar a rica diversidade linguística e herança do mundo e, mais especificamente, a da Índia. (Representante da Índia, tradução e grifos nossos).

Ao longo do tempo, certamente essas preocupações podem gerar mudanças na sociedade, pois as Olimpíadas de Linguística de Moscou e de São Petersburgo, e ainda as Escolas Linguísticas russas são mencionadas com frequência como a inspiração para muitos jovens terem escolhido cursos superiores de Linguística para desenvolverem sua atuação profissional. Não é incomum na Rússia que uma pessoa frequente a OL e a Escola de Linguística como ouvinte/estudante, e depois de sua formação acadêmica retorne como palestrante/professor¹²¹.

Apesar de não se configurar como o finalidade principal das OL, o caráter lúdico, divertido e desafiador do evento foi novamente destacado como característica relevante desta Prática Social. Por ser uma atividade extracurricular, ou seja, não obrigatória em nenhum país, um dos grandes atrativos para que os participantes fiquem horas focados em uma prova é a diversão que o desafio proporciona, isto é, uma experiência intelectual única de decifrar enigmas e quebra-cabeças linguísticos. Assim como já havia sido mencionado na própria definição de OL, também nos objetivos (pergunta 3) a ludicidade se mostra constitutiva desta Prática Social quando o organizador nacional da competição define:

¹²¹ Ilya Borisovich Itkin & Maria Lvovna Rubinstein (Trinta Olimpíadas: notas comemorativas). Disponível em: <http://ling.narod.ru/brochure.html> Acesso em 05.06.2019.

Selecionar uma equipe para competir na IOL; aumentar a conscientização e o interesse em linguística/Processamento de Língua Natural (NLP) e mostrar o que está envolvido nesses campos; (passiva/implicitamente) dissipar equívocos comuns sobre os idiomas do mundo; **proporcionar aos alunos uma experiência extracurricular divertida, desafiadora e educacional.** (Representante do Canadá anglófono, tradução e grifos nossos).

Os principais objetivos são: **deixar as pessoas saberem o que é linguística, fazendo com que elas tenham interesse em aprender [sobre] idiomas, se divertindo intelectualmente,** com base nas invenções de pessoas reais. (Representante da Polônia, tradução e grifos nossos).

Aumentar o interesse pela linguística entre os alunos. **Para proporcionar uma experiência divertida e desafiadora, especialmente para estudantes pouco estimulados.** Enviar duas equipes à IOL a cada ano. (Representante da Suécia, tradução e grifos nossos).

Vale destacar que, embora tenham propósitos semelhantes, cada OL possui uma ênfase, um foco distinto, uma prioridade nacional. Alguns países se voltam aos assuntos internos e processos relevantes para sua comunidade, como já mencionamos nos comentários acima, por exemplo, em estabelecer contatos com os professores locais (Finlândia), em fortalecer os idiomas dos grupos étnicos locais (Colômbia), ou divulgar a sua rica diversidade linguística local (Índia). Contudo, outros países se voltam aos assuntos globais e a atuação dos estudantes daquele país na comunidade internacional como, por exemplo, os seguintes objetivos:

Para competir em um contexto mundial. (Representante do Japão, tradução e grifos nossos)

Para aumentar a conscientização sobre a IOL, **fortalecer a comunidade linguística, criar um ecossistema e uma comunidade de linguística computacional, representar o Nepal na plataforma linguística internacional.** (Representante do Nepal, tradução e grifos nossos).

Em nosso país, os quebra-cabeças linguísticos fazem parte da competição nacional em lógica. Você poderia dizer que nossa competição nacional em lógica serve como nossa "olimpíada nacional de linguística". Adicionamos quebra-cabeças linguísticos a essa competição de mais de 30 anos por três razões: **1ª razão: para dar aos participantes da competição nacional em lógica a chance de competir em ambiente internacional (não há olimpíada de lógica, portanto, antes disso, os concorrentes em lógica não podiam participar de nenhuma olimpíada internacional,** em comparação com os concorrentes em matemática, química etc.) **2ª razão:** iniciar uma nova competição seria muito mais difícil (já temos mais de 50 competições diferentes para estudantes em nosso país). **3ª razão:** pensamos que uma competição de lógica e uma de linguística são uma boa combinação, porque ambas são baseadas em dois princípios: nenhum conhecimento prévio é necessário e tudo se resume à solução de problemas. Para resumir: vemos principalmente os problemas linguísticos como outra categoria de problemas lógicos. E, pelo menos não que eu saiba, não havia (e não há) outro objetivo além de **permitir que estudantes com alto nível de escolaridade participem e possam competir em um ambiente internacional.** (Representante da Eslovênia, grifos nossos).

Como vimos na seção 2.2, desde a sua criação em 1965, em Moscou, as OL objetivaram mudanças de perfil nos estudantes universitários e, de modo geral, a transformação do sistema educacional vigente, o que teve consequências no mercado de trabalho e na cultura acadêmica, com impactos em outras áreas da sociedade. Esta proposta de mudança foi consolidada ao longo dos anos nesta Prática Social e chegou à organização da Olimpíada Internacional de Linguística (IOL) que, por sua vez, influenciou diversos outros eventos nacionais ao redor do mundo. Ou seja, os discursos dos Organizadores antes de 2003 influenciaram ideologias, valores e crenças em suas práticas que foram cristalizadas nos discursos da IOL e (re)produzidas no Regulamento do evento¹²², publicado pela primeira vez em 2009, que, dialogicamente, influenciou ideologias, valores e crenças nas Olimpíadas Nacionais.

Assim, os temas mencionados nos objetivos dos Organizadores Nacionais tais como, atuação na comunidade internacional, impacto da Linguística nas escolas secundárias, seleção de estudantes com perfil para o mercado de trabalho e recrutamento para faculdades relacionadas à linguagem, já são registrados no Regulamento da IOL (apesar de omitidos nos regulamentos das Olimpíadas Nacionais), quando exibem as considerações que justificam a criação da IOL:

(...) Considerando que a pesquisa linguística é uma das principais formas de aprender sobre a humanidade e as **tecnologias linguísticas estão entre principais indústrias do mundo, com a intenção de manter sua diversidade nesta era da comunicação global;**

(...) Considerando que as **ciências da linguagem são apenas escassamente representadas nos currículos das escolas secundárias**, mas o gênero problema linguístico autossuficiente tem mostrado uma grande capacidade de atrair interesse dos estudantes do ensino médio e **recrutar jovens mentes para carreiras em linguística teórica, linguística matemática e linguística computacional;**

(...) Considerando que as olimpíadas internacionais de ciência estão agora organizadas em muitos campos e **universalmente reconhecidas como um excelente método por descobrir, incentivar e desafiar jovens talentosos**, a Olimpíada Internacional de Linguística (IOL) foi idealizada e instituída no dia 22 do mês de dezembro do ano de 2002. (página 1 do Regulamento da IOL, 2019. Tradução e grifos nossos).

E mais adiante, quando o Regulamento trata dos objetivos da IOL, fica evidenciado que os Organizadores da Olimpíada Internacional entendem que a competição impacta muito mais do que apenas os estudantes que dela participam. Os diversos atores envolvidos nas Olimpíadas têm um ideal de influenciar a

¹²² Disponível em: <http://www.ioling.org/rules/rules.pdf> . Acesso em 10/03/2020.

sociedade ao redor, especialmente nas áreas de políticas linguísticas, conhecimentos aplicados para solução de problemas reais cotidianos, carreiras em tecnologia da linguagem, cooperação nas relações internacionais, Linguística na educação básica e no fomento de novas Olimpíadas em todo o mundo. Esta abrangência, que ultrapassa o escopo de atuação da própria OL, pode ser observada no item 1.2 do Regulamento, que afirma que a IOL persegue os seguintes objetivos:

Promover a conscientização sobre a linguagem, sobre a diversidade linguística do mundo e sobre a essência da linguística entre os estudantes pré-universitários e o público em geral.

Fomentar as habilidades dos adolescentes no pensamento lógico e **na aplicação criativa de conhecimentos gerais na resolução de problemas.**

Familiarizar os estudantes com a natureza das profissões nas ciências e tecnologias da linguagem e anunciar essas profissões como uma opção de carreira.

Encorajar relações amistosas, entendimento internacional e espírito de competitividade esportiva entre jovens interessados em linguística de todos os países.

Melhorar a cooperação entre professores e especialistas envolvidos com linguística escolar e motivar o lançamento de novos concursos linguísticos em todo o mundo.

Estimular o desenvolvimento e o crescimento do gênero do problema linguístico autossuficiente. (Regulamento da IOL, 2017. Tradução e grifos nossos).

Percebemos que esses objetivos passam a ser concretizados em etapas à medida que a OL cresce, recebe visibilidade e apoio, engaja escolas e universidades no projeto e, finalmente, interage com diversas instituições e impacta o mercado de trabalho. Ao responderem sobre as consequências/os efeitos já alcançados da Olimpíada de Linguística em cada país (pergunta 4), alguns Organizadores Nacionais não puderam apontar resultados relevantes por terem realizado poucas edições nacionais, com poucos resultados internacionais, como foi o caso da Alemanha (6 edições da IOL com hiatos), da Espanha (5 edições, hoje interrompida) e da Dinamarca (apenas 2 edições da IOL), conforme respostas em anexo. Este tipo de relato foi mais frequente entre Olimpíadas em fase de evolução, com pouco apoio institucional e/ou que apresentaram descontinuidades entre suas edições.

Isso nos reafirma que é necessário um tempo hábil (variável dependendo da institucionalização) para que cada Olimpíada nacional se firme enquanto uma Prática Social com relações consolidadas entre seus elementos. As olimpíadas em fase de tradição possuem relações mais estáveis com escolas, universidades, empresas, editoras, entidades científicas, entre outros, enquanto olimpíadas em fase

de consolidação e evolução ainda buscam essa estabilidade, conforme propusemos para os parâmetros observados na Tabela 2. Os resultados relevantes não são medidos em termos de premiações individuais e coletivas, apesar de serem indícios de práticas mais consolidadas de treinamento e “cultura olímpica”, mas os Organizadores de Olimpíadas sempre se referem a efeitos e impactos externos ao evento social quando respondem sobre essa questão (cf. pergunta 4 do anexo).

Os primeiros resultados começaram a ser percebidos quando as OL passaram de eventos locais para nacionais, ou seja, quando receberam uma maior visibilidade, especialmente mediante por alguma premiação na IOL. Apesar de não ser foco deste trabalho, reconhecemos que há uma forte influência da divulgação midiática (impressa, televisiva ou de canais digitais) para o crescimento quantitativo observado nas OL. Este maior interesse e participação dos estudantes foi mais frequente entre eventos em fase de evolução, porém com mais apoio institucional, demonstrado nos seguintes comentários da pergunta 4:

Participamos da Olimpíada Internacional de Linguística por uma vez. **As pessoas agora estão mais atentas sobre a olimpíada nacional e internacional.** (Representante do Nepal, tradução e grifos nossos).

A atenção para o concurso está aumentando a cada ano. (Representante da Turquia, tradução e grifos nossos).

Temos 4000 participantes na rodada participativa, 1400 na 1ª rodada e 100 na 2ª rodada (Final Nacional). Contamos com a participação de 32 condados da Irlanda. (Representante da Irlanda, tradução e grifos nossos).

Outro fator que transforma as OL de locais em nacionais é o apoio de órgãos governamentais, como o Ministério da Educação, ou de associações profissionais, como de linguistas (computacionais) ou de matemáticos. Entretanto, este tipo de apoio só é recebido quando a Olimpíada já possui resultados expressivos na IOL ou quando o país tem uma tradição de suporte a eventos desta natureza, como acontece nos países do antigo Bloco Soviético, conforme as seguintes respostas:

Devido a uma série de prêmios no IOL, contamos com algum apoio das instituições de ensino da cidade. (Representante da Letônia, tradução e grifos nossos).

A Olimpíada de Linguística é agora considerada pelo governo uma competição oficial de qualificação nacional para uma olimpíada internacional. Além disso, **o número de competidores está crescendo a cada ano.** (Representante da Hungria, tradução e grifos nossos).

Somos apoiados pelo subsídio do governo e estamos promovendo a linguística. 2.231 alunos foram expostos à linguística este ano!!!
(Representante da República Tcheca, tradução e grifos nossos).

Juntamente com o crescimento do interesse do público e da participação dos alunos, o efeito mais mencionado foi o engajamento das escolas em diferentes níveis. Algumas instituições de educação básica matriculam muitos estudantes para participar da Olimpíada. No Brasil, é o caso dos Colégios Etapa, Objetivo, Poliedro (em São Paulo); Ari de Sá, Farias Brito, Sete de Setembro (em Fortaleza); Pedro II, Pensi, Elite (no Rio de Janeiro); entre outros Colégios Militares, Institutos Federais e Escolas Técnicas espalhadas por todo o território nacional. Outras escolhem promover Clubes de Linguística para uma melhor preparação do corpo discente, o que acarreta uma melhoria nos resultados nas etapas nacional e internacional. Há ainda colégios que se envolvem ativamente com a logística, se tornando um polo de aplicação das provas e treinamentos. Este tipo de compromisso entre Olimpíadas e escolas é característico de eventos que seguem aprofundando apoios institucionais, como nos seguintes relatos:

(...) Agora temos vários milhares de alunos participando em todos os níveis do concurso, então o perfil da linguística certamente aumentou. E, principalmente nos últimos cinco anos, tivemos grande sucesso na IOL. (Representante do Reino Unido, tradução e grifos nossos).

Já organizamos vários workshops nas escolas, discutindo linguística e resolvendo problemas com os alunos. Uma escola em Helsinque estabeleceu recentemente um grupo de estudo. Nossa equipe e a Olimpíada de Linguística na Finlândia estão crescendo. (Representante da Finlândia, tradução e grifos nossos).

Aumentamos as atividades linguísticas e a conscientização em algumas escolas. Definitivamente atraímos alunos para as aulas de graduação porque eles se interessaram por meio das Olimpíadas. **Algumas escolas iniciaram clubes de linguística ou incorporaram o treinamento de linguística nas salas de aula.** (Representante da Austrália, tradução e grifos nossos).

Da mesma forma que as escolas, as universidades se comprometem em diferentes níveis. Algumas assumem parte dos custos ou a logística da Organização. Outras mobilizam seu corpo docente para treinamento da equipe ou composição de Problemas Linguísticos Autossuficientes. Há também instituições de ensino superior que atraem os estudantes premiados com bolsas e outros benefícios para admissão na graduação. A entrada para os cursos na área de linguagem foi o resultado mais apontado pelos Organizadores Nacionais como efeito da Prática Social a longo prazo, conforme o último comentário mencionado e muitos outros, a saber:

Não podemos rastrear todos os participantes do concurso. No entanto, rastreamos os membros da equipe dos EUA desde 2007. (...). **Cerca de 25% estão na área de linguística. Vários publicaram nas áreas de linguística e linguística computacional. Outros estão em ciência da computação e matemática, mas estudaram linguística na universidade.** (...). **Os alunos das equipes de 2007-2009 estão recebendo seus PhD's agora - alguns em linguística e alguns em ciências da computação, matemática e física.** (...). (Representante dos Estados Unidos, tradução e grifos nossos).

(...) **3) Muitos de nossos participantes decidiram seguir linguística e linguística computacional para seus estudos de graduação.** Outros se aventuraram em campos relacionados, como ciências cognitivas ou Inteligência Artificial. **Esta, acreditamos, é a nossa conquista mais significativa a longo prazo. [A Índia não tem cursos de graduação em linguística - apenas em nível de pós-graduação; há apenas um curso de linguística computacional em nível de graduação. Portanto, estudantes indianos indo para o exterior para fazer um curso de linguística era algo inédito antes de começarmos esta Olimpíada].** (Representante da Índia, tradução e negritos nossos; colchetes no original).

O Instituto de Língua Estoniana e Linguística Geral (da **Universidade de Tartu**) **ganhou vários alunos de linguística**, incluindo eu, **em seus programas de Bacharelados vindos das Olimpíadas de Linguística.** (...). (Representante da Estônia, tradução e negritos nossos; parênteses no original).

Algumas pessoas, incluindo eu, **escolheram a carreira em linguística sendo influenciadas pela Olimpíada de Linguística,** (...). (Representante do Japão, tradução e grifos nossos).

Somos uma competição apreciada entre os alunos. **Também conseguimos alguns alunos muito talentosos para começar a estudar linguística, que de outra forma não o fariam.** (Representante da Suécia, tradução e grifos nossos).

Por fim, naturalmente, a interação com a universidade gera reflexos também no mercado de trabalho ao longo dos anos, como era um dos objetivos originais. O Regulamento da Olimpíada da Polônia afirma que *“os organizadores se esforçam para aumentar a natureza interdisciplinar da educação polonesa, vinculando as principais disciplinas científicas futuras, o que deve resultar no aumento de chances dos poloneses no mercado de trabalho nacional e internacional (em trabalhos interdisciplinares de pesquisa, trabalhos no setor de Tecnologia da Informação – TI - e economia linguística)”*. Este efeito foi mais frequente entre olimpíadas em fase de tradição, como Estados Unidos, Bulgária, Rússia e Polônia, além de eventos bem institucionalizados, como na Competição de Raciocínio Lógico da Eslovênia, que apesar de ter poucos resultados na IOL, é organizada pela ZOTKS, instituição fundada em 1972 que tem sólida tradição em competições e forte impacto na comunidade acadêmica do país. O mercado de trabalho foi mencionado em:

Temos uma forte comunidade linguística e a olimpíada despertou o interesse de muitos alunos, o que afetou suas escolhas profissionais. Além disso, a Bulgária é um dos principais países na Olimpíada Internacional de Linguística. (Representante da Bulgária, tradução e grifos nossos).

Todas as consequências alcançadas não foram ativamente planejadas, mas aconteceram espontaneamente. 1º efeito: Ouvi dos meus colegas que mais alunos se candidatam a estudos linguísticos. (...). 2º efeito: os alunos que estão mais interessados em ciências naturais não têm uma grande antipatia por idiomas como costumavam ter antes. Eles agora veem os idiomas mais como um sistema estruturado, mas antes, para muitos deles, os idiomas costumavam ser apenas um conjunto de palavras e regras que você precisava memorizar. (...). **3º efeito: Mais alunos agora entendem e estão interessados em oportunidades de trabalho e estudo na área de processamento de linguagem natural.** (Representante da Eslovênia, tradução e grifos nossos).

Desta forma, podemos apontar para as imbricadas relações sociais descritas na Figura 6, sobre a Prática Social das OL, entre seus diferentes elementos que se retroalimentam e cooperam para atingir outros objetivos que ultrapassam sua própria área de atuação da Olimpíada. O objetivo de cada integrante da Prática Social está indiretamente presente nos demais, contudo de forma difusa e subjacente. Cada elemento contribui direta ou indiretamente para alcançar/facilitar a concretização de impactos muito além da sua própria área de atuação, numa simbiose nem sempre visível para os participantes e organizadores, que cooperam com a Olimpíada visando (eventualmente) seus próprios interesses particulares.

Em nossa análise, é importante destacar a complexidade dos relatos anteriormente mencionados, pois é notória a tensão entre o dito e o não-dito, entre os comentários expressos pelos organizadores e os implícitos registrados nos sítios e documentos oficiais das OL. As Práticas Discursivas são pensadas (sonhadas, imaginadas, plajenadas), organizadas (discutidas, preparadas, viabilizadas) e realizadas (vivenciadas, aperfeiçoadas, modificadas) por meio de relações dialéticas entre linguagem e outros momentos não-discursivos das Práticas Sociais. Isso significa que os discursos expressos e omitidos contribuem para a configuração ampla das Práticas Sociais ao mesmo tempo que sofrem os efeitos de crenças, valores, opiniões, representações e ideologias nelas constituídos, numa relação de dependência mútua, em que cada elemento da Prática Social retroalimenta outros.

Dependendo do tipo de interação entre determinados elementos da Prática Social, um determinado uso da linguagem será mais apropriado e desejado do que outros. Ao longo do tempo as Olimpíadas de Linguística foram criando, recriando e consolidando seu padrão de comunicação, ora com os estudantes, ora com os

professores, ora com patrocinadores, ora com a sociedade em geral. Assim, algumas informações relevantes sobre as OL são encontradas apenas quando os eventos se dirigem a determinado público-alvo. Por esse motivo, realizamos a análise de gêneros específicos, a fim de revelarmos informações das OL em contextos específico dentro da mesma Olimpíada.

Assim, é igualmente importante reconhecer que, por questão de delimitações e escolhas metodológicas, deixamos de analisar outros tantos gêneros que circulam nas Práticas Sociais das OL, tais como blogues¹²³ (oficiais¹²⁴ e alternativos¹²⁵) das Olimpíadas Nacionais, perfis e comentários de redes sociais¹²⁶, fóruns de discussão na internet, sítios de ex-olímpicos, currículos pessoais, fotos dos eventos, portfólios de universidades ou empresas, entrevistas com patrocinadores etc. Todas essas práticas textuais/discursivas poderiam acrescentar detalhes e nuances da Prática Social das OL, porém bastante circunscrita a determinado contexto. Como nosso objetivo **não** visa descrever ou explicar práticas particulares, acreditamos que tais gêneros possam ser abordados em pesquisas posteriores, que objetivem evidenciar a realidade de uma olimpíada específica, um estudo de caso. Para esta Tese nos concentramos nos gêneros de maior destaque para investigar nossas questões de pesquisa, reconhecendo uma variedade de outros textos possíveis de investigação.

Esse processo discursivo está fortemente ligado às relações de poder, pois, como já afirmamos, quanto mais institucionalizada uma Olimpíada for por uma entidade acadêmica ou profissional, uma universidade ou uma empresa, menos visíveis ficam as distinções entre o evento social e uma instituição de mercado. Apesar de compartilharem objetivos comuns, as OL selecionam maneiras bastante diferentes de demonstrar o que é mais relevante em seu contexto local. O contraste entre as informações veiculadas em cada OL não busca um consenso entre conteúdos ou posições, mas aponta para um processo social complexo, que revela uma intensa (porém opaca) disputa ideológica, por meio de aspectos socioculturais específicos. Isso tudo se revela em variados gêneros textuais, dentre os quais um adquire especial importância para nossa análise, como veremos a seguir.

¹²³ <https://internationallinguisticsolympiad.tumblr.com/page/2> Acesso em 05.06.2021.

¹²⁴ <https://international-linguistics-olympiad.blogspot.com/> Acesso em 05.06.2021.

¹²⁵ <https://lnnonews.wordpress.com/> Acesso em 05.06.2021.

¹²⁶ <https://www.facebook.com/iolmemes/> Acesso em 05.06.2021.

3.2 Do regulamento ao evento: um caleidoscópio

O nome caleidoscópio deriva das palavras gregas *καλός* (*kalos*), que significa belo ou bonito; *εἶδος* (*eidos*), significando imagem ou figura; e *σκοπέω* (*skopeō*), que é olhar para ou observar. Ou seja, é um objeto para “observar belas imagens” de padrões simétricos formados por reflexo. Inventado na Inglaterra, em 1817 pelo físico escocês *Dawid Brewster*, em um ano já despertou a admiração universal.

Semelhante as Olimpíadas de Linguística (OL), o caleidoscópio é um instrumento que se encontra num *continuum* entre propósitos científicos e lúdicos, isto é, que pode ser usado tanto para o desenvolvimento de um conhecimento especializado sobre as propriedades da luz, como simplesmente ser usado para a diversão ao articular cores e formas, construindo pontos de vista variáveis.

Nas OL, este *continuum* de propósitos e usos pode ser observado por meio dos Regulamentos dos eventos (pergunta 5), pois o nível de detalhamento e formalidades das regras é proporcional à institucionalização e ao engajamento da competição com outros elementos das Práticas Sociais. Os documentos analisados mostraram os parâmetros da competição como elegibilidade dos estudantes, estrutura organizacional (datas, horários, locais) e as características do evento (gratuidades, premiações, objetivos, formatos). Todavia, os mesmos regramentos demonstram as opções particulares de cada OL como, a realização de uma fase priorizando o ambiente escolar ou a possibilidade de recursos, prazos e instrumentos para discordâncias dos participantes em alguma etapa.

Em OL mais institucionalizadas, que são vinculadas a órgãos governamentais como o Ministério da Educação ou universidades, os Regulamentos apresentam autorizações de funcionamento (portarias, decretos, chancelas), obrigações e responsabilidades dos envolvidos, identificação dos organizadores, e até eventuais sanções ao descumprimento das normas expostas. Estes documentos podem ser encontrados em espaços públicos ou restritos aos participantes nos sítios digitais dos eventos mencionados na Tabela 4, a seguir. O Reino Unido, apesar de ter um grande detalhamento em suas normas, fragmenta as informações em várias abas dentro de sua página na internet e não em um documento único e assinado.

De forma geral, as normas e regulamentos das olimpíadas apresentam as seguintes características em comum:

Olimpíada	Tem elegibilidade?	Tem estrutura organizacional?	É gratuito?	Mostra os objetivos?	Tem premiação?	Tem encontro presencial?	Tem portaria, decreto, autorização, chancela?	Tem etapa na escola?	Indica treinamento? (no regulamento)	Menciona recurso?	Menciona vantagens na universidade?
Estados Unidos	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	sim	NÃO	sim
Canadá Anglófono	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	sim	NÃO	sim
Canadá Francófono	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	sim	NÃO	NÃO
Cazaquistão	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO
Taiwan	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Ucrânia	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Brasil	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	sim	NÃO
Rússia	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO
Bulgária	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim
Eslovênia	sim	sim	NÃO	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	sim	NÃO
Hungria	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO
Romênia	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO
Estônia	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO
Polônia	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO
Rep. Tcheca	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO

Tabela 4 – Dados dos Regulamentos das Olimpíadas – Fonte: Elaborado pelo autor

Do grupo de países do antigo Bloco Oriental, advindo das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e seus Estados Satélites, onde o movimento de olimpíadas de conhecimento é mais antigo e mais tradicional, apenas a Letônia tem mais de três edições de funcionamento e não desenvolveu seu Regulamento, o que é uma preocupação apontada pelo representante quando afirmou no questionário (pergunta 5) que “o regulamento ainda não está disponível online, mas isso está sendo tratado e é um dos planos para a temporada 2020/2021”. Talvez pela influência estatal histórica desses países, a institucionalização firmada com universidades e/ou entidades governamentais é bastante buscada. Desde a 1ª Olimpíada de Linguística moscovita, as condições regimentais sempre foram um parâmetro importante dessa Prática Social, que passou a outras OL, até em países distantes nas áreas geográfica e de influência. Isto é, desenvolver um regulamento se constituiu um reflexo importante no caleidoscópio das OL, pois estabeleceu um passo coercitivo e institucional relevante na busca da legitimidade dessa Prática Social perante a sociedade do país.

Vale lembrar que a NACLO, que reúne Estados Unidos e Canadá anglófono, países não pertencentes ao antigo Bloco Oriental, foi fortemente influenciada em seu início pela Olimpíada de Moscou, sobretudo pelo trabalho de *Thomas (Tom) Edward Payne*, professor de Linguística Descritiva e Tipologia das Línguas da Universidade do Oregon, como demonstramos na seção 2.2 e no Apêndice A. Também vale destacar que apenas a NACLO e a Olimpíada Búlgara já registraram em seus Regulamentos menções a vantagens nas universidades para o participante, o que novamente evidencia a imbricação dos vários elementos da Prática Social.

Diversos outros países, por falta de necessidade ou por opção deliberada, mantêm as informações institucionais das OL registradas apenas em seus sítios na internet. Entretanto, algumas Olimpíadas não mantêm as informações eletrônicas atualizadas, como, por exemplo, a Romênia no período de 2018 a 2021. Observando esses endereços virtuais, sem as necessárias formalidades e contingências típicas do gênero Regulamento, percebemos que nem sempre as Olimpíadas se preocupam com a identificação da equipe organizadora (aba “sobre nós”). Isso, frequentemente, indica pouca institucionalização da Olimpíada, quando o evento funciona com poucas pessoas ou, eventualmente, até com organizadores solitários da linguística, da matemática ou da computação. Também não se pode desprezar a falta de necessidade de registro dessa informação em outras culturas.

Olimpíadas sem um regulamento exposto não manifestam formas de recursos e sanções ao descumprimento das normas. Esses eventos se concentram em informar a elegibilidade dos estudantes para a competição e a estrutura organizacional (datas, horários e locais) das provas. Geralmente, esses sítios na internet focalizam apenas os resultados e premiações nas etapas nacional e internacional, testemunhos, links de reportagens e patrocinadores, o que não é uma característica do gênero Regulamento, que costuma ser um documento mais formal.

Alguns países membros da IOL desenvolveram páginas bastante detalhadas, como no Reino Unido, na Finlândia e na Letônia. Alguns sítios eletrônicos são desenvolvidos em mais de uma língua, como na Letônia, na Coreia e na Alemanha. Há os que focalizam informações sobre a etapa internacional e as notícias na mídia nacional, como na Alemanha, na Turquia e na Ilha de Man. Há ainda eventos que são muito novos e/ou focalizam apenas dados de suas entidades promotoras, tais como os da Colômbia, Dinamarca e Hong Kong. Outros ainda esboçaram construir um sítio eletrônico, mas que não informam sequer os dados básicos da realização da Olimpíada (datas, horários e locais), como é o caso da Olimpíada de Bangladesh. De 2015 a 2021, esse sítio¹²⁷ informou apenas a elegibilidade estudantil e a entidade promotora da *NLO*, o que nos revela a grande relevância da institucionalização como uma informação indispensável, até mais que os dados do próprio concurso.

Vale destacar que as jovens Olimpíadas da Coreia e da China, apesar de não possuírem um regulamento publicado, já mencionam vantagens universitárias em seu sítio eletrônico, o que indica o bom funcionamento e articulação da Prática Social nesses países, também indicado pelos dados de suas premiações (cf. Tabela 2). Por outro lado, cabe mencionar que as experientes Olimpíadas da Holanda e da Irlanda, 20 e 13 anos em 2020, respectivamente, parecem demonstrar um pouco mais de dificuldades institucionais, pois além de não possuírem um regulamento publicado, levam apenas uma equipe à IOL e ainda possuem sítios virtuais (e suas regras) pouco detalhados. Todos os dados reunidos – premiações, regulamentos e sítios – são fortes indícios do funcionamento real da Prática Social em cada localidade. A semelhança entre os sítios eletrônicos das OL pode ser agrupada também pelas informações que **não** apresentam, como na Tabela 5, a seguir:

¹²⁷ <https://www.ls-bd.org/> Acesso em 22.03.2020.

Olimpíada	Tem elegibilidade?	Tem estrutura organizacional?	É gratuito?	Mostra os objetivos?	Tem premiação?	Tem encontro presencial?	Tem portaria, decreto, autorização, chancela?	Tem etapa na escola?	Indica treinamento? (no sítio eletrônico)	Menciona recurso?	Menciona vantagens na universidade?
China	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	sim
Belarus	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	sim
Coreia	sim	sim	NÃO	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	sim
Dinamarca	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Colômbia	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	sim	NÃO	NÃO	NÃO
Espanha	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	sim	NÃO	NÃO	NÃO
Malásia	sim	sim	sim	sim	sim	sim	NÃO	sim	NÃO	NÃO	NÃO
Hong Kong	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	sim	NÃO	NÃO	NÃO
Turquia	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	sim	NÃO	NÃO	NÃO
Alemanha	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Finlândia	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Letônia	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	NÃO
Índia	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	NÃO
Japão	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	NÃO
Austrália	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO
Reino Unido	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO
Suécia	sim	sim	sim	NÃO	NÃO	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO
Ilha de Man	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO
Irlanda	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO
Holanda	sim	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	sim	sim	NÃO	NÃO

Tabela 5 – Dados dos sítios eletrônicos das Olimpíadas – Fonte: Elaborado pelo autor

Nepal e Armênia¹²⁸ mantiveram seus sítios eletrônicos em manutenção, fora do ar, durante o período desta análise, contudo, têm perfis disponíveis em redes sociais. Bangladesh e Uzbequistão são OL ativas que têm pouquíssimas informações disponíveis na internet, sem endereços virtuais oficiais nem mesmo em redes sociais, ainda que isso seja uma exigência para o credenciamento, de acordo com o item 2.2 do Regulamento da IOL. Os demais países que não desenvolveram eventos nacionais estão impossibilitados de análise por falta de dados.

No contraste entre as Tabelas 4 e 5, organizadas pelos mesmos critérios, observamos que as OL que não possuem um Regulamento usam os sítios eletrônicos para o mesmo propósito normativo, porém, não revelando seus objetivos específicos, nem a autorização institucional e nem a previsão de recursos de prova, que, quando possíveis, aparecem apenas nos Regulamentos e ficam ausentes nos sítios virtuais. Entretanto, nos demais parâmetros, a similaridade entre os eventos se comprova, isto é, apesar da grande heterogeneidade dos dados analisados, as OL revelam sua unidade de características, mesmo com suas particularidades.

Vale destacar que o item 3.3 do Regulamento da IOL solicita aos organizadores a criação e manutenção de um sítio na Internet para a organização da própria IOL sob a responsabilidade do país sede daquele ano, mas **não** exige a formulação de um sítio e nem de um Regulamento para a etapa nacional de cada país. Assim, defendemos que um documento de regras é mais uma peça do mosaico que pode impactar a institucionalização dos eventos sociais, aumentando o nível de formalidade e de responsabilidade pública, pois antecipa e soluciona a ocorrência de situações adversas, como recursos por discordância nas avaliações e eventuais sanções a violações ao regramento, por exemplo. Tais situações raramente são mencionadas nos sítios das competições sem um documento formal.

Semelhante a um caleidoscópio, conjunto formado pela interação de elementos heterogêneos e variáveis, o movimento de elaboração de um Regulamento pode mudar a imagem de uma Olimpíada perante o público, pois fornece um outro padrão de configuração das atividades e expectativas. Além disso, esta mudança tem reflexos em outros elementos da Prática Social, especialmente na aproximação formal de universidades e patrocinadores, visto que as OL têm o potencial de serem vistos como uma atividade de relevância científica e não apenas

¹²⁸Disponível em: <https://www.facebook.com/amlo.arm/about/> e https://twitter.com/amlo_arm

como uma brincadeira. No extremo oposto à regulamentação está o relato que diz: *“Para todos os envolvidos na preparação da Olimpíada de Linguística na Letônia, é apenas um hobby”* (representante da Letônia a pergunta 23 do questionário).

Todavia, o instrumento que pode trazer crescimento para as OL também pode criar dificuldades como, por exemplo, a perda de autonomia e mudanças indesejadas. Ao comentar sobre a disponibilidade dos Regulamentos (pergunta 5), o representante da Bulgária afirmou que *“eles são feitos através dos procedimentos do Ministério da Educação em cada escola”*. Da mesma forma, ao relatar sobre a dificuldade da sua OL (pergunta 7), o representante da Rússia afirmou que *“a principal dificuldade é manter o equilíbrio com as tradições olímpicas e os novos princípios e regulamentos oficiais das olimpíadas escolares”*. Tais respostas demonstram as pressões internas dos demais elementos da Prática Social, que podem criar tensões e atritos dentro dos eventos. Isso significa que quanto mais se institucionaliza, mais as OL precisam absorver novas exigências regimentais para atender legislações e procedimentos locais. Em muitos casos, o abrigo dos sítios eletrônicos, as datas e os locais de prova passam a ser definidos pela entidade que oferece suporte institucional, quer seja uma universidade, quer seja uma empresa.

Outras peças do caleidoscópio dizem respeito ao contraste entre a multiplicidade de origens das Olimpíadas (pergunta 6), já resumidas na historiografia da seção 2.2 desta Tese, e a unidade das dificuldades enfrentadas (pergunta 7), que são extremamente semelhantes. Ou seja, mesmo em países bem diferentes cultural e educacionalmente, o padrão simétrico de problemas enfrentados pelas OL demonstra, mais uma vez, os reflexos e espelhamentos que os eventos mantêm entre si, independente de suas características particulares. As respostas podem ser agrupadas em duas categorias de adversidades: i) a falta de apoio institucional; e ii) a falta de alcance das escolas nacionais. Estas dificuldades têm consequências práticas que podem assumir diversas formas, características e desdobramentos.

Sobre i) a falta de apoio institucional, a consequência mais reiterada foi, sem dúvida, a escassez de recursos financeiros. Este tópico foi regularmente mencionado como limitador de crescimento e fator preponderante para o encerramento de uma competição (ou de uma edição), mesmo em países considerados ricos, ou em OL “amadurecidas” (em fase de tradição), como apontaram os Organizadores ao comentarem as dificuldades institucionais no passado e no presente (pergunta 7):

Dinheiro. Sempre dinheiro. Além disso, precisamos de mais pessoas que sejam totalmente devotadas e sintam que nasceram para as Olimpíadas da Linguística e que tenham tempo para trabalhar nisso. (Representante dos Estados Unidos, tradução e grifos nossos).

Despesas. Nenhum patrocinador em massa desde o início até agora. Tudo é executado pela taxa de inscrição dos concorrentes, que é bastante alta. (Representante da República da Coreia, tradução e grifos nossos).

A linguística é um campo relativamente desconhecido entre as escolas de ensino médio, em comparação com a matemática, a física etc. **O financiamento oficial acabou sendo recusado em 2017, pois não há uma disciplina curricular do ensino médio com esse nome. As famílias tiveram que pagar os custos totais.** (Representante do Japão, tradução e grifos nossos).

O principal obstáculo é realmente o financiamento. (Representante da Irlanda, tradução e grifos nossos).

Tivemos dificuldade em questões de dinheiro, em encontrar patrocinadores. (Representante da Turquia, tradução e grifos nossos).

Uma das dificuldades foi explicar à comunidade educacional espanhola bastante conservadora do que se trata [a olimpíada], mas de alguma forma isto foi alcançado. **Mas, é claro, o grande problema que levou ao encerramento de todo o projeto foi a falta de financiamento regular.** (Representante da Espanha, tradução, grifos e colchete nossos).

Muito pouco interesse das autoridades, **e falta de dinheiro.** (Representante da Alemanha, tradução e grifos nossos).

A Olimpíada Linguística da Espanha (*OLE*) é um dos exemplos de como a falta de recursos pode levar ao colapso do evento. A *OLE* recebeu financiamento por meio da empresa de tradução *Prompsit Language Engineering*, que tem raízes no grupo de pesquisa *Transducens* da Universidade de Alicante (*UA*). Porém, a verba foi assegurada por apenas três anos, 2014-2016, e os organizadores conseguiram promover um quarto ano, 2017, com pouquíssimos recursos. Muitos esforços foram feitos para encontrar um novo patrocinador entre empresas, instituições públicas e até mesmo o Ministério do Avanço Digital, mas nenhum esforço teve sucesso. Diante disso, a *OLE* interrompeu suas edições em 2018 e não retornou até o encerramento deste trabalho em 2021.

Da mesma forma, a Alemanha enfrentou grandes dificuldades financeiras, mas tem resistido a paralização. Segundo Meinunger¹²⁹ (2012), apesar dos bons resultados na IOL de 2010 e do baixo investimento para cobrir os custos totais da competição, de 2.000 a 4.000 euros incluindo todas as fases, não houve

¹²⁹ Disponível em <https://spraachenblog.wordpress.com/2012/07/05/die-internationale-linguistik-olympiade-und-was-sie-in-deutschland-wert-ist/> Acesso em 22.03.2020.

patrocinadores disponíveis. O autor entrou em contato com inúmeras associações, fundações, empresas, possíveis patrocinadores públicos e privados, autoridades estaduais e federais, mas recebeu apenas rejeições. Em 2012, a Sociedade Alemã de Linguística (*DGfS*) cobriu os custos do evento, mas por apenas uma edição. Como consequência, a OL alemã interrompeu suas edições nacionais em 2011 e entre 2013 a 2017. A equipe alemã voltou a competir na IOL em 2018 e 2019 com apoio financeiro da Associação para Linguística Computacional (*ACL*).

Nesta temática, Von Schantz et al.¹³⁰ (2012) discutem as razões pelas quais as competições de línguas lutam para encontrar financiamento na Suécia, levantando a questão de que as competições em matemática, ciências e tecnologia são apoiadas pelo governo sueco, enquanto competições equivalentes em linguística não recebem o mesmo suporte. Quando a Suécia sediou a IOL, em 2010, o evento não recebeu financiamento do governo e foi necessário cobrar uma considerável taxa de inscrição. O artigo argumentou que é do interesse da nação desenvolver ligações internacionais dentro da pesquisa linguística, pois um declínio na aprendizagem de línguas e competências linguísticas representa uma ameaça à posição da Suécia num mercado global e competitivo. Os autores sugerem que a falta de financiamento pode ser simplesmente o desconhecimento da existência da Olimpíada de Linguística da Suécia (*Lingolympiad*), ou, mais preocupante, pode ser uma decisão consciente de priorizar financiamento de programas de ciências exatas em detrimento de programas de humanidades. Temos apontado neste trabalho que tanto o desconhecimento das OL nacionais quanto a falta de prioridade governamental ou privada são problemas na maioria dos países membros da IOL.

Tomlinson & Trousdale¹³¹ (2012), em seu relatório final sobre a Olimpíada de Linguística do Reino Unido (*UKLO*), também levantam a hipótese das dificuldades com financiamento serem causados por uma falta de conhecimento do público em geral sobre as competições linguísticas, o que aponta para a necessidade de aumentar a visibilidade institucional das OL junto às organizações/agências governamentais e junto à comunidade por meio da popularização científica. Contudo, a expressiva maioria das competições não empreendeu esforços em divulgação de massa, com informativos à imprensa (*press release*) e, quando o

¹³⁰ Disponível em http://www.svd.se/opinion/brannpunkt/varfor-inget-stod-till-internationella-spraktavlingar_7339724.svd#article-comments Acesso em 28.03.2020.

¹³¹ <https://www.uklo.org/wp-content/uploads/2012/02/UKLO-Academy-final.docx> Ac. em 22.03.2020.

fizeram, limitaram seus esforços às redes sociais, ou seja, também não foram bem-sucedidos em atingir o grande público fora do nicho restrito em que já atuam. A ampla divulgação começa a ocorrer com mais frequência quando um ou mais participantes se tornam medalhistas na IOL. Os eventos que mais fizeram esforços de divulgação de massa foram do grupo de Olimpíadas em fase de tradição, com mais tempo de atuação, mais medalhas e, conseqüentemente, mais patrocinadores. Este é o caso da *UKLO*, que anualmente divulga informativos para a imprensa e outras reportagens para o público em geral¹³², Além disso, a *UKLO* oferece instrução e suporte de divulgação para os professores escolares e para outros voluntários¹³³. Da mesma forma, anualmente, publica na internet relatórios e planilhas detalhadas originalmente destinada aos patrocinadores¹³⁴. Observamos que essa credibilidade tem se traduzido em novos voluntários e novas parcerias com universidades¹³⁵.

Sobre ii), a falta de alcance das escolas nacionais, os Organizadores de OL manifestam a carência de uma rede estruturada de suporte para o funcionamento da Olimpíada (o que é chamado de “cultura olímpica”) ou a ausência mínima de um professor responsável na escola, ou seja, um amparo logístico necessário ao desenvolvimento da OL, conforme relatos (da pergunta 7) que seguem:

Não foi fácil no início porque eu estava sozinho e não sabia muito sobre o sistema educacional etc. Eu também tive que traduzir todos os problemas sozinho. Ainda é difícil encontrar pessoas entusiasmadas que gostariam de se envolver na organização, embora tenhamos uma equipe agora. **Desenvolver a olimpíada é bastante difícil, porque as competições realmente não fazem parte da cultura educacional finlandesa.** (Representante da Finlândia, tradução e grifos nossos).

Muitas olimpíadas internacionais se concentram em áreas que são ensinadas nas escolas de ensino médio da Hungria, como matemática ou biologia. **No entanto, a linguística não é uma área dessas. Como resultado, foi difícil identificar uma rede de apoio para organizar a competição.** Atualmente, professores de língua húngara, de matemática ou de informática podem ajudar a promover a competição em escolas de ensino médio, mas a IOL não é exatamente sua competição “alvo”. **Isso também significa que anunciar a competição é difícil e as escolas de ensino médio raramente oferecem preparação para seus alunos. A falta de um corpo profissional de linguística presente nas escolas secundárias também significava que, nos anos anteriores, as Olimpíadas de Linguística da Hungria tinham de competir para serem patrocinadas pelo governo**, visto que o patrocínio não era garantido

¹³² <https://www.uklo.org/about/press> e <https://www.uklo.org/articles> Acesso em 22.03.2020.

¹³³ <https://www.uklo.org/for-teachers> e <https://www.uklo.org/for-markers> Acesso em 22.03.2020.

¹³⁴ <https://www.uklo.org/sponsors> e <https://www.uklo.org/reports> Acesso em 22.03.2020.

¹³⁵ <https://www.uklo.org/for-universities> e <https://www.uklo.org/round-2-arrangements> Em 22.03.2020.

automaticamente. Atualmente, divulgar a concorrência é um dos maiores desafios. (Representante da Hungria, tradução e grifos nossos).

(...) Os alunos provavelmente se interessariam se soubessem mais sobre isso, **mas temos dificuldade em encontrar professores do ensino médio ou docentes universitários que têm redes de estudantes do ensino médio. Se os encontrarmos, muitos deles não compartilham as informações ou não apresentam o concurso de forma atraente.** (Representante do Canadá anglófono, tradução e grifos nossos).

Mais outro desdobramento da falta de apoio institucional foi a carência de pessoal engajado em compor a Organização Nacional das OL, especialmente linguistas profissionais. Como já explicamos, retroalimentar-se com indivíduos motivados é um objetivo fundamental para a continuidade do funcionamento da Prática Social, o que foi (d)enunciado em diversos relatos (pergunta 7) como um problema relevante no passado e atualmente:

As mesmas dificuldades agora e antes: não temos linguistas profissionais no comitê organizador. Portanto, não podemos criar nossos próprios problemas e dependemos de outros países para nos fornecer problemas. Isso também significa que não podemos fornecer treinamento adequado para nossa equipe de IOL. **Continuamos a procurar linguistas para nos ajudar, mas não há muito interesse até agora.** (Representante da Malásia, tradução e grifos nossos).

[As dificuldades] foram dinheiro e **criação de problemas linguísticos** (...). (Representante da República Tcheca, tradução e grifos nossos).

Antes: Entrar em contato com todos os alunos possivelmente interessados + conseguir dinheiro. Agora: principalmente conseguir dinheiro, **mas também conseguir pessoas para compor os problemas linguísticos.** (Representante da Polônia, tradução e grifos nossos).

Existem três problemas fundamentais que enfrentamos desde o início, que ainda são relevantes e requerem atenção: 1. Atrair escolas/estudantes para participar: Como a linguística não é ensinada na escola (...) achamos difícil identificar um professor que leve o programa (...). 2. Financiamento: (...) A falta de financiamento deve-se principalmente a razões organizacionais.(...) **3. Apoio Organizacional: (...) se esses docentes interessados decidirem se aposentar ou o diretor retirar o apoio, a PLO não terá organizador. Esta é uma possibilidade real, pois ninguém pode comprometer um apoio contínuo para sempre.** (Representante da Índia, tradução e grifos nossos).

A principal dificuldade foi a falta de apoio dos pares na academia; naquele momento [em 2011], a comunicação pública da linguística ainda era algo muito incipiente no Brasil, e **praticamente ninguém na área se interessava por algo como uma olimpíada.** (...) o interesse inicial **difícilmente chegava a amadurecer na forma de um envolvimento mais prolongado ou de suporte institucional estruturado. Nos primeiros quatro ou cinco anos, tudo foi feito de uma maneira bastante amadora, com um grupo bem reduzido de envolvidos na organização e na composição dos problemas.** (Representante do Brasil, grifos nossos).

Esse contexto é um dos fatores que ajuda a explicar o porquê do retorno de ex-participantes como organizadores, imediatamente quando saem do Ensino Médio. Nestes casos, um ex-competidor sem conhecimento especializado (mimetizado por um certificado), ainda é mais treinado para a composição e a testagens dos Problemas Linguísticos Autossuficientes do que um Linguista profissional que não tem experiência com a dinâmica de funcionamento do gênero textual, explicado no capítulo 4 desta Tese.

Para a interpretação das Práticas Sociais e Discursivas das OL, é relevante o contraste entre uma educação formal e uma formação olímpica. No contexto educacional padrão, apenas pessoas outorgadas pelo poder acadêmico possuem a *licentia docendi*, a autorização de ensino ou diploma universitário, e conseqüentemente uma voz legitimada para falar com os aprendizes e com outros especialistas em aulas, palestras, cursos, congressos e publicações. No contexto olímpico, as crenças são radicalmente diferentes, pois os ex-olímpicos são autorizados e legitimados a contribuir com a OL em diversas instâncias.

As Representações Sociais dos Organizadores de OL recobrem o conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões que são produzidas e compartilhadas, ainda que os integrantes desse grupo não estejam em interação face a face. Nesse processo, os Representantes das competições elaboram regras, justificações e razões os comportamentos dentro de suas Práticas Discursivas e Sociais sobre o papel destinado a cada pessoa na Olimpíada.

Em geral, motivação pessoal e a necessidade institucional são causas imbricadas para chamar ex-participantes para contribuir com a OL. A composição, a testagem e a posterior correção das provas com os Problemas Linguísticos Autossuficientes, diante das habilidades que demandam, foram apontadas pelos Organizadores de OL como o papel prototípico dos ex-participantes (pergunta 10), mas não são representações atribuídas aos professores e nem de pais. Muitos ex-participantes atuam também na organização dos eventos, realizando palestras, *workshops*, divulgação, treinamentos, vigilância, e, ainda, alguns atuam como líderes de equipe (*team leaders*) na etapa internacional - IOL. Isso significa que na imagem mental compartilhada, ex-olímpicos detêm todos os requisitos necessários para integrar o corpo organizacional da OL, pois dominam o principal gênero textual utilizado nessas competições. Questões acadêmicas apenas se mostram entraves à medida que a OL se institucionaliza e titulações começam a ser necessárias.

Em questões organizacionais, às vezes é difícil criar tarefas exclusivas para a olimpíada. No entanto, **envolvemos ativamente os ex-participantes no processo de preparação depois de concluírem o Ensino Médio. Isso nos dá um fluxo constante de pessoas e tarefas (os novatos estão sempre mais entusiasmados em criá-los)**. (Resposta 7 do representante da Estônia, tradução e grifos nossos, parênteses no original).

Aos docentes (pergunta 11) e discentes de graduação, os Organizadores Nacionais atribuíram o papel de divulgação da OL, o incentivo a participação escolar na competição e a coordenação logística de aplicação das provas, especialmente nos eventos que promovem uma etapa na escola, conforme Tabela 4 e Tabela 5. Ou seja, a Representação Social sobre os universitários (docentes ou discentes) na OL é mais direcionado a atividade-meio, um suporte ou apoio, e menos direcionado à atividade-fim, que é o trabalho com os Problemas Autossuficientes de Linguística, reservado aos ex-participantes. De forma mais pontual, alguns representantes de OL mencionaram que os docentes poderiam/deveriam promover treinamentos em sala de aula, corrigir provas e até acompanhar a equipe na IOL (*team leaders* ou observadores). O trabalho de maior duração mencionado ao grupo de professores e estudantes de graduação foi a organização de Clubes de Linguística, que apesar de não ser uma atividade específica da OL, é uma ferramenta importante para o desenvolvimento da chamada “cultura olímpica” nas escolas.

Por fim, aos pais (pergunta 12) os Organizadores de OL não atribuíram nenhum papel específico, entretanto, eles não estão proibidos de atuar nas competições. Eventualmente, alguns familiares podem ser financiadores, vigilantes das provas e até o acompanhante da equipe na IOL (*team leaders* ou observadores). Porém, na visão dos representantes nacionais, os parentes estão limitados a finalidades totalmente periféricas (quase inexistentes), e por isso não se configuram como um elemento relevante da Prática Social das OL.

Sobre ii) a falta de alcance das escolas nacionais, a segunda categoria de dificuldades enfrentadas pelas OL (pergunta 7), notamos um padrão nas narrativas supramencionadas neste capítulo. No início de cada Olimpíada Nacional, a dificuldade é fazê-la conhecida dos estudantes e apoiada pelas escolas. Este objetivo torna-se difícil pela ausência de um conjunto de Práticas Sociais escolares, chamada de “cultura olímpica”, e pelo fato da disciplina linguística não ser ensinada na educação básica. Superar estas adversidades para construir uma rede de apoio costuma levar vários anos, especialmente devido ao desconhecimento do público sobre o que é, ou sobre como funciona a própria Linguística.

A ineficácia da divulgação pública das OL, seja ela impressa, televisiva ou de canais digitais, foi mencionada pelos organizadores ao serem questionados sobre a existência de esforços explícitos para se comunicar com a mídia nacional (pergunta 23). Alguns relatos apontaram que: *“fizemos alguns esforços, mas não muito”* (Finlândia); *“tentamos atrair o interesse da mídia, mas não é fácil”* (Reino Unido); *“tentamos, mas não com sucesso”* (Suécia); *“Sim [esforçamos], isso normalmente acontece após a competição internacional”* (Hungria); *“geralmente há entrevistas com os vencedores de medalhas nos jornais”* (Eslovênia); *“principalmente comunicados à imprensa relacionados ao IOL”* (Bulgária); *“mantemos contato com um jornal de destaque (...) enviando informações sobre nossos resultados na IOL”* (Polônia); *“Sim [esforçamos], mas não de forma muito consistente. A mídia nacional geralmente publica um artigo com base no desempenho da IOL”* (Índia). Países como Letônia, República Tcheca, Dinamarca, Malásia e Colômbia mencionaram que (ainda) não fazem nenhum esforço de comunicação com a mídia.

Na atualidade, não se pode negar o papel de destaque das mídias de massa como espaço de lutas hegemônicas, a qual dissemina a voz de grupos cada vez mais restritos, que universalizam uma perspectiva de mundo particular como se fosse a única possível. Assim, a análise social crítica está intimamente imbricada com a análise de discurso contextual. As Olimpíadas ao se amoldarem ao discurso de meritocracia e excelência acabam por adquirir visibilidade e um *ethos* de legitimidade perante a sociedade local, pois conforme van Dijk (2008: 23):

Tradicionalmente, o poder social de grupos (classes, organizações) foi definido em termos de seu acesso preferencial a recursos materiais específicos (capital, terras) ou recursos simbólicos (educação, fama). Muitas formas de poder contemporâneo, contudo, devem ser definidas como poder simbólico, isto é, em termos de acesso preferencial ou do controle sobre o discurso público. (...) Controle do discurso público é controle da mente do público e, portanto, indiretamente, controle do que o público quer e faz. Não há necessidade de coerção se pode-se persuadir, seduzir, doutrinar ou manipular pessoas.

Para Hardt & Negri (2004 *apud* RAMALHO & RESENDE, 2011: 53), vivemos um terceiro paradigma econômico capitalista, baseado na oferta de serviços e no manuseio de informações. Fairclough (2003: 219-220) utiliza o termo “novo capitalismo” para designar as reestruturações mais recentes do capitalismo dominante, de modo que a expansão econômica possa continuar. A reestruturação dos diferentes campos da vida social implica, sobretudo, em transformações que apontam para a colonização de outros campos sociais, como educacional, artístico,

político, entre outros, pelo domínio do campo econômico. Nas palavras de Fairclough (2004: 188):

A linguagem e a semiose têm uma considerável importância da reestruturação do capitalismo e em sua organização em nova escala. Por exemplo, a totalidade do conceito de 'economia baseada no conhecimento', uma economia em que o conhecimento e a informação adquirem um novo e decisivo significado, implica uma economia baseada no discurso: o conhecimento se produz, circula e é consumido como discursos.

Os discursos que circulam entre os diferentes elementos da Prática Social das OL demonstram como a área econômica colonizou outras áreas dominando-as. Esse processo envolve relações de poder e de hibridismos, e implica a recontextualização dos elementos da Prática Social em novas articulações.

Em decorrência das dificuldades financeiras enfrentadas pelas Olimpíadas de Linguística de cada país, atingir a mídia de massa tem o potencial de inserir este evento social na lógica do sistema capitalista, isto é, transformar o conhecimento em mercadoria, atribuindo aos indivíduos o legitimado papel de consumidores. De certa forma, a publicidade da/sobre a olimpíada compromete a distinção entre propósitos estratégicos e propósitos educacionais. Isso implica na utilização de processos de mercadologização da educação não apenas em práticas a princípio desvinculadas do campo econômico, mas também do discurso sobre essa prática.

A centralidade da linguagem no modo de transformação do capitalismo levou Hardt & Negri (2004 *apud* RAMALHO & RESENDE, 2011: 55) a contrastarem a anterior "sociedade disciplinar", proposta por Foucault (1997), com a atual "sociedade de controle". Na primeira, o comando social era construído por uma rede difusa de instituições, como a prisão, a fábrica, o asilo, a escola, que produziam e regulavam costumes, hábitos e práticas produtivas. O ato disciplinar se desenvolvia somente em instituições voltadas para a imposição da disciplina. Na sociedade de controle atual, em contrapartida, o poder é exercido por sistemas de comunicação e redes de informação que organizam internamente as práticas diárias e comuns. Não se restringe a locais estruturados de instituições sociais, mas estende em redes flexivas e flutuantes, resultado da "máquina comunicacional de alta tecnologia", que constitui um recurso difuso de sustentação da hegemonia. Isso porque apesar da ampla circulação de conhecimento, redes de informação controlam a disseminação de discursos particulares, que são dialeticamente materializados em maneiras de agir e interagir dos organizadores e estudantes nas Olimpíadas de Linguística.

A Prática Social das Olimpíadas de Linguística demonstra bem o peso dos meios de comunicação em massa não apenas para transmitir uma informação (informar), mas para moldar (conformar) e modificar (transformar) a opinião pública sobre dado objeto social. Em nossa sociedade “midia-cêntrica”, muitas decisões passam pela discussão pública dos temas nos meios de comunicação de massa e não se concebe o exercício de poder sem o apelo a esses meios. Por essa razão, as olimpíadas que não conseguem uma entrada na mídia de massa tem divulgado suas ações e premiações nas redes sociais (*Facebook* e *VK*, principalmente), todavia, não conseguindo ampliar significativamente sua atuação com essa estratégia, visto que as redes sociais mantêm a divulgação restrita a pessoas já conhecedoras desses eventos e não a pessoas que desconhecem as Olimpíadas de Linguística.

Dada a relevância da mídia de massa na sociedade pós-moderna, o apelo midiático passa a ser uma tática constante e generalizada a que os grupos sociais e os atores na esfera pública estão sempre a recorrer. A diversificação de mídias (jornais, revistas, programas de rádio, de TV, podcasts etc.), e todo o arsenal simbólico que implicam, tem o potencial de ampliar o público conhecedor dessas iniciativas educacionais, aumentar o prestígio do evento na comunidade local e nacional, e ainda alcançar novos participantes de cidades mais distantes dos grandes centros. Entretanto, essa é uma estratégia utilizada apenas pelas OL em fase de tradição e de consolidação, quando o patrocínio está mais consolidado, isto é, não costuma acontecer nos primeiros anos de funcionamento das OL.

A relação das OL com a mídia de massa não se constitui o objeto principal de nossa Tese, mas, sem dúvidas, é um aspecto relevante na construção da representação social sobre a própria Linguística. Isso significa que a Olimpíada de Linguística e a disciplina homônima compartilham, direta ou indiretamente, as mesmas dificuldades de prestígio, valorização e esvaziamento de poder na esfera pública. Retornaremos a esse tópico na seção 3.4, ainda neste capítulo.

Com o crescimento numérico, algumas OL passaram a desenvolver certas tendências que chamaram a atenção dos seus Organizadores Nacionais. Primeiro, observou-se uma maior participação de escolas privadas em relação às escolas públicas; segundo, notou-se uma maior participação dos alunos de grandes centros urbanos em relação aos estudantes periféricos e do interior dos países; por fim, constatou-se uma maior participação de homens do que de mulheres, especialmente

nas etapas mais avançadas do evento e no quadro de medalhas. Tais percepções foram mencionadas como dificuldades (pergunta 7) em:

As principais dificuldades são: **i) baixa participação de alunos de escolas públicas. A maioria dos estudantes vem de escolas privadas, ii) Não há participantes da comunidade étnica da Colômbia, iii) não há acesso à competição para participantes que estão longe de áreas urbanas, iv)** a última rodada ainda não foi projetada para ser realizada *online* e muitos participantes não têm acesso à internet e vii) com base nos treinamentos, há alunos que não desenvolveram raciocínio lógico. (Representante da Colômbia, tradução e grifos nossos).

O apoio e os recursos das universidades faltaram e estão faltando, por exemplo, os membros da equipe tiveram que encontrar tempo livre para se envolver. Também é difícil chegar às escolas, porque nem sempre eles veem os e-mails enviados para um endereço geral, e ainda não temos contactos em todas as escolas. **Descobrimos que as escolas privadas estão mais envolvidas do que as escolas públicas, geralmente porque essas são as escolas que têm aulas de línguas e professores de línguas, e achamos mais difícil convencer outros tipos de educadores de que isso é relevante. Além disso, as escolas particulares têm mais tempo e recursos para realizar esse tipo de competição.** (Representante da Austrália, tradução e grifos nossos).

Vimos um crescimento constante ao longo dos anos, mas gostaríamos de ver duas coisas: **um melhor equilíbrio entre os alunos das escolas privadas e públicas (estes últimos estão sub-representados); e um melhor equilíbrio de gênero, especialmente na extremidade superior da competição, onde os meninos dominam.** (Representante do Reino Unido, tradução e grifos nossos).

Participação mais ampla. Problemas talvez mais fáceis, para encorajar uma participação mais ampla. No Canadá, **estou especialmente interessado em alcançar novas regiões geográficas, uma vez que nossos competidores estão altamente concentrados nas áreas urbanas de Ontário e Colúmbia Britânica.** (Representante do Canadá, respondendo a pergunta 28, tradução e grifos nossos).

Tomada como uma característica natural da competição, a suposta prevalência de alunos do sexo masculino, de escolas particulares, de grandes centros urbanos, não pareceu ser uma dificuldade na visão de alguns Organizadores de Olimpíadas Nacionais que responderam **não ter** nenhum grupo social para ajudar a participar do evento (pergunta 14), como afirmou o representante da Índia:

Vemos uma proporção saudável entre os sexos em nossa rodada 1, 2 e equipe de IOL. Não temos a infraestrutura no momento para fazer campanha especialmente para certas escolas - digamos, financiadas pelo governo, ou de certas regiões, especialmente porque a Índia é um país tão vasto. Portanto, **em sua maioria, nossos participantes são de cidades, e a maioria (mas nem sempre) de escolas particulares.**

Sobre este tema, a Olimpíada de Linguística do Reino Unido foi a única que encontramos com um estudo publicado sobre sua abrangência territorial entre as

escolas alcançadas, o que demonstra a baixa visibilidade desse aspecto dentro os eventos sociais. No mapa a seguir, percebemos como as escolas participantes da UKLO naturalmente se concentram nas áreas urbanas, especialmente de grandes cidades, por sua maior população e pelo maior acesso a este tipo de evento:



Figura 7 – Distribuição das Escolas participantes da UKLO
Fonte: Sítio oficial da UKLO¹³⁶

Entretanto, outros Organizadores de OL manifestaram um cuidado especial para a participação de determinados grupos sociais, especialmente estudantes do sexo feminino; e/ou alunos de escolas públicas; e/ou discentes de fora dos centros urbanos, como podemos observar nos seguintes relatos:

(...) Monitoramos estas questões e **ficamos felizes de saber que sempre temos altas participações de pessoas de escola pública e de mulheres na olimpíada**. Este é um debate que ainda queremos aprofundar, e que se torna especialmente importante conforme a olimpíada cresça. (Representante do Brasil, grifos nossos).

[Queremos] estudantes de fora de Riga. Realizamos alguns seminários para **promover o gênero de problemas linguísticos autossuficientes em escolas fora de Riga**. Ao distribuir prêmios ou convites para o segundo turno, podemos optar não oficialmente por um número maior de prêmios, **caso a ampliação da lista resulte na inclusão de alguém de fora de Riga**. (Representante da Letônia, tradução e grifos nossos).

Agora [a HLOM] está principalmente focada na capital. Estamos estendendo isso para todo o Nepal. (Representante do Nepal na pergunta 9, tradução e grifos nossos).

¹³⁶ Disponível em: <https://www.uklo.org/map> Acesso em 03.11.2020.

Não tivemos tempo para desenvolver tais políticas, **mas [incentivar] as meninas estavam definitivamente em nosso mapa.** (Representante da Espanha, tradução e grifos nossos).

Conforme observado anteriormente, **queremos incentivar meninas e alunos de escolas gratuitas. Há alguns anos, tivemos um fim de semana residencial adicional exclusivamente para estudantes de escolas públicas.** Infelizmente, nenhum dos que compareceram naquele fim de semana se saiu muito bem na olimpíada do ano seguinte, por isso não repetimos o evento. (Representante do Reino Unido, Tradução nossa).

Novamente, a trajetória da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) é ilustrativa desse caleidoscópio de características. A OBL começou em 2011 com o apoio institucional majoritariamente do Colégio Etapa, em São Paulo, nos cinco primeiros anos, inclusive com uma interrupção de suas atividades em 2014-2015 por falta de pessoal disponível para sua organização, a semelhança das dificuldades apontadas por outras OL. Por diversos fatores e contingências, atualmente, 90% da Comissão Organizadora da OBL é formada por ex-participantes das três últimas edições, o que é característico dos eventos recém-criados ou interrompidos.

Em 2016, o apoio institucional de uma entidade privada tornou a inscrição e a realização da primeira fase da OBL inteiramente *online*, pela internet, e isto alterou radicalmente a configuração que a OBL estava acostumada a registrar. Conforme mencionamos na Tabela 3, o número de escolas públicas saltou consideravelmente de 06 em 2015 para 141 em 2016. Quase dobrou em 2017, com 279 escolas, e continuou subindo de 308 em 2019 para 405 em 2021. A maioria destas escolas contava com apenas 01 estudante, o que mostrou a capilaridade da nova estratégia, mas, ao mesmo tempo, fragilizou a atuação da escola e do professor no processo, pois ambos não desempenham nenhum papel durante a realização da Olimpíada.

Outra mudança perceptível foi a conquista de quatro medalhas nas IOL de 2018 e 2019 (duas medalhas em cada edição), mesmo resultado dos últimos seis anos anteriores somados. Estas conquistas aumentaram bastante a cobertura da mídia sobre a OBL em várias partes do país, o que, possivelmente, também contribuiu para o aumento de participantes e escolas nos anos seguintes. Então, em 2020, uma única universidade pública brasileira passou a reconhecer o resultado da OBL como garantidora de uma vaga para um curso superior, o que demonstra, ainda que de forma singular, os mecanismos de funcionamento dos elementos integrantes da Prática Social que foram descritos no capítulo 2, representados na Figura 6.

Também é nesse período, em 2017, que a OBL elaborou seu Regulamento, depois de 6 anos de funcionamento. Com o alcance proporcionado pela primeira

fase na internet, foi incluído no Regulamento a garantia de que cada Estado da Federação contasse com pelo menos um(a) participante na etapa final do evento, o que aumentou a representatividade de localidades sem expressão em olimpíadas e, naturalmente, diminuiu a concentração de alunos sempre das mesmas capitais.

Outro reflexo foi uma maior diversidade na seleção para a etapa Internacional. Durante seis anos, de 2011 a 2016, representaram o Brasil na IOL desessete (17) jovens diferentes (16 homens e 1 mulher), alguns mais de uma vez; sendo treze (13) de escolas particulares e quatro (4) de escolas públicas; com apenas quatro (4) estudantes de fora do estado de São Paulo. Com as grandes alterações de padrão de financiamento e divulgação no caleidoscópio da OBL, em apenas três anos, entre 2017 e 2019, foram selecionados para a IOL o mesmo número de participantes do que nos seis anos anteriores, levando duas equipes a etapa internacional, mas com maior participação feminina, de escolas públicas e de forma mais distribuída no país, a saber: desessete (17) jovens (11 homens e 6 mulheres), sendo dez (10) de escolas particulares e sete (7) de escolas públicas; com treze (13) estudantes de fora do estado de São Paulo. A IOL de 2020 foi adiada para 2021 em decorrência da pandemia de Covid-19. Os números evidenciam que o alcance de todo o território nacional trouxe um maior equilíbrio entre escolas públicas e privadas além de favorecer uma maior representatividade feminina, expandindo para fora dos colégios de São Paulo. A maioria dos participantes, entretanto, mora na capital do seu estado. Assim, a mudança de uma configuração do caleidoscópio provoca reflexos, ora planejados, ora colaterais, no crescimento quantitativo e qualitativo, observados no contexto nacional e internacional.

Sobre estas mesmas problemáticas, o sítio da *UKLO*¹³⁷ é o único dentre todas as OL analisadas a mencionar alguns parâmetros para tornar estes eventos mais democráticos e igualitários. Um deles é a possibilidade de alcançar qualquer tipo de estabelecimento educacional. Como os problemas não requerem nenhum conhecimento prévio, as grandes diferenças entre instituições poderiam ser diminuídas, não importando se o participante vem de uma escola privada (paga) ou pública (gratuita), situada num grande centro urbano ou numa localidade periférica. Todas estas peculiaridades das escolas, em tese, seriam ultrapassadas em prol do raciocínio desenvolvido pelos estudantes, permitindo uma competição com maior

¹³⁷ Disponível em: <https://www.uklo.org/about/educational-rationale> Acesso em 22.03.2020.

equidade de condições. Contudo, o sítio aponta que um levantamento interno não revelou isso na prática. Embora 42% das 400 inscrições fossem de escolas públicas na *UKLO* de 2010, apenas um colégio chegou com participantes à segunda rodada e nenhuma instituição pública conseguiu representantes entre os oito (08) alunos da IOL. Em 2011, mesmo com 50% de alunos de escolas públicas na rodada 1, as escolas particulares continuaram dominando as vagas da rodada 2 e da IOL.

Os concorrentes das escolas privadas superam os das escolas públicas em proporção de três para um, embora as privadas eduquem apenas 7% de todos os alunos no Reino Unido. Por outro lado, o padrão que vemos é amplamente reproduzido em outras olimpíadas científicas. Parece que os professores de escolas pagas são permitidos, ou encorajados, a ir além dos limites do currículo, enquanto os professores de escolas públicas têm menos liberdade, por pressões de tabelas classificatórias (HUDSON & SHELDON, 2013: 96).

Outro parâmetro que o sítio da *UKLO* menciona como potencial para melhorar o padrão geral de educação no Reino Unido é que as OL parecem atrair meninos e meninas. Para demonstrar essa ideia, o texto exemplifica que homens se destacam em análises formais citando exemplos da Olimpíada Internacional de Matemática (IMO), de 2010, quando cento e quarenta e três (143) vencedores de medalhas de ouro e prata eram meninos e apenas sete (07) eram meninas, desconsiderando, todavia, a grande diferença entre o número de participantes masculinos e femininos. Por outro lado, o texto também cita um estudo da *Northwestern University* e da *University of Haifa* em que o processamento da linguagem é mais sensorial em meninos e mais abstrato em meninas durante as tarefas de linguagem. Isto é, garotos e garotas dependem de diferentes partes do cérebro ao realizar essas tarefas. Assim, os organizadores da *UKLO* defendem que os Problemas Linguísticos Autossuficientes podem ser um relevante instrumento educacional, porque aliam uma análise formal aos dados de uma língua natural.

Até 2020, a questão do desequilíbrio numérico entre homens e mulheres não pareceu ser uma questão relevante nos discursos da maioria dos Organizadores de OL, entretanto, esta é uma problemática bastante discutida nas áreas conhecidas como *STEM* ou *STEAM*, que é a sigla em inglês para Ciências, Tecnologia, Engenharia, (Artes) e Matemática, consideradas as portas de entrada para as carreiras tecnológicas. Porém, como já mostramos na seção 2.2, desde 1965, as OL se constituíram no entremeio das ciências humanas e das ciências exatas, abordando tanto línguas quanto tecnologias. Inclusive, muitas Olimpíadas Nacionais

estão sediadas em departamentos, institutos ou academias de Matemática, como é o caso da Bulgária, Polônia, República Tcheca e Eslovênia, ou estão ligadas a faculdades, associações ou empresas de informática/computação, como Estados Unidos, Austrália, Nepal, Malásia, Hong Kong e Espanha (descontinuado). Assim, o desequilíbrio numérico entre homens e mulheres, mais presente nas áreas de exatas, tende a se evidenciar na OL à medida que a competição cresce e se configura com um caráter mais acadêmico ou profissional, trazendo consigo, naturalmente, os problemas sociais enfrentados pelas áreas de exatas e tecnologia.

De acordo com Fairclough (2001), a Prática Discursiva não apenas para reproduz a sociedade, em suas identidades e relações sociais, sistemas de conhecimentos e crenças, como também possibilita sua transformação. Nesse contexto, não se pode falar de produção individual de textos orais e escritos produzidos nas Olimpíadas de Linguística, uma vez que cada voz está atravessada por outras vozes da sociedade, num diálogo contínuo, nem sempre muito visível.

O caleidoscópio de características das Olimpíadas Nacionais revela um padrão de dominação masculina opaca, que não é transparente aos seus Organizadores, mas que se revela ao ser observada com atenção. Como muitos eventos nunca se esforçaram para mensurar o quantitativo de participação feminina, há poucas formas de se evidenciar o problema social. Um caminho possível é analisando as fotos¹³⁸ das delegações nas cerimônias de abertura das Olimpíadas, o que já mostraria a baixa presença das mulheres, sobretudo em alguns países. Contudo, nossa opção foi reconstruir os dados com base nas premiações, porque são dados oficiais e demonstram o ápice do evento, o momento de maior prestígio dentro da competição. O quadro de medalhas que elaboramos auxiliou-nos a desvelar características das OL que de outra forma não poderiam ser percebidas.

No nível internacional, a IOL **não** registra em seu endereço eletrônico oficial, ou nos sítios de cada edição anual e nem em informativos gerais o número de participantes homens e mulheres, o que nos impede descobrir a real proporção de inscritos entre os gêneros. Todavia, a página na internet registra o nome de todas as pessoas premiadas, assim, foi possível reconstruir os dados e verificar por meio de dados empíricos o desbalanceamento mencionado pelos Organizadores Nacionais acerca da vantagem masculina. Em nossa contagem, os números assim se revelam:

¹³⁸ <https://www.facebook.com/international.linguistics.olympiad/photos> Acesso em 05.05.2020.

Ano	Alunos	Medalhas Masculinas			Medalhas Femininas			Total de Medalhas	Porcentagem premiada (%)		
		Ouro	Prata	Bronze	Ouro	Prata	Bronze		Masc.	Feminina	Geral (ambos)
2003	33	02	--	01	01	02	01	07	42,8	57,2	21,2
2004	45	02	02	02	01	02	05	14	42,8	57,2	31,1
2005	50	01	--	02	--	01	02	06	50,0	50,0	12
2006	51	02	05	01	01	01	03	13	61,5	38,5	25,4
2007	61	02	05	01	--	01	03	12	66,6	33,4	19,6
2008	67	03	06	07	--	01	03	20	80,0	20,0	29,8
2009	86	01	06	07	01	03	04	22	63,6	36,4	25,5
2010	99	03	08	10	--	01	05	27	77,7	22,3	27,2
2011	102	02	07	11	02	01	02	25	80,0	20,0	24,5
2012	131	08	12	08	--	01	08	37	75,6	24,4	28,2
2013	138	05	07	12	02	05	05	36	66,6	33,4	26,0
2014	152	04	07	12	03	06	09	41	56,0	44,0	26,9
2015	166	06	12	12	01	05	10	46	65,2	34,8	27,7
2016	167	07	10	16	03	07	10	53	62,2	37,8	31,7
2017	172	09	14	16	01	04	06	50	78,0	22,0	29,0
2018	192	12	14	22	01	03	08	60	80,0	20,0	31,2
2019	209	10	18	18	--	03	11	60	76,6	23,4	28,7
Total	1.921	79	133	158	17	47	95	529	69,9	30,1	27,5

Tabela 6 – Dados das premiações masculinas e femininas na IOL até 2020
Fonte: Elaborada pelo autor

Como se pode observar, na média, são premiados vinte e sete por cento (27%) dos participantes de uma edição, sem contar as menções honrosas que são as condecorações mais numerosas. Sem saber o número específico de mulheres em cada edição, podemos inferir que é um quantitativo que cresce em menor proporção do que o masculino. Somente em 2003 e 2004, o número total de medalhas obtidas por mulheres só foi maior que as obtidas por homens, quando menos de 50 estudantes participavam do evento. Em 2005, houve o único empate entre o total de medalhas de cada gênero. A partir de 2006, os homens dominaram todos os parâmetros possíveis, tanto no número total quanto em cada medalha específica. Durante sete anos, a grande vantagem masculina se manteve entre 300% a 400% no total de medalhas da edição. No critério de medalhas de ouro, os índices masculinos chegam a 1.200% de vantagem diante dos índices femininos. Na prática, a premiação máxima revela o desbalanceamento na proporção de 9:1 na edição de 2017; o ápice do desequilíbrio de 12:1 em 2018; e ainda a ausência de medalhas femininas com a proporção de 10:0 em 2019; o que indica que a sub-representação feminina é persistente e pode se agravar com o passar do tempo.

Conforme mencionou o sítio da *UKLO*, a desigualdade entre o número de homens e mulheres na **Olimpíada Internacional de Matemática (IMO)** pode ser um alerta para a OL pois, de acordo com o levantamento oficial, o desequilíbrio entre os gêneros é ainda mais acentuado nas exatas, conforme o quadro comparativo:

Edição	Ano	Local	Sede	Países	Homens	Mulheres	Participação Feminina
1	1959	Romênia	Braşov	7	41	6	12,7%
2	1960	Romênia	Sinaia	5	32	1	3,0%
3	1961	Hungria	Veszprém	6	34	5	12,8%
4	1962	Checoslováquia	České Budějovice	7	48	4	7,6%
5	1963	Polônia	Wrocław	8	53	2	3,6%
6	1964	União Soviética	Moscou	9	54	4	6,8%
7	1965	Alemanha Oriental	Berlim	10	63	9	12,5%
8	1966	Bulgária	Sófia	9	59	1	1,6%
9	1967	Iugoslávia	Cetinje	13	82	1	1,2%
10	1968	União Soviética	Moscou	12	88	0	zero
11	1969	Romênia	Bucareste	14	95	6	5,9%
12	1970	Hungria	Keszthely	14	94	5	5,0%
13	1971	Checoslováquia	Žilina	15	98	4	3,9%
14	1972	Polônia	Toruń	14	90	2	2,1%
15	1973	União Soviética	Moscou	16	115	2	1,7%
16	1974	Alemanha Oriental	Erfurt	18	124	2	1,5%
17	1975	Bulgária	Burgas	17	99	2	1,9%
18	1976	Áustria	Lienz	18	117	4	3,3%
19	1977	Iugoslávia	Belgrado	21	132	2	1,4%
20	1978	Romênia	Bucareste	17	112	3	2,6%
21	1979	Reino Unido	Londres	23	116	1	0,8%
22	1981	Estados Unidos	Washington	27	155	9	5,4%
23	1982	Hungria	Budapeste	30	87	3	3,3%
24	1983	França	Paris	32	178	8	4,3%
25	1984	Checoslováquia	Praga	34	132	3	2,2%
26	1985	Finlândia	Joutsa	38	151	7	4,4%
27	1986	Polônia	Varsóvia	37	147	7	4,5%
28	1987	Cuba	Havana	42	160	7	4,1%
29	1988	Austrália	Camberra	49	251	17	6,3%
30	1989	Alemanha	Brunsvique	50	212	13	5,7%
31	1990	China	Pequim	54	238	12	4,8%
32	1991	Suécia	Sigtuna	56	277	17	5,7%
33	1992	Rússia	Moscou	56	271	14	4,9%
34	1993	Turquia	Istambul	73	293	33	10,1%
35	1994	Hong Kong	Hong Kong	69	280	25	8,1%
36	1995	Canadá	Toronto	73	300	26	7,9%
37	1996	Índia	Mumbai	75	309	25	7,4%
38	1997	Argentina	Mar del Plata	82	315	28	8,1%
39	1998	Taiwan	Taipé	76	297	30	9,1%
40	1999	Romênia	Bucareste	81	316	37	10,4%
41	2000	República da Coréia	Daejeon	82	336	31	8,4%
42	2001	Estados Unidos	Washington	83	440	33	6,9%
43	2002	Reino Unido	Glasgow	84	336	37	9,9%
44	2003	Japão	Tóquio	82	331	29	8,0%
45	2004	Grécia	Atenas	85	351	37	9,5%
46	2005	México	Mérida	91	470	43	8,3%
47	2006	Eslovênia	Liubliana	90	460	38	7,6%
48	2007	Vietnã	Hanói	93	471	49	9,4%
49	2008	Espanha	Madri	97	480	55	10,2%
50	2009	Alemanha	Bremen	104	506	59	10,4%
51	2010	Cazaquistão	Astana	95	469	47	9,1%
52	2011	Holanda	Amsterdã	101	506	57	10,1%
53	2012	Argentina	Mar del Plata	100	496	51	9,3%
54	2013	Colômbia	Santa Marta	97	475	52	9,8%
55	2014	África do Sul	Cidade do Cabo	101	504	56	10,0%
56	2015	Tailândia	Chiang Mai	104	525	52	9,0%

57	2016	Hong Kong	Hong Kong	109	531	71	11,7%
58	2017	Brasil	Rio de Janeiro	111	553	62	10,0%
59	2018	Romênia	Cluj-Napoca	107	534	60	10,1%
60	2019	Reino Unido	Bath	112	556	65	10,9%
61	2020	Rússia	São Petersburgo	105	560	56	9,0%

Tabela 7 – Dados das participações masculinas e femininas na IMO até 2020

Fonte: Elaborada pelo autor

Semelhante à IOL, nos primeiros anos, quando o número de discentes não ultrapassava 65 pessoas, os índices de participação das mulheres já eram baixos na IMO, pois as estudantes femininas nunca alcançaram 13% do total de participantes. Entretanto, com o crescimento do evento, a sub-representação feminina se agravou ainda mais, mantendo-se abaixo de 2% do total de participantes durante oito edições entre 1966 e 1979. Com a abertura democrática para países não socialistas, em 1981, e com a expansão para países fora da Europa, em 1967, a participação feminina voltou a crescer, mas sem nunca alcançar a marca de 12% dos anos iniciais. Naturalmente, com a sub-representação na participação, também ocorre a sub-premiação observada tanto no *Hall da fama* da IOL¹³⁹ como no *Hall da fama* da IMO¹⁴⁰, que registram um número desproporcional de medalhas entre homens e mulheres, com menos 30% de mulheres premiadas no caso da competição de Linguística e menos de 10% no caso da competição de Matemática.

Este mesmo problema social ocorre também na **Olimpíada Internacional de Informática (IOI)**. Em estudo publicado¹⁴¹ em 2015 sobre a participação feminina na IOI, Stefano Maggiolo, membro do Comitê Técnico Internacional da IOI, descreveu a dificuldade de se obter dados sobre o desequilíbrio de gênero porque, semelhante ao que acontece na Olimpíadas Internacional de Linguística, a IOI não registra o número de homens e mulheres em seu sítio, de forma que o autor encorajou a organização da IOI a coletar o gênero dos participantes e disponibilizá-lo nas estatísticas para facilitar futuras investigações. Por meio de um questionário respondido por 36 delegações (44% dos 81 países participantes da IOI 2014) e o levantamento de nomes, informações em sítios, notas nos boletins informativos e pesquisas genéricas foi possível chegar aos dados organizados na tabela sobre a IOI a seguir:

¹³⁹ https://ioling.org/results/hall_of_fame/ Acesso em 10.05.2020.

¹⁴⁰ <https://www.imo-official.org/hall.aspx> Acesso em 10.05.2020.

¹⁴¹ https://ioinformatics.org/journal/v9_2015_127_137.pdf Acesso em 10.05.2020.

Edição	Ano	Local	Sede	Países	Homens	Mulheres	Participação Feminina
1	1989	Bulgária	Pravec	13	21	1	4,5%
2	1990	União Soviética	Minsk	25	32	2	5,8%
3	1991	Grécia	Atenas	23	63	1	1,5%
4	1992	Alemanha	Bonn	51	151	7	4,4%
5	1993	Argentina	Mendoza	43	94	5	5,0%
6	1994	Suécia	Haninge	49	165	8	4,6%
7	1995	Holanda	Eindhoven	51	172	19	9,9%
8	1996	Hungria	Veszprém	57	200	3	1,4%
9	1997	África do Sul	Cidade do Cabo	63	199	7	3,9%
10	1998	Portugal	Setúbal	68	224	2	0,8%
11	1999	Peru	Antalya-Belek	65	158	2	1,2%
12	2000	China	Pequim	72	251	4	1,5%
13	2001	Finlândia	Tampere	74	241	5	2,0%
14	2002	República da Coreia	Yongin	78	256	4	1,5%
15	2003	Estados Unidos	Kenosha	69	247	3	1,2%
16	2004	Grécia	Atenas	76	286	4	1,3%
17	2005	Polónia	Nowy Sącz	72	274	5	1,7%
18	2006	México	Mérida	74	273	5	1,8%
19	2007	Croácia	Zagrebe	77	269	11	3,9%
20	2008	Egito	Cairo	78	267	9	3,2%
21	2009	Bulgária	Plovdiv	78	288	14	4,6%
22	2010	Canadá	Waterloo	80	291	10	3,3%
23	2011	Tailândia	Pattaya	78	299	4	1,3%
24	2012	Itália	Sirmione/Montichiari	81	313	3	0,9%
25	2013	Austrália	Brisbane	77	293	6	2,0%
26	2014	Taiwan	Taipé	81	305	10	3,1%
Total contabilizado em Maggiolo (2015)					5.632	154	2,7%
27	2015	Cazaquistão	Almaty	83	322		?
28	2016	Rússia	Cazã	80	308		?
29	2017	Irã	Teerã	83	308		?
30	2018	Japão	Tsukuba	87	335		?
31	2019	Azerbaijão	Baku	87	327		?
32	2020	Singapura	online	87	343		?

Tabela 8 – Dados das participações masculinas e femininas na IOI até 2020
 Fonte: Maggiolo (2015) e complementado pelo autor

Como uma Prática Social que se repete na IMO e na IOI, nos primeiros anos, os índices de participação das mulheres já era baixo, pois as estudantes nunca alcançaram 6% do total de participantes na IOI, exceto em 1995. Contudo, com o crescimento do evento, a sub-representação se agravou ainda mais, mantendo-as abaixo de 2% do total de participantes durante nove edições entre 1998 e 2006.

Em 1995, quando a Holanda foi o país organizador do IOI, foram permitidas delegações com cinco competidores (ao invés dos quatro habituais) desde que a equipe contivesse pelo menos uma mulher, em uma ação interpretada como inclusiva por alguns organizadores e paternalista por outros. Apesar do aumento numérico na participação feminina, a proposta não foi repetida por outros países anfitriões, nem incorporada pelo Comitê Organizador Internacional. Segundo Maggiolo (2015), a Holanda também é o país que mais levou competidoras

femininas à IOI, três vezes mais do que o segundo colocado, com 22% do total das delegações compostas por mulheres, porque o mesmo incentivo a uma delegação mista se aplica na Olimpíada de Informática holandesa desde 1992. Com a sub-representação na participação feminina na IOI, também ocorre a sub-premiação observada no *Hall da fama* da IOI¹⁴², que registra menos 10% de mulheres na lista.

A participação feminina brasileira nos eventos internacionais também merece destaque. Na Olimpíada Internacional de Matemática (IMO), de 1979 a 2020, já enviamos 247 homens e 7 mulheres. Na Olimpíada Internacional de Informática (IOI), de 1999 a 2020, são 80 homens e 1 mulher. Na Olimpíada Internacional de Física (IPhO), de 2000 a 2020, são 100 homens e 1 mulher. Na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), de 2011 a 2020, são 27 homens e 7 mulheres.

As tabelas 1, 7 e 8 nos mostram, respectivamente, que as Olimpíadas Internacionais de Linguística, Matemática e Informática são sediadas em grandes cidades, não necessariamente capitais, que ofereçam a estrutura para receber o evento. Nos três tipos de Olimpíadas, não há premiações vencidas por países da África e da Oceania (exceto a Austrália), pois até a participação destas localidades é rara. Em nosso questionário, temos relatos de que a mesma situação acontece internamente em cada país membro da IOL, onde as grandes cidades têm prevalência sobre as pequenas. Porém, estudos que investiguem a concentração territorial/geográfica dos participantes são quase inexistentes. Schwarz (2018) é o único estudo que tratou da realidade brasileira, todavia, limitando-se exclusivamente aos participantes da Olimpíada de Química do Rio Grande do Sul. O autor comprovou em sua pesquisa a relação entre as regiões com maior PIB e um considerável melhor desempenho na competição acadêmica.

Diante desse caleidoscópio de características, é importante ressaltar que tanto fatores internos quanto fatores externos também podem impulsionar o progresso da Prática Social das OL, especialmente por ser um evento relativamente desconhecido do grande público. Um exemplo é registrado nos sítios das Olimpíadas russa e britânica, que promovem como celebridades os ex-participantes bem sucedidos na IOL, especialmente aqueles que continuam em cursos de graduação relacionados a linguagem e tecnologia. É comum que estes campeões forneçam treinamento e orientação aos novos concorrentes na fase mais avançada,

¹⁴² Disponível em: <https://stats.ioinformatics.org/halloffame/all> Acesso em 15.05.2020.

mesmo que os campeões não sejam integrantes fixos destas competições. Tal modelo de inspiração tem potencializado bons rendimentos na etapa internacional.

Outros exemplos de atividades que fortalecem a Prática Social são a realização de clubes de linguística, cursos preparatórios ou competições preliminares voltadas para o ensino fundamental, visando preparar a base dos futuros participantes das OL. Nos Estados Unidos e na Rússia, vários clubes linguísticos proliferaram em escolas secundárias para discutir temas relacionados a linguagem. Também na Rússia, desde 2001, uma competição é muito popular entre os alunos que estão aprendendo a língua, tanto falantes nativos e como estudantes de uma segunda língua: o *Filhote de urso russo - Linguística para Todos*¹⁴³. Na Polônia, desde 2006, a Torre de Babel¹⁴⁴ é um evento projetado para ajudar os mais jovens a se prepararem para uma futura participação nas Olimpíadas. Na Índia e no Reino Unido as fases chamadas de nível júnior e de nível básico, respectivamente, foram adicionadas para iniciar estudantes do Ensino Fundamental nas OL nacionais, visando incentivar a participação estudantil desde muito cedo. Alguns países, especialmente do grupo de Olimpíadas em fase de tradição, oferecem competições de idiomas estrangeiros projetados para testar o conhecimento dos estudantes em línguas específicas, o que também impulsiona o interesse pela Linguística na escola.

Semelhante ao exemplo anterior, mas com outro objetivo, observamos a realização de festivais de línguas, acampamentos linguísticos e de etapas abertas das próprias OL, voltadas ao público em geral, visando divulgação da área e o engajamento de pessoas interessadas. Na Estônia, o Festival Internacional de Línguas¹⁴⁵ para alunos do Ensino Médio e universitários calouros é realizado em Narva-Jõesuu em julho desde 2018. Sendo organizado por membros da IOL, o objetivo é mostrar a diversidade de características linguísticas e etnográficas de línguas ameaçadas. De fato, uma competição de línguas é realizada neste país desde 1960 (PAJUSALU, 2005). Na Rússia, a Escola Linguística de Verão é um acampamento que não faz parte das atividades olímpicas, embora seja organizado

¹⁴³ Disponível em: <http://www.xn--b1adccfhghoqlbqpa6a.xn--p1ai/> Acesso em 12.06.2020, e ainda https://sites.google.com/view/lingling-new/olympiads/russian_bear?authuser=0 em 12.06.2020

¹⁴⁴ <https://math.uni.wroc.pl/fmw/dla-uczni%C3%B3w-lingwistyka-matematyczna/wie%C5%BCa-babel/wie%C5%BCa-babel-dla-szk%C3%B3w%C5%82-podstawowych> Acesso em 12.06.2020.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/International-Youth-Language-Festival-103106841198081/> Acesso em 12.06.2020.

em sua maioria pelas mesmos organizadores da Olimpíada russa e, principalmente, para os mesmos estudantes que dela participam. Nos Estados Unidos e na Dinamarca acampamentos linguísticos acontecem com regularidade (MCGORY & BARLEW, 2020). Na Letônia, a preparação da seleção letã para a IOL é aberta a qualquer pessoa. No Brasil, etapas voltadas ao público adulto e ao Ensino fundamental (não elegíveis para IOL) foram adicionadas na OBL usando adaptações da prova dos alunos secundaristas. Com isso, o interesse e a participação de todas as faixas etárias têm sido maior a cada ano.

Mais outro exemplo de atividades que fortalecem a Prática Social são as redes cooperativas para o desenvolvimento de novos Problemas Autossuficientes conhecidas como *ELCLO*, que reúne as Olimpíadas de Linguística Computacional de Língua Inglesa, e *APLO*, que reúne as Olimpíadas de Linguística da Ásia-Pacífico. Estas redes internacionais tem apoiado os países integrantes com o compartilhamento de materiais e seu impacto pode ser observado por meio do crescimento dos eventos que compõem as duas redes.

Ainda observamos que alguns países promovem encontros para subsidiar trocas de problemas autossuficientes e treinamentos conjuntos dos estudantes que se classificaram para a etapa Internacional (IOL). Apesar de não ser usual, este arranjo entre as equipes permite aos alunos uma preparação mais qualificada ao lado de outras seleções nacionais, colabora na troca de experiências e imersão cultural, o que contribui com o desempenho e a confiança dos discentes. O time do Brasil preparou-se para a IOL 2013 juntamente com o time da Ilha de Man e para a IOL de 2017 juntamente com o time da Polônia, por exemplo.

Por fim, mas também muito importante estão os recursos *online*, como vídeos sobre Problemas Autossuficientes, podcasts de linguística, entrevista com ex-olímpicos, reportagens sobre resultados na IOL, blogs de fotos e relatos de experiência, redes sociais, memes, dentre outros gêneros discursivos digitais, que são fomentadores indiretos das Olimpíadas de Linguística porque atuam na ampla divulgação da área para os jovens secundaristas interessados. Por outro lado, os resultados obtidos na IOL retroalimentam os mesmos gêneros discursivos digitais que atuam na ampla divulgação da disciplina linguística para o público externo, universidades, empresas e possíveis patrocinadores, impulsionando o funcionamento da Prática Social. Desta forma, o conjunto de todos estes elementos imbricados em uma Olimpíada de Linguística pode ser ilustrado na seguinte figura:



Figura 8 – Elementos impulsadores da Prática Social da OL
 Fonte: Elaborado pelo autor

Portanto, a modificação de qualquer elemento da Prática Social tem reflexos diretos em outros elementos, formando o caleidoscópio da Olimpíada de Linguística. A interação destas características heterogêneas é visível sob diversos pontos de vista: nos regulamentos que indicam o *continuum* entre a institucionalização e a informalidade desses eventos sociais; nas dificuldades que enfrentam como falta de apoio institucional e alcance das escolas secundaristas; ou ainda, nos problemas que surgem com o crescimento e profissionalização da competição em cada país.

Conforme a Figura 8, a divulgação em massa para as escolas e para o público geral promovem as OL criando um engajamento educacional e comunitário. Quanto mais escolas participam, melhor se torna a seleção dos participantes e o país fica mais competitivo. Quando as OL começam a ter resultados expressivos em medalhas e produção de benefícios, como ingresso na universidade e emprego em empresas de tecnologia, isso atrai o interesse da população para a Linguística e a Olimpíada adquire um caráter relevante na educação nacional, desenvolvendo a chamada “cultura olímpica”. O azul claro (a direita e abaixo) envolve firmar compromissos com pessoas, com docentes e discentes, enquanto o azul escuro (a esquerda e acima) envolve ações institucionais, com universidades e empresas.

O funcionamento desta Prática Social pode ser observado no relato¹⁴⁶ de *Boris Yustinovich Norman*, sobre as primeiras publicações da Olimpíada russa:

A Olimpíada de Linguística de Moscou **passou a ser noticiada de forma ampla, e as tarefas usadas nela foram publicadas** separadamente em brochuras. Graças a isso, **professores e estudantes da Universidade Estatal de Belarus também conheceram a Olimpíada**. Em 1972, **foram publicadas em uma coleção** da famosa série "Publicações do Departamento de Linguística Estrutural e Aplicada", (cf. ZALIZNYAK, A. A.; et al., 1972), os 200 Problemas utilizados nas sete edições anteriores da Olimpíada. Assim, a Faculdade de Filologia de Moscou "demarcou" sua prioridade em relação ao novo gênero linguodidático. **Depois de 10 anos, a editora "Prosveščenie" decidiu que as tarefas poderiam ser do interesse de um público escolar amplo** e, em 1983, lançou a coleção de problemas técnicos de linguística com o subtítulo "Livro para alunos do ensino médio" com a **tiragem sem precedentes** de 180 mil cópias! **Esta coleção desempenhou um papel significativo no envolvimento de discentes em linguística ou, em qualquer caso, no despertar do interesse nesta ciência desconhecida** para os estudantes de Ensino Médio até então. Devo dizer, que graças à circulação massiva do livro de 1983, **o gênero Tarefas Linguísticas tornou-se conhecido e bastante amplo, não só de ensino, mas para o público em geral.** (...) É óbvio que uma variedade de material didático é necessária para alunos de Faculdades de Filologia, ou de Educação, cujo plano inclui as disciplinas "Introdução à Linguística" e "Linguística Geral". **Na era soviética, as tarefas em linguística foram ativamente usadas em seminários e práticas.** (...) Desde a década de 70, no decorrer do meu trabalho docente na Universidade Estatal de Belarus, sinto cada vez mais falta de publicações metodológicas para nossos alunos, em que os **Problemas científicos reais sejam combinados com um pouco de diversão.** (NORMAN, 2013: 126-127. Tradução e grifos nossos, aspas no original).

Assim, percebemos como os elementos internos e impulsionadores da Prática Social, expressos na Figura 8, são relacionais e dialéticos. Cada elemento, além de se relacionar internamente com outros elementos, também se articula com outras práticas externas, e essas redes de relações influenciam-se de modo a fazer circular um conjunto de conhecimentos, crenças, valores, desejos e ideologias que, compartilhados, formam as ordens do discurso. Nesse movimento, cada elemento influencia e é influenciado pelos demais elementos, compondo um mosaico instável, que não pode ser simplificado a nenhum fator individualmente.

Os relatos apresentados neste capítulo apontam para relações dialéticas entre discursos e outros elementos da vida social. Segundo Fairclough (1995), as Práticas Sociais que abrigam os discursos podem ser transformadas por duas perspectivas: a reestruturação e a reescala. Na reestruturação, a mudança ocorre entre os campos e domínios sociais, no nosso caso, entre os domínios educacional econômico e midiático. Na reescala, ocorrem transformações na vida social do nível

¹⁴⁶ <https://elib.bsu.by/bitstream/123456789/111452/1/%D0%9D%D0%BE%D1%80%D0%BC%D0%B0%D0%BD.pdf>

local para o global, no nosso caso, de Olimpíadas locais como Moscou para uma Prática Social que já se espalhou por mais de trinta países, inicialmente, pela migração e intercâmbio de professores entre instituições de ensino (Cf. seção 2.2 e Apendice A), posteriormente, ocasionado pelo processo de globalização e por outras redes de interação de agentes motivados a desenvolver a Prática Social das OL.

Segundo Fairclough (2006), os meios de comunicação de massa tratam o processo de formação de mercados internacionais em escala global como algo não provocado por agentes reais, alguns podem chamar de “mão invisível”. Como consequência, sem a percepção da intenção das ações, a massa da população não tem a quem atribuir o exercício do poder, senão a um “sistema” tão perverso quanto abstrato. Essa estratégia sustenta e propaga a globalização como um “caminho natural”, favorecendo a ocultação dos ideais neoliberais que dominam a vida social, disseminando visões particulares de um grupo como legítimas de todos. Dessa forma, os processos ideológicos apresentam interesses específicos como gerais, retratando uma situação planejada e transitória como natural e permanente.

Nesse sentido, considerando essa tática do neoliberalismo, as relações dialéticas existentes na Prática Social da OL tornam-se bastante camufladas no discurso e pelo discurso. Ao desvelar as intenções e estratégias do exercício do poder, pretendemos abrir a possibilidade de mudanças nos mecanismos que sustentam as desigualdades, convidando os Organizadores de OL à conscientização e correção dos desequilíbrios daquilo que estiver ao seu alcance.

De acordo com Christian Laval (2004), desde o início da sua expansão o neoliberalismo mirou a escola, o sistema escolar, a universidade etc., isso porque são lugares de formação de um certo tipo de subjetividade, o chamado “capital humano”. Segundo o autor, o neoliberalismo não é apenas uma política econômica monetária, mas é uma estratégia que visa modificar a sociedade por meio das relações individuais, fazendo com que cada indivíduo se considere um “ativo” a ser negociado no mercado. Assim, é preciso começar muito cedo a considerar que os estudos são, acima de tudo, um investimento que deve produzir uma renda, que deve ser rentável. A escola neoliberal tem como alicerce a eficiência, o desempenho, a rentabilidade. E, portanto, cada indivíduo deve se ver, rapidamente e desde cedo, como um empreendedor de si mesmo, um gestor de si mesmo, portanto, que cada um se considere um “capital”. Os neoliberais têm uma reflexão estratégica sobre a forma de mudar a sociedade e o homem. Em outras palavras:

Cada indivíduo, na lógica neoliberal, passa ser uma unidade de investimento e uma potência empreendedora: considerando-se a si próprio como um empreendimento, cada sujeito aceita de antemão a ideia de que sua eventual ruína ou exclusão se deve ao fato de não ter feito os investimentos certos nos momentos certos. Em tal lógica, mercado e Estado se aproximam e se fundem em momentos estratégicos e, principalmente, na educação dos sujeitos e nos investimentos sobre as condições de vida da população. Mercado e Estado tornam-se parceiros aliados na capitalização dos indivíduos. (LOPES & FABRIS, 2013: 57).

Nesse sentido, as políticas neoliberais são políticas que visam em seu discurso público tornar a escola mais “eficiente” para o mercado, melhorar o seu desempenho, fazendo com que cada indivíduo possa levar as suas capacidades o mais longe possível. Essas políticas incentivam a concorrência entre os estudantes através de aprovações em entidades e cursos valorizados, fazendo as escolas competirem entre si. Essa postura, segundo Laval (2004), conduz a uma segregação escolar generalizada e sistemática, o que resulta numa queda do nível de educação no conjunto da população escolar. Portanto, a competitividade apenas aumenta as desigualdades entre as escolas, entre os professores, entre os alunos e entre as famílias. Todavia, tudo isso pode ser invisibilizado por meio de consensos criados pelas mídias de massa e transformados em casos de sucessos pessoais, especialmente promovidos pelas escolas com um ensino mais “avançado”.

A escola no século XXI é organizada não apenas para a formação de mão de obra, mas **atua na formação de mentes que internalizam como condição indispensável para a vida a concorrência e a competitividade.** Não estamos falando apenas na relação formação-emprego, mas em algo mais complexo, que tem relação direta com o modo como o sujeito se comporta socialmente. **A formação de mentes que legitimam como norma social a competitividade e a concorrência permite que aceitem de forma natural as crises sociais do modelo neoliberal porque já perderam de vista a capacidade crítica e analítica de conjuntura.** (ALMEIDA e TREVISOL, 2019: 217. Grifos nossos).

Desta forma, torna-se necessário detalhar a participação de cada um dos elementos impulsionadores da Prática Social, ilustrados na borda da Figura 8, a fim de entender as representações sobre a Língua das/nas Olimpíadas de Língua. E também precisamos compreender aquilo que temos chamado de “cultura olímpica”, que incorpora o papel dos professores, dos estudantes e das escolas para o engajamento educacional da OL, além de verificar como a Ciência da Linguagem tem se revelado ao grande público não-acadêmico de um determinado lugar, no nosso caso o Brasil. Alguns componentes desta “cultura olímpica” serão pormenorizados nas próximas duas seções desta Tese.

3.3 Reflexão linguística, refração escolar, difração olímpica

Em pesquisa¹⁴⁷ realizada na IOL de 2019, para aprender sobre como os alunos aprendem sobre Linguística na escola e como outras instituições educacionais promovem a disciplina, *Suzanne Loosen* e *Jeffrey Heinz* entrevistaram presencialmente 26 líderes de equipe, representando 22 países, e 7 estudantes, representando 3 países. Adicionalmente, entrevistas *online* foram realizadas com 5 líderes de equipe representando 5 países e com 24 estudantes representando 13 países. No total, os 29 países/territórios foram representados em Loosen & Heinz (2019): Austrália, Brasil, Bulgária, Canadá (regiões anglófona e francófona), China, Colômbia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, Holanda, Hong Kong, Hungria, Índia, Irlanda, Japão, Letônia, Malásia, Nepal, Polônia, Reino Unido, Romênia, Rússia, Suécia, Taiwan, Turquia e Ucrânia.

Sabendo que os cinco países/territórios sublinhados não estavam contemplados em nossa pesquisa, pudemos constatar que os dados de Loosen & Heinz (2019) estão em consonância com nossos resultados, mesmo que por outro percurso metodológico, e outros países contemplados. As principais conclusões foram publicadas em um relatório na internet, que afirma logo na primeira página:

- 1) Com poucas exceções notáveis, a maioria dos países não oferece apoio institucional a longo prazo para o ensino de linguística no ensino fundamental e médio e existem muitos obstáculos ao estabelecimento desse apoio e suporte.
- 2) Olimpíadas nacionais e regionais, como a Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte (*NACLO*), a Olimpíada de Linguística do Reino Unido (*UKLO*) e outras, desempenham papéis essenciais e transformadores ao levar a linguística para jovens, fornecendo motivação e objetivos para os clubes e professores do Ensino Médio, além de materiais de aprendizado e atividades. As olimpíadas também atraem academicamente alunos competitivos cujos pais podem e influenciam o apoio local.
- 3) Muitos estudantes descobrem linguística através de um campeão local em suas escolas que recebeu apoio local administrativo e externo, pelo menos em parte, fazendo referência a olimpíadas nacionais e internacionais, como *NACLO* e a *IOL*.
- 4) Depois que os jovens aprendem sobre linguística, recursos on-line se tornam cada vez mais importantes, porque eles procuram esses conteúdos por iniciativa própria.
- 5) Muitos países estão interessados neste relatório e em contribuir para um esforço internacional para melhorar a educação linguística para os jovens.
- 6) Existem várias estratégias que podem ser exploradas para aumentar o apoio institucional ao ensino linguístico no Ensino Médio, que pode ser realizado em nível local, nacional e internacional.

¹⁴⁷ https://www.academia.edu/73145055/The_AP_Linguistics_Initiative_Visits_the_2019_International_Linguistics_Olympiad_IOL

Apesar de Loosen & Heinz (2019: 1) terem objetivos diferentes de nossa pesquisa, a saber, coletar informações para oferecer um Curso de Linguística e um Exame Avançado (*Advanced Placement - AP*) em Escolas de Ensino Médio nos Estados Unidos, os autores perpassaram pontos convergentes presentes com nossa pesquisa, sobretudo ao ampliar o escopo de atuação para refletir sobre o ensino de Linguística nas escolas de educação básica nos países membros da IOL, o que é conhecido nos Estados Unidos como programa Linguística Escolar K-12, uma abreviatura usada para designar o período que vai do jardim de infância (*Kindergarten*), entre 4 e 6 anos, até o XII grau/série, entre 17 e 18 anos, ou seja, todo o período pré-universitário (chamado de educação básica no Brasil).

A maioria dos entrevistados por Loosen & Heinz (2019: 3) relatou que não há nenhum suporte para o ensino de Linguística nas escolas, o que indica a falta de engajamento educacional expresso na Figura 8. A maioria dos países membros da IOL não têm nenhum curso regular de Linguística sendo ministrado no Ensino Básico, mas, em alguns lugares, há clubes de Linguística ou atividades extracurriculares centradas em Linguística. Os autores afirmam que em países como Estados Unidos e Rússia (com OL em fase de tradição, como temos categorizado), há cursos de Linguística ofertados como disciplina eletiva no Ensino Médio. Em outros países (com OL em fase de consolidação em nossa classificação), há eventuais iniciativas de materiais, cursos e currículos de Linguística em formação.

Segundo Loosen & Heinz (2019: 3), na maioria dos casos, a presença da Linguística nas escolas se deve a um ou mais campeões locais (o que nós chamamos de estudantes de excelência nas Figuras 6 e 8), que destacam a disciplina Linguística a outros alunos, às vezes, com apoio administrativo ou apoio externo. Por exemplo, nos Estados Unidos e na Rússia, quando os cursos sobre olimpíadas são ministrados em algumas escolas, geralmente, é porque existe um professor motivado, com um bom relacionamento de trabalho e valores com a liderança educacional local, (o que chamamos de rede de atores motivados nas Figuras 6 e 8). Os autores afirmam que a própria IOL é um catalisador, quando oferecem oportunidades de suporte externo ou administrativo, tese que também temos defendido. Por exemplo, o líder de equipe da Índia, por ser funcionário da Microsoft Research India (*MRI*), conseguiu obter suporte institucional para as equipes da Índia irem às IOL em diversos anos.

Conforme relataram Loosen & Heinz (2019: 3), um dos obstáculos que o modelo de campeões locais enfrenta é a sustentabilidade. Sem compromissos institucionais de longo prazo, financiamentos públicos ou patrocínios duradouros, a maioria dos estudantes de excelência são apenas voluntários nas OL, o que torna este apoio sujeito à variáveis pessoais, administrativas e de apoio externo. No mesmo exemplo indiano, o apoio da *MRI* não é permanente; então, há um esforço para garantir o apoio institucional a longo prazo de um instituto público de pesquisa, principalmente, para a equipe da IOL, com a *MRI* desempenhando um papel cada vez mais secundário. Mais uma vez, os autores do relatório apontaram para a importância do financiamento público para o sucesso das OL, como temos defendido.

Entretanto, Loosen & Heinz (2019: 3-4) também destacaram notáveis exceções ao modelo de campeão local (dentro o grupo de OL em fase de consolidação, em nossa classificação). A Suécia, por exemplo, apesar de resultados pouco expressivos, dispõe de um curso eletivo de Linguística em seu currículo nacional, embora seja ensinado ativamente apenas em algumas escolas secundárias. A Hungria integra conceitos linguísticos como parte de seu currículo de língua, da 5ª a 9ª série. Por exemplo, na 5ª série, existem unidades sobre fonemas e inventário fonêmico do húngaro. A grade curricular da 6ª série contém conceitos morfológicos, incluindo morfologia flexional e derivacional. Na 7ª série e 8ª séries, existem unidades de sintaxe, frases complexas, linguística histórica, mudanças de som, estudos sobre as línguas urálicas e estratificação de empréstimos. O currículo da 9ª série avança mais na retórica, mas também inclui aspectos de sociolinguística e de pragmática. Na Estônia, a Linguística está se tornando obrigatória nos programas de preparação de professores. Há dias especiais dedicados à determinadas línguas nas escolas, alguns docentes já estão oferecendo cursos de Linguística, e há um curso *online* de um ano, em que os discentes podem estudar linguística, se essa aula não for oferecida em sua escola de Ensino Médio. Na Eslovênia, anualmente, cerca de 33.000 alunos da terceira à décima segunda série fazem um teste nacional de lógica que inclui um Problema Linguístico. Existe um conhecimento geral da IOL para todos os estudantes eslovenos por causa do teste nacional de lógica, do qual 40-50 estudantes são convidados para palestras e treinamentos para a Olimpíada Linguística. Os educadores recebem oportunidades de desenvolvimento profissional com linguistas. Os autores observam, no entanto,

que seria um desafio para um professor individual criar seu próprio curso sobre o tema devido à natureza estrita do currículo nacional em muitos países.

De acordo com Loosen & Heinz (2019: 4), vários obstáculos foram mencionados para que a Linguística alcançasse as escolas. Em primeiro lugar, vários países citaram especificamente a burocracia nacional como uma dificuldade. Isso ocorre porque a maioria dos países têm um currículo nacional estabelecido e consolidado, o que significa que a criação de novos cursos é um processo burocrático e político. Outro obstáculo comumente mencionado é o recrutamento e treinamento de docentes para um novo curso. Em consonância com nossa pesquisa, comprovamos que a falta de apoio institucional da escola e/ou ausência mínima de um docente responsável são obstáculos relevantes a serem superados.

Mais uma vez confirmando nossas teses, Loosen & Heinz (2019: 4) demonstraram que as Olimpíadas de Linguística têm construído fortes conexões com a linguística computacional, com a inteligência artificial e com a tecnologia da informação. De acordo com os autores, isso acontece porque as áreas prometem bons empregos ou tornar o país mais competitivo nacional e internacionalmente. Os líderes da equipe da Irlanda afirmaram isso de forma assertiva dizendo que: *"65% dos empregos dos atuais alunos do ensino fundamental e médio ainda não existem"*. As conexões com o estudo de tecnologia e inteligência artificial também foram enfatizadas pela Índia, Nepal, Polônia e Taiwan, segundo a referida pesquisa.

Como já mencionamos na seção 2.4, é notável que os temas mais recorrentes em cada país reflitam os interesses dos estudos locais, o impacto social desejado e até o planejamento para a futura atuação no mercado de trabalho do participante. Assim, no Brasil, percebe-se o foco na conscientização sobre as línguas minoritárias/menorizadas, como as indígenas ou de sinais, sobre as variedades linguísticas brasileiras e sobre os diversos tipos de expressões culturais. Isso contrasta com outros países que, historicamente, se aproximaram de aspectos matemáticos/computacionais, como originalmente em Moscou, na antiga União Soviética, e depois na Bulgária, Holanda, República Tcheca, Nepal, Malásia, Estados Unidos e nas olimpíadas de língua inglesa influenciadas pela NACLO (Austrália, Irlanda, Reino Unido, Ilha de Man e Nova Zelândia). Essa característica reflete nas OL traços da Educação Linguística e cultural de cada país e traços da atuação do mercado de trabalho nos eventos acadêmicos também.

No entanto, ainda neste tópico, Loosen & Heinz (2019: 4-5) apontaram uma variação significativa sobre como a Linguística é institucionalizada nos países membros da IOL. Em alguns países como Dinamarca, Eslovênia, Rússia, Turquia, entre outros, a linguística é promovida especialmente para estudantes que se destacaram em matemática ou que demonstraram notável talento acadêmico. Na Suécia e no Brasil, eles argumentam que a linguística é uma parte necessária de uma educação nas humanidades. Na Bulgária, o slogan é "*Linguística cria amizades*", destacando que os estudos linguísticos são fundamentalmente sobre a comunidade e o social. Em outros lugares, a linguística é promovida, mostrando como ela se alinha às prioridades nacionais. Por exemplo, em alguns países, uma predileção declarada é promover idiomas minoritários ou marginalizados, como o francês no Canadá e os idiomas indígenas em Taiwan. Em outros países, é declarada a primazia de que os discentes tenham bons desempenhos em determinados exames de avaliação internacional. No Reino Unido, a Educação Linguística (EL) é vista como uma maneira de ajudar os alunos a melhorarem a avaliação em língua estrangeira. A *British Academy* apoia a *UKLO* porque reconhece contribuições da EL para habilidades de leitura, pensamento crítico, escrita e criatividade, as quais são prioridades adicionais.

Segundo Loosen & Heinz (2019: 5), nas entrevistas, foi comum ouvir que os estudantes e outras pessoas interessadas buscavam mais informações sobre a Linguística em fontes como a *Wikipedia* e vídeos do *YouTube*, que têm se tornado os principais recursos de informações Linguísticas para adolescentes. Este é outro fato que suporta a nossa análise no que se refere à relevância de um qualificado trabalho de divulgação em massa, que alcance tanto estudantes secundaristas quanto o público em geral. De acordo com os autores, devido aos desafios de inserir a Linguística no currículo escolar, a ideia de criar um clube de Linguística depois da escola é um bom ponto de partida para discentes e docentes que desejam se envolver, especialmente se o clube tiver o apoio de um linguista local que ofereça suporte e apoio. Assim, os autores defendem que "determinar boas maneiras de alcançar diretamente os educadores passa a ser significativo, além de conquistar apoio e tempo de linguistas dispostos a servir como mentores e divulgadores de linguística". Dessa forma, a Ciência da Linguagem é representada como um importante instrumental da educação nacional na formação do estudante de excelência, uma forma de pensar que deveria ser incentivada na escola.

Loosen & Heinz (2019: 6) concluíram que, mesmo que a maioria dos países membros da IOL não possuam ensino regular de Linguística, como disciplina nas escolas secundárias, a conscientização de alguns países acerca das línguas como um tópico de estudo é inspirador. Segundo os autores, as melhores condições para difundir conteúdos de Linguística é o país ter uma população pequena e um currículo nacional aberto à inclusão de novos conteúdos. Como estas condições são impossíveis para muitas realidades, as conexões entre os interessados é essencial para tornar a atuação e a divulgação da Linguística mais proeminente.

De fato, o ensino linguístico nas escolas dos Estados Unidos não é uma proposta nova. Este movimento teve origem no período pós-Sputnik e se acentuou no período pós-Gagarin, em outubro de 1957 e abril de 1961, respectivamente, quando o ensino público norte-americano foi responsabilizado por manter o país atrasado em relação à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na corrida tecnológica da Guerra Fria. Assim, linguistas como *Wayne O'Neil*, *Albert R. Kitzhaber* e *Annabel Kitzhaber* propuseram o *New English Project (NEP)* com o objetivo de reformar o currículo sobre o ensino de línguas nas escolas primárias e secundárias, especialmente na área de formação de professores. Apenas no Centro de Estudo Curricular do Oregon¹⁴⁸, entre 1962-1968, foram treinados com os materiais experimentais de base pedagógica socrática mais de 150 docentes, que alcançaram cerca de 50.000 alunos. O material pedagógico buscava desenvolver investigações linguísticas com base na gramática transformacional, na linha chomskyana de “Estruturas Sintáticas”, obra publicada cinco anos antes, em 1957. Nas palavras do próprio O'Neil (2007: 615):

essas ideias apoiaram a crença de que **os estudantes - todos eles, não simplesmente um conjunto elite - trabalhando em interação com seus instrutores e uns com os outros, poderiam ir além das intuições e prescrições induzidas pela escola**, informações sobre a natureza e estrutura da língua, e construir uma gramática de trabalho de uma parte substancial do idioma, espiralando para níveis cada vez mais altos de sofisticação no decorrer de seu curso secundário. Haveria alguma atenção à sociolinguística e a linguística histórica também, mas **o objetivo central era o desenvolvimento de uma compreensão formal e científica dos fenômenos linguísticos** que foi baseada em uma forma de gramática transformacional do início dos anos 1960 - não tanto um conhecimento específico da teoria, mas sim um senso de como proceder e chegar a uma

¹⁴⁸ Ao total, chegaram a ser implementados 23 Centros de Estudos para reforma curricular espalhados por todo o território dos Estados Unidos. Para mais detalhes sobre o currículo do Oregon ver O'Neil & Kitzhaber (1965); Kitzhaber (1968) e Stordahl (1969).

explicação provisória do conhecimento inconsciente da linguagem de alguém, da chamada gramática mental, para usar um termo agora corrente para esse conhecimento tácito. (Tradução e grifos nossos).

A partir de 1983, *Wayne O’Neil, Maya Honda, Susan Carey e Carol Chomsky* passaram a atuar em conjunto no Centro de Tecnologia Educacional de Harvard, da Escola de Pós-Graduação em Educação, com o objetivo de melhorar a aplicação do método científico nas aulas de ciências do Ensino Fundamental e Médio de Massachusetts (cf. Chomsky *et al.*, 1985). Na parte do currículo livre de tecnologia, eles integraram problemas sobre línguas naturais para motivar os estudantes a “pensar linguisticamente” (HONDA & O’NEIL, 2008), construindo explicações para os dados. O objetivo era incorporar duas semanas de linguística em quatro unidades semanais sobre a natureza da investigação científica, substituindo o tópico introdução ao método científico. Esta abordagem foi aplicada aos alunos do sétimo ao décimo segundo grau em escolas em Cambridge, Newton e Watertown, em Massachusetts. Os resultados indicaram que todos os estudantes se beneficiaram com as aulas de linguística, mudando suas visões de como a linguagem funciona. Desta forma, ao invés de ser incorporada como uma parte do currículo de língua inglesa, a linguística passou a ser parte do desenvolvimento da formação científica dos discentes (O’NEIL, 2010).

A partir de 1992, a Sociedade Linguística Americana (LSA) criou o Comitê de Língua no Currículo Escolar (LiSC)¹⁴⁹, que busca maneiras de promover no currículo da educação básica (K-12) a instrução sobre língua e linguística. Até hoje, sua atuação visa a organizar simpósios, painéis, workshops e sessões na Reunião Anual da LSA; apoiando iniciativas relevantes para a educação K-12, além de parcerias com outras organizações nacionais, como o Conselho Americano para o Ensino de Línguas Estrangeiras (ACTFL), a Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), o Centro de Linguística Aplicada (CAL), a Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte (NACLO) e ainda a parceria com organizações internacionais, incluindo o Comitê para a Linguística na Educação (CLIE), no Reino Unido, e a Associação Internacional para o Papel Educacional da Língua (ERL ou ERLA) para promover programas e políticas relacionadas à educação K-12.

¹⁴⁹ <https://www.linguisticsociety.org/about/who-we-are/committees/language-school-curriculum> 8.1.20.

Os esforços de *O'Neil* o levaram a uma série de conferências e publicações que, por sua vez, atraiu um novo grupo de educadores para o movimento de Linguística K-12. Em 26 de outubro de 1999, *David Pippin*, professor da turma de quinta série da *Seattle Country Day School*, no estado de Washington, entrou em contato com *O'Neil* e *Honda* para obter os recursos necessários para o ensino de linguística em sua sala de aula, com alunos de 10 e 11 anos. A parceria dos três foi tão produtiva que os cursos de primavera foram oferecidos na escola por mais de uma década. Ao mesmo tempo, a metodologia desenvolvida no Centro de Tecnologia Educacional de Harvard também foi implementada nos cursos de introdução à linguística e aquisição de linguagem do *Wheelock College*, em Boston, sendo ali ministrada por mais de duas décadas.

Inspirada pelo trabalho de *Pippin* e encorajada por *Honda* e *O'Neil*, entre 2004 e 2007, *Kristin Denham* atuou como docente voluntária na escola de seu filho para ministrar aulas sobre tópicos de linguística para cerca de dezoito alunos entre 8 e 11 anos na *Willowwood Schoolhouse*, em Bellingham – Washington. Eventualmente, estudantes de 5 a 7 anos, em fase de alfabetização, participavam das aulas, o que impulsionava a substituição de textos escritos por orais, para que todos pudessem participar igualmente. Em parte desse período, entre 2006 e 2008, *Denham* foi contemplada com uma bolsa da *National Science Foundation (NSF)*, em coparticipação com a linguista *Anne Lobeck*, para realizar um trabalho de campo nas escolas e propor melhorias no currículo de formação de professores. Tal experiência convenceu profundamente *Darham* e *Lobeck* sobre a necessidade da integração linguística-educação, para que mais linguistas possam entrar nas salas de aula da educação básica e atuar juntamente com os docentes escolares, para que tais docentes de ensino fundamental e médio possam estar cientes das vantagens da inserção dos estudos linguísticos no letramento científico de seus discentes.

Entre 2008-2009, *Daniel Ginsberg*, *Maya Honda* e *Weine O'Neil* trabalharam em Malden - Massachusetts, com estudantes do nono ao décimo segundo grau da turma de língua inglesa. Com eles a investigação linguística se mostrou estimulante e rendeu descobertas interessantes sobre seus próprios idiomas nativos e sobre as línguas de seus colegas de classe (GINSBERG, HONDA E O'NEIL, 2011).

A partir de 2008, a convite da professora *Aleka Akoyunoglou Blackwell*, diversos coordenadores escolares e alunos visitam o *campus* da Universidade Estadual do Tennessee Central (*MTSU*), aos sábados, para resolver problemas

linguísticos e realizar atividades relacionadas à linguagem com estudantes universitários (LOOSEN & HEINZ, 2019: 6), o que certamente fortaleceu a Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte (NACLO), criada no ano anterior.

Em 2011, o professor de Ensino Médio do Texas, *Ian Connally*, realizou um curso usando o livro “Linguística para Todos: Uma Introdução” (DERHAM & LOBECK, 2010b) como material didático, mostrando que as publicações incentivam o trabalho de outros linguistas mesmo sem um contato direto. Em 2013, seis alunos de pós-graduação do MIT começaram dois cursos de verão (um de linguística geral e outro de sintaxe) para discentes secundaristas de Boston, e assim, a cada ano, novos estudantes de graduação assumiram as aulas (LOOSEN, 2014: 261).

Desta forma, *O’Neil* e outros autores influenciaram muitos educadores mostrando que a investigação da(s) língua(s) deve ocupar um lugar de destaque na educação científica dos jovens. Pela persistência de linguistas como *Samuel Jay Keyser*, *Richard Kurth Larson*, *Kenneth Locke Hale*, *Carol Doris Chomsky*, *Susan Carey*, *Chris Unger*, *David Pippin*, *Kristin E. Denham*, *Anne C. Lobeck*, *Suzanne Loosen* e principalmente com *Amy Maya Honda* e *Wayne O’Neil*, a ideia de investigar os padrões e estruturas da linguagem de uma maneira cativante e acessível aos discentes de Ensino Fundamental e Médio tem ganhado força. O movimento para “pensar linguisticamente” tem proposto uma “alfabetização” ou “letramento” do método científico por meio da análise de linguística, inserida nas aulas de língua, de ciências ou de tecnologia, pois os dados estão disponíveis e a pesquisa não requer nenhum equipamento especial além de uma mente curiosa.

A produção bibliográfica (todas nas Referências) do movimento para “pensar linguisticamente” foi espaçada ao longo do século XX, entretanto, foi reveladora de que iniciativas nas escolas americanas aconteciam pontualmente. Em 1970, *Samuel Jay Kayser* publicou planos de aula que faziam parte de um projeto do Departamento de Educação de Massachusetts para integrar a linguística aos currículos do Ensino Fundamental. Em 1985, *Nigel Fabb* publicou experiências de ensino linguístico ministrado pelo autor para estudantes entre 8 e 10 anos de idade, entre junho de 1982 a dezembro de 1983, em Cambridge - Massachusetts. Em 1991, *Helen Goodluck* também publicou acerca de sua experiência de pesquisa com ensino de Linguística para alunos de 10 anos identificadas como superdotadas, em julho de 1988, em Madison-Wisconsin. Em 1994, *Maya Honda* publicou o clássico texto “Investigação linguística na sala de aula de ciências: É ciência, mas não é

como um problema de ciência em um livro”, no qual apresenta um estudo sobre a compreensão do discente de Ensino Médio acerca do Método Científico, sugerindo a análise de uma língua natural como o melhor caminho para ensiná-lo, sistematizando a proposta de ensino de linguística desenvolvida no Centro de Tecnologia Educacional de Harvard. Honda (1994) mostrou que o estudo da gramática mental pode desenvolver nos alunos uma compreensão da natureza da investigação científica. Por fim, Walt Wolfram (1997) e Wolfram et al. (1992, 1997, 1999, 2005) mostraram diferentes formas de trazer a sociolinguística para a sala de aula, especialmente observando o dialeto da própria comunidade, revelando que não apenas o pensamento computacional poderia ser impulsionado, mas também aspectos sociais e culturais.

Após o ano 2000, a produção bibliográfica do movimento Linguística K-12 cresceu impulsionada pelas publicações e apresentações de *Kristin E. Denham* e *Anne C. Lobeck* com os livros: *Linguística na escola: Integrando o conhecimento linguístico ao ensino K-12* (2005); *Linguística na Escola: Conscientização da linguagem no ensino fundamental e médio* (2010a); *Linguística para Todos: Uma Introdução* (2010b); *Navegando pela gramática do inglês: Um guia para analisar a língua real* (2013); *Porque estudar Linguística?* (2018); além de outros capítulos de livros, artigos e textos de divulgação individuais de cada autora separadamente. A mais recente publicação nessa linha é de setembro de 2021, *Pensando como um linguista* (2021), de Kristin E. Denham & Jordan B. Sandoval, o que reitera a força atual do movimento que visa aproximar a Linguística da escola.

Neste conjunto, merece destaque *Derham & Lobeck* (2010a), coletânea de referência por reunir diferentes relatos de experiência de ensino de linguística nas escolas dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Escócia, da Austrália, entre outros exemplos pontuais. O capítulo quinze, de *Ivan Derzhanski* e *Thomas Payne*, trata sobre “As Olimpíadas de Linguística: competições acadêmicas em linguística para estudantes secundaristas”. Este texto menciona que, de 1998 a 2000, *Thomas (Tom) Edward Payne*, professor de Linguística Descritiva e Tipologia das Línguas da Universidade do Oregon, organizou um programa para a escola pública da cidade de Eugene - Oregon, o que mais tarde se tornaria a Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte (NACLO), que foi uma outra forma de impulsionar o movimento de “pensar linguisticamente”. O texto de *Derzhanski & Payne* (2010), já mencionado no capítulo 2, será retomado no capítulo 4 adiante.

Vale ressaltar também que, em 2013, a Sociedade Linguística da América (LSA) criou uma seção *online* para o Ensino de Linguística (*Teaching Linguistics*) na tradicional revista científica *Language*, o que demonstrou, ainda que de forma tímida, um tipo de institucionalização do movimento para “pensar linguisticamente”.

Em 2014, *Suzanne Loosen* publicou sua experiência com a 1ª edição do curso eletivo de Linguística entre 2010-2011, para 24 estudantes do Ensino Médio na *Milwaukee School of Languages (MSL)* uma escola de imersão em idiomas no Wisconsin. O curso foi aprovado pelo Conselho Escolar de Milwaukee, seguindo os padrões estaduais de ensino de inglês, e atraiu 29 estudantes na 2ª edição, 32 na 3ª edição, 56 na 4ª e 46 alunos já estavam inscritos para a 5ª que aconteceria posteriormente. Os tópicos passavam pela discussão da linguística como área, descritivismo x prescritivismo, mitos sobre a linguagem, línguas de sinais, linguagem corporal e de animais, línguas ameaçadas, fonética, morfologia, sociolinguística, aquisição da linguagem, história do inglês, e tudo isso em apenas um semestre.

Em 2019, *Michael De Salvo*, *Richard Kurth Larson* e *Lori Repetti* publicaram um artigo defendendo o uso de línguas clássicas (latim, em particular) como um veículo para introdução da linguística na sala de aula do Ensino Médio. Os autores relatam as aulas oferecidas a 58 discentes, de 11 a 15 anos, de duas escolas diferentes em Nova York, em que os adolescentes formularam suas próprias hipóteses de tradução olhando os dados latinos e aplicaram suas análises a novas formas, resultando em conhecimento dos padrões da língua clássica sem memorização, apenas usando o raciocínio analítico. Esses autores justificaram que, enquanto professores de língua nativa (inglês) se concentram na redação acadêmica e na análise literária, os professores de línguas estrangeiras são esmagadoramente orientados para a conversação. Assim, os estudos clássicos poderiam se tornar o lugar prototípico da reflexão gramatical, pois dedicam bastante ênfase a análise estrutural. Essa forma de pensar demonstra que mesmo entre os professores de línguas, a Representação Social sobre a Olimpíada de Linguística não é homogênea, pois parece se incinar mais aos estudos chamados formalistas, com foco nos aspectos gramaticais internos das línguas, do que outras vertentes que abordam os aspectos extralinguísticos da investigação linguística.

Na Inglaterra, país sujeito a outro contexto educacional, naturalmente, o movimento para “pensar linguisticamente” seguiu outros caminhos institucionais, de fato, nem os mesmos autores da área são os mesmos citados pelos norte-

americanos. *Richard Anthony (Dick) Hudson* (2007), um dos principais defensores e divulgadores da Linguística nas escolas no Reino Unido, credita a *Charles Randolph Quirk* o início desse movimento, com sua publicação em parceria com *Albert Hugh Smith* de uma coleção de ensaios em 1959, em que mostravam como diferentes tópicos dentro da linguística podiam ser incorporados ao ensino de inglês. Logo após obter seu doutorado, *Richard Hudson* trabalhou com *Michael Halliday* como assistente de pesquisa em dois projetos na *University College London (UCL)*: na gramática do inglês científico em parceria com *Rodney Huddleston*, entre 1964 e 1967, e sobre Linguística e Ensino de Inglês, entre 1967 e 1970. Entre os anos de 1970 e 2004, enquanto foi docente na *UCL*, *Hudson* implementou muitas aulas relacionadas ao “pensar linguisticamente” na formação de professores de língua inglesa. Hudson (2007: 239)¹⁵⁰ defende alguns princípios gerais para a linguística influenciar a educação:

- i) A mudança leva tempo. As sementes plantadas por *Quirk* e *Halliday* na década de 1960 germinaram na década de 1980 e frutificaram de maneira importante na década de 1990 (com um Currículo Nacional), mais de uma geração depois;
- ii) Os linguistas devem estar dispostos e ser capazes de se comunicar com os professores. Aqui, os principais exemplos são *Halliday* e *Crystal*. Esta comunicação deve incluir escutar tão bem quanto falar;
- iii) Os indivíduos moldam a política oficial. Leva apenas meia dúzia de indivíduos influentes em posições oficiais para mudar a política;
- iv) A formação de professores é um desafio, mas não um problema insuperável;
- v) A linguística pode ser ensinada com sucesso na escola.

Além da Rússia (detalhado na seção 2.2 deste trabalho), Estados Unidos e Inglaterra (detalhados nesta seção), encontramos atividades do movimento para “pensar linguisticamente” na Austrália, Bulgária, Escócia, Estônia, Holanda, Irlanda e Romênia, porém sem o detalhamento necessário para reconstituir a trajetória de cada localidade sem uma ampla pesquisa nos textos locais.

Contudo, diante do histórico levantado, podemos observar como as ações para “pensar linguisticamente” se reiteram ao longo do tempo e em diferentes contextos educacionais. Como outro tipo de atividade inserida neste movimento, as Olimpíadas de Linguística se constituíram como uma importante alternativa para o contato dos alunos com o conhecimento sobre a linguagem. Loosen & Heinz (2019: 5), afirmam que “a NACLO tem sido talvez a ferramenta de maior sucesso nos

¹⁵⁰ <https://www.deepdyve.com/lp/wiley/how-linguistics-has-influenced-schools-in-england-JsrLvuppiS>

Estados Unidos para promover a linguística, (...). Desde 2007, milhares de estudantes vieram aprender sobre linguística como um campo, alguns tornando-se especialmente apaixonados e passando a se tornar linguistas de formação". De forma análoga, as OL de outros países têm desempenhado papéis transformadores ao levar a linguística para jovens, fornecendo motivação e materiais de aprendizado para o trabalho com as línguas naturais nas escolas. À medida que o evento nacional cresce e passa a produzir conteúdos, mais professores conhecem a competição e se sentem impulsionados a participar como parte de um processo de formação continuada da sua própria prática pedagógica.

Loosen (2014: 261) defende que a Olimpíada *"é uma forma para as escolas de Ensino Médio apresentarem o estudo da linguística aos seus estudantes, mesmo que não ofereçam um curso sobre o assunto"*. Como vimos em Loosen & Heinz (2019: 4), inserir a linguística em cursos regulares geralmente necessita passar por um processo de autorização burocrático e/ou político, que limita o seu alcance. Assim, as OL se constituem como uma alternativa ao rígido controle sobre o currículo, porque não dependem de autorizações e têm uma entrada fácil na escola, o que ajuda a superar este tipo de obstáculo. A implementação da competição fica dependendo, ainda, do apoio de um professor para realização do evento local.

Outra eventual vantagem das OL como alternativa para *"pensar linguisticamente"* é a sua flexibilidade para se alinhar às prioridades nacionais e às ênfases de cada sistema educacional. As OL podem concentrar seu foco de atenção em aspectos gramaticais, de variantes linguísticas, de conscientização sobre línguas minoritárias, de promoção da diversidade etnolinguística, de divulgação da pluralidade cultural, dentre outras temáticas que podem variar substancialmente em cada país. As OL podem se adaptar às diferentes configurações educacionais para melhorar a formação de professores, ou o desempenho em determinados exames de avaliação internacional, ou ainda, adaptar a inserção da linguística em diferentes contextos, como nas aulas de língua, de ciências e de tecnologia.

Por fim, Derham & Lobeck (2010a: 127-128) reiteram que *"as Olimpíadas de Linguística oferecem uma atividade extracurricular que permite aos estudantes que nunca estudaram linguística analisar um conjunto de dados em uma variedade de idiomas"*. Honda & O'Neil (2008) chamam de *"pensar linguisticamente"* a integração de uma aprendizagem cooperativa com uma abordagem baseada em problemas

para investigação linguística, a fim de desenvolver uma apreciação da natureza do trabalho científico. Os autores afirmaram que esta proposta está baseada em

uma generosa visão da humanidade: nascemos igualmente dotados com a predisposição para adquirir uma língua. **A investigação linguística nos fornece um modelo importante de como examinar a diversidade: valorizamos e estudamos as diferenças entre os idiomas e as variedades de uma língua** pelo que elas podem revelar sobre os universais linguísticos (...). **Acreditamos que a linguística deve ter um lugar de destaque na educação (...). Através da investigação da língua, estudantes de todas as idades podem aprender não apenas sobre a linguagem, mas também sobre a natureza da investigação científica e, de fato, algo sobre eles mesmos. Além disso, os professores podem ser pesquisadores linguísticos, aprendendo algo sobre a estrutura e das variedades das línguas que seus estudantes falam ou das segundas línguas que estão aprendendo a falar.** Os docentes podem ver que o ensino e a aprendizagem de línguas podem **transformar seus alunos em pensadores críticos**. Esta certamente tem sido nossa experiência. **Nós o encorajamos a pensar linguisticamente** e a buscar essa possibilidade. (HONDA & O'NEIL, 2008: 241. Tradução e grifos nossos).

Ao iluminar a relação entre linguística e escola, alguns efeitos desta luz se tornam visíveis. Primeiro, Loosen (2014) e Derham & Lobeck (2010a) relatam diversos testemunhos em que a ação dos estudos linguísticos na escola (incluindo as OL) modificaram a reflexão¹⁵¹ linguística dos estudantes e provocaram mudanças de postura acadêmica, pois os alunos passaram a questionar seu próprio idioma (e sua identidade, conseqüentemente), aprenderam sobre as diversidade de línguas de sua própria comunidade, repensaram seus (pre)conceitos sobre as variedades e os falantes dela, e, ainda, conheceram como proceder uma investigação científica. Assim, ao mudar do ambiente universitário dos cursos de linguística para a escola, os estudos da linguagem provocam uma refração¹³⁷ na direção em que as aulas tradicionalmente ocorrem: de estudos normativos para descritivos, ou ainda, de conteúdo expositivo para reflexivo. O “pensar linguisticamente” refrata também a direção da ciência: de uma atividade burocrática para uma ação lúdica; de uma tarefa ultra-especializada para uma cooperação entre pessoas interessadas e motivadas. Esse tópico será aprofundado no capítulo 4.

¹⁵¹ **Reflexão** é o fenômeno que consiste no fato de a luz voltar a se propagar no meio de origem, após incidir sobre uma superfície de separação entre dois meios.

Refração é o fenômeno que consiste no fato de a luz passar de um meio para outro diferente.

Difração é o fenômeno que consiste no fato de a luz contornar obstáculos e propagar-se em diferentes direções após ultrapassar a barreira.

Segundo, por ter obrigações curriculares, registradas legalmente por decretos e leis, muitas escolas resistem a inserir conteúdos que não venham com documentação comprobatória “de cima para baixo”. Assim, os gestores educacionais frequentemente colocam obstáculos para oferecer cursos eletivos e/ou regulares de Linguística. Nesta situação, a Olimpíada de Linguística se tornou um ponto de difração¹³⁷ que consegue se adaptar às contingências escolares e se propagar em torno do obstáculo até contorná-lo. Como uma atividade acadêmica extracurricular, as OL não necessitam de uma autorização executiva ou legislativa, apesar de ter alcançado esse *status* de reconhecimento em países com olimpíadas consolidadas, como na Rússia e na Bulgária, como vimos na análise dos regulamentos. Tudo o que as OL precisam é uma fenda, uma brecha, que frequentemente é a atuação de um docente que busca superar o normativismo em suas aulas, executar metodologias ativas e ter um maior engajamento educacional. Diante disso, ao conhecer a OL, alguns docentes decidem assumir a tarefa de divulgação, preparação e realização do evento em suas escolas. Quando a luz dos estudos da linguagem alcança tal abertura provocada por um professor, propaga-se em diversas direções, como vimos em muitos exemplos nos Estados Unidos.

Nesse contexto, não podemos perder de vista que os educadores são sujeitos inseridos em Práticas Discursivas e Sociais, que contribuem para a manutenção ou para a mudança das estruturas sociais em que atuam, embora essas estruturas também determinem o que, quando e como algo pode ser dito. Se há brechas de atuação individual contra um sistema bem consolidado de ensino normativo, é preciso investir em uma “desalienação linguística”, por meio da discussão e da reflexão sobre a linguagem em diversas situações de ensino dentro e fora de sala de aula, o que as OL fazem com muita frequência quando se desenvolvem.

Nesse sentido, as OL têm o potencial de atuar em uma perspectiva de Educação Linguística (EL), que implica deslocar as estruturas que sustentam o ensino normativista, abrindo espaço para outros imaginários pedagógicos. Pennycook (2001) pontua três entendimentos sobre uma EL chamada de crítica, a saber: a posição libertária-humanista, pautada no exercício racional de discernimento de fatos; a posição emancipatória modernista, a qual se aproxima da pedagogia crítica freireana; e, finalmente, a posição de EL como problematizadora pós-moderna, promovendo uma consciência de que existe uma multiplicidade de formas de compreensão de mundo, e o preparo dos sujeitos para o exercício da

cidadania em uma sociedade em que relações de poder permeiam e determinam as relações sociais, econômicas e políticas.

De acordo com Paulo Freire (1974), quando os alunos se tornam mais conscientes, eles passam a ser mais inclinados a lutar contra sistemas opressivos no mundo e adquirem mais poder para mudar sua realidade. Na opinião do autor, envolver os discentes em textos e diálogos que melhoram sua consciência crítica pode torná-los não apenas mais informados criticamente, mas também eticamente comprometidos com a transformação do seu contexto social como agentes críticos.

As Olimpíadas, por meio dos Problemas Autossuficientes de Linguística, têm o potencial de conduzir seus participantes não apenas a desvendar parte do sistema de uma língua, mas também a conhecer a história e compreender o contexto sócio-político-cultural de diferentes povos, o que pode promover diferentes formas de reflexão, conscientização e mudança social em suas próprias comunidades. As semelhanças e os contrastes com outras realidades linguísticas apresentadas pelas OL oferecem à escola outra abordagem gramatical e instauram uma visão sobre como as pessoas efetivamente atuam por meio da linguagem.

É importante ressaltar que a Educação Linguística nessa perspectiva deve ter como meta formar pessoas autônomas e críticas, capazes de ler a realidade e relacioná-la às manifestações linguísticas em diversas modalidades. Para tanto, é preciso entender a linguagem não apenas como uma estrutura, mas como Práticas Sociais, percebendo os mecanismos ideológicos nelas presentes e as relações de poder que as orientam e as determinam. Em outras palavras:

É papel da educação em geral e da educação linguística em especial, assumir posições que levem ao empoderamento do(a) aprendiz para o uso consciente e crítico da língua não apenas para retratar uma realidade, mas principalmente para questionar e problematizar essa realidade, promovendo ações de mudança (...) [e] vislumbra[ndo] o empoderamento de jovens por meio da educação para a cidadania como ponto de partida para a formação de “cidadãos globais” capazes de adotar atitudes críticas e de contestação em relação aos discursos dominantes/opressores (PEREIRA, 2018: 53).

As Olimpíadas de Linguística permitem a inclusão de informações e discursos normalmente excluídos das salas de aula e, por isso, proporcionam uma mudança ou ampliação de visão, ou seja, promovem um processo de construção de repertórios linguísticos, no ambiente escolar e fora dele, capaz de evocar movimentos que abram oportunidades para outros modos de ser e estar no mundo. Assim, a Educação Linguística das OL não é uma metodologia para o ensino de

línguas, mas uma perspectiva com potencial para causar transformações significativas nas vidas das pessoas à medida que, por meio de discussões contextualizadas, promove “o crescimento intelectual, acadêmico social e individual” dos sujeitos envolvidos, docentes, discentes e gestão escolar. A questão do crescimento pessoal, social e cultural será tratada no capítulo 4 desta Tese.

A Educação Linguística Crítica buscada pelas OL consiste, pois, em (re)descobrir a vida humana acontecendo por meio de fatos da língua/linguagem à luz de problematizações descritivas e discursivas, visando buscar a reflexividade e a criticidade sobre questões éticas e cidadãs. Assim, as OL têm o potencial (nem sempre atingido) de promover a reflexão social por meio das estruturas e usos das línguas, de como as pessoas significam o mundo e a si próprias, de como elas veem e interpretam as coisas, se representam, se reconhecem e se constituem por intermédio da língua/linguagem (MOITA LOPES, 2008).

A EL Crítica adota uma visão alternativa do ensino de línguas, que envolve a consciência das dimensões sociais e ideológicas da linguagem. Essa perspectiva evidencia realidades nacionais que estão presentes em todas as salas de aula, já que estas são microcosmos da sociedade. Tais realidades podem ser questionadas por meio das escolhas pedagógicas (conteúdo, materiais, processos instrucionais, uso de repertórios linguísticos), das relações, das interações, das interpretações, dos posicionamentos e das ações desenvolvidas na escola. Toda essa recontextualização educacional também pode ser promovida pelas OL, pois apontam para essas realidades linguísticas nos Problemas Linguísticos Autossuficientes, no entanto, sem aprofundar a teorização sobre isso.

A EL Crítica envolve a criação de espaços propícios para os agentes refletirem, a partir de suas subjetividades, sobre o que consideram natural ou impositivo, sempre considerando que tais sentidos podem ser diferentes para outras pessoas. Nessa perspectiva, a sala de aula é um local relevante para a desconstrução de discursos hegemônicos, que silenciam as vozes das diversidades. As aulas de línguas são momentos oportunos para que os saberes dos sujeitos socialmente apagados (etnias nacionais minoritárias, povos originários, imigrantes, entre outros) possam surgir com protagonismo. As Olimpíadas são instrumentos que têm o potencial (nem sempre bem aproveitado) de impulsionar essa perspectiva de reflexão sobre o apagamento dos sujeitos, visto que a invisibilidade atinge tanto uma comunidade de pessoas específica quanto as línguas faladas por esses povos.

Conforme Carapeto-Conceição (2019, p 27), revela-se urgente que a educação linguística se ocupe de conscientizar e autonomizar, sobretudo crianças e jovens em fase escolar, em relação à própria identidade cultural e linguística, de modo a torná-los capazes de se posicionar diante de ideologias linguísticas usadas na construção de identidades culturais e nacionais, tais como nacionalidade e etnia. Ainda de acordo com o autor (*ibid*, p. 56) é preciso não perder de vista qual é, onde se origina ou quais fatores inspiram a constituição da variedade normativa que usurpa o lugar de alvo da aprendizagem da língua e da educação linguística. Essa questão não deve ser de nenhum modo periférica, já que o prescritivismo se vê histórica e sistematicamente associado a estruturas sociais, valores autoritários e preconceitos que discriminam e estigmatizam variedades vernaculares, práticas híbridas e outras formas de impressão identitária no uso da língua.

De acordo com o professor Dirceu Cleber Conde, em apresentação online¹⁵² no evento Linguística o que é, como se faz?, em 26 de agosto de 2021, aplicar os conceitos linguísticos na escola abre um universo de possibilidades nas áreas de análise da própria linguagem: aspectos biológicos, psicológicos, sociais e históricos. Apesar de ser um dos mais fascinantes objetos científicos, uma abordagem escolar substitui a língua natural por um conjunto de “regras de memorização” de um falar idealizado, sem a devida investigação e explicação de seus fenômenos de forma concreta, reduzindo a linguagem humana a um viés normativo de “certo ou errado”.

Trazer a Linguística para a Educação Básica supera a ideia de um utilitarismo raso, de que o estudante precisa “falar e escrever bem” para um fim de avaliação (provas escolares e seleções como o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM), sem nem mesmo entender as várias possibilidades de usos linguísticos que o falante tem ao seu dispor na interação. Abordar a Linguística na escola não significa, porém, ensinar a teoria sobre a linguagem, mas sim apropriar-se de uma maneira de pensar sem metalinguagem, sem nomenclatura gramatical, apenas observando as línguas naturais a fim de levantar hipóteses e comprovar empiricamente as suspeitas intuitivas de falante. Dessa forma, as aulas de língua, quer materna quer estrangeira, assumem uma abordagem reflexiva sobre os sujeitos, além de poder se tornar um espaço qualificado de aplicação do método científico, ou ainda, para fazer divulgação e letramento científicos. Sobre o último tópico refletiremos a seguir.

¹⁵² <https://www.youtube.com/watch?v=uxxPgB4Qvww> Acesso em 26.08.2021.

3.4 Ainda “a linguística que nos faz falhar”

Em um texto intitulado “o gramático e a sua língua”, publicado originalmente em 1924 na revista *American Mercury*, *Edward Sapir* (1884-1939) afirmou que o homem comum demonstrava certo desprezo pelos estudos linguísticos, convencido de que são absolutamente inúteis do ponto de vista pragmático. *Sapir* fundamentou a afirmação com um jocoso comentário sobre o espírito utilitarista com que costumamos avaliar as coisas em geral (CAVALIERI, 2013: 61). De fato, não é surpresa constatar que, quase um século depois da afirmação, a Linguística somente aparece para o público comum (não especialista em linguagem) quando adquire posição considerada polêmica em relação às ideias do senso comum. De outra forma, a Ciência da Linguagem permanece uma ilustre desconhecida, enclausurada nos muros da universidade, restrita ao mundo dos intelectuais desvinculados das preocupações práticas do cotidiano, um elitismo acadêmico conhecido como Torre de Marfim, que ignora os anseios e as necessidades da comunidade em que está inserida.

A distância entre o linguista e o falante leigo (não-especialista) não é novidade desde o surgimento da Linguística enquanto disciplina. *Ferdinand de Saussure* (1857-1913) aponta como consequência do interesse do leigo pela linguagem que “*não há domínio onde tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções*” (SAUSSURE, 2006: 14). Como explicamos na historiografia da seção 2.2, muitos acadêmicos sabiam do fato de pessoas comuns do século XIX olharem com admiração as descobertas linguísticas de *Jean-François Champollion*, que desvendou a Perda de Roseta, porém essa mesma admiração do público geral não era extensiva às análises linguísticas de Saussure anos mais tarde, as quais se demonstravam de difícil compreensão até para outros professores de sua época. Foi justamente a dificuldade de entendimento por parte dos seus alunos em Genebra (defasados em relação aos seus estudantes em Paris), que motivou *Saussure* a ministrar os cursos de linguística geral, entre 1907 e 1911.

Ferdinand de Saussure, em uma famosa carta¹⁵³ datada de 4 de janeiro de 1894, enviada a *Antoine Meillet*, ao confessar seu desagrado relativamente a quase tudo o que se fazia naquele tempo em matéria de linguística, declarou:

¹⁵³ <https://vdocument.in/lettres-de-saussure-a-meillet.html> Acesso em 08.09.2020.

Estou muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, em escrever sequer dez linhas tendo o senso comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado, há muito tempo, sobretudo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista a partir dos quais nós os tratamos. **Vejo, cada vez mais, a imensidade do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista o que ele faz – reduzindo cada operação à sua categoria prevista – e, ao mesmo tempo, a grande insignificância de tudo o que se pode fazer finalmente em linguística.** (SAUSSURE, 1964: 95. Grifos nossos).

Charles Bally (1865-1947), linguista francês, um dos alunos-organizadores do livro *Curso de Linguística Geral*, e sucessor da cadeira de *Saussure* na Universidade de Genebra, executou com maestria duas ações que marcaram a subjetividade do linguista até os dias de hoje: era inepto para comunicar com os falantes leigos e reafirmava constantemente a cientificidade de seus dizeres (COSTA, 2015: 239).

Em seu clássico *Leonard Bloomfield*, maior representante do estruturalismo norte-americano, chegou a recomendar que o linguista prestasse atenção somente ao que seu informante fala na língua dele, jamais o que ele viesse a falar sobre a língua dele. Ou seja, não sendo um especialista versado na Ciência Linguística, o leigo não pode ser considerado confiável em suas eventuais opiniões acerca da linguagem. Conforme argumenta Rajagopalan (2004: 25), ao tratar do lugar social do linguista, o modelo da ciência que norteou a linguística desde seus primórdios já se revelou um tanto esgotado e apenas tem servido para um distanciamento progressivo entre o especialista e as pessoas comuns.

No Brasil, nas últimas duas décadas, a Linguística apareceu no debate público em poucas ocasiões. Em 15 de setembro de 1999, o deputado federal José Aldo Rebelo Figueiredo propôs o Projeto de Lei 1.676/1999, que restringia o uso de palavras em língua estrangeira no português. Durante vários meses, alguns linguistas denunciaram o clima de alarmismo e sensacionalismo que se criou em torno do assunto, combatendo as ideias sem fundamento do projeto e os mitos que cercam as discussões sobre o estrangeirismo no Brasil e no mundo. Muitos estudiosos desconstruíram ponto a ponto os argumentos mencionados pelo Deputado em congressos, seminários, aulas, artigos e livros, contudo, sem debater com o grande público de falantes da língua os equívocos de tais argumentos falaciosos.

Em 30 de abril de 2004, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República do primeiro governo Lula lançou a Cartilha Politicamente Correto & Direitos Humanos defendendo a não utilização de diversas palavras e expressões consideradas inadequadas. A ação repercutiu imediatamente na

imprensa nacional e deu publicidade para temas que antes estavam restritos ao ambiente universitário. A língua portuguesa foi “acusada” de ser machista, racista e discriminatória de diversas formas. Uma semana depois a Cartilha foi retirada de circulação, mas, ano após ano, publicações, programas e planos governamentais foram inflamando a polêmica da “linguagem politicamente correta”, gerando textos legais e educativos, como Projetos de Lei, Decretos, manuais e cartilhas, por exemplo, a Lei nº 12.605/2012, que determinou o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas (bacharela, mestra e doutora)¹⁵⁴; o “Manual para o uso não sexista da linguagem” editado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres do Rio Grande do Sul em 2014, no governo Tarso Genro; e as diversas tentativas de se criar uma “linguagem neutra”, sem marcações de gênero, que no debate público recaem na dicotomia certo/errado.

Em 28 de setembro de 2007, na esteira da rejeição à chamada “linguagem da improdutividade/do descompromisso”, o então governador José Roberto Arruda, por meio de um Decreto, “demitiu” o gerúndio dos órgãos do Governo do Distrito Federal (GDF). Na ocasião, o governador recebeu críticas generalizadas e alguns apoios, sobretudo de puristas de programas televisivos prescritivistas, que insistem em normatizar o que pode e o que não pode ser falado em língua portuguesa. Naquele ano, alguns linguistas foram impulsionados a desconstruir as opiniões não fundamentadas sobre o gerundismo (ou sobre o excesso dele), porém, sem dialogar com a população sobre tais argumentos estigmatizados.

Em 29 de setembro de 2008, foi promulgado pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva o Decreto n.º 6.583, que ratificava o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, um tratado internacional que tinha o objetivo de criar uma ortografia unificada para o português nos países com esta língua oficial. Novamente, alguns linguistas vieram a público denunciar o clima de alarmismo e sensacionalismo que se criou em torno do assunto, insistindo que a mudança linguística não tem relação com a ortografia. De fato, durante esses 18 anos, os linguistas não foram convidados a opinar sobre o Acordo, talvez pelo menosprezo das questões ortográficas na academia, tema quase ausente nos bancos de dissertações e teses, e até mesmo ausente dos congressos e encontros científicos.

¹⁵⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12605.htm Acesso em 10.09.2020.

Em 12 de maio de 2011, o jornal Estadão publicou a matéria “Livro adotado pelo MEC defende falar errado” em que acusava o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de distribuir a 484 mil alunos de 4.236 escolas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) uma obra que ensinava “concepções erradas” de concordância. No dia seguinte, as acusações contra o Governo Federal já estavam instauradas no noticiário das principais emissoras do país, em revistas semanais e até em programas de entrevistas, supostamente em defesa do ensino de um “português correto” nas escolas, desconsiderando até que o livro fora produzido para o EJA. Face a amplitude da falsa polêmica, muitos linguistas emitiram notas, concederam entrevistas e escreveram textos entre maio e julho para apoiar a autora e as ideias do livro “Por uma vida Melhor”, de Heloísa Cerri Ramos, sem, todavia, alcançar a expressiva faixa de brasileiros que se informa sobre assuntos científicos (aspectos linguísticos incluídos) somente pelos meios de comunicação de massa. Sobre esta polêmica, em 25 de maio de 2011, a Revista Veja publicou uma reportagem¹⁵⁵ intitulada “Os adversários do bom português”, assinada por Renata Betti e Roberta de Abreu e Lima, em que qualificam os linguistas (e suas ideias) de “doutrinar crianças com tese absurda”, “falsos intelectuais”, “motor ideológico dos obscurantistas”, “desvarios dos talibãs acadêmicos”, “doutores do atraso”, “desserviço à educação” e “lixo acadêmico travestido de vanguarda cultural”.

Sem detalhar outras polêmicas, como a presença de problemas ortográficos em uma redação com nota máxima¹⁵⁶ no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ou novos Projetos de Lei proibindo o uso de expressões em língua estrangeira¹⁵⁷ ou a linguagem neutra¹⁵⁸, em geral, os linguistas permanecem alheios aos debates públicos, pois têm coisas mais importantes para se ocupar (CAVALIERI, 2013: 67). Essa omissão tem distanciado cada vez mais o cientista do seu público, privando a sociedade das reflexões que a Linguística pode oferecer às questões diárias, isto é, dificultando a demonstração do fazer científico para a população comum.

¹⁵⁵ <http://orvalho.free.fr/Veja/VEJA%202218%202011.pdf> Acesso em 15.08.2020.

¹⁵⁶ <https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/09/05/enem-mec-publica-exemplo-de-redacao-nota-1000-com-erro-de-portugues.htm> Acesso em 15.08.2020.

¹⁵⁷ https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1955454&filename=PL+5632/2020 Acesso em 15.08.2020.

¹⁵⁸ <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/23/brasil-tem-34-projetos-de-lei-estadual-para-impedir-uso-da-linguagem-neutra> Acesso em 15.08.2020.

As poucas ocasiões em que os cientistas da linguagem precisaram conversar com a massa de falantes não-especialistas foram muito reveladoras sobre os aspectos da comunicação entre linguistas e leigos. Primeiro, quando a linguística deixa de ser tão desconhecida do público, forma-se no imaginário social a ideia deturpada de que nesta área “vale tudo”; que o falante pode se expressar “de qualquer maneira” desde que a outra pessoa o entenda minimamente; que não existem as chamadas “regras de gramática”, como se fosse possível uma língua sem uma estrutura fonológica, morfológica e sintática. É frequente e preocupante a ideia de que a Linguística “aceita toda forma de erro” para comunicar¹⁵⁹.

Segundo, tornou-se tangível a distância entre o conhecimento produzido por pesquisadores da Linguística sobre a real língua portuguesa falada cotidianamente no Brasil e a visão da mídia nacional sobre um modelo idealizado de língua, uma norma culta e monolítica, um padrão correto baseado na escrita de autores consagrados da literatura, e que não é dominada pelos brasileiros. Essa distância é tão drástica que, do ponto de vista científico, o sistema ortográfico vem sendo ignorado como objeto de pesquisa na universidade.

Terceiro, como consequência do aspecto anterior, evidenciou-se a falta de espaço institucional da Linguística na mídia de massa, porque, para tratar de assuntos relacionados às línguas, os veículos de comunicação apenas reconhecem os gramáticos e pessoas com experiência na modalidade escrita da língua (jornalistas, advogados e escritores). Sabendo que o linguista estuda seu objeto na dimensão ontológica e o normativista o faz na dimensão deontológica, a mídia de massa não consegue distinguir que falam de posições diferentes. Assim, a mídia e a população que se informa exclusivamente por meio dela desconhecem a atuação do linguista, restrita à universidade. Nas palavras de Cavalieri (2013: 62-63):

o gramático cuida da língua como um mero objeto de análise, descurando das maravilhas que a capacidade de falar confere ao ser humano. (...) o gramático, afigura-se, assim, aos olhos do leigo como uma pessoa fria e desumana. No entanto, apesar dos pesares, o gramático continua a merecer o respeito do homem comum, no sentido de que, afinal de contas, há sentido em sua existência no seio da sociedade, fato que aparentemente não ocorre com respeito ao linguista. Com efeito, o cidadão comum, o homem leigo, identifica com facilidade a função e o valor social do gramático, genericamente entendido como uma autoridade em assuntos linguísticos; no entanto, o leigo mal compreende o que faz um linguista, qual é seu mister e quais são os frutos de seu trabalho.

¹⁵⁹ <https://cientistasfeministas.wordpress.com/2017/05/16/afinal-segundo-os-linguistas-pode-tudo/>

Quarto, restou demonstrado que a Linguística, exceto em breves momentos de polêmica, não conseguiu encontrar uma porta para a sua Torre de Marfim, não consegue criar pontes para estabelecer uma comunicação profícua com o não-especialista e, o mais preocupante, não parece ter planos de mudança para contornar este persistente desprezo apontado por *Sapir* a quase um século atrás. Diferente do gramático, que tem o *lócus* de atuação estabelecido na tradição cultural desde a Antiguidade, o linguista é um resultado dos círculos acadêmicos modernos que, apesar da pertinência de suas atividades profissionais, o *lócus* de atuação ainda depende de sua reduzida capacidade de comunicar com o grande público. Contraditoriamente, a ciência que estuda a linguagem tem dificuldades para falar com os não-especialistas. É urgente pensar estratégias de compartilhamento dos conhecimentos sobre as línguas para a sociedade que as utiliza diariamente. Contudo, quando se trata das polêmicas sobre a linguagem, não é exatamente o viés linguístico que está faltando, conforme Rajagopalan (2003: 104) afirmou:

De nada adianta bater na tecla de que falta uma boa dose de linguística nas discussões políticas a respeito da língua portuguesa e seus rumos no Brasil. O que falta não é linguística, mas sim o reconhecimento de que com ou sem nós [linguistas], as coisas vão se desenrolando no cenário político, e que a atitude mais sensata no atual quadro é entrar na discussão nos termos em que ela está colocada, com o objetivo de mostrar a todos as consequências políticas que podem ter, a longo prazo, medidas apressadas tomadas hoje.

Por fim, também ficaram evidentes como polêmicas do idioma são muito mais questões políticas do que linguísticas. Todavia, a reflexão sobre as línguas nem chega ao conhecimento da população, pois, a comunicação do linguista se destina apenas a outros especialistas, por meio de artigos científicos, textos em revistas especializadas, comunicações em congressos, publicação de coletâneas e livros.

Assim, considerando que os conhecimentos linguísticos relevantes têm pouquíssima circulação na população em geral, os linguistas estão perdendo as chances de aproximar seu ofício das pessoas comuns, por exemplo, como no lançamento do filme “A chegada” (*Arrival*), no final de 2016, que trouxe a linguista *Louise Banks* como protagonista e despertou o interesse do grande público por diversos tópicos da linguagem. Apesar de ser uma obra de ficção, é sintomático que o filme enfatize a dificuldade da linguista de comunicar com os não-especialistas. Infelizmente, a rara oportunidade fora de uma polêmica atraiu poucos linguistas profissionais para diálogo com o público amplo. A maioria preferiu comentar e debater as ideias do longa-metragem somente em sala de aulas.

Em 2019, foi lançada a mais recente pesquisa sobre a percepção pública da Ciência e Tecnologia no Brasil¹⁶⁰. O levantamento revelou que, ao longo de cada edição (1987, 2006, 2010, 2015 e 2019), o perfil da representação dos cientistas na cultura brasileira vem se mantendo substancialmente positivo, mas se modificando de “pessoas inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade” (caindo de 55,5% para 41%), para “pessoas comuns com treinamento especial” (subindo de 8% para 23%). Isto demonstra que, na visão do grande público, o estudo e a capacitação estão substituindo o talento nato e a aptidão genética para ser um cientista. Ou seja, a imagem mental compartilhada sobre o cientista brasileiro está menos vinculada ao determinismo genético e mais vinculada ao empenho pessoal. As Figuras a seguir, expressão os índices desta mudança nos últimos 10 anos:

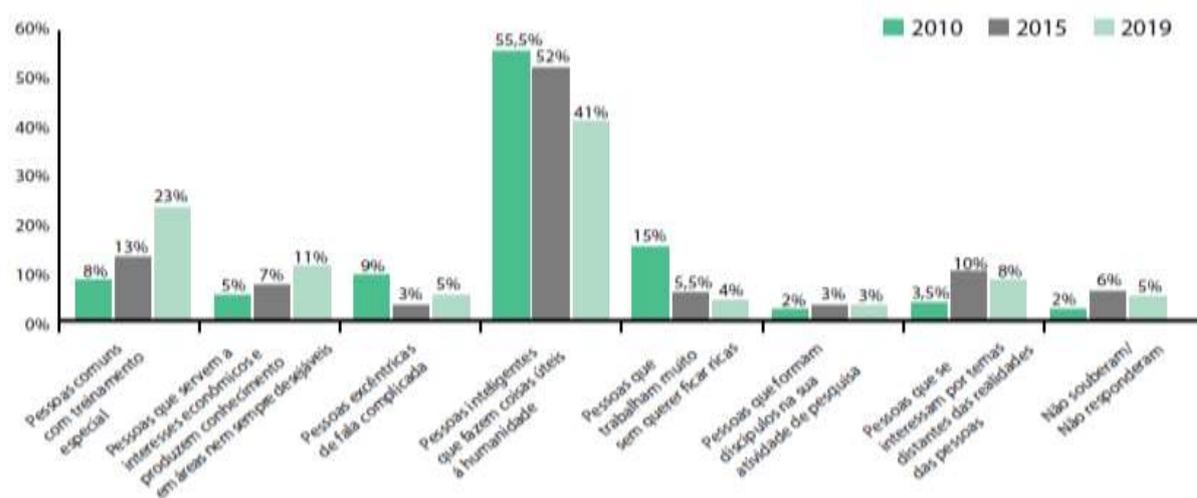


Figura 9 – Percepção sobre a imagem dos cientistas no Brasil
Fonte: CGEE, 2019, p. 12

A pesquisa também levantou o índice de confiança da população em determinadas categorias profissionais. O resultado mostrou que apenas médicos (0,85) e cientistas de universidades ou de institutos públicos de pesquisa (0,84) detêm elevada credibilidade. Porém, não é o que se observa com o linguista que contraria o senso comum nas polêmicas linguísticas do debate público. Os cientistas de empresas privadas (0,46), os representantes de órgãos de meio ambiente (0,46), os religiosos (0,46), os jornalistas (0,46) e os escritores (0,46) inspiraram um nível médio de confiança. Já as categorias que apresentam um valor negativo para o índice de confiança foram as categorias de militares (-0,30), artistas (-0,84) e políticos (-0,96), indicando baixa confiança quando se trata de assuntos científicos.

¹⁶⁰ https://www.cggee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_pub_CT.pdf

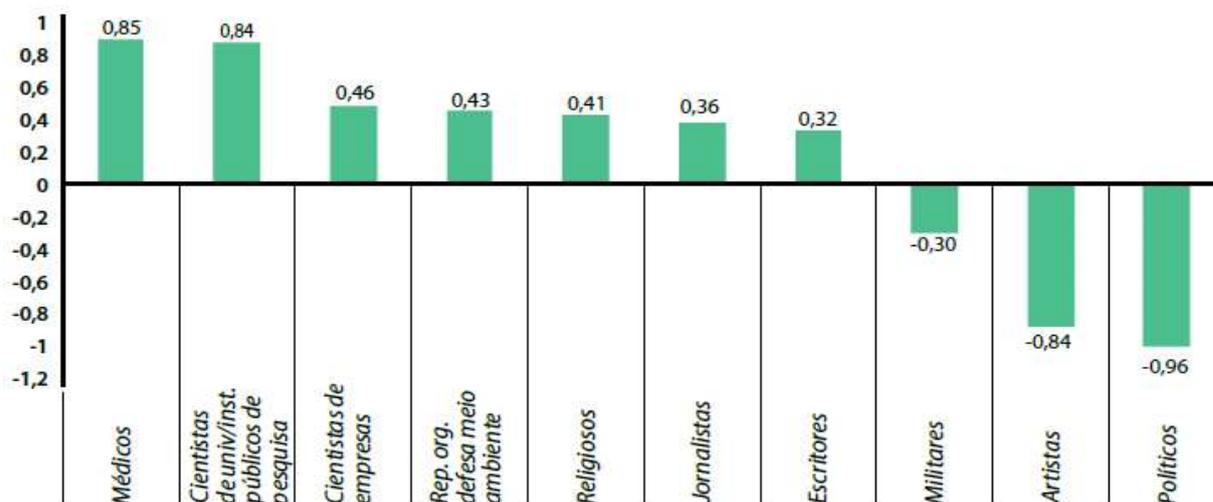


Figura 10 – Índice de confiança entre categorias profissionais
Fonte: CGEE, 2019, p. 13

A distante relação entre o linguista e o leigo manifesta-se até mesmo no senso comum, no clichê de questionar a cientificidade da linguística como reconhecida ou não. Diante de uma população sem alfabetização científica, questionar se químicos ou físicos são cientistas é estranho, porque ninguém hesitará em dizer que sim. Entretanto, não temos a mesma resposta sobre os linguistas. A opinião de um químico ou um físico sobre seu objeto de estudo costuma ser acatada sem reservas, ainda que contrarie o senso comum. No caso do linguista, ainda que trate do seu objeto de especialização, parece haver maior resistência, uma certa desconfiança se suas manifestações merecem credibilidade. Isso porque a língua perpassa a vida social de uma forma muito generalizada, por isso todos se julgam legitimados a opinar, visto que os fatos sociais, as estruturas linguísticas, os efeitos de sentido, dentre outros temas não estão restritos à academia.

Os resultados da pesquisa indicam o quanto é importante investir em estratégias de Divulgação Científica (DC) e na popularização das atividades de produção de conhecimento como um dos caminhos possíveis para atenuar ou talvez até superar o histórico e profundo distanciamento entre a universidade e a sociedade. Apesar de potencialmente possuir alta credibilidade (como outros cientistas de universidades), o linguista, por não ter contato profissional frequente com população comum, não usufrui de tal credibilidade. Nesse sentido, o levantamento do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) defende que políticas e ações na área de divulgação e popularização científica podem trazer grandes resultados. Por exemplo, 39% dos entrevistados em 2019 alegaram que participar de olimpíadas desperta o interesse em ser cientista (CGEE, 2019: 17).

Assim, a Olimpíada de Linguística em alguns países tem contribuído para ser mais um instrumento de comunicação e popularização da área, tanto entre os estudantes de ensino primário e secundário, quanto entre a população geral, ao oportunizar reflexões sobre revitalização de idiomas indígenas, valorização de línguas minoritárias, combate aos mitos e preconceitos sobre a linguagem, evocando temas variados entre política, economia, sociedade etc.

Correa (2007), no texto “A língua como instrumento de relevância social”, afirma que o trabalho cotidiano com a linguagem, principalmente em projetos de extensão e cursos de capacitação, mostra que mesmo professores de língua nativa ou estrangeira têm dificuldade em refletir sobre o objeto de seu fazer, de entender que a comunicação pode ser melhor analisada por meio de textos, pois eles permitem exemplos da língua viva, real, se contrapondo a idealização de uma norma padrão, focada no certo/errado. A Linguística, por vezes, questiona os posicionamentos da gramática tradicional sem, porém, oferecer uma alternativa analítica (em parte por causa da própria formação linguística universitária).

Nesse sentido, não é suficiente que a ciência da linguagem se torne conhecida do grande público, mas que os conhecimentos da área sejam significativos e pertinentes para a sociedade, ou seja, a relevância social é uma consequência natural da importância da linguagem para a comunidade local e global. Contudo, em geral, o linguista não demonstra a relevância do conhecimento que estuda, adotando uma postura asséptica ao lidar com a população não acadêmica. Nas palavras de Rajagopalan (2004: 25-26):

O fato é que, lamentavelmente, muitos pesquisadores no campo de estudos sobre a linguagem preferem trabalhar à revelia das possíveis consequências do seu trabalho para o mundo e para as pessoas de carne e osso que nele habitam. Muitos se orgulham de estar em companhia de outros cientistas — de preferência, físicos ou químicos — que, na sua ótica, não costumam se preocupar com os desdobramentos práticos das suas experiências científicas no laboratório. A pergunta que devemos fazer neste instante é: será que a linguagem pode ser analisada da mesma maneira que os físicos e químicos costumam analisar os seus objetos de estudo? Ao considerar a linguagem como um objeto natural e não cultural, que escolhas, que estratégias de exclusão estariam sendo operacionalizadas e para que finalidades?

Sobre isso, a obra *Conversas com Linguistas* (XAVIER & CORTEZ, 2003), já mencionada na seção 2.1, pode nos oferecer um vislumbre da representação social de linguistas com mais de vinte anos de experiência em docência e pesquisa, sobre a utilidade da Linguística. Afinal, **para que serve a Linguística?**

Bernadete Abaurre p. 18-20	A pergunta sobre “para que serve a linguística”, se pode responder, em parte, a partir de (...) uma série de questões que estão postas na sociedade e que podem ser respondidas a partir de estudos que se fazem sobre a linguagem. A partir daquilo que você pesquisa, daquilo que você estuda, você pode contribuir para uma melhor compreensão de problemas da sociedade. Problemas que dizem respeito, por exemplo, ao preconceito linguístico, problemas relativos à aquisição da língua materna, problemas pedagógicos, associados ao ensino e à aprendizagem da língua materna, dentre outros. De maneira que há também um lado prático associado a tudo isso. Investigações a respeito de línguas indígenas necessariamente produzem uma série de conhecimentos que, para essas comunidades, são absolutamente fundamentais, em termos de resgate de uma identidade que lhes é tão cobrada em momentos cruciais de luta pela terra e situações do gênero. Portanto, acho que a linguística não serve apenas para responder à curiosidade natural do ser humano sobre questões relativas à linguagem. Existe também todo um conjunto de reflexões e de resultados dessas reflexões que pode e tem sido compartilhado com a sociedade, com determinados atores sociais, que, de posse dessas informações, podem por sua vez, de maneira mais bem informada, tomar decisões a respeito inclusive da vida das pessoas, naquilo que diz respeito mais especificamente aos usos da linguagem.
Eleonora Albano p. 31-32	Ela serve para você se espantar com o humano. Você vê o quanto nós estamos imersos na linguagem, (...) o quanto isso nos constitui. Serve para resgatar alguma reflexão sobre a humanidade que está muito deslocada hoje em dia. Quer dizer, sou favorável à metodologia mais positiva, ciência natural etc., mas tenho as maiores restrições ao excesso de uso da linguagem formal, ao excesso de uso do computador, tipo: "computador é tudo, tudo está em grandes sistemas". A gente usa o computador bastante aqui no Laboratório de Fonética, mas essa coisa, que quase nos engole, de uma "ciência cognitiva" tem esquecido o homem. Esse estudo do homem em termos de simulação computacional não me agrada absolutamente. Então, a linguística, como não pode esquecer que existe uma língua, tem que poder dizer que a mente e o corpo andam juntos, que o homem é aquele animal que fala; não é o único que tem linguagem, mas é o único que fala por alguma boa razão, porque tem um corpo que é próprio para isso. A linguística serve para resgatar essa reflexão e pode servir também, para quem tem um pouco mais de paciência para isso, para revolucionar métodos de ensino (...). Acho que métodos de ensino podem ser muito influenciados e podem mesmo ser desconstruídos por uma reflexão sobre o que é linguagem, que vem da linguística - não só dela, mas também dela.
Borges Neto p. 46	O que é perguntar da utilidade de uma teoria ou de uma área do conhecimento? É muito complicado. Essa visão utilitarista é muito complicada. Acho que uma determinada linguística teve um papel muito importante no desenvolvimento de metodologias mais adequadas de ensino de línguas. A reflexão linguística feita pelos linguistas, a partir das teorias linguísticas, alterou substancialmente o modo de encarar o ensino de língua materna e de línguas estrangeiras. Estudos de fonética e fonologia tiveram muita utilidade no desenvolvimento de aparelhos telefônicos. Uma boa análise do discurso é extremamente útil para determinadas áreas, como a psicanálise, como a história, como o jornalismo etc. Enfim, tudo tem utilidade e ao mesmo tempo nada tem utilidade quando nós estamos falando de ciência. (...) Quer dizer, é possível que haja utilidade, mas ao mesmo tempo não é preciso que haja uma utilidade para que uma determinada área de conhecimento se desenvolva. (...) Para que serve a linguística? Para tudo e para nada.
Ataliba de Castilho p. 57	Bom, [quando a gente começa a estudar] serve para o ensino, tem utilidade prática na situação de ensino. Não é possível hoje em dia você conceber um ensino que não tenha uma fundamentação linguística. (...) com o passar do tempo, você vê que a utilidade dela é outra, é um grande domínio para desenvolver as suas curiosidades sobre esse atributo humano misterioso, extremamente complicado, que é a linguagem articulada. Então, (...) a utilidade é maiormente essa, de refletir continuamente sobre o que é a língua, sobre quais são as suas manifestações, que categorias há por trás disto, como é que eu posso entender este meio de comunicação, de que modo a interação repercute nas formas da língua, enfim, esse conjunto de perguntas. (...) eu sugiro aos professores de português que, em vez de nas aulas darem respostas a perguntas que os alunos não formularam, façam perguntas e deixem, as respostas com os alunos. É claro que para isso é preciso dispor de um roteiro articulado, de dados, e da habilidade de atuar em sala de aula como um líder que movimenta a capacidade de reflexão dos alunos. Então, para mim, a finalidade, a serventia maior da linguística é levar o indivíduo a refletir continuamente sobre as coisas.
Carlos Alberto Faraco p. 67	Esta é uma velha pergunta que busca colocar a questão da utilidade do fazer científico, e eu prefiro assumir a velha afirmação de que o trabalho científico tem utilidade em si mesmo, que é a geração do conhecimento. Bom, talvez melhor, para não ficar tão positivista, a geração de conhecimentos. E aí o que nós socialmente fazemos com esses conhecimentos é um problema, evidentemente, que transcende a atividade científica em si, no sentido de que o aproveitamento desses conhecimentos envolve uma atividade muito mais ampla do que apenas a ciência; o aproveitamento envolve sempre a prática política ampla da sociedade.

José Luiz Fiorin p. 74	Bom, eu penso o seguinte, Confúcio, nos <i>Analectos</i> , disse uma coisa assim: sem conhecer a linguagem não se pode conhecer o homem. Portanto, para mim, a linguística conhece o homem por intermédio da linguagem.
João Wanderley Geraldi p. 84-85	Bom, antes de mais nada, acho que a linguística, como qualquer outra ciência, serve para nos compreendermos a nós mesmos. E toda ciência não pode esquecer que o que ela produz são compreensões da humanidade, do humano no humano, e da história desse humano e da natureza na sua relação com o humano, porque a natureza em si não demanda ciência, nós é que queremos compreender para nos relacionar com ela. Suponho que o objetivo último do fazer científico é dar elementos para termos uma relação, quer com a natureza, quer com os outros, uma relação que não seja de objetificação, nem dos outros, nem da própria natureza. Construir instrumentos de compreensão e, se necessário, de mudanças, esta é a função de qualquer ciência. Especificamente, quando se trata da linguagem e de pensar os fenômenos da linguagem, estamos lidando com o que nos é mais íntimo, porque é a linguagem o lugar de nossa própria constituição, e com ela nos 'revestimos' como homens; ela é a vestimenta do que somos. A linguística ou a ciência que a suceder estudando os fenômenos da linguagem e dos processos sociais de constituição dos sujeitos e das suas consciências sógnicas é fundamental para a compreensão do fenômeno humano. Incluída esta questão na linguística, questão que vem se desdobrando nos estudos da aquisição da linguagem, da afasia, das relações entre discurso e poder, amplia-se o campo da ciência linguística. E essa ampliação implica aumento de suas funções que, concretamente, vão se traduzir num conjunto de outros aspectos que se ancoram pontualmente ou completamente em seus achados para nossas compreensões relativamente ao ensino e à aprendizagem, qualquer que seja a área de conhecimento envolvida, especialmente a do ensino e aprendizagem de línguas, a preocupação com o bilinguismo, a correlação entre multiculturalismo necessariamente expresso na linguagem e nas variedades linguísticas etc. Para tudo isso a linguística é fundamental.
Francisco Gomes de Matos p. 94	A linguística pode ter múltiplas funções, destinações, ou, como prefiro dizer, "missões". Ajudar os usuários a compreenderem a comunicação humana, a identificarem características do comunicar bem e do comunicar para o bem (...). Em meu viés, percebo a linguística como uma ciência que pode contribuir para a humanização dos usos das línguas. A linguística, em sua face aplicada, pode prestar relevantes serviços à educação, à cultura; trata-se de um desafio permanente, que está sendo enfrentado com resultados promissores, principalmente no ensino-aprendizagem de línguas (materna, segunda/estrangeira). A meu ver, a linguística tem a grande missão de estar a serviço da comunidade de usuários de línguas nos mais variados contextos em que interagem. Em suma, a linguística serve para esclarecer, orientar usuários quanto à importância de construir uma identidade (sociolinguística, psicolinguística, gramatical, fonético-fonológica, pragmática etc.) confiante, segura. A linguística serve para ajudar as pessoas como leigos ou especialistas a compreender, identificar e, na medida do possível, ajudar a resolver problemas comunicativos de maneira construtiva e pacífica.
Rodolfo Ilari p. 104-107	O trabalho do linguista é puxado, bastante puxado, como o trabalho de qualquer cientista. (...) Hoje [em 2003] é possível mostrar para as pessoas que muitas coisas que se ensinavam, exaustivamente, não precisam ser ensinadas (...). Se você pegar um capítulo de gramática [de 1960], você vai ver que 70% daquelas coisas ninguém erra. (...) A linguística contribuiu para criar as condições para uma escola mais tranquila, mais alegre, mais voltada para a cidadania. (...) A sociolinguística mostrou que a discriminação que pesa sobre certos "erros" cometidos por quem fala as variedades linguísticas não-padrão é uma discriminação das pessoas e da pobreza, que não se sustenta em nenhum argumento linguisticamente válido. O português não-padrão é muito regular, funciona muito bem, tem sua própria gramática, à qual não falta nada para fazer as distinções feitas no português culto. (...) É claro que a escola tem que ensinar a língua-padrão, porque as pessoas que falam o português padrão terão mais portas abertas pela frente, vida afora. Mas o quadro linguístico de um país como o Brasil é mais complexo do que pensavam os gramáticos de 40 anos atrás, e a linguística tem ajudado a lidar com essa complexidade.
Mary Kato p. 117-118	A primeira utilidade é de fazer entender o que é língua. Então, descrever línguas. Se você quiser trabalhar em qualquer nível da língua, seja na fonologia, seja na morfologia, no léxico, na sintaxe, na semântica, no uso pragmático, em todos esses níveis você pode descobrir como é a natureza de uma língua (...). Agora, as aplicações que se faz da linguística dependerão muito da sociedade. Tem sociedades que usam muito linguística para a educação, outras não usam nada. Nos Estados Unidos, está se usando linguística na área da computação, tanto que no mercado lá, o pessoal das universidades está com medo de que daqui a pouco não vai ter professor, porque os melhores estão sendo roubados para a área de computação. Tem um mercado de trabalho bom aí. (...) Os jovens vão ter que ter essa capacidade de trabalhar com várias coisas ao mesmo tempo, porque toda essa quantidade de informações leva justamente a um estudo muito mais interdisciplinar (...). Então, a linguística serve para muita coisa, tem muita aplicação.

<p>Ingedore V. G. Koch p. 126-127</p>	<p>Os leigos vivem perguntando isso: para que serve isso que vocês fazem? Eles acham que é uma inutilidade. Mas nós, Linguistas, achamos que fazemos algo que é muito importante, porque entender a interação humana através da língua é entender praticamente tudo. Como é que o ser humano se comporta em sociedade, como é que ele age, interage, argumenta, contra-argumenta, persuade etc. Tudo isso entra. (...). Então, você pode focar do jeito que você quiser. Todos os pontos de vista são importantes. A linguística vai ter sempre o que dizer: na comparação entre línguas, na tradução, no estudo do texto, sem dúvida nenhuma, no estudo da linguagem da propaganda, da publicidade. Enfim, em todos os gêneros, no conhecimento de todos os gêneros que permeiam as práticas sociais. Quem está fazendo este estudo é o linguista. Então a linguística tem muito a dizer.</p>
<p>Luiz Antônio Marcuschi p. 137-138</p>	<p>Uma coisa eu sei: com a linguística você não fica rico, mas sem ela seu povo é mais pobre. A questão do "para que" serve a linguística depende sempre de que estudos linguísticos nós estamos falando. Mas eu tenho a impressão de que a linguística serve basicamente para fazer com que se compreenda de que forma nós somos seres humanos. Ou seja, como nós interagimos, como chegamos a nos entender, como conseguimos construir e dar a entender este mundo que nós construímos, como a realidade é sentida e reproduzida para as pessoas. Então, a linguística, de uma outra forma, tende a dar conta desses aspectos, desses problemas, dessas indagações e, nesse sentido, a linguística é extremamente importante, relevante e significativa. Poderia dizer o seguinte também: fundamentalmente, a linguística é uma das mais importantes das ciências, porque lida com um dos aspectos mais tipicamente humanos e que permeia a maioria das atividades humanas. Poucos fenômenos na vida dos indivíduos, seja no cotidiano ou na sua investigação, têm uma importância tão grande em todos os momentos como a língua. E então a ciência que dá conta desse fenômeno, evidentemente, é de extrema importância, porque é pela porta, digamos assim, da língua, que as pessoas se tornam sociais e se socializam, se agrupam, defendem interesses e fazem tudo aquilo que fazem. Nesse sentido, eu diria que a linguística é extremamente relevante, porque ela consegue dar conta de um dos fenômenos, ou pretende dar conta pelo menos, de um dos fenômenos mais presentes na vida diária de todos os seres humanos, inclusive nas mais diversas situações e em todos os tempos. Não se tem notícia de nenhum povo na humanidade, que não tenha tido ou falado alguma língua, de modo que ela permeia todas as culturas e todos os indivíduos.</p>
<p>Maria Cecília Mollica p. 146-147</p>	<p>Essa preocupação do "para que serve", de modo geral, é uma preocupação de fora da comunidade acadêmica, das pessoas que não têm um treinamento, uma disciplina do fazer científico e, portanto, imaginam que tudo tem que ter uma utilidade. Mas, de qualquer maneira, essa pergunta é pertinente. (...) Quer dizer, do ponto de vista da investigação teórico-descritiva, a linguística tem avançado tanto quanto as outras ciências, a física, a química, as <i>hard sciences</i>, as <i>soft sciences</i> têm avançado na direção de lançar novas questões, premissas, pressupostos, confirmar ou não confirmar universais de forma semelhante ao que vem acontecendo em outras ciências. E dizer isso já é responder para que serve a linguística. Mas não é satisfatório para aqueles que têm a ansiedade de saber para que serve a linguística num nível prático, (...) fora do domínio da própria investigação linguística. Então, ao tentar responder, nós poderíamos dizer que, num nível aplicado, é clara a vocação da linguística para a educação em muitos desdobramentos, desde a importância para a qualificação profissional até os aspectos de natureza pedagógica propriamente dita, ligados à construção de métodos e ações nos processos de ensino e aprendizagem de L1 e L2, quer dizer, língua materna e línguas estrangeiras. Mas há outras tendências da linguística que se fazem notar como subsídios das áreas de saúde, de antropologia, filosofia, inteligência artificial e tantas outras.</p>
<p>Diana Luz Pessoa de Barros p. 153</p>	<p>Existem muitas linguísticas, muitos objetos construídos para os estudos linguísticos, mas pode-se dizer que a linguística tem, por fim último, aumentar o nosso conhecimento sobre o homem. Nesse aspecto, ela seria uma ciência humana e social. Procura-se, com a linguística, saber mais sobre o homem por via da linguagem, ou, se você é um estudioso do discurso, por via do discurso. A linguística, com esse objetivo último, vai cumprindo outros objetivos mais específicos. Um deles é o de contribuir para o desenvolvimento da própria linguística, condição para que a linguística possa cumprir seu objetivo último de saber mais sobre a linguagem e, a partir daí, sobre o homem. Além disso, ela tem objetivos particulares, como os de descrever uma dada língua, de explicar os discursos de uma língua, portanto, de uma cultura, de uma sociedade. Ela assume, assim, o papel de saber mais, por esse viés, sobre a sociedade, sobre a cultura, sobre o homem. Quando eu digo saber mais sobre o homem é do homem enquanto ser social, cultural, histórico, (...). O homem é tudo isso. Eu particularmente não tenho nenhum problema em pensar que os estudos da linguagem se dirigem para todas essas direções. Eu não quero trabalhar com a linguística biológica, não é o meu interesse, o meu interesse é outro. Mas é muito bom que haja gente que trabalhe em outras perspectivas também. Porque acho que assim podemos, de alguma forma, ver o homem também de perspectivas diferentes.</p>

<p>Sírio Possenti p. 169-170</p>	<p>Para o leigo, talvez, a linguística não sirva para nada. (...) Eu diria que hoje a linguística tem uma função francamente revolucionária, no sentido de descobrir que "objetos" que são desprezados socialmente têm mais valor do que se lhes atribui. Eu gosto de comparar o preconceito linguístico ao preconceito racial ou de gênero, para mostrar como ele é brutal. (...) No dia em que a questão das línguas for tratada como hoje é tratada a questão étnica, por exemplo, isso significará que ainda haverá pessoas que vão rir de certas construções sintáticas não-padrão, como hoje há pessoas que fazem chiste sobre a cor dos outros, mas essa diferença talvez não seja mais institucionalizada (por exemplo, escolarizada), como ela é hoje. (...) E acho que a linguística é que pode fazer isso, isto é, quanto mais conhecemos a linguagem, mais se saberá que a linguagem não deveria ser um lugar de discriminação. Quanto mais sabemos biologia ou antropologia, mais sabemos que não dá para considerar um grupo superior ou inferior ao outro. Então, a linguística tem utilidade. Saberemos muito sobre a espécie humana estudando linguagem, o cérebro e a mente. O conhecimento sobre isso advirá muito através do conhecimento que teremos sobre a linguagem.</p>
<p>Kanavilill Rajagopalan p. 178</p>	<p>Para mim, não precisa ter mais linguística! Vamos ver uma questão de linguagem. Nas últimas décadas do século XIX, aconteceu a chamada virada linguística. Essa <i>linguistic turn</i> completou o percurso previsto. Hoje em dia nós sabemos que são poucas as pessoas que questionam ou estranham, quando alguém diz que a linguagem está no âmago das relações sociais e de que somos definidos pela nossa linguagem. A linguagem não é mais instrumento de coisa alguma. A linguagem é muito mais do que isso. Linguagem somos nós. Não é à toa que a linguagem está hoje ocupando o ponto nevrálgico de grandes discussões de cientistas políticos, de antropólogos; não é à toa que os teóricos da corrente chamada "pós colonialismo" reconhecem na linguagem um papel central. Somos todos seres políticos. Queiramos ou não!</p>
<p>Margarida Salomão p. 188-189</p>	<p>Em primeiro lugar, (...) ela serve para que os seres humanos saibam muito mais sobre si mesmos, na medida em que quando se constituam como sujeito e objeto do conhecimento, eles certamente se colocam numa posição muito mais travada e muito mais desconfortável do que se eles estivessem investigando as estrelas. Então, essa é a primeira razão: estuda-se a linguagem para se saber sobre a linguagem. Agora, há uma série de razões derivativas que nos permitem entender melhor o fenômeno da educação, como um domínio de práticas letradas (...), na medida em que ela oferece informações sobre a linguagem. Ela pode ser empregada para entender processos de gestão em contextos institucionais, processos na área de comunicação de massa e cada vez mais da inteligência artificial. Então, há uma série de investigações que podem se beneficiar da linguística por ela ser fundamentalmente o que ela quer ser, quer dizer uma interpelação humana sobre o que sejam os seres humanos como usuários da linguagem.</p>
<p>Carlos Vogt p. 197</p>	<p>Serve para tentarmos responder ao enigma que buscamos sempre, que é o da inteligência. Quer dizer, a gente sempre repete isso: há uma característica do ser humano, da espécie humana que a torna distinta de todas as outras espécies, que não é possuir ou dominar uma linguagem, porque várias espécies em diferentes graus têm isso. Mas é exatamente você dominar uma linguagem, e, através dessa linguagem, constituir uma sociedade que é indispensável para que a espécie sobreviva. Então, resumindo: é uma espécie que não só vive em sociedade, mas que precisa da sociedade para viver. Isso são aspectos que certamente a linguística pode tratar e tratar bem.</p>
<p>Mário Perini Revel (2010)</p>	<p>A linguística, como toda ciência, serve para aumentar nosso conhecimento e nossa compreensão de alguns aspectos do mundo. Por outro lado, ela pode ter aplicações, mas estas não fazem parte de sua fisionomia fundamental; são decorrências acidentais. Mal comparando, ficamos muito felizes em saber que a química permite a criação de medicamentos; mas não se pode dizer que a química tem como objetivo a fabricação de remédios. O que a linguística faz, e o que faz dela uma ciência, é descrever e (na medida do possível) explicar o fenômeno da linguagem.</p>

Como se pode perceber, a representação social sobre a utilidade da linguística tem a tendência de seguir três posicionamentos distintos. Primeiro, a defesa de que “questionar o utilitarismo é inadequado”, pois a relevância de qualquer área do saber é imanente, ou seja, uma finalidade fechada em si, não importando a opinião de pessoas de fora desse campo do conhecimento, que não entendem a razão sobre o porquê se faz estudos científicos, como apontam Borges Neto, Carlos Alberto Faraco, Sírio Possenti e Mário Perini.

O segundo posicionamento é que “a utilidade da linguística é genérica”, isto é, uma área que serve para entender o ser humano em geral, sua subjetividade, sua curiosidade e sua constituição socio-histórico-cultural como mencionam as opiniões de Eleonora Albano, de Ataliba de Castilho, de José Luiz Fiorin, de João Wanderley Geraldi, de Ingedore Koch, de Luiz Antônio Marcuschi, de Diana Luz Pessoa de Barros, de Margarida Salomão e de Carlos Vogt.

O terceiro posicionamento defende que “existe uma utilidade naturalmente aplicada da linguística” voltada para o ensino de línguas (linguística aplicada) e no combate ao preconceito linguístico (sociolinguística), mas que pode eventualmente perpassar diversas outras questões discutidas em cada sociedade como podemos verificar nas citações de Bernadete Abaurre, Francisco Gomes de Matos, Rodolfo Ilari, Mary Kato, Maria Cecília Mollica e Kanavilill Rajagopalan.

Entretanto, vale destacar que ainda que reconheçam a utilidade da linguística para a sociedade, a representação social dos experientes docentes não inclui o diálogo com o público leigo, não especialista. Isto é, está implícito que os linguistas esperam que o amplo público reconheça a relevância dos estudos da linguagem por iniciativa própria e não que os profissionais da linguagem devam ter a iniciativa se aproximarem da população em geral a fim de revelar sua utilidade.

Diante disso, a resposta que nos chamou mais atenção foi da professora Mary Kato, que reconheceu que as aplicações da linguística dependerão muito da sociedade local. Conforme podemos verificar na representação dos docentes brasileiros, a linguística tem a utilidade limitada aos aspectos educacionais e sociais, enquanto, como já demonstramos nas seções anteriores desse capítulo, nos Estados Unidos, a linguística está se aproximando cada vez mais da computação, a ponto de impactar a atratividade dos jovens para a carreira do magistério, pois “os melhores estão sendo roubados para a área de computação”, segundo Mary Kato.

É nesta direção que as Olimpíadas de Linguística podem ser uma instância com o potencial de atrair um número considerável de jovens para os estudos linguísticos, quer para a área educacional, quer para a social (antropológica ou cultural), ou ainda para a interface computacional, a depender do interesse da sociedade local. Apesar de não atuar com o grande público, a longo prazo, as OL podem introduzir os estudos da linguagem de um modo lúdico à próxima geração, despertando o interesse pelo conhecimento linguístico e pela diversidade das línguas, tornando mais conhecida e relevante a ciência da linguagem.

Segundo Loosen & Heinz (2019: 5), ao tratar sobre o interesse de jovens pela área da linguística, os autores indicam que fontes como a *Wikipedia* e vídeos do *YouTube* têm se tornado os principais recursos de (in)formações linguísticas para aqueles entrevistados, mas seriam estas plataformas qualificadas para esta função? Certamente não em todos os casos, pois na internet não faltam textos e vídeos com informações não comprovadas e inverídicas. Apesar dos linguistas produzirem um número considerável de livros e artigos científicos, percebemos que estas publicações não comunicam com todos os públicos, dependendo da linguagem rebuscada e/ou do letramento científico da população que tiver acesso ao texto, pois alguns grupos apresentam dificuldades de leitura de certos materiais. Assim, é preciso uma mudança de postura intencional dos cientistas da linguagem para iniciar um diálogo com a sociedade. Novamente nas palavras de Rajagopalan (2004: 26):

Ter interesse ou não em se dirigir aos anseios populares, em dialogar com os leigos, em pensar nas consequências práticas das nossas elucubrações teóricas é uma questão de escolha. Em outras palavras, é uma questão política. Como também é uma questão eminentemente política qualquer decisão a respeito de como abordar a ciência da linguagem — como um físico encara seu objeto ou um sociólogo o faz. No primeiro caso, estamos lavando as mãos de qualquer responsabilidade ético-política relativa ao nosso trabalho como pesquisadores. No segundo caso, aí sim, estamos realçando o caráter social do próprio trabalho do estudioso. A linguística, ao que parece, ainda sofre de uma decisão tomada no seu momento inaugural, a de se aliar às ciências exatas (pelo motivo evidente de prestígio que isso pudesse trazer). E o preço que se paga é um distanciamento cada vez mais evidente do interesse popular. O que está em jogo não é apenas uma questão interna à ciência. O que está em jogo é a própria sobrevivência da disciplina e a questão da relevância social dessa disciplina.

É fundamental que os linguistas encontrem formas de se comunicar com os leigos se quiserem ser bem-sucedidos na tarefa de convencer o público e de fazer valer o conhecimento acumulado pelo fazer científico da Linguística. Não parece razoável esperar que a iniciativa de conhecer a linguística parta de quem nem sabe de sua existência, ao contrário, é o especialista quem deve buscar, ativamente, diminuir o fosso entre os estudos linguísticos e a população em geral. É justamente pela ausência de um diálogo aberto com a sociedade que toda sorte de distorções sobre a atuação do linguista pode ser verificada no senso comum, e pior, até mesmo entre pessoas com alta escolaridade, mas que desconhecem a finalidade dos estudos linguísticos, como se pode observar abaixo:

Atualmente, alguns **linguistas nervosos** dizem que os defensores do ensino tradicional do idioma teimam em valorizar a gramática normativa, com seu apego aos clássicos e suas falhas e irrealidades, porque querem

manter a língua como instrumento de controle social das classes dominantes. (...) O problema é que tais **linguistas parecem ter transformado o formidável instrumento que é a linguística moderna**, fundamental para o estudo científico da língua, **num fim em si mesmo**. Como? Substituindo parte da cabeluda e deficiente nomenclatura da gramática tradicional por uma emaranhada terminologia linguística. **As faculdades** que tentavam formar gramáticos, em vez de bons professores de língua, agora **tentam formar linguistas. Pelo jeito, tão inaptos para ser guias de orientação idiomática** como os anteriores, da velha e desgastada guarda, que mantêm Vieira e Camilo no altar principal. **A sobrecarga de informações teóricas e nomenclaturas linguísticas parece ter contribuído para assombrar ainda mais os estudantes.** (Josué Machado, jornalista, no artigo¹⁶¹ “Lula e a língua do povo”, na Revista Educação em 30 / 05 / 2003. Grifos nossos).

O desconhecimento sobre o que fazem os linguistas pode ser facilmente constatado quando esse profissional se apresenta para alguém fora da área como “sou professor” ao invés de “sou linguista”, pois essa última profissão necessita de uma série de explicações adicionais sobre o que realmente faz. Enquanto essa classe continuar se manifestando apenas nos momentos de polêmicas, ignorando as possíveis consequências do seu trabalho para o mundo e para os usuários da língua, se limitando a ser o contraponto do gramático normativo, permanecerão a assumir o clichê da mídia de que são raivosos, esnobes, inimigos do falar correto, demagogos e populistas, como também neste excerto a seguir:

(...) eu nunca escrevi que linguistas não amam a língua portuguesa - e que quando falei em demagogia eu me referia a determinados argumentos que vi publicados, **não a todos os linguistas**. Não preciso ser especialista na disciplina para me manifestar. O que escrevi foi: “Sou apaixonado pela língua portuguesa e por gramática (ao contrário de linguistas e demagogos em geral, acho o sucesso público de figuras como o professor Pasquali um bom sintoma).” **Já li e ouvi de diversos demagogos (alguns eram linguistas) reações enraivadas** à presença pública de Pasquali e outros gramáticos que dão dicas em revistas ou na TV. (...) um linguista, que escreveu “A norma oculta”, defendeu o português de Lula contra os preconceitos da “elite”. Eu tenho ideias políticas a respeito. E não preciso me formar em linguística na Sorbonne para expô-lo. (...) há **agressões a Pasquali e a toda ideia de correção ou enriquecimento da fala**. E um quase silêncio mórbido sobre a língua escrita. Ora, eu acho que esses **arroubos de populismo** são em geral um **superesnobismo mal disfarçado**. (...) Os emergentes brasileiros que desejam aprender com os Pasqualis da vida são os alvos finais da **agressão desses linguistas**. Por mais bem intencionados que sejam, estes resultam demagógicos, pois proíbem a troca natural entre os níveis de informação e **ostentam estar de posse de teorias de ponta**. Aliás, Lévi-Strauss diz que começou influenciado pela linguística, mas que nos últimos anos deixou de interessar-se pelos textos teóricos da disciplina por achá-los muito **esnobes e preciosistas**. (Caetano Veloso, cantor, no texto¹⁶² “Linguistas” postado no Blog “Obra em progresso” em 02 / 09 / 2008. Grifos nossos).

¹⁶¹ <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/lula-e-a-lingua-do-povo/97> Em 17.08.20.

¹⁶² <http://janelinhadiscreta.blogspot.com/2008/09/mais-caetano-veloso-linguistas.html> Em 17.08.2020.

O distanciamento entre o cientista (da linguagem, inclusive) e a população pode ser explicado historicamente, pois os amplos debates públicos das instituições universitárias entre os séculos XII e XIII, em Bolonha (1088), Paris (1150) e Oxford (1167) perderam seu espaço para a formação de profissionais legitimados. Gradativamente, desde o século XVII, quando o público leigo ainda tinha notícias sobre as descobertas científicas escritas nas línguas nacionais dos cientistas, até o século XIX, a academia desenvolveu-se construindo um vocabulário científico cada vez mais rebuscado e detalhista, o que limitou a compreensão dos conhecimentos pela população comum. Atualmente, no século XXI, a comunicação sobre as descobertas científicas não somente utiliza vocabulário hiper-especializado, mas também deve ser escrita prioritariamente em língua inglesa e publicada em revista internacional, para que tenha a legitimidade necessária, ou seja, o público leigo ficou totalmente alheio ao processo científico, pelas barreiras técnicas e linguísticas.

Para combater este distanciamento entre ciência e o público, alguns jornais apresentaram matérias voltadas para ao conhecimento especializado, alguns deles ostentando o termo científico até no título, como o *Jornal Científico, Económico e Literário* (1826); *Echo das Damas: orgão dos interesses da mulher, crítico, recreativo, científico e litterário* (1849); *Chrysalida: jornal científico, litterário e noticioso* (1868); *Gazeta Acadêmica* periódico dedicado às ciencias, artes e letras (1876); etc. Além dos jornais, revistas foram criadas, como a *Annaes Fluminenses de Sciencias Artes e Literatura* (1822); *Jornal Científico, Económico e Literário* (1826); *Sciencia e Educação* (1929); *O Beija-Flor: Annaes Brasileiros de Sciencia, Politica, Litteratura* (1830); a *Revista científica e litteraria* (1880) etc. Assim, os cientistas e a população foram para direções opostas na difusão do conhecimento.

A universidade do século XX transformou-se na instituição que outorga cientistas autorizados e profissionalizados. O alquimista foi interpretado como um curioso amador, enquanto o químico assumiu o papel legitimado pela ciência. O prático licenciado foi proibido de exercer a atividade porque o odontólogo/dentista assumiu a função outorgada pela universidade. O boticário perdeu seu espaço para o farmacêutico que possui um diploma reconhecido pela academia. Todavia, nos estudos linguísticos, tanto o gramático quanto o linguista prosseguiram existindo com funções distintas: ao primeiro se fixou a legitimidade da opinião pública, da mídia e da escola; e ao segundo se fixou o papel de cientista, de pesquisador e docente universitário. Sobre esta duplicidade, Cavalieri (2013: 71) afirma:

No Brasil, a distinção, que inicialmente se criou entre ser gramático e ser linguista, desaguou em um antagonismo que se manifesta por vezes em **atitudes agressivas**, de ambos os lados, em que se pode notar até mesmo uma **certa dose de rancor**. Como entender que as coisas tenham chegado a esse ponto entre nós? Afinal, se em outros centros acadêmicos a convivência, na pior das hipóteses, situa-se em plano suportável, algo terá acontecido no Brasil para que excepcionalmente linguistas e gramáticos (obviamente mal generalizando) considerem-se insuportáveis. Creio haver aqui uma conjunção de causas, interligadas no cenário político brasileiro da segunda metade do século passado, cuja interação criou **estereótipos que se enraizaram bastante e fizeram florescer esse perfil acadêmico antagonístico entre o gramático e o linguista**. (Grifos nossos).

Para aliviar a distância entre a academia e o público brasileiro, a partir de 1980, a divulgação de pesquisas passou a ocupar espaço nas páginas dos jornais diários e foram criadas seções específicas para difusão de conhecimentos. Em 1982, foi criada a revista “Ciência Hoje”, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), com o intuito de promover a aproximação da comunidade científica do público leigo. No embalo dessa publicação, surgem revistas com uma linguagem mais próxima da população, como a Revista Superinteressante (1987) e a Revista Galileu (1991), ambas com o propósito de propagar conteúdos científicos em uma linguagem mais acessível, especialmente para os jovens.

Apesar das diversas publicações (todas nas referências) com a postura não normativa sobre a língua, como, Gramática e interação - Uma proposta para o ensino de gramática (TRAVAGLIA, 1995); Por que (não) ensinar gramática na escola (POSSENTI, 1996); A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira (BAGNO, 2000); Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2004); Doa-se lindos filhotes de poodle: variação, linguística, mídia & preconceito (SCHERRE, 2005); *Nóis cheguemu* na escola: e agora? (BORTONI-RICARDO, 2005); Norma culta brasileira: desatando alguns nós (FARACO, 2008); A língua na mídia (POSSENTI, 2009); entre outras, percebemos que a disciplina Linguística ainda não conseguiu alcançar a população brasileira, talvez por limitações características das Ciências, talvez por limitações de uma linguagem mais acessível, talvez por não despertar interesse, talvez todos esses motivos juntos¹⁶³, conforme salientou Dawton Lima Valentim (2019), no texto porque popularizar a Linguística?¹⁶⁴, em que afirma:

¹⁶³ <https://www.youtube.com/watch?v=KIERS47CI5U> Acesso em 10.12.2020

<https://www.youtube.com/watch?v=LT1Yh6MdHa0> Acesso em 27.01.2022.

¹⁶⁴ <https://serlinguagem.wordpress.com/2019/09/16/por-que-popularizar-a-linguistica/> Em 20.08.20.

Iniciativas de Divulgação Científica (...) precisam partir, no mínimo, da “desnaturalização” de uma linguagem técnica que vai se entranhando em nosso discurso a cada nova tarefa da rotina acadêmica, mas que não é acessível para quem está fora da academia científica, o que não é necessariamente simples. É como quando alguém pergunta o significado de uma palavra que você usa há tanto tempo que nem consegue mais explicar o que ela quer dizer. (...) o fato de haver proximidade das pessoas com o objeto de estudo da ciência da linguagem humana não só é um desafio, como vimos, mas também a evidência da importância de levar a esse público pesquisas, descobertas e interesses da Linguística, de maneira acessível e não simplista, de modo a fazê-lo participar de e compartilhar um olhar mais crítico e mais consciente sobre fenômenos da linguagem.

Neste caso, até mesmo especialistas em outras áreas tem colaborado com a Divulgação Científica (DC) da Linguística, como o físico Pedro Emílio Niebrehr Loos, do canal “Ciência Todo Dia”, em pautas que abrangem sotaques, linguística histórica e psicolinguística. Outro eventual colaborador é o biólogo Átila Iamarino, do canal Nerdologia, em pautas diversas como línguas sinalizadas, aquisição de linguagem e teorias linguísticas do filme “A Chegada”. Esses canais têm conseguido uma considerável resposta do público leigo, porque adaptou uma linguagem especializada e seu conteúdo ao público não especialista.

Então, a partir de 2016, com a crise econômica e o fortalecimento do discurso neoliberal, que sucateia a Educação Pública, aproximar-se da população e explicar a importância da ciência brasileira tornou-se tarefas imperativas. Cientistas de todas as áreas (linguistas, inclusive) se viram obrigados a justificar a necessidade de seu financiamento e a relevância de sua área de estudos. Em 2019, com os sucessivos cortes de bolsas de pesquisa e o estrangulamento financeiro das entidades científicas e das Universidades Federais e Estaduais, e ainda, em 2020, com a crise do Corona vírus (COVID-19), esse movimento de aproximação da população passou de iniciativas individuais isoladas, geralmente projetos de extensão, para um movimento digital, mais coletivo e integrado, registrada no Apêndice E desta Tese.

Um exemplo relevante foi a Associação Brasileira de Linguísticas (Abralín), que promoveu entre maio e junho de 2020 o maior evento gratuito e aberto de sua história, o *Abralín ao vivo: Linguists Online*, com uma palestra inédita sobre Divulgação Científica da Linguística¹⁶⁵. Em dezembro do mesmo ano, novamente visando aproximar a comunidade de linguistas do grande público, promoveu sua 1ª conferência na plataforma *Twitter*, a *Linguistweets*, por meio de uma série de no máximo 6 tweets, apresentados durante um intervalo de tempo de 15 minutos.

¹⁶⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=OCyndOXL-e4&t=41s> Acesso em 28.05.2020.

Não obstante, em novembro de 2021, a Abralín criou uma Comissão Interna de Popularização da Linguística, que elegeu o tema da “Divulgação Científica” para o evento ABRALIN EM CENA 16, para destacar estratégias de diálogo com a população comum (não-especialista) sobre os temas da linguagem por meio de plataformas diversas¹⁶⁶, especialmente voltadas a popularização da linguística¹⁶⁷, *podcasts* de linguística¹⁶⁸, perfis de *Instagram*¹⁶⁹, canais de *Youtube*¹⁷⁰, Museu da Língua Portuguesa¹⁷¹, em iniciativas acadêmicas independentes¹⁷², ou em núcleos interdisciplinares¹⁷³, voltados a formação de professores¹⁷⁴ ou mesmo por iniciativas pessoais¹⁷⁵. Assim, a tendência de impulsionar a linguística para além dos limites da universidade tem ganhado força em eventos científicos¹⁷⁶ e não científicos¹⁷⁷, inclusive entre estudantes do Ensino Médio¹⁷⁸. Todavia, vale destacar que Olimpíada não foi incluída neste movimento, o que reforça nosso posicionamento sobre o desconhecimento desta iniciativa educacional mesmo entre os linguistas.

O movimento de Divulgação Científica (DC) da Linguística, que detalhamos no Apêndice E desta Tese, não trata simplesmente de falar sobre as línguas ou de divulgar uma área do conhecimento, mas é sobretudo a construção de imagem pública, uma manifestação política, uma intervenção no mundo simbólico em busca do reconhecimento do seu fazer acadêmico. A DC da Linguística, diferentes de outras disciplinas, ainda precisa comprovar na esfera pública sua existência e relevância. Dessa forma, registramos no Apêndice E o nosso levantamento de perfis nas principais redes sociais, sua época de surgimento e local de organização, a fim de subsidiar nossas conclusões sobre DC da Linguística no contexto brasileiro.

¹⁶⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=ILwmDoNKVqA&t=1678s> Acesso em 20.11.2021.

¹⁶⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=emQOJp43ezc&t=756s> Acesso em 20.11.2021.

¹⁶⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=ThVrOQKb5vs> Acesso em 20.11.2021.

¹⁶⁹ https://www.youtube.com/watch?v=p0fXqFp9_ZE Acesso em 20.11.2021.

¹⁷⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=eclbxcefBFY> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷¹ <https://www.youtube.com/watch?v=YMbEC2-Rve8> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷² <https://www.youtube.com/watch?v=pyFhz4O5qiM&t=537s> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷³ <https://www.youtube.com/watch?v=hISXL9O6b6g> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=0VD394IEwP4> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=My7McjX6FPI> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=WWJUuU5ennY> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=li3rQYGKt2w> Acesso em 20.11.2021.

¹⁷⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=u5qs2B7C14A&t=52s> Acesso em 20.11.2021.

Podemos, então, destacar quatro fatores que o movimento de DC da Ciência da Linguagem poderia se alinhar com as Olimpíadas de Linguística (OL). Primeiro, a ampliação das iniciativas de difusão científica demonstrou que uma boa comunicação de massa fortalece a Prática Social e dá suporte ao crescimento numérico. De acordo com o Apêndice E, entre 2011 e 2016, as iniciativas lançavam no máximo 2 perfis por ano, entretanto, a partir de 2016, com a necessidade de justificar sua existência diante da opinião pública, foram lançados no mínimo 4 perfis novos por ano, chegando a 10 apenas em 2019 e ultrapassando esse número em 2020. Da mesma forma, as OL de diversos países perceberam que divulgar suas atividades de maneira massiva proporciona uma significativa expansão, o que mais uma vez demonstra a importância da comunicação de massa.

Segundo, assim como aconteceu em muitas OL, a ampliação das iniciativas de popularização da Linguística trouxe uma maior representatividade feminina, inclusive em um perfil na rede social *Facebook* chamado *Mulheres na linguística* (cf. especificações no Apêndice E) para dar visibilidade a essa questão social. Apesar de não ser o nosso foco, a temática merece atenção e estudos mais aprofundados, pois, se na DC a equidade de gêneros melhorou, os autores e teóricos da Disciplina Linguística continuam sendo predominantemente masculinos.

Outro fator que melhorou com a popularização da Linguística foi a representatividade de localidades fora da exclusividade das grandes cidades, no caso brasileiro fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, consoante os dados do Apêndice E. Apesar das universidades do estado do Rio de Janeiro (UERJ e UFRJ) e do estado de São Paulo (USP e UNICAMP) somarem a maioria das iniciativas de DC, podemos ver este movimento tomando forma em vários outros estados como Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, entre outras iniciativas de professores e estudantes de instituições públicas de ensino. Assim como nas Olimpíadas de Linguística, a difusão da linguística tem maior suporte governamental do que na iniciativa privada.

Terceiro, tanto a Divulgação Científica (DC) quanto as Olimpíadas (OL) demonstram que é preciso conquistar um tipo de público que nem conhece disciplina Linguística, e isto deve acontecer para evitar as visões distorcidas potencialmente negativas sobre a área, conforme exemplos anteriores dessa seção. Enquanto a ciência da linguagem somente estiver presente nos debates públicos nos momentos de polêmicas, supostamente contrária ao “falar correto” entendido pela população

como instrumento de ascensão social, a linguística permanecerá com uma imagem equivocada de sua atuação, como podemos encontrar na opinião enviesada do jornalista João Gabriel de Lima¹⁷⁹, no texto “Falar e escrever, eis a questão”, publicado na Revista Veja em 7 de novembro de 2001:

(...) De acordo com essa tendência [linguística], o certo e o errado em português não são conceitos absolutos. Quem aponta incorreções na fala popular estaria, na verdade, solapando a inventividade e a autoestima das classes menos abastadas. Isso configuraria uma postura elitista. Trata-se de um raciocínio torto, baseado num esquerdismo de meia-pataca, que idealiza tudo o que é popular – inclusive a ignorância, como se ela fosse atributo, e não problema, do “povo”. O que esses acadêmicos preconizam é que os ignorantes continuem a sê-lo. Que percam oportunidades de emprego e a consequente chance de subir na vida por falar errado. (...).

Tanto a popularização científica da Linguística quanto as Olimpíadas de Linguística mostram à população que a linguagem é muito mais do que “o certo e o errado”, mas revela-se nos efeitos de sentido de uma reportagem, nas implicaturas de um discurso político, nas reflexões sobre a origem das expressões, nas mudanças necessárias para o ensino-aprendizagem de línguas etc. Uma boa formação linguística, seja na escola, seja na internet, mostra-nos que não faz sentido os cientistas desprezarem a língua real, que acontece naturalmente nas interações humanas e funciona com muito sucesso na comunicação diária.

Por fim, a quarto fator que aproxima a DC da Linguística e as OL é o compromisso em dosar a informação para que fique atrativa e, ao mesmo tempo, não incorrer em simplificações grosseiras de assuntos complexos. Ou seja, as duas atividades precisam ser responsáveis com o público, pois se constituem ferramentas com potencial para formar ou deformar. Sem uma curadoria rigorosa, alguns mitos sobre as línguas podem ser propagados por estes meios. Nas palavras de Aldo Bizzocchi, no texto “Mitos e verdades sobre a linguística – e os linguistas”, publicado no blog Diário de um linguista¹⁸⁰, em 26 de outubro de 2020:

(...) mesmo aqueles que têm alguma noção do que venha a ser a linguística revelam por vezes certas crenças equivocadas que lhes foram inculcadas ou por professores de português mal (in)formados ou por divulgadores da linguística pouco preparados (e, sim, há muitos divulgadores científicos na área da linguística, mas a maioria são estudantes de graduação ou pós-graduação, portanto profissionais ainda não totalmente formados, com pouca experiência profissional e sobretudo com pouca maturidade). Decorrência disso é que há muitos mitos cercando a nossa profissão.

¹⁷⁹ http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiropedagogico/publicacao/4703_veja.pdf 11.09.21.

¹⁸⁰ <https://diariodeumlinguista.com/2020/10/26/mitos-e-verdades-sobre-a-linguistica-e-os-linguistas/>

Desta forma, a Linguística que NÃO nos faz falhar é uma tendência que se revela ao público mais recentemente e começa a ganhar espaço no debate público sobre as línguas. O movimento de DC está alinhado ao movimento descrito na Prática Social das OL, pois ambos visam atrair um amplo público que, às vezes, até desconhece a sua existência. Quanto mais estudantes e o público em geral conhecerem a Linguística como disciplina científica, mais a área tende a ser valorizada e respeitada em suas avaliações, especialmente no combate ao preconceito linguístico e na captação de jovens talentos (*mindhunter*) que atuem na resolução de problemas práticos que envolvam a linguagem.

Por essa razão, um grupo crescente de linguistas (cf. Apêndice E) está cada vez mais convencido de que é preciso alcançar o público leigo, e fornecer-lhes um mínimo de formação científica sobre a linguagem, ultrapassando a dicotomia “certo/errado” que em nada revela a riqueza dos usos e complexidades dos idiomas do mundo. Como vimos, existem muitas formas, plataformas e possibilidades de atuação na Divulgação Científica e as OL podem se constituir uma estratégia para promover uma “alfabetização linguística” focada no ensino secundário. Tornar a Ciência da Linguagem mais conhecida na escola contribuirá para aumentar a valorização do papel do linguista na sociedade, evitando polêmicas e visões distorcidas sobre sua atuação profissional.

A Linguística que NÃO nos faz falhar é responsiva e responsável. Ela corresponde aos anseios e preocupações da sociedade, não apenas no ensino/aprendizagem de línguas, mas atingindo diversas áreas de interface, da tecnologia à filosofia da linguagem. Esta “nova” Linguística adquire relevância social e uma representação positiva diante da população que passa a conhecê-la melhor por meio de iniciativas comprometidas a divulgação do conhecimento. Esta Linguística é ciente de sua responsabilidade na alfabetização científica e na construção de um futuro democrático por meio do domínio da linguagem e de suas estratégias comunicativas.

A Olimpíada de Linguística pode contribuir para tornar a disciplina mais conhecida e, *a contrario sensu*, pode se beneficiar da valorização da Ciência da Linguagem. Dessa forma, a Prática Social das OL se retroalimenta da área de estudos homônima, ao mesmo tempo que a fortalece, com a ampliação de um público interessado e mais jovem, que passa a considerar essa opção de carreira. O mútuo impulsionamento sempre foi um objetivo das OL desde a original em Moscou.

3.5 O muro do mosaico: tijolos-martelos-efeitos

A epígrafe deste trabalho traz as canções *The Happiest Days Of Our Lives* (Os Dias Mais Felizes de Nossas Vidas) e *Another Brick In The Wall part II* (Mais Um Tijolo No Muro parte II), da banda britânica *Pink Floyd*, no álbum chamado *The Wall* (A Parede), lançado em 30 de novembro de 1979. Este álbum e o filme produzido em 1982, sob direção do diretor britânico *Alan Parker*, tornaram-se um manifesto contra a escola tradicional das décadas de 40 a 70, que almejava padronizar a educação, subjugando as vontades e conhecimentos prévios dos estudantes e até suas próprias identidades ou personalidades. A falta de liberdade educacional, retratada na música e na produção cinematográfica, encaminha os alunos à escola como se fossem “produtos” feitos em série numa linha de montagem¹⁸¹.

Os conceitos educacionais condenados na música e no audiovisual são exatamente os que as Olimpíadas de Linguística (OL) pretendem combater em sua concepção pedagógica, a saber: o autoritarismo; a opressão, a subjugação do estudante, o castigo físico e psicológico; a ausência da afetividade; a concepção de discente como “uma folha em branco”; a padronização da educação, a assimilação repetitiva e mecânica; a extinção da criatividade etc.

A alegoria exposta na canção, “mais um tijolo no muro”, isto é, de singularidades construindo uma coletividade, pode revelar-se eufórica (positiva) ou disfórica (negativa) a depender do seu processo de construção. O mesmo tijolo que é usado na edificação de um ideal, uma moradia ou uma empresa, também é utilizado na construção de um obstáculo, uma muralha ou uma prisão, para inibir a circulação de pessoas em uma área restrita. Os martelos são símbolos importantes na relação com o muro, porque ao mesmo tempo podem ajudar a ornamentar agregando objetos na parede, também pode depredar e até demolir toda a estrutura. A mesma ferramenta que constrói uma casa tem o poder de derrubá-la a depender do manuseio de seu possuidor. Nessa alegoria, o profissional de ensino pode assumir papéis múltiplos (eufóricos ou disfóricos), pois na mesma medida que um professor ditatorial prejudica seus estudantes, a inexistência ou ineficiência de um docente os prejudicam também, de outra forma. É apenas aquele educador que desempenha bem o seu trabalho que contribui para uma educação de qualidade.

¹⁸¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mP-ZAgsMAkE> Acesso em 14.09.2020.

Nas OL, o professor deve ser o oposto daquele descrito nas canções da epígrafe, não pode ser autoritário, nem agressivo, nem sarcástico. Ao contrário, o docente deve criar um clima de liberdade na sala de aula, em que o interesse pelo conteúdo nasce por meio do desafio e do aprimoramento pessoal. O educador deve ser confiante na capacidade dos estudantes solucionarem os Problemas Linguísticos Autossuficientes e os encoraja com atitudes positivas. O resultado é que a resposta a conquista gera alegria, satisfação e realização para os docentes e discentes.

Nesta concepção, os professores têm a liberdade de serem autênticos, pois não precisam ostentar a postura de “detentores infalíveis do conhecimento”, ou seja, eles podem mostrar-se pessoas reais, com pontos fortes e dificuldades, realizações e frustrações. Assim, os docentes também podem desenvolver a empatia para entender os altos e baixos, desejos e medos, motivações e problemas dos alunos.

Além desta mudança de mentalidade, as OL têm muito a contribuir com a formação de professores. Como já mostramos anteriormente, o movimento para “pensar linguisticamente” está longe de ser um tema inédito, tanto no Brasil quanto em outros países. Entretanto, apesar de demandar poucos recursos financeiros ou tecnológicos, refletir sobre uma língua não é uma tarefa corriqueira em todas as salas de aula de ensino de idiomas. Raciocinar cientificamente exige, sobretudo, abandonar a postura normativa e os mitos, incluindo na prática pedagógica os falares não-padrão, estigmatizados e/ou desprestigiados, uma postura linguística.

Uma aula pautada nesta visão não deve imaginar como um idioma deveria ser, mas analisá-lo como é, como se apresenta e suas características reais de funcionamento nas interações. É preciso rechaçar qualquer preconceito linguístico sobre “línguas menos evoluídas”, “menos lógicas”, “menos bonitas”, “menos fáceis”, “melhores ou piores”, enfim, categorizações não científicas entre línguas, entendendo que elas são estruturas altamente complexas e sofisticadas de organização da cognição humana e de expressão de subjetividades individuais e coletivas, que expressam a cultura de um povo em uma determinada época.

O processo de resolução de um Problema Linguístico é, por sua natureza, um processo autônomo, apesar disso, a presença do professor pode ter um impacto positivo em vários sentidos. Primeiro, para auxiliar os alunos na escolha de um Problema de nível adequado, pois o ideal é que não seja nem muito fácil nem muito difícil para o nível em que o estudante se encontra. É muito importante atentar para o conhecimento que os discentes já têm, as habilidades cognitivas que já dominam e

o quanto ainda esses fatores podem ser desenvolvidos e aprimorados. Segundo, para reforçar a perseverança e a resiliência, pois uma parcela dos estudantes desiste antes mesmo de começar a tentar, ou após terem ficado presos em algum ponto intermediário. É fundamental saber que todos os desafios oferecidos podem ser resolvidos por qualquer pessoa, mesmo sem estudos especializados, isso estimula a autoconfiança e a paciência. Por fim, o docente pode indicar possibilidades de aprofundamento dos temas e assuntos, não porque é um conteúdo obrigatório ou porque é avaliativo, “vale nota”, mas por puro interesse dos alunos, pela descoberta do conhecimento que chamou a atenção.

O professor inserido nas OL terá sua prática pedagógica ampliada para que possa auxiliar os estudantes a observarem, interpretarem e refletirem sobre a gramática de um idioma desconhecido. O docente deve evitar a postura normativa ou a atitude de “dar a resposta” final/pronta, ao contrário, este profissional deve ser mais flexível com suas aulas, mais paciente com o desenvolvimento paulatino das habilidades de cada turma, e ainda, ser mais comprometido com as mudanças do próprio sistema educacional. Na alegoria proposta, apenas um tijolo que altera sua posição já modifica o formato da parede. Se muitos tijolos de educadores se alinharem nesta mudança, certamente o muro educacional será drasticamente diferente. Nas palavras de Pires de Oliveira & Quarezemim (2016: 45):

O linguista é um cientista da língua; ele observa a variedade no mundo e depois procura explicar esta variedade. Um botânico olha as diferentes sementes, descreve cada uma delas, compara para procurar compreendê-las. É completamente sem sentido afirmar que uma delas está errada. Imagine um biólogo, que esteja diante de dois sapos, mas decida que só um é um animal de verdade, que merece ser estudado, porque o outro é muito feio, é errado... Perceba que isso não faz sentido. O físico não pode entender que é errado a maçã cair, que ela deveria ficar na árvore. Não damos ordens para a natureza. Você pode até ter achado a situação engraçada, mas o fato é que, com as diferentes gramáticas (que possuem diferentes regras de concordância), temos exatamente a mesma situação: o linguista olha para os dois objetos, duas gramáticas, e elas são ambas igualmente legítimas, merecedoras de estudo e não são/estão certas ou erradas, bonitas ou feias. Quando alguém diz que certa fala (gramática) é errada, é um claro e triste sintoma de que ainda não temos uma imagem científica da língua, porque é uma visão preconceituosa.

A base do processo educacional é semelhante para a maioria das olimpíadas: elas se baseiam na vontade do aluno de vencer desafios, o que o motiva a estudar. Nas provas das Olimpíadas de Linguística encontram-se várias lógicas utilizadas nas línguas, umas mais simples e outras mais complexas, que visam estimular os

estudantes para uma descoberta pessoal e o desenvolvimento de um raciocínio mais sistemático e apurado.

Como dissemos, o aprendizado em qualquer OL não começa por um detalhamento teórico, mas pelo fascínio no desafio posto por uma situação nova, enigmática, de conclusão desconhecida. A Olimpíada de Linguística não é um dispositivo de divulgação de um conhecimento fixo e estabelecido, um conteúdo programático (*syllabus*) a ser verificado, e nem um item de treinamento técnico para verificar um tipo de operação, mas é, um programa para expansão de horizontes, que visa promover uma abertura de visão sobre as línguas do mundo oferecendo aos alunos a possibilidade de descobrir algo de um jeito inovador. Esta é uma jornada autogerida, que elenca habilidades, ferramentas, teorias ou materiais que considere úteis para solucionar o desafio. Nesse sentido, descrever línguas variadas é um dos melhores caminhos para desenvolver o fascínio pela pluralidade de formas de pensamento, para revelar o que é comum nas línguas, mas que não pode ter a sua riqueza menosprezada. De acordo com O'Neil (2010: 32),

expandir o conjunto de línguas além da materna atinge de uma forma interessante uma nova direção. No passado, argumentamos que a investigação em suas próprias línguas é a melhor maneira de apresentar aos alunos a linguística formal, para trabalhar com a linguagem que se tem conhecimento, isso permite que o estudante se mova livremente além dos dados apresentados a fim de desencadear uma explicação do fenômeno, para encontrar exemplos em apoio de hipóteses e contra-exemplos em desconformação deles, levando à reformulação de uma hipótese. Mas mesmo que essa vantagem seja perdida ao trabalhar com um idioma que os estudantes não conhecem, eles logo trazem para outras línguas, a partir da compreensão de sua própria, um crescente sentido de como a linguagem funciona, portanto, do que pode ser possível ou impossível em um próximo idioma. As variáveis em jogo na estrutura da linguagem, sua fonologia, sua morfologia e sua sintaxe, começam a emergir como um pequeno conjunto universal. (Tradução nossa).

Ao contrário de um currículo escolar fixo, caracterizado por uma sequência de conteúdos e habilidades, em que a aprendizagem de um item é pré-requisito para acesso a outro item posterior, e assim sucessivamente, nas OL não há uma linearidade de conhecimentos, mas o desenvolvimento de um raciocínio lógico que independe dos conteúdos historicamente legitimados. Nesses termos, a epistemologia (modos de pensar para produzir sentidos e saberes) depende de uma ontologia (modos de ser sendo) que aceite a diversidade de caminhos para o aprendizado. Surge, assim, um tipo de raciocínio paralelo aos conhecimentos hegemônicos, que instaura o autogerenciamento no aprendizado em uma OL.

Nos países que desenvolveram uma OL, podemos observar que a produção de saberes segue, inicialmente, o *establishment* e o interesse local dos estudos linguísticos, todavia, ao mesmo tempo, as OL abrem espaço para novas experiências pedagógicas, instaurando um *lócus* de interação entre escolas e universidades. Isso porque, apesar de todas as OL se basearem no gênero Problema Linguístico Autossuficiente, com maior ou menor grau de adaptação local, as OL têm sua organização descentralizada em cada país, isto é, **não** há um controle sobre os temas, advindo de fontes legitimadas (geralmente coloniais eurocêntricas), impondo certos valores ou princípios. Essa característica das OL oportuniza cada uma a construir sua própria heterogeneidade e complexidade transcultural, por exemplo, ao reconhecer e valorizar a forte influência da cultura indígena e africana na língua portuguesa do Brasil, o que não é feito nos conhecimentos hegemônicos consagrados, ressignificando as Práticas Sociais escolares tradicionais, que não tem espaço para mudança. Em outras palavras:

A compreensão do trabalho das línguas/linguagens se tornou uma exigência na sociedade de aprendizagens, o que favorece outras alterações e reflexões devido ao fato dela ser interpelada pelas novas mídias. Pautamos na visão de que a língua/linguagem não é uma substância, uma essência que acumula e se universaliza na história. Ao contrário, a língua/linguagem é um sistema de significados de performatividade (Pennycook, 2010), que são processos em arenas de negociações situadas. Tais processos não vêm de origens definidas nem convergem para destinos certos. No cenário da globalização e das tecnologias de informação e comunicação, a sociedade se encontra em mudanças impactantes, aceleradas e irreversíveis nas ações das pessoas. O caráter performativo abre-se para relações significativas entre língua/linguagem e identidade com forças produtivas que marcam diferenças culturais. É por meio de performatividade pluralizada que os discursos e os sujeitos deles são construídos permanentemente (TAKAKI, 2016: 437)¹⁸².

Abrir espaço para conhecimentos não hegemônicos tem implicações sociais, educacionais, políticas, econômicas e culturais, podendo representar uma oportunidade para os estudantes expandirem seus horizontes e modificarem suas crenças sobre outros povos e grupos humanos, considerando que a maioria dos alunos advém de contextos em que a escola assimilou acriticamente ideologias de cunho neoliberal para manter o *status quo* das instituições e grupos mantenedores de poder. Ao contrário de buscar uma rebelião contra os grupos dominantes, esse paradigma educacional visa a conscientizar e a transformar o raciocínio de todos os grupos sociais, dominantes e vulneráveis, visando melhorar a vida desses últimos.

¹⁸² Em <https://www.scielo.br/j/tla/a/sfhCskbrBMQhXr8M6x9gcRv/?lang=pt> Acesso em 20.09.2020.

O interesse sobre línguas é uma característica natural da humanidade. Por isso, as escolas deveriam aproveitar para introduzir o aluno ao estudo científico dos idiomas: identificando problemas, coletando e analisando dados, formulando hipóteses testáveis e avaliando-as procurando contraexemplos e revisando ou rejeitando hipóteses com base em evidências. As questões que surgem na investigação linguística representam uma forma fecunda de induzir os estudantes ao “desejo de saber” e, assim, de introduzi-los na investigação científica da linguagem.

É com base no interesse sobre a linguagem que as OL pretendem ser um simulacro do fazer científico da Linguística, mostrando que mesmo as línguas desconhecidas podem ser analisadas adotando-se procedimentos científicos sobre o idioma investigado. Diante dos dados, é preciso transformar o *input* em reflexão sobre a estrutura linguística, sobre a cognição humana e até mesmo sobre a organização da sociedade. Pires de Oliveira & Quarezemim (2016: 18-19) dizem:

[É preciso conceber] projetos de ensino de Ciências utilizando a Linguística como porta de entrada. O aluno aprende a construir hipóteses científicas enquanto constrói uma gramática. O laboratório do linguista é a céu aberto. É muito barato, basta ter o professor e os alunos dispostos a enfrentar o desafio de explicar a natureza de sua língua. Despertar no aluno o espírito curioso que vai atrás de evidências e pistas. Estas experiências apontaram para uma relação positiva entre o aluno construir hipóteses sobre uma língua e ter um desempenho melhor na língua escrita, além de ter um efeito positivo no ensino de ciências e de matemática. O professor de língua pode, com o auxílio da Linguística, promover interações temáticas entre várias matérias, ensinando o raciocínio científico, estabelecendo relações com a História, a Biologia e a Matemática, por exemplo. Construir gramáticas é construir uma teoria de explicação para a língua escolhida como língua objeto, que será estudada usando os mesmos princípios de formulação de hipóteses e sua verificação que aparece nas outras ciências.

Ao contrário das aulas centradas no aspecto normativo, as OL **não** priorizam a classificação ou a memorização, mas privilegiam o raciocínio e a compreensão sobre categorias gramaticais efetivamente utilizadas nos *corpora* em análise, isto é, nas OL não se pretende encontrar ou classificar um determinado tipo de morfema, por exemplo, mas se quer observar, descrever e explicar seus efeitos em situações de comunicação. O objetivo é conduzir o participante a **não** ser um “consumidor de teoria” e/ou um “aplicador de regras”, mas a apreender o funcionamento de um sistema linguístico, ou parte dele, sem a necessidade de uma teoria explícita sobre as línguas naturais.

No Brasil, historicamente, a classificação gramatical tem papel de destaque nas aulas sobre a linguagem no Ensino Fundamental e Médio. É comum encontrar

professores que reproduzem acriticamente os conceitos da gramática normativa ou de um livro didático, não questionando as incoerências presentes nas normas, como o sujeito ser classificado de termo essencial da oração e em seguida mostrar uma oração sem sujeito; ou como o sujeito ser classificado como “aquele que faz a ação” sem considerar o “sujeito paciente”; ou ainda sem questionar a diferenciação entre substantivo e adjetivo que não se sustenta na gramática normativa. Sob outro aspecto, também pouco se questiona a validade de uma “regra” que determina que “não se pode começar uma sentença com o uso de um pronome oblíquo átono”, a próclise, se o falante realiza esta estrutura linguística diariamente, em frases reais, como “me passa o sal” ou “te liguei o dia todo ontem”. Assim, a escola brasileira pouco questiona as incoerências das classificações gramaticais, muito diferente das suas interações observáveis na fala cotidiana.

É preciso reconhecer que a reflexão linguística é também uma manifestação política, porque ao se escolher uma manifestação de linguagem (uma variante linguística da periferia de uma grande cidade, por exemplo), também se faz uma escolha de visibilidade e reconhecimento da cultura daquele grupo social. Quando um professor decide contrastar em sala de aula a variedade padrão e não-padrão, este é um ato com implicações ideológicas e efeitos de sentido perceptíveis na sua turma, nas famílias ali representadas e, potencialmente, em parte da comunidade local. Este é o início da desconstrução dos paradigmas escolares que convenceram os alunos brasileiros de que, apesar de serem falantes natos de português, não dominam sua própria língua nativa, sobretudo em comunidades que falam variantes sem prestígio social. Os discentes passam a entender que, cientificamente, não existem línguas melhores ou piores, certas ou erradas, bonitas ou feias.

Em uma concepção educacional tradicional (fortemente questionada desde 1996), as aulas de línguas apresentam um conjunto de regras inquestionáveis, que em seguida deve ser aplicada em uma lista de exercícios do livro didático para verificação da aprendizagem. Os estudantes, muitas vezes sem compreender o funcionamento do sistema linguístico, acabam por tentar memorizar as regras para fins avaliativos, o que torna esta forma de aprendizado não significativa e não reflexiva. *A contrario sensu*, o raciocínio desenvolvido pelas OL parte de um *corpus* linguístico preparado para que o discente compreenda e reflita sem que sejam necessárias informações adicionais sobre o assunto. Esse percurso favorece o autodescobrimento e o desafio intelectual aos participantes do evento.

Partindo da capacidade que todos os seres humanos têm de aprender um idioma, falar e compreender um sistema linguístico, as OL se mostram um relevante instrumento para modificar o ensino de línguas, tanto materna como adicional (estrangeira), uma vez que altera a lógica de sala de aula de conceituação-aplicação para observação-teorização, promovendo a reflexão de uma forma lúdica e o aprendizado de uma forma natural, sem recorrer à memorização, mas fazendo uso do raciocínio na resolução dos Problemas. Ainda nas palavras de Pires de Oliveira & Quarezemim (2016: 84), sobre esta metodologia de aprendizagem:

Simplemente não faz sentido dizer que a ciência não é interessante! É muito interessante! Pensar sobre matemática, as línguas, o humano, a natureza, é super interessante! Se a escola não consegue mostrar isso, então é preciso mudar a escola urgentemente. As línguas naturais são muito instigantes. Nossa proposta é que as aulas de línguas sejam investigativas em primeiro lugar, que o aluno seja o detetive, que ele se aventure a construir gramáticas. A investigação linguística baseia-se nos dados de fala e na intuição que o falante tem sobre a língua (i.e., má formação de sentenças e não aceitabilidade, p. ex.), e a sua metodologia é aquela das outras ciências empíricas: formulação de hipóteses a partir de dados, teste de hipóteses, reformulação de hipóteses e assim por diante. Os dados linguísticos e a intuição sobre eles estão garantidos. Por isso a linguística tem seu laboratório a céu aberto, basta escutar com atenção. Esta proposta foi desenvolvida em comunidades indígenas da Austrália, em comunidades indígenas dos Estados Unidos e em comunidades carentes na América Central precisamente porque não precisamos de balanças, ou medidores, ou aceleradores de partículas.

Em consonância com as conclusões de Honda & O'Neil (1993) sobre as escolas estadunidenses, algumas unidades educacionais brasileiras também reprimem a capacidade reflexiva dos estudantes priorizando a memorização de “regras do falar e escrever correto” ao invés do julgamento de (a)gramaticalidade e interpretações de sentenças, tratando a língua de maneira anticientífica e acrítica, centrando sua ênfase na dicotomia certo/errado, desconsiderando a riqueza da investigação científica que se poderia fazer com a língua. Em outras palavras, também algumas de nossas escolas silenciam as vozes dos alunos, ao focalizar categorizações acríticas e criar armadilhas avaliativas. Infelizmente, algumas escolas brasileiras ignoram o fato de que as línguas são excelentes oportunidades de ensino do método de investigação científica. É preciso levar os falantes de um idioma ao entendimento de que gramáticas **não** são livros de regras memorizáveis, mas são, na verdade, a organização e o funcionamento de uma língua, sendo assim um conhecimento facilmente acessível ao usuário, passível de descrição pelo falante nativo e até estrangeiro, e não restrito a teóricos/gramáticos consagrados.

O tópico classes gramaticais faz parte do conteúdo programático do Ensino Fundamental. A prática comum é esta: o professor fornece as definições que estão nas gramáticas normativas que, em geral, são aquelas que estão no livro didático e pede para o aluno achar no texto exemplos das diferentes classes de palavra. Não há qualquer preocupação em parar e se perguntar sobre o que é uma classe gramatical, para que ela serve, será que o que temos nas gramáticas tradicionais é o melhor modo de distinguirmos as classes de palavra no Português Brasileiro? Há uma classe de interjeição? E advérbio? Faz sentido agrupar elementos tão diferentes numa classe chamada "pronomes" (pessoais, interrogativos, demonstrativos...)? O texto vai ajudar a entender o que são as classes de palavras? E as classes de palavras vão se mostrar necessárias para que o aluno compreenda o texto? Há, enfim, várias questões aqui. Um movimento possível, que entendemos que não vale a pena, é tirar a questão das classes gramaticais da escola. Por que não usar essa discussão para mostrar como classificamos as coisas no mundo, como construímos classificações para estudar algo ou para falar sobre algo. Somos seres que classificam as coisas (...). Nada disso aparece nas aulas de português. O que aparece é a gramática já pronta. Nesse modo de ensinar o aluno não é ativo; não é ele quem constrói a gramática. Ele recebe uma gramática pronta e precisa aplicar como a gramática diz que deve ser. O que estamos sugerindo é que o aluno construa o conceito de classes de palavras. No limite, ele pode chegar a algo totalmente diferente do que temos nas gramáticas tradicionais - na semântica atual não temos propriamente classes de palavras, temos três tipos de objetos semânticos: predicados, argumentos e operadores. Isso permitirá ao professor comparar "teorias" e talvez concluir que a proposta do aluno é melhor. (PIRES DE OLIVEIRA & QUAREZEMIM, 2016: 106-107).

De forma geral, as OL pretendem ampliar o modo como as sociedades entendem e se relacionam com as línguas e as variedades em seu território ou comunidade. Muitos eventos nacionais optam por refletir sobre dialetos e variedades minoritárias em contraste com os idiomas oficiais, o que é mais difícil num ambiente internacional. Entretanto, seja qual for a amplitude da Olimpíada, a proposta sempre se concentra em construir gramáticas, analisando o funcionamento de determinado aspecto linguístico com um olhar científico, rejeitando o normativismo. Sobre esta metodologia de aula, Honda, O'Neil & Pippin (2010: 176) refletem que:

Frequentemente, nas escolas norte-americanas, os alunos são apresentados à ciência onde faltam conhecimentos específicos do domínio e/ou onde os problemas da ciência parecem bastante pacificados do ponto de vista do senso comum. Em tais situações, muito pouca investigação pode ser motivada conceitualmente de uma forma acessível ou de uma maneira significativa. Em contraste, examinando seus próprios (e de outros) conhecimentos de linguagem, os alunos do ensino fundamental em diante podem muito rapidamente descobrir alguns problemas intrigantes, para não mencionar surpresas (...). Da nossa perspectiva, a sala de aula de língua materna [inglês] é um laboratório subutilizado para a investigação científica séria, onde os estudantes podem desfrutar do desafio de formular e testar hipóteses sobre a linguagem e, por sua vez, colocar questões que pedem aos professores que aprendam mais sobre as teorias da linguagem e como as crianças pensam e aprendem. (...) O estudo de língua materna e de outras línguas em geral não está tradicionalmente associado a investigação e explicação dos dados, mas acreditamos que o estudo científico da linguagem tem um lugar importante nas escolas, seja nas aulas de ciências, de estudos sociais, ou de línguas. (Tradução nossa).

Como temos defendido, há diversos modos de olhar para o muro das Olimpíadas de Conhecimento, pontos de vista em um *continuum* que vai do aspecto mais concreto ao mais abstrato, do individual ao coletivo, do econômico ao cultural, destacando características favoráveis e desfavoráveis a determinados grupos sociais. Em geral, pessoas envolvidas nos eventos tendem a enfatizar os efeitos positivos das competições acadêmicas, como escreveu Ivan Tadeu Ferreira Antunes Filho, medalhista de diversas Olimpíadas Científicas, ao justificar dez razões por que participar destas competições intelectuais¹⁸³:

1. As Olimpíadas são desafiadoras. Não adianta negar: desafios são divertidos. Lembra um jogo que você jogou muitas e muitas vezes tentando passar de uma determinada fase? Se ele fosse muito fácil, você não teria gostado tanto dele e provavelmente sequer se lembraria dele.
2. As Olimpíadas são uma oportunidade de você se aprofundar em uma matéria que você se interesse. Gosta de fazer contas, treinar o raciocínio e de Matemática? Gosta de computadores e gostaria de aprender mais sobre programação? De entender como “funciona” vida, como são os seres vivos e como é o seu corpo? Do mundo invisível dos átomos e de como eles se organizam para formar tudo o que vemos ao nosso redor? De saber as características dos lugares e do que está acontecendo em nosso planeta? De saber a história de nosso país? Gostaria de tentar construir um robô? De como funcionam as leis da Física, que regem todo o nosso universo? Por que não se aprofundar nessa matéria e fazer uma prova sobre apenas essa matéria que você gosta?
3. Bolsas de Estudo. Quer ganhar uma bolsa de estudo em algum colégio particular? Diversos colégios oferecem bolsas que variam de 40% a 100% para alunos premiados em olimpíadas, o que pode significar uma economia de até cerca de R\$1.700,00 mensais em determinados colégios da capital paulista.
4. Abrem portas. Nessas competições vocês podem conhecer professores das principais universidades do país, destaques em competições internacionais, diretores de colégios que são destaques no Brasil etc. São muitas as oportunidades que você irá ter.
5. Faculdades no Exterior. Já pensou em estudar em Harvard, Oxford, Princeton, MIT, Cambridge, etc.? As suas chances de ser aceito aumentam em muito se você for premiado em uma olimpíada internacional, indo representar o Brasil no exterior, e até mesmo, sendo um dos destaques nas competições brasileiras.
6. Currículo. Sempre é bom ter um bom currículo, nunca se sabe quando você pode precisar, e essas competições melhoram e muito o seu currículo escolar.
7. Amizades. Nessas competições você sempre conhece muitas pessoas novas e faz vários amigos.
8. Te diferenciam. Quantas pessoas você conhece que participam de olimpíadas científicas? Podem até ser muitas, mas com certeza são menos do que a quantidade de pessoas que você conhece que não participam.
9. Treinamento para o Vestibular. Ao realizar estas provas você inevitavelmente está se preparando para um vestibular, pois elas possuem nível semelhante, quando não superiores, as dos principais vestibulares brasileiros.

¹⁸³ Em <https://olimpiadascientificas.org/olimpiadas/por-que-participar/> Acesso em 16.09.2020.

10. Melhoram o seu rendimento escolar. Estudar para elas é igual se preparar para correr uma maratona: quando você se prepara para correr uma maratona, uma corrida de 1,5 km não será nenhum desafio para você, e o mesmo acontecerá com essas matérias na sala de aula.

Desde as primeiras razões, percebe-se uma alternância entre motivos de interesse e aprimoramento pessoais ou vantagens para a carreira profissional, justificativas que ultrapassam o próprio escopo evento, vindo a influenciar questões sociais mais amplas como temos levantado ao longo deste capítulo. As OL têm o potencial de superar algumas barreiras geográficas e sociais, o que nem sempre se concretiza em sua realização. O impacto educacional das Olimpíadas realmente se efetiva à medida que o evento começa realizar cursos e a produzir materiais didáticos impulsionadores do ciclo da Prática Social da Figura 8. Tais conteúdos instrucionais são mais comuns em olimpíadas maiores e mais tradicionais como a OBA, a OBM e a OBMEP, e aproximam o ensino e/ou divulgação científica os pesquisadores palestrantes nos cursos e elaboradores dos materiais didáticos.

Internacionalmente, a Olimpíada de Linguística do Reino Unido (UKLO) é o evento que mais relata seu sucesso na área educacional. Conforme o sítio eletrônico¹⁸⁴, participam da UKLO milhares de crianças que resolvem os Problemas Linguísticos Autossuficientes em duas ou três horas, analisando os padrões em uma pequena quantidade de dados linguísticos e descobrindo como o sistema subjacente funciona. O comitê organizador da UKLO registra na internet possíveis efeitos positivos na educação geral, a saber:

- Incentiva os estudantes a se concentrarem nos padrões e estruturas formais da linguagem, uma habilidade importante no desenvolvimento de idiomas nativos e estrangeiros;
- Ajuda os estudantes a aplicar ao idioma as habilidades analíticas formais mais típicas da matemática;
- Permite que os estudantes desenvolvam sua compreensão de como sua língua materna funciona na aprendizagem de uma língua estrangeira;
- Permite que meninos e meninas desenvolvam seus diferentes pontos fortes, um em análise formal e outro em idiomas;
- Permite que até alunos do ensino fundamental desenvolvam habilidades analíticas;
- Envolve atividades intelectuais que, de outra forma, poderiam ser menos comuns nas escolas públicas e em algumas escolas particulares;
- Combate a falta de conhecimento sobre o idioma nos professores e, principalmente, em futuros professores, sobre tópicos que não aprenderam nem na escola nem na universidade;
- Combate a falta de uma avaliação específica sobre o conhecimento linguísticos, que nunca é testado por si só;

¹⁸⁴ Disponível em: <https://www.uklo.org/about/educational-rationale> Acesso em 18.09.2020.

- Combate a falta de continuidade no conhecimento sobre a linguagem, incluindo continuidade de terminologia; alguns professores certamente ensinam gramática, mas não há continuidade de ano para ano que consolidaria conceitos e terminologia. (Tradução nossa).

Todavia, alguns pesquisadores discordam da eficácia educacional das OL argumentando que os eventos sociais não se adequam a uma formação cidadã, porque em suas visões, esses eventos supostamente incentivam concepções educacionais indesejáveis, meramente comerciais, além de fomentar atitudes individualistas e competitivas, ou ainda, de (re)produzir na sociedade os ideais neoliberais, sem refletir sobre as reais condições da educação nacional.

Campagnolo (2011: 28) critica que os prêmios, as medalhas, as bolsas de estudos no país, as oportunidades de cursar uma universidade renomada no exterior, dentre outros benefícios já mencionados podem se configurar como um mecanismo behaviorista de estímulo-resposta, uma motivação externa não relacionada a busca do conhecimento em si, mas fruto de um treinamento exaustivo para um fim prático. Além disso, a promoção comercial da escola bem classificada também é um apelo de marketing, para a instituição promover sua imagem por meio de propagandas a mais alunos e, desta forma, aumentar seus ganhos. Algumas escolas se destacam em oferecer suporte financeiro, bolsas integrais, moradia estudantil e ajuda de custo para trazer estudantes de outros estados da Federação a fim de compartilhar o sucesso alcançado pelo estudante e capitalizar ainda mais matrículas, como os Colégios Ari de Sá¹⁸⁵ (Fortaleza) e Etapa¹⁸⁶ (São Paulo).

Segundo a visão de Jafelice (2005), as olimpíadas de conhecimento possuem uma base capitalista neoliberal, mercadológica, que esconde uma lógica financeira no ranqueamento excludente, resultando em efeitos negativos na educação, como o incentivo à rivalidade entre discentes, entre famílias, entre escolas, e até entre cidades e países. Naturalmente, estudantes e instituições com mais recursos investidos tendem a conseguir melhores resultados, como já apontamos também em nossa análise. Então, para Jafelice (2005), mesmo que despertem o interesse pela ciência, as exclusões sociais advindas desses eventos seriam grandes demais. As competições no ensino deveriam ser substituídas por métodos mais democráticos e inclusivos, que favoreçam a cooperatividade, combatendo o individualismo, evitando o abalo na autoestima e no interesse dos que não tiveram sucesso nas atividades.

¹⁸⁵ <https://servicos.aridesa.com.br/grandesconquistas/> Acesso em 20.09.2020.

¹⁸⁶ <https://www.colegioetapa.com.br/portal/resultados/olimpiadas-cientificas> Acesso em 20.09.2020.

Entretanto, o próprio formato e o regulamento da Olimpíada podem minimizar o comportamento competitivo das escolas que incentivam a simples busca da premiação e a rivalidade entre os estudantes. Por exemplo, a Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB) dificulta a prática mais competitiva dos colégios porque é completamente executada em grupos com diferentes classes. A Coordenadora da ONHB, Cristina Meneguello, em entrevista¹⁸⁷ ao jornal de divulgação científica ComCiência, em 10 de outubro de 2015, afirmou sobre esta questão:

A olimpíada não é uma prova, é um processo de aprendizagem porque não se mede o quanto a pessoa sabe, e sim o quanto ela consegue aprender naquele prazo, sendo bastante democrática. (...) Discordo completamente de que as olimpíadas possam gerar exclusão ou qualquer malefício no sistema de aprendizagem. Observamos que as críticas vêm de pessoas de dentro da academia que só falam teoricamente do ensino básico e, geralmente, não entendem o que são as olimpíadas e nem os seus benefícios. Diversos trabalhos apresentados em eventos que participamos comprovam que, mais do que o trabalho durante a sala de aula, deve-se incentivar o que o aluno vai fazer depois ou antes, como o clube de astronomia, uma visita ao museu ou mostra científica. Porque é no ensino paralelo que o estudante realmente desabrocha. Ser contra esse ensino extraclasse é estar desatualizado no que há de mais importante no ensino e aprendizagem. (...) o erro é a escola querer usar as olimpíadas como moeda de troca. Pensando nisso, na final distribuímos medalhas de ouro para 15 equipes, prata para 25 equipes e bronze para 35 equipes, assim, ninguém consegue falar “Eu sou a medalha de ouro da Olimpíada de História”. Temos a classificação, mas não a divulgamos.

Outro problema social com múltiplas causas envolvidas é a diferença entre homens e mulheres nestes eventos sociais. Como um espelho da sociedade em que a está inserida, as Olimpíadas reproduzem em seu microcosmo o que tem acontecido no macrocosmo social, especificamente, com as mulheres na ciência: um fenômeno perverso apelidado de “vazamento de duto”. Segundo reportagem¹⁸⁸ da Revista FAPESP, ainda que as mulheres sejam maioria quando ingressam na graduação (o que não acontece em determinadas áreas), a presença delas vai se tornando mais escassas com a progressão na carreira. O “vazamento” começa ainda na educação básica, como se vê nas olimpíadas, e se torna evidente nos níveis mais elevados de estudos, como nas bolsas produtividade do CNPq, entre 2013 e 2014, em que as mulheres não superam 20% e podem chegar a 5% em algumas áreas¹⁸⁹:

¹⁸⁷ <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=117>

¹⁸⁸ <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-desigualdade-escondida-no-equilibrio/> Acesso em 21.09.2020.

¹⁸⁹ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/mulheres-tem-20-das-bolsas-de-pesquisa-cientifica-em-exatas-no-brasil.ghtml> Acesso em 21.09.2020.

Distribuição de bolsas por gênero em ciências exatas

Estudo mostra desequilíbrio no número de mulheres que obtiveram bolsas de estudo pelo CNPq

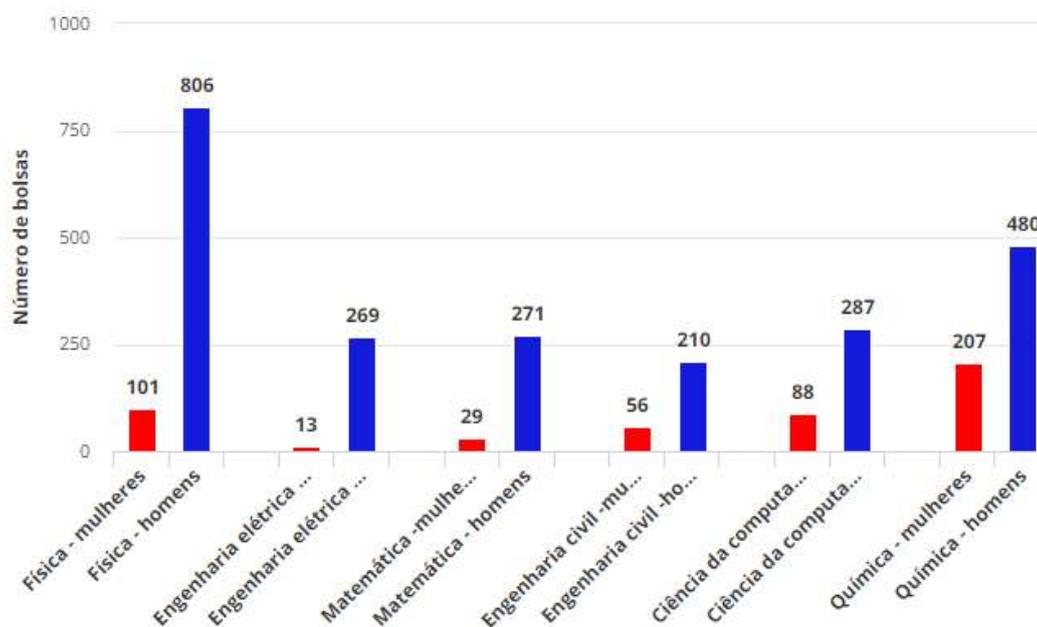


Figura 11 – Bolsas do CNPq em Ciências Exatas em 2013-2014

Fonte: CNPq/Underrepresentation of women in the senior levels of Brazilian science

A professora Dra. Nara Martini Bigolin, em palestra digital¹⁹⁰ intitulada “Meninas nas Olimpíadas e mulheres no poder”, nomeia o “vazamento de duto” de “viés vertical” e demonstrou que a sub-representação feminina é evidente em todos os poderes da República: desde o primeiro escalão do Executivo (Michel Temer tinha 23 ministros e nenhuma ministra; Jair Bolsonaro tem 21 ministros e 2 ministras), passando pela 56ª Legislatura (a Câmara tem 359 deputados e 77 deputadas; o Senado tem 69 senadores e 12 senadoras), eclodindo na cúpula do judiciário (o Supremo Tribunal Federal [STF] tem 9 ministros e 2 ministras; Superior Tribunal de Justiça [STJ] tem 27 ministros e 6 ministras). O mesmo fenômeno acontece com o número total de juízas, desembargadoras, diplomatas mulheres e presidentas de grandes empresas brasileiras e internacionais. Assim, independente da esfera de poder, a representação feminina nunca ultrapassa 20% do total.

O desequilíbrio entre a participação masculina e feminina é um problema social presente nas olimpíadas de conhecimento, contudo não enfatizado pela maioria delas, especialmente da área de exatas. Como uma imagem refletida no espelho da sociedade as questões sociais local e global tem impacto direto nesses eventos acadêmicos. A desigualdade entre os gêneros é tão conhecida e persistente

¹⁹⁰ Em <https://www.youtube.com/watch?v=LQck3W11dc0&t=369s> Acesso em 22.09.2020.

que levou a Organização das Nações Unidas a criar a ONU Mulheres¹⁹¹, em 2010, para fortalecer os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres. Em 2015, estabeleceu como um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 a Igualdade de gênero¹⁹², ou seja, a 5ª meta da ODS visa “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” não apenas como um direito humano fundamental, mas como a base necessária para a construção de um mundo pacífico, próspero e sustentável.

Outro exemplo internacional de sub-representação feminina é o Prêmio Nobel (*Nobel Prize*), fundado em 1901, cinco anos após a morte de seu fundador, Alfred Nobel, e que já laureou 873 homens e 25 instituições, contudo, somente 57 mulheres, aproximadamente 6,12% do total. O Nobel da Paz é o prêmio que mais tem reconhecido as mulheres (15,9% do total de laureadas), seguido do Nobel de Literatura (12,9%). Por outro lado, o Nobel de Medicina (5,4%), Nobel de Química (3,8%), Nobel de Economia (2,4%) e o Nobel de Física (1,9%) sofrem com a baixíssima representatividade feminina. Uma das razões apontadas é a ausência feminina nos Comitês que escolhem os vencedores. A exceção é o Parlamento norueguês, que avalia o Nobel da Paz, onde as mulheres têm dominado, às vezes com quatro dos cinco membros, o que reflete no número de vencedoras mulheres da prestigiosa honraria. Segundo a renomada revista científica *Nature*, “A ciência permanece institucionalmente sexista. Apesar de algum progresso, as mulheres cientistas ainda recebem menos, são promovidas menos frequentemente, ganham menos bolsas de pesquisa e estão mais propensas a abandonar a pesquisa do que os homens com qualificação similar”, de acordo com a edição especial¹⁹³ dedicada às mulheres cientistas, em março de 2013.

Da mesma forma, desde o surgimento do Oscar (*Academy Award*), em 1929, somente cinco mulheres concorreram ao troféu de Melhor Direção e apenas uma mulher ganhou o prêmio, mesmo que diversas diretoras estejam despontando na área. Um estudo¹⁹⁴ comandado pela Dra. *Stacy L. Smith*, intitulado “*Inclusion in the Director’s Chair: Analysis of Director Gender & Race/Ethnicity Across 1,300 Top Films from 2007 to 2019*”, destacou que os 10,6% de presença feminina no ranking

¹⁹¹ Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/> Acesso em 22.09.2020.

¹⁹² Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5> Acesso em 22.09.2020.

¹⁹³ Em <https://www.nature.com/collections/mpjvbltbqf#books-arts> Acesso em 22.09.2020.

¹⁹⁴ Em <http://assets.uscannenber.org/docs/aii-inclusion-directors-chair-20200102.pdf> 22.09.2020.

de 100 filmes mais bem sucedidos do ano passado são de fato um avanço, pois esta é a porcentagem mais alta alcançada desde 2007, ano em que a análise começou. Para se ter a noção de que 10,6% é um número considerável, vale lembrar que em 2018 apenas 4,5% da lista eram mulheres. Em 2018, um estudo do *Center for the Study of Women in Television and Film* mostrou que entre os 101 filmes mais lucrativos de 1990 a 2005, 72% dos papéis com falas eram masculinos. Todavia, é importante reconhecer que esta é uma mudança social em curso, pois novos estudos apontam que a desigualdade entre os gêneros tem diminuído¹⁹⁵.

Desta forma, percebemos que esta é uma preocupação relevante, devido às dificuldades femininas que persistem em todas as áreas da vida social. As dificuldades se tornam cada vez mais evidentes no topo das carreiras depois do processo de “vazamento de duto”. No cenário nacional brasileiro, a Constituição Federal de 1988 estabeleceu exatamente o oposto em seu Artigo 5º, que afirma textualmente:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
§ 1 - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (...).

Na área da disciplina Linguística, a sub-representação feminina acontece com menos intensidade, contudo, o “vazamento de duto” ou “viés vertical” acontece com frequência nas OL. Isso indica como alguns desses eventos estão mais propensos para a área de exatas, lógica e tecnologia do que propriamente para as humanidades. Na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), são frequentes delegações apenas masculinas, especialmente em países que enfatizam a linguística computacional, como os Estados Unidos e o bloco da *ELCLO*. No Brasil, a Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) decidiu em 2021 realizar sua última fase, chamada Escola Linguística de Outono (ELO), com equidade de gênero entre os participantes, ou seja, são convidados rapazes e moças na proporção de 50% cada. Na área de bolsas do CNPq, a Linguística encontra-se com um número relevante de mulheres, conforme Figura 12¹⁹⁶ a seguir:

¹⁹⁵ https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2021/01/2020_Celluloid_Ceiling_Report.pdf

¹⁹⁶ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/mulheres-tem-20-das-bolsas-de-pesquisa-cientifica-em-exatas-no-brasil.ghtml> Acesso em 22.09.2020.

Distribuição de bolsas por gênero em ciências humanas e biológicas

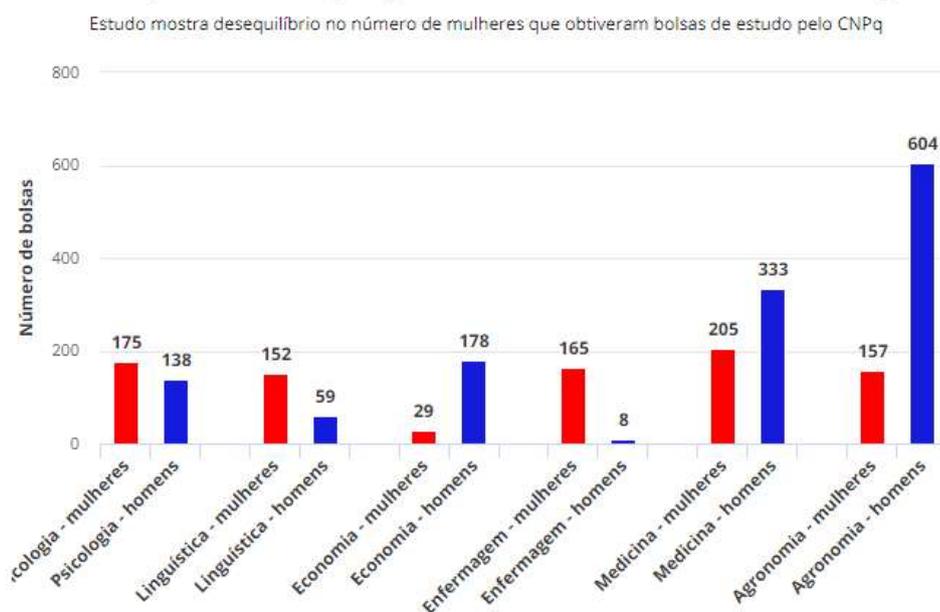


Figura 12 – Bolsas do CNPq em Ciências Humanas e Biológicas em 2013-2014
 Fonte: CNPq/Underrepresentation of women in the senior levels of Brazilian Science

Nas Olimpíadas de Linguística, como vimos na seção 3.1, a diferença entre homens e mulheres não tem sido um foco de atenção. O público docente e discente, organizadores e participantes das escolas secundárias, parecem não perceber a falta de isonomia dos eventos, destacando sempre a atmosfera de enriquecimento pessoal que envolve a todos, independente do gênero. De acordo com Derzhanski & Payne (2010), este processo de aprendizagem caracteriza-se como uma experiência social única, desafiadora e revigorante, cultivada na comunidade de acadêmicos envolvidos no programa. A seguinte citação do Dr. *Vladimir Plungian*, especialista de renome internacional em Tipologia Linguística e Linguística africana, falando de sua experiência como estudante do ensino médio na União Soviética em 1970, captura uma sensação dessa profunda qualidade da Olimpíada de Moscou:

O que mais me agradou na Olimpíada não foram os problemas, mas as pessoas. Talvez pela primeira vez em minha vida, conheci pessoas entusiasmadas com o que estavam fazendo. Isso foi em contraste com o espírito dominante da época na União Soviética, cuja importância não pode ser superestimada. (DERZHANSKI & PAYNE, 2010. Trad. nossa).

Ainda de acordo com Derzhanski & Payne (2010), como já mencionamos antes, o espírito de colegialidade e aprendizado é uma característica central de qualquer programa bem-sucedido de Olimpíada de Linguística. Parte disso pode ser explicado pela aplicação que os participantes têm ao encontrarem pessoas

engajadas e entusiasmadas com a área, em que todos os envolvidos fazem suas atividades motivados pela estimulação intelectual envolvida na criação, teste e pontuação dos Problemas Autossuficientes, e pela satisfação em ver os jovens empolgados com as línguas e a linguística.

Assim como acontece entre os estudantes, a competição entre os professores tende a ser pequena, sem pressão para subjugar um concorrente, porque suas carreiras não estão em risco. Não há "estrelas" na equipe, apenas docentes/pesquisadores dispostos a dedicar muito tempo e esforço intelectual para preparar e avaliar construtivamente os esforços uns dos outros. A motivação de trabalho das OL decorre de puro desafio intelectual e espírito comunitário. Todavia, essa pode não ser a realidade de todas as OL, porque apesar de compartilharem experiências e representações, cada evento se desenvolve no ambiente educacional único de cada país/território, o que significa que certas características (como a competitividade, por exemplo) podem ser mais enfatizadas ou menos valorizadas.

Desta forma, os efeitos educacionais das OL dependem dos diversos fatores que compõem o mosaico desta Tese. Há eventos sociais que focalizam a premiação enquanto outros a formação. Há eventos que se profissionalizaram e outros são organizados de forma bastante modesta, quase um *hobby*. Há eventos que produzem (e publicam) grande quantidade de Problemas Autossuficientes de Linguística e outros eventos produzem apenas o que consomem nas provas. Refletindo essa profunda diferença nos processos pedagógicos, as Olimpíadas têm impactos diversificados em distintas localidades. Os eventos mais comprometidos com a mudança educacional estão abrindo espaço para elaboração e execução de atividades acadêmicas, tais como debates, criação de *podcasts*, festivais, clubes de estudos, pesquisas aplicadas, entre outras, aprofundando o contato dos estudantes com a área, bem como contato com pesquisadores experientes com um público pré-universitário, o que acaba influenciando o interesse de alguns discentes pela área e, possivelmente, o ingresso na carreira científica.

A análise da Prática Social das OL nos revela um *continuum* de posicionamentos educacionais com diferentes pontos de vista. Ao mesmo tempo que alguns educadores admiram os eventos por ajudar a construir uma formação mais forte e independente, outros criticam por construir uma individualidade mais competitiva e mercadológica. Assim, alguns professores utilizam as Olimpíadas como uma metodologia ativa, enquanto outros a criticam justamente por não

conduzir todos os alunos ao mesmo patamar de conhecimento, como muitas outras metodologias ativas também fazem. O muro no qual as Olimpíadas de Linguística estão expostas pode ser entendido tanto como um processo pedagógico inovador quanto como uma atividade para fins comerciais, e, assim, rejeitado por parte dos educadores que querem evitar mais desigualdade na escola e na sociedade.

Dessa forma, os imbricados problemas sociais das Olimpíadas de Linguística ficam mais explícitos, porque percebemos que muitas características desses eventos refletem anseios e vícios das sociedades que os promovem. Como afirmamos, ao modificar um ou mais elementos do Caleidoscópio das OL, é possível construir diferentes realidades. As interações entre os diversos elementos que compõem a Prática Social revelam os discursos que circulam nas Olimpíadas e sobre elas. As representações sociais dos atores envolvidos nas OL podem ser alteradas à medida que os elementos se institucionalizam e se consolidam, isto é, quando as OL passam de um “hobby”¹⁹⁷ para uma atividade que concretiza os diversos objetivos¹⁹⁸ dos envolvidos, ou seja, dos estudantes, dos educadores, das universidades, das empresas e da própria Olimpíada. Apesar de diferentes uns dos outros, todos esses objetivos são realizados no mesmo tempo no Evento Social quando a Prática Social da OL está “amadurecida” e consolidada, em pleno funcionamento.

O mosaico das Olimpíadas de Linguística agrega peças de diferentes formatos, cores, materiais e texturas que se completam, formando um todo coerente e harmônico. Todavia, uma análise mais atenta revela as fraturas entre as áreas do conhecimento, especialmente entre as Ciências Humanas e as Ciências Exatas; a análise denuncia a disparidade no nível educacional oferecido nas escolas públicas em relação às escolas particulares, expressa, inclusive, em questões geográficas; e ainda, a análise comprova a assimetria nas relações entre homens e mulheres na Ciência, refletindo uma questão fortemente enraizada na própria sociedade. O alcance da influência das OL tem aumentado ano após ano, à medida que esta Prática Social cresce numericamente e se fortalece em cada localidade.

¹⁹⁷ “Para todos os envolvidos na preparação da Olimpíada de Linguística na Letônia, é apenas um hobby” (Representante da Letônia respondendo à pergunta 23 do questionário).

¹⁹⁸ O escritório de admissões do Massachusetts Institute of Technology - MIT presta especial atenção aos candidatos que obtiveram alta pontuação na Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte - NACLO. Cerca de 25% dos estudantes que fizeram parte da equipe da NACLO foram para o MIT. (Representante dos Estados Unidos respondendo à pergunta 26 do questionário).

CAPÍTULO 4 Movimentos interpretativos nas peças das práticas textuais

Após analisarmos as Práticas Sociais e as Práticas Discursivas que sustentam as Olimpíadas de Linguística, neste capítulo focalizamos a análise da Prática Textual, isto é, as maneiras particulares de agir, interagir, representar o mundo e de construir um tipo específico de raciocínio. Da mesma forma, investigamos a formação pessoal promovida nestas competições acadêmicas, apresentando os fenômenos da linguagem em contraste com as aulas de gramática da escola. Para isso, detalhamos uma tipologia para o gênero textual mais utilizado e demonstramos a simbiose das áreas científica, social e cultural.

4.1 O gênero Problema Linguístico Autossuficiente

As Olimpíadas de Linguística (OL) são peculiares se comparadas a outras olimpíadas de conhecimento. Um dos fatores que as singulariza é o uso quase exclusivo dos **Problemas Linguísticos Autossuficientes**¹⁹⁹. Segundo Derzhanski & Payne (2010), este gênero está no coração do conceito de uma Olimpíada porque apresenta fatos e fenômenos linguísticos de forma enigmática e autossuficiente. Isso significa que o sucesso e a continuidade de uma OL dependem de um suprimento constante de Tarefas originais e intrigantes, cuidadosamente compostas e testadas, que envolvem línguas desconhecidas ou que exploram aspectos incomuns de idiomas mais conhecidos, mas que não sejam falados por nenhum resolvidor. Os Desafios podem apresentar representações lógico-formais de línguas naturais e/ou artificiais (*constructed language - conlangs*), sabendo que o público-alvo, estudantes do Ensino Médio, não domina nenhum conhecimento técnico sobre Linguística e nem a proficiência de outra língua que não seja seu idioma autóctone/nativo.

¹⁹⁹ O Gênero comumente pode ser chamado apenas de Problema ou algumas variantes como: Problema Linguístico, Problema de Linguística, *Puzzle* Linguístico, Desafio Linguístico, Tarefa (*Task*), Questão, entre outros. Neste trabalho, preferimos o termo **Problema Linguístico Autossuficiente** ou **Problema Autossuficiente** para distinguir de Problemas Sociais e ainda o uso comum/denotativo da palavra “problema” como questão ou circunstância complicada, tema controverso ou alteração de um estado de normalidade. Nas Olimpíadas de Linguística, um “Problema” é um termo técnico referente a uma atividade prazerosa, lúdica, educativa e interessante.

As Tarefas Linguísticas são um gênero relativamente novo da literatura científica e educacional. Apesar de filósofos formularem a participação ativa do leitor em atividades educacionais, foi apenas com o artigo *Problemas Linguísticos*²⁰⁰, publicado em 1963, pelo linguista soviético *Andrey Anatolyevich Zaliznyak* (1935-2017), que foram propostos os sete primeiros Problemas Autossuficientes e suas soluções²⁰¹ com base na “Introdução à Linguística Descritiva²⁰²”, de Henry Allan Gleason Jr (1917-2007), que foi publicado em 1955. A adaptação, proliferação e difusão dos Problemas Autossuficientes para o uso nas Olimpíadas de Linguística foi feita por *Alfred Naumovich Zhurinsky* (1938-1991) em 1963, quando surgiu a ideia de uma competição baseada nesse gênero emergente. Zaliznyak (1963) afirmou:

Uma ferramenta importante para o ensino dos fundamentos e métodos para o conhecimento da linguagem é a compilação de tarefas. (Nota de rodapé: indicamos as coleções de Problemas mais interessantes: Baudouin de Courtenay, 1912; Gleason 1955b; Lehmann, 1962). Todavia, as coleções existentes são materiais que problematizam os fatos na língua nativa dos estudantes ou nas línguas europeias famosas. Essas compilações são certamente úteis, mas, infelizmente, muitas vezes sofrem a desvantagem de não conseguirem separar a análise da linguagem e os dados específicos da língua em questão. Uma maneira melhor de se livrar desta desvantagem (embora não seja a única) é compor tarefas em línguas desconhecidas dos discentes. Claro, é mais difícil compor essas tarefas, uma vez que todos os fatos significativos para a análise devem ser representados de uma forma ou de outra nos dados iniciais do problema, mas, a partir disso, o aluno só precisa entender as propriedades da linguagem em geral. (Tradução nossa).

Assim, desde seu aparecimento, os Problemas Autossuficientes expõem os estudantes a uma enorme diversidade linguístico-cultural, por meio da investigação de línguas desconhecidas, idiossincrasias culturais, distintos sistemas de escrita, diversos tipos de base numérica, entre outras formas peculiares de linguagem e de outras estruturas de comunicação, até não verbal, a fim de que os competidores cheguem a alguma parte do padrão linguístico ou sistema de códigos baseados nos dados já oferecidos no Desafio. O item 1.1 do Regulamento da Olimpíada Internacional de Linguística²⁰³ afirma: “os Problemas Autossuficientes podem estar relacionados a todos os ramos da linguística, incluindo fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, linguística histórica, sociolinguística, linguística computacional, pragmática, métodos formais, linguística de corpus etc.”.

²⁰⁰ P. 516-545 da obra https://www.mccme.ru/lsh/books/olimp-1965-1975/lingv_1965_1975.pdf

²⁰¹ <https://www.mccme.ru/memoria/aaaz/>. Acesso em 30.09.2020.

²⁰² <https://archive.org/details/in.gov.ignca.4947/page/n5/mode/2up>. Acesso em 30.09.2020.

²⁰³ <https://ioling.org/rules/rules.pdf>. Acesso em 30.09.2020.

De fato, bons desafios exigem que o solucionador aplique um pensamento formal, que evidencia padrões, aos dados linguísticos, incluindo ortografias, sons, palavras e frases. Com isso, os participantes se tornam capazes de inferir estruturas e significados que desconhecem até então, descobrindo novas formas de pensamento e categorização do mundo. Ao solucionar os Problemas Linguísticos, os estudantes buscam compreender a epifania da linguagem, que se revela na diversidade de estruturas gramaticais e cognitivas, passando a ver um idioma como um sistema complexo, porém lógico, que manifesta princípios consistentes, e não como um conjunto aleatório de regras impenetráveis, que são memorizadas sem entendimento, como algumas "lições de gramática" recebida em algumas escolas. Sobre o contraponto da abordagem mecanicista e dos Problemas Linguísticos, *Jan Niecisław Ignacy Baudouin de Courtenay*, linguista polonês-russo contemporâneo de Saussure, explicou no posfácio de sua coletânea de atividades:

Do meu ponto de vista, **não se deve perseguir o plantio de várias informações mais ou menos interessantes na memória**; não identifique a cabeça humana como um livro de referência; **é necessário incutir na mente uma compreensão das questões básicas da ciência. É muito mais valioso entender pelo menos um aspecto do que está acontecendo e experimentando no mundo do que engolir um monte de detalhes não digeridos para recontar o conteúdo dos livros em suas próprias palavras.** A "Coleção de tarefas" que proponho visa exatamente fazer com que os envolvidos na "introdução à linguística" **compreendam por si próprios se eles entendem os elementos e as questões básicas da linguística.** A realização de palestras e cursos ou a leitura de livros didáticos e outras obras deve ter como objetivo levar o aluno a esse entendimento. (BAUDOUIN DE COURTENAY, 1912: 90. Tradução e negrito nosso, aspas no original).

Mesmo que o gênero possa tratar de qualquer área da Linguística, sua característica central é o **princípio de autossuficiência**²⁰⁴, ou seja, o Problema pressupõe que nenhum participante domina conhecimentos prévios sobre processamento de linguagem natural, análise de sistemas de escrita, teoria linguística etc. Para isso, a Tarefa deve apresentar apenas fatos linguísticos necessários e suficientes a construção de uma matriz e esta possibilitará gerar os novos dados solicitados no Desafio. Assim, na Olimpíada, não é o nível de preparação e conhecimento linguístico que é testado, mas a habilidade do estudante de raciocinar logicamente, descobrir padrões e usar sua intuição linguística, integrando o pensamento das ciências exatas com o aprendizado de línguas.

²⁰⁴ <https://sites.google.com/view/lingling-new/problems?authuser=0> Acesso em 17.12.2018.

Diferente dos exercícios de verificação do conhecimento, os Problemas Autossuficientes surgidos em 1963 não possuem uma resposta superficial para ser localizada ou encontrada por simples analogia. A solução deve ser obtida somente como resultado de seguidas operações lógicas e de decisões interpretativas, semelhante a testagem de uma hipótese científica, em que os próprios dados comprovam ou desmentem a correção da interpretação. A autossuficiência se manifesta no fato de que todo o material necessário para a solução está contido no próprio Desafio. Ou seja, nenhum conhecimento prévio das línguas ou treinamento especial em Linguística é exigido para a solução. Assim, uma Tarefa Autossuficiente incorpora o princípio da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), simulando muitos elementos da atividade de um linguista em condições de atuação no campo de pesquisa com línguas reais, sendo um meio eficaz de desenvolver as habilidades de análise linguística. O solucionador deve usar sua intuição de falante, além de raciocinar logicamente para decidir as direções a tomar para alcançar a resposta.

Cada Problema Autossuficiente é um trabalho de autoria original, mas é necessariamente verificado, discutido e revisado por um “Comitê de Problemas”, no qual tanto linguistas profissionais quanto estudantes experientes participam com igual credibilidade. Este Comitê seleciona e aprimora as Tarefas, verificando se todos os dados são verdadeiros, se cada Desafio contém apenas uma única solução correta e que não necessita de conhecimentos prévios. Cada Comitê desenvolve critérios para avaliar o nível de complexidade das tarefa analisadas. A validação dos Problemas pelo Comitê garante que não haja soluções parasitas (respostas possíveis, mas erradas), que são consideradas falhas graves de composição. Frequentemente, cada Tarefa é resolvida por três membros do Comitê e, eventualmente, até um especialista externo pode ser convidado para o debate.

A Aprendizagem Baseada em Problemas é contrafactual para a educação tradicional porque altera a sequência “instrução-verificação” para a metodologia “reflexão-resposta”, visto que as informações necessárias à resolução da Tarefa não necessitam de ensino; todos os elementos necessários fazem parte do próprio Desafio. Assim, por exemplo, pode-se evocar algum fato geralmente conhecido de geografia, juntamente com a interpretação de um dado linguístico para deduzir algo sobre um léxico desconhecido. Conforme Elena Muravenko²⁰⁵ (2000):

²⁰⁵ <https://www.krugosvet.ru/enc/lingvistika/lingvisticheskie-zadachi> Acesso em 30.09.2020.

Os professores familiarizados com esse gênero usam de bom grado os Problemas das Olimpíadas com os alunos, tanto em círculos linguísticos eletivos como em salas de aulas regulares, e muitas crianças aceitam com entusiasmo essa forma de trabalho. Afinal, os conhecimentos obtidos em decorrência de uma pesquisa própria, ainda que pequena, via de regra, são assimilados muito melhor do que os conteúdos apresentados pelo docente. A pessoa que resolve um Problema se familiariza com os métodos de análise de material linguístico e, com autonomia, "descobre" conceitos linguísticos, como fonema, morfema, concordância, harmonia vocálica, causatividade e muitos outros, muito embora a nomenclatura específica não seja usada nos Problemas, ela está amplamente disponível para os iniciantes. Outra característica muito importante dos Problemas é que eles familiarizam o solucionador com uma ampla gama de fenômenos linguísticos pertencentes às mais diversas línguas. As tarefas acumuladas ao longo de 35 anos na Rússia cobrem o material de mais de duzentas línguas do mundo. As tarefas dizem respeito a várias seções da linguística: fonética e gráficos, morfologia e sintaxe, semântica e história da língua; e dão uma ideia dos principais sistemas de escrita. Os Problemas da Linguística incluem, ainda, os aspectos aplicados que refletem a conexão entre a linguística e a matemática. (Tradução nossa, aspas no original).

Apesar disso, os Problemas Autossuficientes ainda são ignorados nas escolas ou nos livros didáticos da quase totalidade dos países-membros da IOL. O uso das Tarefas ainda é bastante limitado às poucas publicações, sobretudo em locais em que as OL atingiram a fase de tradição (cf. posições da Tabela 2), como vimos anteriormente. Esta restrição faz com que a expressiva maioria dos Problemas esteja publicada em (ou seja traduzida das) línguas russa e inglesa, e tenham seus impactos observados apenas em poucos sistemas educacionais. Entretanto, currículos modernos estão exigindo cada vez mais a redução do volume de ministração de aulas e o aumento do número de horas de estudo individual sob a supervisão de um tutor ou professor, o que tem favorecido a (re)descoberta da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) como estratégia de ensino autônomo.

Apesar de promoverem Competições Escolares de Matemática desde 1934 em São Petersburbo e em 1935 em Moscou, o movimento de Olimpíadas russas recebeu status oficial apenas em 2008 para ser uma ferramenta de identificação de estudantes talentosos do Ensino Médio. Atualmente, a lista de Olimpíadas Escolares é expedida pelo Ministério da Educação e Ciência da Federação Russa e os seus vencedores passaram a receber vantagens no momento da admissão em universidades do país²⁰⁶, como era planejado na Olimpíada original. A partir desta conjuntura, muitas instituições de ensino superior e de organizações não educacionais passaram a apoiar o funcionamento das Olimpíadas Escolares russas.

²⁰⁶ <https://cyberleninka.ru/article/n/lingvisticheskaya-issledovatel'skaya-zadacha-kak-sredstvo-razvitiya-issledovatel'skoy-kompetentnosti-starsheklassnikov> Acesso em 12.10.2020.

Além de habilidades algorítmicas, expressas na formulação de regras e métodos de testagem, as competências metacognitivas, as técnicas heurísticas e as habilidades socioemocionais de trabalhar individualmente ou em equipe podem ser incluídas como benefícios que a ABP desenvolvem nos participantes das Olimpíadas. Ao resolver uma Tarefa, o estudante realiza operações mentais complexas como análise, síntese, comparação e classificação. As decisões procedimentais desenvolvem capacidades para a devida gestão dos processos de resolução dos desafios, aplicando o conhecimento em situações novas e inusitadas.

Um dos tipos mais comuns de Tarefas Linguísticas é o bilíngue²⁰⁷. Na coleção de Gleason (1955b), esse tipo é praticamente o único. A solução de um problema bilíngue reproduz a atividade de um linguista que interpreta o material de uma língua desconhecida com tradução para outro idioma. Um Problema bilíngue geralmente ilustra algum fenômeno gramatical de uma língua desconhecida, que o solucionador é convidado a descobrir como resultado de suas operações mentais. A exatidão da análise é verificada por meio de traduções de controle de um idioma conhecido para uma língua desconhecida e vice-versa. Derzhanski & Payne (2010) exemplificam um Problema da 16ª Olimpíada de Linguística de Moscou, em 1979, que expõe os alunos a diferentes mundos culturais:

Seis datas são dadas em suaíli, e suas traduções em ordem aleatória:	
1. tarehe tatu Disemba Jumamosi	A. Segunda, 05 de outubro
2. tarehe tano Oktoba Jumapili	B. Terça, 02 de abril
3. tarehe pili Aprili Jumanne	C. Quarta, 05 de outubro
4. tarehe tano Oktoba Jumatatu	D. Terça, 04 de abril
5. tarehe nne Aprili Jumanne	E. Domingo, 05 de outubro
6. tarehe tano Oktoba Jumatano	F. Sábado, 03 de dezembro
Atividade 1. Relacione cada data em suaíli com a sua devida tradução.	
Atividade 2. Traduza as seguintes datas para suaíli:	
Quarta, 03 de abril;	Domingo, 02 de dezembro.

Imagem 6 – Problema da 16ª Olimpíada de Linguística de Moscou - 1979
Fonte: Derzhanski & Payne (2010). Tradução nossa.

²⁰⁷ <https://web.archive.org/web/20050102201740/http://www.philol.msu.ru/~otipl/new/main/olympics/index.php?page=1>

Segundo os autores, a qualidade exemplar desse problema é que ele requer do solucionador não apenas a inferência de correspondências entre palavras desconhecidas e familiares, mas também a descoberta de algo sobre a cultura dos falantes de suaíli. Em particular, é preciso perceber que o sábado é considerado o primeiro dia da semana, que reflete a influência islâmica nas comunidades ao longo da costa leste da África. Ao mesmo tempo, pode-se perceber que os nomes dos meses são empréstimos do inglês, o que reflete a história colonial da região. Nesse processo, muitos fatos surpreendentes para a maioria dos adolescentes do mundo ocidental são revelados, não por instrução, mas pela descoberta no processo de resolver quebra-cabeças lógicos envolventes utilizando uma língua.

A Federação Russa, além de ser o local de nascimento das Olimpíadas de Linguística e do gênero do Problema Autossuficiente, é o local onde a maior parte das Tarefas Linguísticas foi composta até hoje, inspirado pelo trabalho de campo com línguas desconhecidas das 10 expedições urálicas, com os povos do norte da Rússia Central (Komi, Nenets, Enets, Selkup), além das 29 expedições para estudar 22 línguas da região do Cáucaso, e ainda de 24 expedições para estudar semântica lexical e lexicografia de línguas minoritárias de seu grande território, expedições que foram realizadas pelo Departamento de Linguística Teórica e Aplicada²⁰⁸ da Universidade Estatal de Moscou Lomonósov entre 1967 e 1992. Eventualmente, alguns Problemas das Olimpíadas russas permaneceram por algum tempo como o único texto sobre um fenômeno em determinada língua.

Mas enquanto a maioria dos Problemas se baseia em material linguístico desconhecido, alguns outros podem ilustrar fenômenos da própria língua oficial do país, mas fora do escopo do currículo escolar, como aspectos de léxico-semântica ou de linguística computacional, ou questões de pragmática ou de sociolinguística, o que é mais comum nas etapas nacionais, mas não na etapa internacional (IOL).

Outra característica dos Problemas Linguísticos Autossuficientes é o fato de que eles não dependem de qualquer experiência educacional específica. Em contraste com outras competições acadêmicas e testes padronizados, a memorização ou aplicação de fórmulas prontas é inútil. Apesar de existirem algumas técnicas e métodos frequentemente usados na resolução, nenhum procedimento

²⁰⁸ <http://tipl.philol.msu.ru/index.php/department/history-1960-2000> Acesso em 15.10.2020.

garante sucesso. Cada Problema Linguístico deve ser visto como um desafio único, exigindo estratégias e abordagens próprias, não padronizadas e nem memorizadas.

Ainda segundo Derzhanski & Payne (2010), ao longo dos anos, as Olimpíadas de Linguística desenvolveram requisitos rigorosos utilizados nos mais diversos Comitês de Problemas dos países e da IOL, para a composição, testagem e seleção das Tarefas Autossuficientes. Há alguma variação, mas a maioria tende a concordar com os seguintes parâmetros:

- a) Todos os Problemas devem lidar com idiomas reais que são (ou já foram) veículos de comunicação reais.
- b) Tudo no Problema deve ser preciso. A simplificação é muito raramente aceitável. Dados inventados nunca são permitidos.
- c) Deve-se tomar cuidado para respeitar a língua e seus falantes. Os Problemas não devem tratar as línguas como curiosidades, mas devem ser genuinamente didáticos em apresentar cada idioma como uma expressão única e valiosa de uma determinada cultura.
- d) Os Problemas devem ser autossuficientes: todas as informações necessárias para resolver um problema devem estar presentes nos dados ou ser de conhecimento comum. Terminologia linguística é evitada (se necessário, os termos podem ser introduzidos no enunciado do Problema).
- e) A analogia simples não pode ser a única estratégia para resolver um Problema. É necessário utilizar as lógicas de vários níveis e tipos.
- f) O *insight* puro também não deve ser a única maneira de resolver um Problema. Se não houver progresso de qualquer maneira, a menos que um pensamento em particular apareça em alguém, isso é considerado uma falha séria no Problema.
- g) Somente pode haver uma e apenas uma solução razoável, e essa solução deve ser consistente com os fatos da língua.

Em muitos locais, as Olimpíadas de Linguística são realizadas em duas fases. A primeira é uma rodada com menor complexidade que classifica para a segunda rodada, que utiliza Problemas Linguísticos mais elaborados. As respostas não são dicotomias entre o certo e o errado, mas são escalares sobre o quanto o participante conseguiu desvendar do desafio proposto. Assim, para uma resposta aceitável, não é considerado apenas o resultado final, mas todo o raciocínio e a explicação para alcançar aquele resultado. Em outras palavras, os candidatos que descrevem,

explicam, inferem e relacionam os dados de maneira mais fundamentada e alinhadas com a solução, mesmo que não tenham alcançado a resposta completa, são os mais bem-sucedidos. A última fase das Olimpíadas Nacionais seleciona as equipes que representam cada país na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), que acontece anualmente em local itinerante desde 2003, conforme Tabela 1.

Os Problemas das OL são divertidos e educativos porque os estudantes desenvolvem habilidades que não conheciam, como decifrar hieróglifos maias ou conjugar verbos em suaíli, realizando tarefas que não dominavam antes dos eventos. Além disso, eles conseguem executar tais ações apenas por meio de suas próprias capacidades analíticas e intuição linguística para fazer inferências, sem nenhum contato prévio com os dados e/ou nenhuma instrução formal.

As Tarefas estão se tornando mais diversificadas a cada ano. Já foram abordados na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL) Desafios tratando de diversas relações²⁰⁹ como linguagem universal da algebra transcendental (2003); línguas indígenas ameaçadas, como ngoní (2006) e pirahã (2013); línguas geneticamente isoladas, como movima (2007); símbolos enigmáticos, como blissymbolics (2010); itens sequenciais, como RNA (2010) e código de barras (2011); experimentos neurolinguísticos (2013); línguas mortas, como o tangut (2014); códigos desconhecidos, como Soundex (2015); hieróglifos datados de 3000 anos, como o luvita (2016), e ainda, itens da atualidade, como emoji em indonésio (2017) e o sistema especial de registro em ginástica artística (2019).

Todos os Desafios, em maior ou menor grau, podem envolver questões culturais e pragmáticas dessas linguagens, por isso, as Tarefas impulsionam a um raciocínio de descoberta de pistas para a resolução, e não de memorização de conhecimentos prévios. Da mesma forma, podem envolver também questões matemáticas e lógicas, o que atrai também pessoas interessadas em tecnologias e soluções inovadoras na resolução de Problemas. Com a criação de ferramentas computacionais, o gênero Problemas Linguísticos tem ampliado sua abordagem e o tratamento de seus *corpora*. Com o advento da internet e dos *softwares* de processamento/análise de dados linguísticos, os *corpora* se tornaram mais amplos, diversificados, envolvendo linguagens multimodais, oferecendo novas maneiras para a composição das questões, exemplificados na seção de tipologia mais adiante.

²⁰⁹ Disponíveis em <https://ioling.org/problems/> Acesso em 23.10.2020.

Geralmente, a maneira mais comum de usar um *corpus* para compor Problemas Autossuficientes é encontrar exemplos de algum aspecto linguístico relevante do mundo real (eventualmente, até línguas construídas podem ser usadas). Mais precisamente, existe uma hierarquia de aceitabilidade, com idiomas naturais no topo, seguidos por sistemas notacionais (códigos auxiliares) e línguas planejadas, como o esperanto ou as línguas ficcionais de *J.R.R. Tolkien*, por exemplo (DERZHANSKI & PAYNE, 2010). As linguagens que se pretendem internacionais, como pasigrafias, sistemas pictóricos, taquigrafias e interlínguas, também são *corpora* de Problema porque ilustram fenômenos interessantes encontrados em idiomas naturais.

Em seguida, o dado é ilustrado na língua ou no código desconhecido, o que é chamado de *problemês*, seguido das traduções ou das comparações em uma língua de trabalho, geralmente, o idioma do participante, o chamado *solverês*²¹⁰. A missão do estudante consiste em levantar hipóteses por meio de inferências e construir uma argumentação que explique o dado linguístico ilustrado, ora aproximando, ora distanciando aquilo que é usual em seu idioma, desenvolvendo seu raciocínio linguístico nesse processo de desvendamento de similaridades e diferenças.

Uma dificuldade de utilizar sentenças reais é que algumas delas podem ser extensas demais para demonstrar o uso de um único aspecto ou de uma palavra que se manifeste apenas em determinado contexto. Da mesma forma, outro cuidado com o Problema Autossuficiente diz respeito à quantidade de informações secundárias na Tarefa, o que pode se tornar um obstáculo para o entendimento, pois altera o foco do desafio. Contudo, é impossível isolar aspectos linguísticos quando registramos sentenças ou palavras reais. Assim, a tradução do *solverês* pode assumir dados não diretamente expressos em *problemês*, e vice versa, pois nem todas as noções gramaticais (tempo, modo e aspecto verbal, por exemplo) se manifestam semelhantemente em todas as línguas. Dessa maneira, resolver um Desafio linguístico envolve sempre uma certa complexidade de análise semântica daquilo que se manifesta na estrutura e na organização de cada língua ou sistema.

²¹⁰ De acordo com Bozhanov & Derzhanski (2013), o termo *Solverese* foi cunhado por Ivan Derzhanski em 2008 e tornou-se parte do jargão do Comitê de Problemas da Olimpíada Internacional de Linguística - IOL. Foi inspirado em semelhança ao sufixo para línguas (japan~~ese~~/portugu~~ese~~) e ao “*motherese*”, quando adultos falam com crianças (*baby talk* ou *tatibitati*). A nossa tradução segue o morfema mais comum para nomes de línguas (japon~~ês~~/portugu~~ês~~).

Ter uma ocorrência isolada de um fenômeno na estrutura da Tarefa é bastante difícil, pois todas as línguas naturais expressam muitas noções na mesma palavra/frase. Alguns aspectos secundários referem-se às maneiras pelas quais a linguagem desconhecida expressa informações que podem estar presentes nas traduções. Às vezes, um Problema Linguístico ilustra a variação entre as línguas, ou seja, é construído sobre o fato de que uma classe de expressões de *solverês* pode ser traduzida em mais de uma maneira na linguagem desconhecida, e vice-versa. Para solucionar a questão, é importante verificar as nuances semânticas que a variação produz na solução ou se isso é apenas um aspecto periférico.

Mesmo quando tratados como secundários, os dados ainda exigem dedução de informações relevantes, como, por exemplo, a ordem das palavras; presença de concordância; marcação de caso; marcação de pessoa e número; marcação de tempo, modo e aspecto; alomorfia; etc. Os tópicos não principais podem variar em dificuldade e quantidade, desde os mais triviais (a manifestação de singular/plural em *toki pona*), até os mais complexos de descobrir (os afixos de evidencialidade que variam em gênero e número nos verbos em *tuyuka*). De fato, não há distinção rigorosa entre recursos linguísticos principais e secundários. Por exemplo, a assimilação de uma nasalidade pode ser um foco principal em uma Tarefa e um aspecto periférico em outra questão.

O principal fator a considerar é a densidade do aspecto problematizado para inferência. Se o Problema Autossuficiente ricamente ilustrar os dados selecionados em poucas frases, a densidade do recurso linguístico é alta. Contrariamente, se um conjunto de frases demonstrar apenas uma única ocorrência do recurso linguístico, então a densidade é baixa e mais exemplos são necessários. Alterar ou inventar padrões gramaticais para artificializar uma regularidade na língua não são alternativas admissíveis, porém, omitir irregularidades para garantir que aspectos regulares se destaquem, simplificando a questão, pode ser uma opção viável.

Partindo do pressuposto de que as línguas possuem padrões estruturados, e ainda, que existem procedimentos pelos quais estes padrões podem ser descobertos em idiomas bem distintos da língua nativa do participante, a descoberta da gramática se torna uma investigação empírica e lúdica. Dessa forma, os estudantes percebem a análise linguística como desafiadora e instigante, que desenvolve habilidades cognitivas e metacognitivas, em interface com outras áreas do conhecimento. Neste momento, as OL se aproximam da ciência da computação,

pois o participante precisa aplicar um raciocínio algorítmico, usando abstrações para modelar um sistema, estruturando e calculando resultados previsíveis, dentre outras habilidades lógicas no processo.

Como afirmamos nos princípios da Aprendizagem Baseada em Problemas (cf. seção 1.4 nesta Tese) e podemos comprovar em nosso levantamento do histórico das Olimpíadas Nacionais (cf. Apêndice C), as competências e habilidades desenvolvidas neste tipo de atividade têm interessado empresas do ramo da tecnologia, como a *Microsoft Research Labs India*, a *Prompsit Language Engineering* e a *Beaver Informatics* que organiza(va)m as OL da Índia, Espanha e Malásia, respectivamente, visando atrair jovens para a interface linguagem-tecnologia. Isso porque no processo de resolução de Problemas Linguísticos, os alunos cruzam uma variedade de assuntos que desconhecem, refinando e ampliando o que sabem, adquirindo novos conhecimentos por meio de um raciocínio apurado, que podem ser resgatados em outros Problemas semelhantes.

Apesar da ABP ter sido concebida originalmente para o trabalho com grupos pertencentes ao Ensino Superior, nas OL os discentes do Ensino Médio resolvem os Problemas Linguísticos sozinhos e, em alguns casos, depois resolvem outras Tarefas em equipe. Todavia, à medida que avançam em direção às soluções, os estudantes perpassam os mesmos princípios já mencionados na seção 1.4 desta Tese, ou seja, os estudantes buscam entender uma situação ou fenômeno, buscar motivações, apresentar os efeitos, justificar e debater soluções, procurando o melhor resultado. Os alunos desenvolvem sua capacidade profissional por meio de experiências de aprendizagem individual e, eventualmente, em grupos, o que permite uma flexibilidade procedimental em diferentes Olimpíadas, mas sempre persegue a necessidade de “aprender a aprender”.

Na ABP utilizada nas OL, os alunos são levados a construir um raciocínio gerando hipóteses, observando informações relevantes em um *corpus* e avaliando suas hipóteses. Mesmo que os Problemas sejam autossuficientes, tudo o que precisa saber para respondê-lo está na própria Tarefa, os discentes identificam novas áreas de aprendizagem que os impulsionam ao estudo individualizado. Muitas vezes, as habilidades e conhecimentos adquiridos são compartilhados entre os membros de uma equipe e tornam-se a base para resolução de outros Desafios. Como já afirmamos, é bastante comum que ex-participantes das OL retornem ao evento como professores, tutores ou compositores de novos Problemas.

Para ilustrar as etapas em um Processo ABP, Woods (1994) identificou oito tarefas para os alunos buscarem resolver um Problema:

1. Explorar os problemas.
2. Identificar os problemas de aprendizagem.
3. Resolver os problemas com o conhecimento existente.
4. Identificar as necessidades de aprendizagem.
5. Estabelecer metas de aprendizagem.
6. Estudar individualmente.
7. Compartilhar e ensinar.
8. Avaliar e refletir sobre todo o processo.

Segundo Woods (1994), os alunos têm a flexibilidade de acrescentar passos alternativos a essas etapas, ou podem até repetir certas etapas, sempre visando garantir a qualidade da análise. Nesse contexto, existem objetivos relacionados ao gerenciamento da autoaprendizagem (competências metacognitivas), ao domínio de novos conteúdos (conhecimentos cognitivos) e a resolução dos problemas (habilidades práticas). Para ter sucesso, os discentes devem se desenvolver em cada uma das áreas mencionadas.

O foco da ABP está nos alunos como construtores de seu próprio conhecimento, em um contexto profissional semelhante ao real, o que é simulado pelos Problemas Linguísticos Autossuficientes. Os estudantes são encorajados a pensar crítica e criativamente, e ainda a monitorar sua própria compreensão, avaliando seu progresso em um nível metacognitivo. Combs (1976) afirma que três características são necessárias na criação de um ambiente de aprendizagem eficaz:

1. A atmosfera deve facilitar a exploração do significado. Os estudantes devem se sentir seguros e aceitos. Eles precisam entender os riscos e as recompensas de buscar novos conhecimentos significativos. O ambiente deve proporcionar envolvimento, interação, e socialização, junto com uma abordagem profissional para realizar o trabalho.

2. Os estudantes devem ter oportunidades frequentes de confrontar novas informações e experiências na busca de sentido. No entanto, essas oportunidades precisam ser fornecidas de maneiras que permitam aos alunos fazer mais do que apenas receber informações. Os discentes devem ser autorizados a enfrentar novos desafios usando suas experiências anteriores sem o controle de um professor “doador de informações”.

3. Um novo significado deve ser adquirido por meio de um processo de descoberta pessoal. Os métodos usados para encorajar tal descoberta pessoal devem ser altamente individualizados e adaptado ao próprio estilo e ritmo de aprendizagem do discente.

Essas três características estão no cerne de uma metodologia centrada no aluno e podem ser encontradas nas Olimpíadas. Os participantes se sentem seguros para correr o risco de descobrir novos conhecimentos sem julgamentos de suas capacidades intelectuais e sem o temor de uma reprovação. Os estudantes enfrentam Desafios em línguas desconhecidas com base em experiências de resolução de Problemas anteriores, tendo a oportunidade de encontrar informações por conta própria de uma forma que seja relevante para eles.

Em um ambiente de aprendizagem ativa, os estudantes deixam de seguir as ordens dadas por um professor e as atividades de se tornam autodirigidas, abandonando um percurso pré-definido de aprendizagem, precisando descobrir as informações por conta própria. Nesse contexto, os alunos assumem a responsabilidade por aprender por meio de seu próprio interesse ao invés de reagir às aulas. O mais importante é que os ambientes centrados no estudante focam na aprendizagem ao longo da vida e não apenas na aprendizagem para uma avaliação.

O professor assume o papel de facilitador ou guia, permitindo que os alunos descubram por si próprios os conhecimentos, enquanto ajuda a monitorar eventuais pontos ainda não alcançados no aprendizado cada vez mais autônomo dos estudantes. Quando os docentes e os discentes começam a se afastar do aprendizado tradicional para um aprendizado mais ativo, o processo de aprendizagem torna-se o foco e não apenas o “produto final”.

Na ABP, a principal força orientadora é que os próprios Problemas devem levantar os conceitos e princípios relevantes para o domínio do conteúdo. O processo começa com o aluno identificando as principais noções que deve aprender e termina numa solução viável para o próprio Desafio. Por isso as Tarefas devem abordar questões reais, visto que isso permite explorar diversas dimensões de uma situação. Há uma considerável dificuldade de criar um Problema real com um conjunto consistente de informações inventadas. Por isso, nas OL, os Problemas tratam de línguas e códigos reais, que envolvem mais os discentes, pois há um maior contexto de familiaridade e eles sabem que os falantes se comunicam verdadeiramente daquela forma, o que não é possível com problemas artificiais.

Na ABP, não basta saber informações, mas deve-se aprender a usar as informações de uma forma significativa e produtiva. Como essa metodologia modela problemas do mundo real, ela mostra que a aprendizagem pode ocorrer em qualquer lugar, a qualquer hora, além da sala de aula. Se forem oferecidos aos estudantes problemas bem estruturados, o próprio enunciado já fornece as informações e o foco, isto é, uma bússola e um destino ficam claros para o solucionador, como encontrar um fonema, por exemplo. Isso não permite que os alunos investiguem o problema em um nível mais profundo e significativo, pois se torna apenas a aplicação de uma técnica ou fórmula já dominada. Problemas mal estruturados forçam o discente a compreender primeiramente sobre o que se trata, depois a buscar mais informações sobre o assunto e aplicar o conhecimento adquirido. O entendimento do Problema passa pelo reconhecimento de que os resolvidores dispõem apenas de informações limitadas sobre o tema.

Nesse processo, os estudantes identificam as lacunas em seus estudos e desenvolvem uma postura ativa para suprir suas carências no assunto. Em seguida devem categorizar quais informações eles sabem, o que eles precisam saber e quais ideias têm que podem ajudá-los a resolver o problema. Só depois desse processo metacognitivo é que eles podem começar sua investigação para resolver o problema. Determinar um nível apropriado de dificuldade para o problema requer que os professores estejam atentos ao desenvolvimento e interesses de um grupo heterogêneo de discentes. É preciso desafiar sem ser opressor.

Para a metacognição, se um indivíduo não conhece um conjunto apropriado de procedimentos para resolver um problema, ele pode buscar estratégias alternativas para abordá-lo. Uma busca e seleção bem sucedida das informações relevantes leva a uma transformação nas representações mentais do resolvidor do problema. Os autores do artigo *The Role of Metacognition in Problem Solving* (DAVIDSON, DEUSER, STERNBERG, 1994) definem que as estratégias mais comuns para monitorar e avaliar a autoaprendizagem são:

- (1) buscar e reconhecer informações relevantes previamente ignoradas no problema (denominada de codificação seletiva);
- (2) buscar e reconhecer maneiras previamente ignoradas de combinar as informações (denominada de combinação seletiva);
- (3) buscar e reconhecer conexões entre conhecimento prévio e a situação do problema (denominada de comparação seletiva).

Não trataremos neste trabalho das estratégias pessoais na resolução dos Problemas Linguísticos Autossuficientes, apesar reconhecemos a existência de mais esse critério influenciador da Prática Social das Olimpíadas de Linguística. Isto é, não focalizaremos as questões cognitivas de determinados indivíduos para os quais as escolhas lógicas parecem ser mais fáceis, como se a maneira particular de raciocinar deles ou o excelente treinamento no gênero iluminasse construções engenhosas na busca da resposta correta, que, aliás, estes participantes costumam chegar excepcionalmente rápido.

Em resumo, Bozhanov & Derzhanski (2013) destacam que as duas características mais relevantes do gênero Problema de Linguística são:

1. O *problema* deve ser autossuficiente, ou seja, deve conter todas as informações necessárias para a sua resolução, sem esperar do participante qualquer conhecimento prévio (de línguas, linguística, matemática etc.) além do que está inserido no currículo escolar.
2. O desafio deve ser inequívoco, isto é, não deve permitir mais do que uma explicação, visto que, por não conhecer a língua analisada, o participante pode ser induzido ao erro por dados que permitam mais de uma interpretação possível, ambivalências e falsos resultados.

A busca pela inexistência de ambiguidades é uma das principais atividades na avaliação do Problema Linguístico Autossuficiente. Neste gênero, o maior erro a se evitar é o aparecimento de respostas plausíveis, mas incorretas. São resoluções que hipoteticamente responderiam aos dados do sistema, mas não correspondem à solução real da Tarefa. A possibilidade de uma alternativa incorreta e plausível indica uma falha grave na composição do Desafio. Por esta razão, as questões são submetidas a testagem prévia do Comitê de Problemas, a fim de eliminar as chamadas “respostas parasitas”. Como não se espera proficiência linguística, o participante não é capaz de verificar se uma hipótese pode ser admissível ou gerou um falso resultado. Assim, é muito importante que Tarefas com ambiguidades sejam reformuladas ou descartadas.

4.2 Por uma tipologia dos Problemas das Olimpíadas

Ao longo do desenvolvimento do gênero, desde 1963, diversos temas e tipos de Problemas Linguísticos foram compostos por autores envolvidos nas Olimpíadas de Linguística. Como já afirmamos, o uso dessas Tarefas limitou-se quase exclusivamente ao evento acadêmico durante muitos anos. Por esta razão, é seguro afirmar que as categorizações que foram sendo propostas podem nos indicar como os Desafios Autossuficientes foram variando, se diversificando, se aprimorando e reacomodando em diferentes classificações ao longo do tempo, ou seja, as categorizações podem demonstrar um esboço de evolução de temas e tipos (ainda que parcial), traçando um panorama da maneira de conceber esse gênero textual.

Todos os proponentes de classificações de Problemas Linguísticos visavam organizá-los por semelhanças de formas ou sistematizar possíveis caminhos de resoluções, todavia, a flexibilidade na composição e a mutabilidade de interesses e raciocínios solicitados levam seus elaboradores a sempre inovar e encontrar variadas maneiras de representar uma realidade ao propor uma Tarefa. Essa diversidade histórica pode ser observada em algumas listas que colecionamos de materiais disponíveis na internet²¹¹:

Segundo Andrey A. Zaliznyak²¹² (1963):

- Problemas de análise gramatical do texto (задачи на грамматический анализ текста)
- Problemas de reconstrução interna (задачи на внутреннюю реконструкцию)

Segundo V. M. Alpatov, A. D. Wentzel, B. Yu. Gorodetsky, A. N. Zhurinsky, A. A. Zaliznyak, A. E. Kibrik, A. K. Polivanova ²¹³ (1983):

- Fonética [com fonologia] (фонетика [с фонологией])
- Sistemas de escrita [com ortografia] (графика [с орфографией])
- Morfologia (морфология)
- Sintaxe (синтаксис)
- Semântica (семантика)
- Combinação de diferentes tipos (Задачи, совмещающие явления разных уровней)

²¹¹ Certamente outras classificações foram propostas ao longo da história (nossa lista não é exaustiva), mas ficaram restritas a publicações impressas, sobretudo em línguas eslavas, às quais o pesquisador não teve acesso.

²¹² P. 516-545 da obra https://www.mccme.ru/llsh/books/olimp-1965-1975/lingv_1965_1975.pdf

²¹³ Disponível em <https://sheba.spb.ru/shkola/lingvo-zada-1983.htm> Acesso em 28.10.2020.

Segundo Ruslan V. Mitkov²¹⁴ (2006):

- Correspondências de tradução (translation correspondences)
- Sistema de nomes de números (number name systems)
- Codificação e decodificação (encoding and decoding)
- Sistemas de calendário (calendar systems)
- Orientação linguística computacional (computational linguistics orientation)
- Problemas de natureza lógico-linguística (problems of logical-linguistic nature)

Segundo Dragomir R. Radev, Lori S. Levin & Thomas E. Payne²¹⁵ (2008):

- traduções de línguas desconhecidas (translations from unknown languages)
- decodificação de glifo (glyph decoding)
- sistemas de calendário (calendar systems)
- sistemas de parentesco (kinship systems)
- expressões matemáticas / sistemas de contagem (mathematical expressions / counting systems)
- algoritmos para linguística (algorithms for linguistics)
- análises formais de texto (formal analyses of text)

Segundo Natalya Aleksandrovna Fedotova²¹⁶ (2012):

- Fonético (Фонетические)
- Lexical (Лексические)
- Gramatical (Грамматические)

Segundo Ivan Tadeu Ferreira Antunes Filho²¹⁷ (2012):

- Problemas de tradução (frases e palavras)
- Problemas de relação (associação de frases ou imagens)
- Problemas lógico-formais (de transformação)
- Problemas numéricos
- Sistemas de escrita
- Sistemas de calendário
- Problemas fonológicos
- Problemas computacionais

²¹⁴ https://www.academia.edu/73192565/Brief_Outline_of_the_School_Activities_in_Mathematical_and_Computational_Linguistics_in_Bulgaria_in_the_1980s_and_1990s Acesso em 28.10.2020.

²¹⁵ Em <https://www.aclweb.org/anthology/W08-0211.pdf> Acesso em 28.10.2020.

²¹⁶ Em <https://cyberleninka.ru/article/n/lingvisticheskaya-issledovatel'skaya-zadacha-kak-sredstvo-razvitiya-issledovatel'skoy-kompetentnosti-starsheklassnikov> Acesso em 05.11.2020.

²¹⁷ Em <https://olimpiadascientificas.org/static/pdf/Linguistica0.8.pdf> Acesso em 05.11.2020.

Segundo o Mini-treinamento para a 2ª fase da OBL (2013 – não publicado):

- Morfologia
- Sintaxe
- Sistemas de Escrita
- Sistemas Numéricos
- Semântica
- Interface Computacional
- Pragmática
- Comparações (intralingua e interlingua)

Segundo Alex Bellos²¹⁸ (2020):

- Conversa computacional (computer talk)
- Línguas das Ilhas Britânicas (The languages of British isles)
- Numeração (Words that count)
- Línguas e escritas da antiguidade (Cracking the ancient codes)
- Genealogia linguística (The language of family)
- Língua de sinais, Braille e sistemas de comunicação (Words that give a helping hand)
- Línguas com padrões incomuns (Languages on the edge)
- Línguas artificiais (Invented languages [*conlangs*])
- Sistemas de escritas atuais (Confessions of an alphabet addict)
- Sistemas de tempo e espaço (Calendars and compasses)

Diante desse levantamento não exaustivo, podemos observar que as listas apresentam dois movimentos para a classificação dos Problemas Linguísticos: o primeiro é de organizar o gênero de forma ontológica, focada nos parâmetros já institucionalizados da própria linguística, priorizando categorizar os Problemas a semelhança das áreas da disciplina. O segundo movimento é de organizar o gênero de forma deontológica, focada nos princípios de tomada de decisão para a resolução dos Problemas. Em outras palavras, o primeiro movimento observa os limites das categorias, o segundo observa os tipos de raciocínio desenvolvido nos Desafios. De fato, encontrar uma categorização final que satisfaça uma gama de possibilidades de composição é uma atividade improvável. Entretanto, acreditamos que é preciso associar os critérios de forma mais evidente, a fim de englobar numa mesma classificação as atuais e as futuras possibilidades de configurações do gênero.

²¹⁸ Disponível em <http://www.alexbellos.com/language> Acesso em 05.11.20.

É importante destacar que o Problema Linguístico Autossuficiente é um gênero textual específico que, como muitos outros, exige um processo de letramento continuado para ser compreendido e (re)produzido. Assim, quanto mais os estudantes e professores entrarem em contato com as Tarefas, por meio de encontros regulares para refletir sobre os Desafios, por exemplo, é maior a chance de se criar uma forma inovadora de composição, visto que a familiaridade com as diferentes categorias de raciocínio promove hibridismos interessantes. Não há um limite para as possibilidades em relação aos tipos de Tarefas que podem ser compostas em uma OL, pois o cruzamento entre os tópicos, estruturas e linguagens pode resultar em formatos totalmente novos, como o sistema Braille em japonês²¹⁹, por exemplo. Isso contribui para uma constante diversificação de conteúdo do gênero perpassando todos os níveis de análise, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, lexicologia, e ainda as áreas da linguística, como linguística histórico-comparativa, sociolinguística, psicolinguística, neurolinguística, linguística computacional, pragmática, análise de discurso, entre outras. Essa amplitude será brevemente exemplificada mais adiante.

De fato, existem diversos tipos e subtipos de classificação de Problemas Linguísticos, que podem ser observado quanto à **estrutura**, quanto ao **destinatário** e quanto ao **conteúdo**. A estrutura refere-se ao formato escolhido para a Tarefa; o conteúdo está voltado ao tema tratado por qualquer das áreas da Língua. É importante salientar que outros parâmetros para a classificação de Problemas Autossuficientes poderiam ser possíveis, como os códigos, línguas ou famílias linguísticas utilizadas, ou ainda, o tempo necessário para a resolução de um Desafio. Contudo, tais categorizações são muito diversas e heterogêneas, tornando a sua enumeração sempre parcial e incompleta, não sendo, portanto, uma estratégia adequada para a categorização ou classificação do gênero textual.

Na análise da estrutura de um Problema Linguístico, é possível estabelecer dois critérios essenciais. 1) A forma lógica na qual os dados são apresentados na questão; e 2) O tipo de habilidade cognitiva que o resolvidor é impulsionado a mobilizar para resolver a Tarefa. Ou seja, toda categorização já parte da união de forma e função, de parâmetros ontológicos e deontológicos. De forma panorâmica, pode-se resumir a interação desses dois critérios na Tabela 9:

²¹⁹ Disponível em <https://linguisticaolimpica.wordpress.com/2018/07/19/karaoke-tenji/> Em 05.11.2020.

Estrutura	Forma lógica dos dados do Problema	Habilidades cognitivas mobilizadas
Pedra de Roseta	São dados pares de correspondência entre as formas A e B (traduções entre línguas ou variações do mesmo idioma). Tarefa: Converter formas A para forma B; converter formas B para forma A	Organizar, classificar e decodificar as chaves de tradução (pares A-B); deduzir fenômenos linguísticos; aplicar inferências e avaliar a coerência de sua tradução.
Caos-e-ordem (Kibuzi)	São dados dois conjuntos de elementos (traduções ou formas não-verbais), fora de ordem. Tarefa: encontrar as correspondências entre ambas as listas.	Agrupar os elementos, encontrar traços comuns, contar elementos de “cada tipo”, montar um grafo; monitorar acertos de equívocos.
Múltipla escolha	São dados enunciados acompanhados de de alternativas (traduções, explicações, exemplos etc.) que compõem um <i>corpus</i> , sendo necessário analisar qual alternativa é mais coerente ou impossível.	Comparar e avaliar diferentes alternativas; escolher a que responde melhor à pergunta; gerenciar a plausibilidade de hipóteses e restrições contextuais.
Malha textual	São dados um ou mais textos de considerável extensão com elementos essenciais e periféricos para a resolução do problema. Tarefa: realizar traduções, responder perguntas ou compreender características da língua escrita.	Identificar e interpretar informações dentre os elementos de um texto; relacionar fenômenos linguísticos ao co-texto imediato, associar níveis de análise linguística aos aspectos do gênero textual etc.
Puzzle clássico	São dados formatos clássicos de revistas de passatempos lógicos como Caça-palavras, Sudoku, Palavras cruzadas, Quiz, Criptogramas, mapas associativos; sequências lógicas etc.	Encontrar palavras, números, respostas, entre outros dados dispostos em uma matriz; executar as operações mentais necessários ao formato clássico.

Tabela 9 – Critérios quanto à estrutura dos Problemas Linguísticos

Fonte: Elaborada pelo autor

Diante da diversidade apresentada pelos Problemas Linguísticos, exemplificar essas classificações é sempre uma atividade limitada e parcial, pois um único modelo nunca será o mais representativo de uma classe, ou seja, não há um protótipo bem definido de Problema para cada parâmetro. Todavia, observar o gênero em textos reais, que circulam nas Olimpíadas de Linguística, pode ilustrar a variedade de formas possíveis, sem a intenção de esgotar todas as suas realizações. Assim, as estruturas mais comuns de Desafios Autossuficientes são:

- **Pedra de Roseta**²²⁰: As palavras, sintagmas ou frases são apresentadas na língua desconhecida (*problemês*) e em outra língua (*solverês* – geralmente o português). A tarefa consiste em decompor, entender a ordem e o significado dos morfemas, o ordenamento sintático, as noções semânticas, regras de formação de palavras ou frases, e, ao fim do processo, traduzir algumas frases de *problemês* para *solverês* e vice-versa. Esta chave de conversão é a estrutura mais usual²²¹ dentre os Problemas Linguísticos em geral.

Problema 5 (20 pontos). Seguem algumas palavras na língua rikbaktsa e suas traduções para o português:

ahapery	<i>eu esperei vocês</i>	nisiboro	<i>ele os mordeu</i>
tsiksi	<i>você partiu</i>	tsipurunaha	<i>a gente vai dormir</i>
puru	[<i>eu vou dormir</i> <i>ele vai dormir</i>]	iknaraha	<i>eu caí</i>
tsimiywak	<i>você vai caçar</i>	piksi	[<i>eu vou partir</i> <i>ele vai partir</i>]
tsikmoronaha	<i>a gente tomou banho</i>	zahaboro	<i>ele mordeu vocês</i>
tsimymoro	<i>você vai tomar banho</i>	mywak	[<i>eu vou caçar</i> <i>ele vai caçar</i>]
myzomo	[<i>eu vou chegar</i> <i>ele vai chegar</i>]	tsibeze	<i>você o matou</i>
piboro	[<i>eu vou mordê-lo</i> <i>ele vai mordê-lo</i>]	zuru	<i>ele dormiu</i>
nimoro	<i>ele tomou banho</i>	tsikzomo	<i>você chegou</i>
tsipaperynaha	<i>a gente vai esperar você</i>	piwy	[<i>eu vou reparti-lo</i> <i>ele vai reparti-lo</i>]
nimypery	<i>ele nos esperou</i>	pikbeze	<i>ele vai me matar</i>
tsipikharapyryk	<i>você vai me abraçar</i>	tsimykarinaha	<i>a gente vai dançar</i>

(a) Traduza para o português:

- aharapyryk
- mymyboro
- uru
- tsiksiwynaha
- ikwak
- ziksi

(b) Traduza para o rikbaktsa:

- *a gente vai cair*
- *eu tomei banho*
- *você nos mordeu*
- [*eu vou esperá-los*
ele vai esperá-los]
- [*eu vou abraçar vocês*
ele vai abraçar vocês]
- *você vai partir*
- *eu o matei*

△ O rikbaktsa pertence à família macro-jê. Ele é falado por cerca de 600 pessoas no estado de Mato Grosso, no Brasil. s = x em *xícara*; ts = *tch* em *tchau*; y é uma vogal; z é uma consoante.
—André Nikulin

Imagem 7 – Problema da prova individual da IOL – 2021

Fonte: <https://ioling.org/problems/2021/i5/> Acesso em 05.09.2021

²²⁰ De acordo com Bozhanov & Derzhanski (2013), este termo foi introduzido por *Ivan Derzhanski* em 2004 e ganhou circulação dentro do Comitê de Problemas da IOL, Isto porque a maneira de resolver esse Problema (comparando estruturas correspondentes em diferentes idiomas) se assemelha ao método de *Jean-François Champollion* ao decifrar o Egípcio Antigo com a ajuda de um texto egípcio e outro grego paralelo inscrito em uma estela de granodiorito que foi descoberta perto da cidade de Rashid (Rosetta), no Delta do Nilo. Outro termo bem aceito para esse tipo é Problema bilingue, geralmente usado pela equipe da Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou.

²²¹ Disponível em <https://www.aclweb.org/anthology/W13-3401.pdf> Acesso em 05.11.2020.

- **Caos-e-Ordem:** Também chamado de *Kibuzi*²²², o *corpus* é apresentado como uma lista de palavras ou expressões e suas traduções fora de ordem. A tarefa consiste em relacionar estas duas listas. Esse formato é bastante usual nos Problemas que envolvem relações semânticas.

Problema 2 (20 pontos). São dadas, a seguir, algumas palavras na língua iucaguir da tundra e suas traduções para o português em ordem arbitrária:

ilennime, joqonnime, saancohoje, johudawur, ilenlegul, cireme, johul, aariinmøŋer, joqodile, møŋer, ciremennime, joqoncohoje, saadoŋoj, uoduo, oŋoj, aariinjohul, uodawur, joqol

tiro, caixa de madeira, nariz, pássaro, faca iacute, ração de rena, bolsa, boca do fuzil, cavalo, estojo de nariz, casa de madeira, neto, trovão, iacute, berço, rebanho de renas, faca de madeira, ninho

(a) Determine as correspondências corretas.

(b) A palavra *ewce* significa 'ponta, extremidade'. Traduza para o português:

aarii, aariidoŋoj, ciremedawur, ile, johudewce, legul, saal, saannime, uo.

Duas dessas palavras possuem os mesmos significados que duas das palavras listadas entre os dados.

(c) A palavra *cuo* significa 'ferro'. Traduza para o iucaguir:

pássaro de ferro, ronco, ponta da lâmina da faca, saco de provisões.

Se você não tem certeza sobre como traduzir determinada palavra, explique o porquê.

△ A língua iucaguir da tundra é falada por uma pequena população no nordeste siberiano. Ela é falada apenas por algumas dezenas de pessoas, principalmente idosos, uma vez que muitos iucaguirs abandonaram sua língua em favor do russo ou de outra das línguas de seus vizinhos mais numerosos, frequentemente portadores de uma cultura material mais desenvolvida (como os iacutes).

O estojo de nariz é um protetor do nariz contra o frio.

—*Ivan Derjanski*

Imagem 8 – Problema da prova individual da IOL – 2013

Fonte: <https://ioling.org/problems/2013/i2/> Acesso em 05.06.2021.

²²² Esta alcunha é uma homenagem ao primeiro Problema neste formato, composto por *Alfred N. Zhurinsky*, na Olimpíada Linguística de Moscou em 1966, o qual reproduzimos abaixo, na íntegra:

Problema 211. São dadas palavras na língua suaíli (Leste Africano) e suas traduções para o português, fora de ordem:

mtu, mbuzi, mgeni, jito, jitu, kibuzi;

gigante, cabritinha, convidado, cabra, pessoa, rio grande.

Tarefa: Estabeleça que tradução corresponde a cada palavra.

(Disponível em https://www.mccme.ru/llsh/books/olimp-1965-1975/lingv_1965_1975.pdf p. 126).

- **Múltipla Escolha:** O *corpus* é composto de numerosas alternativas de resposta as quais necessitam de uma trabalhosa análise linguística. A tarefa pode ser associada a qualquer outra tipologia no mesmo Problema. Tem a vantagem de uma correção mais rápida, até mesmo computadorizada.

Questão 3: Parece Verbo

Robson Carapeto-Conceição
Bruno L'Astorina

As classes gramaticais não são estáticas. Inclusive, as palavras costumam mudar de função ao longo do tempo e conforme o uso. Muitas vezes, palavras que normalmente expressam um significado pleno são destituídas desse sentido primário e utilizadas como meros acessórios sintáticos. Esse processo de mudança de classe e função das palavras é chamado de *gramaticalização*.

Os excertos abaixo são provenientes de reconhecidos bancos de textos da fala cotidiana. Numere as ocorrências do verbo *parecer*, identificando uma variação gradual entre a frase em que ele é "mais verbo" (5) e uma outra em que poderíamos classificá-lo claramente como uma outra classe gramatical – portanto, "menos verbo" (1). ^{50 pt}

- [] Esse ano não teve [festa], caiu no domingo, então eles preferiram transferir parece para o dia das crianças, porque, em geral, os ... a religião dele, aos domingos, não ... não ... é dia completamente de ... que não tem comércio, não é?
- [] Fica uma delícia est/... Fica uma delícia... que Não fica aquele -- fica cajuzinho cre/ caramelo, o amendoim fica parecendo um caramelo.
- [] Há um negócio que se chama haras... agora o haras me parece que não é no hipódromo... é o local onde o cavalo é é é... é cuidado... é tratado...
- [] O pedágio passou para parece que setenta cruzeiro a partir de dia prime- depois de amanhã.
- [] São certas ... liberdades... que hoje existem ... que há anos atrás poderiam parecer excessivas mas que na realidade NÃO SÃO.

O processo de gramaticalização é extremamente ativo nas línguas. Durante todo o tempo, sem percebermos, usamos palavras gramaticalizadas a partir de outras formas. No parágrafo abaixo, existem 25 palavras que ainda existem em nossa língua no seu sentido original (como verbo, substantivo, etc.) mas que também estão estabelecidas em papéis novos, gramaticalizados. Sublinhe-as. ^{2 pt cada}

A notícia era surpreendente, visto que Juca sempre fora um empregado exemplar. Laura soube via amigos, parece que enquanto voltava do trabalho. Joaquina, contudo, não se abalou. Papai sempre foi assim, trabalhou duro a vida toda. Ficou desanimado uma da da época, é verdade, mas isso não explica. Que tal essa blusa laranja? Muito cheguei, né? E essa? Essa vai ficar ótima nela. Posso trazer de volta, caso não sirva? Talvez leve um tempo pra se acostumar, sabe? Fica indo sempre nos mesmos lugares, mantendo os mesmos hábitos, aí depois fica mal mesmo. Vin te e sete e setenta e cinco. A pessoa precisa mudar, dar uma colher de chá pras oportunidades. Crédito ou débito? Então a gente leva ela pra sair, se pá ela até arruma um namorado novo. Não precisa da minha notinha não, tá? Obrigado.

- **Malha textual:** Ao contrário do formato Pedra de Roseta, em que são oferecidos somente poucos dados, o *corpus* do tipo malha textual oferece muito mais informações do que o essencial, sendo preciso selecionar no texto aquilo que é relevante. O formato é bastante usado para provas de equipe da IOL e para tratar de pidgin, línguas crioulas ou interlínguas. A tarefa apresenta apenas o *problemês* (língua desconhecida) e a resposta é na língua de trabalho do participante - português no nosso caso.

Questão 4: Papiamento

Bruno L'Astorina
 Victória Flório

Papiamento ta un idioma crioyo, cu ta e lenga materno di mas cu 300 mil hende cu ta biba na tres islanan Aruba, Boneiru i Korsou. E idioma probablemente ta deriva for di Portugues of Spaño cu e vocabulario influencia di lenga Africano, Ingles, Hulandes i Arawak. Na Aruba, Papiamento i Hulandes ta e idioma oficial. Na Antias Hulandes (Korsou i Boneiru), Papiamentu, Ingles i Hulandes ta oficial. E Wikipedia na papiamento a habri na aña 2006 i awor tin 1,305 artikulo.

E ortografia (cu nifica: e reglanan di puntuashon i di skribi) di papiamento ta varia un tiki entre esun uzá den Antias Hulandes ("papiamentu", mas fonétiko) i esun uzá na Aruba ("papiamento", mas históriko). Pero tur papiado di papiamento, tantu na Aruba, Boneiru i Korsou ta kompronde otro perfektamente.

Bo ta bai lesa abou siete paragrafnan: seis di un historia na Papiamento, den un orden kualke, i un cu no ta hasi sinti den historia. Tradusi kada un pa Portugues. ^{10 pt kada}

1. Despues e piscador a bolbe su rancho e casá a bisa: "Bo no a piscá nada awe?"
2. Diripiente el a sinti algo na su liña. Ora cu el a hala su liña bin ariba e por a nota un piscá na su anzué. Pa sorpresa e piscá a cuminza papia.
3. "No", e homber a contestá. "Tur mi a piscá un prins encantá kende no ta bai sirbi pa come. Pero awor tur cos ta hopi bon."
4. Kiko ta riba e mesa? "Esaki ta un buki kende bo a lesa."

- **Puzzle clássico:** O *corpus* apresenta como principal característica o formato tradicional das revistas de passatempo e jogos, contendo sudoku, caça-palavras, quiz, palavras-cruzadas criptogramas, entre outras formas de organização para a deduzir os fenômenos a partir de caminhos lógicos a fim de apresentar um conjunto de informações de maneira visual.

Questão 4: Futoshiki Fonético

Johan Frid, Universidade de Lund (adap.)
Olimpíada de Linguística da Suécia 2013

Existe um passatempo japonês chamado *futoshiki* (不等式), que significa “desigualdade”. Em um tabuleiro de futoshiki 5 x 5, como o exemplo ao lado, devem aparecer os números de 1 a 5, obedecendo a dois critérios:

- (1) Cada número só pode aparecer uma vez na mesma coluna e na mesma linha (como em um *sudoku* comum);
- (2) Os números precisam obedecer às desigualdades do tabuleiro. Assim, quando aparecer o símbolo > entre duas casas, o número na ponta da seta precisa ser menor que o número na “boca” dela.

5	>	4	3	>	2	>	1	
4		3		1		5		2
2		1		4		3		5
3		5		2		1	<	4
1	<	2	<	5		4		3

Nesta questão, resolveremos uma versão fonética do futoshiki. Nela, só podem aparecer cinco letras: **F**, **H**, **K**, **P** e **T**. Cada uma delas representará o som consonantal que ela normalmente representa. A exceção é o H, que não usaremos como consoante muda (como em *humor* ou *hiato*) mas como consoante aspirada, como se usa em inglês (*hat*, *house*, etc.) ou como *rr* em *carro* conforme falado, por exemplo, em Belo Horizonte – isto é, uma aspiração leve, sem “raspar a garganta”. Reproduza esses sons na sua boca, veja os lugares em que são articulados (onde se encostam língua, gengiva, palato, dentes, lábios, etc.).

As regras são as mesmas: cada consoante só pode aparecer uma vez por linha e uma vez por coluna, obedecendo ainda às desigualdades. Nesse caso, pense no sinal < como uma boca aberta. A consoante ao lado da ponta precisa ser pronunciada mais atrás, na boca, que a consoante ao lado da abertura – ou seja, o símbolo “<” significa “é pronunciada mais atrás na boca que”. Por exemplo, podemos escrever P > T, mas não o contrário.

Seguindo essa regra articulatória, coloque os sinais apropriados (> ou <) na coluna da esquerda. ^{5 pt.cada} Depois, resolva o futoshiki fonético da direita. ^{50 pt}

F	H				<		
F	K				^		^
F	P	T		F		K	
F	T						
H	K	H					F
H	P						
H	T				v		
K	P		>		H		
K	T				v		
P	T						

Quanto ao **destinatário**, é relevante diferenciar o raciocínio dos Problemas que tratam sobre língua(s) conhecida(s) do participante, materna ou adicional, daqueles Problemas que tratam de línguas totalmente desconhecidas dos competidores. A diferença crucial é que no segundo caso o estudante não tem acesso a informações não contidas no enunciado. Somente este tipo é utilizado nas etapas internacionais da IOL ou da Onling. Problemas com línguas conhecidas são usados apenas para etapas nacionais, em todos conhecem o idioma do Problema.

Na análise relativa ao **conteúdo**, é preciso lembrar que o Problema Linguístico é também um instrumento pedagógico, isto é, além de ter uma forma lógica divertida e desenvolver habilidades cognitivas, esse gênero também oportuniza aos participantes terem contato com o conhecimento linguístico em duas direções: 1) Conhecimento sobre o aspecto/fenômeno que a língua manifesta no Problema, o que potencialmente desperta o interesse e a curiosidade do participante para uma pesquisa sobre o assunto e novos descobrimentos sobre aquele idioma ou sobre outros que compartilham a mesma característica; e ainda 2) Conhecimentos sobre um conjunto de procedimentos ou técnicas de análise linguística que se relacionam ao aspecto/fenômeno demonstrado. Ou seja, o Desafio Autossuficiente funciona como um dispositivo para incentivar a autodescoberta sobre o funcionamento das línguas naturais, que expressam a cognição social de seus falantes, e ainda um instrumento para conhecer as área da disciplina Linguística, ainda que indiretamente, por meio de reflexões e técnicas da área.

Como já dissemos, os Problemas Autossuficientes não necessitam de qualquer conhecimento prévio, nem da língua analisada e nem da linguística, por essa razão qualquer consulta à lista de edições anteriores, disponíveis nos sítios virtuais das Olimpíadas²²³ e da IOL²²⁴, demonstrará a enorme variedade de fenômenos e raciocínios usados para resolver o gênero textual. Pode-se listar objetos de várias áreas dos estudos linguísticos, com Problemas monolíngues ou multilíngues, e, adicionalmente, ainda se oferece espaço para visibilidade e valorização da diversidade linguística, evidenciando idiomas minoritários/menorizados de muitos países. De forma geral, pode-se evidenciar essa multiplicidade de conteúdos na Tabela 10, a seguir:

²²³ Disponível em https://ioling.org/local_organizers/ Acesso em 05.11.2020.

²²⁴ Disponível em https://ioling.org/problems/by_year Acesso em 05.11.2020.

Conteúdo	Aspectos linguísticos	Reflexões e Procedimentos
Histórico	Relação entre línguas parentes	Efeitos das mudanças linguísticas
Fonético/Fonológico	Sons da fala e variações	Transcrição e acuidade auditiva
Morfológico	Estrutura interna das palavras	Segmentação e composição de termos
Sintático	Interação de termos na frase	Papéis temáticos, ordem etc.
Semântico	Processos de significação	Inferências, implicaturas etc.
Numérico	Interface com a matemática	Operações básicas e lógicas
Lexical	Estudo de conjunto de palavras	Tratamento de <i>corpus</i> específico
Textual	Seleção de dados em textos	Organização, análise e adequação
Computacional	Linguagem de programação	Sistematização de informações
Código	Conexão lógica e linguagem	Desvendamento intuitivo de algoritmos
Psico e Neurolinguístico	Linguagem em processamento	Experimentos e interpretações
Pragmático	Usos linguísticos em contexto	Reconhecimento de grupos sociais
Discursivo	Desmistificação de preconceitos	Interpretação e argumentos com dados
Semiótico	Linguagem não verbal e visual	Traduções, direções, acuidade visual
Escrita	Representações gráficas	Ortografia e tipografia linguística

Tabela 10 – Critérios quanto ao conteúdo dos Problemas Linguísticos
 Fonte: Elaborada pelo autor

Como já mencionamos, exemplificar essas classificações é sempre uma atividade limitada e parcial, pois não temos a pretensão de abranger todas as possibilidades do gênero, ou seja, os conteúdos podem ser tão diversos e combinados de tantas outras formas que nossa lista visa apenas observar os Problemas Linguísticos que circulam com frequência nas Olimpíadas de Linguística, e não esgotar a totalidade de suas realizações. Esses conteúdos podem ser usados tanto em etapas nacionais como internacionais, a depender do critério **destinatário**. Assim, os Conteúdos mais comuns de Desafios Autossuficientes são:

Histórico: Em honra à tradição de Sir. William Jones, esse tipo visa comparar duas ou mais línguas, geralmente parentes, ou que estão em contato. Pode contrastar também palavras faladas e escritas no mesmo idioma ao longo de seu desenvolvimento histórico, focalizando as mudanças linguística em qualquer nível de análise.

Questão 3: Famílias Germânicas

Alexander D. Wentzel e Alfred N. Zhurinsky¹

Na tabela abaixo, encontramos algumas palavras do alemão com suas respectivas versões em sueco e em dinamarquês, bem como suas traduções para o português. Infelizmente, algumas células da tabela foram perdidas. Sua tarefa é completá-las (não a parte do português).

Alemão	Sueco	Dinamarquês	
Ding	ting	ting	(coisa)
Mauer	mur	mur	(muro)
Leuchte		lygte	(luz)
bieten		byde	(oferecer)
Dach		tag	(telhado)
mengen		mænge	(misturar)
Fuß		fod	(pé)
Stein	sten		(pedra)
siech	sjuk		(doente)
Schule	skola		(escola)
leiten	leda		(guiar)
heißen	hete		(chamar-se)
teuer	dyr		(caro)
	djur	dyr	
	fyr	fyr	
	sjuta	skyde	
	makt	magt	
	läsa	læse	
deuten			(apontar)
Geiß			(cabra)
	ny		
	bruka		
		del	

No alemão há três encontros vocálicos: **au** /*au̯*/, **ei** /*ai̯*/ e **eu** /*ɔy̯*/ . O dígrafo **ch** representa um fonema fricativo palatal surdo [ç] quando segue vogais anteriores (frontais) e um fricativo velar surdo [x] quando segue vogais posteriores. O trígrafo **sch** representa [ʃ] e a ligatura **ß** corresponde ao nosso dígrafo **ss**. Em todas as línguas germânicas, **j** tem som de i consonantal (ou semi-vogal), enquanto **ä** e **æ** são vogais arredondadas específicas das línguas nórdicas.

Imagem 12 – Problema 30 da Olimpíada de Moscou – 1966

Fonte: https://www.mccme.ru/lsh/books/olimp-1965-1975/lingv_1965_1975.pdf p. 29-30.

- ✓ **Fonético/Fonológico** Esse tipo organiza o desafio em torno dos sons da fala visando uma tradução, classificação, ordenação, transcrição fonética ou ainda descrição de fenômenos como assimilação, harmonia vocálica, entre outros.

Problema da prova por equipes

Fornecemos-lhes 114 arquivos de áudio. Cada arquivo contém uma palavra da língua taa pronunciada duas vezes. Segue abaixo a lista das transcrições dessas palavras. Os arquivos de áudio, assim como as palavras escritas, estão dados em ordem aleatória.

1. pú'úi	24. 'â:	47. áá	70. †'āa	93. ʘqouí
2. d̩m	25. ngāa	48. gʘxána	71. gqhalē	94. lnáā
3. lq'ama	26. ʘxóō	49. n gàa	72. d̩s'qàa	95. †gà:
4. g hàā	27. xāā	50. t'qàa	73. †qâ:	96. qàa
5. haā	28. g xàn	51. khàla	74. dtsháā	97. g xá'ā:
6. qáā	29. g k'qâ:	52. ʘk'qóm	75. dthàā	98. g hàā
7. lhāā	30. g k'qáā	53. d̩s'áā	76. d̩s'qala	99. †nà:
8. g há:	31. gʘhòō	54. bà	77. háa	100. ʘq'um
9. †xá:	32. g k'qâ:	55. q'ũna	78. hâa	101. †k'qâũ
10. ʘqhòō	33. â:	56. tháa	79. qá'am	102. qáheh
11. gâā	34. ?nâ:	57. ʘnôō	80. dt'qáa	103. nâ:
12. ʘ'óō	35. ?mala	58. tshála	81. !nahn	104. ? nàhā
13. xāā	36. dzàni	59. xāā	82. káa	105. †nũ'ũā
14. tâa	37. n qhāna	60. !'áá	83. tsàhāh	106. ʘgòō
15. kx'qâ:	38. †hāā:	61. gʘk'qóō	84. n!gqá	107. ?'áa
16. lk'gá:	39. †à:	62. hòo	85. ʘhòō	108. ʘaje
17. hàā	40. n†gâ:	63. !qâ'am	86. gâ:	109. n gâ:
18. qhâ:	41. ?hâũ	64. xàa	87. 'àa	110. náā
19. gâ:	42. qáā	65. txâli	88. †s'āa	111. gâō
20. n̩nâ	43. nʘgòo	66. qhâ:	89. g xa'an	112. ʘqâ'ā:
21. k'qâà	44. g k'qâ:	67. ʘôō	90. gkx'qâ:la	113. lâ:
22. sâa	45. k'qâ:	68. dtshxà'a	91. ?ʘnaje	114. q'án
23. †qhâ:	46. g hâ:	69. †q'an	92. dtxàa	

(a) (114 pontos) Façam as correspondências entre os arquivos de áudio e as palavras escritas.

(b) (6 pontos) Descrevam brevemente suas observações sobre a língua taa e sua transcrição.

△ O taa pertence à família tuu. É falado por cerca de 2 600 pessoas em Botsuana e na Namíbia.

—Danylo Myssak

- ✓ **Morfológico:** Esse tipo visa distinguir as partes constitutivas de um vocábulo, sua ordem e restrições. Marcas de gênero, de número, de caso, declinações, morfemas de tempo e aspecto verbal, (in)definição, negação, posse, modalizadores, partículas etc. Interfaces com a fonologia e com a sintaxe são comuns nestas Tarefas.

Problema 2 (20 pontos). Seguem as formas, no singular, dual e plural, de alguns substantivos da língua kiowa, bem como suas traduções para o português. Nem todas as formas são dadas, apesar de existirem.

singular	dual	plural	
adɔ	a	a	árvore
mat ^h ɔnsjan	mat ^h ɔnsjan	mat ^h ɔnsjadɔ	menina
k'ɔ	k'ɔ	k'ɔgɔ	faca
t ^h ot'olagɔ	t ^h ot'ola	t ^h ot'olagɔ	laranja
aufi		aufigɔ	peixe
p ^h jaboadoɔ		p ^h jaboa	luz do poste
mat ^h ɔn		mat ^h ɔdoɔ	moça
k'ɔnbohodoɔ		k'ɔnbohɔn	chapéu
t'ɔ		t'ɔgɔ	colher
		e	pão
alɔɔhjegɔ	?	alɔɔhjegɔ	ameixa
?	tsegun	tsegudoɔ	cão
alɔguk'ogɔ	alɔguk'o	?	limão
?	k'ap ^h t ^h ɔ	k'ap ^h t ^h ɔgɔ	velho
k ^h ɔdoɔ	k ^h ɔ	?	cobertor
k'ɔdoɔ	?	k'ɔdoɔ	tomate
?	alɔ	?	maçã
?	p ^h ɔ	?	bisão
?	?	sadoɔ	menino
ɔlsun	?	?	penete
?	pitso	?	garfo
?	t ^h ɔp ^h paa	?	cadeira

Complete as células marcadas com ponto de interrogação.

⚠ O kiowa pertence à família kiowa-tanoana. Ele é um idioma ameaçado de extinção, falado apenas por algumas centenas de pessoas no estado de Oklahoma, EUA.

As palavras da língua kiowa são dadas em transcrição simplificada. **k', t', p', k^h, p^h, t^h** são consoantes; **ɔ** é uma vogal.

—Aleksejs Peguševs

- ✓ **Sintático:** Esse tipo busca compreender a estrutura dos sintagmas de línguas desconhecidas. Para isso, é importante observar a ordem sintática entre sujeito, verbo e objeto (SVO, SOV, VSO, VOS, OSV, OVS), além de papéis temáticos de agente, paciente, fonte, alvo, tema, locativo etc. Morfologia, sintaxe e fonologia (ou morfossintaxe e morfofonologia) são os conteúdos mais comuns de *Problemas Linguísticos*, geralmente na estrutura Pedra de Roseta.

Problema 3 (20 pontos). Seguem algumas frases em português e suas traduções para kilivila:

1. *Um homem vai pescar esses quatro peixes.*
Bibani navasi yena minasina tetala tau.
2. *Esse branco chegou.*
Lekota dindim mtona.
3. *Aquela criança vai chegar.*
Bikota gwadi magudiwena.
4. *Essa velha viu aquelas canoas.*
Legisi waga makesiwena namwaya minana.
5. *Qual homem matou dois porcos?*
Amtona tau lekalimati nayu bunukwa?
6. *As velhas cuidaram de dois homens.*
Leyamatasi teyu tauwau numunwaya.
7. *Aquela mulher esperta vai ver alguma coisa.*
Bigisi kwetala vivila minawena nakabitam.
8. *Quantos cachorros chegaram?*
Navila ka'ukwa lekotasi?
9. *Qual canoa viram os caciques?*
Amakena waga legisesi gweguyau?
10. *Aquela criança bonita viu essa pedra.*
Legisi dakuna makwena gwadi magudiwena gudimanabweta.
11. *Quantas coisas comeram aqueles brancos_(sujeito)?*
Kwevila lekamkwamsi dindim mtosiwena?
12. *O cacique esperto matou um porco selvagem.*
Lekalimati natala bunukwa nagasisi guyau tokabitam.
13. *Quantas mulheres vão cuidar desse homem?*
Navila vivila biyamatasi tau mtona?

(a) Traduza para o português:

14. Navila vivila biyamata tomwaya mtona?
15. Bikamkwamsi kweyu vivila minasina.
16. Amagudina gwadi lekota?
17. Tevila tauwau bigisesi gugwadi gudigasasi?
18. Legisesi ketala waga vivila minasiwena.

Uma dessas frases tem duas traduções possíveis. Indique ambas.

(b) Traduza para o kilivila:

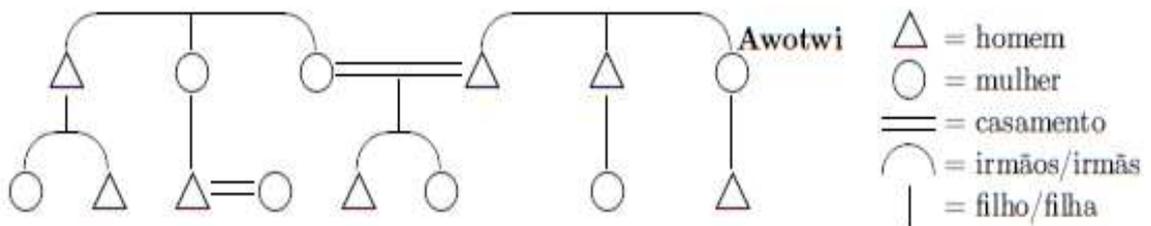
19. *Quantas canoas viram aquelas velhas_(sujeito)?*
20. *Esses quatro brancos vão cuidar dessa criança esperta.*
21. *Quantas crianças_(sujeito) vão comer esses porcos?*
22. *Qual mulher pescou aqueles peixes bonitos?*
23. *Dois cachorros selvagens viram aquele velho.*

△ O kilivila pertence ao ramo oceânico da família austronésia. Ele é falado por cerca de 20 000 pessoas nas Ilhas Trobriand, em Papua Nova Guiné. —Samuel Ahmed

- ✓ **Semântico:** Esse tipo demonstra as minúcias dos processos de significação, muitas vezes ligadas aos aspectos históricos, culturais, sociais ou antropológicos dos povos. Por tratar de tópicos variáveis, seu conteúdo apresenta peculiaridades linguísticas de grupos remotos, quer no tempo, quer no espaço. A Tarefa consiste em fazer inferências sobre a diversidade e a subjetividade constitutivas das línguas e culturas humanas.

Problema 5 (20 pontos). Veja como três homens do povo akan, pertencentes à mesma família, apresentam a si mesmos e a alguns outros membros de sua família (veja a árvore genealógica):

1. Yefre me Enu. Yefre me banom Thema ne Yaw ne Ama. Yefre me yere Kunto. Yefre me nuanom Awotwi ne Nsia. Yefre me wofaase Berko.
2. Yefre me Kofi. Yefre me nua Esi. Yefre me agya Ofori. Yefre me sewaanom Dubaku ne Kunto. Yefre me sewaabanom Yaw ne Ama ne Kobina.
3. Yefre me Kobina. Yefre me enanom Dubaku ne Kunto. Yefre me nuanom Yaw ne Ama. Yefre me wofa Ofori. Yefre me yere Efua.



- (a) Preencha a árvore genealógica com os respectivos nomes.
- (b) Seguem algumas afirmações feitas por outros dois homens, membros da mesma família:

1. Yefre me Yaw. Yefre me enanom _____. Yefre me _____ Nsia ne _____. Yefre me nuanom Thema ne _____. Yefre me _____ Awotwi. Yefre me _____ Ofori. Yefre me _____ Esi ne _____. Yefre me _____ Berko.
2. Yefre me _____. Yefre me banom Kofi ne _____. Yefre me _____ Yaw ne _____. Yefre me _____ Kunto ne _____.

Preencha as lacunas. (Algumas lacunas contêm mais de uma palavra.)

\triangle O akan pertence ao subramo kwa da família atlântico-congolesa. Ele é falado por cerca de 8 000 000 pessoas em Gana. —*Ksênia Guiliárova*

- ✓ **Numérico:** Subtipo especial dos Problemas Semânticos, demonstram a pluralidade de representações do mundo. Esta tipologia demonstra a construção linguística dos numerais em idiomas desconhecidos a fim de levar o participante a descobrir as regras subjacentes na formação do sistema em análise. Temas como descrição de horas no relógio, datas/calendário, quantidades de diferentes tipos de objeto, e, ainda, resolução de operações aritméticas são dominantes nessa tipologia. Várias bases já foram usadas bases 2 (binário), base 5 (quinário), 12 (duodecimal), 20 (vigesimal), 60 (hexadecimal), entre outras.

Problema 1 (20 pontos). Seguem algumas igualdades aritméticas na língua birom:

1. $tùḡūn^2 + tāt + nààs = bākūrū bībā ná vè rwīt$
2. $tāt nààs = bākūrū bitūmìn ná vè jāātāt$
3. $tāāmà^2 + jāātāt + gwīnìḡ = bākūrū bīnāàs ná vè jāāgwīnìḡ$
4. $jāātāt gwīnìḡ = jāātāt$
5. $rwīt^2 + bà + tùḡūn = bākūrū bitūḡūn ná vè jāāgwīnìḡ$
6. $bà tùḡūn = bākūrū bībā ná vè rwīt$
7. $jāātāt^2 + nààs + tāt = bākūrū bitāāmà ná vè nààs$
8. $nààs tāt = bākūrū bitūḡūn ná vè nààs$
9. $kūrū ná vè nààs + kūrū ná vè jāātāt = kūrū ná vè tīmìn + bà + kūrū ná vè tùḡūn$

Todos os números neste problema são maiores que 0 e menores que 125.

- (a) Escreva as igualdades (1–9) com algarismos.
- (b) Escreva os números $bākūrū bitāt$, $jāāgwīnìḡ$, $kūrū$ e as igualdades (A) e (B) com algarismos.

A. $bākūrū jāābitāt - tāt - kūrū ná gwē gwīnìḡ = bākūrū bitāāmà ná vè rwīt$

B. $bākūrū bīnāàs ná gwē gwīnìḡ - kūrū ná vè bà - kūrū ná vè tāt = kūrū ná vè rwīt$

- (c) Escreva em birom: 6, 22, 97, 120.

△ O birom pertence ao grupo do planalto do ramo benue-congolês da família atlântico-congolês. É falado por cerca de 1 000 000 pessoas na Nigéria.

ϵ é uma vogal. η e \jmath são consoantes. A duplicação da vogal indica sua duração longa. Os sinais ´, ¨ e ` indicam, respectivamente, os tons alto, médio e baixo.

$$a^k = \underbrace{a \times a \times \dots \times a}_{k \text{ vezes}}; a^1 = a.$$

—Milena Véneva

- ✓ **Lexical:** Esse tipo focaliza um conjunto de palavras em um *corpus* específico ou ainda um conjunto de termos de uma língua. O participante deve organizar, listar descrever, adequar, classificar, analisar e interpretar os dados do Problema conforme a Tarefa instruir. Frequentemente, contrasta os sistemas da fala e da escrita de uma língua ou, ainda, palavras em diferentes contextos.

Problema da prova por equipes

Considere as seguintes palavras e suas explicações retiradas de um dicionário monolíngue de mongol (*Mongol qelnij tovč tajlbar tol'*, Ulaanbaatar, 1966), dadas em transcrição latina:

1. **asaq:** nocoq, gal genel garaq
2. **bal:** zögiyn cecgiyn šütiseer bolovsruulaq čiqer amttaj ötgön züjl
3. **bor:** qar cagaan qojor qol'col'dson öngö
4. **büleen:** zöög, qaluun biš, qüjten biš
5. **cagaan:** jumny cas met öngö
6. **cas:** Žiqüün cagt agaart usan talstuud bij bolž cav cajm ungaril širqgüüdeer buuq agaaryn tundas
7. **čiqer:** tusgaj manžingas jalgaruulan avdag cagaan öngötej böggöd amlag težeelij talst bodis
8. **davs:**
 - (1) gašunduu qurc amttaj talst bodis, qoolond amt oruulaqad qereglene
 - (2) ustörögč atom n' tömörlögiyn atomaar soligdson qimijn bodis
9. **gal:** šataž bajгаа bodisoos garsan qaluun
10. **ideq:** am'tny jumyg qool bolgon qeregleq
11. **kal'ci:** qimijn ünsden maqbod, qöngön cagaan tömörlög
12. **kilogramm:** qünd qöngönij qemžüür, neg mjangan grammtaj tencüü
13. **kofè:**
 - (1) kofejn mod gedeg qaluun orny modny böörönqij ür
 - (2) ene üreer Čanasan und
14. **manan:** usny uur düürsen tungalag bus agaar
15. **mös:** qöldsön us
16. **nocoq:** asaq, šataq
17. **nojton:** quuraj esreg utga, ustaj
18. **nüürs:** mod šataqad bij boloq šataq qatuu züjl
19. **ötgön:** šingenij esreg utga
20. **šaraq:** ideenij züjljig gald tülž bolgoq

* * *

(a) Traduza para o português:

čiqertej kofè, mjangan žin, neg kilogramm, ötgön manan, qaluun us, qojor utga, quuraj süü, qüjten us, süü uuq, süün qöldmöl, süütej kofè, undny us.

(b) Traduza todas as palavras que puder das entradas do dicionário.

—Boris Iomdin

Imagem 18 – Fragmento do Problema da prova por equipe da IOL – 2010

Fonte: <https://ioling.org/problems/2010/t1/> Acesso em 05.11.2020.

- ✓ **Textual:** Esse tipo apresenta um fragmento de texto, geralmente um trecho de um documento oficial, uma música, uma poesia, dentre outros, a fim de que o participante possa buscar traduzi-lo o quanto conseguir. A Tarefa pode ser ajudada com pistas contextuais, com algum vocabulário mínimo ou por meio da atuação em equipes, já que este tipo costuma ser mais trabalhoso.

Team Contest Problem

Here is a list of the 50 most frequent words of the Vietnamese language with their occurrences in a corpus (text collection) of one million words:

Từ	Số	Từ	Số	Từ	Số	Từ	Số	Từ	Số
1 và	13076	11 được	6620	21 ông	4224	31 làm	3762	41 nước	3176
2 của	12313	12 người	6434	22 công	4210	32 đó	3724	42 thể	3166
3 một	10587	13 những	6065	23 như	4088	33 phải	3637	43 quốc	3139
4 có	10488	14 với	5396	24 cũng	4068	34 tôi	3484	44 tại	3105
5 là	10303	15 để	4984	25 về	4025	35 chính	3413	45 thể	3032
6 không	8451	16 ra	4881	26 ở	4005	36 năm	3360	46 nói	3007
7 cho	8387	17 con	4685	27 nhà	3942	37 đi	3290	47 trên	2991
8 các	8383	18 đến	4645	28 khi	3890	38 sẽ	3268	48 thì	2941
9 trong	8149	19 vào	4548	29 dân	3811	39 bị	3218	49 thành	2899
10 đã	7585	20 này	4403	30 lại	3806	40 từ	3195	50 nhưng	2895

Translate as much as you can from the first ten reading units of a Vietnamese course for advanced beginners given below. You will find all of the above words except five in the reading units. These words are highlighted in the texts.

Bài một. *My Room*

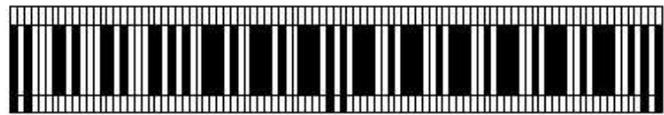
¹Đây là phòng của tôi. ²Trong phòng có nhiều đồ đạc. ³Đây là bàn và ghế. ⁴Trên bàn có một cái máy vi tính, một vài đĩa CD, một vài quyển sách, một cuốn từ điển Anh-Việt và rất nhiều bút. ⁵Đây là giường của tôi. ⁶Trên giường có gối, chăn và một cái điều khiển ti vi. ⁷Kia là tủ quần áo của tôi. ⁸Tôi có nhiều quần jean và áo thun. ⁹Tôi không có nhiều áo sơ mi. ¹⁰Dưới tủ là giày và dép. ¹¹Đây là điện thoại di động của tôi. ¹²Điện thoại này rất mới và đẹp. ¹³Kia là lò sưởi điện. ¹⁴Trên tường phòng tôi có một cái máy lạnh và cái quạt máy và một tấm gương. ¹⁵Phòng tôi có một cái ti vi nhỏ và một đầu đĩa DVD. ¹⁶Đây là cái tủ lạnh của tôi. ¹⁷Trong tủ lạnh có nhiều trái cây, nước ngọt và bia. ¹⁸Trên tủ lạnh có nhiều ly cốc. ¹⁹Phòng của tôi nhỏ, nhưng tôi rất thích nó.

Bài hai. *Mr Nam Studies Korean at Hanoi University*

¹Anh Nam là sinh viên. ²Anh ấy học tiếng Hàn ở trường Đại học Ngoại ngữ Hà Nội. ³Sáng nay, anh Nam thức dậy lúc 6 giờ. ⁴Anh ấy ăn sáng lúc 6 giờ 30 phút. ⁵Anh ấy đến trường lúc 7 giờ. ⁶Buổi sáng, anh Nam học Hội thoại tiếng Hàn. ⁷Anh ấy học với một giáo sư người Hàn từ 7 giờ đến 10 giờ. ⁸Lúc 10 giờ rưỡi, anh Nam đi gặp bạn. ⁹Bạn anh ấy cũng là sinh viên ở trường đại học. ¹⁰Buổi trưa, anh ấy và bạn ăn trưa ở căn tin trong trường Đại học. ¹¹Buổi chiều, anh Nam học từ 1 giờ rưỡi đến 4 giờ. ¹²Sau đó, anh Nam đi uống cà phê với bạn. ¹³Buổi tối anh Nam học tiếng Anh ở một trung tâm ngoại ngữ.

- ✓ **Computacional:** Em alguma medida, Problemas Computacionais são também Linguísticos porque requerem reconhecimento de padrões, abstração, generalização e aplicação de soluções. Esse tipo visa introduzir o raciocínio lógico e as ferramentas formais e conceituais que são importantes para a Linguagem de programação.

Problema 5 (20 pontos). A linguagem EAN-13 (ou GTIN-13) de código de barras é usado em quase todos os países do mundo, embora ninguém fale essa linguagem. Ele tem 10 dialetos ou subcódigos principais, porém nesse problema não nos preocuparemos com o subcódigo zero, que é efetivamente o mesmo que a antiga linguagem UPC(A).



Este não é um código de barras: ele pertence a um subcódigo possível de EAN-13 que não é utilizado. (À direita, a parte do código que é lida por máquinas foi ampliada e transferida para um reticulado para facilitar a sua leitura.)

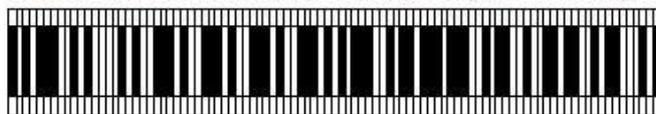


Este é um código de barras: ele pertence ao subcódigo 5. Esse código de barras é de um pacote de biscoitos do Reino Unido, e o número começa com o código do país ou número de sistema do Reino Unido, que é 50. Geralmente, a primeira parte do código (5-000168) identifica o produtor, e a próxima parte (085555) é escolhida pelo produtor e identifica o produto. O último dígito é sempre um dígito verificador.

A seguir, alguns outros números de sistema:

20–29	funções da loja	539	Irlanda	84	Espanha
30–37	França	64	Finlândia	978	ISBN (livros)
40–44	Alemanha	73	Suécia	??	Noruega

- (a) A seguir, alguns fatos sobre os códigos de barras A–I, em ordem aleatória. Dê a letra do código de barras em cada caso, e responda as outras perguntas:
1. papel higiênico (Espanha) é o código de barras E;
 2. salmão defumado (Irlanda), código do produto = 02661, dígito verificador = ?;
 3. *O Símbolo Perdido* (livro com ISBN);
 4. filé de porco (embrulhado na loja), preço = 4 euros e 16 centavos;
 5. cabeça de esfregão (donde?), código completo = 4 023103-075702;
 6. margarina que reduz colesterol (Finlândia);
 7. contrafilé (embrulhado na loja), preço = ?;
 8. *Korsordboken* (revista de quebra-cabeças, Suécia), código completo = ?;
 9. *Mots Codés* (revista de quebra-cabeças, França).
- (b) Desenhe o código de barras (imaginário) 1-453927-348790 no reticulado que está em uma das suas folhas. Parte dele foi preenchido para ajudar você.
- (c) O código de barra a seguir é de *Dagbladet*, um jornal da Noruega. Escreva o código completo. Qual é o número de sistema ou código de país da Noruega? —Hugh Dobbs



- ✓ **Código:** Subtipo dos Problemas Computacionais, esse tipo é um dos que causam mais estranhamento em quem não está acostumado com o gênero, pois não parte de um material necessariamente linguístico, mas de um código de outra natureza, como uma molécula de RNA ou um algoritmo.

Problem 3 (20 points). Soundex is an algorithm for coding names. It was developed in the USA in 1918–1922 by Robert C. Russell and Margaret King Odell in order to facilitate searching for similar-sounding surnames. In the middle of the 20th century, Soundex was extensively used in the USA to analyze results of 1890–1920 censuses.

Below is a sample card with data from the 1910 census. You can see the Soundex code for *Wilson*, which is W425.

LOUISIANA			
W 425		HEAD OF FAMILY	E. D.
Wilson, Alice			118
COLOR	AGE	BIRTHPLACE	
B	42		
COUNTY	St. Landry		CITY
OTHER MEMBERS OF FAMILY			
NAME	RELATIONSHIP	AGE	BIRTHPLACE
Eugene	W	46	
Regina	D	15	
Walter	S	13	
Louisa	D	12	
Camila	D	7	
Capell	S	7	
Hudson	S	4	

FORM 10-636 (4-20-61)
1910 CENSUS INDEX - FAMILY

U. S. DEPARTMENT OF COMMERCE
BUREAU OF THE CENSUS

Source: <https://familysearch.org/learn/wiki/en/Soundex>

Here is a list of surnames, with the corresponding Soundex codes in arbitrary order. Some characters are missing:

<i>Allaway, Anderson, Ashcombe, Buckingham,</i>	S312, T _L 6 _L , _L 5 _L 3, C42 _L , T520,
<i>Chapman, Colquhoun, Evans, Fairwright,</i>	L _L 42, A536, C155, _L 623, S356,
<i>Kingscott, Lewis, Littlejohns, Stanmore,</i>	_L 252, _L 152, _L 330, A251, A400,
<i>Stubbs, Tocher, Tonks, Whytehead</i>	L2 _L 0

- Describe how a Soundex code is produced, step by step.
- Match the surnames with the corresponding Soundex codes and restore the omitted characters.
- Generate Soundex codes for the following surnames:

Ferguson, Fitzgerald, Hamnett, Keefe, Maxwell, Razey, Shaw, Upfield.

—Alexander Piperski

- ✓ **Psicolinguístico/Neuro linguístico:** Esse tipo introduz experimentos que demonstram de que maneira o cérebro produz e interpreta dados linguísticos. Geralmente esse tipo demonstra os dados por meio de instrumental tecnológico como tomografia ou similares. A Tarefa pode incluir uma afasia ou um processamento de língua natural.

Problema 5 (20 pontos). Em uma série de experimentos desenvolvidos na Universidade Carnegie Mellon (Pitsburgo, EUA) no ano de 2010, exibiu-se a voluntários algumas palavras em inglês, enquanto se acompanhava o nível de atividade em diferentes locais do cérebro. Depois disso, pediu-se aos voluntários que pensassem em outras palavras, a partir de uma lista pré-selecionada de 60 termos, enquanto a atividade cerebral continuava sendo monitorada. Utilizando os dados obtidos, os pesquisadores puderam determinar, com grande sucesso, as palavras em que os voluntários estavam pensando.

Abaixo mostramos alguns dados dos níveis de atividade em quatro locais do cérebro, em função da palavra em que os voluntários estavam pensando.

Palavra	Tradução	Local A	Local B	Local C	Local D
<i>airplane</i>	avião	alto	baixo	baixo	alto
<i>apartment</i>	apartamento	alto	baixo	baixo	alto
<i>arm</i>	braço	baixo	alto	baixo	baixo
<i>corn</i>	milho	baixo	baixo	alto	baixo
<i>cup</i>	copo	baixo	baixo	alto	baixo
<i>igloo</i>	iglu	alto	baixo	baixo	baixo
<i>key</i>	chave	alto	alto	baixo	baixo
<i>lettuce</i>	alface	baixo	baixo	alto	alto
<i>screwdriver</i>	chave de fenda	baixo	alto	baixo	alto

Segue uma lista com as mesmas informações de seis outras palavras em que os voluntários pensaram: *bed* 'cama', *butterfly* 'borboleta', *cat* 'gato', *cow* 'vaca', *refrigerator* 'geladeira', *spoon* 'colher'.

Palavra	Local A	Local B	Local C	Local D
1	baixo	baixo	alto	alto
2	baixo	baixo	alto	baixo
3	alto	baixo	baixo	baixo
4	baixo	baixo	baixo	alto
5	baixo	alto	alto	baixo
6	baixo	baixo	baixo	baixo

Determine as correspondências corretas.

—Boris Iomdin

- ✓ **Pragmático:** Esse tipo expressa por meio interpretações contextuais, de grupos específicos, ou ainda de textos de uso localizado como diagramas, fluxogramas, quadros, gráficos, estatísticas, placas, mapas, ícones, símbolos, entre outras formas. Esse tipo de Problema Linguístico transita entre as linguagens verbal e não verbal, a fim de permitir ao estudante reunir as pistas, inferir dados, formular hipóteses e testar possíveis respostas para o Desafio.

Questão 1: Nos Sete Ventos

Anton Somin



O maltês, de origem semítica, é a língua falada por cerca de 400 mil pessoas na pequena ilha da República de Malta. Damos abaixo, em ordem alfabética, os nomes das oito direções cardeais na língua maltesa:

Il-Grigal, Il-Lbiç, Il-Lvant, Il-Majjistral, Il-Punent, In-Nofsinhar, It-Tranuntana, Ix-Xlokk

Sete destes nomes vieram da língua siciliana, na qual representam nomes para os ventos. Um deles foi formado a partir de um radical da língua maltesa.

Para ajudar, colocamos aqui um mapa do Mediterrâneo contendo Malta e seus países vizinhos, bem como duas frases mnemônicas que são ensinadas às crianças nas escolas maltesas, para que elas se lembrem dos pontos cardeais. Uma das frases é em língua inglesa e a outra, em maltês:

Tony loves Nina Pace (Tony ama Nina Pace)

Gordon xtara libsa mqatta' (Gordon comprou um vestido rasgado)

Baseado nisso, responda às seguintes perguntas:

1. Dois dos nomes malteses para direções são etimologicamente relacionados a nomes de países. Quais são esses dois países? ^{2pt}

2. Dois outros nomes têm origem em verbos latinos no participio: um veio do francês e outro do italiano. Neste contexto, os dois verbos malteses são antônimos. Uma dica extra: o verbo francês deu origem também ao nome de uma região geográfica, parte do Oriente Médio.

Quais são os significados dos dois verbos, o francês e o italiano? ^{2pt}

- ✓ **Discursivo:** Esse tipo focaliza variadas formas de comunicação, descrição de sotaques e gírias de grupos específicos, falares regionais, dialetos, idioletos e registros profissionais. É comum em etapas regionais ou nacionais, mas não na etapa internacional, pois tem como destinatário alguém que já conhece a língua abordada. Comumente, inclui o combate ao preconceito linguístico, destacando formas de falar fora do “padrão normativo”, propondo um olhar científico sobre estruturas desprestigiadas socialmente.

Questão 4: Telos

Bruno L'Astorina
Felipe Assis

Normalmente aprendemos que os verbos expressam ações, fenômenos ou estados, mas nem sempre prestamos atenção às formas dessas ações ou fenômenos. Apesar disso, tais formas estão profundamente relacionadas com o jeito como usamos expressões verbais numa sentença. Considere, por exemplo, o texto a seguir, cujo autor, não conhecendo as palavras para descrever algumas coisas que viu, simplesmente as inventou.

Inicialmente o bacuri recebe uma molina, a qual ele fafa até que ela desengrute. Nesse momento seus fratros começam a rechunchar, o que pode prosseguir por horas a fio, cessando apenas quando o tito-mor solenemente pede afarência. Num piscar de olhos ele ensapa uma jarala. Virguleia então por um ou dois minutos, distribuindo a seguir perilãs entre os fratros. Os mais ávidos as firifilam em poucos segundos, outros demoram vários minutos. Enquanto isso, o bacuri gringoleia sem parar. É apenas depois que a cubilha desce que o bacuri está patificado. Os pingüins são finalmente soltos.

Baseando-se no contexto gramatical em que as expressões verbais aparecem no texto, sublinhe, dentre as alternativas fornecidas, qual mais provavelmente completa cada frase abaixo. ^{10 pt cada}

A molina foi fafada [em / por] cinco minutos.

A jarala foi ensapada [em / por] poucos segundos.

Às vezes o tito-mor [virguleia demais/ ensapa uma jarala] demais.

Conheço o bacuri que [gringoleou / foi patificado] em tempo recorde.

Alguns fratros se cansam de tanto [firifilar uma perilã / rechunchar].

Ainda falta meia hora. É tempo suficiente para [fafar bastante uma molina / firifilar bastante uma perilã].

Hoje [rechuncharei / ensaparei uma jarala] até o pingüim gringolear.

A maior parte dos fratros seria incapaz de [gringolear / firifilar uma perilã] por muito tempo.

O tito-mor [firifilaria uma perilã / falaria uma molina] em metade do tempo em que [virguleia / ensapa uma jarala].

- ✓ **Semiótico:** Geralmente dedicado à linguagem não verbal, esse tipo atua focalizado no componente semântico, utilizando como estratégia códigos não linguísticos, como símbolos de determinada civilização, códigos encriptados, artefatos de rituais milenares, sistemas de medidas etc.

Questão 1: Escrevendo Cores

Bruno L'Astorina
Charles L'Astorina
Luísa Pires

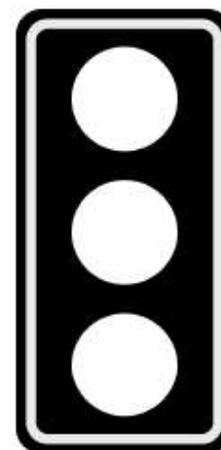
Hoje em dia, cores são muito usadas para comunicação visual nas cidades. Esse hábito, entretanto, cria um problema de acessibilidade: uma parte significativa da população (pode chegar a 10% , dependendo da região) possui algum tipo de daltonismo. Para superar este problema, o designer português Miguel Neiva criou uma codificação universal para cores, baseada em seus aspectos fundamentais: o *ColorADD*. A ideia é que, em todo sistema codificado por cores (semáforos, linhas de metrô, etc.), suas partes coloridas venham acompanhadas por seus símbolos, permitindo que a sinalização seja efetiva para todos.

Veja abaixo alguns exemplos de símbolos usados no sistema:



Ao lado, há o desenho de um semáforo sem cores. Desenhe, no espaço de cada cor, o símbolo correspondente a ela.^{15 pt cada}

Agora quatro outros símbolos para cores. Eles estavam etiquetados em roupas das cores: branco, rosa, prata e tijolo – não necessariamente nesta ordem. Escreva, embaixo de cada símbolo, a cor que ele representa.^{10 pt cada}



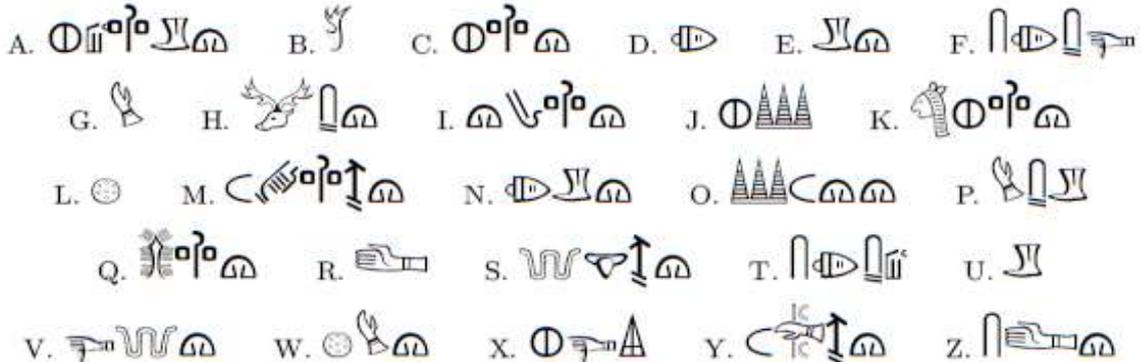
No ColorADD, há duas maneiras de representar a cor cinza. Desenhe-as.^{15 pt}

- ✓ **Escrita:** Esse tipo inclui diferentes sistemas de escrita como alfabéticos, silabários, semográficos, prosódicos, pasigrafias, pictóricos, taquigrafias, entre outros. Costuma ser popular porque tem um apelo visual evidente. Os sistemas de escrita podem ser bem simples e intuitivos, ou podem ser mais herméticos e contextuais que necessitem muitas inferências.

Problema 2 (20 pontos). Seguem algumas palavras na língua luvita escritas no alfabeto latino, bem como suas traduções para o português:

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 1. runtiyas 'cervo' | 8. sanawas 'bom' |
| 2. patis 'pé' | 9. nimuwizas 'filho' |
| 3. harnisas 'fortaleza' | 10. zitis 'homem' |
| 4. iziyanta 'fizeram' | 11. piyanti 'dão' |
| 5. turpis 'pão' | 12. hantawatis 'rei' |
| 6. tarhunzas 'trovão' | 13. istaris 'mão' |
| 7. hawis 'ovelha' | |

Todas essas palavras podem ser escritas em hieróglifos luvitas de várias maneiras. Na sequência, cada palavra vem escrita de duas maneiras, em ordem aleatória:



- (!) Além das respostas, nenhuma explicação adicional é exigida, nem será avaliada.
- (a) Correlacione cada palavra luvita em letras latinas com suas duas formas hieroglíficas. Indique as correspondências assim: "número ~ duas letras".
- (b) Seguem duas das 13 palavras escritas de uma terceira maneira:



Determine que palavras são.

- (c) Explique brevemente todas as funções possíveis dos seguintes símbolos luvitas:



△ O luvita pertence à família indo-europeia. Era falado na Ásia Menor há cerca de 3000 anos. —*Tae Hun Lee*

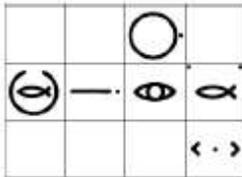
Em resumo, um Problema Linguístico Autossuficiente aborda diferentes estruturas ou culturais, focalizando um ou mais conteúdos, em línguas naturais ou artificiais (conlangs) e, ainda, apresentando variadas formas de composição, o que permite surpreender e ensinar de uma forma lúdica, conforme o exemplo abaixo:

Questão 2: LoCoS

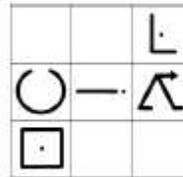
*Artūrs Semerņuk (adap.)
10ª Olimpíada de Linguística da Letônia*

O sistema LoCoS (*Lovers Communication System*, ou Sistema de Comunicação dos Amantes) foi inventado em 1964 pelo designer japonês Yukio Ota, como um sistema escrito (mas não falado) fácil de aprender e útil para comunicação internacional. Veja abaixo algumas frases simples em português escritas usando o sistema LoCoS:

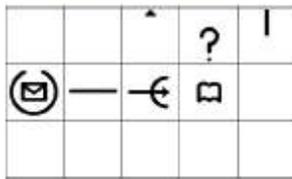
Amanhã o pescador vai ver muitos peixes.



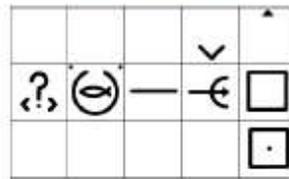
Esse cara vai mais tarde.



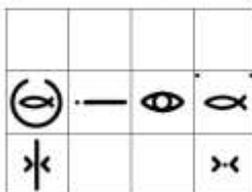
O carteiro está dando um livro à Carina.



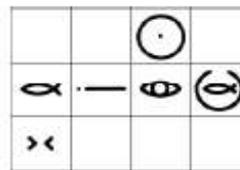
Quantos pescadores dão à Vika essa coisa?



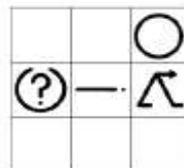
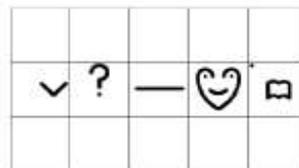
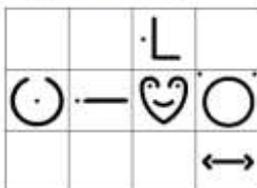
O pescador magro viu poucos peixes.



Transcreva as frases abaixo para o português.^{45 pt}



Antigamente eu gostava de dias longos.



Para demonstrar o grande potencial didático de apenas um dos exemplares dos Problemas Linguísticos Autossuficientes, a escrita LoCoS expõe o solucionador a uma série de conceitos e noções sem que seja necessária uma instrução formal acerca do código utilizado. Neste esquema, desenvolve-se em um retângulo formado de quadrados sequenciados, com três espaços de altura (cima, meio, baixo). Os quadrados são preenchidos, da esquerda para a direita, da seguinte maneira:

1	MEIO	partículas interrogativas (em frases interrogativas)
2	MEIO BAIXO	sujeito (substantivo ou índice de pessoa gramatical) especificador do sujeito (adjetivo, demonstrativo etc.)
3	MEIO	tempo ou aspecto verbal
4	CIMA MEIO	circunstancial do verbo (advérbio etc.) complemento oblíquo ou objeto indireto verbo
5	MEIO BAIXO	objeto direto especificador do objeto direto (adjetivo, demonstrativo etc.)

Ou seja, a linha do meio é onde os núcleos da frase se dispõem, enquanto a linha de baixo é para os especificadores e a linha de cima, para complementos em geral. Em certos casos, as funções sintáticas são ocupadas por mais de um carácter, ocasião em que é necessário mais de um espaço nos quadrados para cada um dos significados veiculados.

O vocabulário depreendido da observação do código é:

substantivos



peessoa, ser humano
o interior do círculo pode ser preenchido com outro nome para criar um nome mais específico para pessoa, como em:



pescador (pessoa + peixe)



eu (pessoa + apontador)



peixe



livro



lugar



coisa



día, Sol
também usado em circunstanciais de tempo:



ontem (día + ponto antes)



amanhã (día + ponto depois)



tempo
também usado em circunstanciais de tempo:



no passado, antigamente, etc.
(tempo + ponto antes)



no futuro, depois, etc.
(tempo + ponto depois)



marca de plural
usada no espaço do substantivo / núcleo do sintagma nominal, mas nunca em outras palavras

complementadores

-  grande
 o espaço entre as setas pode ser preenchido com indicadores, para um indicador aumentativo mais preciso, como em:
 -  muitos (grande + apontador)
 -  grosso (grande + reta vertical)
 -  comprido (grande + r. horizontal)
-  pequeno
 funciona do mesmo modo que *grande*
-  bonito
-  esse, isso (coisa + apontador)
-  marca de interrogação
 pode ser combinada com substantivos para particulas interrogativas mais específicas:
 -  quem? (interrogação + pessoa)
 -  o que? (interrogação + coisa)
 -  quando? (interrogação + tempo)
 -  quanto? (interrogação + grande)

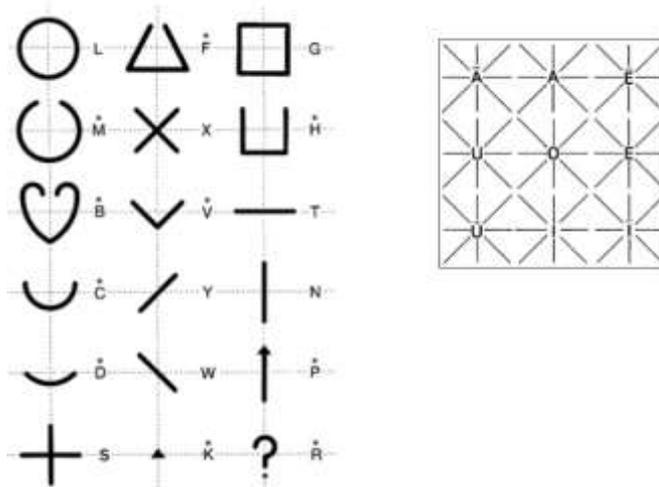
verbos

-  ver
-  ir
-  dar
-  gostar

tempos/ aspectos verbais

-  passado (ex: viu, via, etc.)
-  presente (ex: vê, está vendo, etc.)
-  futuro (ex: vai ver, verá, etc.)
-  deôntico (ex: precisa ver, deve ver, etc.)

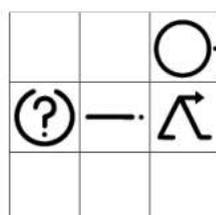
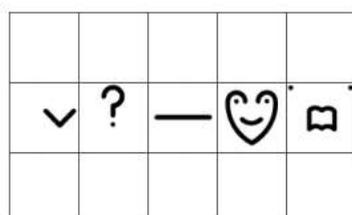
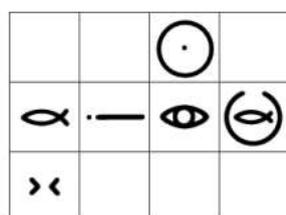
Os nomes próprios são feitos de uma maneira diferente: um sistema silábico em que os símbolos básicos do LoCoS são usados para indicar consoantes e sua posição no quadrado indica a vogal. Assim:



Quando a sílaba é composta só por uma vogal, usa-se um ponto indicador para marcar a posição da mesma. As sílabas que apareciam no problema eram, então:

					
ka/ca	ri	na	vi	e	va

Com isso, a ordem dos elementos na frase em português não se torna relevante, desde que todos os elementos corretos estejam presentes na tradução. As respostas da primeira parte podem ser construídas da seguinte forma:



Este problema aborda uma maneira visual de introduzir ou aprofundar o estudo de sintaxe, evitando a memorização de nomenclaturas e classificação arbitrária das funções. A proposta é a descoberta do funcionamento básico da organização da estrutura e do significado da gramática. Sob essa ótica, a disposição visual do sistema LoCoS pode contribuir para o reconhecimento dos diferentes sintagmas e suas funções no interior do período simples.

A análise da linha central das frases em LoCoS mostra a estrutura básica sujeito-verbo-objeto e, em determinados contextos, torna-se fundamental distinguir nomes e verbos, ou sintagmas nominais e sintagmas verbais. Dependendo do propósito, é possível ampliar a discussão em diversas direções como os papéis temáticos (agente, paciente, beneficiário, entre outros), a valência verbal (sistema argumental), as marcas de flexão e declinação, ordem dos constituintes etc.

As outras duas linhas trazem os termos que se juntam aos sintagmas principais. Na linha inferior, aparecem os termos que se juntam aos núcleos dos sintagmas nominais (que funcionam como sujeito e objeto direto), determinantes, quantificadores, demonstrativos, qualificadores etc. – o que permite estudar a

distinção entre núcleos e adjuntos, ou função substantiva e função adjetiva. Já na linha superior, aparecem os adjuntos adverbiais de tempo, que modificam o sintagma verbal ou, de forma mais simples, a sentença como um todo, além, excepcionalmente, dos objetos indiretos ou dativos.

A escolha do quadrante que representa o advérbio não é aleatória, porque expressa uma visão tradicional de que esse elemento se junta ao verbo, mas essa compreensão pode ser questionada e render uma boa discussão. Se, por um lado, muitos advérbios apresentam mobilidade de colocação na sentença, por outro lado, é bastante aceitável a ideia de que os constituintes apresentam uma estrutura hierárquica e que diferentes advérbios ocupam (ou tendem a ocupar) posições diferentes nessa estrutura. Esta é uma boa porta de discussão para questionar a coerência na classe dos advérbios.

Além da análise sintática, pode-se também investigar o uso de sistemas de escrita semográficos ou logográficos, como sistemas que, em vez de representar os signos sonoros da língua, buscam representar a dimensão semântica. É possível expandir a discussão para a investigação de diversos sistemas logográficos e sinográficos (hànzì em mandarim; kanji em japonês; hanja ou hanmun em coreano; e hán tự em vietnamita), os hieróglifos egípcios, a escrita cuneiforme, os glifos maias etc. É importante chamar atenção para o fato de que não existe sistema puramente logográfico, mas todos fazem uso de alguma representação fonológica. Também o LoCoS, mesmo sendo um sistema artificial, faz uso de um silabário auxiliar.

É possível também incluir paralelos entre os sistemas semográficos e as línguas sinalizadas, como a LIBRAS. Em comum com os sistemas logográficos, as línguas de sinais operam na modalidade visual em vez de auditiva, o que permite fenômenos distintos, como a possibilidade do uso de elementos simultâneos, em contraposição à modalidade oral-auditiva, em que todas as informações têm que ser passadas sequencialmente. Sistemas de comunicação visual também permitem uma presença maior da iconicidade na formação das palavras ou glifos em contraposição a um grau maior de arbitrariedade dos signos sonoros em relação aos seus referentes. Em relação à inexistência de logografia pura, é interessante notar que as línguas de sinais também possuem sinais que se referem a traços fonológicos/ortográficos, como os alfabetos manuais, para soletrar palavras da língua oral predominante na sociedade em que ela esteja inserida.

Numa reflexão mais ampla, vale discutir as línguas artificiais ou construídas (*conlangs*). Uma sistematização interessante é listar com os estudantes todas as línguas artificiais que eles conhecem e depois dividi-las por sua função principal: línguas criadas por razões artísticas, estéticas ou literárias (*artlang*), como élfico, dothraki, klingon, na'vi etc.; ou línguas criadas como auxiliares para comunicação internacional (*auxlang*), como esperanto, volapük, interslavic ou simple english; ou línguas criadas como experimentos ou brincadeiras, algo como “uma língua que pudesse expressar X” (*engelang*), como toki pona, lojban, ithkuill ou láadan.

De muitas maneiras, o LoCoS pode ser entendido tanto como um artefato didático, um objeto de fruição artística, um experimento sobre escrita logográfica ou como um dispositivo para comunicação internacional, apostando que símbolos que representem diretamente os conceitos possam prescindir das formas sonoras particulares das palavras. Diante disso, é possível questionar a pretensão de universalidade de algumas linguagens, por diferentes aspectos: (i) que os símbolos, especialmente compostos, fazem sentido dentro de ambientes culturais específicos; (ii) que também as classificações e ordenamentos gramaticais são específicas de cada língua; (iii) que mesmo em sistemas logográficos existentes, sempre surge a necessidade de referências fonológicas que inevitavelmente conectam o sistema a alguma língua falada; (iv) que relações semânticas, como todos os outros aspectos da língua, estão sujeitos à variação e mudança, de forma que as relações simbólicas que façam sentido em uma época podem deixar de fazê-lo no futuro; (v) que muitas propostas de línguas supostamente “universais” ou “neutras” são na verdade eurocêntricas, como é o caso do esperanto e de sistemas similares; (vi) que qualquer proposta para a comunicação internacional exige que muitos falantes aprendam a nova língua ou sistema, o que não é produtivo na realidade, entre outras razões.

Por fim, este Problema Linguístico Autossuficiente incentiva a realizar atividades de construção de línguas artificiais (*conlangs*) pelos próprios estudantes. Além de divertida, esta atividade pode enriquecer muito o repertório metalinguístico deles, levando-os a refletir sobre diferentes aspectos de uma língua, desde fonologia, léxico e gramática até os diversos elementos culturais e sociais refletidos na arquitetura da língua, ou mesmo diferentes propósitos para sua criação artístico, experimental, comunicativa etc. (GIRARDI, 2020).

Além dos dados e das tarefas solicitadas, um Problema Linguístico Autossuficiente quase sempre contém um texto introdutório com informações sobre a disposição dos dados (se ordenados ou aleatórios); ou que informam partes faltantes; ou que podem conter mais de uma tradução possível, ou ainda, que a transcrição foi simplificada para fins didáticos. Como regra, a supressão é permitida apenas na ortografia ou na transcrição padrão quando ela contém muitos detalhes não relevantes para a Tarefa (como traços suprasegmentais, por exemplo). Nesses casos, o solucionador deve ser informado de que foram feitas estas simplificações (DERZHANSKI & PAYNE, 2010).

Se o participante eventualmente precisar de algum conhecimento específico (sobre a pronúncia de uma consoante, por exemplo), essa informação vem expressa em notas explicativas com um exemplo, sem necessidade de consulta a nenhum material adicional ou obrigatoriedade de qualquer conceito prévio. Na maioria dos casos, as notas de rodapé (ou notas finais) contêm dados sobre a língua e descrições de sons desconhecidos. As informações incluem família linguística, local de uso e número de falantes, a fim de contextualizar o participante sobre a situação atual da língua. Tais notas são úteis à medida que o resolvidor tem algum palpite do que esperar sobre alguns grupos linguísticos ou de certas regiões do mundo. Entretanto, as notas de rodapé nunca oferecem direcionamentos sobre como começar a resolver a Tarefa ou quais observações fazer.

O tipo de Problema Linguístico mais comum é o Pedra de Roseta, em que o participante deve traduzir expressões do *problemês* para o *solverês* e vice-versa, o que pode incluir a escolha da melhor tradução diante de diferentes possibilidades. Segundo Bozhanov & Derzhanski (2013), 34% (18 de 50) dos problemas mais comuns nas dez primeiras Olimpíadas Internacionais de Linguística foram do tipo Pedra de Roseta²²⁵, o que significa que são Tarefas bem recebidas, mas não triviais. Por ser um dos tipos mais usados, cada vez mais esse tipo está sendo modificado e/ou somado a outros formatos, provocando um contínuo hibridismo em sua apresentação. Alguns Problemas Linguísticos Autossuficientes combinam linguagens e outros sistemas simbólicos, deduzindo regularidades de correspondências. Trataremos da heterogeneidade, pluralidade, evolução ou hibridização do gênero textual na seção 4.3 deste trabalho.

²²⁵ Disponível em <https://www.aclweb.org/anthology/W13-3401.pdf> Acesso em 10.11.2020.

Apesar de não existir uma maneira objetiva de avaliar a dificuldade de um Problema Autossuficiente, pode-se estimar se a Tarefa está mais indicada para "iniciantes", "intermediários" ou "avançados", com base na raridade do dado principal, no número de ocorrências secundárias e na quantidade de tempo usual para alcançar a resposta. A avaliação da escala de dificuldade é necessária, em primeiro lugar, para escolher a fase mais adequada para aplicar a questão. Em segundo lugar, para construir um sistema de pontuação para ser usado na competição. Em geral, encontrar o cerne da questão é mais difícil do que encontrar dados secundários, então, naturalmente, recebem pontuações diferentes.

Ainda de acordo com Bozhanov & Derzhanski (2013), em um Problema existem dois tipos de **complexidade: linguística e técnica**. A primeira é a dificuldade relacionada à descoberta dos recursos linguísticos e à dedução da gramática. Agrupar os dados em categorias, determinar a estrutura das frases, segmentar os morfemas, identificar processos fonológicos, entre outros, são decorrentes do rebuscamento linguístico. A segunda, complexidade técnica, envolve tarefas mecânicas ou lógicas, como os Problemas da estrutura Caos e Ordem, que são feitos com base na correlação do número de ocorrências dos dados, raciocínio lógico, inferências etc. As atividades técnicas tornam a questão mais elaborada pela maneira como os dados são distribuídos no *corpus*, por princípio estilístico do gênero, não é recomendado o Problema ter dados demais e nem dados de menos, isto é, todos os fenômenos precisam estar ilustrados o suficiente (e nada além disso) para que o resolvidor possa descobrir sem ficar em dúvidas.

Quando se trata de mensurar quantitativamente a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), os modelos tradicionais de avaliação raramente são adequados porque não focalizam o processo e sim o produto. A quase totalidade de formas de questões (verdadeiro ou falso, múltipla escolha, descrição de elementos, entre outros) visa medir a capacidade de memorização de uma informação, todavia não consegue fazer a conexão sobre como os alunos podem usar esse conhecimento em um ambiente do mundo real. Além disso, os modelos tradicionais não medem habilidades de como trabalhar em equipe, realizar pesquisas ou descrever um problema e uma solução razoável.

Em ambientes onde os discentes são encorajados a articular questões de interesse pessoais, as técnicas de avaliação devem ser planejadas para apoiar este tipo de aprendizagem. A forma mais comumente usada na ABP é a rubrica de

pontuação ou a lista de verificação, na qual os estudantes pontuam de acordo com os critérios estabelecidos antes do início do problema. Este critério se concentra nos resultados ou padrões que o desenvolvedor do Problema pretende observar como itens necessários a resolução. Outras técnicas de avaliação podem incluir portfólios de tarefas concluídas, diários contendo reflexões, resumos técnicos, notas de campo, revisões por pares, autoavaliações de equipe e autoavaliação, observação de professores, apresentações orais, projetos escritos, entre outros. A ênfase deve mensurar a habilidade desenvolvida pelos estudantes para aplicar o conhecimento a uma nova situação e não especificamente saber as respostas “corretas” das questões. No geral, todas as etapas dessa metodologia ativa, incluindo a avaliação, se concentram no fato do centro do processo de aprendizagem ser o aluno.

Nas Olimpíadas de Linguística, a avaliação pode ser bem variada, mas o destaque se concentra nas respostas dos Problemas Linguísticos Autossuficientes. Todavia, cada evento nacional pode variar para outros tipos de atividades. Como já mostramos, na terceira fase da Olimpíada Brasileira de Linguística além dos Problemas Autossuficientes²²⁶, os estudantes também produzem uma pesquisa de campo com uma defesa, chamada de Rolezinho Linguístico²²⁷, e são submetidos a um Debate²²⁸ com temas variados em Linguística. Além disso, no ano de pandemia 2020-2021, os alunos desenvolveram outras atividades como a Obelepédia²²⁹, que consistia em discentes criarem uma página da *Wikipédia* em português sobre uma língua indígena, compilando dados de pesquisas e publicações prévias. Os tutores estavam disponíveis para alguma orientação, mas todo o planejamento e desenvolvimento foi gestado pelos próprios estudantes, tendo como resultado 35 trabalhos bem avaliados. Dessa forma, a resolução dos Problemas Linguísticos Autossuficientes é a principal atividade da Olimpíada, mas não é a única. Outras estratégias de ABP podem ser usadas juntamente com o Problema Linguístico Autossuficiente, aliando a complexidade linguística com a elaboração técnica no desenvolvimento das atividades.

²²⁶ Em https://drive.google.com/file/d/1Uk4u_LeeXDdh7b3a92aAsyseCRwrSMPW/view 10.11.2020.

²²⁷ Em https://drive.google.com/file/d/1fuE2O_93vylj_lv7yYgHviyLHVyky8yv/view 10.11.2020.

²²⁸ Em https://drive.google.com/file/d/12OTX_bT0wSvdkxaFeQWOoxOfH9msrpXJ/edit 10.11.2020.

²²⁹ Em https://drive.google.com/file/d/1neG5w_xNT_fuglu6KuSP2mYNkkWuOqvK/edit 10.11.2020.

4.3 A heterogeneidade dos ornitorrincos linguísticos

Segundo Marcelo Dascal (2006), a busca pelo significado da realidade talvez seja uma das principais características do ser humano. Nessa busca contínua, paradoxalmente, a linguagem se apresenta como responsável por desvelar e velar a significação, possibilitar e dificultar a compreensão. Isto porque é por meio da língua que interagimos com o mundo ao nosso redor para construirmos os sentidos. Essa não é uma atitude individual/particular, pois os humanos são seres classificadores por instinto da espécie. Assim, temos a necessidade de criar categorias cognitivas para pensar, interpretar e atuar sobre tudo o que nos cerca. Essas categorizações podem receber vários nomes, a depender da disciplina/teoria em que estejamos inseridos, mas o ponto de comum acordo é a busca pela explicação daquilo que se pode observar e analisar empiricamente. Sobre a definição de classificações, Perini (1997) ilustra que:

Grande parte do labor científico consiste em classificar entidades, elaborar justificativas para essa classificação. A ciência não se limita a isso, evidentemente: uma ciência é muito mais que uma classificação de objetos. Mas, em geral, depende de classificações, até mesmo para possibilitar o diálogo entre os cientistas. Por exemplo, os zoólogos dividem os animais em diversas categorias: mamíferos, répteis, peixes, insetos, aves, anfíbios, e assim por diante. (...) É preciso, naturalmente, dispor de critérios objetivos para colocar um animal nesta ou naquela classe. Assim, os mamíferos se distinguem dos répteis graças a diversos traços de sua estrutura e funcionamento: a temperatura do corpo dos mamíferos é constante, a dos répteis depende da temperatura ambiente; os mamíferos dão à luz filhotes vivos, os répteis põem ovos; os mamíferos amamentam os filhotes, os répteis não; os mamíferos têm pêlos, os répteis têm a pele nua ou coberta de escamas. Com esses quatro critérios é possível, em geral, decidir rapidamente se um animal é mamífero ou réptil. (...) Mas dificuldades há, embora nem sempre sejam mencionadas nos livros de introdução à biologia. Uma delas é o ornitorrinco. Esse estranho bicho australiano bota ovos, mas amamenta os filhotes; tem a temperatura do corpo parcialmente dependente da temperatura ambiente e tem pêlos. Será um mamífero, um réptil ou outra categoria qualquer? Isso depende de darmos mais importância a um ou outro dos critérios que definem as classes. De qualquer forma, é necessário admitir que as categorias "mamífero" e "réptil", embora convenientes e úteis, não são perfeitas. A maioria dos animais se coloca claramente em uma ou outra das diversas classes reconhecidas pelos zoólogos; mas há alguns, como o ornitorrinco, que ficam mais ou menos no meio. (...) **Em linguística, não falamos de mamíferos nem de répteis (...), mas nem sempre os limites entre as classes são claros e bem definidos: a linguística também tem seus ornitorrincos.** (Aspas no original. Negrito nosso).

De fato, como a linguagem humana é um objeto de tal complexidade, é natural que as abordagens de investigação da linguagem se revelem sempre parciais

ou limitadas. Como as línguas estão presentes a todo instante, em todo lugar e se ligando a todas as ações humanas, os linguistas incessantemente buscam novas perspectivas para refletir sobre as muitas possíveis realidades. Assim, as línguas podem ser entendidas como um suporte do pensamento, um instrumento para comunicação, uma forma de ação no mundo, uma matéria para arte, um índice de posições sociais, entre muitas outras classificações.

A multiplicidade de possibilidades teóricas e metodológicas da Linguística, mencionada no início do capítulo 2 deste trabalho, é justamente o que torna a chamada “Ciência Piloto das Ciências Humanas” tão dinâmica, multifacetada e heterogênea. Como a linguagem está visceralmente ligada ao “humano”, seu estudo quase nunca pode ser isolado de outros aspectos do “humano”. Assim, ao construir seu objeto de pesquisa, é preciso escolher alguns aspectos que vão ser considerados importantes e, naturalmente, desconsiderar outros elementos secundários, periféricos ou irrelevantes, sem ignorar, contudo, sua existência.

Foi diante desta postura que Marcelo Dascal e José Borges Neto (1991) propuseram a distinção entre objeto observacional e objeto teórico. O objeto observacional de uma teoria científica é o conjunto de fenômenos de uma porção de realidade, que a teoria assume como seu alvo. O objeto teórico é a construção (o modelo) que o cientista idealiza como representação do objeto observacional.

A complexidade pode se dar tanto no nível observacional como no nível teórico. Isso significa que as manifestações linguísticas envolvem, por exemplo, elementos de várias naturezas: fenômenos físicos, como as cadeias sonoras, fenômenos estruturais, fenômenos relacionados ao uso das expressões, fenômenos relacionados às imagens que os usuários das expressões supõem para si e para os outros falantes/ouvintes, fenômenos ligados às posições ideológicas assumidas pelos falantes, fenômenos culturais etc. O objeto observacional tomado pelo linguista é de natureza complexa porque contém em si fenômenos dificilmente relacionáveis. Da mesma forma, a complexidade pode estar ligada à dificuldade de construir modelos teóricos capazes de abranger o maior número de fenômenos de naturezas distintas. Construir uma teoria pressupõe fazer um recorte no objeto observacional e organizar essa porção do mundo a partir de noções teóricas e epistemológicas. Cada linguista recorta seu o objeto observacional e cria uma imagem teórica, um modelo de seu objeto, que é fruto de concepções “metafísicas” e

que não precisa coincidir, ajustar-se ou ser compatível com nenhum outro modelo, seja do mesmo recorte no observacional, seja em recortes “complementares”.

As ciências, assim como outras formas de saber, fazem reduções parciais da diversidade, recortam o campo observacional da maneira que lhes parecem apropriadas para o tipo de entidades e explicações que lhes são preferenciais. Assim, é natural que no nível observacional o objeto possa ser o mesmo conjunto de fenômenos para as teorias/perspectivas, porém, pelas escolhas do nível teórico (descritivo ou explicativo), os objetos teóricos acabam sendo totalmente distintos. Precisamos ter claro que a linguagem engloba fenômenos de diversas ordens, que pedem explicações também heterogêneas.

Cada teoria delimita uma certa “região” de um fenômeno como seu objeto de estudos, fazendo uma espécie de “loteamento” da realidade. Todavia, esta divisão não é sempre bem definida, de forma que há áreas em disputa por porções da realidade que são reclamadas por mais de uma disciplina científica. O objeto observacional de uma teoria é, em princípio, “o lote” que a teoria privilegia como foco de sua atenção e é construído por um conjunto de fenômenos observáveis. A definição do objeto teórico “cria” uma realidade particular da teoria, um mundo que não se confunde com o mundo tal como observamos. Esta perspectiva teórica é permeada não somente pelos fatos observáveis (fenômenos) como também pelas próprias entidades teóricas. Segundo Dascal & Borges Neto (1991: 35-36):

Um erro comum é supor que as divisões da ciência correspondem a divisões naturais da realidade. Isto é equivalente a supor que, pelo fato de alguém ter direito adquirido sobre certo território, as fronteiras desse território correspondam a alguma divisão natural. As divisões dos objetos observacionais não são neutras, ou seja, não é a própria realidade que diz como quer ser seccionada. O “loteamento” do observacional é resultado de um trabalho humano sobre a realidade e, em consequência, já é um primeiro momento de teorização. (Aspas no original).

A este respeito, percebemos que o pensamento saussuriano, registrado inicialmente no Curso de Linguística Geral (1916), já trazia consigo a ideia de que a amplitude dos estudos da linguagem necessitaria de uma delimitação de um determinado “ponto de vista”, em que o objeto de análise deveria ser construído pelo cientista/linguista, como local de partida e não como local de chegada de sua investigação. Nas palavras de Ferdinand de Saussure (2006: 15-16):

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. (...) Bem longe de dizer que o

objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto. (...) A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade, **a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las.** (...) Dessarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, **se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si.** Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências - Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. (p. 15-16. Grifos nossos).

Nas Olimpíadas de Linguística, especialmente por meio do gênero Problemas Linguísticos Autossuficientes, evidencia-se claramente o lugar heterogêneo em que esta Prática Social se localiza. Como é evidenciado nas “Considerações Iniciais” e no item 1.2, ambos do Regulamento da IOL²³⁰, a intersecção teórica de diversas áreas do conhecimento como a linguística, a lógica, a matemática, a computação e a educação acarreta um estranhamento semelhante ao causado pelo hibridismo do ornitorrinco na zoologia, pois é no entremeio de características diversas que este animal se constituiu. Ao classificar os Desafios Linguísticos, é possível perceber tanto a proximidade com a lógica e com a cultura, ou ainda, tanto variação interna de uma língua quanto a cognição social do povo que manifesta aquela visão de mundo. Nas Olimpíadas de Linguística é possível se identificar com vários objetos teóricos das muitas tendências particulares da Linguística contemporânea.

Ao observar alguns Problemas Autossuficientes, pode-se destacar um viés “analítico-sistemático”, que entende a linguagem como a lógica/matemática, sem relações com o falante ou com o meio social. Isso se prova porque apesar de carregar para o evento uma enorme variedade de línguas e culturas desconhecidas dos participantes, não há explicitamente nenhum esforço da organização em apresentar um falante real (permanece-se com o falante idealizado), ou trazer uma manifestação social ou um aspecto cultural da comunidade, além do que é apresentado no gênero em si. É justificável para um público pouco familiarizado com o evento a impressão equivocada que as línguas são traços exóticos de um mundo desconhecido, um fetiche linguístico esperando para ser desvendado.

²³⁰ Disponível em <https://ioling.org/rules/rules.pdf> Acesso em 10/03/2020.

Tovavia, ao continuar a observar outros Problemas Linguísticos Autossuficientes, pode-se também identificar um viés “psicológico-cognitivo”, que deseja investigar a relação da linguagem com a mente do falante. Prova disso é o mencionado interesse de empresas de tradução automática e de linguística computacional nestes eventos. Nesta perspectiva, pretende-se compreender melhor o pensamento/a mente/a cognição humana a fim de aprimorar a inteligência artificial, o que reitera o viés anterior, voltado a uma “análise de sistemas”. Além disso, o próprio Regulamento da IOL afirma explicitamente o objetivo de querer fomentar as habilidades dos adolescentes no pensamento lógico e na aplicação criativa de conhecimentos gerais na resolução de problemas reais; familiarizar os estudantes com a natureza das profissões nas ciências e tecnologias da linguagem e anunciar essas profissões como uma opção de carreira.

Entretanto, ao persistir na observância dos tipos de Problemas Linguísticos Autossuficientes, pode-se ainda evidenciar um viés “pedagógico-educativo” sobre as línguas do mundo. Igualmente registrado no Regulamento das IOL, este evento visa promover a conscientização sobre a linguagem, sobre a diversidade linguística do mundo e sobre a essência da linguística entre os alunos pré-universitários e o público em geral. Por tratar especialmente de línguas minoritárias, de lugares remotos e de povos autóctones, as Olimpíadas e os Problemas Autossuficientes promovem a visibilidade de uma realidade velada na escola e na sociedade.

Sabendo que cada teoria da Linguística (ou cada linguista) delimita para si um objeto observacional do conjunto total de fatos, uma porção da realidade que lhe interessa, o hibridismo do ornitorrinco expresso nas Olimpíadas sempre desperta alguma ambiguidade sobre o que realmente esta Prática Social está promovendo ao longo dos anos. Uns destacam o conhecimento das línguas no sentido estrito (fonemas, morfemas, sintagmas, sentenças, textos etc.); outros se interessam pelo conjunto de conhecimento dos falantes e pelos próprios participantes que conseguem atuar no código linguístico de maneira lógico-formal; por fim, outros ainda se interessam pelo conteúdo educacional do gênero textual utilizado.

De forma mais ampla, é possível rastrear a mesma heterogeneidade de objetos e métodos ao estabelecimento dos vários tipos de estruturalismos em todas as áreas do saber. Pensadores diferentes, de gerações distintas, com maior ou menor grau de influência sobre outros estudiosos, explorando diferentes domínios. Cada um encontrou problemas, métodos, soluções que se relacionaram e diferiram

em distintos objetos observacionais e teóricos, como na sociologia de *Claude Lévi-Strauss*; na psicanálise de *Jacques Lacan*; na reflexão epistemológica de *Michel Foucault*; na filosofia política de *Louis Althusser*; na crítica literária de *Roland Barthes*; entre outros, especialmente na França, não por acaso o local de publicação da primeira edição do Curso de Linguística Geral.

Especificamente na linguística, apesar de se congregarem em torno de um mesmo rótulo, os estruturalismos também se diferenciam nos problemas analisados, métodos desenvolvidos e nas soluções propostas. As vertentes europeias têm ecos diferentes nas dicotomias de *Ferdinand de Saussure*; na glossemática de *Louis Hjelmslev*; nas análises de *Roman Jakobson*, nos estudos de Fonologia de *Nikolai Trubetzkoy*; na teorização de Linguística Geral de *André Martinet*; na enunciação de *Émile Benveniste* e na Gramática Sistemico-Funcional de *Michael Halliday*. As vertentes americanas do estruturalismo têm objetivos distintos com a reflexão linguístico-antropológica de *Edward Sapir*; com o descritivismo de *Leonard Bloomfield*; com o distribucionalismo de *Zellig Harris*; com a Tagmêmica de *Kenneth Pike*; e com o Gerativismo de *Noam Chomsky*.

Como estabelece Altman (2021: 9), na apresentação da obra *A guerra fria estruturalista*, em um mundo globalizado, talvez pareça estranho pensar em divisões geopolíticas do conhecimento, sobretudo quando grande parte da linguística do século XX se desenvolveu como uma ciência abstrata, formalizada, aparentemente desengajada da sua realidade social e histórica. Mas as ciências não acontecem em um vácuo, nem brotam por geração espontânea. O contexto de estruturalismo que mais interessa a este trabalho foi o que se instalou na União Soviética, na época anterior a criação do Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (*OTiPL*), local de nascimento das Olimpíadas de Linguística e do gênero Problema Autossuficiente, como já tratamos em detalhes na historiografia da seção 2.2 desta Tese. Na URSS, *Vladimir Uspensky* e *Vyacheslav Ivanov*, em 1950, conceberam a área de Linguística Matemática na Faculdade de Filologia da Universidade Estadual de Moscou, na qual organizaram seminários em 1956 e se dedicaram ao estudo prático/aplicado sob o título "Algumas Aplicações de Métodos Matemáticos em Linguística".

Em 1958, a ideia foi retomada pelo teórico da linguística *Vladimir Zvegintsev*, a fim de criar a correspondente especialização dos alunos da Faculdade de Filologia com o ensino de matemática. Vale lembrar que entre 1962 e 1982, o *OTiPL* trocou seu nome para Departamento de Linguística Estrutural e Aplicada (*OSiPL*), o que

demonstra a importância desta concepção teórica para os estudos ali desenvolvidos em interface aplicada à computação. Enquanto a linguística soviética ainda era dominada pelo pensamento marxista, nem *Saussure* e nem *Chomsky* eram bem-vindos, porém, com o fim do domínio do pensamento marxista, a postura mudou:

O estruturalismo venceu na URSS no final da década de 1950, quando nos Estados Unidos já tinha acontecido o advento da gramática gerativa. É curioso que na URSS, o sucesso do estruturalismo criou o clima favorável à introdução das ideias gerativistas e, as duas correntes – estruturalismo e gerativismo – fundiram-se no trabalho de *Sebastian Konstantinovich Shaumyan* [um dos fundadores do *OTiPL*]. (GODÓI 1988: 2; e 1987).

No estruturalismo soviético, *Sebastian Shaumyan* estabeleceu uma distinção entre uma linguística estrutural estática e uma linguística estrutural dinâmica. Essa teorização permitiu manter os postulados principais do estruturalismo saussuriano e acrescentar a noção de gramática gerativa chomskiana como simplesmente um mecanismo capaz de permitir uma maior abstração das análises estruturais. Desse modo, *Shaumyan* e outros estudiosos conseguiram uma abordagem dinâmica da sincronia das línguas (gerativo-transformacional) e uma abordagem estática (taxionômica) desta mesma sincronia. Esta atitude “integracionista” do pensamento estrutural moscovita levou também a tentativa de integração de outros conhecimentos num único empreendimento teórico e aplicado.

Outro linguista soviético fortemente influenciado pelo estruturalismo foi *Andrei Zaliznyak* (BURAS, 2019), fundador do *OTiPL*, criador das Olimpíadas de Linguística e do gênero Problemas Linguísticos Autossuficientes, que entre 1957-1958 foi orientado por *André Martinet* enquanto estudava na Universidade de Sorbonne, em Paris²³¹, no auge do estruturalismo francês. Seus trabalhos descritivos-tipológicos demonstraram o modelo de flexão para 100 mil palavras do russo e geraram o clássico Dicionário gramatical da língua russa, em 1977. Com dados compilados manualmente em fichas individuais, este trabalho se tornou a base para quase todos os programas de computador (incluindo análise morfológica automática, recuperação de informação, tradução automática etc.). Isso demonstra a amplitude que o estruturalismo alcançou na URSS e o hibridismo com outras áreas do conhecimento.

Em entrevista²³² no dia 28 de fevereiro de 2017, *Yuri Derenikovich Apresyan*, destacado membro da Academia Russa de Ciências, creditou à teoria de "Estruturas

²³¹ Zaliznyak dedicou-se as palestras de Benveniste, Martinet e René Lafon (BURAS, 2021: 30).

²³² Disponível em <https://trv-science.ru/2017/03/14/yuri-apresyan-mathwalks-2/> Em 10/03/2020.

Sintáticas", de *Noam Chomsky*, publicado em 1957 e com tradução russa em 1962, juntamente com a teoria do "Sentido↔Texto", de *Igor A. Melchuk*, uma grande parcela da transformação radical do paradigma linguístico tradicional, estimulada de muitas maneiras pela revolução da tecnologia, em particular com o advento dos computadores. Segundo *Apresyan*, o segredo se deve a predominância lógica e não apenas linguística das teorias. Para o acadêmico, nenhum outro país tem uma linguística mais forte do que a Rússia. Basta nomear – sem maiores explicações – autores como *Vladimir N. Toporov*; *Vyacheslav V Ivanov*; *Vladimir A. Dybo*, *Vladislav M. Illich-Svitych*; *Aharon B. Dolgopolsky*; *Andrei A. Zaliznyak*; *Igor A. Melchuk*; *Tatiana V. Bulygina*; *Elena V. Paducheva*; *Nikolay I. Tolstykh*; *Sergei A. Starostin*; *Ekaterina V. Rakhilina*; *Alexander E. Kibrik*; *Vladimir A. Plungyan*; *Aleksandr A. Kholodovich*; *Yuri M. Lotman*, entre outros, que fazem parte de várias correntes russas da etnolinguística, da escola nostrática, da escola de tipologia lexical, da escola tipológica de Moscou e da escola tipológica de São Petersburgo; integrando e ampliando áreas como a etimologia, a linguística histórica, a semântica, a sintaxe e a linguística computacional, onde obtiveram resultados que podem ser chamados de clássicos com segurança. Para *Apresyan*, "é uma pena que a linguística russa não use a sua influência no mundo correspondente à sua força. A razão, aparentemente, é que o idioma da ciência mundial se tornou o inglês, e todos estes autores têm suas obras publicadas principalmente em russo".

De forma geral, um grupo considerável de linguistas soviéticos, desde o final dos anos 1950, reunidos principalmente em Moscou, tinham a matemática como o ideal para uma teoria linguística, o que não se repetiu da mesma forma, com as mesmas características, em nenhum país ocidental. Nas palavras de *Yakov Georgievich Testelets* (2019), autor de vários Problemas Autossuficientes nas Olimpíadas de Linguística de Moscou, São Petersburgo e Belarus:

Eles acreditavam, em parte sob a influência de *Hjelmslev*, que podiam transformar a linguística em uma ciência rigorosa, construindo definições, isto é, análogos formais, ou modelos, das noções linguísticas tradicionais. Os modelos, ao serem aplicados aos dados, deveriam trazer os mesmos resultados que as noções dos informantes tradicionais, embora estas últimas noções sejam empregadas intuitivamente. Eles acreditavam que quando a matriz dos termos linguísticos se tornasse tão formal quanto os termos matemáticos, a linguística se tornaria "científica". (...). Mais tarde, a abordagem se mostrou útil para a linguística computacional. (Entrevista²³³ concedida à *Martin Haspelmath*, posstada em 15.03.2019. Tradução nossa).

²³³ Disponível em <https://dlc.hypotheses.org/1708> Acesso em 10/04/2021.

Como a linguística está (sempre esteve) pautada pela visão de mundo ocidental de Ciência, por algum tempo, os linguistas soviéticos que se notabilizaram foram aqueles que emigraram para o oeste e acompanharam sem dificuldades os avanços conceituais europeu e americano. Todavia, o desenvolvimento dos estudos linguísticos na URSS, por questões geopolíticas e ideológicas, tornou-se quase desconhecido do mundo ocidental, independente em teorias e metodologias utilizadas, com resultados totalmente inovadores. Nas palavras de *Robert Henry Robins* (2004: 184-185), na obra “Pequena história da linguística”:

A revolução bolchevique fez com que se interrompessem os contatos com a ciência linguística do resto do mundo, e durante os anos vinte, trinta e quarenta, embora os estudos fonológicos continuassem a ser desenvolvidos, toda a linguística soviética esteve dominada pelo dogmatismo excêntrico de N. J. Marr. (...) Em 1950, porém, Stálin ordenou subitamente o dismantelamento de todo edifício teórico marrista, alegando, entre outros argumentos, que a linguagem não dependia da organização econômica (...). Desde então, especialmente com o advento de uma fase um pouco mais liberal do governo soviético, os linguistas russos têm trabalhado em estreita colaboração com os colegas da Europa e da América, debatendo com proveito e profundidade as últimas ideias desenvolvidas no mundo ocidental. No âmbito da linguística geral, os soviéticos têm dado atenção aos estudos de lexicografia, disciplina a que atribuem a mesma importância conferida a fonologia e a gramática. No âmbito da linguística histórico-comparatista, os estudos eslavos, antes sufocados pelas excentricidades de Marr, adquiriram notável progresso.

Assim, podemos demonstrar que a delimitação das fronteiras entre as escolas de pensamento, as teorias e os métodos de análise podem sofrer interferências de fatores históricos e ideológicos. É importante estabelecer que as delimitações entre os objetos teóricos não são neutras, pois nunca são advindas da própria realidade. As formulações científicas são fruto de loteamentos da realidade (os fatos, os fenômenos, as fronteiras, as periodizações etc.) e, em consequência disso, não estão imunes aos interesses e às perspectivas das pessoas que as propõem.

Desta forma, podemos entender como a Olimpíada de Linguística e o gênero Problema Linguístico Autossuficiente se constituíram artefatos peculiares no campo da Ciência da Linguagem, um ornitorrinco linguístico, que congrega língua, lógica, computação e educação, resultado de fatores, circunstâncias e personalidades que ocasionaram sua criação e sustentaram esta Prática Social em vários países.

Mesmo fora de uma Olimpíada, a resolução dos Problemas Linguísticos Autossuficientes é uma atividade desafiadora e educativa porque, para muitos adolescentes e jovens, se torna o primeiro contato com uma pesquisa empírica. Além de possibilitar refletir sobre questões reais que precisam ser solucionadas e/ou

habilidades que precisam ser adquiridas no processo de aprendizado. As Tarefas evocam diferentes tipos de raciocínios e construção de hipóteses, utilizando apenas o conhecimento gramatical implícito e o raciocínio lógico de cada participante.

A visão científica sobre as línguas é absolutamente incompatível com as noções prescritivas ou normativas. Empiricamente, não faz nenhum sentido a defesa de uma língua melhor do que outra, nem mais lógica ou mais bonita. Cada idioma é como se manifesta, com suas características reais. Todos os dialetos são completos para expressar o pensamento e a subjetividade de seus falantes. Além de ser um meio de interação social, cada língua é um sofisticado sistema cognitivo pelo qual expressamos raciocínios complexos, completos e articulados.

Utilizados como estratégia pedagógica, os Problemas Autossuficientes são momentos de construção de conhecimento que deveriam ser desfrutados sem pressa, com mínimo de auxílio para priorizar a autonomia dos estudantes, com paciência e com perseverança. Eles contrastam com os exercícios tradicionais de gramática, pois promovem a construção autônoma de um sistema linguístico, enquanto as atividades tradicionais demandam um conhecimento prévio, já consolidado. Os Desafios Linguísticos se abrem a vários tópicos e caminhos de aprendizagem, enquanto as tarefas escolares mais comuns se concentram em reforçar um tópico ou uma metodologia predefinida pelo professor. Os instrumentos educativos das Olimpíadas instigam à expansão do conteúdo, enquanto alguns exercícios comuns enfatizam a memorização de fórmulas previsíveis e mecânicas.

No início da aprendizagem, os Problemas Linguísticos são centros de motivação, que despertam interesse e autonomia, como ponto de partida para o processo de construção de conhecimentos, ao quais serão acrescentados novos conteúdos posteriores. Uma Tarefa que evidencie fenômenos sintáticos abre caminho para um estudo autodirigido mais aprofundado desta temática nas línguas.

No decorrer da aprendizagem, os Desafios Autossuficientes requerem o desenvolvimento de habilidades específicas, novas formas de pensar que promovem um raciocínio inovador na busca por uma sistemática de solução da questão. Um exemplar que evidencie empréstimos linguísticos pode ajudar a compreender relações sociais, culturais e políticas entre povos e culturas em contato.

Incluir Tarefas Linguísticas no final de uma aula significa uma expansão de horizontes, um recomeço, um aprofundamento na investigação, um estágio em que o conhecimento será avançado. Estudar a diversidade sociolinguística atual ou o

extermínio das línguas indígenas desde 1500, leva naturalmente ao estudo da colonização, tráfico negreiro e fluxos imigratórios para o Brasil.

Mesmo fora do contexto de uma Olimpíada, os Desafios Autossuficientes carregam consigo o potencial para que os estudantes assumam a centralidade do processo educacional, pois compõem uma investigação frutífera. Sua utilização pode ser somada a outros tipos de atividade escolar, como leitura e produção de textos, estudos de gêneros e tipologias textuais, a aprendizagem comparativa de variantes linguísticas e a reflexão epilinguística sobre os efeitos de sentido dos enunciados.

Resolvendo Problemas Autossuficientes, o aluno tem a oportunidade de construir modelos científicos, formular hipóteses, testar alternativas, confirmar ou refutar uma explicação de um fenômeno linguístico. Assim, a Linguística tem um papel estratégico porque permite o ensino do método científico com um material facilmente acessível. Neste processo, o discente aprende entender a natureza das línguas como algo em si, não utilitarista, muito além de uma avaliação. A descoberta empírica de um sistema linguístico é um dos melhores caminhos para ver o fascínio do que parece tão normal, para questionar crenças e opiniões sobre as línguas, adotando uma postura crítica e não pré-concebida. Segundo Pires de Oliveira & Quarezemim (2016: 23), a construção de gramática de uma maneira investigativa

permite o florescimento da cidadania, porque leva o estudante a perceber a língua de maneira diferente, como a sua maneira de ser. A sua língua é a sua maneira de ser, e a exclusão desta maneira de ser tem efeitos negativos também na aprendizagem da leitura e da escrita. Somos as línguas que falamos. Nossa língua é um componente fundamental da nossa identidade, não apenas como pessoa, mas também como povo. Não somos cidadãos plenos se temos vergonha da nossa fala, se negamos até hoje que há um português brasileiro, que tem características próprias reconhecidas há séculos, e se vemos o português da gente (...) um motivo de chacota porque “não sabemos falar”. Note que é a colônia que não sabe falar; é a colônia que é a errada. Estes são indícios de uma subjetividade em desacordo consigo, porque não aceita o que é. Legitimar a língua que falamos, nossa identidade linguística, é uma das funções da escola, que pode ser realizada observando as línguas, construindo, juntamente com os alunos, gramáticas para explicá-las.

Nesse sentido, ao refletir sobre línguas inicialmente desconhecidas, é natural que o participante passe a questionar seu próprio idioma nativo, ou seja, o estudante pode construir um excelente laboratório de pesquisa somente observando os fatos linguísticos de suas próprias interações cotidianas, visando implicar sentidos, inferir intenções, desvendar pressupostos, entender piadas, interpretar poesias, enfim, atuar com mais perspicácia na sociedade por meio da linguagem.

Problemas de Linguística demandam observação acurada, criatividade na formulação de hipóteses, resiliência em encontrar as soluções e foco em distinguir características tão naturais que são despercebidas em nosso falar cotidiano, ou seja, tornar explícito um conhecimento que temos implícito e naturalizado. De fato, a observação atenta de um fenômeno parte da visão de mundo de seu observador que, frequentemente, precisa ser ampliada ou deslocada para abarcar complexidade cognitiva de outros povos e culturas. Quanto mais o fenômeno for inesperado, mais se desperta o interesse em desvendá-lo, estimulando a natural formulação de hipóteses para resolução. O estudante é guiado pela curiosidade de entender o raciocínio subjacente à língua de uma forma lúdica, aproximando o método científico a um jogo investigativo. Ainda segundo as autoras, Pires de Oliveira & Quarezemim (2016: 108), descrevendo processo semelhante, afirmam:

O ponto de partida é sempre a intuição do aluno sobre as línguas. Há duas formas de explorar esta intuição (...): construindo uma gramática (um fragmento) ou analisando criticamente propostas já existentes. (...) O primeiro passo é observar os dados. Precisamos de um *corpus*. Um cientista de laboratório constroi os seus dados porque quer diminuir os ruídos, as interferências, porque quer olhar com lupa o fenômeno que quer estudar. O professor pode guiar o aluno fornecendo uma lista inicial de dados (que ele controlou porque quer guiar o processo). Nenhum cientista parte ingenuamente olhando a natureza.

A indução de uma hipótese parte da observação de dados consistentes em um fragmento de língua para a abstração do modo de funcionamento de tal característica em outros contextos, o que é chamado de gramaticabilidade. A formulação da hipótese acontece como uma consequência natural de considerar um número suficiente de casos particulares, intuindo um padrão para todo o sistema linguístico. A regularidade dos fenômenos nos dados, os ambientes em que surgem as irregularidades, a probabilidade de uma proposição são apenas algumas das características que tornam os Problemas de Linguística mais simples ou complexos.

As hipóteses levantadas precisam ser confirmadas com os dados disponíveis e, uma vez que sejam confirmadas, permitem generalizações a novos excertos da língua analisada, para avaliar novas situações comunicativas. Se a hipótese não for confirmada, é preciso ter a resiliência de reformular a hipótese até que se encontre um caminho plausível com os dados, semelhante à investigações científicas reais. Ou seja, as Olimpíadas de Linguística permitem o contínuo treinamento do método científico, em forma de desafio lúdico, sabendo que a cognição subjacente é real e possível. De acordo com Pires de Oliveira & Quarezemim (2016: 115),

(...) a situação [hipotética] é muito mais delicada se estamos diante de uma língua que não conhecemos. A metodologia é a mesma, mas é preciso muito mais cuidado para não transferir categorias da nossa língua para outra. As línguas diferem e precisamos olhar com muita atenção em que elas diferem. Partimos de um conjunto de dados, formulamos hipótese e testamos essas hipóteses, (...).

No momento da resolução dos Problemas Autossuficientes, os estudantes devem ser criativos, isto é, testarem muitas hipóteses e multiplicarem as abordagens sempre que possível. Às vezes, é importante imaginar-se imerso na cultura onde aquela língua é falada; em outras vezes, é mais proveitoso imaginar como um computador lidaria com aqueles dados; em outras ainda, um tratamento mais matemático ou mais gramatical pode ser a melhor saída. De um modo geral, é comum que se elabore algumas tabelas, diagramas, associações etc. Reorganizar as informações exige esforço, mas permite novos arranjos não evidentes no início.

Ao acompanhar a aquisição de uma língua natural por uma criança, logo percebemos como as regularidades se formam no paradigma linguístico dela, de forma que mesmo os “erros”, como a conjugação em “eu *fazi* um desenho”, demonstram que a criança já nasce preparada a inferir regularidades em novos contextos, isto é, desde muito cedo na infância, cada falante, intuitivamente, já domina o mesmo raciocínio indutivo incentivado pelas Olimpíadas de Linguística.

Ao descrever uma língua, o linguista profissional utiliza uma linguagem o mais clara possível, evitando as imprecisões e as ambiguidades, para que outros pesquisadores possam reproduzir sua análise, confirmar ou questionar seus resultados. O Problema Linguístico Autossuficiente se fundamenta no mesmo método que permite formular generalizações, muitas vezes utilizando uma linguagem próxima da lógica ou da matemática. O solucionador deve conduzir seu raciocínio passo a passo até explicar o mais detalhadamente possível o fenômeno observado e suas hipóteses de resolução dos dados.

Na testagem da hipótese, é importante confiar nela por um instante e testá-la cuidadosamente em todas as possibilidades. No pior dos casos, o estudante descobrirá rápido que ela está errada, podendo passar para a próxima ideia. Caso contrário, ele terá avançado mais um passo para a solução. É importante ter clareza também sobre quais hipóteses já foram refutadas, organizando desde as hipóteses mais simples, até as ideias mais inovadoras. Certamente, o percurso até a resolução não é obvio, mas as descobertas são recompensadoras.

Tradicionalmente, distingue-se três maneiras de construir uma hipótese plausível: (i) induzir generalizações a partir dos dados; (ii) raciocinar com “razoabilidade”; e (iii) deduzir afirmações a partir de outras conclusões já consideradas verdadeiras. Para resolver os Problemas Autossuficientes, todas essas maneiras de levantar uma hipótese são possíveis e úteis. Desde a indução, que observa fatos e estabelece uma generalização, passando pela intuição, que congrega diversas observações em um padrão, e chegando à dedução, que infere consequências lógicas de concepções que aceita previamente, é justamente sobre a alternância de formas de raciocínio que se estabelecem os Desafios Linguísticos.

Ao contrário de outras Olimpíadas do Conhecimento em que os sujeitos precisam dominar uma vasta gama de conhecimentos *a priori*, nas Olimpíadas de Linguística (OL) desenvolvem-se no participante um estilo de pensamento empírico e formal para a análise dos dados linguísticos. Os estudantes se tornam capazes de “sondar” a cognição de línguas desconhecidas para descobrir novas formas de categorizar o universo e, ao fazê-lo, desenvolvem uma apreciação pela linguagem e pelo prazer da autodescoberta. Esse modo experimental de refletir é uma surpresa aos alunos acostumados a aplicação de uma teoria prévia, classificação de categorias já firmadas, e não acostumados a exposição à diversidade de culturas e visões de mundo. Em geral, os participantes iniciam as competições pensando nas línguas como coleções de regras que se aprendem nas aulas e nos livros, não como uma jornada em que podem se aventurar e descobrir por si mesmos.

Assim, percebemos que após a experiência olímpica, os discentes recontextualizam suas representações sobre língua como sistema baseado em princípios complexos, mas lógicos e consistentes, ao invés de como uma coleção frustrante de fatos impenetráveis, como nas lições gramaticais tão frequentemente presentes no cotidiano escolar. Essa fusão de pensamento intercultural e lógica formal torna os Problemas Linguísticos atraentes e instrutivos tanto para entusiastas da linguagem como para matemáticos e cientistas da computação.

Outra mudança de representação provocada pelas OL é a superação da divisão quase irreconciliável entre *linguagem natural* x *linguagem matemática*, que é comumente reforçada pela cultura acadêmica, cada vez mais compartimentada e polarizada. Tradicionalmente, as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa (ou estrangeira) não dialogam na escola. Acreditou-se que “o indivíduo que é bom em Matemática não é bom em Língua Portuguesa” e vice versa. Nem mesmo os

professores oportunizam uma aproximação entre esses dois componentes. Assim, a perspectiva de resolução de problemas ainda é bastante desconhecida em disciplinas da área de humanidades, mas é bastante debatida na área de exatas, a um tempo considerável. Inclusive é no Parâmetro Curricular Nacional (1997) da área de matemática que podemos vislumbrar os princípios de Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) mostrados ao longo desta Tese:

O Problema certamente não é um exercício em que o aluno aplica, de forma quase mecânica, uma fórmula ou um processo operatório. Só há Problema se o aluno for levado a interpretar o enunciado da questão que lhe é posta e a estruturar a situação que lhe é apresentada; aproximações sucessivas ao conceito são construídas para resolver um certo tipo de Problema; num outro momento, o aluno utiliza o que aprendeu para resolver outros, o que exige transferências, retificações, rupturas, (...); o aluno não constrói um conceito em resposta a um Problema, mas constrói um campo de conceitos que tomam sentido num campo de Problemas (...); a resolução de Problemas não é uma atividade para ser desenvolvida em paralelo ou como aplicação da aprendizagem, mas uma orientação para a aprendizagem, pois proporciona o contexto em que se pode apreender conceitos, procedimentos e atitudes (...). (PCN – EF – Matemática, p. 32-33).

Assim, tanto na área de linguística quanto na matemática, entende-se por Problema toda e qualquer situação em que se deseja obter uma solução, cuja resposta exige pôr à prova tudo o que se sabe. Há uma distinção entre Problema e exercício. Se uma situação não proporciona desafios, ela deixa de ser um Problema e servirá para exercitar habilidades já adquiridas. O exercício é entendido como um mecanismo utilizado para repetições de procedimentos e estratégias já consolidadas. Assim, se a tarefa é um Problema ou um exercício, depende dos conhecimentos prévios dos resolvidores e dos objetivos de composição da Tarefa.

Semelhante a um Problema Matemático, o Problema Linguístico tratado nesse trabalho é uma situação que demanda a realização de uma sequência de ações ou operações para obter um resultado, ou seja, a solução não está disponível na superfície, no entanto, é possível construí-la. É necessário desenvolver habilidades que permitam pôr à prova os resultados, testar seus efeitos, comparar diferentes caminhos, para obter a solução. Nessa forma de trabalho, o valor da resposta correta cede lugar ao valor do processo de resolução. O fato do aluno ser estimulado a questionar sua própria resposta, a transformar um dado problema numa fonte de novos problemas, evidencia uma concepção de ensino e aprendizagem não pela mera reprodução de conteúdos, mas pela via da ação refletida que constrói conhecimentos.

É nos objetivos gerais da área de matemática para o ensino fundamental (PCN, 1997: 37), ausentes na área de Língua Portuguesa, que encontramos uma metodologia de ABP ao listar que os estudantes devem:

- identificar os conhecimentos como meios para compreender e transformar o mundo à sua volta e perceber o caráter de jogo intelectual, como aspecto que estimula o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas;
- fazer observações sistemáticas de aspectos quantitativos e qualitativos do ponto de vista do conhecimento e estabelecer o maior número possível de relações entre eles; selecionar, organizar e produzir informações relevantes, para interpretá-las e avaliá-las criticamente;
- resolver situações-problema, sabendo validar estratégias e resultados, desenvolvendo formas de raciocínio e processos, como dedução, indução, intuição, analogia, estimativa, e utilizando conceitos e procedimentos matemáticos, bem como instrumentos tecnológicos disponíveis;
- descrever, representar e apresentar resultados com precisão e argumentar sobre suas conjecturas, fazendo uso da linguagem oral e estabelecendo relações entre ela e diferentes representações;
- estabelecer conexões entre temas de diferentes campos e conhecimentos de outras áreas curriculares;
- sentir-se seguro da própria capacidade de construir conhecimentos, desenvolvendo a auto-estima e a perseverança na busca de soluções;
- interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente na busca de soluções para problemas propostos, identificando aspectos consensuais ou não na discussão de um assunto, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles.

A interface da Linguística com a Matemática é múltipla, isto é, pode ser observada sob diferentes ângulos. De acordo com o presidente da Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), Ivan Derzhanski²³⁴ (2007b), como qualquer ciência, a linguística emprega métodos matemáticos. A semelhança de um Problema Linguístico com um Problema Matemático é maior do que pode parecer (como os matemáticos geralmente descobrem com deleite, e os filólogos às vezes desanimados). Segundo o autor, a referência à matemática no nome de algumas Olimpíadas carrega a mensagem de que a essência da atividade é encontrar estruturas, regularidades e correspondências (que é o que trata a matemática), em vez de conhecer línguas (o que é, de acordo com um equívoco popular, o que equivale a linguística).

Derzhanski (2007b, p. 3) defende que para resolver um Problema Linguístico Autossuficiente é preciso realizar três tarefas: 1) analisar a *forma* das expressões na língua desconhecida, descobrir em que partes elas consistem, quais mudanças essas partes sofrem e como elas são ordenadas para compor o todo; 2) analisar o

²³⁴ Em https://www.academia.edu/5680567/Mathematics_in_Linguistic_Problems Em 10/04/2021.

significado de suas traduções e ver quais conceitos estão envolvidos, sem levar em conta a forma em que são expressos; e 3) determinar a *correspondência* entre o primeiro e o segundo e, assim, derivar as regras relevantes da língua desconhecida. Segundo o autor, as duas primeiras tarefas podem ser realizadas em ordem ou em paralelo, e são de natureza linguística, pois exigem alguma habilidade com as palavras. Entretanto, a terceira tarefa é inteiramente matemática: trata-se de combinar estruturas abstratas.

Nas OL, há também o apelo do elemento lúdico, o desafio do quebra-cabeça, a mesma motivação que explica a popularidade de palavras cruzadas, criptogramas, Sudoku e similares. Assim, os Problemas Linguísticos resignificam o ensino tradicional, pois oferecem aos estudantes uma chance de se comunicar com “mundos” distantes no espaço ou no tempo, aprendendo com autonomia sobre diversos povos, suas línguas e suas culturas. O participante não resolve uma Tarefa Autossuficiente por motivação externa, como avaliação, mas por uma motivação interna, movido pela autossuperação, pelo desafio e pela satisfação pessoal.

Essa postura acadêmica inverte a dinâmica comum da escola, pois nas OL o aluno não traz consigo dados e fatos prontos para serem aplicados em uma avaliação. Ao contrário, o participante leva consigo novas experiências e perspectivas, muitas vezes inesperadas, sobre as línguas e culturas sobre as quais jamais imaginou conhecer, desvendando novas realidades e descobrindo novas visões de mundo. A diversidade apresentada nas OL fornece um ambiente *sui generis* de aprendizado linguístico-cultural, pois a curiosidade é a mola propulsora do conhecimento. O espírito da descoberta, tão característico da empreitada científica, é um dos fatores que impulsiona a Prática Social das Olimpíadas de Linguística, tanto nas esferas nacionais quanto na etapa internacional.

Dessa forma, podemos demonstrar como os Problemas Linguísticos Autossuficientes desenvolvem maneiras particulares de agir educacionalmente, de integrar diferentes disciplinas em um raciocínio metacognitivo, de apresentar ao participantes distintas visões de mundo e, por fim, de construir um tipo específico de Aprendizado. Diante disso, passamos a refletir sobre a formação pessoal promovida nas competições acadêmicas, o que faremos a seguir.

4.4 Um ecossistema de formações: pessoal, social e cultural

Ao descrever os variados aspectos que compõem os Problemas Linguísticos, podemos constatar que o hibridismo apresentado impossibilita a segmentação de um elemento isolado desconsiderando a rede de interações com outros elementos do mesmo ecossistema de aprendizagem. Isso porque cada Desafio Autossuficiente reflete características heterogêneas das Olimpíadas de Linguística (OL), e ainda, corresponde a influências contextuais mais amplas. Como já afirmamos, os temas mais recorrentes em cada país baseiam-se no interesse dos estudos locais, no impacto social desejado e até no planejamento para a futura atuação no mercado de trabalho do participante de uma localidade específica. Ademais, os Problemas Linguísticos visam educar para a autonomia, não para seguir esquemas ou cobrar conteúdos memorizados, por isso não se pedem nas Tarefas explicações teóricas, para aplicação de uma fórmula previamente conhecida.

Na estratégia pedagógica das OL, o processo de investigação de qualquer tema linguístico não se inicia através de conceitos ou explicações, mas através do despertar da curiosidade promovido pelo desafio apresentado, o que é a base da Aprendizagem Baseada em Problemas. À medida que o aluno observa e se envolve com os dados, inicia-se o desenvolvimento de habilidades em busca de uma explicação plausível dos fenômenos analisados que, em última escala, tem o potencial de gerar mudanças cognitivas individuais e, posteriormente, atingir uma cognição social (da comunidade escolar e da sociedade em geral), com reverberações nos sistemas educacional e cultural, como veremos mais adiante.

Conforme mencionamos na seção 2.2, todas as OL são herdeiras da tradição de Problemas Linguísticos Autossuficientes de *Alfred Zhurinsky*, *Andrei Zaliznyak* e outros autores na Universidade de Moscou, nos anos 1960²³⁵. A partir da ideia de que, para resolver um Problema, a pessoa precisa apenas de sua própria língua, sem dominar teorias linguísticas particulares, a estratégia pedagógica das OL se baseia raciocínio, na intuição linguística, na lógica e no conhecimento de mundo. Essa tradição atualmente se aproximou de outras perspectivas de aprendizagem ativa, investigativa e centrada na autonomia dos sujeitos.

²³⁵ Para um aprofundamento recomendamos “Os linguistas que vieram do frio” (BURAS, 2021) e “A verdade existe: A vida de Andrei Zaliznyak nas histórias de seus participantes” (BURAS, 2019).

Em linhas gerais, os processos de aprendizagem das OL ultrapassam uma formação pedagógica tradicional e baseia-se em dinâmicas ora individuais e ora coletivas; ora de ordem pessoal, ora de ordem institucional. O coordenador da Olimpíada Brasileira de Linguística, Bruno L'Astorina (2021)²³⁶, descrevendo esse processo de formação olímpica pouco documentado, destaca três elementos basilares desses eventos sociais: o **encantamento**, a **autonomia** e as **relações**.

O encantamento refere-se ao conjunto do interesse, fascínio e curiosidade que o participante constrói ao entrar em contato com um Problema. Essas noções devem substituir as noções tradicionais de dever, obrigação e controle escolar. O aluno não vai começar a resolver uma Tarefa olímpica porque ele deve fazê-lo, mas porque ele criou um interesse em fazê-lo. Os Desafios Autossuficientes não são (e nem devem ser) atividades obrigatórias, implantadas à revelia da iniciativa dos estudantes. Os Problemas Linguísticos funcionam como processo educativo apenas quando são movidos pela curiosidade de seu resolvidor, pois são aberturas voluntárias à novos horizontes do conhecimento.

Para atingir o encantamento, o problema nunca pode parecer banal. Nele não há explicações introdutórias ou indicação de teorias a aplicar. Há apenas um chamado ao desconhecido; um convite a olhar coisas nunca vistas. Contudo, é importante não tratar as línguas como entidades exóticas, mas apreciá-las como maneiras distintas de pensar e construir o mundo. Resolver um Problema Linguístico é uma ação autoativada e autodirigida, que parte da motivação intrínseca da própria atividade, não de razões exteriores.

Ainda de acordo com L'Astorina (2021), a autonomia é outra base na qual se apoia a estratégia pedagógica das OL. Essa noção está ligada à um processo transformativo muito mais amplo do que a aquisição de conteúdos e habilidades próprias da linguística, pretende-se a *Bildung*, entendida como um tipo de educação integral e multidirecional do ser humano, que está associada a determinados conceitos-chave como: autonomia, liberdade, autodeterminação, autoativação, autodireção, emancipação, humanidade, reflexão e universalidade.

Segundo o coordenador da OBL, o processo educativo olímpico pretende acolher as singularidades sem desprezar as coletividades, ou seja, é preciso reconhecer que cada indivíduo é diferente do outro e precisa de liberdade para

²³⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=FS0IMPCydek&list=PL6paacbMjcuLuWtDhV6laQpOu5dKowIL3>

aprender. Durante a palestra, questionou-se a padronização escolar, em que todos devem saber um mesmo conteúdo, utilizando um mesmo método, numa mesma velocidade de aprendizagem, aplicando uma mesma fórmula num exercício até todos terem adquirido as mesmas competências.

Com as noções de fascínio e autonomia integradas ao processo educativo, o que emerge são as relações de cooperação entre os alunos. Assim como na Aprendizagem Baseada em Problemas, também nas Olimpíadas Científicas é comum a criação de um contexto intelectualmente estimulante, em que os estudantes compartilham suas vivências, buscando o aperfeiçoamento mútuo. Apesar do ambiente competitivo de um evento seletivo como uma Olimpíada, é natural que os discentes se ajudem com redes de apoio, criando grupos de interesse comum, em que os mais novos se inspiram nos participantes mais experientes, para que todos possam alcançar o máximo de suas potencialidades.

Essa relação de retroalimentação de uma Olimpíada pode assumir variadas formas dependendo da tradição da comunidade de aprendizado, como clubes de linguística, círculos matemáticos, encontros de ex-olímpicos, fóruns de debates na internet, equipes de trabalhos temáticos, comitês, projetos voluntários, entre outros. São exemplos dessas redes no Brasil os Obmepeiros²³⁷, o Núcleo Olímpico de Incentivo ao Conhecimento (NOIC)²³⁸ o Projeto Voa²³⁹ e a Linguística Olímpica²⁴⁰.

Portanto, L'Astorina (2021) defende que por meio do encantamento, da autonomia e das relações, o estudante tem a possibilidade de se fascinar com a riqueza e pluralidade das línguas, adotando uma concepção de educação autônoma e integral do ser humano, que assume responsabilidades com pessoas e grupos mais vulneráveis, descrevendo, assim, um processo de formação pessoal que tem impactos diretos na coletividade: a *Bildung*.

De forma aproximada, o termo alemão *Bildung* poderia ser traduzido como 'formação', 'educação' ou 'formação cultural', todavia, o conceito filosófico exprime uma acepção mais ampla do que os termos mencionados isoladamente, pois salienta a união dos aspectos de processualidade, equilíbrio e responsabilidade da ação educativa. Este conceito já foi ressignificado por vários pensadores (*Kant*,

²³⁷ Disponível em <https://obmepeiros.com/> Acesso em 27/10/2021.

²³⁸ Disponível em <https://noic.com.br/> Acesso em 27/10/2021.

²³⁹ Disponível em <https://www.projetofoa.org/> Acesso em 27/10/2021.

²⁴⁰ Disponível em <https://linguisticaolimpica.wordpress.com/> Acesso em 27/10/2021.

Mendelssohn, Herder, Goethe, Schiller, Humboldt, Hegel, Schlegel, Nietzsche, Gadamer) e discutido por muitos autores, em diferentes épocas, mas sempre em torno de um processo de amadurecimento pessoal (cognitivo e emocional) e ainda sociocultural. Esta formação é descrita como a harmonização da mente e do coração do indivíduo, assim como a harmonização da individualidade com a sociedade/coletividade mais ampla. Como afirma Möllmann (2011: 19):

De forma similar à que um escultor faz a imagem de um homem, como uma joia é criada por um ourives, e como um pintor desenha o que está em sua imaginação ou visão, assim se queria formar um homem cuja maioridade representasse sua autonomia frente não apenas à natureza, mas frente ao universo. Trata-se de um ideário pensado para a formação do ser humano que culminaria numa abstração: um conceito universal de humanidade. A *Bildung* vislumbra, portanto, a elevação a uma universalidade, onde o homem fosse capaz de se abstrair do seu particularismo em direção ao universal, à humanidade.

A ideia é que por meio da educação, o indivíduo possa desenvolver a humanidade dentro de si. Humanidade não é um estado no qual entramos ao nascer, mas um ideal a ser alcançado por meio da disciplina e do esforço consciente do indivíduo. Mais do que uma instrução formal, o cultivo de si é entendido como um processo a ser perseguido durante toda a vida, como um fim em si mesmo, ou seja, independentemente de qualquer objetivo externo ou utilitário (ALVES 2018: 28). Assim, por incentivar o trabalho com as línguas, as Olimpíadas de Linguística dão suporte a uma prática pessoal e contínua de autoaperfeiçoamento, não necessariamente para uma titulação acadêmica ou para desempenhar a profissão de linguista, mas pela experiência autotélica do desvendamento humano.

Entretanto, além de buscar desenvolver a humanidade em cada pessoa, o ideal da *Bildung* também prevê um aprimoramento multidirecional e comunitário, isto é, levando em consideração as relações interpessoais do eu com o tu, e do nós com o vocês, assim como a relação do ser humano com o meio ambiente, com os animais, com o planeta, enfim, uma relação holística. É uma ação intencional para alcançar as potencialidades do indivíduo, otimizar seus talentos, cultivar a si mesmo, mas sem ignorar seu ambiente social nos mais diferentes aspectos.

Este conceito advém do idealismo alemão do século XVIII, aproximadamente de 1770 a 1830, articulado aos movimentos do iluminismo tardio, idealismo filosófico e pedagógico, período literário alemão clássico, neo-humanismo e romantismo. De um modo geral, parece ter sido o núcleo dos debates de tudo aquilo que foi reunido sob a rubrica das Ciências do Espírito (*Geisteswissenschaften*). Ao final desse

período, nas escolas primárias da Alemanha, foi adotada a pedagogia de *Johann Heinrich Pestalozzi*, que levava em conta as necessidades e especificidades da criança com o lema educacional "Aprender de cabeça, mão e coração". No nível secundário, foram instituídos os *Gymnasium* com base no estudo dos clássicos gregos e no ideal da individualidade harmoniosa. No nível superior, em 1810, foi fundada a Universidade Friedrich Wilhelm de Berlim (atual Universidade Humboldt), a partir dos princípios de liberdade de pesquisa e ensino, todas iniciativas relacionadas a concepção educacional da *Bildung*.

No ideal iluminista, o *Gymnasium* e a universidade deveriam permitir que todos, mesmo os mais pobres, recebessem uma formação humana integral, mas não padronizada, pois cada um deveria alcançar o máximo de sua potencialidade pessoal. Educar não é adaptar o indivíduo ao mundo ou treiná-lo com conhecimentos e habilidades úteis, mas despertar forças interiores, a criatividade e o juízo crítico, para transformar o mundo e realizar dentro de si o ideal de humanidade (ALVES, 2019: 10). De fato, apesar de concentrar a formação nos aspectos individuais, a preocupação com a coletividade deve ser ressaltada, pois, se a educação ficar restrita a poucos, o conjunto da sociedade não terá desenvolvimento.

O termo *Bildung* é voltado para a maturidade moral e emocional associada aos conhecimentos necessários para fazer prosperar a sociedade, isto é, uma formação baseada no equilíbrio das capacidades humanas de determinar o meio e a si mesmo, especialmente por meio das descobertas científicas da época. O indivíduo educado deveria estar profundamente inserido na cultura e na comunidade, ao mesmo tempo que tem autonomia para traçar seu próprio caminho na vida. Nas palavras de *Lene Rachel Andersen* e *Tomas Björkman*²⁴¹, o termo pode ser assim definido:

Bildung é um processo de amadurecimento individual e de assumir responsabilidades pessoais cada vez maiores para com a família, amigos, concidadãos, sociedade, humanidade, nosso globo e o patrimônio global de nossa espécie, enquanto desfruta, cada vez mais, de maiores liberdades pessoais, morais e existenciais. *Bildung* é a inculturação e a aprendizagem ao longo da vida que nos permite crescer e mudar, é a profundidade existencial e emocional, é a interação ao longo da vida e as lutas com novos conhecimentos, cultura, arte, ciência, moralidade, ética, espiritualidade, estética, perspectivas, pessoas e verdades, e é ser um cidadão ativo na idade adulta. *Bildung* é emancipação e um processo constante, que nunca termina. (Tradução nossa).

²⁴¹ Disponível em <https://europeanbildung.net/bildung/> Acesso em 30.06.2020.

O conceito filosófico, como já dissemos, mudou com o tempo e com a reflexão de diferentes pensadores, do iluminismo a pós-modernidade, mas, em essência, sempre se referiu ao impulso gerador para alcançar o potencial máximo do indivíduo. Assim, é natural reconhecer as ambivalências da concepção que, por um lado, pode ser o ideal pedagógico formativo institucional escolar ou universitário; por outro lado, pode ser um ideal pedagógico pessoal de autocultivo, autodirigido, não atrelado a uma instituição, uma formação independente. (ALVES, 2018).

Outra ambiguidade no conceito diz respeito ao entendimento de que a *Bildung* não se restringe ao resultado de um processo pedagógico (com a apreensão do conhecimento acumulado culturalmente), mas também se refere ao próprio percurso de formação integral do homem, ideário que podemos encontrar também em Paulo Freire (1997). Ou seja, esta educação pode designar tanto o produto (resultado) quanto o processo que conduz ao resultado. Por isso, aquilo que pode ser chamado de *Bildung* abrange tanto a transmissão passiva da cultura tradicional como a criação ativa de novas formas culturais. O termo não se limita à edificação da individualidade, mas alcança os processos coletivos que constituem a subjetividade. Por isso é considerada uma formação multidirecional, que ao mesmo tempo exprime o gradual processo e o artefato cultural final.

Embora tenha sido gestada no século XVIII, a *Bildung* transformou-se bastante no século XIX e chegou à (pós)modernidade fortemente relacionada à capacidade de autogestão do sujeito autônomo, maduro, equilibrado e responsável, sem ignorar seu contexto socio-histórico-cultural. Assim, a educação é alcançada com atividades que promovam o aprimoramento dos talentos e habilidades individuais, que devem levar ao desenvolvimento da sociedade. Assim, como parte da responsabilidade pessoal, a *Bildung* não aceita passivamente o *status quo* sócio-político-ideológico, mas, à medida que o sujeito amadurece, prevê que este seja capaz de se engajar em uma crítica social e, em última instância, desafiar a sociedade a realizar ideais mais elevados. Nas palavras de Alves (2019: 12):

O ideal de *Bildung* tinha como objetivo fundamental possibilitar a afirmação da singularidade individual por meio do cultivo de si e, ao mesmo tempo, conciliá-la com o vínculo comunitário. Ele implicava todo um programa de transformação social mediante a transformação interior dos indivíduos. Sua força integradora estava na ambição de incorporar reflexivamente ao sujeito os bens culturais e os conteúdos de conhecimento, unindo cultura subjetiva e cultura objetiva. A abertura semântica do conceito e seu grande poder evocativo permitiram uma diversidade de usos e interpretações ao longo do tempo e contribuíram para sua circulação até o presente. (Tradução nossa).

O conceito filosófico de *Bildung* contém uma alta complexidade, com aplicações nos campos da educação e da cultura, com reflexões sobre o homem e a humanidade, sobre a sociedade e o Estado. Ele “foi revestido de uma carga filosófica, estética, pedagógica e ideológica sem igual” (BOLLE, 1997: 15). Assim, o estudo conceitual-histórico do termo, apesar de trazer relevante contribuição para o tema, não se constitui o foco para este trabalho, para isso Möllmann²⁴² (2011), Alves²⁴³ (2019) e as referências desses trabalhos indicam um bom percurso de estudo. Todavia, o entendimento do processo/produto de como este conceito vem impactando as Olimpíadas de Linguística é salutar, para esboçar uma formação olímpica individual que impacta o coletivo, isto é, para articular a formação pessoal a um caráter social, o que se percebe apenas nas OL em fase de tradição, mais “amadurecidas”, conforme salientamos na explicação da Tabela 2.

Assim, por ter se tornado um conceito com ampla maleabilidade, a *Bildung* pôde ser incorporada às diferentes tendências educacionais, desde que a linha pedagógica considerasse a estética e a natureza como potencialmente formativas, e que fosse mesclada de valores morais e afetivos. Este ideal era universalista e representava uma reação contra a fragmentação do conhecimento e da sociedade, propondo integrar educação e cultura, em conexões intrínsecas com a arte, a ética, a história e a cultura para efetivar uma formação integral que englobe vivências, visões de mundo e responsabilidades. Daí a consideração da sua complexidade ser um fator tão determinante para sua apreensão, já que “as pessoas usavam o conceito de muitas maneiras e lhe davam diferentes colorações filosóficas e emocionais; para Kant e Mendelssohn, *Bildung* era pensamento esclarecido, para Herder e Schiller, tem um caráter mais cultural e artístico”. (SHEEHAN, 1991: 204).

Da mesma forma, as práticas desenvolvidas nas OL podem incorporar diferentes abrangências e tendências educacionais, contudo, reafirmando-se contrária a fragmentação do conhecimento, propondo formas de integração entre língua, matemática, computação e educação, além da conexão com todos os aspectos que as línguas evocam cognitivamente, socialmente, politicamente etc. A comparação entre a *Bildung* e as OL nos permite observar aproximações e distanciamentos em vários aspectos.

²⁴² Em <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3671/1/430435.pdf> Acesso em 16.07.2020.

²⁴³ Em <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n2/2175-6236-edreal-44-02-e83003.pdf> Em 16.07.2020.

Primeiro, tanto a *Bildung* como as Olimpíadas pretendem cultivar o desenvolvimento de uma série de competências e habilidades. No caso das OL, estas características incluem raciocínios metalinguístico, analítico, político, cultural e social manifestados nas línguas. Os textos institucionais das OL demonstram que não há melhor forma de observar a humanidade dentro de si do que o estudo das línguas, porque elas tornam visíveis as capacidades conscientes e inconscientes de reconhecimento de padrões e a estruturação da cognição humana. Mesmo analisando uma língua desconhecida, é possível entender (pelo menos em parte) uma troca comunicativa por meio de contextos, analogias, inferências e outros aspectos (extra)linguísticos, que os humanos dominam até mesmo sem uma instrução formal/escolar.

A segunda semelhança é que tanto a formação *Bildung* como as OL estão fundamentadas na crença de que o processo educacional precisa estar centrado na autoativação dos sujeitos, no fato de que as pessoas aprendem de forma diferente e, essencialmente, aquilo que lhes interessa. Ambas rejeitam uma formação padronizada, fixa, rígida, única, por compreender que cada pessoa precisa autodirigir seu percurso formativo, precisa orientar sua própria aprendizagem.

O terceiro ponto de convergência é que o ideal da *Bildung* buscava despertar as forças interiores para transformar o mundo e realizar dentro de si a humanidade, já as OL também buscam promover o impulso gerador para despertar características que modificam profundamente a vida pessoal e acadêmica do participante. Muitos estudantes passam a ter uma postura ativa na busca de seu conhecimento, ganham autoconfiança no manejo de suas competências cognitivas (raciocínio dedutivo e indutivo, inferências, implicações, entre outras), metacognitivas (autodefinição de estratégias autoavaliação, entre outras) e socioemocionais (autoestima, curiosidade, iniciativa, cooperação, resiliência, entre outras). Tanto a *Bildung* como as OL resultam em realização pessoal, autonomia e atitudes positivas multidirecionais.

O quarto ponto de aproximação é que a *Bildung* rejeita objetivos externos ou utilitários, ou seja, a educação deve ter um fim em si próprio. Eventualmente, as OL também podem funcionar de forma semelhante. Passada a época de competição ou para o público não elegível (que não idade para competir), muitos Problemas Linguísticos Autossuficientes são respondidos apenas pelo prazer da realização pessoal. O hábito frequente de resolver os desafios linguísticos pode ocasionar o que o psicólogo húngaro-americano *Mihály Csíkszentmihályi* chamou de Fluxo: um

estado de concentração profunda em que a pessoa durante uma atividade é envolvida por um sentimento de grande absorção, engajamento e realização, quando as preocupações pessoais (fome, sede, preocupações, distrações etc.) são normalmente ignoradas. (CSÍKSZENTMIHÁLYI, 1990: 27). No ambiente das Olimpíadas de Linguística, não é difícil encontrar pessoas que investem várias horas para resolver um desafio apenas pelo desafio pessoal e pelo prazer da conquista intelectual, da superação de seus próprios conhecimentos.

A quinta similitude diz respeito à conjunção entre processo e produto na *Bildung* e nas OL, aprimorando, simultaneamente, o individual e o coletivo. Isto é, nas Olimpíadas, o raciocínio produzido na resolução dos Problemas Linguísticos também é o processo necessário para a resposta do Desafio Autossuficiente. Em outras palavras, o produto gerado pelas OL - o raciocínio perspicaz - é também o processo que conduz ao sucesso na própria competição e em outras áreas da vida do estudante, ou seja, o produto e o processo se retroalimentam num ciclo que transborda do individual para o social, visto que constantemente os alunos colaboram uns com os outros para aprenderem sobre esta forma de raciocínio e juntos poderem contribuir para o progresso do conhecimento, especialmente da tecnologia da comunicação.

O sexto ponto de contato é a tentativa de massificação das iniciativas educacionais. O ideal da *Bildung* buscava permitir a todos, mesmo os mais pobres, uma formação humana integral. Nas OL, a mesma preocupação ocorre. Por serem eventos que quase sempre não cobram inscrição e não requerem nenhum conhecimento prévio, todos os discentes podem participar das OL, não importando se o participante vem de uma escola privada (paga) ou pública (gratuita), competindo com equidade de condições e oportunidades nas Olimpíadas.

Por fim, o sétimo ponto de semelhança entre a *Bildung* e a estratégia pedagógica das OL diz respeito à ambivalência de serem promovidas em ambientes institucionais e ainda em ambientes sem nenhum vínculo acadêmico-profissional. Isto é, ambas podem ser iniciativas idealizadas e implementadas fora de uma educação formal, como aconteceu com a Olimpíada Brasileira de Linguística durante os seis primeiros anos. A pluralidade de formas de institucionalização da *Bildung* e das OL evidenciam uma proximidade entre a concepção filosófica e o evento acadêmico, face a convergência de concepções que compartilham.

Entre os pontos de distanciamento, podemos citar a amplitude do alcance entre os ideais. A *Bildung*, em sua época de maior impacto no Século XIX, deslocou os discursos e práticas educativas de um acúmulo de conhecimentos para o desenvolvimento de habilidades sociocognitivas, afetivas e autodirecionadas: o cultivo de si. As Olimpíadas de Linguística, por sua vez, na maior parte dos países em que atuam, ainda não tiveram o êxito de impactar grande parcela da sociedade com sua forma de “pensar linguisticamente” por razões específicas de cada localidade, o que seria impróprio generalizar em nossa Tese.

Outro ponto de diferença é que a *Bildung* almeja ser uma formação individual que impacta social. Em algumas OL, segundo nosso levantamento em anexo, ainda persistem eventos sem uma etapa coletiva ou escolar, apenas provas individuais, em descompasso com o ideário alemão de individualidade harmoniosa. Em alguns poucos eventos, instalou-se o discurso da competitividade disruptivo com o vínculo comunitário, o que vai se desfazendo à medida que a OL cresce e se consolida como um processo de formação dos jovens e não somente uma seleção de mentes.

Ao passar da reflexão conceitual para uma parte da prática educacional, podemos traçar o percurso histórico da *Bildung* com base na influência difusa dos educadores que a aplicaram, naquilo que ficou conhecido como uma “Educação Progressiva” (ou Escola Progressivista, Escola Nova ou Escola Ativa) em contraposição ao ensino tradicional. Na virada do século XVIII-XIX, *Johann Heinrich Pestalozzi* (1746-1827) foi um pedagogo suíço fortemente influenciado pelo ideal de *Bildung*. Seu lema era "Aprender de cabeça, mão e coração" porque vinculava a educação geral, moral e intelectual ao ideal de harmonia e autonomia humana. Considerado o "pai da ciência educacional moderna", defendeu que as crianças aprendem por meio de sua própria motivação interna, com a manipulação direta e experiência com os objetos. Nesta perspectiva, a papel do professor é auxiliar seus estudantes em suas experiências de aprendizado e permitir que eles se desenvolvam naturalmente.

Fortemente influenciado pelo trabalho de *Pestalozzi*, de quem foi aluno, o pedagogo alemão *Friedrich Wilhelm August Fröbel* (1782–1852) criou o conceito de jardim de infância e defendeu que a educação deveria reconhecer as necessidades e capacidades únicas das crianças. Este introduziu o conceito de "trabalho livre" na pedagogia e estabeleceu o "jogo" como a forma típica que a vida assumia na infância, estabelecendo o valor educacional do lúdico. O papel do professor não era

doutrinar, mas encorajar a autoexpressão através da ludicidade, tanto individualmente quanto em atividades em grupo. A título de exemplo, em 1882 foi fundada em Berlim a primeira instituição para treinar professores de educação infantil, desde o início batizada como *Pestalozzi-Fröbel Haus*. Essa escola segue ativa até hoje, aplicando os princípios dos autores que o nomeiam.

Influenciado pelo idealismo alemão de *Kant* e *Hegel*, e também pelas ideias de *Fröbel*, o filósofo, psicólogo e educador americano *John Dewey* (1859-1952) defendeu a importância da educação não apenas como um lugar para obter conhecimento do conteúdo, mas também como um lugar para aprender a viver. Em sua visão, o propósito da educação não deveria girar em torno da aquisição de um conjunto pré-determinado de habilidades, mas sim em torno da realização de todo o potencial do estudante e da capacidade de usar essas habilidades para o bem da sociedade. Ele acreditava que preparar um aluno para a vida significava dar-lhe o comando de si mesmo; significava treiná-lo para o uso pleno de todas as suas capacidades, o que está intimamente relacionado a *Bildung*, apesar do autor não fazer uso do termo. No texto *Meu credo pedagógico*²⁴⁴, *Dewey* (1897) afirmou que:

Acredito que a educação é um processo de viver e não uma preparação para a vida futura. Eu acredito que a escola deve representar a vida presente - vida tão real e vital para a criança quanto aquela que ela leva em casa, na vizinhança ou no parquinho. Acredito que a educação que não ocorre por meio de formas de vida, formas que valem a pena viver por si mesmas, é sempre um substituto pobre da realidade genuína e tende a paralisar e amortecer. Acredito que a escola, como instituição, deve simplificar a vida social existente; deve reduzi-la, por assim dizer, a uma forma embrionária. A vida existente é tão complexa que a criança não pode ser posta em contato com ela sem confusão ou distração; a criança é oprimida pela multiplicidade de atividades que estão acontecendo, de forma que ela perde seu próprio poder de reação ordenada, (...). Acredito que, como vida social simplificada, a vida escolar deve crescer gradualmente a partir da vida doméstica; que isso deve assumir e dar continuidade às atividades com as quais a criança já está familiarizada em casa. (Tradução nossa).

Considerado um dos mais proeminentes acadêmicos estadunidense da primeira metade do século XX, *Dewey* defendeu que a educação tradicional sufoca a autonomia individual quando os estudantes aprendem que o conhecimento é “transmitido” em uma única direção: do especialista ativo para o aluno passivo. Com o lema “Aprender fazendo”, os ideais educacionais de *Dewey* influenciaram muitos modelos pedagógicos, como da Aprendizagem Prática, Aprendizagem Experiencial,

²⁴⁴ Disponível em https://en.wikisource.org/wiki/My_Pedagogic_Creed Acesso em 12.07.2020.

Aprendizagem de Serviço, Aprendizagem Cooperativa, Aprendizagem Ativa, Aprendizagem Baseada em Projetos, Aprendizagem Baseada em Design, entre outras, que buscam um ensino eficaz, em que os conteúdos devem ser apresentados de forma vivenciada, relacionada com experiências anteriores, aprofundando assim a conexão com esse novo conhecimento.

Dewey criticou a escola que, ao invés de preparar os cidadãos para a participação ética na sociedade, cultivam alunos passivos por meio da insistência no domínio dos fatos memorizados e do disciplinamento dos corpos. Em vez de preparar os estudantes para serem seres reflexivos, autônomos e éticos, capazes de chegar às verdades sociais por meio do discurso crítico e intersubjetivo, as escolas preparam os discentes para a obediência dócil ao trabalho autoritário e às estruturas políticas, desencorajam a busca por questionamentos individuais e comunitários e percebem um ensino superior como monopólio da instituição de ensino.

Influenciado pelas teorias educacionais de *Fröbel*, defensor do aprendizado através da brincadeira, e dos trabalhos de *Dewey*, de quem foi aluno, e posteriormente parceiro e sucessor, *William Heard Kilpatrick* (1871-1965) desenvolveu o Método de Projeto, que era uma forma de Educação Progressiva que organizava o currículo e as atividades em sala de aula em torno de um tema central da disciplina. *Kilpatrick* acreditava que o papel do professor deveria ser o de um "guia" e não o de uma figura autoritária, que as crianças deveriam direcionar sua própria aprendizagem de acordo com seus interesses. Na visão dele, os estudantes deveriam explorar seus ambientes, experimentando as aprendizagens através dos sentidos, evitando a escolarização que se concentra exclusivamente na memorização sem entendimento, com salas de aula estritamente organizadas (carteiras em filas; alunos sempre sentados) e formas típicas de avaliação.

Na visão educativa de *Dewey & Kilpatrick*, a aprendizagem é instigada através de situações que procuram de uma forma intencional gerar dúvidas, curiosidades intelectuais. O método de análise por "problemas" (neste contexto um termo técnico que significa uma situação que desafia a encontrar uma solução) valoriza experiências concretas, tem forte motivação prática, com estímulos cognitivos para possibilitar escolhas e soluções criativas. Essas experiências são organizadas de forma a retratar a vida social, então devem satisfazer tanto o interesse do estudante quanto o da sociedade. A escola deve adequar-se as necessidades individuais dos alunos, mas sem ignorar as necessidades coletivas do

meio social. Os conteúdos são estabelecidos em função das experiências vivenciada diante dos desafios cognitivos das situações-problema. Isso leva a uma aprendizagem significativa, que utiliza diferentes processos mentais e habilidades cognitivas (capacidade de levantar hipóteses, comparar, analisar, interpretar, avaliar), que desenvolve no estudante a responsabilidade por sua formação.

A problematização requer do professor uma mudança de postura para o exercício de um trabalho reflexivo com o estudante, exigindo a disponibilidade em pesquisar, acompanhar e colaborar no aprendizado crítico do aluno, o que frequentemente coloca o educador diante de situações imprevistas, novas e desconhecidas, exigindo que docentes e discentes compartilhem de fato o processo de construção e não apenas o de reconstrução e reelaboração do conhecimento. No texto “Meu credo pedagógico”, Dewey (1897) afirmou que:

Acredito que muito da educação atual fracassa porque negligencia o princípio fundamental da escola como forma de vida comunitária. A educação [tradicional] concebe a escola como um lugar onde certas informações devem ser dadas, onde certas lições devem ser aprendidas ou onde certos hábitos devem ser formados. O valor disso é concebido como estando amplamente em um futuro remoto; a criança deve fazer as coisas por causa de outras coisas que ela pode fazer no futuro; as coisas são meros preparativos de outras. Como resultado, essas coisas não se tornam parte da experiência de vida da criança e, portanto, não são atividades verdadeiramente educativas. (...) Acredito que nas condições existentes muito do estímulo e controle procede do professor, por causa do descaso com a ideia da escola como forma de vida social. Acredito que o lugar e o trabalho do educador na escola devam ser interpretados a partir da base que o docente não está na escola para impor certas ideias ou para formar certos hábitos na criança, mas está lá como um membro da comunidade para selecionar as influências que afetarão a criança e para ajudá-la a responder adequadamente a essas influências. Acredito que o conteúdo escolar deve partir da vida como um todo e não diretamente do professor. Acredito que a tarefa do educador seja simplesmente determinar, com base em uma experiência mais ampla e em uma sabedoria mais madura, como o conteúdo da vida virá para a criança. Acredito que todas as questões de classificação da criança e sua promoção escolar devam ser determinadas com referência ao mesmo padrão. Os exames são úteis apenas na medida em que testam a aptidão da criança para a vida social e revelam o lugar em que ela pode ser mais útil e onde pode receber mais ajuda. (Tradução nossa).

Em um processo de aprendizagem baseado em autonomia, como acontece nos Problemas Autossuficientes de Linguística, o papel do professor não é o de fonte do conhecimento, o qual já está amplamente disponível. Ao invés disso, o docente torna-se um facilitador de experiências e aprendizagens, que auxilia o aluno a confiar e monitorar a sua própria compreensão, que estimula o pensamento crítico. Os educadores tornam-se aprendizes ativos juntamente com seus estudantes, pois

passam a refletir juntos sobre as atividades de aprendizagem que desempenham. Dessa forma, esta perspectiva educacional dá ao docente e ao discente a responsabilidade compartilhada pelo processo, como já demonstramos nos princípios da Aprendizagem Baseada em Problemas (cf. seção 1.4 desta Tese).

No Brasil, o maior tradutor e divulgador das ideias de *Dewey* foi o advogado, filósofo e educador Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), que defendeu que a educação deveria ser integral, universal, gratuita e laica, não focando na memorização, mas permitindo o desenvolvimento do estudante. Além de ser um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932, Anísio Teixeira foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, que refletiam seu objetivo de oferecer educação pública e de qualidade para todos, de forma universal. As novas responsabilidades da escola eram preparar para um futuro incerto em vez de transmitir um passado claro; ensinar a viver com mais inteligência e tolerância, e ainda ressignificar o aprender, que passou a incluir o modo de agir. Só aprendemos quando sabemos agir de acordo com o aprendido.

Para isso, seria preciso reformar a escola, começando por fazer das matérias escolares uma atividade escolhida e projetada pelos alunos, fornecendo a eles formas de desenvolver sua personalidade no meio em que vivem. Nesse tipo de escola, estudar significa o esforço para resolver um problema ou executar um projeto, ensinar é guiar o discente em uma atividade. Para ser “eficiente”, a escola pública para todos deveria ser municipalizada, para atender aos interesses de cada comunidade. O ensino público deveria ser articulado numa rede até a universidade.

De maneira genérica, a educação progressiva é uma reação ao estilo tradicional de ensino. É um movimento pedagógico em que os educadores devem ensinar as crianças a pensar, em vez de depender da memorização sem entendimento. A aprendizagem experiencial utiliza vários métodos práticos que permitem que aos estudantes participar ativamente das atividades. A maioria dos programas de educação progressiva tem as seguintes qualidades em comum:

- Busca pelo aprender fazendo - projetos práticos, aprendizagem experiencial;
- Aprendizagem voltada aos interesses dos alunos;
- Resolução de problemas e pensamento crítico;
- Currículo integrado com foco em unidades temáticas;
- Oposição ao conhecimento mecânico;
- Trabalho em grupo e desenvolvimento de habilidades sociais;
- Projetos de aprendizagem colaborativa e cooperativa;

- Educação para responsabilidade social e para a democracia;
- Ênfase nas habilidades necessárias na sociedade do futuro;
- Pouco destaque em livros didáticos em favor de outros recursos de aprendizagem.

Parte da educação tradicionalista tende a usar a motivação extrínseca, como notas e prêmios. A educação progressiva tende a usar a motivação intrínseca, baseando as atividades nos interesses dos estudantes. As habilidades acadêmicas mais comuns se baseiam principalmente na assimilação do conteúdo para uma avaliação, contudo, as habilidades da educação progressiva estão associadas a um aprendizado mais profundo, que se baseia no raciocínio analítico, na resolução de problemas complexos e no trabalho em equipe. Por fim, enquanto a educação tradicional focaliza o conhecimento e as competências do professor como os pontos centrais do aprendizado, a educação progressiva indica ao educador apenas guiar cada discente para que esse, individualmente, atinja seu potencial máximo.

Diante do percurso histórico e conceitual mencionado, entendemos que as Olimpíadas de Linguística podem ter recebido, ao longo do tempo, alguma influência das tendências pedagógicas que focalizam os estudantes ao invés do conteúdo, com seus diversos autores, métodos e abordagens, baseados na resolução de situações-problema e no desenvolvimento do pensamento crítico. Adicionalmente, as Olimpíadas de Linguística se inseriram no movimento para “pensar linguisticamente”, que alcançou seu maior desenvolvimento nos Estados Unidos a partir dos anos 1990, quando transformaram a Ciência da Linguagem na porta de entrada para o raciocínio científico e experiencial, visto que a língua está disponível a qualquer falante, e ainda, é parte constitutiva de qualquer atividade humana.

Assim, reunimos as peças que compõem o mosaico desta Tese. Passemos então a articulação entre os diferentes formatos, cores, materiais e texturas que, uma vez dispostos de forma adequada, formam um todo coerente e harmônico. É buscando investigar a complexidade de dados que constituem as Olimpíadas de Linguística que cada um dos seus elementos constituintes precisou ser analisado separadamente. Entretanto, é fundamental destacar que cada item dessa Prática Social está numa relação dialética com os demais, ou seja, cada peça influencia e é influenciada por outras peças, compondo um mosaico que se estabiliza à medida que se consolida historicamente. Portanto, sabendo que cada parte da OL **não** pode ser reduzida a um fator individual, precisamos demonstrar de que forma se articulam e quais efeitos criam, o que faremos a seguir.

4.5 A montagem do mosaico: peça–ajuste–resultado

As línguas são as entidades naturais mais fascinantes que a humanidade conhece. Não há aspecto delas que não nos maravilhe, seja sua enorme complexidade estrutural e social, seja sua imensa heterogeneidade, seja o fato de que são realidades históricas e vivas. Mudam constantemente no eixo do tempo, e essas mudanças não se dão nem para melhor, nem para pior; as línguas não melhoram, mas também não decaem: elas simplesmente mudam. Por outro lado, as línguas estão intimamente atadas às dinâmicas sociopolíticas e às construções ideológicas das sociedades em que são faladas. Em outros termos, as línguas não existem em si e por si, não são entidades autônomas. Elas são parte integrante da subjetividade dos falantes e das sociedades que as falam. (FARACO, 2016: 9).

As Olimpíadas de Linguística (OL) representam um convite ao estudante para conhecer e se aprofundar nesse universo de cognição social, história, dinâmicas sociopolíticas e construções ideológicas que as línguas humanas expressam corriqueiramente. Semelhante à Disciplina Linguística, as OL adotam uma postura de pluralismo teórico e metodológico, em que a investigação das línguas e suas relações (com a mente, com a sociedade, com a história, com a cultura etc.) não estão limitadas a apenas uma tradição teórico-epistemológica de estudos. Ou seja, são possíveis vários pontos de vista sobre o mesmo objeto. Essa postura, como já mencionamos anteriormente, acaba por modificar/alterar o próprio objeto.

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. (...) Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que **é o ponto de vista que cria o objeto** (SAUSSURE, 2006: 15. Grifos nossos)

Assim, construímos essa Tese em forma de mosaico, privilegiando a multiplicidade de olhares e visões sobre esse evento integrador da ciência da linguagem, da matemática, da computação e da educação. Todavia, demonstrar essa heterogeneidade não é uma tarefa simples, visto que a miscelânea de elementos constituintes de uma OL pode tornar a visão geral fragmentada, parcial ou confusa. Como montar um quebra-cabeça assimétrico, começamos por organizar as peças por critério de semelhanças, reunindo nos capítulos os itens mais relacionados, mesmo reconhecendo suas peculiaridades e diferenças.

Introduzimos o assunto mostrando que as OL são parte de um quadro maior de Olimpíadas Científicas, que visam desenvolver nos participantes diversas habilidades, como observação de dados, investigação de razões, testagem de hipóteses, resiliência nas falhas, automotivação, inovação e curiosidade, características relevantes para o desenvolvimento do estudante enquanto sujeito ativo no processo de aprendizagem. Nas OL, muitas vezes essas características não aparecem registradas nos textos que mais circulam nos eventos acadêmicos: informativos, sítios eletrônicos, regulamentos e, especialmente, não é evidente no Problema Linguístico Autossuficiente, apesar de estar pressuposto a esse gênero.

Desde o início, as Competições de Conhecimento se tornaram conhecidas como uma “ferramenta” para identificação de jovens talentos (*mindhunter*) ou para destacar modelos educacionais considerados inovadores. Isso significou neste trabalho uma polivalência na análise das OL, pois ora será focalizado quem está utilizando essa “ferramenta”; ora estará em destaque o efeito dessa “ferramenta” na sociedade; e ainda, ora a reflexão se concentrará na própria “ferramenta” em si, revelando um imbricado mosaico de questões sociais, educacionais, culturais, econômicas, políticas, linguísticas, entre outras.

Assim, ao montar o mosaico da Prática Social das Olimpíadas de Linguística, destacamos seu caráter de processo habitual, ritualizado e institucionalizado, um ciclo que envolve atores sociais interagindo em eventos reais, promovidos ou sediados em instituições específicas, cada um(a) com seus interesses particulares, mas que, ao mesmo tempo, estão interconectadas a outras organizações externas, numa Rede de Práticas Sociais que se influenciam mutuamente. Essa é a razão porque foi inevitável passar por um mesmo assunto em diferentes partes desta Tese. Um elemento nunca está isolado, pois sua atuação reverbera em outros elementos internos e externos de sua Prática Social, alterando a imagem total como um caleidoscópio. Para explicar o funcionamento de uma Olimpíada de Linguística, elaboramos uma imagem abstrata sem perder de vista que cada evento dispõe de seu próprio contexto acadêmico-institucional, sociopolítico, econômico-financeiro, entre outros. Essa complexidade foi paulatinamente construída nas Figuras 6 e 8, até culminar no Quadro Geral desse mosaico de movimentos expresso na Figura 13 a seguir:



Figura 13 – Quadro Geral da Prática Social das Olimpíadas de Linguística
Fonte: Elaborado pelo autor

Devido ao seu caráter cíclico e em camadas (mais concreto no centro e mais abstrato nas bordas), é possível descrever e explicar o funcionamento da Prática Social das OL iniciando por diferentes elementos. Nossa opção foi desvelar o peculiar contexto socio-histórico da antiga URSS que motivou diversos atores, especialmente *Andrei Zaliznyak* e *Alfred Zhurinsky*, que desenvolveram os Problemas Linguísticos com o objetivo de revelar estudantes de excelência, jovens talentosos e resilientes, capazes de suportar as exigências dos cursos do Departamento de Linguística Teórica e Aplicada (OTiPL) na Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Moscou Lomonóssov (MGU). A criação da Olimpíada de Linguística e Matemática de Moscou, em 1965, e de várias Olimpíadas Científicas, ficou restrita por questões geopolíticas e ideológicas, pois apenas países socialistas participavam até os anos 1980 e apenas países europeus até os anos 1990.

Por isso, a considerável diferença de idade entre as OL e as demais e/ou a grande institucionalização de algumas OL nos permitiu observar como os Eventos Sociais “amadurecem” e mudam suas práticas ao longo dos anos, isto é, como a Prática Social vai sendo estabilizada à medida que seus diversos elementos se organizam e se retroalimentam. Os gêneros textuais também se modificam,

passando apenas dos Problemas Linguísticos e de simples informativos para os estudantes locais para regulamentos outorgados por órgãos governamentais e textos orais e escritos (entrevistas e livros, por exemplo) circulando na mídia nacional. O estudo longitudinal, observando o fator “tempo de experiência”, não é possível em muitas OL que são muito jovens. Todavia, os relatos mostram como esse é um aspecto relevante para as Práticas Social, Discursiva e Textual das OL:

No começo, as olimpíadas [russas] não tinham o benefício na seleção para o ensino superior, **mas há alguns anos conseguimos conquistá-lo.** (KIBRIK, 2011a)²⁴⁵.

A Olimpíada de Linguística de Moscou passou a ser noticiada de forma ampla, e as tarefas usadas nela foram publicadas (...) em 1972. (...) Depois de 10 anos, a editora "Enlightenment" decidiu que as tarefas poderiam ser do interesse de um público escolar amplo e, em 1983, lançou a coleção de problemas técnicos de linguística com o subtítulo "Livro para alunos do ensino médio" com a tiragem sem precedentes de 180 mil cópias! (NORMAN, 2013: 126-127)²⁴⁶.

A mudança leva tempo. As sementes plantadas por Quirk e Halliday na década de 1960 no Reino Unido germinaram na década de 1980 e frutificaram de maneira importante na década de 1990 (com um Currículo Nacional), **mais de uma geração depois;** Os linguistas devem estar dispostos e ser capazes de comunicar com os professores. (...) A linguística pode ser ensinada com sucesso na escola. (HUDSON, 2007: 48)²⁴⁷.

Em 2012, a UKLO matriculou estudantes universitários para orientar a equipe da IOL e está procurando expandir esse esquema nos próximos anos. **Embora a competição esteja apenas nos primeiros 3 anos, pode haver potencial para recrutar ex-alunos da IOL** (especialmente os que continuam em cursos de graduação relacionados) no treinamento da equipe do Reino Unido para a IOL. (TOMLINSON & TROUSDALE, 2012: 9)²⁴⁸.

(...) **Nos primeiros quatro ou cinco anos, tudo foi feito de uma maneira bastante amadora,** com um grupo bem reduzido de envolvidos na organização e na composição dos problemas. (Representante do Brasil, resposta da pergunta 7 do questionário em anexo).

Os ex-participantes são a retroalimentação mínima que sustenta a Olimpíada Nacional, demonstrado na metade direita da Figura 13. Isto é, após competirem nos eventos, muitos estudantes de excelência adquirem *expertise* e são motivados a integrar o grupo de organizadores (ou apenas o Comitê de Problemas) da respectiva OL. Esse ex-competidor, apesar de não possuir um diploma universitário, ainda é mais treinado para a composição e a testagens dos Problemas Linguísticos

²⁴⁵ Em <http://linguistlist.org/fund-drive/2011/linguists/AleksandrKibrik.cfm> Acesso em 11/05/2018.

²⁴⁶ <https://elib.bsu.by/bitstream/123456789/111452/1/%D0%9D%D0%BE%D1%80%D0%BC%D0%B0%D0%BD.pdf>

²⁴⁷ <https://www.deepdyve.com/lp/wiley/how-linguistics-has-influenced-schools-in-england-JsrLvuppiS>

²⁴⁸ Disponível em <https://studylib.net/doc/7078918/introduction> Acesso em 23/08/2020.

Autossuficientes do que um Linguista profissional sem a devida experiência nesse gênero. Por isso, é comum na Prática Social das OL que vozes não-outorgadas pelo poder acadêmico (alunos em início de graduação, por exemplo) se constituam aptas e legítimas a organizar as OL. Nesses casos, cientistas especializados e estudantes experientes compartilham o mesmo contexto sociocognitivo diante da comunidade olímpica. Isso significa que, na imagem mental compartilhada, docentes e ex-participantes detêm todos os requisitos necessários para integrar o corpo organizacional da OL, pois dominam o principal gênero textual utilizado nessas competições. A ausência de um diploma na área se revela um entrave apenas nas questões burocráticas das OL, como financiamento governamental, por exemplo.

Como vimos na seção 3.2 e nas respostas da pergunta 10 do questionário em anexo, a Representação Social atribuída aos ex-participantes da OL é diferente daquela atribuída aos universitários (docentes ou discentes) de Linguística, porque os ex-olímpicos atuam diretamente na atividade-fim da Olimpíada, que é a composição e a análise dos Problemas de Linguística expressos neste capítulo 4, e adicionalmente podem contribuir na atividade-meio, que é a organização geral do evento, a qual pode ser feita por diversas pessoas, inclusive universitários (docentes ou discentes). Um dado que aponta para a retroalimentação das OL é a composição do Comitê de Problemas da Olimpíada Internacional de Linguística em 2021: dos 28 membros atuais, 14 são integrantes medalhistas²⁴⁹ premiados na própria IOL. Vale destacar que esse número já ultrapassa o triplo dos membros fundadores²⁵⁰ do Comitê de Problemas da IOL que se mantêm em atividade desde 2003.

Nossas reflexões apontam a necessidade da Educação Linguística (EL) ser vinculada à afetividade, entendida como um espectro de sentimentos e emoções que envolvem e influenciam diretamente a motivação dos participantes, sendo uma parte relevante do contexto sociocognitivo das OL, que deve parte de sua existência a afetividade que desperta nos docentes e discentes, como nos seguintes relatos:

²⁴⁹ São medalhistas: **Alexander Piperski** (2004); **Andrey Nikulin** (2008, 2009, 2010); **Aleksejs Peguševs** (2010); **Daniel Rucki** (2010, 2011, 2012); **Minkyu Kim** (2013); **Elysia Warner** (2014); **Dan-Mircea Mirea** (2014, 2015); **Jan Petr** (2015, 2016, 2017); **Liam McKnight** (2015, 2016, 2017); **Samuel Ahmed** (2015, 2016, 2017); **David Avellan-Hultman** (2016); **Przemysław Podleśny** (2017, 2018); **Shinjini Ghosh** (2018); e **Tung-Le Pan** (2018). Em <https://ioling.org/pc/> Em 10.11.2021.

²⁵⁰ São fundadores: **Boris Iomdin** (HSE); **Ivan Derzhanski** (BAS); **Ksenia Gilyarova** (RGGU); e **Maria Rubinstein** (RGGU). Em <https://ioling.org/pc/> Acesso em 10.11.2021.

Na maioria dos programas de Olimpíada de Linguística, nenhum dos organizadores recebe salário. Aqueles que participam o fazem voluntariamente, como parte de sua contribuição à disciplina, **motivados pela estimulação intelectual envolvida na criação, teste e pontuação de Problemas, e pela satisfação em ver os jovens entusiasmados com idiomas e linguística.** (...) Não há "estrelas" na equipe - **apenas acadêmicos entusiasmados, que dedicam muito tempo e esforço intelectual para preparar e testar problemas,** além de avaliar construtivamente os esforços uns dos outros. (...) **Alguns dos alunos mais entusiasmados não esperam até se formarem.** (...) Assim, à medida que o programa atrai jovens estudiosos, ele garante sua própria sobrevivência, capacitando novas gerações de colaboradores de Olimpíadas de Linguística. **Grande parte dessa atração decorre de puro desafio intelectual e espírito comunitário.** (DERZHANSKI & PAYNE, 2010: 4. Tradução e grifos nossos).

O que mais me agradou na Olimpíada não foram os problemas, mas as pessoas. Talvez pela primeira vez em minha vida, conheci pessoas entusiasmadas com o que estavam fazendo. Isso foi em contraste com o espírito dominante da época na União Soviética, cuja importância não pode ser superestimada. (Relato do Dr. Vladimir Plungian, *In*: DERZHANSKI & PAYNE, 2010: 3. Tradução e grifos nossos).

Em questões organizacionais, às vezes é difícil criar tarefas exclusivas para a olimpíada. No entanto, envolvemos ativamente os ex-participantes no processo de preparação depois de concluírem o Ensino Médio. Isso nos dá um fluxo constante de pessoas e tarefas **(os novatos estão sempre mais entusiasmados em criá-los).** (Resposta 7 do representante da Estônia, tradução e grifos nossos, parênteses no original).

No início deste ano letivo, uma de nossas alunas me enviou uma mensagem de Amsterdã, **agradecendo por estimulá-la com esse tipo de quebra-cabeças [Problemas Linguísticos].** Antes de assistir a uma das minhas aulas, ela pensou que obteria para sempre 0 pontos na parte de linguagem na competição escolar eslovena, mas **depois da aula ela não só percebeu que é boa em resolvê-los, mas que os idiomas são realmente interessantes. Então ela procurou e encontrou uma opção de estudar algo assim e, agora, é uma aluna feliz em um "paraíso para linguistas".** Sua opção alternativa era matemática. (Resposta 30 do representante da Eslovênia, tradução e grifos nossos).

Há uma dimensão em nossa Olimpíada que as respostas até agora não revelaram: **é divertido! Os alunos podem começar sabendo pouco ou nada sobre linguística, mas quase todos acham os problemas interessantes e agradáveis.** (Resposta 30 do representante do Reino Unido, tradução e grifos nossos).

Outro elemento bastante relevante para a análise da Prática Social das OL é o contexto acadêmico-profissional. Ao passar para o detalhamento da metade esquerda da Figura 13, percebemos que as ações e motivações que antes eram mais individualizadas, desenvolvidas por docentes e discentes, passam a ser mais institucionalizadas, desenvolvidas por universidades e empresas (mas sempre com um agente motivado sustentando). A partir da interação com as entidades educacionais e corporativas, as OL tendem a se tornar mais profissionais (e menos *hobby*), momento em que algumas OL desenvolvem seus regulamentos, visando

vantagens mais amplas e permanentes, como pontos extras no processo de admissão universitária, bolsas de estudos e apoio/financiamento governamental. Vale destacar que quanto mais institucionalizada for uma Olimpíada, com mais mecanismos de controle burocrático, menos visíveis ficam as distinções entre o evento social e uma instituição de mercado. Em outras palavras, as características de cada OL Nacional e os objetivos de cada elemento da Prática Social se tornam mais opacos, camuflados ou invisibilizados no funcionamento das competições intelectuais. Alguns regulamentos não evidenciam nem mesmo seus organizadores, apenas uma “comissão” ou “empresa privada” ou ainda um “órgão governamental”.

Na metade esquerda da Figura 13 existe uma sobreposição de papéis, pois, ao mesmo tempo que um docente pode agir na Prática Social movido por convicções pessoais sobre a OL, também pode fazê-lo por interesses acadêmicos-profissionais. Da mesma forma, um empresário pode tanto atuar nas OL visando contribuir com a educação nacional, como também pode fazê-lo baseado em ideais econômico-mercadológicos. O fato é que, independente da motivação do agente, quanto mais financiamento e estabilidade as OL receberem para desenvolver-se, maior será o seu alcance nas escolas e em porções cada vez maiores da sociedade.

É importante destacar que, ao “amadurecer” por meio da profissionalização de suas Práticas, as OL ampliam seu relacionamento com diferentes públicos, especialmente por meio de textos (orais e escritos) veiculados na mídia de massa, podendo transformar até mesmo as Representações Sociais sobre a Ciência da Linguagem. Primeiro no ambiente escolar, divulgando os Problemas Autossuficientes e as atividades realizadas nas OL. Depois, em variados ambientes da sociedade, por meio da Divulgação Científica sobre as línguas, publicando livros, coletâneas, reportagens, posts em redes sociais etc. Todas essas atividades de diálogo com as escolas e com a sociedade aumentam o engajamento dos participantes das OL e criam o que temos chamado de “cultura olímpica”.

A comunicação de massa e o engajamento do público externo podem acontecer até mesmo antes do lançamento da Olimpíada, como foi o caso da NACLO (Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte), que motivou a participação na competição através de folhetos enviados pelo correio para docentes e discentes, e pela publicação de várias colunas de jornais. Cada coluna incluía um Problema Linguístico de amostra e prometia um prêmio ao primeiro leitor que enviasse uma solução correta. Essas colunas geraram muita publicidade e

interesse na comunidade local. Dezenas de soluções foram recebidas por e-mail e por correio. Da mesma forma, entre 2001 e 2006, os organizadores da NACLO lançaram uma atividade educacional na internet, o *Linguistic Challenge*, que publicava exemplos de Problemas, incluindo aqueles usados nas competições presenciais. Devido ao interesse educacional da página virtual, ele foi listado no topo da maioria dos mecanismos de busca da Internet e recebeu milhares de acessos por mês, o que estimulou várias competições locais nas cidades de Nova York, Portland, Eugene e San Jose. Tais exemplos mostram o nascimento de uma “cultura olímpica” baseada nos Problemas Linguísticos evidenciados neste capítulo 4.

Em nossa pesquisa, ao questionar sobre a expectativa de mudar a vida dos participantes (Pergunta 13), pudemos observar que todos os Organizadores querem que os estudantes aprendam mais sobre as línguas e sobre a área da Linguística, o que é natural em uma competição dessa natureza. Entretanto, muitos Organizadores de OL responderam expectativas “extra-olímpicas”, ou seja, eles almejam impactos que estão “além” do próprio evento, mas fazem parte da Prática Social demonstrada nesta Tese. Trata-se da metade inferior da Figura 13, que se refere ao contexto sociocognitivo dos estudantes (sobre os relacionamentos com outros participantes e sobre a diversão no evento) e ainda se refere ao contexto acadêmico-profissional dos alunos (sobre os estudos universitários). Os aspectos podem ser observados tanto em OL em fase de tradição [primeiras 4 respostas] como em fase de consolidação [7 respostas centrais]; e em eventos em fase de evolução [últimas 4 respostas]. Seguem alguns impactos desejados pelos Organizadores (pergunta 13):

Alguns participantes do NACLO não sabiam sobre linguística antes do NACLO e **agora estão obtendo doutorado em linguística**. Alguns alunos se beneficiaram por **estar perto de outros alunos tão nerds quanto eles e foram capazes de se socializar sem se conter**. (Este é um problema para crianças profundamente dotadas). [Representante dos Estados Unidos, tradução e grifos nossos. Colchetes no original].

Construir amizades que duram. (Representante da Bulgária, tradução e grifos nossos).

Conheço muitos ex-participantes que **se envolveram com a linguística após participarem das Olimpíadas**. (Representante da Rússia, tradução e grifos nossos).

Vários de nossos concorrentes de IOL decidiram **fazer linguística na universidade**. Não sabemos se o mesmo se aplica a outros concorrentes, mas suspeitamos que sim. (Representante do Reino Unido, tradução e grifos nossos).

Todos os nossos concorrentes que participam do acampamento dizem que este acampamento é uma **experiência de mudança de vida**. (...), o indicador objetivo mais forte disso é que **vários de nossos alunos cursam linguística** durante a graduação; vários outros escolhem linguística computacional ou ciência cognitiva. Este é um campo que eles não tinham ideia antes de irem para o acampamento. (Representante da Índia, tradução e grifos nossos).

Alguns deles **acabaram estudando linguística**, alguns tiveram bastante sucesso e **isso os ajudou a autoestima deles, alguns fizeram amizades internacionais duradouras**. (Representante da República Tcheca, tradução e grifos nossos).

Eles optam por **ingressar em programas relacionados à linguística nas universidades!** Alguns foram para a Linguística na Universidade Nacional de Seul (SNU), e outros foram para os Estados Unidos, especializando-se em ciência da computação e processamento de linguagem etc. (Representante da República da Coreia, tradução e grifos nossos).

Conhecer outros alunos com ideias semelhantes; aprender sobre línguas mundiais, seus falantes e linguística; **considerar a educação pós-secundária e as carreiras em línguas/linguística**. (Representante da Canadá anglófono, tradução e grifos nossos).

Desenvolver os cérebros, descobrir a linguística, aprender algo interessante sobre o mundo, **criar um passatempo para eles [os participantes] que seja produtivo e divertido**. (Representante da Letônia, tradução e grifos nossos).

Confirmar seu interesse no estudo da língua ou no estudo universitário em geral. Seu histórico de participação lhes **dará a vantagem de serem aceitos para admissão nas melhores universidades**. (Representante do Japão, tradução e grifos nossos).

Faremos com que alguns deles estudem linguística na universidade. Esperamos dar a eles uma memória para a vida. (Representante da Suécia, tradução e grifos nossos).

Melhorar suas habilidades de resolução de problemas, introduzir à linguística, **aumentar a aceitação na área de STEM na faculdade. Fazer amigos!!** (Representante da Irlanda, tradução e grifos nossos).

Eles [os participantes] decidiram estudar linguística computacional na universidade. (Representante da Turquia, tradução e grifos nossos).

Esperamos que os participantes se tornem mais conscientes da diversidade linguística e se divirtam. Alguns deles podem querer estudar linguística em nível universitário, mas esse não é um objetivo principal para nós. (Representante da Finlândia, tradução e grifos nossos).

Fazer grande diferença para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Com esta iniciativa pode haver aumento no número de pessoas que cursam outras línguas estrangeiras, exceto as populares atuais. **Podemos desencadear outros talentos em linguística que podem criar grandes cientistas**. (Representante do Uzbequistão, tradução e grifos nossos).

A questão da diversão, apesar de não ser o foco desta Tese, também se revelou um aspecto sociocognitivo relevante da Prática Social das OL, pois impulsiona muitas pessoas e eventos. Esse critério pode ser analisado tanto como um fator constituinte (fundamental) do gênero Problemas Linguísticos quanto como uma característica complementar (adicional) da competição. O divertimento foi mencionado em diferentes respostas ao nosso questionário, incluído como parte do conceito do que seja uma OL (pergunta 2), como parte dos objetivos dos eventos (pergunta 3) e até como parte das curiosidades (pergunta 30), conforme segue:

[A OL é] uma competição de resolução de problemas para alunos do ensino médio. Todo problema é sobre um idioma que você nunca ouviu falar. Você não precisa de conhecimento prévio para resolver os problemas, eles são independentes. **Quebra-cabeças realmente divertidos!** (Resposta da Pergunta 2 do representante da Suécia, tradução e grifos nossos).

[O objetivo da OL é] proporcionar aos alunos uma **experiência extracurricular divertida**, desafiadora e educacional. (Resposta da Pergunta 3 do representante do Canadá Anglófono, trad. e grifos nossos).

Os principais [objetivos] são: dar a conhecer às pessoas o que é a linguística, fazer com que tenham interesse em aprender [sobre] línguas, **divertir-se intelectualmente** (...). (Resposta da Pergunta 3 do representante da Polônia, tradução e grifos nossos).

Temos uma rodada nacional onde todos os participantes classificados se reúnem. Temos também um campo de treinamento onde **convidamos os vencedores e algumas crianças extras para treinar e se divertir**. (Resposta da Pergunta 9 do representante da República Tcheca, tradução e grifos nossos).

Há uma dimensão em nossa Olimpíada que as respostas até agora não revelaram: é divertido! Os alunos podem começar sabendo pouco ou nada sobre linguística, mas quase todos acham os **problemas interessantes e agradáveis**. (Resposta da Pergunta 30 do representante do Reino Unido, tradução e grifos nossos).

Dessa forma, cada um dos elementos que compõem a Prática Social das Olimpíadas de Linguística demonstra a complexa rede multifacetada do mosaico desta Tese. Por realizar simultaneamente uma série de interesses imbricados, a análise da conjuntura demonstra como a vida social é uma ampla rede de conexões de práticas de diversos tipos (social, educacional, cultural, econômica, política, linguística, entre outras). Cada fator apresentados nesta Tese sofre contingências das ordens dos discursos e também oferece influências aos demais fatores, de forma que o Quadro Geral apresentado na Figura 13 ainda pode receber novos elementos conforme o desenvolvimento da OL se concretiza em interações diversas.

Assim, o mosaico desta Tese consiste na somatória de diferentes formatos, cores, posições e ângulos que se completam. É a visão holística que revela a riqueza e a complexidade do conjunto, ainda que, a primeira vista, a miscelânea de peças pareça uma coleção de itens aleatórios, como observamos nesta ilustração:

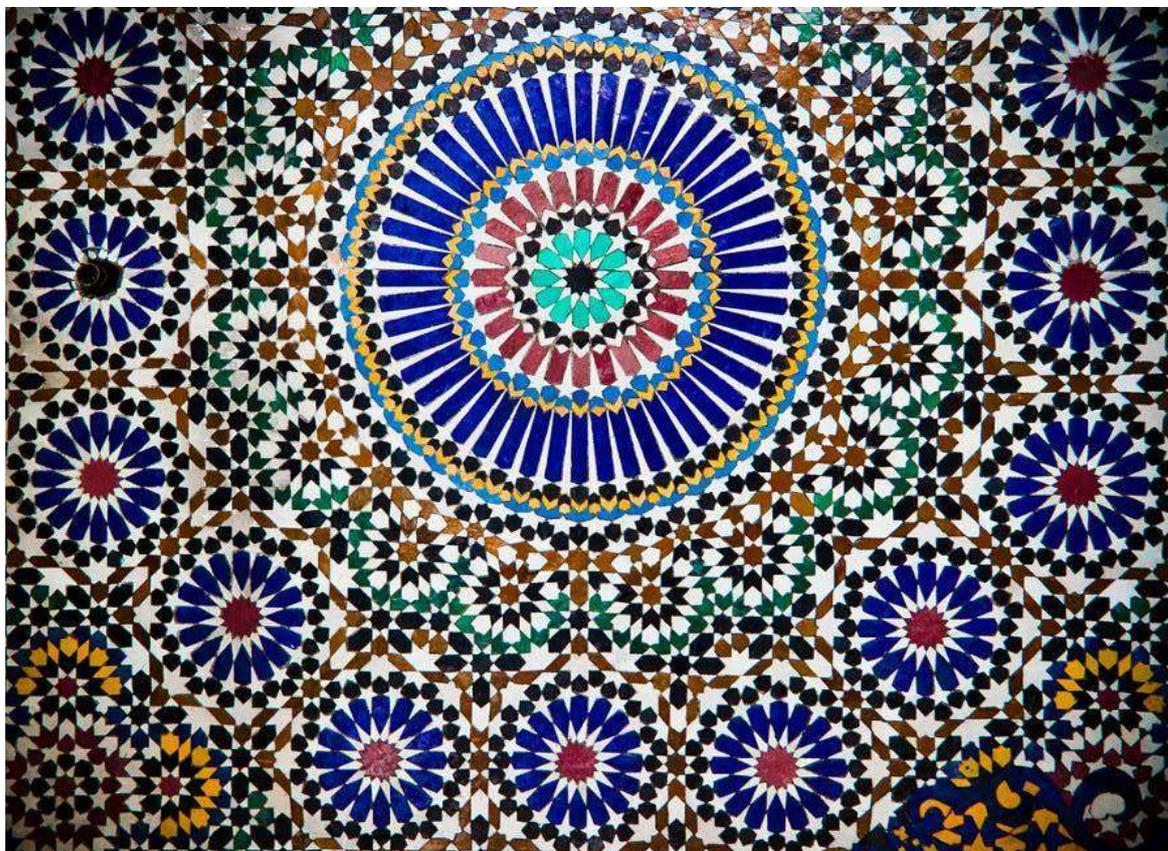


Figura 14 – Ilustração de um mosaico marroquino

Fonte: https://www.flickr.com/photos/fernanda_leon/5752068147

A Figura 14 pode ilustrar como a rede de Práticas Sociais está em constante pressão, acomodando círculos de diferentes tamanhos, camadas e composições. Ao observar com atenção as peças com mesma cor e formato, aquilo que parecia um conjunto simétrico revela suas peculiaridades. O quadro geral nos projeta a existência de outros círculos nem captados na imagem, mas logicamente pressupostos. É possível reconhecer na Figura 14 a intersecção limítrofe com outros padrões visuais, assim como a Prática Social das OL está justaposta e exercendo pressão sobre outras Práticas Sociais. Até mesmo a coloração do centro das circunferências depende da luz incidente, o que altera nossa percepção do mosaico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de cada capítulo desta Tese, nas seções “X.5”, construímos passo a passo a estrutura que compõe o quadro geral do mosaico, seguindo das concepções mais abstratas para as concepções mais concretas. Na seção 1.5, explicamos as bases qualitativa-crítica-funcionalista como a “cola” teórico-metodológica que segura cada peça em seu lugar. Mostramos que estamos interessados no processo e não apenas no resultado, ou seja, esta Tese visa analisar os movimentos de construção da significação das OL e não somente o “produto final” gerado por delas.

Para tanto, na seção 2.5, fizemos um vislumbre do mosaico a ser montado, refletindo como cada parte contribui para a criação do todo, e ainda, como a totalidade dos elementos confere sentido a cada item particular dentro de um quadro geral. É somente observando holisticamente o contexto que conseguimos conferir a conjuntura da Prática Social das OL. Caso essa conjuntura seja observada parcialmente, muitos fatores podem passar despercebidos, ou como incidentais, ou ainda não relacionados com as OL, quando na verdade são fatores essenciais da Prática Social. As conexões entre o contexto histórico, as motivações dos organizadores, a institucionalização e as características das OL desvelam relações sociais e profissionais na base da fundação e do desenvolvimento desses Eventos.

A seguir, na seção 3.5, organizamos a miscelânea de elementos das Práticas Discursivas, analisados nos textos dos regulamentos, sítios eletrônicos e respostas dos Organizadores, que expressam as representações deles sobre as OL, as ações deles atuando na realidade local e, ainda, a construção da identidade deles como integrantes da comunidade olímpica (inter)nacional. Tais discursos são atravessados ideologicamente por concepções educacionais particulares sobre o papel reservado a ex-olímpicos, professores, participantes atuais, pais e outros integrantes da Prática Social. Por meio dos discursos imbricados nas OL, pudemos revelar a diferença de valorização (acadêmica e financeira) entre as Ciências Humanas e as Ciências Exatas; além de comprovar a disparidade no nível educacional oferecido nas escolas públicas em relação às escolas particulares, e entre escolas de grandes centros urbanos e de localidades mais afastadas; e, ainda, a assimetria nas relações entre homens e mulheres, que não é um foco de atenção de muitas OL, mas está presente de maneira sutil nessas competições intelectuais.

Finalmente, na seção 4.5, chegamos ao momento da montagem do mosaico da Tese. Evidenciamos que o alinhamento das peças, o ajuste adequado e o lugar de instalação das OL (contexto geopolítico) são fundamentais para produzir o resultado esperado pelos Organizadores. Isto é, a reunião de todos os elementos que compõem a Prática Social e a Prática Discursiva se materializam na Prática Textual dos diversos textos que integram a OL, especialmente o Problema Linguístico Autossuficiente, que carrega em si o hibridismo que fundamenta as OL e a heterogeneidade da própria Disciplina Linguística.

De forma geral, percebemos que o prazo para o “amadurecimento” de uma OL é por volta de 10 anos de funcionamento sem interrupções, o que chamamos de Olimpíadas em fase de tradição, conforme explicamos na Tabela 2. São eventos promovidos por docentes de respeitadas universidades, que têm apoio institucional/financeiro de órgãos governamentais e/ou de várias associações privadas de linguísticas, de matemáticas ou de computação. Possuem recursos para levar dois times à IOL com regularidade, o que estatisticamente aumenta suas chances de medalhas e, ainda, ajuda a fortalecer internamente a própria Olimpíada, visto que isso treina mais alunos com *expertise* para contribuir nas edições posteriores. Esses concursos têm diversos materiais sobre Problemas Linguísticos Autossuficientes publicados em livros e coletâneas, impressos ou digitais, e oferecem a seus participantes vantagens educacionais para adentrar em Instituições de Ensino Superior (IES), como aprovação sem vestibular ou bolsas estudantis. Por fim, é comum que essas Olimpíadas consolidadas já tenham recebido pelo menos uma edição da IOL em seu território, o que fortalece a estabilidade institucional da Olimpíada local e, eventualmente, até das OL vizinhas.

Sabendo que toda Prática Social evolui com o tempo, construímos os cinco Apêndices desta Tese, para demonstrar a criação e a evolução das Olimpíadas Nacionais, e ainda, como as OL foram institucionalizadas sob diferentes rótulos. De fato, temos defendido que o hibridismo observado nas OL é herança da própria heterogeneidade encontrada na Disciplina Linguística desde sua organização como Ciência da Linguagem, a partir do Curso de Linguística Geral, atribuído a *Ferdinand de Saussure*. Ao longo do nosso trabalho, evidenciamos que tanto as OL como a Disciplina Linguística são enraizadas na pluralidade teórico-metodológica, isto é, estão abertas a muitas possibilidades de visões sobre seus objetos de estudo, que refletem os interesses de quem as promove e os Problemas Sociais do ambiente ao

qual está vinculada. Assim, tanto as OL como a Disciplina Linguística refletem em seu microcosmo organizacional o macrocosmo da sociedade que a fomenta.

Vale destacar que as Olimpíadas Nacionais podem variar em sua configuração estrutural e espaço institucional, pois atuam independentes, sem nenhum vínculo hierárquico. Por essa razão, empresas, organizações não governamentais (ONG) e instituições de ensino realizam esses concursos intelectuais para impulsionar os participantes a adquirirem conhecimentos ou habilidades específicas, às vezes, relacionados a algumas profissões. Assim, nas OL, encontramos diferentes ênfases em cada país, os quais espelham os interesses locais, o impacto social desejado e até o planejamento para a futura atuação no mercado de trabalho. São exemplos disso os países que, historicamente, se aproximaram de aspectos matemáticos ou computacionais, como originalmente na antiga União Soviética (Moscou e São Petersburgo), e depois na Bulgária, Holanda, República Tcheca, Nepal, Malásia, Estados Unidos e em todas as olimpíadas de língua inglesa. Como já afirmamos, as características das OL refletem os interesses da comunidade de cada país aliados aos interesses mais amplos e difusos levantados nesta Tese.

Apesar de buscar um modelo comum de funcionamento da Prática Social de todas as OL, é preciso reconhecer que as mudanças sociais, tecnológicas, científicas e culturais de cada território cooperam para dar uma determinada configuração às Olimpíadas Nacionais. Assim, apesar de compartilharem características, não há uma padronização obrigatória entre os eventos concretos analisados nesta pesquisa, justamente porque cada um deles é revelador de estruturas sociais mais amplas, que formam uma rede de Práticas que se influenciam mutuamente, conforme se observa na Figura 13. Analisar uma OL é colocar em evidência a própria sociedade em que esse evento está inserido, pois essa Prática Social nunca é isolada, ao contrário, cada OL revela em seu funcionamento os embates e impasses que a sociedade também vivencia.

Por meio de nossa análise documental e das respostas ao nosso questionário, mostramos alguns problemas sociais naturalizados nas Práticas que perpassam o mosaico desta Tese. Evidenciamos a dominação dos países acima do Trópico de Câncer quando se trata de sediar uma etapa internacional. Em outras palavras, as nações européias, asiáticas e norte-americanas têm sido fortalecidas pela IOL em detrimento dos países do sul global, que nunca foram contemplados

com nenhuma IOL. Da mesma forma, comprovamos a prevalência de participação das escolas de grandes centros urbanos em detrimento às localidades mais periféricas, que é um dado quase ignorado pelos Organizadores Nacionais de OL.

Ainda nessa temática, **não** consideramos natural o domínio financeiro dos países que podem enviar duas equipes a IOL em detrimento de países sem recursos financeiros para enviar a segunda equipe. É perceptível como Olimpíadas com patrocinadores fortes têm vantagens na quantidade de premiações impulsionadas pelo fato estatístico de terem mais participantes que outros países/territórios. De igual modo, ainda denunciemos a disparidade de participação entre as escolas particulares (pagas) em detrimento das escolas públicas (financiadas pelo Estado), que é outro dado quase ignorado pelos Organizadores Nacionais de OL.

Prosseguindo com os Problemas Sociais das Olimpíadas Nacionais, mensuramos a assimetria de participações (e consequentemente de premiações) masculina e feminina na IOL. A comparação com as Olimpíadas de Matemática e Informática demonstra essa questão é mais grave nas Exatas e Humanas, e como esse tópico **não** é nem debatido nas OL, que assumem como natural a baixa participação de mulheres ou o baixo quórum de medalhistas femininas nesses eventos intelectuais. Como dissemos, esse aspecto denuncia um Problema das sociedades em que são realizadas, não apenas das competições acadêmicas.

Ao longo da observação das peças do mosaico, questionamos a baixa valorização do multilinguismo na IOL, pois a hegemonia do inglês como única língua de comunicação pode ser reiterada no registro do sítio oficial, no Regulamento (especificamente no item 2.6), nas brincadeiras, nas palestras, nas cerimônias, nos certificados e nas documentações submetidas. Por se tratar de um evento plurilingue por excelência, não nos parece adequado desenvolver todas as atividades apenas em inglês, inutilizando a enorme variedade de idiomas que estão presentes.

Por fim, destacamos o descompasso entre o discurso sobre a não necessidade de estudar para resolver os Problemas Linguísticos Autossuficientes e a observação de treinamentos que ocorrem cada vez com mais frequência nas OL. Sabendo que as Olimpíadas Nacionais são uníssonas nos sítios virtuais em ressaltar que não é necessário conhecer as línguas e/ou as teorias linguísticas, esse é um discurso importante que circula na Prática Social, entretanto, que está em plena transformação face a natureza cada vez mais competitiva ou profissional que essa Prática Social tem assumido à medida que se desenvolve nos diferentes países.

Passando a outro elemento da Prática Social, demonstramos ao longo de nosso trabalho que, desde 1965, com a criação da Olimpíada de Linguística e Matemática de Moscou, a ideia de seleção das melhores mentes (*mindhunter*) sempre esteve presente. Esses estudantes de excelência almejam cursar universidades de grande renome e, por causa dessa formação acadêmica de ponta, comumente trabalham para entidades privadas e públicas que visam avanços tecnológicos. Para uma melhor análise deste elemento, de fato, a melhor estratégia seria analisar o *Curriculum Vitae* dos vencedores das OL, o que extrapola a delimitação proposta para esta Tese. Contudo, a simbiose entre olímpicos de excelência e universidades é notória. Aqueles querem estudar nessas e essas querem atrair aqueles. A relação de interesse mútuo também se aplica em menor grau entre os ex-participantes e empresas inovadoras, comumente de tecnologia. Ambos desejam uma conjunção de propósitos e, assim, engajam-se na mesma direção: em impulsionar as olimpíadas que promovem a aproximação entre eles. A cooperação entre os elementos (Estudante-Olimpíada-Universidade-Empresa) não é muito explícita dentro das OL, todavia pode ser melhor observada em diferentes documentos e publicações dos outros agentes. Um exemplo disso é sutil relação de interesses demonstrada na folha de rosto do livro “*Do Sanscrito ao Cuneiforme: Quebra-cabeça em todos os idiomas*”, publicado pela Editora da Universidade de Amsterdã. Os fundadores da Olimpíada Holandesa e ex-participantes do Comitê de Problemas²⁵¹ da IOL, *Alexander Lubotsky & Michiel Arnoud Cor de Vann*, afirmam:

Em fevereiro de 2010, a Olimpíada Holandesa de Linguística acontecerá na Universidade de Leiden pelo décimo ano consecutivo. O objetivo da primeira edição em 2001 era, entre outras coisas, **apontar a existência da linguística como um campo de estudo** para estudantes pré-universitários. Afinal, **a universidade procura alunos para estudos como Linguística Geral e Comparada**, mas ao contrário de Biologia, Economia, Francês, Física ou Matemática, aos dezessete anos você não tem uma ideia clara do que é a Linguística ou do que esse assunto implica.²⁵² (Lubotsky & Vaan, 2012: 151. Tradução e grifos nossos).

Para a construção do nosso trabalho, buscamos evidenciar a dialogia e a dialética das OL, revelando os movimentos de consensos e contrasensos que compõem a realidade multifacetada desses Eventos Sociais, pois o mundo é entendido como um conjunto de relações em contínua transformação, um complexo de processos em articulação e modificação permanente. Segundo Mikhail Bakhtin:

²⁵¹ <https://ioling.org/pc/> Acesso em 10.11.2021.

²⁵² https://www.academia.edu/1209157/Van_Sanskriet_tot_Spijkerschrift_Breimbekers_uit_alle_talen

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. (BAKHTIN, 1997: 413-414).

Resta-nos, portanto, apenas defender a ideia de que a Ciência não pode enclausurar-se com uma finalidade autocentrada. Se assim fosse, perderíamos de vista o papel político que ela exerce como produtora do saber legitimado. A ADC busca destacar o fazer científico como um conjunto de práticas ligado a elementos extracientíficos, especificamente a posição ideológica do cientista e o efeito social de sua investigação. Assim, no capítulo 1 desta Tese, explicitamos nossos propósitos com o objetivo de propor um projeto de intervenção que estreite a relação do conhecimento acadêmico com a sociedade em geral e produza mudanças favoráveis aqueles que se encontram em situação de desvantagem social.

As pesquisas em ADC não são feitas para as estantes das bibliotecas, tampouco para satisfação pessoal dos pesquisadores (Resende, 2012). Elas devem buscar promover resultados concretos de mudança social, atuando como práticas para atender a questões sociais iminentes, sendo propulsoras de transformações no modo das pessoas falarem e agirem. Os trabalhos em ADC devem estar à disposição de diferentes campos, revestindo-se de uma perspectiva aplicada e colaborativa, se configurando como uma pesquisa realizada não apenas *sobre* os sujeitos ou *para* os sujeitos, mas [...] sobre, para e com os sujeitos (ALENCAR, 2005: 55-58 *apud* BATISTA JR; SATO & MELO, 2018: 33. Grifos nossos).

A mudança social é efetivamente um momento da realidade social. Esta não é estanque, não está fechada em si mesma, mas é aberta a diversas influências. Essa alteração significa a transformação de aspectos da sociedade, de cultura, da política da economia, entre outros, que quase sempre são ignorados pela maioria dos cidadãos, sobretudo, pelas pessoas que estão em desvantagem em relação ao poder. Quando se trata da esfera educacional, é possível que uma mesma situação permaneça durante um longo tempo, face ao conservadorismo dos sistemas de ensino. Entretanto, mesmo pequenas transformações revelam processos ideológicos

e de exercício do poder na sociedade. A esfera educacional reflete com mais visibilidade processos de mudanças nas esferas da economia, da política, da cultura, entre outras, pois, todas as alterações na comunidade são fortemente sentidas na escola e, *a contrario sensu*, todas as alterações educacionais formam a base das mudanças futuras da sociedade, visto que a escola tem grande influência ideológica na próxima geração.

Uma vantagem da abordagem da ADC é que o trabalho com os textos pode ter diferentes “pontos de entrada”. O mais importante, todavia, é que os três níveis de análise se complementem e não devem ser vistos como áreas isoladas. Assim, o aparato teórico-metodológico que Fairclough construiu permite a integração de variadas abordagens no estudo de textos como forma de ação, de representação e de identidades, visando demonstrar a dialética entre linguagem e sociedade.

Seguindo os passos de Chouliaraki e Fairclough (1999), destacamos a **percepção de problemas sociais** dentro das Olimpíadas de Linguística, ou seja, focalizamos como questões de desigualdade ou desvantagens sociais, muitas vezes, nem são entendidas como problemáticas *a priori*, visto que já foram naturalizadas nas atividades cotidianas dos estudantes brasileiros e de muitos outros países. Contudo, apenas tomar ciência do problema não dá ao indivíduo ferramentas para agir, mas sim a consciência de que é possível atuar pela mudança. Para que a agência dos sujeitos oprimidos se fortaleça, é preciso haver mudança nas relações que abram espaço para a mudança efetiva aflorar. A reorganização de atividades, a reunião de elementos conscientizadores, a junção de atores sociais e a oportunidade histórica, somadas às habilidades de convencimento e de influência sobre os demais, formam um conjunto poderoso de valorização e emancipação a qualquer grupo, especialmente aqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade social (crianças, mulheres, negros, quilombolas, indígenas, refugiados, imigrantes, deficientes, idosos, pessoas carentes, dentre outros).

Para tanto, fizemos a **análise das conjunturas**, que são conjuntos relativamente estáveis de recursos humanos, materiais, tecnológicos e práticos. Ao longo do capítulo 2 e dos Apêndices, apontamos os nomes que organizaram as Olimpíadas em cada país e na etapa internacional, com filiações acadêmicas (linguística, matemática e informática, geralmente) e, ainda, com os recursos utilizados, como os sítios eletrônicos, os regulamentos e, principalmente, os Problemas Linguísticos Autossuficientes. Os Organizadores Nacionais têm um papel

fundamental na mudança, pois são eles que mantêm em funcionamento as práticas das OL, podendo mobilizar os recursos para promover ou rejeitar as transformações.

Concomitantemente, revelamos a **estrutura da ordem de discurso**, entendida como as condições históricas da vida social que podem ser lentamente modificadas. No nosso caso, mostramos como os discursos dos Organizadores demonstram as representações mentais sobre o que é uma OL, quais os objetivos e impactos dela na sociedade. Por meio das respostas ao nosso questionário, pudemos evidenciar as múltiplas vozes constitutivas desses eventos, a saber, da heterogeneidade linguística, das Ciências exatas (matemática e computação), das metodologias ativas (Aprendizagem Baseada em Problemas - ABP), do conjunto de olimpíadas do conhecimento, das instituições de ensino (escolas e universidades), das empresas inovadoras (geralmente de tecnologia e inovação) e ainda dos próprios interesses locais, por meios dos temas dos Problemas Linguísticos.

Nestas palavras finais, queremos evidenciar a **função do problema social na sua própria Prática Social**, ou seja, refletir sobre a desconstrução das questões identificadas visando mudanças internas na Prática Social das OL, apontando contradições, lacunas e deficiências dentro da própria conjuntura, ou ainda, mostrando diferenças e resistências. O objetivo final é de levantar possíveis **caminhos para a superação dos obstáculos** a fim de minimizar ou extinguir os efeitos do problema social nas Práticas Discursivas e, conseqüentemente, nas Práticas Sociais que a constituem.

Comumente acusadas de serem concursos elitistas, as Olimpíadas do Conhecimento têm o potencial de realizar um fazer pedagógico diferente da escola tradicional. Por meio dos dados levantados nesta Tese, precisamos concordar que algumas Olimpíadas realmente se dedicam a identificar jovens talentos (*mindhunter*) para oferecer a um grupo já privilegiado vantagens admissionais de acesso universitário, dando continuidade a uma educação em alto nível. Todavia, tem crescido no Brasil o movimento de ampliação e democratização desses eventos buscando oferecer aos estudantes de menor renda as mesmas oportunidades. Esse é o caso da OBMEP – Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas; da OBFEP – Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas; e da OLPEF – Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, que são financiadas pelo governo e tem como foco atingir alunos de escolas menos favorecidas.

Da mesma forma, reconhecendo a dificuldade de atingir meninos e meninas na mesma proporção, especialmente na área de exatas, algumas olimpíadas têm se esforçado para equilibrar a participação entre os gêneros por meio de prêmios especiais, como é o troféu “Meninas Olímpicas” que está sendo implementado por várias Olimpíadas no Brasil; ou por meio de regras específicas para o público-alvo (cotas de participação); ou ainda, por meio da criação de eventos fechados a elas, como a Olimpíada Europeia de Matemática para Garotas (EGMO); a Olimpíada Pan-Americana de Matemática para Garotas (PAGMO); o Torneio Meninas na Matemática (TM²); Olimpíada Europeia de Informática para Garotas (EGOI); e o Torneio Feminino de Computação (TFC). As três últimas têm apenas duas edições realizadas até 2021. Nas OL, a prevalência de alunos do sexo masculino de escolas privadas não tem gerado debates entre os Organizadores até o momento, talvez por falta de conhecimento dos dados aqui reunidos, talvez por influência do discurso meritocrático (neoliberal), que ignora as peculiaridades entre os concorrentes, mesmo que essas expressem desigualdades e desequilíbrio na competição.

Durante a realização de nosso trabalho, já pudemos propiciar momentos de reflexão nos integrantes da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) sobre essas temáticas, de forma que ficou registrado no Regulamento, em 2021, que a OBL realizará sua última fase, chamada Escola Linguística de Outono (ELO), com equidade de gênero entre os participantes, ou seja, são convidados rapazes e moças na proporção de 50% cada. Essa mudança demonstra que a reunião de elementos conscientizadores pode ser um conjunto de valorização dos sujeitos.

Outro fator que as Olimpíadas de Linguística têm o potencial de atuar como “mola propulsora” para a educação nacional é a mudança da prática pedagógica das aulas de línguas (nativa ou adicional) na escola. Chamado nesta Tese de movimento para “pensar linguisticamente”, baseado nas ideias de Honda e O’Neil (2008), defendemos que a integração de uma aprendizagem cooperativa com uma abordagem baseada em problemas na investigação linguística realizada em sala de aula pode abrir mais outra abordagem não normativa sobre a linguagem. Tal movimento propõe uma “alfabetização” ou “letramento” do método científico por meio da análise linguística, inserida nas aulas de língua, de ciências ou de tecnologia, pois os dados estão disponíveis e a pesquisa não requer nenhum equipamento especial além de uma mente curiosa.

Esse raciocínio tem encontrado ecos nos trabalhos de diversos autores, como as brasileiras Pires de Oliveira & Quarezemim (2016). Nos Estados Unidos, Loosen (2014: 261) afirmou que a Olimpíada “*é uma forma para as escolas de Ensino Médio apresentarem o estudo da linguística aos seus estudantes, mesmo que não ofereçam um curso sobre o assunto*”. Como vimos também em Loosen & Heinz (2019: 4), inserir a linguística em cursos regulares geralmente necessita passar por um processo de autorização burocrático e/ou político, que limita o seu alcance na prática. As OL se constituem, portanto, uma alternativa ao rígido controle sobre o currículo, porque não dependem de autorizações e têm uma entrada mais facilitada na escola, o que ajuda a superar este tipo de obstáculo.

Assim, as Olimpíadas de Linguística podem ser uma alternativa para o fazer pedagógico normativista, combatido no Brasil a mais de 20 anos com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. Uma aula pautada na visão olímpica, não deve imaginar como um idioma deveria ser, mas analisá-lo como é, como se apresenta e suas características reais de funcionamento nas interações. É preciso rechaçar qualquer preconceito linguístico sobre “línguas menos evoluídas”, “menos lógicas”, “menos bonitas”, “menos fáceis”, “melhores ou piores”, enfim, evitar quaisquer categorizações não científicas entre línguas, entendendo que são estruturas altamente complexas e sofisticadas de organização da cognição humana e de expressão de subjetividades individuais e coletivas, que expressam a cultura de um povo, em uma determinada época, de uma determinada comunidade. As Olimpíadas, se entrarem nas escolas, podem trazer outra abordagem de ensino de línguas e até mesmo provocar mudanças curriculares mais profundas, pois elas têm mostrado como a adoção de metodologias ativas podem contribuir para ultrapassar os limites dos conteúdos fixos e estabelecidos em direção a um ensino com mais autonomia, independência e profundidade, conduzido pelos próprios estudantes.

Diante disso, as OL abrem espaço para outras ênfases possíveis no sistema educacional, pois podem concentrar o foco dos Problemas Linguísticos tanto em aspectos gramaticais, quanto em variantes linguísticas, ou na conscientização sobre o valor das línguas minoritárias, ou no fortalecimento de grupos étnicos, ou ainda na divulgação da diversidade cultural, dentre outras temáticas que podem variar substancialmente em cada país. Além do gênero Problema, outros textos instrucionais também são usados para promover a Educação Linguística dos participantes, que se tornam mais frequentes à medida que a OL se desenvolve.

No Brasil, os documentos oficiais sobre a Educação, a saber, a Lei de Diretrizes e Bases (9.394/1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – de todos os níveis e disciplinas (publicados em 1997, 1998 e 2000), e ainda, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (publicada em 2018) nem sequer citam o termo “olimpíada” como alternativa pedagógica de apoio. Isso nos indica que o diálogo dessa Prática Social com as políticas públicas educacionais brasileiras ainda é bastante insipiente ou até inexistente. Em outras palavras, mesmo que o Governo seja o financiador (ou até promotor) de algumas Olimpíadas do Conhecimento, como a OBMEP e a OLPEF, ele não reconhece o *status* de ferramentas qualitativa que esses eventos acadêmicos podem agregar ao sistema escolar.

Eventualmente, algumas práticas pedagógicas de formação de professores apontam a universidade como o espaço prioritário de construção de conhecimentos sobre educação linguística, teorias educacionais ou metodologias de ensino de línguas, mantendo práticas que reproduzem silenciamentos e relações de poder. Dessa forma, alguns docentes universitários têm dificuldades de entender a escola como espaço formativo e de parcerias acadêmicas. Em certa medida, alguns educadores ainda acreditam que apenas as Instituições de Ensino Superior são as guardiãs do saber científico, espaços legitimados de conhecimentos válidos.

Em consonância com Borelli (2018), é preciso valorizar os conhecimentos construídos no espaço escolar, compreendendo que a educação básica também é um espaço de formação docente e reconhecendo os agentes desse espaço como produtores legítimos de conhecimentos. Nesse sentido, muitas são as pessoas autorizadas e legitimadas a produzir conhecimentos linguísticos, mesmo fora do ambiente universitário, desde os professores e estudantes até os falantes comuns da língua. Por tratarem com públicos diferentes, universidades e escolas jamais são concorrentes. Para promover Educação Linguística para a democracia e para a justiça social, a universidade precisa cooperar com a escola, como espaço igualmente formativo e relevante na construção dos saberes linguísticos.

No mesmo sentido, as reflexões deste trabalho apontam para a sensibilização dos estudantes e de toda a sociedade para a valorização do trabalho de conservação das línguas. Temos assistido recentemente um forte movimento de preservação ambiental, de florestas e aquíferos, e de luta pelos direitos dos animais, entretanto, pouco se fala sobre a conservação das línguas vivas ou direitos linguísticos dos povos minoritários/menorizados. Essa última pauta, pouco adentrou

em algumas escolas em comparação com as anteriores. Sabendo que a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu a Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032), as Olimpíadas de Linguística têm nesse período a possibilidade de introduzir-se como uma das vozes a debater o assunto, pois essa é justamente sua área de atuação. É necessário que esses eventos sociais adquiram relevância para o grande público da sociedade e sejam inseridos, à medida que “amadurecem”, como parte das políticas públicas educacionais.

A sensibilização sobre as vulnerabilidades enfrentadas pelas línguas visa, também, mostrar realidades sociolinguísticas invisíveis para as pessoas que não vivem essa realidade. Acreditamos que as OL Nacionais e a IOL deveriam promover um esforço de trazer falantes reais das línguas contempladas nos concursos, porque essas pessoas “de carne e osso” evitam que os participantes tenham a impressão equivocada de que as línguas são apenas traços exóticos abstratos de um sistema, ao contrário, tais sujeitos humanos demonstram sua trajetória de vida, sua cultura, sua visão de mundo, enfim, toda sua subjetividade por meio das línguas reais que utilizam cotidianamente. Esse é um fato que não deveria ser ignorado pelas OL. Defendemos que essas competições intelectuais não podem criar fetiches linguísticos para desvendamento, mas devem sensibilizar os participantes e toda a comunidade sobre a riqueza das línguas como entidades naturais fascinantes.

Defendemos que todas as OL assumam uma posição ativa na ênfase que as línguas são entidades complexas quer do ponto de vista estrutural, quer do ponto de vista social, de maneira indissociada. Qualquer idioma é uma realidade histórica e heterogênea, intimamente relacionada às dinâmicas sociopolíticas e às construções ideológicas das sociedades. Em outros termos, as línguas não existem em si e por si, não são entidades autônomas. Elas são parte integrante da subjetividade dos falantes e das sociedades que as falam. (FARACO, 2016: 9).

Também vale ressaltar que o aspecto menos visível do funcionamento da Prática Social é a atuação das entidades mantenedoras, que investem nas Olimpíadas com objetivos nem sempre muito claros. As empresas de tecnologia, as associações de linguística (computacional), as fundações beneficentes e os órgãos governamentais, inclusive as próprias universidades, podem ser visualizadas como respostas à Pergunta 18 do Anexo da Tese e congregam um conjunto variado de interesses. É possível encontrar nessa lista tanto pequenas empresas locais quanto grandes conglomerados internacionais de tecnologia, como Google, Yandex, Yahoo,

Mozilla, IBM, Microsoft, Xerox, Macquarie Dictionary, além dos ministérios da Educação de alguns países. O contexto econômico-institucional das OL merece maiores aprofundamentos em novas pesquisas para ser mais esclarecido.

Como já evidenciamos nas respostas dos Organizadores Nacionais à pergunta 19 do Anexo da Tese, a maior parte das Instituições (re)quer apenas um reconhecimento no endereço eletrônico, a exibição de uma logomarca no uniforme, nos materiais acadêmicos (livros, apostilas, provas) e/ou a menção ao patrocínio em informativos de imprensa ou entrevistas. Não encontramos em nossos dados uma reflexão mais profunda sobre as razões (os interesses) desse investimento por parte das empresas, de forma que os Organizadores das Olimpíadas Nacionais não sabem claramente sobre a motivação subjacente de seus patrocinadores, as quais inferimos que podem ser de diferentes naturezas, desde a promoção de sua imagem até o usufruto de um “produto” intelectual moldado na competição acadêmica.

Por fim, também merece destaque a própria visão dos Organizadores sobre as mudanças necessárias na OL que representam, registrada na Pergunta 28. Como esperado, as principais reivindicações são para amenizar as dificuldades apontadas na Pergunta 7, a saber, os Organizadores Nacionais gostariam de receber um melhor apoio institucional, especialmente referente ao financiamento dos eventos, e um melhor alcance de pessoas interessadas, especialmente ampliando as escolas participantes e as universidades (professores) para compor os Problemas Linguísticos Autossuficientes e auxiliar no desenvolvimento da própria OL. Alguns relatos (Pergunta 28 do Anexo) afirmam bem essas demandas:

Temos muitos pontos a melhorar; por exemplo, conseguir patrocinadores públicos ou privados; proporcionar acesso às Olimpíadas a toda a população estudantil, não importando onde estejam na Colômbia; alongando e melhorando os treinamentos, convocando outras universidades para apoiar a Olimpíada etc. (Representante da Colômbia, tradução nossa).

Tudo está mudando muito rápido, então, basicamente, apenas seguimos o fluxo. Mas nosso principal objetivo é provavelmente conseguir mais participantes no próximo ano. Também seria ótimo expandir a equipe principal de organizadores. (Representante da Finlândia, tradução nossa).

Mais participação. Em um país como a Índia, gostaríamos de ver pelo menos 5.000, senão 50.000 alunos participando de nossa rodada 1. Isso, por sua vez, significaria uma organização mais estável (na qual estamos trabalhando), mais financiamento e mais publicidade. (Representante da Índia, tradução nossa).

Financiamento. Também precisamos de mais pessoas para compor Problemas Linguísticos Autossuficientes. (Representante da Irlanda, tradução nossa).

Expandir o local do exame pelo país, obter patrocinadores ou uma forma de ganhar dinheiro, antecipar o início da formulação de problemas e preparar o tempo suficiente para a revisão. (Representante do Japão, tradução nossa).

Participação: tentar trazer novas cidades e novas escolas. Comunicação: atualizar o site e regulamentos. (Representante da Letônia, tradução nossa).

Conseguir mais pessoas para trabalhar e organizar alguns eventos de acompanhamento e cobertura (mídia, Internet, arquivos, soluções elaboradas). (Representante da Polônia, tradução nossa).

[Buscar um] Grupo de organização mais estável (independente de qualquer pessoa). [Buscar] Mais participantes. Melhores possibilidades de treinamento para os participantes. (Representante da Suécia, trad. nossa).

Dinheiro. Sempre dinheiro. Além disso, precisamos de mais pessoas que sejam totalmente devotadas e sintam que nasceram para as Olimpíadas da Linguística e que tenham tempo para trabalhar nisso. (Em resposta a pergunta 7. Representante dos Estados Unidos, tradução nossa).

Importante mencionar que muitos Organizadores não se acharam capacitados a responder sobre possíveis mudanças na Olimpíada Internacional de Linguística (IOL). Ao mesmo tempo que esse fato nos limita em informações, também nos indica uma falta de agência desses atores em promover mudanças significativas. Sabendo que os Organizadores de Olimpíadas Nacionais dos países credenciados e os membros do Júri da Olimpíada compõem o Comitê Organizador Internacional da IOL (*IOC*, da sigla em inglês), cuja responsabilidade é discutir quaisquer assuntos relacionadas à IOL, inclusive eventuais mudanças, é preciso que tais Organizadores tenham uma visão clara da eficácia e das deficiências a serem corrigidas na IOL.

Também vale lembrar que, segundo a nota de rodapé do item 3.2 do Regulamento da IOL, os membros do *IOC* são, na verdade, organizações e não indivíduos, pois, os negócios do *IOC* são conduzidos por indivíduos que atuam como representantes de organizações educacionais, o que caracteriza a polifonia na fala desses atores sociais. Assim, aqueles que responderam à pergunta 29 apontaram como possíveis melhorias para a IOL aspectos tanto institucionais quanto pessoais:

Considero que são necessárias mais atividades de integração organizadas pelo país local entre, por um lado, os alunos e, por outro, os chefes de equipe, observadores e o resto da população. Por exemplo, atividades físicas, visto que o exercício contribui para a mente. Na última Olimpíada, vi times que pouco ou nada se integravam com os outros; talvez porque não compartilhavam a língua ou porque os espaços não eram disponibilizados. (Representante da Colômbia, tradução nossa).

IOL é fantástica e ao longo dos anos os padrões organizacionais da IOL têm melhorado continuamente (melhor comunicação, acomodação, alimentação, etc.). Acho que a IOL enfrenta dificuldades para obter financiamento e,

como resultado, as qualidades organizacionais variam um pouco de ano para ano. Portanto, acho que um financiamento estável é o ponto mais importante para a melhoria do IOL. Em segundo lugar, mais países deveriam participar de IOL. (Representante da Índia, tradução nossa).

Que a IOL obtenha financiamento para um acampamento de treinamento. (Representante da Austrália, tradução nossa).

Vejo dois pontos principais. O primeiro é seguir ampliando o número de países e culturas participantes, criando um ambiente cada vez mais rico linguística e culturalmente, e mais representativo. O segundo é ir diversificando suas atividades, a partir das experiências diversas que tem surgido nas diferentes olimpíadas nacionais. (Representante do Brasil).

Não é algo que discutimos muito. Tenho algumas opiniões porque também faço parte do Comitê de Problemas da IOL e do Júri, mas não tenho opiniões da perspectiva de um Organizador Nacional de uma Olimpíada. (Representante da Letônia, tradução nossa).

Diante disso, acreditamos ter respondido satisfatoriamente todas as nossas questões de pesquisa. Primeiro por mostrar com muitos exemplos (cf. seção 2.2 e Apêndice A) que a criação e a institucionalização das Olimpíadas de Linguística moldaram o seu desenvolvimento como uma área de integração entre a linguística, a matemática, a computação e a educação. A segunda questão de pesquisa tratou dos discursos das/sobre as Olimpíadas de Linguística construindo as Representações Sociais e Educacionais dessa Prática Social. Mostramos os impactos desejados pelos Organizadores Nacionais em cada comunidade e os “efeitos colaterais” não desejados, demonstrando a complexa rede de fatores multifacetados que se complementam nas OL. Por fim, a terceira questão de pesquisa tratou sobre a construção do conhecimento linguístico promovido pelos Problemas Linguísticos Autossuficientes, que está em interface com a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), com as reflexões sobre Educação Linguística (Crítica), e ainda, com a formação cultural da *Bildung*.

As questões de pesquisa mencionadas concretizam dois tipos de movimentos realizados no caleidoscópio de nosso trabalho. Por meio da historiografia e da institucionalização macro das Olimpíadas de Linguística, pudemos chegar à análise das micro relações do evento (entre seus participantes, por exemplo), o que nos força a retornar à visão macro para entender o funcionamento das OL em seu contexto mais amplo. Em outras palavras, começamos pela análise das Práticas Sociais, passamos pela Prática Discursiva e Textual, e retornamos a primeira instância para apontar soluções dos problemas levantados durante as análises. Isso posto, resta-nos questionar: *Quo vadis?*

Como já afirmamos, o ineditismo de nossa Tese se configura como uma grande responsabilidade. Primeiro, com a descrição detalhada que realizamos, esperamos que as OL sejam mais conhecidas pelo grande público e valorizada pelos professores de línguas e linguistas brasileiros. Por meio de nossa Tese, oferecemos visibilidade para as OL como projetos de “alfabetização científica” para os jovens, ou como “Divulgação científica” para toda a sociedade. Segundo, por reconhecer a inerente incompletude de qualquer trabalho acadêmico (ainda mais o primeiro), queremos inspirar futuros estudos complementares, em temas correlacionados, comparados e/ou temas não abordados em nossa Tese. Por fim, pelo desafio de integrar diferentes elementos empíricos em uma única análise, queremos encorajar desenhos inovadores de pesquisas transdisciplinares, pois a compreensão holística dos discursos e práticas realizadas nas Olimpíadas de Linguística poderiam ser estudadas por diversas metodologias diferentes da nossa.

Assim, esperamos que este trabalho **não** seja um “arquivo morto”, mas que circule entre os interessados nas OL, provocando rupturas e ampliação de horizontes quanto às estruturas da Prática Social construídas nesta Tase e quanto aos problemas sociais aqui (d)enunciados. Por isso, nossa posição de analista não acaba nestas palavras finais. Prosseguimos no combate aos problemas analisados, visando conscientizar as pessoas de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades. Ao revelar a assimetria das relações sociais e as ações decorrentes de discriminação e domínio, pretendemos explicitar as articulações hegemônicas de poder e ideologia para possível superação das questões observadas. Em outras palavras, desejamos “empoderar” sujeitos ou grupos sociais para fazerem uso de recursos e ferramentas para agirem em algum contexto desfavorável a si ou a outros. Nas palavras de Fairclough (1989: 85), a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, de funcionar ideologicamente.

Por fim, podemos desfazer a ambiguidade contida no sub-título da Tese: construímos o mosaico da Prática Social partindo dos Problemas Linguísticos Autossuficientes, que deram início e ainda hoje sustentam todas as OL, para analisar e refletir sobre os Problemas Sociais que motivaram a criação do concurso e que são consequências das OL, em Práticas dialéticas e dialógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J-C. **Jeux, conflits et representations sociales**. Tese de Doutorado. Provença: Universidade de Provença, 1976.

_____. **Coopération, compétition et représentations sociales**. Cousset-Fribourg: Del Val, 1987.

_____. A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, A.S.P. e OLIVEIRA, D.C. de. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2ª ed. Goiânia: AB, 2000.

ALBANESE, M. A.; & MITCHELL, S. **Problem-based learning: A review of literature on its outcomes and implementation issues**. v. 68 (1), 52-81. *Academic Medicine*, 1993.

ALEKSEEV, M.E.; BELIKOV, V.I.; EVGRAFOVA S.M.; ZHURINSKY A.N.; MURAVENKO E.V. **Tarefas em linguística**, parte 1. Moscou, 1991.

ALENCAR, C. N. Identidade e poder: reflexões sobre a linguística crítica. *In*: RAJAGOPALAN, K.; & FERREIRA, D. M. M. (Orgs.). **Políticas em linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo: Mackenzie, p. 39-60. 2005.

ALMEIDA, M. L. P.; & TREVISOL, M. G. **A incorporação da racionalidade neoliberal na educação e a organização escolar a partir da cultura empresarial**. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 12, n. 3, set./dez. 2019.

ALPATOV, V.M.; WENTZEL, A.D.; GORODETSKY, B.YU.; ZHURINSKY, A.N.; ZALIZNYAK, A.A.; KIBRIK, A.E.; POLIVANOVA, A.K. **Tarefas linguísticas**. Moscou: Iluminismo, 1983.

ALPATOV, V.M. **Istoriya odnogo mifa. Marr i Marrizm** (The history of a myth. Marr and Marrism). Nauka Glavnaja redakcija vostočnoj literatury, Moscow, 1991.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALTMAN, M. C. F. **Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil**. *Revista argentina de historiografía lingüística*, p. 115-136, 2009.

_____. **A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

ALVES, A. **A crítica de Nietzsche ao ideal alemão de Bildung**. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 11, nº 3, p. 26-40, 2018.

_____. **Tradição Alemã do Cultivo de si (Bildung) e sua Significação Histórica**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, nº. 2, p. 1-18, 2019.

ANTUNES FILHO, I. T. F. **Olimpíadas de Linguística e técnicas de resolução de problemas**. Olimpíadas Científicas. São Paulo, 2012.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ações**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990. (Título original: How to do things with words, 1962).

BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2000.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E. Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (Título original de 1953).

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARROWS, H. S. **How to design a problem-based curriculum for preclinical years**. New York: Springer, 1985.

_____. **A taxonomy of problem-based learning methods**. Medical Education. v.20, 481-486. 1986.

BATISTA JR, J.R.L.; & SATO, D.T.B.; & MELO, I.F.de. (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

BAUDOUIIN DE COURTENAY, I. A. **Coleção de problemas sobre introdução à linguística, principalmente em relação ao idioma russo**. SPb., 1912.

BECHARA, E. Gramática funcional: natureza, funções e tarefas. *In*: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Descrição do Português II**. Publicação do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Ano V, n. 1, UNESP – Campus de Araraquara, 1991.

BELIKOV, V. I.; MURAVENKO, E. V.; & ALEKSEEV, M. E. **Problemas de Olimpíadas Linguísticas: 1965 – 1975**. Moscou: Centro de Educação Continuada em Matemática, 2006. Em: https://www.mccme.ru/lsh/books/olimp-1965-1975/lingv_1965_1975.pdf

BELLOS, A. **The language lover's puzzle book**. London: Guardian Faber, 2020.

BHASKAR, R. **Scientific realism and human emancipation**. London: Verso, 1986.

BOLLE, W. A ideia de formação na modernidade. *In*: GHIRALDELLI JÚNIOR, P. (Org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

BORBA, F. S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 5ª edição. São Paulo, Editora Nacional, 1977.

BORELLI, J. D. V. P. **O estágio e o desafio decolonial: (des)construindo sentidos sobre a formação de professores/as de inglês**. 2018. 223 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nóis cheguemu na escola: e agora?** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2005.

BOURDIEU, P. **Distinction.** (R. Nice, Trans.). London: Routledge, 1989.

_____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** São Paulo: EDUSP, 1998 (título original, Ce que parler veut dire: L'economie des échanges linguistiques, 1976).

BOZHANOV, B.; & DERZHANSKI I. A. Rosetta Stone Linguistic Problems. *In: DERZHANSKI, I. A.; & RADEV, D. (Orgs.). Proceedings of the Fourth Workshop on Teaching Natural Language Processing.* 51st Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics, p. 01-08. Sofia, 2013. Disponível em https://www.academia.edu/64209897/Rosetta_Stone_Linguistic_Problems

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chaves.** 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Bakhtin: outros conceitos-chaves.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil,** 1988.

_____. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** Brasília, MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BURAS, M. M. **Истина существует. Жизнь Андрея Зализняка в рассказах ее участников** (A verdade existe. A vida de Andrei Zaliznyak nas histórias de seus participantes). Editor Félix Sandalov. Moscou: Individuum Publishing, 2019. Apresentação disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cC6tq36tgp0>

_____. **Лингвисты, пришедшие с холода** (Os linguistas que vieram do frio). Série: Grandes anos sessenta. Editora-chefe Elena Daniilovna Shubina. Moscou: ACT Publishing House LLC, 2021. Disponível em <https://www.litres.ru/m-buras/lingvisty-prishedshie-s-holoda/chitat-onlayn/>

CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar.** São Paulo: Contexto, 2010.

CALDAS-COULTHARD, C. R.; & SCLIAR-CABRAL, L. (Orgs.). **Desvendando discursos: conceitos básicos.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

CAMPAGNOLO, J. C. N. **O caráter Incentivador das Olimpíadas de Conhecimento: Uma Análise Sobre a Visão dos Alunos da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica Sobre a Olimpíada.** Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Física – UEM – Maringá, 2011.

CARAPETO-CONCEIÇÃO, R. **Plurilinguismo e prática transcultural em escolas alemãs no exterior**: políticas curriculares, representações e potencialidades. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense – UFF – Niterói, RJ, 2019.

CASSANY, D. **Oficina de textos**: compreensão leitora e expressão escrita em todas as disciplinas e profissões. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CASTILHO, A. T. de. O que se entende por língua e gramática. *In*: CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALIERI, R. **O gramático, o linguista e o falante**. 2º Ciclo Entre a Gramática e a Linguística da Academia Brasileira de Letras. Revista Brasileira, abril-maio-junho, Ano II, nº 75. 2013. Disponível em <https://www.academia.org.br/abl/media/Revista%20Brasileira%2075%20-%20CICLO%20ENTRE%20A%20GRAMATICA%20E%20A%20LINGUISTICA.pdf>

CHAFE, W. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1979.

CHARAUDEAU, P.; & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHOMSKY, C.; HONDA, M; O'NEIL W; & UNGER C. *Doing Science: Constructing Scientific Theories as an Introduction to Scientific Method (Scientific Theory and Methodology Project Technical Report)*. Cambridge, MA: ETC, Harvard Graduate School of Education, 1985.

CHOULIARAKI, L.; & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CLARK, B.; & TROUSDALE, G. **The Language Detective**: A course for young linguists. *Language and Linguistics Compass* 6: 506-516, 2012.

CLARK L. **The UC Linguistics Amazing Race**: a model for the NZ Linguistics Olympiad? University of Waikato: New Zealand Linguistics Society Conference (Language in Society), 25-28 Nov, 2014.

COMBS, A. W. Fostering maximum development of the individual. *In*: **Learner-Centered Classrooms, Problem-Based Learning, and the Construction of Understanding and Meaning by Students**. North Central Regional Educational Laboratory, NCREL:1976.

CORREA, D. A. (org.). **A relevância social da linguística**: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola, 2007.

COSTA, L. C. S. **Saussure: entre o poder acadêmico e o saber científico**. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis, 2015.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158386/336824.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Fluxo**: a psicologia da experiência ideal. Harper Perennial Modern Classics. 1990.

CUNHA, M. A. F. de; & SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DASCAL, M. As convulsões metodológicas da linguística contemporânea. *In*: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**. São Paulo: Global (vol 1); Campinas: 1978.

_____. **Interpretação e compreensão**. Tradução de Márcia Heloisa Lima da Rocha. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

DASCAL, M.; & BORGES NETO, J. De que trata a linguística, afinal? *In*: BORGES NETO, J. 2004. **Ensaio de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola, 1991.

DAVIDSON, J. E.; & DEUSER, R.; & STERNBERG, R. J. The role of metacognition in problem solving. *In*: METCALFE, J. & SHIMAMURA A. P. (Eds.). **Metacognition: knowing about knowing** (p. 207-226). Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.

DESALVO, M.; & LARSON R. K.; & REPETTI, L. **On the introduction of linguistics in the Secondary School curriculum through Latin**. *In*: La linguistica moderna nella pratica didattica: dalla riflessione alle competenze, S. Bertoldo and G. Cavallo (Eds.). 73-88. Padova: CLEUP, 2019.

https://linguistics.stonybrook.edu/faculty/richard.larson/files/publications/DeSalvo_Larson_Repetti2019.pdf

DENHAM, K. **Linguistics in a primary school**. Language and Linguistics Compass 1: 243-259. 2007.

DENHAM, K.; & LOBECK, A (Eds.). **Language in the Schools: Integrating Linguistics into K-12 Education**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

_____. **Linguistics at School: Language Awareness in Primary and Second Education**. Cambridge University Press, 2010a.

_____. **Linguistics for Everyone: An Introduction**. Boston: Cengage/Wadsworth. 2010b.

_____. **Why Study Linguistics?** London, 2018.

http://works.bepress.com/anne_lobeck/32/

DENHAM, K.; & SANDOVAL, J. B. **Thinking Like a Linguist**. Cambridge: University Press, 2021.

DENZI, N. K.; & LINCOLN, Y. S.; et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERZHANSKI, I. A. **Tarefas da Primeira Olimpíada Internacional em Linguística Teórica, Matemática e Aplicada.** (Em russo, búlgaro, holandês, checo e estoniano). Borovets, 2003.

_____. Extracurricular Activities in Linguistics for Secondary School Students. *In: DIMITROVA, L.; & PAVLOV, L. (Eds.). Mathematical and Computational Linguistics.* Jubilee International Conference, p. 125, Sofia, 2007a.
https://www.academia.edu/5680539/Extracurricular_activities_in_linguistics_for_secondary_school_students

_____. Mathematics in Linguistic Problems. *In: DIMITROVA, L.; & PAVLOV, L. (Eds.). Mathematical and Computational Linguistics.* Jubilee International Conference, p. 49–52. Sofia, 2007b. Disponível em
https://www.academia.edu/5680567/Mathematics_in_Linguistic_Problems

_____. **Linguistic Magic and Mystery.** Union of Bulgarian Mathematicians, Sofia, 2009.

_____. Multilingual Editing of Linguistic Problems. *In: DERZHANSKI, I. A.; & RADEV, D. (Orgs.). Proceedings of the Fourth Workshop on Teaching Natural Language Processing.* 51st Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics, p. 27-34. Sofia, 2013.

DERZHANSKI, I. A.; BERDIČEVSKIS, A. S.; GILYAROVA, K. A.; IOMDIN, B. L.; MURAVENKO, E. V.; & RUBINSTEIN, M. L. **On the Translatability of Linguistic Problems:** the Lessons of the First International Linguistics Olympiad. (О переводимости лингвистических задач: Уроки Первой международной лингвистической олимпиады) *In: Kobozeva, I. M.; Narinyani, A. S.; & Selegey, V. P. (eds.). Proceedings of the International Conference Dialogue 2004: Computational Linguistics and Intellectual Technologies.* P. 166–171. Nauka: Moscow, 2004.

DERZHANSKI I. A.; PAYNE, T. The Linguistics Olympiads: Academic competitions in linguistics for secondary school students. *In: DENHAM, K.; & LOBECK, A. (Eds.). Linguistics at School: Language Awareness in Primary and Secondary Education,* Cambridge University Press, p. 213–226, Cambridge, UK, 2010.
https://www.academia.edu/5680870/The_Linguistics_OlympiadsAcademic_competitions_in_linguistics_for_secondary_school%20students

DERZHANSKI I. A.; DEKOVA, R. Electronic Language Resources in Teaching Mathematical Linguistics. *In: Proceedings of the First International Conference Computational Linguistics in Bulgária - CLIB,* p. 01-05. Sofia, 4 de set. de 2014.
https://www.academia.edu/8202470/Electronic_Language_Resources_in_Teaching_Mathematical_Linguistics

DERZHANSKI I. A.; & VENEVA, M. Linguistic Problems on numbers names. *In: Proceedings of the Third International Conference Computational Linguistics in Bulgária - CLIB,* p. 160-176. Sofia, 27-29 de maio de 2018.

DEWEY, J. **My Pedagogic Creed.** School Journal vol. 54, p. 77-80. 1897.

DILLINGER, M. **Forma e função na linguística.** D.E.L.T.A., vol. 7, n. 1, 1991.

DOSSE, F. **História do estruturalismo**. v 1. O campo do signo. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

DURKHEIM, E. Representations individuelles et representations collective. *In: Revue de métaphysique et de morale*, 1898.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: Editora da Unesp; Boitempo, 1997.

ESTIVAL, D.; BOW, C.; HENDERSON, J.; KELLY, B.; LAUGHREN, M.; MAYER, E.; MOLLÁ, D.; MROWA-HOPKINS, C; NORDLINGER, R.; REISCHILD, R.; SCHALLEY, A.; STANLEY, A.; & VAUGHAN, J. **Australia loves language puzzles**: The Australian Computational and Linguistics Olympiad (OzCLO). *Language and Linguistics Compass* 8: 659-670, 2014.

FABB, N. **Linguistics for ten-year-olds**. P. 45-61. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics 6, 1985.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London/New York , Longman, 1989.

_____. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London: Longman, 1995.

_____. **Discourse, social theory, and social research**: the discourse of welfare reform. *Journal of Sociolinguistics*, p. 163-195. London, 2000.

_____. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. (Título original: *Discourse and Social Change*, 1992).

_____. The discourse of new labour: Critical Discourse Analysis. *In: WETHERELL, S; TAYLOR & S. J. Y. (Eds.). Discourse as data: a guide for analysis*. London: Sage, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London/New York: Routledge, 2003.

_____. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. *In: WODAK, R.; & MEYER, M. (Comp). Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2004.

_____. *Language and Globalization*. London: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, N. A dialectal-relational approach to Critical Discourse Analysis in Social Research. *In: WODAK, R. MEYER, M (Orgs.). Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2009.

FAIRCLOUGH, N.; & WODAK, R. Critical Discourse Analysis. *In: VAN DIJK, T. A. (Org.). Discourse as Social Interaction*. London: Sage, 1997.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

_____. **História sociopolítica da língua portuguesa.** São Paulo: Parábola, 2016.

FEDOTOVA, N. A. **Linguística como meio de desenvolver a competência de pesquisa de alunos seniores que estudam no perfil linguístico.** *In:* Boletim da Universidade Estadual de Buryat. - Nº 1, Parte 1: Pedagogia. p. 116-121, 2012.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FEYERABEND, P. Consolando o Especialista. *In:* LAKATOS, I. e MUSGRAVE, A. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento.** Quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1979.

FIORIN, J. L. A linguagem em uso. *In:* FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos.** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Linguística? O que é isso?** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FISCHER, G. N. **Os conceitos fundamentais da Psicologia Social.** Trad. Vasco Casimiro. Coleção: Epigênese, desenvolvimento e Psicologia. Instituto Piaget. Lisboa: 1996.

FLAMENT, C. Structure, dynamique et transformation des representations sociales. *In:* ABRIC, J-C. (Ed.). **Pratiques sociales des representations sociales.** Paris: PUF, 1994.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** 3ª ed. Trad. L. F. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987 (Título original: The Archaeology of Knowledge, 1972).

_____. **A ordem do discurso.** Trad. L. F. Sampaio. São Paulo, Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1997.

FOWLER, R. Sobre a linguística Crítica. *In:* **Linguagem em (dis)curso.** (número especial – Análise Crítica do Discurso) Vol. 4. Florianópolis: Unisul, 2004.

FRANÇA, A. I., FERRARI, L. & MAIA, M. **A Linguística do século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem.** São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1991.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade.** Tradução A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GINSBERG, D; HONDA, M.; & O'NEIL, W. **Looking beyond English: Linguistic inquiry for English Language Learners.** *Language and Linguistics Compass* 5: 249-264, 2011.

GIRARDI, J. E. **Oficina de língua inventada e o ensino de conceitos linguísticos.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2020.

GLEASON, H. A. **Introduction to descriptive linguistics.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1955a. (Revised edition: 1965).

_____. **Workbook in descriptive linguistics.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1955b. (Revised edition: 1967).

GODÓI, E. **O modelo gerativo aplicacional de S. Shaumian: uma visão geral.** *Fragment*, v. 4, p. 15-31. Curitiba: 1987.

_____. **Construção passiva em português: uma abordagem aplicacional.** Dissertação (Mestrado em Letras) Curitiba: UFPR, 1987.

GOODLUCK, H. More linguistics for 10-year-olds. *In: A. Bunger (Ed.). Special volume: Reissue of Innovations in Linguistic Education.* Volume 5. IULC Working Papers in Linguistics, Vol. 17, No. 6. 2017 (Título original de 1991)

GÜNTER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio 2006.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade.** Trad. Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Título original de 1985).

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning.** London: University Park Press, 1978.

HARDT, M.; & NEGRI, A. **Império.** Tradução Berilo Vargas. RJ: Record, 2004.

HARVEY, D. **Justice, nature and the geography of a difference.** London: Blackwell, 1996.

HONDA, M. **Linguistic Inquiry in the Science Classroom: "It is science, but it's not like a science problem in a book".** MIT Occasional Papers in Linguistics, No. 6. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics, 1994.

_____. Developing an understanding of the nature of scientific inquiry through linguistics. *In: Anais do III Seminário Internacional de Linguística - A Linguística como Ciência: Natureza do Método e Objeto* (Proceedings of the 3rd International Linguistics Conference: Theme: Linguistics as Science: Nature of the Method and Object), 19-38. Porto Alegre: Gráfica Epecê, 1999.

HONDA, M.; & O'NEIL, W. Triggering science-forming capacity through linguistic inquiry. *In: HALE K. L. & KEYSER S. J. (Eds.). The view from Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger.* Cambridge MA: MIT Press, 229-255. 1993.

_____. **Thinking linguistically: A scientific approach to language.** Malden MA and Oxford UK: Blackwell. 2008.

HONDA, M.; O'NEIL, W; & PIPPIN. D. **Linguistics in the English Classroom: The view from room 202.** Paper presented at the annual meeting of ATEG, Seattle. July 16, 2004.

_____. **Problem-set Based Linguistics for Fifth Graders and Beyond.** Linguistic Society of America, K-12 Workshop. Linguistics Materials, 2006.

_____. On promoting linguistics literacy: bringing language science to the English classroom. *In:* DENHAM, K.; & LOBECK, A (Eds.). **Linguistics at school: Language awareness in primary and secondary education.** 175-188. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

HUDSON, R. **Why education needs linguistics (and vice versa).** Journal of Linguistics 40: 105-130. London, 2004.

_____. **How linguistics has influenced schools in England.** Language and Linguistics Compass 1/4: 227-242. London, 2007.

HUDSON, R.; & SHELDON, N. **Linguistics at school: The UK Linguistics Olympiad.** Language and Linguistics Compass 7: 91-104. London, 2013.

ILARI, R. **Perspectiva funcional da frase portuguesa.** 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

IOMDIN, B. L.; PIPERSKI, A.; & SOMIN, A. Linguistic Problems Based on Text Corpora. *In:* DERZHANSKI, I. A.; & RADEV, D. (Orgs.). **Proceedings of the Fourth Workshop on Teaching Natural Language Processing.** 51st Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics, p. 9-17. Sofia, 2013.

ITKIN, I. B.; & RUBINSTEIN, M. L.; **Trinta Olimpíadas: notas comemorativas.** (И.Б. Иткин, М.Л. Рубинштейн. Тридцать Олимпиад: юбилейные заметки), 1991 Disponível em: <http://ling.narod.ru/brochure.html>

JAFELICE, L. C. Não, às olimpíadas de astronomia. sim, as iniciativas puramente cooperativas. *In:* **Reunião Anual da Sociedade Astronômica Brasileira.** v. 25, p. 89. Painel 36. Águas de Lindóia: SAB, 2005.

JODELET, D. Représentation Sociale: phénomènes, concept et théorie. *In:* MOSCOVICI, S. (Org.). **Psychologie Sociale.** Paris: PUF, 1984.

_____. Représentation Sociale: un domaine en expansion. *In:* JODELET, D. (Ed.). **Les Représentations Sociales.** Paris: PUF, 1989.

KEYSER, S. J. **The role of Linguistics in the elementary school curriculum' Elementary English.** 47: 39-45. 1970.

KITZHABER, A. R. (Ed). **The Oregon curriculum: A sequential program in English.** Language/Rhetoric, Volumes I–II. New York, NY: Holt, Rinehart, and Winston, 1968. (cf. STORDAHL, 1969).

KOCK I. G. V.; & CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

L'ASTORINA, B.; NIKULIN, A.; HERKENHOFF, C. **Andrei Zalizniak e os problemas de linguística**. Linguística: Blogs de Ciência da UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem. Publicado em 11 de janeiro de 2018. <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2018/01/11/andrei-zalizniak-e-os-problemas-de-linguistica/>

_____. **Problemas olímpicos**. Blog pessoal na Plataforma Medium. Publicado em 04 de março de 2018. Disponível em: <https://medium.com/@Biunil/problemas-olimpicos-a4d45a74e1c0>

LABOV, W.; & FANCHEL, D. **Therapeutic discourse**: psychotherapy as conversation. Nova York: Academic Press, 1977.

LARSON, R. **Grammar as Science**. Cambridge: MIT Press. 2010.

LAVAL, C. A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

LEHMANN, W. P. **Historical linguistics**: an introduction. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1962.

LIDZ, J.; & KRONROD, Y. **Expanding our reach and theirs**: When linguists go to high school. *Language and Linguistics Compass* 8: 449-463, 2014.

LIMA, J. G. de. **Falar e escrever bem, eis a questão**. Veja, edição 1725, n. 44, ano. 34, p. 104-112. Nov, 2001.

LITTELL, P.; LEVIN, L. S.; EISNER, J.; & RADEV, D. R. Introducing Computational Concepts in a Linguistics Olympiad. *In*: DERZHANSKI, I. A. & RADEV, D. (Orgs.). **Proceedings of the Fourth Workshop on Teaching Natural Language Processing**. 51st Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics, p. 18-26. Sofia, 2013.

LOBECK, A.; & DENHAM, K. **Navigating English Grammar**: A guide to analyzing real language. Boston: Blackwell Publishing, 2013.

LOBECK, A.; & SMITH, D. **Teaching Grammar Through Inquiry. High school curriculum and teachers' guide** (no prelo).

LOOSEN, S. **High school linguistics**: A secondary school elective course. *Language* 90: 258-273, 2014.

LOOSEN, S.; & HEINZ, J. **The AP Linguistics Initiative Visits the 2019 International Linguistics Olympiad (IOL)**. REPORT. 2019. Disponível em <https://github.com/heinz-jeffrey/heinz-jeffrey.github.io/blob/master/REPORT-IOL-2019-AP-Linguistics-for-NSF.pdf>

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2000.

LOPES, M. C.; & FABRIS, E. H. **Inclusão & educação**. Belo Horizonte: Autêntica: 2013.

LUBOTSKY, A.; & VAAN, M. de. **Van Sanskriet Tot Spijkerschrift: Breinbrekers Uit Alle Talen**. Amsterdam University Press, 2010. (Do Sânscrito ao Cuneiforme: Quebra-Cabeças de Todos os Idiomas).

MACIEL, M. V. M. Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP): As Origens de um projeto de qualificação do ensino de matemática na educação básica. *In: Anais. Encontro Gaúcho de Educação Matemática*. Ijuí: RS, 2009.

MAGALHÃES, I. **Por uma abordagem Crítica e Explanatória do Discurso**. D.E.L.T.A., vol. 2, n. 2, 1986.

_____. Teoria crítica do discurso e texto. *In: Linguagem em (dis)curso*. Florianópolis: Unisul, (número especial – Análise Crítica do Discurso) vol. 4, 2004.

_____. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. *In: MAGALHÃES, I.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). D.E.L.T.A.* vol. 21 (especial – Análise Crítica do Discurso), 2005.

MAGGLIOLO, S. **An Update on the Female Presence at the IOI**. Olympiads in Informatics. Vol. 9, 127–137, 2015. Disponível em: https://ioinformatics.org/journal/v9_2015_127_137.pdf

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; & BEZERRA, M. A. (Orgs.). Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARIN, L. **Des pouvoirs de l’image**. Gloses, Paris, Seuil, 1993.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Trad. Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARRACH, S. A. Neoliberalismo e Educação. *In: GUIRALDELLI JUNIOR, P. (Org.). Infância, Educação e Neoliberalismo*. São Paulo: Cortez, 1996.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MCGORY, J.T.; & BARLEW, J. **Linguistics for high schoolers: A summer camp model**. Lang Linguist Compass, 2020

MEINUNGER, A. **Die Internationale Linguistik-Olympiade und was sie (in) Deutschland wert ist**. Der Linguistische SprAACHENblog [blog], 2012. Available at: <http://spraachenblog.wordpress.com/2012/07/05/die-internationale-linguistik-olympiade-und-was-sie-in-deutschland-wert-ist/>

MELO, I. F. **Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social**. In: Estudos Linguísticos, São Paulo, 40 (3): p. 1335-1346, set-dez. 2011.

MENEGUELLO, C. **Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma aventura intelectual?** História Hoje, v.5, n.14, p. 1-14, 2011.

MEURER, J. L. Ampliando a noção de contexto na Linguística Sistêmico-Funcional e na Análise Crítica do Discurso. In: **Linguagem em (dis)curso**. Florianópolis: Unisul, (número especial – Análise Crítica do Discurso) vol. 4, 2004.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; & MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MITKOV, R. **Brief Outline of the School Activities in Mathematical and Computational Linguistics in Bulgaria in the 1980s and 1990s**. Wolverhampton, 2006. Disponível em https://www.academia.edu/73192565/Brief_Outline_of_the_School_Activities_in_Mathematical_and_Computational_Linguistics_in_Bulgaria_in_the_1980s_and_1990s

MÖLLMANN, A. D. S. **O Legado da Bildung**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MOSCOVICI, S. **La Psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961 (Título original de 1976).

_____. **Introduction à la Psychologie Sociale**. Paris: Larousse, 1972.

_____. **Social Influence and Social Change**. Paris: PUF, 1976.

_____. The phenomena of social representation. In: FARR, R.M. & MOSCOVICI, S. (Eds.). **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MURRAY, E. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1986.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NASCIMENTO, M. **Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua**. D.E.L.T.A., vol. 6, n. 1, 1990.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NORMAN, B.Yu. **Tarefas linguísticas: livro didático. Manual**. Moscou: Flint: Science, 2006.

_____. **Coleções de tarefas linguísticas: história e modernidade.** Direções modernas de pesquisa e ensino de línguas eslavas. Conferência Científica Internacional "VIII *Suprun Readings*" em 21-22 de setembro de 2012. p. 123-137. Minsk, 2013,

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. **Mini-guia de treinamento para a 2ª fase.** OBL – Paraplü, 2013.

_____. **Constituição da Olimpíada Brasileira de Linguística.** OBL, 2021 (no prelo).

O'NEIL, W. **Paul Roberts' rules of order: The misuses of linguistics in the classroom.** *Urban Review* 2.7: 12-16. 1968. (cf. ROBERTS, 1966, abaixo) .
<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F0223247.pdf>

_____. **Foreword to N. R. Cattell. The new English Grammar: A descriptive introduction.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 1969.

_____. **An alternative for U.S. education: Teaching minority people to study their own cultures.** *Equality and social policy*, ed. by Walter Feinberg, 129-142. Champaign-Urbana IL: University of Illinois Press, 1978.

_____. **Linguistics for Everyone.** Australian Linguistic Society. 1998. Disponível em: <http://www.als.asn.au/proceedings/als1998/oneil.html>

_____. **Project English: Lessons from Curriculum Reform Past.** *Language and Linguistics Compass* 1: 612-623, 2007.

_____. Bringing linguistics into the school curriculum: Not one less. *In: DENHAM, K.; & LOBECK, A (Eds.). Linguistics at school: Language awareness in primary and secondary education.* 24-34. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

O'NEIL, W.; & KITZHABER, A. R. **Kernels and transformations: A modern grammar of English, with exercises by Annabel R. Kitzhaber.** New York: McGraw-Hill, 1965.

ORLANDI, E. **O que é linguística?** Coleção Primeiros passos – 184. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

PAJUSALU, R. **Keeleteadus olümpia-alana.** *Oma Keel* 11: 5-12, 2005.

_____. **Kielitiede olympia-lajina.** *Virittäjä*, 114(4), 563-566. 2010.

PEDRO, E. R. (Org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.** Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

PELETTI, N. **Aprendizagem: teoria e prática** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PELETTI, N. & ROSSATO, S. M. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PENNYCOOK, A. **Critical applied linguistics: a critical introduction**. Mahwah NJ, Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

_____. **Language as a local practice**. London and New York: Routledge, 2010.

PEREIRA, A. L. Construção de criticidade em espaço de atuação religiosa, política e acadêmica. *In*: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; & MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

PERINI, M. A. O adjetivo e o ornitorrinco. *In*: PERINI, M. A. **Sofrendo a Gramática: Ensaio sobre a linguagem**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini**. ReVEL. Vol. 8, n. 14, 2010.

PEZATTI, E. G. O. O funcionalismo em linguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; & QUAREZEMIN, S. **Gramáticas na escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

_____. **A língua na mídia**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.

RADEV, D. **Puzzles in Logic, Languages and Computation – The Red Book**. Heidelberg: Springer-Verlag, 2013.

_____. **Puzzles in Logic, Languages and Computation – The Green Book**. Heidelberg: Springer-Verlag, 2013.

RADEV, D.; LEVIN, L. S.; & PAYNE, T. E. The North American Computational Linguistics Olympiad (NACLO). *In*: **Proceedings of the Third Workshop on Issues in Teaching Computational Linguistics**. Columbus - Ohio, 2008.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **O linguista e o leigo: por um diálogo cada vez mais necessário e urgente**. Revista Estudos Linguísticos. São Paulo: nº XXXIII, 2004.

RAMALHO, V. C. V. S. **Discurso e ideologia na propaganda de medicamentos: um estudo crítico sobre mudanças sociais e discursivas**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: UnB, 2008.

RAMALHO, V. C. S.; & RESENDE, V. M. **Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e realismo crítico**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica como interdisciplina para a pesquisa social: uma introdução. In: Iran Ferreira de Melo. (Org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso**: teoria e prática. 1ª ed. p. 99-112. Campinas: Pontes, 2012.

RESENDE, V. M.; & RAMALHO, V. C. S. **Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre as práticas**: implicações teórico-metodológicas. Linguagem em (dis)curso. Vol. 5, n. 1, Tubarão, SC: UNISUL, 2004.

_____. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROBERTS, P. **The Roberts English series**: A linguistics program, volumes 3-9. New York: Harcourt, Brace, & World. 1966.

ROBINS, R. H. Constraints and intentions in the organization of the history of linguistics. In: HÜLLEN, W. (Ed.). **Understanding the historiography of linguistics. Problems and projects**. p. 11-19. Münster: Nodus, 1990.

_____. **Pequena história da linguística**. Trad. Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH E.; & LLOYD, B. B. **Cognition and categorization**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 1998.

_____. **Núcleo Central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

Sá, K. K. de. **A Olimpíada Brasileira de Física em Goiás enquanto ferramenta para a alfabetização científica**: tradução de uma educação não formal. Dissertação (Mestrado) — UFG, Goiás, 2009.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo. Cultrix, 2006 [1981].

_____. **Caiher Ferdinand de Saussure**. No. 21. p. 99-130. Librairie Droz, 1964. <https://vdocument.in/lettres-de-saussure-a-meillet.html>

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle**: Variação Linguística, Mídia e Preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to Discourse**. London: Blackwell, 1994.

SCHWARZ, F. W. **Olimpíada de Química do Rio Grande do Sul**: Para onde vão os estudantes de melhor desempenho. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Química – UFRGS, Porto Alegre, 2018.

SHEEHAN, J. J. **German history**: 1770-1866. Oxford: Clarendon Press, 1991.

SILVA, E. C. M. da. **Do discurso à gramática: um enfoque crítico e funcional de gêneros.** *In: L&S: Cadernos de Linguagem e Sociedade.* Denize Elena Garcia da Silva, editora-chefe. Vol. 11, n. 2. Brasília: Thesaurus, 2010.

SILVA, D. E. G. Gramática e contexto na perspectiva funcional do discurso. *In: SILVA, D. E. G [et al.] (Org.). Estudos de Linguagem: Inter-relações e Perspectivas.* Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2003.

_____. Motivações cognitivas e interacionais em competição: a força das palavras em contexto. *In: MAGALHÃES, I.; & RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). D.E.L.T.A. vol. 21 (especial – Análise Crítica do Discurso),* 2005.

SILVA, D. E. G.; & RAMALHO, V. Análise de Discurso Crítica: representações sociais na mídia. *In: LARA, G. M. P.; & MACHADO, I. L.; & EMEDIATO, W. (Orgs.). Análise do discurso hoje.* Vol. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

SILVA, F.; & RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). **A Linguística que nos Faz Falhar: investigação científica.** São Paulo: Parábola, 2004.

SOUZA FILHO, E. A. Análise de Representações Sociais. *In: SPINK, M. J. O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social.* São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. *In: GUARESCHI, P.; & JOVCHELOVITCH (Orgs.). Textos em Representações Sociais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

STORDAHL, L. **Review of The Oregon Curriculum: A sequential program in English.** *Language/Rhetoric, Volumes I e II,* Albert R. Kitzhaber (Ed). *The English Journal* 58.461–63. 1969. (cf. KITZHABER, 1968).

STEWART, T.; & CÁRDENEZ, A. K. **Discovering language myths and truths: a summer enrichment course in linguistics for high-school students.** *Language and Linguistics Compass* 4(2). 80-95. 2010.

SWALES, J. **Genre Analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAKAKI, N. H. **Epistemologia-ontologia-metodologia pela diferença: locus transfronteira em ironia multimodal.** *Trabalhos em Linguística Aplicada, (55.2):* 431-456, maio/agosto. Campinas, 2016.

TESTELETS, Y. G. **Linguistic Problems and the “Presumption of the Author’s Mildness”.** *In: V.I. Belikov, E.V. Muravenko and N.V. Pertsov (Eds.). Sign: A collection of papers on linguistics, semiotics and poetics in memoriam of Alfred N. Zhurinsky.* Russian Educational Centre, p. 213–224. Moscow, 1994.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar.** London: Arnold, 2004 (Título original, 1996).

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOMASELLO, M. **As origens culturais da aquisição do conhecimento humano.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística.** Tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da Gramática no 1o e 2o Graus.** 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TURKI, H. **Les olympiades internationales des sciences entre 2013 et 2016: Défaits et situation internationale.** Université de Sfax, 2016. Disponível em: https://works.bepress.com/houcemeddine_turki/19/

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação.** São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.** Trad. Rodolfo Ilari. Revisão técnica Viviane Ramalho. São Paulo: Contexto, 2012.

VIEIRA, J. A. As abordagens críticas e não críticas em análise do discurso. *In:* SILVA D. E. G.; VIEIRA, J. A. (Orgs.). **Análise do discurso: percurso teóricos e metodológicos.** Brasília: Plano, 2002.

VON SCHANTZ, H.; ROOS, J. P.; SKIRGÅRD, H.; ENGWALL, G.; BERGMAN, B.; BARTING, I.; HARTGVIGSSON, T.; WIRÉN, M.; WARDINI, E.; LINDER, K.; & RASK, E. **Varför inget stöd till internationella språktävlingar?** Svenska Dagbladet, 2012

VOTRE S. J.; NARO A. J. **Mecanismos funcionais do uso da língua.** D.E.L.T.A., vol. 5, n. 2, 1989.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. *In:* MOREIRA, A. S. P.; & OLIVEIRA, D. C. de. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social.** 2ª ed. Goiânia: AB, 2000.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem.** Tradução de Márcio Alexandre Cruz. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WODAK, R. Do que trata a ACD? Um resumo de sua história conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *In:* **Linguagem em (dis)curso.** Florianópolis: Unisul, (número especial – Análise Crítica do Discurso) vol. 4, 2004.

WODAK, R.; & MEYER, M (Orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis.** Londres: Sage, 2009.

WOLFRAM, W. Dialect Awareness and the Study of Language. *In*: EGAN-ROBERTSON, A.; & BLOOME, D. (Eds.). **Students as Researchers of Culture and Language in their Own Communities**. p. 167–190. Cresskill, NJ: Hampton Press, 1997.

WOLFRAM, W.; ADGER, C. T.; & DETWYLER, J. **All about Dialects**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1992.

WOLFRAM, W.; & SCHILLING-ESTES, N.; & HAZEN, K. **Dialects and the Ocracoke Brogue**. Raleigh, NC: NC State University, 1997.

WOLFRAM, W.; ADGER, C. T.; & CHRISTIAN, D. **Dialects in Schools and communities**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

WOLFRAM, W.; & REASER, J. **Dialects and the Ocracoke Brogue**, 2005. www.duke.edu/web/linguistics/2005OcracokeCurriculum.pdf

WOODS, D. R. **Problem-based learning: How to gain the most from PBL**. Waterdown, Ontario, 1994.

XAVIER, A. C.; & CORTEZ, S. (Orgs). **Conversas com Linguistas: virtudes e Controvérsias da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ZALIZNYAK, A. A. Lingvističeskie zadači (Problemas linguísticos). *In*: Tatyana N. Moloshnaya (Ed.). **Issledovanija po strukturnoj tipologii** (Estudos em tipologia estrutural), 137-159. Moscou: Izdatel'stvo AN SSSR, 1963.

_____. **Лингвистические задачи** (Problemas Linguísticos). Reimpresso na coleção Estudos sobre tipologia estrutural Instituto de Estudos Eslavos da Academia de Ciências da URSS, 1963. Disponível em <https://www.mccme.ru/free-books/aaz/aaz-2013.pdf>

ZALIZNYAK, A. A.; et al. **200 задач по языковедению и математике** (200 problemas em linguística e matemática). Moscou, 1972.

ZHURINSKY, Alfred N. **Word, Letter, Number: A discussion of self-sufficient linguistic problems with an analysis of a hundred samples of the genre**. Nauka, Moscow, 1993.

_____. **Linguística em tarefas: Termos, decisões, comentários**. Compilado por Elena V. Muravenko. Moscou: Indrik Publishing House, 1995.

APÊNDICES

Apêndice A – Movimentos de criação das Olimpíadas Nacionais

Com o advento da Olimpíada Internacional de Linguística (IOL), cinco movimentos de formação de Olimpíadas Nacionais foram observados paralelamente. O primeiro a acontecer foi na Rússia e Europa Oriental, advindo das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e seus Estados Satélites, onde o movimento de diversas olimpíadas já era bastante tradicional. Ainda em 2003, recebendo os Problemas Linguísticos Autossuficientes da Bulgária, *Renate Pajusalu* e outros professores da Universidade de Tartu (*UT*) organizaram a **Olimpíada de Linguística da Estônia** (*Lingvistikaolümpiaad*), primeiramente entre estudantes apenas da cidade de Tartu e depois como parte de uma competição de idiomas mais ampla, mas que se tornou independente em 2005 com o financiamento do Ministério da Educação e Pesquisa, e o apoio da Escola de Ciências da Universidade de Tartu.

Em 2004, foi fundada a **Olimpíada de Linguística Matemática da Polônia** (*OLM*), organizada por *Michał Śliwiński*, professor do Instituto de Matemática da Universidade de Wrocław (*UWr*). Inicialmente limitada aos vencedores dos Jogos Olímpicos de Literatura e Língua Nativa, em 2006 o evento foi aberto a todo o país. A *OLM* é apoiada pelo Instituto de Filologia Inglesa da Universidade de Wrocław e pelo Clube de Ciência Linguística da Universidade de Varsóvia. Desde 2008, a *OLM* está na lista de Olimpíadas financiadas pelo Ministério da Educação Nacional da Polônia.

Entre 2004 e 2013 a Sérvia fez sete participações na IOL enviando 28 estudantes no total, mas sem desenvolver uma olimpíada nacional. A participação especial da Lituânia na IOL em 2006, realizada na Estônia, também faz parte desse movimento na região, ainda que não tenha formado uma olimpíada nacional.

Em 2008, uma estudante eslovena descobriu os Problemas Linguísticos autossuficientes e a IOL na internet. Ela motivou sua escola a promover uma seleção e enviar uma equipe. Depois que a equipe voltou com uma experiência positiva, eles começaram se articular com entidades que já organizavam competições nacionais em outras disciplinas. A Associação de Cultura Técnica da Eslovênia (*ZOTKS*) aceitou a ideia de adicionar os Problemas Linguísticos à **Competição de Raciocínio Lógico**, que passou a selecionar a equipe que representa a Eslovênia na IOL. No início, eram utilizadas traduções de outras Olimpíadas Nacionais e o Comitê de problemas não tinha nenhum linguista, mas,

depois de alguns anos, linguistas foram convidados pela necessidade de profissionais treinados na equipe, pois os demais membros eram matemáticos e ex-competidores. Fundada em 1972, atualmente a *ZOTKS* recebe financiamento do governo e de várias empresas para todo o seu programa, que visa a popularização do trabalho de pesquisa científica entre os jovens e o surgimento da cultura técnica nas áreas de raciocínio lógico, eletrônica, robótica, computação e tecnologias de processamento, com a introdução da informática moderna em todos os segmentos da sociedade eslovena. Todos os anos, a equipe selecionada para a IOL recebe treinamento de linguistas da Universidade da Liubliana como *Simona Klemenčič*.

Em 2011, uma estudante húngara e sua professora de inglês procuraram a Academia Húngara de Ciências para propor uma competição nacional que se tornaria mais tarde a **Olimpíada Estudantil de Linguística da Hungria (MNYD)**, organizada por um Comitê composto por vários professores como *Gábor Prószéky*, *Beatrix Oszkó*, *László Kálmán*, *András Komlósy*, *András Márton Baló*, *Andrea Dömötör*, *Yang Zijian Győző*, apoiados e financiados pelo Instituto de Linguística da Academia Húngara de Ciências (*MTA*), pela Faculdade de Tecnologia da Informação da Universidade Católica Pázmány Péter (*PPKE*), pela Escola Secundária Városmajor, pelo Ministério de Recursos Humanos do Governo da Hungria, entre outras entidades. Recentemente, antigos competidores têm se juntado a equipe.

Em 2012, foi organizada a **Olimpíada Linguística da Letônia (LLO)**. Apesar de ter participado da IOL desde 2003, nos primeiros 8 anos, apenas cerca de 30-40 alunos de 2 ou 3 escolas participaram da Olimpíada. Em 2003, *Aleksandrs S. Berdičevskis*, recém-formado na Escola Secundária de Riga Nº 40 e mestrando do *OTiPL* da *MGU*, entrou no Júri da 1ª IOL e convidou sua antiga escola a participar. Em 2012, *Aleksejs Peguševs* e *Artūrs Semeņuks*, participantes das IOL 2008 a 2011, também entraram no Júri da IOL 2012 e ajudaram *Vladimir Litvinsky*, vice-diretor da Escola Secundária de Riga Nº 40, a fundar a *LLO*. Foi em 2012 que a IOL determinou que os países participantes tivessem uma competição nacional de seleção e um sítio virtual para ampla divulgação. Vale mencionar que é somente a partir de 2014 que o letão (letoniano, letônio, leto, letônês), única língua oficial da Letônia, entrou como língua de trabalho na IOL, pois, por 11 anos, a equipe Letã realizava a prova em russo. Isso porque a Escola Secundária de Riga Nº 40 atende estudantes falantes de russo, que são cerca de 30% no país, e os participantes de língua letã ingressaram na *LLO* apenas em 2013 em uma pequena proporção. A

proporção aumentou a cada ano, chegando a 50%. Atualmente as línguas de trabalho são letão, russo e inglês, para estudantes imigrantes. O principal patrocinador é a Fundação *Fonds (ASNI)*, membro do Conselho Europeu de Alta Habilidade e do Conselho Mundial para Crianças Superdotadas e Talentosas.

Também em 2012, a República Tcheca, convidada da IOL em 2003 e 2009, organizou a **Olimpíada Linguística Tcheca (ČLO)**, impulsionada por uma equipe de jovens universitários da Faculdade de Matemática e Física, liderados por *Matěj Korvas*, juntamente com o professor de Linguística Computacional *Jan Hajič*, do Departamento de Linguística Formal e Aplicada, ambos da Universidade Charles (UK) em Praga. A ČLO recebeu o apoio do Departamento de Linguística Geral da Faculdade de Letras da Universidade Palacký Olomouc (UPOL) e dos Linguistas Computacionais *Dragomir Radev* e *Lori Levin*; com o apoio e patrocínio do Ministério da Educação, Juventude e Esportes.

Ainda em 2012, a Romênia, que havia participado como convidada em 2005, lançou a **Olimpíada Nacional de Linguística Solomon Marcus**, organizada pelas professoras *Roxana-Magdalena Dincă*, *Adina Dragomirescu*, *Valentina Cojocar*, *Mina-Maria Rusu*, e uma equipe da Faculdade de Letras da Universidade de Bucareste (UB) e do Instituto de Linguística da Academia Romena "Iorgu Iordan - Alexandru Rosetti" (ILIR). Em 2018, o Ministério da Educação Nacional (MEN) passou a organizar a olimpíada romena de Linguística, que entrou no calendário das olimpíadas escolares, com o apoio do Centro de Pesquisa em Tecnologias da Linguagem Humana (HLT), dos Inspectores escolares, dentre outras entidades.

Em 2013, a Turquia lançou a Olimpíada Nacional de Linguística Turca e participou em cinco edições da IOL, estando ausente em 2014 e 2018. Sua seleção ocorre prioritariamente em Istambul, na Escola da Comunidade Internacional, mas é aberta a outras regiões quando especificadas no formulário de inscrição.

De 2014 a 2017 e retornando em 2020, a República de Belarus (chamada de Bielorrússia no período soviético) promoveu a **Olimpíada de Linguística de Minsk**, realizada por um Comitê Organizador independente composto por *Maria Badey*, *Ivan Topchy*, *Oksana Volchek*, *Vladislav Poritsky*, integrantes do Liceu e da Faculdade de Filologia, ambos órgãos da Universidade Estatal de Belarus (BDŮ), e ainda com a participação de *Alexander Piperski* e *Anton Somin*, que fazem parte também da Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou, da qual todos os materiais são compartilhados com Minsk. Esta Olimpíada nunca enviou

representantes à IOL, mas registra no sítio eletrônico²⁵³ essa intenção para o próximo evento internacional em 2022.

Ainda em 2014, foi lançada a **Olimpíada Ucrâniana de Linguística**, organizada por um comitê composto por *Danylo Mysak, Bohdan Kivva, Alexander Kukush, Roman Cheplak, Maxim Cherny, Tamila Krashtan, Sergiy Slobodyanyuk e Oleksandra Desyaterik*. Inicialmente realizada apenas na Escola Especializada Nº 52, instituição educacional em estudos avançados de tecnologia da informação, nos anos seguintes a Olimpíada ucraniana recebeu o suporte do Instituto de Educação Pedagógica de Pós-Graduação (*IPPO*) da Universidade Borys Hrinchenko de Kiev, e passou a receber estudantes selecionados nas diversas cidades do país como Uzhhorod, Lviv, Ternopil, Tchernivtsi, Vinnytska, Mykolaiv, Kryvyi Rih, Deniproptrovsk, Zaporizhzhya e Kharkiv, cada uma com seu Comitê Organizador local. Com o apoio financeiro da Startup ucraniana de tecnologia de tradução Grammarly, em 2019, participaram do evento 398 estudantes de 85 instituições de ensino de 12 polos de todas as regiões da Ucrânia.

Em 2015, a Finlândia, que tinha participado como convidada da IOL em 2005 e 2006, promoveu uma competição *online* organizada por *Ksenia Shagal*, que foi participante, organizadora e *team leader* da Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de São Petersburgo. Em 2018, a **Olimpíada Finlandesa de Linguística (KiOL)** foi organizada pelo Centro de Educação Científica (*tiedekasvatuskeskus*) da Universidade de Helsinque (*UY*), um programa de extensão para o ensino de ciências a crianças, adolescentes e famílias, em parceria com a Faculdade de Ciências Humanas da *UY*. De 2018 a 2022, além da *UY*, a *KiOL* recebeu financiamento de fundações privadas e do Ministério da Educação. A Finlândia, mesmo com a independência do império russo, historicamente, ainda recebe influência de Moscou, por isso foi incluída dentre os países da Europa Oriental.

Ainda em 2015, foi lançada a **Olimpíada Linguística do Cazaquistão**, organizada pelo Centro Científico e Prático Republicano Daryn, do Ministério da Educação e Ciência (*MES*) da República do Cazaquistão, que se tornou um elo de formação de um sistema no trabalho com crianças sobredotadas no país.

²⁵³ <https://minsklingolymp.by/> Acesso em 27/09/2021.

Em 2017, foi lançada a **Olimpíada da Armênia em Linguística e Lógica** (*AMLO*), organizada pelo Comitê Organizador presidido por *Artyom Petrosyan*, pela Faculdade de Filologia Russa, da Universidade Estatal de Yerevan (*YSU*) e pelo Centro de Soluções e Tecnologias Inovadoras (*ISTC*), com o apoio do Ministério da Educação e Ciência da República da Armênia. Semelhante a Belarus, a *AMLO* nunca enviou nenhum representante a IOL.

Em 2019, o Uzbequistão participou como convidado na IOL, porém, ainda não desenvolveu uma Olimpíada Nacional. Sua Seleção é realizada pela Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico (*APLO*).

Poucos anos depois do surgimento da IOL, o segundo movimento olímpico ocorreu nos países da Europa Ocidental. Em 2006, a organização de fomento à ciência “Jovens Cientistas de Estocolmo” (*UFS*) e a Academia Real de Ciências da Suécia (*KVA*) fundaram a **Olimpíada de Linguística da Suécia** (*Lingolympiad*). As duas entidades atuam com os Departamentos de Linguística das Universidades de Estocolmo (*SU*), e de Lund (*LU*), e com a Agência Nacional de Educação.

Entre 2008 e 2012, a Alemanha organizou o **Concurso Nacional de Seleção Alemã**, como parte do Concurso Federal de Línguas Estrangeiras. *Uli Sauerland* contactou o Centro Leibniz de Linguística Geral de Berlim (*ZAS*), para o suporte gramatical da competição. Por ser um instituto de pesquisa financiado em conjunto pelos governos federal e estadual, esta Instituição assumiu o Concurso Alemão em 2018, com apoio financeiro da Associação para Linguística Computacional (*ACL*). A falta de patrocínio interrompeu a competição em 2011 e entre 2013-2017, sendo considerado o principal fator que causa a interrupção das olimpíadas.

Em 2009 e 2010, o Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Orientais (*INALCO*) lançou na França uma **Olimpíada de Linguística**, organizada por diversos linguistas, entre eles *Fida Bizri*, *Snejana Gadjeva* e *Valentin F. Vydrin*, este último um dos Organizadores da Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de São Petersburgo. Em 2015, a França fez uma única participação como convidada na IOL, com um único estudante, o que chama atenção devido à fortíssima tradição acadêmica de estudos linguísticos franceses. Em 2020, o *INALCO* pretendia retornar

com a Olimpíada²⁵⁴, organizada pelos mesmos professores mencionados, mas foi impedida pela pandemia do COVID-19.

A participação especial da Noruega (IOL 2010) e da Grécia (IOL 2012 e 2014) faz parte desse movimento da Europa Ocidental, ainda que os países não tenham formado uma olimpíada nacional, respectivamente.

Entre 2014 e 2017, a Espanha, que tinha participado da IOL como convidada em 2007, criou a **Olimpíada de Linguística da Espanha (OLE)**, organizada por *Gema Ramírez-Sanches*, por meio da empresa de tradução *Prompsit Language Engineering*, um fornecedor de tecnologia de idiomas com forte foco em serviços de tradução automática, com sede na Universidade de Elche (UE). A OLE era aplicada nas escolas da Espanha simultaneamente em quatro línguas: castelhano, catalão, galego e euskera (basco); e contou com 400 participantes em 2014, com 650 no ano seguinte e com 570 estudantes em sua terceira edição, mas foi descontinuada por falta de patrocínio, mesmo recebendo apoio da Olimpíada Linguística de toda a Irlanda (AILO) e de colaboradores convidados, como *Stanislav Gurevich* (co-presidente da IOL) e *Guillermo Latour Alcantud*, professor secundário em Alicante.

Em 2018, mediante solicitação dos próprios estudantes, a Dinamarca lançou a **Liga de Idiomas (SPROGLIGA)**, organizada pelo TalentCampDK, que se define como uma associação que oferece desafios acadêmicos aos alunos mais talentosos do ensino básico em matemática, dinamarquês e inglês. A SPROGLIGA é apoiada pelo Departamento de Estudos Nórdicos e Linguística (NorS) da Universidade de Copenhague (KU).

O terceiro movimento surgiu com os Países Anglófonos. Em 2007, a **Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte (NACLO)** congregou Estados Unidos e Canadá anglófono. Além de Thomas Payne, idealizador original em 1998, a NACLO teve, entre seus fundadores, os linguistas computacionais *Dragomir Radkov Radev* (Universidade de Michigan, na época da fundação) e *Lori S. Levin* (Universidade Carnegie Mellon). Contando com o suporte financeiro de *Tatiana [Tanya] D. Korelsky* (Fundação Nacional de Ciências), o apoio de *James Pustejovsky* (Universidade Brandeis), e a orientação de *Ivan Derzhanski* (IOL) e *Boris Iomdin* (IOL) participaram da primeira edição 195 estudantes. Em 2017,

²⁵⁴ <http://www.inalco.fr/actualite/inalco-organise-olympiades-linguistique-2020-idf> Acesso em 27.05.20.

contou com o apoio de 10 universidades canadenses, 55 estadunidenses (entre elas Stanford, MIT, Princeton, Columbia, Yale etc.), mais de 100 escolas divulgadoras e a participação de quase 1.800 estudantes. Isso revela um crescimento de quase 800% numa década, em decorrência de diversos fatores como o apoio institucional, o patrocínio, a divulgação e a recepção dos estudantes.

Em 2008, a **Olimpíada Australiana de Computação e Linguística (OzCLO)** surgiu motivada por um e-mail de um pai em Ballarat, uma pequena cidade próxima a Melbourne, que conheceu a NACLO e a IOL na internet e questionou se sua filha poderia participar. *Dominique Estival*, membro da Associação Australiana de Tecnologia da Linguagem (ALTA), assumiu o projeto e, juntamente com *Jane Simpson* (Universidade de Sydney, na época), *Rachel Nordlinger* e *Jean Mulder* (Universidade de Melbourne) organizaram a OzCLO, com o auxílio de *Dragomir Radev* e *Lori Levin*. A OzCLO recebeu apoio financeiro da ALTA, da Rede de Ciência da Comunicação Humana (HCSNet), da Sociedade Australiana de Idiomas (ALS), da Organização de Pesquisa Científica e Industrial da Comunidade (CSIRO), do Google, da *Macquarie Dictionary*, *Co-op Bookshop*, do Departamento de Defesa do Governo Australiano e de diversas universidades. A primeira edição, em 2008, foi realizada com 119 estudantes na Universidade de Melbourne e na Universidade de Sydney. Após cinco anos, em 2013, participaram da OzCLO 1.451 estudantes de todas as regiões do país, o que indica a possibilidade de alcançar estudantes motivados mesmo em países com grande extensão territorial.

Também entre 2008 e 2009, *Harold Somers* conheceu a NACLO e conseguiu financiamento para fundar a **Olimpíada Linguística de toda a Irlanda (AILO)**, organizada pelo Centro de Tecnologia de Conteúdos Digitais (ADAPT), sediado na Universidade de Dublin (DCU), e financiado pela Fundação de Ciências da Irlanda (SFI) envolvendo três outras universidades e parceiros do setor de tecnologia (Alquimia, IBM, Microsoft, SDL, SpeechStorm, Symantec, Traslán, VistaTEC e DNP Japão), o que revela o interesse de empresas da área para esse tipo de evento acadêmico. Em sua primeira edição, a AILO utilizou uma seleção de material desenvolvido pela NACLO e foi contactada por algumas escolas do Reino Unido para enviar uma equipe à IOL, mesmo sem uma olimpíada nacional própria.

Pela iniciativa de um estudante que queria participar da IOL, em 2010, surgiu a **Olimpíada de Linguística do Reino Unido (UKLO)**, assumida por *Neil Sheldon*, *Richard (Dick) Hudson* e *Graeme Trousdale*, do Comitê de Linguística na Educação

(*CLIE*) que é um Comitê conjunto da Associação de Linguística da Grã-Bretanha (*LAGB*) e da Associação Britânica de Linguística Aplicada (*BAAL*). A *UKLO* é patrocinada por numerosas associações, escolas e indivíduos interessados no ensino de idiomas no país. No ano inaugural, 2010, participaram 562 pessoas, no ano seguinte foram 1165, e depois, 1912 estudantes de mais de 300 escolas, o que demonstra o potencial de atrair estudantes, mesmo com apenas três edições.

Em 2012, a Ilha de Man começou a **Seleção para Olimpíada Internacional de Linguística** (*LINGOMANN*), organizada por *Robert (Rob) Teare*, professor secundário e chefe do Escritório de Ensino de Manx do Departamento de Educação, e por *Max Wheeler*, professor emérito de Linguística da Universidade de Sussex. Tanto o Reino Unido quanto a Irlanda se ofereceram para ajudar na provisão de problemas. Um coordenador foi recrutado em cada escola secundária participante para ajudar na condução da competição. Foi criada uma Instituição Beneficente, a *Public Charity Lingomann*, que recebe doações principalmente de empresas de Tecnologia da informação (TI) e do setor financeiro para apoiar a difusão de línguas não inglesa na ilha. Esta Instituição cobre os custos da viagem à IOL. Desde 2013, a Ilha de Man participa como um território independente do Reino Unido na IOL.

Entre 2015 e 2017, foi realizada a **Olimpíada de Linguística da Nova Zelândia** (*NZLO*), organizada por *Lynn Clark*, docente da Universidade de Canterbury (*UC*). Originalmente chamada de “*The UC Linguistics Amazing Race*” (A incrível corrida Linguística da Universidade de Canterbury), o projeto foi apoiado por *Dick Hudson (UKLO)* e por *Dragomir Radev (NACLO)*, mas foi descontinuado em 2018 por falta de recursos humanos e financeiros. A *NZLO* nunca enviou participantes à etapa Internacional, IOL, e não consta na lista de Olimpíadas, ao contrário da Armênia e de Belarus que se encontram em situação semelhante.

Como cada etapa de cada edição da Olimpíada exige novos problemas anualmente, em 2012 surgiu uma rede cooperativa para o desenvolvimento de novos problemas conhecida como **ELCLO: Olimpíada de Linguística Computacional de Língua Inglesa**, sediada na *NACLO*, sendo mais um exemplo de cooperação internacional envolvendo as Olimpíadas de Linguística.

Outra forma de fomento de Olimpíadas Nacionais é o convite de equipes “isoladas” para a IOL, como ocorreu com a Sérvia (2004 a 2013); Lituânia (2006); Noruega (2010); Emirados Árabes Unidos (2011) Vietnã (2011); Grécia (2012 e 2014); Israel (2012); Paquistão (2014 e 2016); França (2015); e Sri Lanka (2016).

Tais países não organizaram suas olimpíadas nacionais, contudo, a estratégia tem funcionado em outros lugares, como veremos adiante. Nas primeiras participações, equipes formadas por estudantes de apenas um colégio ou uma cidade eram permitidas para representar seus países, mas com o aumento de participantes, escolas e regiões essa prática não é mais necessária e nem recomendada. Em 2012, a IOL determinou que os países credenciados tivessem uma competição nacional de seleção e um sítio na internet para ampla divulgação.

O quarto movimento olímpico ocorreu nos Países Asiáticos, que passou a somar novos representantes a IOL. Em 2008 e 2009, um grupo de estudantes da República da Coreia participou como convidada com duas equipes de escolas particulares. A ideia se espalhou por muitos estudantes que desejavam competir e ter mais destaque em suas candidaturas à universidade. Em 2010, a **Olimpíada de Linguística da Coreia (KLO)** virou um evento nacional promovido pela Sociedade de Linguística da Coreia. A partir de 2015, foi realizada pelo Comitê Organizador da KLO em parceria com o Centro de Pesquisa Semiosis (SRC) da Universidade de Estudos Estrangeiros de Hankuk (HUFES), que organizou a IOL de 2019.

Em 2009, uma estudante de Mumbai (Bombaim), *Aakanksha Sarda*, descobriu a IOL e juntamente com seu irmão, *Sagar Sarda*, e sua mãe, *Zarana Sarda*, participaram das IOL 2009 e 2010. *Zarana* procurou o Departamento de Linguística da Universidade de Mumbai (MU) para propor uma olimpíada nacional na Índia. Em 2011, foi organizada a **Olimpíada Panini de Linguística (PLO)**, sob a liderança do professor *Avinash Rambachan Pandey*, apenas com participantes de Mumbai. Assim, a MU continuou realizando a PLO com no máximo 25 estudantes por edição até 2013. A primeira rodada era realizada em poucas escolas e a segunda rodada era realizada na MU. *Zarana* foi a líder da equipe da Índia durante esses 5 anos. Não havia financiamento para o programa, e os próprios estudantes pagavam suas viagens e registros da IOL. Em 2012, *Dragomir Radev*, ajudando a fomentar as olimpíadas de língua inglesa, entrou em contato com *Monojit Choudhury*, pesquisador da Microsoft na Índia, e perguntou se a Microsoft Research poderia apoiar e/ou patrocinar a PLO. Por coincidência, na mesma época, uma colega também entrou em contato com *Monojit* para pedir ajuda para seu aluno *Yash Sinha* que treinava para a IOL. Através desse, *Monojit* foi apresentado a *Zarana* e *Avinash*, e participou do acampamento de 2013 da PLO, na MU, e ficou muito impressionado. *Monojit* contactou centros locais em 10 cidades indianas,

ampliando o programa para todas as regiões do país. Em 2020, a primeira rodada ultrapassou 500 estudantes. Em 2016, *Zarana* e *Avinash* se aposentaram das atividades e a *PLO* passou a ser conduzida e patrocinada pelo Instituto Internacional de Tecnologia da Informação de Hyderabad (*IIT-H*), pelo Microsoft Research India (*MRI*), pela Universidade Jawaharlal Nehru (*JNU*) em Nova Délhi, e pela Universidade de Mumbai (*MU*).

De 2010 a 2015 a **Olimpíada de Linguística de Singapura** (*SGLO*) foi organizada por *Janissa Soh* e algumas escolas parceiras, que participaram por seis edições da IOL, mas interromperam suas atividades em 2016.

Além da *SGLO*, vale lembrar das interrupções do Vietnã, que participou em 2011, e do Sri Lanka, que participou em 2016, como parte do movimento olímpico asiático, porém sem a formação de uma olimpíada nacional. Não conseguimos informações sobre as razões da descontinuidade desses três países na IOL.

Em 2012, a China promoveu a **Olimpíada de Linguística Nacional da China** (*NOL*), organizada pelo Centro Internacional de Competição e Intercâmbio de Jovens da China (*ITCCC*). A *NOL* recebeu o apoio da Sociedade Chinesa de Informação e da Academia Chinesa de Ciências Sociais para formar um Comitê Científico e garantir o conteúdo acadêmico do evento. Apenas dois anos depois, em 2014, o Centro e a Universidade de Língua e Cultura de Pequim organizaram a 12ª IOL, na China, sendo a 1ª edição da IOL na Ásia, o que ajudou a impulsionar ainda mais o movimento olímpico regional.

De 2012 a 2013, alguns estudantes japoneses participaram da IOL como convidados. Em 2014, *Nakamura Toshiharu*, avô de um dos participantes e professor aposentado de alemão, contactou seu colega linguista *Paul Snowden* para organizar uma competição nacional. *Snowden*, que tinha acabado de se mudar da Universidade de Waseda para ser vice-presidente da Universidade de Kyorin, convidou docentes das duas universidades e professores das escolas Shotoku e Junten para o **Comitê do Japão para as Olimpíadas Internacionais de Linguística** (*IOLING*). A Sociedade Japonesa de Promoção da Ciência (*JSPS*), órgão governamental para atividades educacionais, ofereceu apoio oficial a partir de 2017. O jornal Asahi Shimbun, um dos cinco grandes jornais nacionais do Japão, publicou uma entrevista com *Snowden* e foi lançado um sítio virtual em japonês e inglês - uma das condições para o reconhecimento do Comitê Internacional da Ioling. Como resultado, a participação estudantil tem dobrado a cada ano.

De 2013 a 2015, Taiwan participou da IOL com apenas uma estudante por ano. Em 2015 organizou a **Olimpíada Linguística de Taiwan (TOL)**, promovida pelas seguintes instituições: Instituto de Linguística da Universidade Nacional de Taiwan (NTU); Sociedade Linguística de Taiwan (LST); Instituto de Linguística da Universidade Nacional Chung Cheng (CCU); e ainda, Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Nacional Sun Yat-sen (NSYSU).

Em 2014 e 2016, o Paquistão participou da IOL e fez parte desse movimento asiático, ainda que não tenha formado uma olimpíada nacional.

Em 2015, foi lançada a **Olimpíada Nacional de Linguística em Bangladesh (NLO)**, organizada pela Sociedade Linguística de Bangladesh (LSDB), formada por coordenadores de nível distrital em todo o país. O NLO organiza regularmente treinamentos, workshops, seminários, simpósios, trabalhos de pesquisa e participa de eventos nacionais e internacionais como parte de suas atividades.

Monojit Choudhury, organizador da 2ª IOL realizada na Ásia, em Mysore, na Índia, conheceu *Bal Krishna Bal* nos EUA enquanto este era professor visitante na Universidade de Houston, no Texas. *Monojit* perguntou a *Bal* a razão do Nepal não participar da IOL, mas *Bal* nunca tinha ouvido falar desse evento. Assim, na IOL na Índia, em 2016, *Bal* enviou seu orientando de mestrado *Chandan Prasad Gupta* como observador e, em 2017, surgiu a **Olimpíada de Linguística Computacional do Himalaia no Nepal (HLON)**, organizada pela Tecnologia de Línguas Kendra (LTK), uma empresa sem fins lucrativos, que é uma colaboração entre o Departamento Central de Linguística (CDL) da Tribhuvan University (TU) e o Departamento de Ciência da Computação e Engenharia (DoCSE) da Kathmandu University (KU). Patrocinada por empresas de telecomunicações e outras do setor privado, *Chandan Prasad Gupta* conduziu a equipe pela primeira vez à IOL somente em 2019, depois da realização da terceira edição da HLON.

Em 2017, *Suhaimi Ramly* e *Khairul Anwar M. Zaki* foram observadores na IOL e no ano seguinte, 2018, organizaram a **Olimpíada de Linguística Computacional da Malásia (MyCLO)**, administrada pela Consultoria Educacional Ardente (*ArdentEdu*), um organizador de concursos educacionais (incluindo olimpíadas), de formação de professores e de programas educacionais com foco nas Habilidades de Pensamento em Ordem Superior (HOTS) e Pensamento Computacional (CT). No ano inicial, foram convidados *Stanislav Gurevich* (co-presidente da IOL) e *Rachel Hendery* (organizadora da OzCLO) a Kuala Lumpur para um treinamento do Comitê

de Problemas e do Comitê Organizador. Em sua primeira edição, teve 120 participantes reunidos no Centro PERMATA Insan, da Universidade Ciência Islâmica da Malásia (*USIM*), anteriormente conhecida como Faculdade Universitária Islâmica da Malásia (*KUIM*). Em 2019, recebeu 269 estudantes de todo o país em 5 locais, em Kuala Lumpur, Penang, Pahang, Melaka e Sarawak. O Ministério da Educação da Malásia reconheceu a *MyCLO* e a IOL como forma de obter notas curriculares de acordo com o desempenho.

Em 2019, surgiu a **Olimpíada de Linguística de Hong Kong** (*HKLO*), organizada pelo Departamento de Chinês e Estudos Bilingües e ainda pelos Departamentos de Inglês e de Computação, todos da Universidade Politécnica de Hong Kong (*PolyU*). O idioma de trabalho da *HKLO* é o inglês. Devido às circunstâncias geopolíticas de Hong Kong, também registrado no regulamento da IOL, os participantes elegíveis para outras Olimpíadas Linguísticas além da *HKLO* não podem participar em vários eventos (representando vários “países”) a cada ano. Os participantes precisam optar por participar apenas do *HKLO* ou de um dos outros para os quais são elegíveis. É patrocinada por uma série de entidades como o Centro de Pesquisa da Universidade Politécnica de Pequim sobre Linguística Chinesa (*RP2U2*), o Centro de Pesquisa para Comunicação Profissional em Inglês (*RCPCE*), a Academia de Humanidades de Hong Kong (*HKAH*), a Sociedade Linguística de Hong Kong (*LSHK*), o Comitê Permanente de Ensino de Idiomas e Pesquisa (*SCOLAR*), entre outras entidades.

Em 2019, delegados da Índia, Malásia, República da Coreia e Taiwan criaram a **Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico** (*APLO*). É semelhante à Olimpíada Internacional de Linguística em espírito, natureza e estilo dos problemas. A *APLO* não é um evento em que estudantes de diferentes países se reúnem fisicamente em um só lugar para participar. Em vez disso, os conjuntos de problemas são distribuídos aos comitês organizadores locais dos países ou regiões participantes de antemão, e todos os participantes fazem a prova em seu país de origem no mesmo dia. A maioria das Olimpíadas asiáticas utilizam a *APLO* como segunda fase de seleção de seus eventos nacionais. As equipes nacionais mais recentes, *HLON*, *MyCLO* e *HKLO*, participaram da *APLO* e enviaram pela primeira vez representantes à IOL em 2019, na República da Coreia, na 3ª IOL asiática em 6 anos, o que demonstrou a força e a consolidação das Olimpíadas na Ásia.

Os Emirados Árabes Unidos, em 2011, e Israel, em 2012, participaram como convidados da IOL, mas não constituíram suas Olimpíadas Nacionais.

Por fim, no mesmo período que os eventos anteriores, o quinto movimento de criação de Olimpíada de Linguísticas chega às Américas não-anglófonas. Em 2011, surgiu a **Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL)**, primeiro país sul-americano a participar da IOL. Da mesma forma, o português passou a ser a primeira língua românica regular no evento, depois de breves participações do romeno e do espanhol. O desenvolvimento Institucional da OBL, como parte da análise deste trabalho, será detalhado adiante.

Em 2017, o Canadá promoveu a **Olimpíada Linguística Canadense Francófona (OLC)**, organizada por *Andrés Pablo Salanova* e *Gustavo Beritognolo*, ambos do Departamento de Linguística da Universidade de Ottawa (*UO*), com a colaboração de voluntários, especialmente ex-participantes. A *OLC* recebe apoio técnico e logístico da *NACLO* para a organização dos eventos e trabalha em estreita colaboração com a Olimpíada do Idioma Inglês do Canadá. Os patrocinadores são da Associação de Linguística Computacional da América do Norte (*NAACL*) além de vários Departamentos de Linguística de universidades canadenses e patrocinadores individuais. A **Olimpíada Linguística Canadense Anglófona (CLO)** continuou sendo organizada pela *NACLO*. As duas Olimpíadas canadenses, em francês e em inglês, resultam na sigla **OLCLO**, pois acontecem simultaneamente.

Em 2019, a Colômbia promoveu a **Olimpíada Colombiana de Linguística (OCL)**, organizada pelos professores *George Enrique Dueñas Luna*, da Universidade Nacional da Colômbia (*UNC*) e do Instituto *Caro y Cuervo (ICC)*, e *María Losada Falk*, do Departamento de Olimpíadas da Colômbia, da Universidade Antonio Narión (*UAN*). Apesar de *George Luna* ter proposto a ideia de uma Olimpíada em 2009, a ideia se concretizou após um curso de Linguística Aplicada ministrado por ele na *UNC* cuja temática era a criação e o ensino de conteúdo linguístico para pré-universitários. Os estudantes do curso leram sobre o tema, criaram materiais didáticos e exercícios sobre as línguas nativas da Colômbia. Os materiais didáticos foram usados para treinar os participantes e os exercícios foram usados para as *OCL*. Em sua primeira edição, a *OCL* contou com mais de 1000 participantes de vários lugares da Colômbia. Os finalistas viajaram para a capital, Bogotá, onde receberam um treinamento especial e fizeram a rodada final.

Apêndice B – Histórico da Olimpíada Internacional de Linguística

A primeira IOL foi realizada de 8 a 12 de setembro de 2003, no Hotel Chamkoria, resort das montanhas de Borovetz, Bulgária. Sob a organização geral de *Alexander Kibrik (MGU)*, participaram 33 estudantes em 9 times vindos de 6 países: Bulgária, Estônia, Holanda, Letônia, República Tcheca e Rússia. A prova individual trouxe a álgebra transcendental, aritmética árabe, datas bascas, sentenças adigue e prefixos do francês. A prova de equipe tratou do tocariano A e B, do uso de índices e performativos. Presidido pelo búlgaro *Ivan Derzhanski*, o júri atribuiu 7 medalhas (3 de ouro, 2 de prata e 2 de bronze), 3 *Troféus de equipes* e 9 prêmios de solução.

A segunda IOL foi realizada de 2 a 6 de agosto de 2004, na Universidade Estatal Russa para as Humanidades (*RGGU*), em Moscou, na Rússia. Sob a organização geral de *Vladimir Alpatov* (Academia de Ciências Russa), participaram 45 estudantes, em 12 times de 7 países, Polônia e Sérvia pela primeira vez. A prova individual tratou sobre kayapó, agência de notícias swift, latim, dacota e chuvache. A prova de equipe tratou sobre o armênio. Presidido por *Boris Iomdin*, que foi premiado entre 1989-1993 na Olimpíada moscovita, o júri da IOL atribuiu 14 medalhas individuais (3 de ouro, 4 de prata e 7 de bronze), bem como 3 *Troféus de equipes* e 9 prêmios de melhor solução.

A terceira IOL foi realizada de 8 a 12 de agosto de 2005, em Leiden, Holanda. Sob a organização geral de *Michiel Arnoud Cor de Vann* (Universidade de Leiden - *LU*), participaram 50 estudantes, em 13 equipes de 9 países, Finlândia e Romênia pela primeira vez. A prova individual tratou sobre tzotzil, langu, mansi, ioruba e lituano. A prova de equipe tratou sobre o figuig. Presidido por *Ksenia Gilyarova*, integrante desde 1994 do Comitê de Problemas da Olimpíada moscovita, o júri da IOL premiou 6 medalhas (1 de ouro, 1 de prata e 4 de bronze), 9 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 8 prêmios de solução.

A quarta IOL foi realizada de 1 a 6 de agosto de 2006, na Universidade de Tartu (*UT*), na Estônia. Sob a organização geral de *Renate Pajusalu (UT)*, participaram 51 estudantes, em 13 equipes de 9 países, a Lituânia enviou uma equipe pela primeira vez. A prova individual tratou sobre dacota, catalão, khmer, udihe e ngoní. A prova de equipe tratou sobre a língua de sinais americana. Presidido pelo letão *Alexander S. Berdičevskis*, integrante entre 2002 e 2007 do Comitê de Problemas da Olimpíada moscovita, o júri da IOL atribuiu 13 medalhas (3

de ouro, 6 de prata e 4 de bronze), bem como 2 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 6 prêmios de melhor solução.

A quinta IOL foi realizada de 31 de julho a 4 de agosto de 2007, no Hotel Gelios, São Petersburgo, Rússia. Sob a organização geral de *Stanislav Gurevich* (Liceu Anichkov e Ginásio 371), participaram 61 estudantes, em 15 equipes de 9 países. Espanha, Estados Unidos e Suécia compareceram pela primeira vez. A prova individual tratou sobre o sistema braille, a negação em movima, verbos em georgiano, numerais em ndom e correspondências entre turco e tártaro. A prova de equipe tratou sobre a árvore genealógica em havaiano. Presidido por *Dmitry Gerasimov*, que foi premiado em 1996 e organizador a partir de 1998 na Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de São Petersburgo²⁵⁵, o júri da IOL atribuiu 12 medalhas (2 de ouro, 6 de prata e 4 de bronze), bem como 4 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 3 prêmios de melhor solução.

A sexta IOL foi realizada de 4 a 9 de agosto de 2008, no Black Sea Resort, em Sunny Beach, Slanchev Bryag, Bulgária. Sob a organização geral de *Ilyana Petrova Raeva*, participaram 67 estudantes, em 16 equipes de 11 países, Alemanha, Eslovênia e República da Coreia pela primeira vez. A prova individual tratou sobre a ortografia listuguj na língua micmac, sobre uma poesia nórdica antiga, sobre as correspondências entre drehu e cemuhî, a morfologia copainalá zoque e uma tradução em inuktitut. A prova de equipe tratou sobre as correspondências entre mandarim e cantonês no sistema fanqie. Novamente presidido por *Ivan Derzhanski*, o júri atribuiu 20 medalhas (3 de ouro, 7 de prata e 10 de bronze), bem como 4 *Troféus de equipes* e 6 prêmios de melhor solução.

A sétima IOL foi realizada de 26 a 31 de julho de 2009, na Universidade de Wrocław (*UWr*), na Polônia. Sob a organização geral do matemático *Michał Śliwiński* (*UWr*), participaram 86 estudantes, em 23 equipes de 17 países, Austrália, Índia, Irlanda e Reino Unido pela primeira vez. A prova individual tratou sobre os numerais na língua sulka, línguas maninka e bamana, nomes tradicionais birmaneses e sua relação com as datas de nascimento, posição de estresse no velho índico e a relação entre gramática e morfologia em náuatle clássico. A prova de equipe tratou sobre o vietnamita. Presidido pelo búlgaro *Todor Tchervenkov*, professor da Universidade Lumière Lyon 2, que foi premiado na 2ª IOL em 2004, o júri da IOL

²⁵⁵ <https://web.archive.org/web/20060815225611/http://www.olympics.spb.ru/history/history1.htm>

atribuiu 22 medalhas (2 de ouro, 9 de prata e 11 de bronze), além de 20 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças de pontuação média e 9 prêmios de solução.

A oitava IOL foi realizada de 19 a 24 de julho de 2010, no Östra Real Hostel, em Estocolmo, na Suécia. Sob a organização geral de *Hedvig Skigård* (Jovens Cientistas de Estocolmo - *UFS*), participaram 99 estudantes, em 26 equipes de 18 países, Noruega e Singapura pela primeira vez. A prova individual tratou sobre as formas verbais em budukh, o sistema de contagem de drehu, a semantografia *blissymbolics*, codificação de mRNA, e a conexão entre os dialetos sursilvan e engadine em romanche. A prova de equipe tratou sobre a tradução de extratos de um dicionário mongol monolíngue. Presidido por *Alexander Piperski*, que foi premiado em 2004 e 2005 nas 34^o e 35^o Olimpíadas Tradicionais de Linguística de Moscou e nas 2^o e 3^o Olimpíadas Internacionais em Linguística²⁵⁶, o júri da IOL atribuiu 27 medalhas (3 de ouro, 9 de prata e 15 de bronze), 23 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação e 12 prêmios de melhor solução.

A nona IOL foi realizada de 24 a 31 de julho de 2011, na Universidade Carnegie Mellon (*CMU*), em Pittsburgo, Pensilvânia, Estados Unidos. Sob a organização de *Lori S. Levin* (*CMU*), participaram 102 estudantes, em 27 equipes de 19 países, **Brasil**, Canadá anglófono, Emirados Árabes Unidos e Vietnã pela primeira vez. A prova individual tratou sobre menomini, ortografia faroesa, sintaxe da língua vai, semântica náuatle e código de barras EAN-13. A prova de equipe tratou sobre a poesia sânscrita. Presidido pelo matemático *Adam Classen Hesterberg*, que em 2007 foi 1^o colocado na 1^a *NACLO* e na 5^a IOL, o júri da IOL atribuiu 25 medalhas (4 de ouro, 8 de prata e 13 de bronze), além de 25 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação e 5 prêmios de melhor solução.

A décima IOL foi realizada de 30 de julho a 3 de agosto de 2012, na Universidade de Liubliana (*UL*), na Eslovênia. Sob a organização geral de *Mirko Vaupotič* (secretário-geral da Associação de Cultura Técnica da Eslovênia - *ZOTKS*), participaram 131 estudantes, em 34 equipes de 26 países, China, Grécia, Hungria, Israel e Japão pela primeira vez. A prova individual tratou sobre a sintaxe de dyirbal, números de umbu-ungu, pronomes basco, sintaxe de teop e semântica da língua rotumana. A prova de equipe tratou sobre nomes de países na língua do Laos.

²⁵⁶ <http://www.lingling.ru/about/> Acesso em 27.05.20.

Presidido pela terceira vez por *Ivan Derzhanski*, o Júri da IOL atribuiu 37 medalhas (8 de ouro, 13 de prata e 16 de bronze), além de 24 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 10 prêmios de melhor solução.

A décima primeira IOL foi realizada de 22 a 26 de julho de 2013, na Escola de Gramática de Manchester, no Reino Unido. Sob a organização geral do matemático *Neil Sheldon* (Escola de Gramática de Manchester), participaram 138 estudantes, em 35 equipes de 26 países, Ilha de Man, Taiwan e Turquia pela primeira vez. A prova individual tratou sobre a morfologia de yidiny, a semântica do iucaguir, a fonologia do pirahã, a sintaxe muna e a telepatia baseada no Inglês. A prova de equipe tratou sobre a tradução da lista de Martin Seymour-Smith dos 100 livros mais influentes do georgiano no roteiro de Nuskhuri do século IX. Presidido por *Stanislav Gurevich*, o júri da IOL atribuiu 36 medalhas (7 de ouro, 12 de prata e 17 de bronze), além de 35 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 7 prêmios de melhor solução.

A décima segunda IOL foi realizada de 21 a 25 de julho de 2014, na Universidade de Língua e Cultura de Beijing (*BLCU*), em Beijing (Pequim), China. Sob a organização geral de *Jiang Yuqin* (Centro Internacional de Competição e Intercâmbio de Jovens da China - *ITCCC*), participaram 152 estudantes, em 39 equipes de 28 países, Paquistão e a Ucrânia pela primeira vez. A prova individual tratou sobre a morfologia benabena, morfofonologia kiowa, parentesco em tangut, sintaxe engenni e semântica gbaya. A prova de equipe tratou sobre os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos em armênio. Presidido por *Tae Hun (Daniel) Lee*, o júri da IOL atribuiu 41 medalhas (7 de ouro, 13 de prata e 21 de bronze), além de 28 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 5 taças de maior pontuação média e 9 prêmios de melhor solução.

A décima terceira IOL foi realizada de 20 a 24 de julho de 2015, na Universidade Americana da Bulgária (*AUBG*), Blagoevgrad, Bulgária. Sob a organização geral de *Aleksandar Velinov* (União dos Matemáticos da Bulgária), participaram 166 estudantes, em 43 equipes de 29 países, Bangladesh, Cazaquistão e França pela primeira vez. A prova individual tratou sobre os números de náuatle e arammba, a morfologia do dialeto besleney da língua kabardiano, o código Soundex, a sintaxe de wambaya e as regras de poesia somali na métrica masafó. A prova de equipe tratou sobre extratos de um dicionário do sotho do nordeste para construir uma gramática e um léxico da língua. Presidido pelo engenheiro de software búlgaro

Bozhidar Bozhanov, o júri atribuiu 46 medalhas (7 de ouro, 17 de prata e 22 de bronze), além de 31 menções honrosas, 4 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 7 prêmios de melhor solução.

A décima quarta IOL foi realizada de 25 a 29 de julho de 2016, no Centro de Desenvolvimento Infosys, em Mysore, Índia. Sob a organização geral de *Monojit Choudhury* (Laboratório de pesquisa da Microsoft Índia) e também de *Girish Nath Jha* (Universidade Jawaharlal Nehru), participaram 167 estudantes, em 43 equipes de 30 países, Sri Lanka pela primeira vez. A prova individual tratou sobre os dêiticos espaciais em aralle-tabulahan, a escrita hieroglífica luvita, a morfossintaxe núbica kenzi, a semântica iatmül e a morfologia jacaru. A prova de equipes tratou sobre mais de 100 enunciados em taa e suas transcrições no Alfabeto Fonético Internacional (AFI). Presidido novamente por *Boris Iomdin*, o júri da IOL atribuiu 53 medalhas (10 de ouro, 17 de prata e 26 de bronze), além de 24 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 3 taças para a maior média e 8 prêmios de melhor solução.

A décima quinta IOL foi realizada de 31 de julho a 04 de agosto de 2017, na Universidade da Cidade de Dublin (DCU), na Irlanda. Sob a organização geral da linguista computacional *Cara Nicole Greene* (DCU), participaram 172 estudantes, em 43 equipes de 28 países, contando o Canadá Francófono como um território diferente do Anglófono. A prova individual tratou sobre igualdade aritméticas na língua birom, possessivo em abui, sintaxe em kimbundu, escrita khom da língua laven e morfologia madak. A prova de equipe tratou sobre a correspondência de 87 emoji em Indonésio. Presidido pelo irlandês *Hugh Dobbs*, integrante do Comitê de Problemas desde 2010, o júri da IOL atribuiu 50 medalhas (10 de ouro, 18 de prata e 22 de bronze), 33 menções honrosas, 3 *Troféus de equipes*, 1 taça de maior pontuação média e 8 prêmios de melhor solução.

A décima sexta IOL foi realizada de 26 a 30 de julho de 2018, na Universidade da Charles, em Praga, na República Tcheca. Sob a organização geral de *Vojtěch (Vojta) Diatka*, participaram 192 estudantes, em 49 equipes de 30 países, Dinamarca e Malásia pela primeira vez. A prova individual tratou sobre estresse e tonicidade em creek, morfossintaxe de hakhun, fonologia de terêna, sistema numérico em arapesh das montanhas e a árvore genealógica em akan. A prova de equipe tratou sobre correspondências fonológicas entre as três línguas jê Mëbêngôkre, Xavante e Krĩkatí. Presidido por *Maria Rubinstein*, que foi premiada na Olimpíada Tradicional de Linguística e Matemática de Moscou em 1996, o júri da

IOL atribuiu 60 medalhas (13 de ouro, 17 de prata e 30 de bronze), 19 menções honrosas, 6 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 11 prêmios de melhor solução.

A décima sétima IOL foi realizada de 29 de julho a 2 de agosto de 2019 na Universidade de Estudos Estrangeiros Hankuk, em Yongin , na República da Coreia. Presidido por *Minkyu Kim* (Universidade Nacional de Seoul - *SNU*), participaram 209 estudantes, em 53 equipes de 36 países, Colômbia, Hong Kong, Nepal e Uzbequistão pela primeira vez. A prova individual tratou sobre a tradução de yonggom, cores de yurok, persa médio na ortografia pálavi dos livros, a reduplicação em tarangan ocidental, os dias da semana e dêiticos temporais em nooni. A prova de equipe tratou sobre os símbolos usados pelos juízes na ginástica rítmica. Presidido novamente por *Tae Hun (Daniel) Lee*, o júri da IOL atribuiu 60 medalhas (10 de ouro, 21 de prata e 29 de bronze), 31 menções honrosas, 6 *Troféus de equipes*, 3 taças de maior pontuação média e 7 prêmios de melhor solução.

Apêndice C – Premiação dos países-membros na IOL até 2020

Em ordem alfabética de países, observamos no sítio eletrônico da IOL que:

A **Alemanha** competiu pela primeira vez na IOL em 2008 e participou em seis edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 24 participantes em 6 equipes, com 2 medalhas (1 de prata e 1 de bronze), 1 prêmio de melhor solução e 6 menções honrosas. O time alemão vem do Concurso Nacional de Seleção Alemã.

A **Austrália** competiu pela primeira vez na IOL em 2009 e participou em onze edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 57 participantes em 15 equipes, conquistando 7 medalhas (1 de ouro, 2 de prata e 4 de bronze), 1 *Troféu de equipes* de prata, 1 prêmio de melhor solução e 8 menções honrosas. O time australiano é selecionado na Olimpíada Australiana de Computação e Linguística.

O **Bangladesh** competiu pela primeira vez na IOL em 2015 e competiu em três edições, a mais recentemente em 2019. No total, enviaram 14 participantes em 4 equipes. O time é escolhido na Olimpíada Nacional de Linguística em Bangladesh.

O **Brasil** competiu pela primeira vez na IOL em 2011 e participou em oito edições, a mais recente em 2019. No total, enviamos 43 participantes em 11 equipes, conquistando 8 medalhas (1 de ouro, 4 de prata e 3 de bronze), 1 *Troféu de equipes* de bronze, 3 prêmios de melhor solução e 6 menções honrosas. Além disso, o Brasil possui 2 medalhistas de repetição no *Hall da fama*. O time brasileiro é selecionado na Olimpíada Brasileira de Linguística.

A **Bulgária** foi um dos seis países originais a participar da IOL e participou de todas as dezessete edições até 2019. No total, enviaram 138 participantes em 36 equipes, conquistando 62 medalhas (19 de ouro, 20 de prata e 29 de bronze), 7 *Troféus de equipes* (2 de ouro, 3 de prata e 2 de bronze), 13 prêmios de melhor solução, 22 menções honrosas e 2 menções honrosas na prova de equipes. A Bulgária possui 15 medalhistas de repetição no *Hall da fama* e 6 equipes dos sonhos. O time búlgaro é selecionado na Olimpíada de Linguística Matemática da Bulgária.

O **Canadá anglófono** competiu pela primeira vez na IOL em 2011 e participou em nove edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 36 participantes em 9 equipes, conquistando 11 medalhas (2 de ouro, 3 de prata e 6 de bronze), 3 prêmios de melhor solução e 11 menções honrosas. Além disso, o

Canadá possui 2 medalhista de repetição no *Hall da fama*. O time anglófono do Canadá é selecionado na Olimpíada Linguística Canadense Anglófona.

O **Canadá francófono** competiu pela primeira vez na IOL em 2017 e participou em três edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 12 participantes em 3 equipes. O time francófono do Canadá é selecionado na Olimpíada Linguística Canadense Francófona.

O **Cazaquistão** competiu pela primeira vez na IOL em 2015 e participou em cinco edições, a mais recente em 2019. No total, eles enviaram 36 participantes em 9 equipes, conquistando 2 medalhas de bronze e 4 menções honrosas. O time cazaque é selecionado na Olimpíada Linguística do Cazaquistão.

A **China** competiu pela primeira vez na IOL em 2012 e participou em oito edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 60 participantes em 15 equipes, conquistando 19 medalhas (1 de ouro, 8 de prata e 10 de bronze), 3 prêmios de melhor solução, 13 menções honrosas e 1 menção honrosa na prova de equipe. Além disso, a China enviou 1 medalhista de repetição para o *Hall da fama*. O time chinês é selecionado na Olimpíada de Linguística Nacional da China.

A **Colômbia** competiu uma única vez na IOL em 2019. No total, enviaram 4 participantes em 1 equipe. O time colombiano é selecionado na Olimpíada Colombiana de Linguística.

A **Dinamarca** competiu pela primeira vez na IOL em 2018 e participou em duas edições, a mais recente em 2019. Eles enviaram 8 participantes em 2 equipes. O time dinamarquês é selecionado na Liga de Idiomas do país.

Os **Emirados Árabes Unidos** fizeram apenas uma participação em 2011, com um único competidor.

A **Eslovênia** competiu pela primeira vez na IOL em 2008 e participou em doze edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 58 participantes em 16 equipes, conquistando 9 medalhas (4 de prata e 5 de bronze), 2 *Troféus de equipes*, 5 prêmios de melhor solução e 11 menções honrosas. Além disso, a Eslovênia possui 2 medalhistas de repetição no *Hall da fama*. O time esloveno é selecionado na Competição de Raciocínio Lógico, que também inclui Problemas Linguísticos Autossuficientes, da Associação de Cultura Técnica da Eslovênia.

A **Espanha** competiu pela primeira vez na IOL em 2007 e participou em cinco edições, a mais recente em 2017, pois a Olimpíada espanhola foi descontinuada por falta de patrocínio. No total, enviaram 21 participantes em 5 equipes, conquistando 1

menção honrosa e 1 menção honrosa da prova de equipes. O time espanhol era selecionado na Olimpíada de Linguística da Espanha.

O **Estados Unidos** competiu pela primeira vez na IOL em 2007 e participaram em treze edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 108 participantes em 27 equipes, conquistando 74 medalhas (19 de ouro, 35 de prata e 20 de bronze), 11 *Troféus de equipes* (8 de ouro e 3 de prata), 22 prêmios de melhor solução, 19 menções honrosas individuais e 2 em equipe. Além disso, o Estados Unidos possui 12 medalhas de repetição e 7 *Equipes dos sonhos* no *Hall da fama*. O time norte-americano é selecionado na Olimpíada de Linguística Computacional da América do Norte.

A **Estônia** foi um dos seis países originais a participar da IOL e participou de todas as dezessete edições até 2019. No total, enviaram 75 participantes em 19 equipes, conquistando 23 medalhas (1 de ouro, 7 de prata e 15 de bronze), 1 *Troféu de equipes*, 8 prêmios de melhor solução e 13 menções honrosas. Além disso, a Estônia possui 3 medalhistas de repetição no *Hall da fama* e 1 *Equipe dos sonhos*. O time estoniano é selecionado na Olimpíada de Linguística da Estônia.

A **Finlândia** competiu pela primeira vez na IOL em 2005 e ficou de 2007 a 2017 sem participar. Ao todo participou em quatro edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 16 participantes em 4 equipes, conquistando 1 menção honrosa. O time finlandês é selecionado na Olimpíada Finlandesa de Linguística.

A **França** fez apenas uma participação em 2015, com um único competidor.

A **Grécia** competiu pela primeira vez na IOL em 2012 e depois em 2014. No total, enviaram 12 participantes em 3 equipes.

O **Hong Kong** fez apenas uma participação em 2019, quando enviou 8 participantes em 2 equipes. O time de Hong Kong é selecionado na Olimpíada de Linguística de Hong Kong.

A **Holanda** foi um dos seis países originais a participar da IOL e participou de todas as dezessete edições até 2019. No total, enviaram 71 participantes em 18 equipes, conquistando 8 medalhas (2 de ouro, 2 de prata e 4 de bronze), 6 *Troféus de equipes*, 4 prêmios de melhor solução e 18 menções honrosas. O time holandês é selecionado na Olimpíada de Linguística da Holanda.

A **Hungria** competiu pela primeira vez na IOL em 2012 e participou em oito edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 56 participantes em 14

equipes, conquistando 7 medalhas (1 de prata e 6 de bronze) e 8 menções honrosas. Sua seleção acontece na Olimpíada Estudantil de Linguística da Hungria.

A **Ilha de Man** competiu pela primeira vez na IOL em 2013 e participou em seis edições, a mais recente em 2019. Eles enviaram 32 participantes em 8 equipes. O time da Ilha de Man vem da Seleção para Olimpíada Internacional de Linguística.

A **Índia** competiu pela primeira vez na IOL em 2009 e participou em todas as onze edições até 2019. No total, enviaram 64 participantes em 16 equipes, conquistando 21 medalhas (2 de ouro, 6 de prata e 130 de bronze), 9 prêmios de melhor solução e 11 menções honrosas. Além disso, a Índia possui 5 medalhistas de repetição no *Hall da fama*. Sua seleção é a Olimpíada Panini de Linguística.

A **Irlanda** competiu pela primeira vez na IOL em 2009 e participou em onze edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 49 participantes em 13 equipes, conquistando 2 medalhas de bronze e 5 menções honrosas. O time irlandês é selecionado na Olimpíada Linguística de toda a Irlanda.

Israel fez uma participação em 2012, com quatro competidores em 1 equipe.

O **Japão** competiu pela primeira vez na IOL em 2012 e participou em oito edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 53 participantes em 14 equipes, conquistando 9 medalhas (1 de ouro, 2 de prata e 6 de bronze), 1 prêmio de melhor solução e 10 menções honrosas. O time japonês é selecionado pelo Comitê do Japão para as Olimpíadas Internacionais de Linguística.

A **Letônia** foi um dos seis países originais da IOL e participou de todas as dezessete edições até 2019. No total, enviaram 72 participantes em 18 equipes, conquistando 14 medalhas (1 de ouro, 3 de prata e 10 de bronze), 2 *Troféus de equipes*, 5 prêmios de melhor solução e 10 menções honrosas. Além disso, a Letônia possui 2 medalhas de repetição no *Hall da fama*. O time letão é selecionado na Olimpíada Linguística da Letônia.

A **Lituânia** fez apenas uma participação em 2006, com quatro competidores em 1 equipe.

A **Malásia** competiu pela primeira vez na IOL em 2018 e participou em duas edições, a mais recente em 2019, enviando 16 participantes em 4 equipes, conquistando 3 medalhas (2 de prata e 1 de bronze), 1 *Troféu de equipes*. O time malásio é selecionado na Olimpíada de Linguística Computacional da Malásia com a segunda etapa na Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico (*APLO*).

O **Nepal** competiu uma única vez na IOL em 2019. Eles enviaram 4 participantes em 1 equipe. O time do Nepal é selecionado na Olimpíada de Linguística Computacional do Himalaia com a segunda etapa na Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico (APLO).

A **Noruega** competiu uma única vez na IOL em 2010. Eles enviaram 4 participantes em 1 equipe, conquistando 1 menção honrosa.

O **Paquistão** competiu pela primeira vez na IOL em 2014 e em 2016. No total, enviaram 8 participantes em 2 equipes.

A **Polônia** competiu pela primeira vez na IOL em 2004 e participou em dezesseis edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 121 participantes em 31 equipes, conquistando 48 medalhas (9 de ouro, 22 de prata e 17 de bronze), 6 *Troféus de equipes*, 13 prêmios de melhor solução e 27 menções honrosas. A Polônia possui 6 medalhistas de repetição no *Hall da fama* e 2 equipes dos sonhos. O time polonês é selecionado na Olimpíada de Linguística Matemática da Polônia.

O **Reino Unido** competiu pela primeira vez na IOL em 2009 e participou em onze edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 68 participantes em 17 equipes, conquistando 34 medalhas (13 de ouro, 8 de prata e 13 de bronze), 3 *Troféus de equipes*, 3 prêmios de melhor solução e 12 menções honrosas. Além disso, o Reino Unido possui 5 medalhistas de repetição no *Hall da fama* e 3 equipes dos sonhos. O time do Reino Unido é selecionado na Olimpíada de Linguística do Reino Unido.

A **República da Coreia** concorreu pela primeira vez na IOL em 2008 e participou em doze edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 96 participantes em 24 equipes, conquistando 19 medalhas (2 de ouro, 3 de prata e 14 de bronze), 1 *Troféu de equipes*, 4 prêmios de melhor solução, 17 menções honrosas e 1 menção honrosa na prova de equipe. Além disso, a República da Coreia possui 1 Medalhista de Repetição no *Hall da fama*. O time coreano é selecionado na Olimpíada de Linguística da Coreia, com a segunda etapa na Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico (APLO).

A **República Tcheca** foi um dos seis países originais a participar da IOL e participou em dez edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 41 participantes em 11 equipes, conquistando 12 medalhas (2 de ouro, 6 de prata e 4 de bronze), 1 *Troféu de equipes*, 3 prêmios de melhor solução e 9 menções

honrosas. Além disso, a República Tcheca possui 4 medalhistas de repetição no *Hall da fama*. O time Tcheco é selecionado na Olimpíada Linguística Tcheca.

A **Romênia** competiu pela primeira vez na IOL em 2005 e participou em nove edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 35 participantes em 9 equipes, conquistando 11 medalhas (2 de ouro, 3 de prata e 6 de bronze), 2 prêmios de melhor solução e 4 menções honrosas. Além disso, a Romênia possui 2 medalhistas de repetição no *Hall da fama* e 1 *Equipe dos sonhos*. O time romeno é selecionado na Olimpíada Nacional de Linguística Solomon Marcus.

A **Rússia** foi um dos seis países originais a participar da IOL e participou de todas as dezessete edições até 2019. No total, enviaram 148 participantes em 37 equipes, conquistando 81 medalhas (16 de ouro, 26 de prata e 39 de bronze), 15 *Troféus de equipes*, 24 prêmios de melhor solução, 21 menções honrosas e 1 menção honrosa na prova de equipes. Além disso, a Rússia possui 15 medalhistas de repetição no *Hall da fama* e 4 equipes dos sonhos. O time russo é escolhido nas Olimpíadas de Linguística e Matemática em Moscou e em São Petersburgo.

A **Sérvia** competiu pela primeira vez na IOL em 2004 e participou em sete edições, a última em 2013. Enviaram 28 participantes em 7 equipes, conquistando 1 medalha de bronze, 1 prêmio de melhor solução e 4 menções honrosas.

O **Singapura** competiu pela primeira vez na IOL em 2010 e participou em seis edições, a mais recente em 2015. No total, enviaram 24 participantes em 6 equipes, conquistando 5 medalhas (1 de prata e 4 de bronze) e 8 menções honrosas. O time de era selecionado na Olimpíada de Linguística de Singapura.

O **Sri Lanka** fez apenas uma participação em 2016, com um único competidor.

A **Suécia** competiu pela primeira vez em 2007 e participou em treze edições, a mais recente em 2019. Enviaram 83 participantes em 21 equipes, conquistando 9 medalhas (2 de prata e 7 de bronze), 1 *Troféu de equipes*, 1 prêmio de melhor solução e 5 menções honrosas. Além disso, a Suécia possui 2 medalhistas de repetição no *Hall da fama*. O time sueco é selecionado na Olimpíada de Linguística da Suécia.

O **Taiwan** competiu pela primeira vez na IOL em 2013 e participou em sete edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 35 participantes em 11 equipes, conquistando 10 medalhas (1 de ouro, 6 de prata e 3 de bronze), 1 *Troféu*

de equipes, 4 prêmios de melhor solução e 6 menções honrosas. O time de Taiwan é selecionado na Olimpíada Linguística de Taiwan.

A **Turquia** competiu pela primeira vez em 2013 e participou em cinco edições, a mais recente em 2019. Enviaram 23 participantes em 6 equipes, conquistando 1 medalha de bronze. Sua seleção vem da Olimpíada Nacional de Linguística Turca.

A **Ucrânia** competiu pela primeira vez na IOL em 2014 e participaram em seis edições, a mais recente em 2019. No total, enviaram 32 participantes em 8 equipes, conquistando 11 medalhas (1 de ouro, 3 de prata e 5 de bronze), 1 prêmio de melhor solução e 8 menções honrosas. Além disso, a Ucrânia possui 2 medalhistas de repetição no *Hall da fama*. O time ucraniano é selecionado na Olimpíada Ucraniana de Linguística.

O **Uzbequistão** competiu uma única vez na IOL em 2019. Enviaram 3 participantes em 1 equipe. O time do Uzbequistão é selecionado na Olimpíada de Linguística da Ásia-Pacífico (*APLO*).

O **Vietnã** fez uma participação em 2011, com dois competidores em 1 equipe.

Apêndice D – Histórico da Olimpíada Brasileira de Linguística

As edições da Olimpíada Brasileira de Linguística podem ser resumidas com os seguintes dados. Em 2 de abril de 2011, participaram da primeira fase da edição Kytã 189 estudantes, de 16 escolas, distribuídas em 14 cidades de 7 Estados. A fase presencial foi realizada entre 20 a 23 de maio, no Instituto de Matemática e Estatística da USP (IME-USP), com apoio da escola de robótica para crianças e adolescentes *CompHaus* e do Torneio Juvenil de Robótica. Foram selecionados sete estudantes que, com recursos privados, representaram o Brasil na 9ª IOL, em Pittsburgo, nos Estados Unidos. As provas desta edição trataram sobre guilagem camaco, compreensão de adjetivos em português pelo contexto, declinações do latim, alfabeto cirílico, algarismos inuktitut, conjugação de verbos em polonês, linear B, fonética semântica e inuktitut, números birum e possessivos em udihe. A prova em equipe envolveu línguas tipologicamente próximas ao português.

Em 17 de março de 2012, participaram da primeira fase da edição Noke Vana 1.010 estudantes, de 38 escolas, distribuídas em 31 cidades de 14 Estados. A fase presencial foi realizada entre 28 de maio e 1 de junho de 2012, no Avenida Charme Hotel, em Águas de São Pedro - SP, onde foram selecionados os quatro integrantes da delegação brasileira para a 10ª IOL em Liubliana, Eslovênia. Neste evento, o time Brasil ganhou suas primeiras medalhas, prata e bronze, uma menção honrosa e uma melhor solução. Nesse ano, a OBL conseguiu financiamento da Fundação Carlos Chagas (FCC), o que permitiu melhorar a divulgação e a estrutura institucional. As provas desta edição trataram sobre esperanto, carioquês e alfabeto fonético internacional, escrita tengwar, verbos télicos, harmonia vocálica em turco, árvore genealógica, alfabeto árabe e palavras portuguesas de origem árabe, sintaxe quéchua, evolução das línguas germânicas; numerais bugawac e semântica do toki pona. A prova de equipes envolveu produzir, a partir de corpus fornecido, um parágrafo de texto em esloveno.

Em 20 de outubro de 2012, participaram da primeira fase da edição Paraplü 758 estudantes, de 44 escolas, distribuídas em 33 cidades de 14 Estados. Embora o patrocínio da FCC não tenha continuado, foi possível, com financiamento do Colégio Etapa-SP, trazer para o Brasil o prof. Boris Iomdin, um dos fundadores da Olimpíada Internacional, para um curso entre os dias 21 a 26 de maio de 2013, realizado no mesmo colégio paulista. Foram selecionados quatro estudantes para a 11ª IOL, em

Manchester, no Reino Unido, onde o Brasil obteve sua primeira medalha de ouro. As provas desta edição trataram sobre ColorADD, tipos de antônimos, transcrição fonética de Guimarães Rosa, papiamento, relação entre Tupi antigo e Guarani Embiá, patronímicos em islandês, alfabeto moon, semântica do láadan e frases tonga; no segundo, questões sobre partitivo fínico, numerais manx e títulos de Jorge Amado em turco. A prova de equipes envolveu organizar famílias linguísticas a partir de títulos de filmes em várias línguas.

Em 09 de novembro de 2013, participaram da primeira fase da edição Vina 626 estudantes, de 60 escolas, distribuídas em 46 cidades de 17 Estados. Contudo, com a falta de recursos e patrocinadores, a quarta edição não contou com uma fase presencial. As atividades foram feitas *online*, no período entre 26 e 31 de maio de 2014, com palestras via *YouTube* e provas aplicadas à distância. Por meio de financiamento coletivo, o Brasil enviou quatro estudantes à 12ª IOL, em Beijing, na China. As provas desta edição trataram sobre as diferentes propostas ortográficas para o alemão predominante no sul do Brasil (o *hunshükisch*), o Lovers Communication System (LoCoS), a gramaticalização do verbo parecer, um sudoku (futoshiki) fonético, a morfologia dos substantivos deverbais em georgiano, a língua mirandesa, a escrita lontara, o sistema de numeração javanês e a leitura de horóscopos em polonês. A prova em equipe tomou a forma de um debate em torno do tema: “No Brasil ainda se fala a mesma língua que em Portugal?”

A edição prevista para 2014 - 2015 não chegou a ocorrer naquele ano. Assim, professores do Colégio Etapa, coordenado por Pedro Neves Lopes, ex-participante das IOL de 2011 e 2012 e, na época, estudante de graduação em engenharia mecatrônica na USP, decidiram organizar a nova edição por conta própria.

Em 17 de outubro de 2015, participaram da primeira fase da edição Òkun 408 estudantes, de 27 escolas, distribuídas em 38 cidades de 17 Estados. A segunda fase ocorreu nos dias 14 e 15 de maio de 2016, na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Poli-USP, e contou com palestras, atividades e provas. O Brasil voltou participar da IOL na sua 14ª edição, em Mysore, na Índia, com a participação da primeira representante feminina na delegação brasileira que contava com outros 3 estudantes. As provas desta edição trataram sobre a escrita amárica, o iorubá, comparações entre as línguas tapirapé e parintintin, o sistema de numeração maia, a língua brasileira de sinais (LIBRAS), a formação de sentenças em turco, semântica do finlandês, numerais iorubá, comparação entre o eslavo eclesiástico

antigo e as línguas eslavas modernas, e o sistema de escrita brahmi. A prova de equipes envolveu fornecer a localização de 80 cidades e marcos geográficos.

Em 2016, uma nova Comissão Organizadora da OBL se formou e no mesmo período foi firmada uma parceria com o recém-criado Instituto Vertere, uma instituição sem fins lucrativos voltada a promover ações educacionais, especialmente através de pedagogia olímpica. O Instituto apoiou e continua a dar suporte à OBL em diversas frentes: assessoria jurídica e financeira, captação de patrocinadores, suporte tecnológico, apoio em comunicação etc. Porém, não interfere nas decisões pedagógicas, preservando independência entre as duas entidades. Por meio dessa parceria, começou a ser realizada a prova de primeira fase *online*, por meio de aplicativo ou diretamente no navegador (*browser*) da internet, o que ampliou substancialmente o alcance da edição, tanto em número de participantes, quanto de escolas e a distribuição geográfica delas.

Entre 10 a 13 de novembro de 2016, participaram da **inauguração da primeira fase *online*** da edição Ñanduti 882 estudantes, de 287 escolas, distribuídas em 159 cidades de 24 Estados. A fase presencial foi chamada de Escola de Linguística de Outono (ELO) e foi realizada na Universidade de Brasília (UnB), entre 25 e 30 de maio de 2017. Foram selecionados quatro estudantes para a 15ª IOL, em Dublin, na Irlanda. As provas desta edição trataram sobre símbolos adinkra, horas em udmurte, trava-dedos na língua de sinais britânica, leitura em tetum, frases negativas em africâner, semântica do mundurucu, traduções em irlandês, datas em Guaraní paraguaio e expressões numéricas em árabe. As avaliações de equipe foram debates e pesquisas linguísticas, cujos temas estão disponíveis no sítio eletrônico da OBL.

Entre 20 e 24 de setembro de 2017, participaram da primeira fase da edição Măргеle 2.605 estudantes, de 546 escolas, distribuídas em 257 cidades de 26 Estados. A ELO foi realizada entre 9 e 14 de abril de 2018 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) com o mesmo formato da anterior. Foram selecionados oito estudantes, em duas equipes, para representar o país na 16ª IOL, em Praga, na República Tcheca, na qual o time Brasil ganhou duas medalhas, prata e bronze, uma menção honrosa e uma melhor solução, repetindo sua melhor atuação em 2012. As provas desta edição trataram sobre a fonética do inglês, a escrita cuneiforme persa, interpretação de texto em romeno, a língua laz, a língua Maxakalí, interpretação de texto em crioulo cabo-verdiano, traduções em mēbēngôkre,

numerais *alamblak*, sintaxe *matokki* e expressões em estoniano. Novamente, as avaliações de equipe da ELO foram debates e pesquisas linguísticas, com informações detalhadas disponíveis no sítio virtual da OBL.

Entre 12 e 16 de setembro de 2018, participaram da primeira fase da edição Yora 5.543 estudantes, de 691 escolas, distribuídas em 291 cidades de todos os 27 Estados, pela primeira vez em toda a sua história. A fase presencial, a ELO, foi realizada novamente na UFSCAR, e selecionou oito estudantes, em duas equipes, para representar o país na 17ª IOL, em Seul, na República da Coreia. O time Brasil ganhou duas medalhas de prata, o que fez o país adentrar ao *Hall da fama* da IOL com participantes medalhistas em edições diferentes. As provas desta edição trataram sobre direções cardiais na língua maltesa, expressões em romeno, morfologia iorubá, conversas em catalão, evidencialidade em Tuyuka, escrita javanesa, morfologia Guarani Mbyá, equações na língua tifal e traduções na língua romani (cigana) dos Cárpatos. As avaliações de equipe da ELO foram debates e pesquisas linguísticas, com temas disponíveis no endereço eletrônico da OBL.

Entre 11 e 15 de setembro de 2019, participaram da primeira fase da edição Ye'pâ-Masa 4.369 estudantes, de 664 escolas, distribuídas em 285 cidades de todos os 27 estados brasileiros, incluído o Distrito Federal. Esta edição inaugurou a **Categoria Aberta**, que participa da primeira e da segunda fase. A segunda fase ocorreu no dia 5 de outubro de 2019, em 45 polos espalhadas pelo Brasil e em outras aplicações locais isoladas com 997 participantes. As provas desta edição trataram sobre sentenças em álgebra transcendental, possessivos em xoklém, alfabeto mxedruli, sentenças em tukano, análise de texto em dálmata e árvore genealógica em lituano. A segunda fase selecionou 60 estudantes para a Escola Linguística de Outono (ELO), entretanto o evento presencial foi suspenso e substituído por uma série de atividades online, batizadas de ELONGE. De abril a junho, ocorreram encontros online, entre palestras e sessões de resolução de problemas, culminando em uma maratona online de inverno, nos dias 1 e 2 de agosto de 2020. Essa maratona teve apresentações de linguistas brasileiros e de outros países, além de apresentações dos próprios olímpicos e ex-olímpicos, uns para os outros. Devido à pandemia da COVID-19, a décima sétima edição da Olimpíada Internacional de Linguística (IOL) foi suspensa e adiada para 2021.

Entre 30 de setembro e 04 de outubro de 2020, participaram da primeira fase da edição Kubata 2.591 estudantes, de 614 escolas, distribuídas em 266 cidades de todos os 27 estados brasileiros, incluído o Distrito Federal. A segunda fase ocorreu no dia 7 de novembro de 2020 de forma virtual, contando com 248 participantes. Eles resolveram problemas envolvendo traduções entre árabe e swahili, verbos em sámi do norte, números em bretão, substantivos em tukano, sentenças em ainu e análise de texto no crioulo de Damão e Diu. Os estudantes ganhadores das insígnias de papel e pergaminho foram convidados para a X Escola de Linguística de Outono, que ocorreu entre os meses de fevereiro e maio de 2021, de forma remota. Os estudantes tiveram palestras, oficinas, atividades de integração e quatro atividades olímpicas: o Rolezinho Linguístico (miniprojeto de pesquisa), a resolução de Problemas, as rodadas de Debates, e a nova atividade olímpica, a Obelepédia. Devido à pandemia de COVID-19, o Brasil não pôde participar remotamente da décima sétima edição da Olimpíada Internacional de Linguística (IOL).

Entre 18 a 26 de setembro de 2021, participaram da primeira fase da edição Mascate 4.052 estudantes, de 903 escolas, distribuídas em 348 cidades de todos os 27 estados brasileiros, incluído o Distrito Federal. Esta edição inaugurou a **Categoria Mirim**, que participa da primeira e da segunda fase. A segunda fase ocorreu no dia 16 de outubro de 2021 de forma virtual, contando com 185 participantes. Eles resolveram problemas envolvendo o contraste do inglês com a língua havaiana, provérbios jibbali, frases em mundari, e ainda o Suzhou, que é um dos sistemas de escrita taquigráfica da China. Os estudantes ganhadores das insígnias de papel e pergaminho serão convidados para a XI Escola de Linguística de Outono, que ocorrerá entre os meses de março a maio de 2022.

Por meio desse histórico, percebemos como a OBL está em evolução, com novas categorias e novas atividades, o que permite aos participantes um contínuo aprendizado ao longo das edições. Até o encerramento deste trabalho, a Olimpíada Brasileira de Linguística tem planejado o lançamento de dois livros: um sobre o uso dos Problemas Linguísticos Autossuficientes e outro comemorativo pela passagem de seus 10 anos. Tudo isso comprova o que temos defendido nesta Tese sobre como a estabilidade das OL faz surgir publicações e novos gêneros nos eventos acadêmicos, além de ter como consequência a aproximação de patrocinadores públicos e privados.

Apêndice E – Movimentos de divulgação da Linguística Brasileira

Para demonstrar a divulgação em massa da Linguística, expresso na Figura 8, faremos uma brevíssima descrição de algumas iniciativas, em ordem cronológica, produzidas por professores e estudantes de graduação e pós-graduação, em variados formatos (blogs, sítios virtuais, podcasts, vídeos, redes sociais etc.) com distintas abordagens visando alcançar diferentes públicos-alvo brasileiros.

Desde outubro de 2011, a coluna **Palavreado** traz textos do linguista Sírio Possenti, docente da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Com temáticas variadas, os escritos são baseados em fatos, observações e opiniões que circulam sobre a língua na academia, na mídia e na rua, como a polêmica do livro didático que “ensinava a falar errado”. Como resposta surgiram outras iniciativas.

Pelo fim do preconceito linguístico é um perfil de *Facebook*, lançado em dezembro de 2012, com posterior blog lançado em 2015, de Thayane Santos Antunes, egressa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Na mesma plataforma é possível encontrar outros perfis similares, como **Falei errado? O problema não é meu, é seu**, lançado em fevereiro de 2013, também por alunas da UERJ; **Gramática Sarcástica da Língua Portuguesa**, lançado em julho de 2013 no Twitter (em 2015 no *Facebook* e em 2018 no *Instagram*), sob o pseudônimo de Evandro Debochara; e **Preconceito linguístico: não!**, lançado em setembro de 2017 por estudantes extensionistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Todas as iniciativas visando a divulgação científica, especialmente os conceitos sociolinguísticos, contribuindo com a luta contra o preconceito linguístico.

Ser Linguagem é um blog, com perfil em todas as redes sociais, lançado em outubro de 2012, por Dawton Lima Valentim, egresso da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Em setembro de 2017, se tornou um projeto mais amplo, para a difusão de Linguística e Literatura, de maneira mais interativa e colaborativa.

Enchendo a Linguística, lançado em janeiro de 2013, é programa da rádio Educativa em parceria entre o Projeto Redigir, lançado em 1999, coordenado por Carla Viana Coscarelli, docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse programa aborda assuntos linguísticos de uma forma simples, didática e divertida, uma vez que foi distribuído em escolas públicas de ensino básico.

Luana De Conto é um canal do *YouTube* que leva o nome da autora, com atuação no *Instagram*, lançado em março de 2014, pela egressa da Universidade

Federal do Paraná (UFPR), visando democratizar o conhecimento por meio de explicações gramaticais triviais com linguagem bastante acessível aos interessados.

Linguística Rio é um canal do *YouTube* chamado *Ling Tube*, lançado em agosto de 2014, que adicionou um perfil no *Facebook* em janeiro de 2015, idealizado por Thiago Motta Sampaio e Aniela Improta França, egressos da Universidade do Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que objetiva produzir materiais didáticos e de popularização da Linguística, publicar entrevistas, notícias, eventos, concursos, experimentos, e outras discussões sobre linguagem, educação e ciência em geral, inicialmente vinculado ao Corpo Editorial da Revista Linguística Rio.

Letronomia – divulgação científica sobre a linguística é um perfil do *Facebook*, lançado em abril de 2015, que adicionou um blog em setembro, por Welton Pereira e Silva, egresso da Universidade Federal de Viçosa (UFV), visando suprir a necessidade de um espaço virtual de amplificação dos estudos linguísticos.

#Linguística – blog de ciências, lançado em dezembro de 2015 por docentes e estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tem a missão de divulgar o curso de Bacharelado em Linguística oferecido pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e muitos outros temas da linguística nacional e internacional.

Diário de um Linguista é um blog, lançado em dezembro de 2015 por Aldo Luiz Bizzocchi, egresso da Universidade de São Paulo (USP), cujo perfil no *YouTube* se chama **Planeta Língua**, lançado em julho de 2017, para mostrar aspectos como origem, evolução e comportamento das palavras e das línguas.

Mulheres na Linguística é um perfil de *Facebook* e *Instagram*, lançado em março de 2016, por alunas da Universidade de São Paulo (USP), que visavam divulgar e destacar mulheres pesquisadoras e autoras da área de Estudos da Linguagem, combatendo a invisibilidade da atuação feminina nesta ciência, o que nós já destacamos nas Olimpíadas de Linguística também.

Enchendo Linguística é um canal do *YouTube*, com perfil no *Facebook* e no *Instagram*, lançado em março de 2017, apresentado por Igor de Oliveira Costa e por Marcos Felipe Martins de Sant'Anna, egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), para divulgar conceitos da linguística com uma linguagem mais informal e lúdica, de modo a atrair o grande público e mostrar que a Linguística está muito mais próxima do nosso cotidiano do que a maioria das pessoas imagina.

ENeLING é um projeto de extensão que adicionou um perfil no *Facebook* e um blog, lançado em maio de 2017, por Marije Soto, docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), para a divulgação de estudos de neurociência da linguagem, voltado ao ensino de línguas, para fazê-los mais acessíveis ao público.

Entre 15 a 17 de maio de 2017, Thiago Motta Sampaio (Unicamp) e Janaina Weissheimer (UFRN) falaram da área no festival ***Pint of Science*** em Campinas e em Natal, respectivamente. No mesmo ano, Debora Cabral (*Cardiff University*) e Thiago Motta Sampaio passaram a integrar a equipe do ***Scicast***, o podcast de divulgação científica mais popular do Brasil no ***SciKids*** [semanal], ***Spin de Notícias*** [diário] e ***Contrafactual*** [semanal].

Pensando a Língua é um perfil do *Facebook*, lançado em maio de 2017, que em novembro de 2018 adicionou um perfil no *Instagram*, produzido por Moíra do Nascimento Souza, egressa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), visando promover a divulgação e a propaganda dos Estudos da Linguagem.

MOPC é um canal do *YouTube*, que, apesar de existir desde 2012, mudou seu foco em maio de 2018 e adicionou um perfil no *Facebook*, desenvolvido por Maurício Oliveira Pires de Carvalho, egresso da Universidade de São Paulo (USP), para a descrição gramatical das línguas do mundo, sobre as teorias gerativa e estruturalista, e diversas línguas indígenas, africanas, asiáticas, europeias, semíticas e sistemas de escrita, Alfabeto Fonético Internacional (IPA), entre outros temas.

Linguística do Cotidiano é um projeto de extensão para rádio universitária 99,7 FM, que adicionou um perfil no *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* em novembro de 2018, produzido por Luisa Andrade Gomes Godoy, docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), visando divulgar temas dos estudos da linguagem com exemplos do dia a dia numa linguagem simples.

Leveltras é um perfil do *Instagram*, lançado em junho de 2018, que em março de 2019 adicionou um canal no *YouTube*, produzido por Amanda Damasceno Batista, egressa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), visando popularizar a linguística e a literatura de forma simples e leve, como aponta o nome.

Babel é um podcast, com perfil em todas as redes sociais, lançado em maio de 2019, por Cecília Farias de Souza e por Bruno Ferrari Guide, egressos da Universidade de São Paulo (USP), para dar voz à diversidade linguística. A cada episódio, tratam de história e cultura do povo que a fala, além de indicações de produções culturais e por onde começar a estudá-la. Seus editores também mantêm

outros trabalhos de linguística, como o Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa e a empresa Stilingue, assim como o blog do evento **Tardes Linguísticas** e o *Medium Membrana Linguística*, ambos com perfis no *Facebook*.

Café com Linguística (1) é um projeto de extensão, que adicionou um perfil no *Facebook*, no *Instagram* e no *YouTube* em abril de 2019, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), visando a divulgação de conteúdos linguísticos produzidos por docentes e discentes do Centro de Formação de Professores - UFRB com o objetivo difundir diferentes questões em torno da linguagem humana.

Café com Linguística (2) também é um projeto de extensão lançado em junho de 2019 por Luciana Sanchez Mendes, docente da Universidade Federal Fluminense (UFF) para debater sobre temas diversos que estão relacionados com a Linguística, como línguas subrepresentadas faladas no Brasil e Língua de Sinais Brasileira (Libras), além de temas teóricos, como aspecto, aquisição da linguagem, entre outros.

Linguística de Boteco é um blog, com perfil no Facebook também, lançado em junho de 2019, por docentes do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal dos Paraná (UFPR). para reflexões informais sobre questões cotidianas envolvendo a nossa língua, diretamente das mesas de boteco.

Linguisticamente falando (1) é um portal, com perfil em todas as redes sociais, lançado em julho de 2019, por Márcio Martins Leitão e seus estudantes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com informações e entrevistas sobre Linguística, tanto para profissionais atuantes na área (professores, pesquisadores, fonoaudiólogos, psicólogos e alunos), quanto para o público em geral.

Linguisticamente Falando (2) é um podcast homônimo, lançado em março de 2020, idealizado e elaborado por estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Feliz, para divulgação científica de conceitos e discussões da área das Letras para o público leigo.

Tesouro Linguístico é um blog, com perfil no *Instagram* e no *YouTube*, lançado em agosto de 2019, por Bernardo Kolling Limberger da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), para abordar o tesouro que são as línguas e a linguagem, especificamente sobre aprendizagem e ensino, boas práticas, materiais e boas reportagens publicadas na mídia sobre línguas etc.

Linguística Vulgar é um Podcast, com perfil em todas as redes sociais, lançado em agosto de 2019, por Joana Bortolini Franco, Verônica Penteado Siqueira e Monique Amaral de Freitas, todas egressas da Universidade de São Paulo (USP), para conversar sobre língua, linguagem e linguística: informações, curiosidades e polêmicas, sempre assumindo um posicionamento plural.

Língua Livre é um Podcast, com perfil em todas as redes sociais, lançado em setembro de 2019, por Vivian Borges Paixão e por Liliane Machado, egressas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professoras do Colégio Pedro II, que apresenta conteúdos de Linguística e Literatura, com um bate-papo entre apresentadoras e convidado(a)(s).

Linguagem na Lata é um canal do *YouTube*, com perfil em todas as redes sociais, lançado em setembro de 2019, pelo corpo docente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tem por finalidade promover a disseminação de conhecimentos na área de Letras e Linguística.

Handouts de Linguística é um canal do *YouTube*, com perfil no *Facebook* e no *Instagram*, lançado em março de 2020, por Luiz Fernando Ferreira, egresso da Universidade de São Paulo (USP), para divulgação da linguística através de memes, métodos de descrição linguística e vídeos de teorias e propostas de análise.

O Linguístico é um blog, com perfil no *Facebook* e no *Instagram*, lançado em março de 2020, por Caio Graco Rodrigues, egresso da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tratando sobre questões de linguagem de maneira inusitada, pois um *alter ego* canino, Noam, escreve com a ajuda de um estagiário humano.

Vitor Linguista é um perfil do Instagram e do Facebook, lançado em março de 2020 por Vitor Hochsprung, egresso da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para divulgar a linguística por meio de tópicos da cultura POP, como Harry Potter e Big Brother Brasil, abordando sotaques, variantes, entre outros temas.

Com a palavra, Linguística é um canal do *YouTube*, com divulgação em todas as redes sociais, lançado em abril de 2020, por egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que objetiva ser uma ponte entre o falar científico e o popular com nossa própria abordagem sobre a diversidade da língua em uso, mostrando, cientificamente, que há muito a se dizer.

Sopa de Letras é um podcast, lançado em maio de 2020, com perfil em todas as redes sociais com o nome PET-LETRAS/UFRGS, coordenado por Gabriel de Ávila Othero, produzido pelo Programa de Educação Tutorial de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que abarca variados temas e entrevistas em parceria com a Revista Virtual de Estudos da Linguagem (REVEL).

Linguística Com-Vida é um perfil do *Instagram* e do *Facebook*, lançado em maio de 2020 pelos docentes e discentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), para debater e divulgar a linguística, especialmente durante o período da quarentena, em função da contenção do corona vírus (COVID-19).

Parafraseando é um Podcast, o único canal bilíngue (Libras/Português) de divulgação de linguística no *YouTube*, lançado em junho de 2020, por Marcelo Amorim Sibaldo, docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e seus alunos do Programa de Ensino Tutorial (PET), que abordam temas técnicos da área de Letras, Linguística, Literatura e Educação, numa forma didática para leigos.

Além destas iniciativas exclusivamente dedicadas ao tema, perfis pessoais de pessoas com doutorado em Linguística também podem promover área, como é o caso do Canal no *YouTube* de Janaína Martins Viscardi, chamado **Jana Viscardi**, lançado em novembro de 2007, para discutir os usos de língua em diferentes discussões da atualidade, buscando mostrar o papel que a linguagem tem na forma como existimos e entendemos o mundo. Outro perfil pessoal fortemente voltado para a linguagem é o Blog chamado **Luisandro Mendes de Souza**, lançado em julho de 2010, para assuntos que o autor gosta: linguística, cinema, livros, cultura pop etc.

Por outro lado, também é preciso destacar as iniciativas de divulgação e popularização impulsionado pelas entidades de classe, como da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) e da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), especialmente o lançamento, em abril de 2018, da **Roseta - Revista de Divulgação Científica da ABRALIN**, sob a edição de Mahayana Cristina Godoy, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O objetivo da publicação é divulgar para o público não acadêmico as pesquisas em linguística que são produzidas no país. Por esse motivo, o texto deve ser de fácil compreensão para pessoas que não possuam qualquer formação acadêmica. Alguns artigos da revista são passados para modalidade oral pela equipe do *podcast* Sopa de Letras.

ANEXOS

Alemanha

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Germany.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

Its like do de-cipher hieroglyphs.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To become a respectful member among the contestant countries. I think that bringing students together can be considered as one aim also. But this is the aim of every olympiad.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Not so much ... but it's becoming more known and popular, although VERY (too) slowly.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Look up our homepage.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

For Germany in 2008, Uli Sauerland used the connection to a national language contest, which contacted us for help to provide grammar assignments.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Too little interest from the authorities, no Money.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Not possible to say.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Yes, two days.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Hardly.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Some ... encourage students, finance some travel.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Some financial or organizational support.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Learn more about language, culture(s) and life in general.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

No especially.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Some, but too little.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Some, but too little.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Association for computational linguistics (not a company though).

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Put their logo.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Via a link to the IOL.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Volunteers.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Volunteer or by "tradition".

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes and no.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

A little.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No (unfortunately).

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

None.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

To get more interest and hence participants (with good results).

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

N/A.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

I wonder why there is so little interest and effort in Germany.

Austrália 1

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Australia.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

Competition for high-school students interested in languages.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Get students interested in linguistics. Promote the study of languages (and linguistics) in schools. Boost the enrollment in university linguistic courses.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

More students in first year university linguistics courses.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<https://ozclo.org.au/about/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Suggestion from Lori Levin and Drago Radev who run NACL (USA) in 2007. I got funding to start OzCLO (Australia) in 2008 and support from Jane Simpson (University of Sydney) and Rachel Nordlinger (University of Melbourne). We grew from 2 locations in 2008 with 119 students to almost every Australian State and Territory with almost 2000 students competing in 2020. We first sent an Australian team to IOL in 2009 (Poland) and have done so every year since.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Distances, and costs for travel, especially international travel to go to IOL. Lack of support for language studies by the government and lack of interest in the general population.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

2008: 119; 2009:392; 2010: 602; 2011: 792; 2012: 1069.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. As helpers during the competition, and as coaches for IOL.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. As invigilators when the competition is held at the school.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not much. But one parent was a very generous sponsor, donating A\$10,000. Some parents have been to IOL as coaches.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Make them.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Practice the problems on the OzCLO, NACLO and IOL sites.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material? **See Q15.**

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material? **See Q15.**

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

HCSNet, Google, Macquarie Dictionary, various universities.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

acknowledgement on the website.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

What do you mean by 'published'?

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

They are recruited among linguists.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Co-opted by the Steering Committee.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes. I have been interviewed on the radio. we made some media release.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones? **No.**

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

Yes. Dominique Estival et al. (2014). 'Australia loves language puzzles: The Australian Computational and Linguistics Olympiad (OzCLO)'. Language and Linguistics Compass.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region? **No.**

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Depending on what sponsors have given us (books, etc).

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Get more people to write problems. Get teaching relief from the universities for people who help with OzCLO, it's currently not recognised as part of their workload.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Get funding for a training camp.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Please see our website (ozclo.org.au) and the paper we have written (reference in Q25).

Austrália 2

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?
OzClo, Australia.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It's a competition for high school students, where they compete by solving puzzles relating to language. It's not about knowledge of language(s), though: it's about being able to think logically and work things out from clues.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To increase high school students' awareness of linguistics as a field of study and make them more interested in going on to study it at university.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We have increased linguistics activities and awareness in some schools. We definitely get students coming into undergraduate classes because they became interested through the Olympiad. Some schools have started linguistics clubs or incorporated linguistics training in the classrooms.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<https://ozclo.org.au/about/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

It has been going since at least 2006 (maybe a year or two earlier). It started just in Melbourne, then spread to the other parts of Australia. I think the first few years only two or three universities were involved though. (I became involved in 2007 or 2008 when it came to the Australian National University). Eventually a committee was formed with a representative from every state. Now unfortunately some states are finding they cannot sustain the work of running the competition, so this year for the first time in maybe 10 years, not all states were represented.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Support and resourcing from universities was and is lacking, e.g. staff members had to find spare time to be involved. It is also difficult to reach schools, because they do not always see emails sent to a general address, and we don't already have contacts in every school. We find that private schools are more involved than public schools, usually because those are the schools that have language classes and language teachers, and we find it harder to convince other kinds of teachers that it is relevant. Also the private schools have more time and resources to run these kinds of competitions. Our other problem is the timing. In Australia, the school year starts in late February / early March. Teachers do not know who will be in their classes much before this, and we can't easily contact them in the summer holidays anyway. Because of the timing of the IOL we have to hold our local (state) competition already in mid March so that we have time also for a National competition before registrations are due to IOL. This only gives schools a couple of weeks to get organised for their students to participate, which is not enough time.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

I don't know. But it has definitely grown every year, until the last couple of years when the numbers have stayed stable (and this year were a bit lower).

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No, we don't have resources to do this.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Sometimes. We have a couple of ex participants who are now university students, and they sometimes assist with running the competition, and also they speak at high schools about linguistics, about the competition, and sometimes provide training to the students.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

We have one teacher who creates puzzles for the competition.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

In some states the local round is off-line – the students have to come to a university to take part. In these cases the parents usually have to bring the students and will sometimes stay and wait during the competition. In most states the competition is done online though.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Improve logical thinking, computational thinking. Improve teamwork skills. Make them more interested in and aware of languages and linguistics.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Yes, we provide past years' problems and solutions and encourage participants to try these as training.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

See above.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Yes, but this depends on which state the winning team comes from. We usually give some in person training sessions at the university.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Australian Linguistic Society (ALS), Australian Commonwealth Scientific and Research Organization (CSIRO), Australasian Language Technology Association (ALTA), Australian Government Department of Defence Science and Technology Group, Co-op Bookshop, Macquarie Dictionary, The Australian National Dictionary Centre

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

To be listed on the front page of the competition booklet.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Not online. They are listed in the problem booklet.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Volunteers.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Volunteers. It is usually hard to find someone who is available. We ask the committee if anyone can go, and if not, we ask if there are graduate students who have been involved in helping with the linguistics olympiad who can go. We also ask the school to send a teacher and/or parents.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

No.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Certificates, and dictionaries for the winning teams. These are mailed to the schools. There is no national ceremony. We give prizes to the top three senior teams (consisting of students from the final two years of high school) and to the top junior team (the fourth and third-to-last years of high school).

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Participation numbers, resourcing, diversity of participation. Increase sponsorship.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Nothing.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

We have been running "escape room" games for kids at museums, schools and open days based on the Olympiad puzzles. We turned some of the problems into physical puzzles that lead the kids through a game where they have to escape a linguistics themed room.

Brasil

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Brasil.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

É um instrumento pedagógico baseado em problemas, como pessoas que lidam com línguas e fenômenos que nunca ouviram falar, mas partem apenas dos dados do problema, que descobrem os padrões e os aplicam. É um instrumento pedagógico baseado em problemas, como pessoas que lidam com línguas e fenômenos que nunca ouviram falar, mas partem apenas dos dados do problema, que descobrem os padrões e os aplicam.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Em relação às escolas: oferecer um instrumento pedagógico baseado em problemas (em autonomia, em aprendizagem centrada no sujeito, em aprendizagem ativa, enfim, são muitos nomes) para trabalhar os temas relacionados a línguas e linguagens e, a partir do próprio local epistemológico da linguística, oferecer um foco transdisciplinar de trabalho.

Em relação à academia: abrir uma porta eficaz, o contato direto com escolas, a comunicação linguística com a sociedade em geral, ou o que inclui diversos temas relevantes, como o preconceito linguístico, os direitos indígenas, os direitos das pessoas surdas, como consequências da relação entre linguagem e mente, discurso e política, língua e cultura, etc.

Em relação aos estudantes: a partir da negociação entre (i) fascínio pelo mundo da linguagem, (ii) autonomia no gerenciamento de habilidades cognitivas, metacognitivas e emocionais, (iii) uma cultura olímpica compartilhada entre os atores da comunidade escolar, itens fornecidos para que os estudantes desenvolvam uma visão mais ampla e profunda do mundo, bem como ferramentas que podem usar para transformar o mundo em emoções positivas.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Esses processos de transformação tendem a ser lentos, mas por ora podemos dizer que:

- Já possuímos uma cultura olímpica consolidada em relação à OBL, com um jeito de fazer e ver as coisas que os alunos já entendem e vivem. Além disso, é uma cultura olímpica que já tem impactos na forma como outras olimpíadas e outros alunos se organizam.

- Por conta disso, ex-participantes tem se engajado posteriormente na olimpíada, seja compondo e testando novos problemas, seja dando novas ideias, e tem efetivamente ajudado a construir a olimpíada como um projeto interessante e enriquecedor para as gerações seguintes.

- Com o tempo, mais e mais professores rompem a barreira do 'medo do desconhecido', que é natural diante do fato de que a abordagem por problemas é muito diferente de como eles estão acostumados a "ensinar português" ou "ensinar inglês", e passam a usar os problemas em sala de aula.

- Formou-se uma primeira rede de linguistas interessados em comunicação da sua ciência e nos impactos em sala de aula, os assim chamados Embaixadores da OBL. Essa rede de pessoas e de parcerias institucionais segue se expandindo.

- Parcerias entre a OBL e outras olimpíadas nacionais de linguística tem florescido, mostrando o potencial de colaboração internacional do projeto. Cursos, escolas e treinamentos dados em parceria na Espanha, Rússia, Estônia, Letônia, Romênia, Polônia, Alemanha, entre outros, tem enriquecido mutuamente a OBL e as olimpíadas desses países.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Sim. https://obling.org/assets/documents/mascate/Regulamento_Mascate.pdf

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

A OBL começou em 2011, a partir (i) da descoberta da tradição de problemas autossuficientes de linguística a partir das provas da Olimpíada Internacional (IOL), (ii) da experiência acumulada, minha e de dois dos meus colegas (Victória Flório e Felipe Assis) junto à Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA), especificamente à experiência coletiva de 8 anos chamada de CCD, (iii) do reforço desse time por um amigo linguista e professor de alemão (Robson Carapeto), que também acreditou que a ideia era boa, e finalmente (iv) pelo apoio institucional inicial do Colégio Etapa, onde eu trabalhava na época, da Olimpíada Paulista de Matemática (OPM) e do Torneio Juvenil de Robótica (TJR), que permitiram que a gente conseguisse organizar edições completas, ricas e interessantes nos primeiros anos. Já no ano seguinte, em 2012, minha entrada no Comitê de Problemas da IOL estabeleceu as condições de colaboração internacional para que o método dos problemas de linguística e suas consequências fossem melhor compreendidas e desenvolvidas aqui. Também a partir de 2012, espelhando um pouco o que foi a experiência do CCD-OBA, já começamos a ter ajuda de ex-participantes da olimpíada -- com destaque especial ao Pedro Neves Lopes, que se tornou engenheiro mecânico pela USP --, o que foi fundamental para manter o fôlego da olimpíada nos anos seguintes.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

A principal dificuldade foi a falta de apoio dos pares na academia; naquele momento, comunicação pública da linguística ainda era algo muito incipiente no Brasil, e praticamente ninguém na área se interessava por algo como uma olimpíada. Curiosamente, aqueles que fazem pesquisa em linguística mas tem um background em áreas como matemática e computação se interessaram mais num primeiro momento, talvez pelo fato de que pedagogia de problemas, em geral, e olimpíadas em particular, são algo bastante difundido entre os pesquisadores da matemática e da computação. Mas ainda assim, esse interesse inicial dificilmente chegava a amadurecer na forma de um envolvimento mais prolongado ou de suporte institucional estruturado. Nos primeiros quatro ou cinco anos, tudo foi feito de uma maneira bastante amadora, com um grupo bem reduzido de envolvidos na organização e na composição dos problemas. Ainda assim, o apoio institucional das olimpíadas parceiras e das escolas particulares fez com que, embora com recursos humanos reduzidos, não nos faltasse recursos materiais. A falta de apoio institucional dentro da academia, é claro, fez com que nosso acesso a editais de olimpíada do CNPq fosse inexistente, mas chegamos a ter apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas (FCC) por um ano, mas no ano seguinte, uma mudança na diretoria fez com que o apoio a nós e a outras olimpíadas fosse reduzido e cortado. É interessante mencionar, inclusive, que o apoio das escolas privadas nos ajudava a beneficiar os estudantes das escolas públicas. Em todas as edições, em todas as fases, sempre tivemos uma presença significativa de alunos de escola pública -- inclusive nas equipes internacionais. De uma forma ou de outra, sempre conseguíamos os recursos para que esses estudantes não deixassem de participar. Um exemplo interessante foi a vinda, em 2013, do professor Boris Iomdin, com décadas de experiência com a olimpíada russa de linguística e praticamente um dos fundadores da IOL. O Colégio Etapa, que mesmo sendo um grande colégio privado de São Paulo, acredita verdadeiramente na difusão da cultura olímpica, pagou todos os custos de viagem e da permanência dele no Brasil. Usamos a situação para construir a terceira fase da olimpíada em torno da presença dele, e demos um jeito de trazer também os estudantes classificados que não podiam pagar a própria passagem. Assim, estudantes do Brasil inteiro, de escolas privadas e públicas, passaram a semana estudando com Iomdin e com outros, nas dependências físicas do Colégio Etapa e com custos cobertos pelo mesmo.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Sim. A primeira edição teve cerca de 200 participantes, as seguintes foram subindo até em torno de 1000. A partir de 2016, quando passamos a ter uma fase online, esse número foi dobrando ano a ano e hoje está perto dos 10 mil.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Sim. A terceira fase, ou Escola de Linguística de Outono (ELO) reúne os cerca de 60 alunos mais bem colocados do país todo (os ganhadores das insígnias de papel e de pergaminho) durante uma semana, em alguma universidade. O eixo geral da programação é o seguinte:

1) Atividades olímpicas: os alunos participam de três tipos de atividades baseadas em problemas, que se conectam com três abordagens diferentes dos temas linguísticos:

(i) o rolezinho linguístico, que é uma micro-pesquisa (com orientação, escolha de tema, coleta de dados, análise de dados e apresentação dos resultados), mais ligada a uma abordagem empírica; (ii) os problemas propriamente ditos, mais ligados a uma abordagem em termos de raciocínio estruturado; (iii) os debates, que envolvem times se revezando nos papeis de oradores, opositores e avaliadores, mais ligados a uma abordagem humanística.

2) Atividades acadêmicas: palestras sobre grandes áreas ou temas da linguística e oficinas sobre diferentes línguas, dadas por professores e pós-graduandos da universidade que recebe o evento ou convidados externos;

3) Atividades de interação entre os estudantes.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Sim. De uma forma geral, nas diversas olimpíadas (nos vários assuntos e vários países), observo que os ex-participantes são o coração vivo e pulsante de qualquer olimpíada, porque eles mesmos tiveram, no difícil período da adolescência, suas vidas transformadas por aquele ambiente e aqueles encontros, então eles sabem bem o que fazer para tocar de forma similar o coração das próximas gerações. Além disso, por causa do vínculo emocional, em geral eles são as pessoas que conseguem se doar de forma mais aberta para projetos assim. Em olimpíadas mais antigas, vejo inclusive que o amadurecimento delas ocorre de forma estritamente relacionada com o fato de que ex-participantes vão ficando mais velhos, terminam suas formações e integram a olimpíadas aos meios institucionais de que fazem parte. No mundo das olimpíadas de linguística, apenas duas ou três olimpíadas são mais velhas (tem mais que 18 anos de idade, por exemplo), mas elas certamente confirmam essa minha impressão. Quanto à OBL, veremos os impactos a médio prazo. Por isso, damos importância a envolver, desde que terminam o colégio, ex-participantes e dar espaço para que eles possam exercer a criatividade e a autonomia na expansão e no enriquecimento da olimpíada.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Menos do que gostaríamos. Uma especificidade das olimpíadas de linguística, frente a eventos similares em matemática ou em física, por exemplo, é que a maneira como a olimpíada se estrutura é muito distante do que um professor médio de português ou inglês está acostumado a fazer. Essa distância é bem menor em outras disciplinas, o que acaba tendo como consequência que os professores escolares participam mais organicamente e em maior número. Mas isso é apenas uma dificuldade, não uma impossibilidade. Acreditamos que, com o tempo, seja possível criar uma cultura olímpica também entre os professores de línguas, e aí contribuir mais diretamente com a transformação das práticas pedagógicas também na área das linguagens.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Quase nada.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Respondido nas Questões 3 e 10.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done? **Não diretamente, mas monitoramos as questões e ficamos felizes de saber que sempre temos altas participações de pessoas de escola pública e de mulheres na olimpíada. Esse é um debate que ainda queremos aprofundar, e que se torna especialmente importante conforme a olimpíada cresce.**

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Sim. No nosso site há uma página com sugestões de problemas para se familiarizar com o gênero, além da indicação de provas anteriores e de olimpíadas de outros países. Cada escola desenvolve seus métodos para preparar os alunos, e também há hoje grandes grupos virtuais de alunos de todas as olimpíadas (obmepeiros, noic, etc.) que geram materiais compartilhados de preparação. Dito isso, é interessante notar que, no caso dos problemas de linguística, o traço de autossuficiência faz com que seja mais difícil fazer um treinamento direto, porque não existe um conjunto de habilidades, teorias ou línguas que precisam ser estudadas e então serão essenciais para se resolver os problemas. O sentido de um treinamento -- isso fica mais explícito em olimpíadas de linguística -- é desenvolver habilidades (cognitivas, metacognitivas e emocionais) e ampliar a visão.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Sim, a partir desse ano estamos preparando nosso primeiro material para professores, com o fim de fornecer propostas práticas de como usar a abordagem pedagógica baseada em problemas nas suas aulas regulares.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Sim, temos listas de treinamento organizadas por assuntos, com uma coleção de problemas de alto nível que, ao mesmo tempo, cobrem uma variedade de fenômenos linguísticos e de estratégias de resolução. A curadoria desse material é constantemente atualizada por ex-participantes das olimpíadas internacionais anteriores.

Também sempre fazemos ao menos um encontro presencial de treinamento, para que os oito estudantes se conheçam melhor, interajam entre si, e possam aprender uns com os outros mais diretamente.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Instituto Vertere.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

O Instituto Vertere, que é construído sobre visões pedagógicas bastante convergentes com as da olimpíada, espera essencialmente que a olimpíada cresça e atinja mais alunos no país todo. Os patrocinadores pontuais em geral esperam algum tipo de exposição de marca. Em todos os casos, assinamos contratos com uma cláusula explícita de liberdade de cátedra, declarando que nada no acordo de patrocínio pode interferir no processo pedagógico.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Sim.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Para o comitê de problemas, a requisição principal é que todos os membros tenham domínio comprovado do gênero de problemas de linguística (composição, revisão e solução), seja por serem ex-participantes de alguma olimpíada de linguística, seja por terem experiência com composição e correção dos problemas nas diversas fases. A Curadoria Pedagógica, diante desse critério, avalia os pedidos de entrada no comitê e julga possível ou não.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

São selecionadas pessoas dentre aquelas que fazem parte da organização da olimpíada em alguma instância e que, preferencialmente, já tenham convivido com aqueles alunos (tipicamente, na ELO imediatamente anterior). Para além disso, não temos um critério formal de escolha; as escolhas variam de acordo com as circunstâncias de cada ano.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Sim, fazemos tanto diretamente quanto contamos com a ajuda da assessoria de imprensa do Instituto Vertere. Naturalmente, as notícias sobre a participação na olimpíada internacional têm mais apelo, mas procuramos também fazer uma cobertura completa da ELO nos nossos canais, para engajar as diferentes comunidades escolares no evento nacional.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones? **Sim.**

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link. **Sim.**

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Recentemente as universidades brasileiras definiram abrir vagas para processos seletivos baseados em olimpíadas. A OBL já é usada em ao menos uma, e provavelmente será usada em outras no futuro.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Os prêmios, como entendemos, tem uma função simbólica importante para os estudantes. Seguimos a tradição da OBMEP e da OBA de procurar agraciar um grande número de estudantes com medalhas porque, especialmente para os estudantes de escolas pequenas ou mais isoladas, uma medalha mesmo que simples tem um potencial de estímulo muito grande. Por isso, consideramos que o "ciclo olímpico" termina na segunda fase, e é nessa fase que são agraciadas medalhas. Ainda assim, procuramos nos afastar um pouco da simbologia clássica dos metais (ouro, prata e bronze) e, em vez disso, criamos quatro níveis de insígnia, associados a materiais tradicionalmente associados à escrita: papel, pergaminho, papiro e palma.

Já na terceira fase, presencial, as noções ficam um pouco diferentes. Todos os anos damos algum tipo de amuleto para todos os estudantes presentes, amuletos que em algum grau são confeccionados por estudantes que participaram em anos anteriores e, assim, são uma representação material do espírito olímpico que está sendo transmitido e compartilhado. Além disso, os mais bem colocados em cada uma das três atividades (rolezinho, problemas e debates) ganham também alguma espécie de troféu, ligado à temática daquela edição. Neste nível, os alunos já estão bastante engajados, então prêmios como livros de linguística (que procuramos sempre conseguir na maior quantidade possível) tornam-se potencialmente muito frutíferos. Além, é claro, do prêmio mais aguardado nesta fase, que é a vaga na equipe que representa o Brasil na olimpíada internacional.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Tirar o Bolsonaro do governo e dar passos para uma sociedade com justiça social e ambiental.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Vejo dois pontos principais. O primeiro é seguir ampliando o número de países e culturas participantes, criando um ambiente cada vez mais rico linguística e culturalmente, e mais representativo. O segundo é ir diversificando suas atividades, a partir das experiências diversas que tem surgido nas diferentes olimpíadas nacionais.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Não.

Bulgária

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Bulgaria.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A competition where you solve problems that ask you to devise a grammar on unknown language based on their translation into your native language.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To teach linguistics and to build a community.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We have a strong linguistics community and the olympiad has sparked interest in many students which has affected their career choices. Additionally, Bulgaria is one of the top countries on the International Linguistics Olympiad - IOL.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

No, they are done through the Ministry of Education procedures through each school.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

It has started a long time ago, before I was even born, some time in the 80s, so I can't tell.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

I don't know.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

I don't know.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Yes. The final round of the national olympiad is held in one place. After that there's a summer camp for the extended national team.

10) Do ex-participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, ex-participants participate as volunteers and jury members.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, they build local clubs and they participate as jury members in various rounds of the olympiad.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

It builds friendships that last.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

They should solve problems and read online and offline resources.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Yes - There are locally published books with problems and solutions.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Same.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Funding comes from the ministry, private foundations and several IT companies.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Nothing.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

They are in documents published by the Ministry of Education, but they are not easy to find on their website.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Appointed by the Ministry of Education.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Based on the results of their students on the national olympiad.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Mostly IOL - related press releases.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

https://www.academia.edu/5680598/Rosetta_Stone_Linguistic_Problems

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Yes, local universities do admit students based on their results.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

It differs depending on the local organizer (it's different each year).

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Canadá Anglófono

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Canada Anglophone.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A competition for high school students. It uses real world languages, especially ones with interesting or unique features, to pose puzzles that test logical/deductive/critical thinking, and requires no prior knowledge of language, linguistics, math, computer science, or anything else. If you like puzzles and/or languages you should try some past problems online!

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Select team to compete at IOL; increase awareness of and interest in linguistics/NLP and show what's involved in these fields; (passively/implicitly) dispel common misconceptions about world languages; give students a fun, challenging, and educational extracurricular experience.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

All of the above have been accomplished, albeit to a small group of participants. We would like to reach more students.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

We participate under NACLO -- regulations are at <https://nacloweb.org/> (especially "Handbook", quick link at right-hand side).

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

See NACLO answer (I don't know). Canada Anglophone and Canada Francophone became separate entities (replacing "Canada") in 2017. See the OLCLO answer for this split/origins of Canada Francophone and OLCLO.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

I don't know about the beginning. Today, we struggle to get the word out. Students would probably be interested if more knew about it, but we have trouble finding high school teachers or university professors who have networks of high school students. If we do find them, many of them do not share the information or do not present the contest appealingly.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Canada Anglophone has about 150 participants through NACLO every year. This number is fairly consistent (at least as long as I have been involved, since about 2014).

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No. Once IOL teams have been selected, in recent years Canada Anglophone and USA teams meet together for 2-3 days, somewhere in the US, for a "camp" before flying to the IOL. The "camp" is partly social and partly for training. Canada Francophone students are invited, but do not attend as often.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. I am an ex-participant (2013 and 2014 NACLO and IOL, for Canada). Many other alumni form an important part of the NACLO team. Some are local hosts, problem writers, jury members etc. Others do administrative work or grading. Canadian students often contribute to NACLO as a whole (e.g., by grading for Canadian and American students, or by answering general emails to the NACLO contact address).

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, by advertising and/or by hosting a local site of the contest.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Occasionally, since we offer home school testing options. Parents are involved with transportation to sites, support, spreading the word etc., but in an informal way.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Meet other like-minded students; learn about world languages, their speakers, and linguistics; consider post-secondary education and careers in language/linguistics.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

We reach out especially to girls, with good success. See NACLO answer for more details on this.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

We do not "encourage" this, strictly speaking, since the LO is supposed to be first and foremost about fun and learning. We provide past problems on the NACLO website, and direct students to these if they are interested. They can reach out to us for more guidance, including in-person training sessions (depending on their location), but this is rarer.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

We provide a Handbook for Students and a Handbook for Hosts that explain all rules and procedures. Students only get contest preparation material if they seek it out or inquire.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

We provide additional advice and guidance to these students, hold online practice sessions and (recently) we hold a short "camp" just prior to IOL for training/social reasons.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

See NACLO answer for details. Most funding overlaps with the USA. There are a few Canadian universities and linguistics associations that have provided small-medium donations to NACLO in the past.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Usually, nothing. We put their logo/name on our booklet, so they perhaps have come to expect this.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Yes, on the annual problem booklets ("program committee" is essentially the Problem Committee). E.g., from 2019, p. 3.

<https://www.nacloweb.org/resources/problems/2019/NACLO2019ROUND1.pdf>

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Usually they volunteer. We put out calls to past IOL participants from US/Canada occasionally. Most often we know the "applicant" personally; if we did not, we may ask for a few sample problems they have written for evidence of their ability.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

By consensus, among an informal pool of past or new-but-qualified Leaders, with availability and convenience for the potential Leader as the most important factor. It is rare that there is any real indecision about who the Leader should be, in a given year.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

We produce press releases -- usually, one after the LO when the IOL team has been selected, and a second after the IOL with the results. These are not disseminated (by us) beyond the NACLO website, to my knowledge. E.g.:

<https://nacloweb.org/2019/NACLO2019PRESSRELEASE.pdf>

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

I don't know what this means.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

There is a paper on computational problems with Dragomir Radev and Patrick Littell as co-authors, I believe, but I would not know how to find it. That is all I'm aware of.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Potentially, in that a high placement or success at the IOL may be an impressive fact if listed on a resume/application.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

I do not know the details of this -- see NACLO answer. I believe there are e-certificates which are sent to some students.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Wider participation. Perhaps easier problems, to encourage wider participation. In Canada, I am especially interested in reaching new geographic regions, since our contestants are highly concentrated in urban Ontario and British Columbia.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

I do not think we have a clear position/strong feelings about this -- I personally do not. See NACLO answer for more information.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Nothing comes to my mind!

Colômbia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Colombia.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

LO is a competition where (younger) people can feel like a “detective” of any language because s/he must solve puzzles from different kinds of codes.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

The main aim of LO in Colombia is to show children and adolescents linguistic-related topics to recognize, promote, protect, use, preserve and strengthen the languages of Colombia's ethnic groups and the World languages.

A second aim is to introduce linguistic reasoning to basic and secondary education, that is to say, promoting (self) knowledge of languages, linguistic diversity worldwide and nationally, professions in language sciences and technologies, logical thinking, creative application in problem-solving, scientific method, among many others.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

I would divide the consequences or effects into two: on the one hand, the support of students, graduates and some professors from the Department of Linguistics at the National University of Colombia. Both students and graduates have created the exercises for the different rounds of the Olympiad in Colombia. The teachers, for their part, have motivated and provided spaces for students to create these exercises.

On the other hand, the support of educational Colombian institutions such as the Antonio Nariño University and the Caro y Cuervo Institute. The former has a trajectory of more than 35 years in the creation of both national and international Olympiads (Mathematics, Physics, Sciences, Computation, Astronomy, and Biology). Since 2019, it has been conducting the Colombian Linguistics Olympiad. The latter has a trajectory in linguistics research in the country.

In our first and only National Olympiad so far, we managed to attract the attention of around 1,000 Colombian students and, in the same year, participated for the first time in the International Olympiad, 2019 version.

Regarding the region, we have the objective of creating a Latin American Linguistics Olympiad between Brazil, Colombia, Peru, Argentina, and Bolivia, since there are people with experience from each of these countries. We must wait to see if we are successful.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Yes, in Spanish. We have two links. One for the inscriptions (<http://oc.uan.edu.co/inscripciones>) and one for the information of the linguistic olympiad (<http://oc.uan.edu.co/olimpiada-colombiana-de-linguistica>).

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

I am going to answer these questions in the following order: What motivated me to create the olympiad was a morphological or syntactic assignment that I had when I was a bachelor' student in the University around 2009. I was looking for a swahili exercise and instead I found the exercises of the IOL. I tried to resolve some of them and I realized some exercises were easy and others were difficult. Also I realized the exercises languages were different and there were not Colombian languages. That first issue motivated me.

Unfortunately I realized that I could not be part of it because in my country we did not have a national contest and it was only managed to school students. From that moment I set myself the task of doing our national contest for other people. Obviously it did not happen as I had thought because we started in 2019. That was the year of our first Colombian linguistics olympiad and our first participation in IOL, Yonjin.

The idea of the linguistics olympiad came to me again in 2017 when I was a teacher in the Department of Linguistics at the Universidad Nacional de Colombia. The Department director gave me the opportunity to be in charge of a course which would be related to

this topic. So the students have read about this topic, created learning material and created exercises that took into account native Colombian languages. The materials have been used to train participants and the exercises have been used for our olympiads. At the same time that I was a teacher, I was a research assistant at the Instituto Caro y Cuervo, which is a government institute to research about Colombian literature and linguistics. These two institutions supported me to create the olympiad, but none of them knew how to create it. So I contacted the director, Maria Losada, of the institution which created most of the olympiads in Colombia, Universidad Antonio Nariño. Until now these three institutions are involved in the Colombian linguistics olympiad.

In early 2018, we had learning material, exercises, and institutional support, but we lacked the experience to run a linguistics Olympiad and the accreditation from the IOL Board. So we decided to fill in the IOL registration form and to be observers in the 16th IOL in Prague. In my case, I was supported by Instituto Caro y Cuervo. Once there, we learned how to run this kind of olympiad, requested to be an accredited country and guaranteed participation in the next Olympiad. This is how our Colombian linguistics olympiad (CLO) started in early 2019.

CLO has three rounds: qualifying, selective, and final. The first it is a test composed of multiple choice questions classified into three levels: easy, intermediate, and difficult. This test is carried out at the national level in each institution under the supervision of teachers or coordinators. The second is similar to the previous one, but it is possible that contains open questions (like IOL problems). The last round is similar to IOL, that is, it contains five individual open problems. The first CLO was in early 2019 which had more than 1000 participants from several places of Colombia. The finalists traveled to Bogota (capital of Colombia) where they received a special training and took the final round.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

The main difficulties are: i) low participation of students from public schools. Most of the students come from private schools, ii) No participants from Colombia's ethnic community, iii) there is no access to the competition by participants who are far from urban areas, iv) the last round is not yet designed to be taken online and many participants do not have internet access, and vii) based on the trainings, there are students who have not developed logical thinking. Regarding to this year, 2020, the main obstacle to developed our olympiad is the COVID-19 pandemic.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

The first CLO was in early 2019 which had more than 1000 participants from several places of Colombia. I do not believe in 2020 we are going to have more participants because of COVID-19 pandemic.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Yes, the last round. The finalists travel to Bogota (capital of Colombia) where they receive a week linguistics training. The schedule if from 9 am to 5 pm., with 2 hours for lunch. Each day they have four sessions. In each session a linguistics under- or graduate student gives lectures about phonectis, morphology, syntax, logic, among others.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No. The reason for this may be that we have only had one national olympiad.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No, we have not yet achieved this. The reason may be the same as before. I mean we have only had one national olympiad.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No, we have not yet achieved this. The reason may be the same as before. I mean we have only had one national olympiad.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

I think the seven IOL objectives illustrate the change that LO wants to motivate in the participants.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

No, we have not yet achieved this. The reason may be the same as before. I mean we have only had one national olympiad.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Yes, we recommend the material of IOL and other countries. A possible problem is that most of the materials are in English. If people do not understand other languages than Spanish, they cannot have access to this information.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Yes, we recommend the material of IOL and other countries. A possible problem is that most of the materials are in English. If people do not understand other languages than Spanish, they cannot have access to this information.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

None so far.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

We do not have sponsors yet.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Yes. This is the link:

<http://oc.uan.edu.co/olimpiada-colombiana-de-linguistica/comite-de-problemas>

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

They are members of the support institutions who volunteer to the problem committee.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

I am the Colombian team leader. As we have only had one participations in IOL, we have not thought of it; however, in my opinion, the next team leaders should be people who: love linguistics and languages, have fun sharing knowledge, among others.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Not yet. The reason may be the same as before. I mean we have only had one national olympiad.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

Not yet. In our case, the linguistics students create Self-Sufficient Linguistic Problems as a task in two courses based on Colombian languages. That's all for the moment.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

Yes. Some of my students wrote their final undergraduate work about this topic last year, but those works have not been published in the University library repository. We are preparing an academic paper for these experiences. As for other countries, the work is quite broad. Part of those works I have used it in my University course. Here is a link where you can see all of those references: <https://www.overleaf.com/read/grfymnvnncgn>

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Not yet.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Yes, they receive medals in a ceremony that rewards participants from all the Olympiads. In the case of linguistics olympiad, the first four participants are awarded with medals. The next six participants receive honorable mentions. So we award the first ten participants.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

We have many points to improve; for example getting public or private sponsors; providing access to the Olympiad to the entire student population, no matter where they are in Colombia; lengthening and improving trainings, calling other universities to support the Olympiad etc.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

I consider it is necessary more integration activities organized by local country between, on one hand, students and, on the other hand, team leaders, observers and the rest of the people. For example, exercise activities since exercise contributes to the mind. In the last Olympiad, I saw teams that little or nothing were integrated with others; perhaps because they did not share the language or because the spaces were not.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Not for the moment.

Dinamarca

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

SPROGLIGA, Denmark.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

An International competition in linguistics on the highest level.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To provide young students with the opportunity to develop their interests in linguistics.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We only ran the competition for 2 years, so it is too early to say.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

No.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

We started the competition on request from students. The University of Copenhagen and TalentCampDK are involved.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

To reach more students. There are lots of different competitions at high school level in Denmark.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

We only ran for 2 years. Totally about 300 have participated.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Yes, they gather for 1 weekend one month before the IOL.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, they assist the coaches.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

None except that it is a great experience for the students to participate in IOL.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

No.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Yes. We offer sample tests.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Yes. Material specially developed for the prep-camp.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

TalentCampDK.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Nothing.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

No.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

We ask in general for committee members at Copenhagen University.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

We pick one among from TalentCampDK's teachers.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

No.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Books. 5 students are presented with awards.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

We dont know at the moment.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

We dont know at the moment.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Eslovênia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Slovenia.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A competition for high school students, solving puzzle-like problems from different to them unknown languages.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

In our country, linguistic puzzles are a part of National competition in logic. You could say that our national competition in logic serves as our "national linguistics olympiad". We added linguistic puzzles to this over 30-year running competition for three reasons:

1. reason: to give participants from National competition in logic a chance to compete in international environment (there is no Logic olympiad, so before this, competitors in logic could not join any international olympiad, compared to competitors in math, chemistry etc.).

2. reason: starting a new competition would be much harder (we already have over 50 different competitions for students in our country).

3. reason: we thought that Logic competition and Linguistic competition are a good match, because both are run on two principles: no prior knowledge is needed and its all about problem solving.

To sum it up: we mainly see linguistic problems just as another category of logic problems. And, at least not that I know of, there was (is) no other reason/aim to have this than to enable high-school students to participate and compete in international environment.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

All consequences that were achieved were not actively aimed for but happened spontaneously.

1. effect: From my colleagues I heard that more students apply for linguistic studies. I'm am not a part of university, so I don't have concrete data, but if you need them please get back to me and I will ask and provide them for you.

2. effect: Students that are more interested in natural sciences don't have a big dislike towards languages as they used to have before. They now see languages more like a structured system but before to many of them languages used to be just a set of words and rules you have to memorise. (this is not backed up by data and research but is a feedback I hear from students).

3. effect: More students now understand and are interested in opportunities for work and study in the field of natural language processing.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Here are regulations: <https://www.zotks.si/logika/pravila> (Regulations are in Slovenian and are quite generic, I would be happy to provide translations for some parts or a summary). Then we also have a more specific rules for each-year organization with dates and more details about selection for IOL: <https://www.zotks.si/logika/razpis>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Linguistic puzzles were first added to our National competition in Logic in autumn of 2008 but only for some grades. From 2010 on, each grade and on each level of competition include 1 linguistic puzzle within a competition set (normally consisting of 4 puzzles). It all started when one of high school students found out about these puzzles and competition on the internet in 2008. She asked on her school if they could participate and the school said yes, they selected and sent a team that summer. That was in summer 2008. After the team returned with positive experience they started looking for ways to organize this on national level. They approached few different organizations who already organized national competitions in other subjects like math, chemistry etc (ministry of educations, associations like zotks, dmfa...) and zotks was the one who came up with the

idea to add linguistic puzzles to existing logic competition. See part 3) for more details on this. How it developed: at first we heavily relied on problems from other national competitions - we just translated them and added to our competition. Later we started composing our own problems. At first, the committee didn't have any linguist but after few years we asked few people to join because we understood the need for a trained linguist on a team (other committee members were mathematicians and former competitors).

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

The main issue that we faced and are still facing is the ""invisible wall"" between math and languages. Competition in logic is run on schools by math teachers. Historically, it was often said that you are either talented for natural sciences or for languages. So there exist a lot of misunderstanding and preconceived notions among teachers.

Math teachers feel forced to do languages in logic and feel like they don't have enough knowledge in that field and struggle to look at linguistic problems just as a type of puzzle. On the other hand, we tried reaching to teachers who teach languages but it turns out that they have very little knowledge of linguistic and they just don't feel / want to be a part of this competition. They look at themselves as professionals in one language and the feedback that I got is that they don't feel comfortable stepping out of this role.

To conclude, I was and still am surprised that math teachers are much more willing to learn about languages and help students solve these puzzles than are teachers of languages. So our main difficulty is to organize enough workshops on linguistics and linguistic puzzles on a level which is comfortable for math teachers.

What we learned was, that basically, we have to make math teachers comfortable to think about language features and not scared to step out of strict (math) rules because languages are more flexible and one thing in one language might not be the same in another. Once they see that they usually love these puzzles and are also eager to learn more about linguistics and languages.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Because this is an existing competition, the numbers are more or less stable every year and I don't think the numbers changed (neither positively nor negatively) because we added linguistic puzzles. The numbers vary a bit from year to year depending mostly on external factors (calendar, other school activities, population size...).

To give you ideas about the numbers:

- On first round (so called school round) we have around 30.000 competitors, from grade 1 (age 6/7) to university students. All grades get linguistic problems in their problem sets but only high school students are eligible for IOL selection.
- On second round (so called national round) we have on average around 2.500 competitors, from grade 7 (age 12) to university students.
- For selection test for the IOL we invite 50 best-performing high school students from national round.

To put these numbers in perspective: approximately 10% of all students in generation compete in National competition in logic.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

This happens before the selection test. We organize 2 or 3 Saturdays of lessons related to linguistics and linguistic puzzles. It usually lasts 6 hours each day. The main goals of this are:

- to give all students the same knowledge base because they come from different environments and some have already good support in their school and some do not.
- to give students basic overview of solving different puzzle types.
- to give students basic linguistic knowledge, mainly in the field of phonetics. From experience in the past olympiads we noticed that this knowledge is sometimes needed and can not be ""logically"" deduced from the data. While in Slovenian schools we do have heavy teachings of grammar(s), this doesn't cover phonetics.

- to give students basic ideas of how different languages in the world look like (examples that are vastly different from Slovene language).

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, they participate in the committee, they compose problems, they give lessons before the selection test and they advise selected team. More broadly, they also give lessons on summer camps (for students or teachers). We invite all ex participants to help with problem composition and few volunteer. From those who express more interest, we invite them to teach and mentor on summer camps for students and if they are good at teaching there, we invite them to have lessons for teachers and before selection test. We do this to get more diversity in problems and more diversity in teaching approaches and to complement each others knowledge.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

School teachers are responsible for first round of competition on their school and they also mark the papers. Some of them, on voluntary basis, also help marking the papers on second round. Some schools/teachers have weekly extra-hours with students before the competition where they solve puzzles and explain problem solving techniques. Few school teachers are part of the competition committee. They propose problems and help evaluate suitability and difficulty of problems and problem topic for age groups.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not organized, but some parents mentor their kids, either because school doesn't provide the extra hours or because they feel their or their children need to do more training. We know this because they ask us for extra material or sometimes they ask us for individual tutoring.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

The impact is the biggest for the students who go to the IOL. Being exposed to so many other different students and cultures is a big learning and social opportunity for them. I think they gain a kind of respect and understanding that they wouldn't otherwise. More generic impacts are:

- Some students who never thought that they could like languages become interested in them.
- With lessons about language diversity we help raise awareness about languages and cultures. Many students express surprise when they hear that Slovenian is among 100 most spoken languages in the world, because in media we constantly hear that Slovenian will be soon extinct.
- I think it helps bridge the gap between natural sciences and humanistic sciences.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

I don't think so.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Some schools/teachers have weekly extra-hours with students before the competition where they solve puzzles and explain problem solving techniques.

Before selection test we strongly encourage students to solve as many past problems as they can to strengthen their problem solving skills and to broaden their mindset with what rules can appear in other languages.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

All past problems are collected in books and recent problems are posted online. Teachers get additional material, mostly problem-solving techniques with appropriate problems on which they can exercise and explain them on trainings for teachers.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

See question 9.

Besides that, we encourage them to solve as many past problems.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Competition is organized and financed by Slovenian association ZOTKS (association for technical culture). They organize many competitions, summer camps and other training for youth in natural and technical sciences. They get government funding and funding from various companies for their whole program, so there is not one specific sponsor that would be sponsoring only and specifically this competition (at least not that I'm aware of).

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

See 18.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

I don't know. I don't think it is published. I guess just no one ever asked or thought of doing it.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

From my perspective, committee evolves organically. There is a core team, which meets at the beginning of the year and counts, who can participate in the next year. Then, depending on the needs the core team proposes and selects new candidates.

- candidates who express desire to join;
- people who composed problems in the past years;
- people who helped with the topic in other ways (teaching in summer camps, experienced teachers...);

I think there is a formal procedure behind this, but I don't know the details.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Association (zotks) selects a team leader. It is usually one of the committee members. It is usually the same person as in previous years because of the experience that person already has.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes, for IOL. We communicate the results to the media. Our competitors are then usually invited to school-related or language-related radio talk shows and there are usually interviews with medal-winning ones in newspapers.

press release: <https://www.zotks.si/logika/novice/zaklju%C4%8Dena-lingvisti%C4%8Dna-olimpjada-2019>

To talk-show: <https://ars.rtv slo.si/2019/08/jezikovni-pogovori-209/>

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

I'm not aware of it.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

I'm not aware of it.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No, not in Slovenia. However, many students who compete on international level are thinking of studying abroad and it helps them there.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

There is a national award ceremony for all competitions together at the end of the school year. In addition to that, the best students from national competitions are invited to a ceremony with a president.

The best on the 1st round get so called bronze diplomas, the best on the 2nd round get so called silver and gold diplomas. The number of diplomas is regulated on the national level and it's based on number of participants in the 1st round. Around 1% gets gold diploma, 2% silver diploma and about 30% bronze diploma.

Gold and silver diplomas count toward acquiring stipend (scholarship?) for talented students.

Other awards on national level:

- Top three in each grade get free admission to a summer camp of their choice and an educational excursion.

- In addition to that, gold medalists can get books, museum tickets, T-shirts or other, depends on the resources and potential sponsors.

Other awards:

Most students get awards from their schools, usually books, and sometimes from local communities.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

We would like to switch from 4 long problems to a bigger number of short ones. But it is really hard to make a self-sufficient short problem that includes problem-solving skills and is not a one-or-zero type of problem.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

We haven't talked about that.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

At the beginning of this school year one of our students messaged me from Amsterdam, saying thanks for exciting her about these kind of puzzles. Before attending one of my lessons she thought that she will forever get 0 points at this part of problem set on competition, but after the lesson she not only realized that she is good at solving them but that languages are actually interesting. So she searched and found an option to study something like that and now she is a happy student in a ""heaven for linguists"" as she calls it. :) Her alternative option was math...

Many students (and teachers) don't like this type of puzzles at first, but once they figure them out they can become their favourite. It really shows how many preconceived notions about languages have those who are more into math and how easily it is to get rid of them with this type of problems.

I strongly believe that linguistic puzzles are a way to bridge the gap between natural and humanistic sciences.

Espanha 1

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Spanish Linguistics Olympics, Spain.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A contest on language puzzles that challenges your way of seeing how languages work.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Encourage teenagers towards linguistics and computational linguistics Discovery.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Motivation and engagement from participating schools and students to keep participating.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Yes, https://ole.abumatran.eu/?page_id=100&lang=es

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

People already involved in the Irish LO and some other partners started the Spanish LO as part of a European Project related to machine translation. It was one of the activities for reaching out young people to make them aware of the field mixing linguistics and computers. It started in 2013, involving Dublin City University, University of Alicante, Prompsit Language Engineering and a couple of external collaborators from the Russian and International LO (Stanislav Gurevich) and from a secondary school in Alicante (Guillermo Latour). See more info at:

<http://journal.sepln.org/sepln/ojs/ojs/index.php/pln/article/view/5067>. We organised it for four years, it started regionally, then moved to a couple of regions, then to the whole country.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Engaging schools into a new activity, having problems translated and tested in Spanish, defining the rules to scale from regional to whole country, training team for international. Funding was ensured from the research project for 3 years, we managed to organise a third. Then we run out of budget. Many efforts were made to find it but none was successful.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

We had 400 participants in the first year with only 1 region, 75 qualified for the final round. It grew up to some several thousands but we limited participation for 1st round to 10 people from each school, having around 700 and selecting 15 for a physical 3-days camp and final round.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

We used to make a 3-days camp for 15 students selected from the first round. We had talks and hands-on training sessions + other social activities with invited speakers. On the last day, we had the final round, on-site evaluation and selection of Spanish LO winners and those who qualified for IOL.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, at the time they participated in training younger participants inside their schools.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, since the beginning, to know how to reach the school communities (dissemination), in problem testing and creation and evaluation. Also in training during camp and in mentoring the international team.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No, not really. Only to let their children participate in the IOL.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Many of them discovered Linguistics, Computational Linguistics and Natural Language Processing as a path to choose in their future education. That was very rewarding as some decided to go for it.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

We did not have the time to develop such policies but girls were definitely on our road map.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Yes, we encouraged them to prepare during the whole academic year and even outside it by posting problems on the website, later on solutions.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Sample problems and solutions with guided explanations posted on website.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

We pointed to problems from the IOL website from past contests.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Funding came from the European Union mainly. Prompsit is based on a Scientific Campus, and we engaged the organism managing it (FUMH) to give support to it. We reached out companies, public institutions and even the Ministry of Digital Advancement, but we never received funding from it.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Not applicable, but for FUMH which did not ask for any return.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Yes, https://ole.abumatran.eu/?page_id=419&lang=es

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

They were naturally selected among the consortium and among people expressing an interest on it.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Because of their knowledge of how the IOL works, of the team itself and of their availability to go and take the responsibility.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes, we did an effort to disseminate at different stages mainly through press releases, papers and reaching out people one by one:

https://ole.abumatran.eu/?page_id=260&lang=es

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No, not really.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

**Yes, the already mentioned paper submitted to the SPLN congress after the first year:
<http://journal.sepln.org/sepln/ojs/ojs/index.php/pln/article/view/5067/2955>**

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

When at regional level, all students got a diploma, 3 of them a trophy. When at national level, 15 students came for free to the 3-day camp (travel, hotel, meals, funny activities), 3 of them got a trophy 4 of them were participating in the IOL with all expenses included.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

In our case, the LO has been over since 2017. We did not find a sustainable source of funding. We are still looking for it.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Not applicable, more online training and modern one (videos, apps) would encourage users.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Yes! We called it OLE to stand for Olimpiada de Lingüística de España but we were sued by the Spanish Sports Committed because apparently the word Olimpiada is reserved for sports and we needed to change it to "OLE - cOmpetición de Lingüística de España". Crazy... We also made the effort to go multilingual, because this is the nature of our country and all the problems and materials were produced at some point in the four co-official languages.

Espanha 2

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Spain.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A competition on solving problems on analysing the data of different languages with no prior knowledge of those. Anyone can take part provided possession of patience, logical thinking and common sense.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Not are, but were, unfortunately. Promoting linguistics among school kids, I'd say.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Not much, in fact, as the Spanish LO collapsed back in 2018 and has not reserected by now.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

No regulations, as there's no olympiad now.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Was launched by Prompsit company specializing in computational linguistics in 2014 with the help of Alicante University and myself as an advisor. We managed to bring it to the wide-national level in a couple of years.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

One of the difficulties was explaining to rather conservative Spanish educational community what is it really for and about, but somehow it was achieved. But, of course, the major problem which led to ceasing of the whole project, is lack of regular funding.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

It was normally several thousand participants round the country.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

When the olympiad was still in [lace, we held a 5 days final camp session for about 20 best students with lectures and trainings having the final selecting test on the last day.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not much, as most of them went to study far away.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Guillermo Latour Alcantud, who was the team-leader for Spain in all the years of the team's existence, is in fact a school teacher.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

By now we hope only to bring the project back to life some day.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare? **No.**

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Yes, we used to publish the previous years' material on the website.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

We used to do some training on the offline session. Lots of problems from my data base were used.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Prompsit Language Engeneering.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

---.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

They WERE.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

It was permanent group of people.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

There was one and the same person in all the 4 years. Everyone liked and trusted him.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Not purposely.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones? **No.**

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

There're lots of books published in Russia, Bulgaria and other countries.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region? **No.**

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Medals, souvenirs, books.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Revoke it.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Revoke it.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Estados Unidos

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region? What is your email address?

NACLO, USA.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

You learn about human languages by solving puzzles in languages you don't know.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Fill workforce needs in computation by showing that computer science is not just numbers and code. Computer scientists use computation to solve fascinating problems in a variety of subject areas. Also, fill workforce needs in human language -- humanitarian aid, international business, intelligence, teaching etc. And, introduce linguistics, the human language sciences, to students before they get to university.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We can't track everyone who does the contest. However, we have tracked the US team members since 2007. There have been about 84 team members. About 18-20% are female. About 25% are in the field of linguistics. Several have published in linguistics and computational linguistics. Others are in computer science and math, but have studied linguistics at university. It is good to have people in other fields who know what linguistics is because linguistics departments often do not have a lot of support at universities. The students from the 2007-2009 teams are just getting their Ph.D.'s now -- some in linguistics and some in CS, math, and physics.

For the people who competed in NACLO but did not make the team, we know of several who are doing quite well in linguistics. One of them has a non-profit company focusing on endangered languages called 7000 Languages. Another one is my current teaching assistant. I have met many others too. But as I said, it is not possible to track all former participants.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

nacloweb.org

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

In 2006, a program manager, Tatiana Korelsky, from the National Science Foundation provided funding to get it started. Dragomir Radev and I (Lori Levin) agreed to start it. In the fall of 2006, we had a workshop with about 30 people from different universities. We also invited Ivan Derzhansky and Boris Iomdin to advise us. We decided to hold the first contest in Spring 2007. Many people thought that was too soon, but we did it anyway.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Money. Always money. Also, people. We need more people who are completely devoted and feel that they were born for linguistics Olympiads, and have time to work on it.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

The first contest had less than 200 participants. After a few years we reached a steady state of 1500 to 1700 participants.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

NACLO does not run a camp. But there is an increasing number of linguistics camps in the US. There is one at Ohio State University and one at Stony Brook University.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?
Several ex participants are very active. The most active one is Tae Hyun Lee, who has been chair of the IOL jury twice. Since he is on the IOL jury, he does not help to run NACLO. We have at least 15 ex participants who are very active in making problems, grading, answering email from contestants and teachers etc.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?
Teachers pretty much just bring students. We get some problems made up by teachers from the UK and Australia, but teachers in the US have not been making up problems and have not been involved in NACLO organization. Except for the first two years -- we used to bring a high school teacher with us to IOL to help manage the team members.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?
The parents are enthusiastic spectators. Sometimes they help us translate (for example a Chinese parent helped us with registration for IOL in 2014 in China). But they are not involved as organizers of NACLO.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?
Some NACLO participants didn't know about linguistics before NACLO and now they are getting Ph.D.s in linguistics. Some students benefited from being around other students as nerdy as them and were able to socialize without holding back. (This is a problem for profoundly gifted kids).

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?
We don't focus on any particular group. We just keep the contest free of charge so that anyone can participate.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?
They are not encouraged to prepare but they do. They read Wikipedia, listen to linguistics podcasts, and watch linguistics channels on YouTube. And some of them practice the problems from previous contests.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?
There are over 100 universities and high schools that host NACLO. They vary widely in how they do outreach to local high schools. Some have clubs. Some just offer training and information sessions.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?
We train on Skype from April to July. We train for two days in July before the IOL. Some of the team members do every past IOL problem. We also cover the basics of linguistics.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?
We haven't had a company sponsor in a long time. But we had some support from Yahoo! for a few years. We got some money from Mozilla once. I can't think of the others right now.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?
They get their logos on our shirts, website, and contest booklet.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?
The authors of the problems are published on the program booklet.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Hard to say. A lot of people submit and review problems. Also, all the English speaking countries share problems.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

The team leaders are always university faculty, not high school teachers. For the US it is Dragomir Radev, Lori Levin, and Aleka Blackwell.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

There are press releases at nacloweb.org

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No. Let me know if you know of some.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

MIT's admissions office pays special attention to applicants who have scored highly in NACLO. (And about 25% of our former team members are at or have been at MIT.) No other universities have asked us specifically, but many universities have policies about contest winners in their admissions procedures.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

We don't give awards or have an award ceremony. The trip to IOL is the award.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Funding and improving the procedures for reviewing and revising problems.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

I don't have any ideas right now, but I wonder if the types of problems will get old. Students are using the internet to find out about linguistics while they are in high school, so I wonder whether the contest will need to change in some way in the future.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Estônia 1

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Estonia.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It's an olympiad about differences in languages. It consists of tasks involving a language the solver does not speak nor (usually) know. The aim is always to understand some language rules (grammar, phonology) and perhaps make up sentences in the language the solver just got to know.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

The aim is to promote linguistics in schools. Our curriculums do not cover that much, the teachers don't know about linguistics, therefore they cannot teach it.

The other aim is to select a team for the IOL.

I think that bringing students together can be considered as one aim also. But this is the aim of every olympiad.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Institute of Estonian and General Linguistics (in University of Tartu) has gained several general linguistics students, including me, in their BA programmes from the LOs. Our LO has also made some connections and via FB I can see that many students have formed long-term friendships.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

**In Estonian you can find them here ('Juhend ja žürii (pdf)' under 'Dokumendid'):
<https://www.teaduskool.ut.ee/et/olumpiaadid/lingvistikaolumpiaad>**

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

I was not part of the start of LO. I suggest you ask Miina Norvik (the member of the jury in IOL) or Renate Pajusalu (I can give contact).

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

I don't know about the past, but I can say that currently the LO is supported by the government and we do not have obstacles. On organisational matter it is sometimes hard to create unique tasks for the olympiad. We do, however, actively involve former participants in the preparing process after they graduate high school. This gives us a steady flow of people and tasks (newcomers are always more enthusiastic about creating them).

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

I do not know.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

We do have a linguistics camp, but it is not a part of the competition. It's a preparation camp for the international team for the IOL and for other students for the next year olympiad. Their selection is based on the results of the last round of the IOL (first 15 students). We have lectures and task solvings. For lectures we sometimes invite guests. Evenings are free for socializing. It takes three nights (four days from afternoon to afternoon).

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

They do tasks for the LO and can help with the organising if they are interested in it.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

They help to hold the first round locally. (Last round is in Tartu, first ones are in Kuressaare, Narva, Pärnu, Tallinn, Rakvere and Tartu). Some teachers help their students with preparations as well and hold in-school olympiads to select students to represent the school in the olympiad.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No, they do not.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Broaden their views and knowledge on languages. Hopefully some students want to learn it more in the university.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No. We also have a limit: one school can send up to 10 students. If they contact us and ask for more, we sometimes have made exceptions (but not more than 15).

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Yes. Teaduskool has an online course for high school students 'Basics of linguistics). We encourage our students to take part in that. Teaduskool is the government institute that deals with all the olympiads in Estonia.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

We have some old tasks available online, I think. We have also published two books with the tasks in the past LOs. The last one also has a chapter of hints if you get stuck but don't want to read the solution just yet.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

I encourage my students to solve tasks available online: for example the NACLO and IOL tasks.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Usually we do not have any. This year we got some companies who were willing to give a lecture in our camp or sponsor the prizes.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Advertisement.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

It's in the same pdf I indicated before.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Basically whoever has shown interest and has helped to organise the LO. We have no formal criteria, except the head of the jury (or problem committee) should be in the Institute of Estonian and General Linguistics and not a student (as he/she has to deal with money as well).

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Mutual agreement in the jury/problem committee. No formal selection rules.

Ps. One must understand that we do not have separated jury and problem committee. The same members create tasks and mark them.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

We have press releases about the results of the last round and the IOL.

<https://www.teaduskool.ut.ee/et/uudised/rahvusvahelisel-lingvistikaolumpiaadil-uuriti-ponevaid-keelenahusi>

<https://www.teaduskool.ut.ee/et/olumpiaadid/rahvusvaheliste-olumpiaadide-arhiiv#ILO> -
Rahvusvaheline lingvistikaolümpiaad (ILO)

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No, but there might be some I am just not aware of.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

If you get to the international team, some universities accept you without competition (except medicine fields).

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

About 10-15? We have books, mugs, cloth bags etc. The first four usually get to choose between electronical items such as an tablet, e-reader, mouse, speakers, headphones.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Keep the steady flow of new-comers in the organising part of the LO. The amount of participants might increase if we get more popular and it might get hard to handle. We must prepare for that. I, personally, am thinking how to prepare the international team more besides the camp.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

I am not sure. But the amount of work the poor jury has to do is too much to bare. This might become an issue as the IOL grows.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Estônia 2

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?
Estonia (although I haven't been involved with the LO for many years now).

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It is an event where secondary school students compete to solve language-related puzzles, most typically to deduce the grammatical rules of a language that the student doesn't know from a set of example sentences.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To popularize linguistics, a field that is not very well known among secondary school students when they are choosing what to study at university.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

There have been several students who went on to study linguistics after competing in the olympiad. But to be honest, I haven't been involved with the olympiad for many years now so I'm not sure what the situation is right now.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

https://www.teaduskool.ut.ee/sites/default/files/teaduskool/olympiaad/eeesti/ling_2019_20_juhend_zurii.pdf (but it's in Estonian)

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

The olympiad was already well established when I got involved so I don't really know.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

The olympiad was already well established when I got involved so I don't really know.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

I really don't know, unfortunately.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Yes, there is a summer camp for the top N students at the national olympiad (I'm not sure what N was anymore. 20?). I can't remember exactly but I would guess it lasted about 3-4 days (I am writing in the past because I haven't been for a good 9 years). There were lectures related to linguistics (actual linguistics, not just the puzzles), as well as sessions to practice solving problems, both individually and in teams.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, I think quite a lot of the people who have been involved in the Estonian LO, me included, started out as participants. So this can mean creating problems, lecturing at the summer camp, helping with correcting the problems, serving as the head of the team at the ILO, serving as a jury member at the ILO.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not that I'm aware of.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not that I'm aware of.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Perhaps introduce them to a new scientific field they hadn't thought of before. Linguistics stands at the intersection between sciences and humanities. So perhaps it is

an opportunity for people who previously thought they were pure humanities oriented to discover that they have interests/talents also in science (this was definitely the case for me - I work as a biologist now and it's possible that I would have never become a scientist if I hadn't taken part in LOs when I was in school).

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

Not that I'm aware of.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Just solving practice problems. At least two compilations of practice problems have been published in Estonia.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

See previous questions. Two books of problems have been published.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Solving problems from previous IOLs.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Not sure, I think it's mainly been public funding.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

I don't know.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

In the problems, the name of the author is always indicated at the top.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

From what I can remember, it's fairly informal. People who participated as students and have now graduated are often encouraged to think of their own problems and submit them.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Also fairly informal. The number of people involved in the LO is quite small. So it's more of a problem of finding somebody who is willing and able to make this effort than a problem of choosing between a list of candidates. Usually, somebody who is well known to the organizers and has helped by creating problems, for instance, is asked to take this role.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

I'm not sure on the details. There's definitely press releases (e.g. <https://www.err.ee/381189/rahvusvaheliselt-lingvistikaolumpiaadilt-eestile-kuld-ja-kaks-pronksi>). At some point, I remember me (who was in the IOL jury at the time) and the team leader even published a small article after coming back from an IOL but I can't find it online right now.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

I don't know of anything but I'm also not particularly well informed.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

Well, this study.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Yes, like all olympiads. At least when I was a student, if you came into the top 3 in the national competition or represented Estonia at an international competition, you immediately got into the University of Tartu regardless of your exam results.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

There was an award ceremony, though I don't remember how many students got an award. It was all books. It was very cool, there was a table full of books and you got to go up and pick one when they called you.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Again, I'm not involved with the LO anymore so I'm probably not the right person to ask.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

See previous answer.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Hmm, probably not.

Finlândia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region? What is your email address?

Finnish Linguistics Olympiad (Kielitieteen olympialaiset, or KiOI).

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It is a competition intended primarily for high school students. Its main goal is to somewhat introduce (general) linguistics to students, and to give an idea of the world's linguistic diversity. The tasks do not require a knowledge of any particular language, but encourage logical and linguistic thinking. Linguistics olympiad is one of the set of science olympiads for school students (e.g. olympiads in maths, physics, or biology), but it is younger, and it differs from the others in that linguistics is not a school subject.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To introduce linguistics to school students, to give them an idea of the world's linguistic diversity, to help students decide whether they would like to study linguistics on the university level. On a more practical level, we would also like to establish contacts with teachers and help them introduce linguistics in some form in the school curriculum.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We have a national olympiad every year (two rounds) and a preparation weekend for the IOL participants. Finnish team takes part in IOL. We have already organized several workshops at schools, discussing linguistics and solving problems with the students. One school in Helsinki recently established a study group. Our team and the linguistics olympiad in Finland is growing.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

We do not have strict regulations, and we mostly publish them in connection with each particular competition. This is probably the most relevant link (in Finnish): <https://blogs.helsinki.fi/kielitieteen-olympialaiset/tietoa-olympialaisista/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

I come from Saint Petersburg (Russia), where I was involved in LO for years, first as a participant, and then as an organizer, a coach, and a team leader. I came to Finland to do my PhD in 2012, and at some point I thought I would like to introduce the concept here. I organized the first online competition in 2015, mostly on my own. A friend from Yandex (a Russian corporation specializing in Internet-related products and services) helped me with the online platform. Over the years, I got a couple of colleagues interested in it. At first, we didn't have any funding whatsoever, but then, in 2018, some people from the University of Helsinki (where I work) who collaborate with high schools got involved. Together we applied for external funding, and got some money, first for one year (2018), and then for four years (2019-2022), both times from private foundations. The money is primarily spent on participation in IOL. Now we also got some funding from the ministry of education, for expanding collaboration with high schools.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

It was not easy at first because I was alone and I didn't know much about the educational system etc. I also had to translate all the problems myself. It is still hard to find enthusiastic people who would want to be involved in organization, although now we do have a team. Developing the olympiad is quite hard, because competitions are not really a part of the Finnish educational culture. But we are trying not to emphasize this aspect, and focus more on broadening the students' horizons.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

So far, we have had around 30-60 participants every year, and there seems to be little correlation between our efforts to advertize the competition and the number of participants.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

The participants of the final round gather in Helsinki, but that is just for several hours. We then have a preparation weekend in Helsinki for those selected for IOL (4 people), where they solve problems and hang out with each other, usually for Friday and Saturday.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

There is one person who took part in the olympiad two years ago and now studies general linguistics at the University of Helsinki. This year he helped us to grade the solutions, and we hope that he will also be more involved in the future, e.g. coordinate our collaboration with high schools etc.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not in the LO itself, but they ask for workshops, and we also have some materials (problem sets) for teachers which they can use in their work.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lifes of the participants?

We expect the participants to become more aware of linguistic diversity, and to have fun. Some of them might want to study linguistics at the university level, but this is not a major goal for us.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

No. We do give some tips to the participants selected for IOL, but not much.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

These are not preparation materials, but we do offer several thematically organized problem sets that can be used in teaching.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

No. We do give some basic tips, and we answer their questions regarding where to find a specific type of information, but we do not expect them to prepare for IOL.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

2015-2017: no sponsors; 2018: Otavan kirjasäätiö + minor support from the University of Helsinki;

2019-2022: Koneen säätiö + minor support from the University of Helsinki; 2020: Ministry of education.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Mentioning them in public communication (e.g. on our website).

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

We do not have a problem committee, we translate problems from other countries' competitions. The authors of individual problems are mentioned in the problem set.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

We do not have a problem committee.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

We were happy to find a volunteer for that, it is not a matter of choice.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

We have made some efforts, but not much. There was an article in the university media, I wrote a post in the blog of Kone Foundation (one of our sponsors, <https://koneensaatio.fi/en/bringing-linguistics-to-schools/>), there was an article in an offline magazine for language teachers (Tempus). It is mostly some general information about the olympiad. We are planning to contact some larger media in the near future.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No, definitely nothing by Finnish researchers, but Renate Pajusalu from Estonia wrote an article in Finnish about linguistics olympiads: Pajusalu, R. (2010). Kielitiede olympialajina. Virittäjä, 114(4), 563-566.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No, probably not. Definitely not in Finland.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No, but we are slowly working on this. In principle, the University of Helsinki is interested in the possibility of offering study places to some of our winners.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Books (every year we choose different books related to linguistics or linguistic problems) and diplomas. All the participants of the final (10-15) round get the diplomas, and the four winners get the books.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Everything is changing quite fast, so we mostly just follow the flow. But our main goal is probably to get more participants next year. It would also be great to expand the core team of organizers. At some point, we would like to have a Swedish version of our competition (it is the second official language in Finland), but it is not our priority at the moment, because the demand does not seem very high.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Nothing. I think IOL is fine as it is.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Probably not. Here is our website, we also have a blog there: <https://blogs.helsinki.fi/kielitieteen-olympialaiset/>

Hungria

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Hungarian Linguistics Olympiad (Magyar Nyelvészeti Diákolimpia) for Hungary.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A competition, both individually and in teams, about applying tools used in linguistics on lesser-known languages.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Primarily, to select the (traditionally) two teams representing Hungary at the IOL, but also to raise awareness of linguistics among high-school students and teach some of the basics.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

It is now considered an official national qualifier competition for an international olympiad by the government. Additionally, the number of contestants is growing every year.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Yes, but in Hungarian only at the moment.

<http://ioling.ppke.hu/sites/default/files/feladatok/Versenyszab%C3%A1lyzat%20v%C3%A9gleges%202019-2020..pdf>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

The Hungarian Linguistics Olympiad was initiated by an enthusiastic high school student in the academic year leading to IOL 2012. She discovered the international olympiad and wanted to participate. The student was supported by her English teacher, who reached out to the Hungarian Academy of Sciences. There a group of linguists agreed to organise the first ever national qualifier competition for IOL 2012. As some of the organisers also worked at Pázmány Péter Catholic University, the institution also began to play a role in organising the olympiad. Over the past couple of years, previous contestants joined the organisers too.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Many international olympiads focus on areas that are taught subjects in Hungarian high schools, such as mathematics or biology. However, linguistics is not one of them. As a result, it is difficult to identify a support network for organising the competition. Currently, language, Hungarian, mathematics or informatics teachers may help promote the competition across high schools, but IOL is not exactly their "target" competition. This also means that advertising the competition is difficult and high schools rarely provide preparation for their students. The lack of a professional body for linguistics present in high schools also meant that for the previous years the Hungarian Linguistics Olympiad had to compete in order to be sponsored by the government, as sponsorship was not automatically guaranteed. Currently, advertising the competition is one of the biggest challenges.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

The numbers increased from a few dozen participants to a few hundred contestants. The number of participants grew with media coverage and advertisements.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Before the international olympiad, there is a preparation period when all selected contestants gather for a couple of hours, maybe a whole day, every week or two 4-5

times to learn about linguistics through lectures and discuss linguistics problems they solved in between these meetings.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?
Yes, they do on a voluntary basis. To what degree, depends on them. Previous contestants often later become team leaders or observers.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?
It is quite rare. Apart from maybe helping with advertising, high school teachers sometimes maybe hold preparation classes for students competing in the national qualifier competition.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?
They do not.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lifes of the participants?
The competition requires them to attend almost all rounds. Selected contestants are required to attend the gatherings during the preparation period.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?
No, there is not.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?
Linguistics problems from previous years are available on the olympiad's website for optional preparation along with links to the IOL as well as the NACLO problem database.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?
Yes, all problems from previous years are available on the website. Additionally, problems specifically for preparation with solutions are also available.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?
Apart from the preparation sessions, where numerous linguistics problems are solved, selected participants are encouraged to solve problems from both the IOL as well as NACLO websites.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?
The olympiad is primarily government sponsored. Additional sponsors include individuals and small companies.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?
Media coverage as well as advertisement through presenting their logos.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?
They are not. The students get to know the problem committee through the different rounds.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?
Based on the network the organisers have.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?
The decision is made collectively by the organisers.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes, this typically happens after the international competition. Videos of interviews for instance can be found on the competition's Facebook page.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No, I do not.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No, I do not.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

I believe it will from this year on, as it is now recognised as an official national qualifier competition.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

All students (around 16) who made it to the final round are awarded by a certificate through an award ceremony. The selected members of the two teams receive an additional certificate.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Advertising the competition and preparing selected contestants.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

I am not sure.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Ilha de Man

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Isle of Man.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A linguistics based problem-solving competition.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To introduce school age children to linguistics.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Higher awareness of linguistics and its applications.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<https://sites.google.com/site/lingomann/home>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Our LO was started by an interested teacher who wanted to introduce linguistics to pupils in the Isle of Man, and to reward pupils who were able to apply what they had learnt. The teacher was the Manx Language Officer (Manx is the name of the local indigenous language). Both the UK and Ireland offered to help with the provision of problems and a retired professor of linguistics was recruited to mark the papers and assist with training. A co-ordinator was recruited at each participating secondary school to assist with the running of the competition. A charity was formed to raise funds to enable the team to travel to the IOL.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

To begin with, many schools did not understand what linguistics is. This situation is slowly improving.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

The first year we ran the Isle of Man LO we only had 11 participants. In each year after that the numbers grew until they reached about 110 after three years. 110 is now our annual average.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No. We hold two rounds, both of which are held within schools. The team meet together for five days of training before the international competition.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. They help with training.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. They publicise the event and encourage participation.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

In many cases pupils have discovered that they have problem-solving skills that they were unaware of, which boosts their confidence. Students who make it onto the team get to represent their country - something which is otherwise only achieved in our country by elite athletes.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

- - -

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

They are given links to past problems.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

They are given links to past problems.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

They receive lectures, study material and problem practice and analysis.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Various. Mostly from the IT and financial sectors.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Sometimes their name on a T-Shirt and mention in press releases, sometimes nothing.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

The organisers (co-ordinator and marker) select problems from the UKLO and All Ireland LO. The names of the co-ordinators are known to each of the participating schools, they are not published elsewhere, but are available upon request.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

We don't have the resources to produce our own problems.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

The principle team leader is the organiser of the LO, who is always accompanied by an assistant team leader (known at the IOL as an 'observer') who is always a previous contestant. They are chosen on the basis of availability.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes. Press releases are quite general and usually just say; who went, where to, who supported them, <https://www.manx.net/isle-of-man-news/73490/team-isle-of-man-take-part-in-international-linguistics-olympiad>

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

We encourage pupils to study these works: Language Magic and Mystery, Ivan Derzhanski. Puzzles in Logic, Languages and Computation, Dragomir Radev.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

I think so. We don't have any prestigious universities with a linguistics department in the Isle of Man, our successful students usually choose to go to university in other countries.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Certificates only.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

--- .

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Better training.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

We are the smallest country to take part - and we've never won anything!

India

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Panini Linguistics Olympiad, India.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

We generally say "It is like the other science Olympiads and math Olympiad, which happens at national and international levels, and only the exceptionally brilliant students can crack it. But unlike the math and science Olympiads, linguistics Olympiad is about solving puzzles which require logic and intuition about languages, but no background in linguistics is required. So anybody who loves solving puzzles and loves analyzing language grammars, it is for them".

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

1) Select the Indian national team which will represent India at IOL.

2) Spread the awareness about linguistics and computational linguistics amongst students.

3) Spread the awareness of the rich linguistic diversity and heritage of the world and more specifically that of India.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

1) We now have a steady program, that is 10 years old. In the past 10 years, we have managed to build a program where many professors, professionals, researchers and schools participate.

2) The problems are mostly designed by students of previous years. Hence it has become a very successful and self-sustaining model.

3) Many of our contestants have decided to pursue linguistics and comp. linguistics for their undergrad studies. Others have ventured in related fields like cognitive science or AI. This, we feel, is our most significant long term achievement. [India doesn't have undergrad linguistics programs - only at post grad level and higher; there is one undergrad comp. ling program. Therefore, Indian students going abroad to do an undergrad in linguistics was unheard of before we started this Olympiad.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<http://lrc.iiit.ac.in/nlpmt/plo/#/participate/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

In 2009, one student from Mumbai, Akanksha Sarada, learnt about IOL from a student whom she met at International Physics Olympiad. She wanted to participate, but found that India did not participate in IOL. So she, along with her brother, supported by mother Zarana Sarada became the first participants from India in IOL 2009 and IOL 2010. IOL has the rule that one country is allowed to participate in IOL as a guest at most for two years. So for further participation, India would need accreditation. Zarana approached Linguistics Dept of Mumbai University to start a national LO in India. Under the leadership of Prof Avinash Pandey, the first national LO (named Panini Linguistics Olympiad - PLO) was conducted in 2011. There were only 5-6 participants, all from Mumbai. Zarana and Avinash started some campaigning around schools in Mumbai and also approached the science Olympiad coordinators in India (<http://www.hbcse.tifr.res.in/>). However, they refused to take up linguistics olympiad as their program as they had no resources (but also probably because linguistics was not a science!) So Mumbai University continued conducting PLO till 2013, and the round 1 test was held in a few of cities coordinated by schools (as per requests from students who wanted to participate) and round 2, which was a week long camp for training-cum-selection, happened in Mumbai University from which team India was selected. Zarana was the team leader for India, all through these years. There was no funding for the program, and the students paid for travel and stay for the camp as well as travel and registration of IOL. Meanwhile, in 2009, Prof Dragomir Radev (US team leader) contacted Dr. Monojit Choudhury (researcher at Microsoft Research lab India) and asked if

Microsoft Research could take up/support the program or at least sponsor it. Monojit enquired with Linguistics Society of India, who had no clue about LO. But quite coincidentally, in 2013 March, one teacher contacted Monojit about some help with Linguistics as her student (Yash Sinha) was taking part in IOL. Through Yash, Monojit got introduced to Zarana and Avinash. He attended 2013 camp in Mumbai University, and was heavily impressed and excited. He decided to take it up further and scale it up as a country-wide program. As a first step, Monojit secured 3 years of funding for PLO camp and IOL from Microsoft Research (Since then Microsoft has been funding the travel and registration of the first Indian team to IOL). In 2014, Monojit set up a nation-wide program by setting local centers across 10 Indian cities spanning all regions of the country. The camp was conducted in Microsoft Research premises and experts from all over the country were invited to train the students. Soon the participation increased to 500 at round 1. The Indian Informatics Olympiad organizers also helped in spreading the word about PLO. This phase culminated in 2016, with India organizing IOL in Mysore. In 2016, Zarana and Avinash retired from PLO activities (though both were peripherally involved) and IIT Hyderabad took up the program. Since then, PLO is being conducted by IIT Hyderabad in collaboration with Microsoft Research India. And the program is in a stable shape.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

There are three fundamental problems that we faced from very beginning, which are still relevant and requires attention:

1. Attracting schools/students to participate: Since linguistics is not taught in school, and literature/language teachers really do not have any clue about the problems, we find it difficult to identify a teacher in schools who will champion and own the program. Usually, computer science teachers and math teachers are most interested; but getting them to listen about linguistics Olympiad itself is a problem. So we have tried alternatives like using comp. Linguistics or AI to attract more students/teachers. But we do not want to overdo it because it will attract the wrong set of students or set wrong expectations.

2. Funding: While Microsoft Research has been funding since 2013, we have not been able to attract any other sponsor. This is potentially dangerous, because if for some reason Microsoft stops funding, PLO will have no funds. The lack of funding is primarily due to organizational reasons. 2009-2012 - there was no funding due to lack of awareness and adequate effort. 2013-2016: Microsoft owned the program, so there was no need to seek for sponsorship. 2017 onwards IIT owns the program and due to some organizational policy (too complicated to explain here) it is difficult for them to ask for funding for PLO explicitly.

3. Organizational Support: While IIT Hyderabad is organizing it for now, it is primarily due to interest of certain individuals and support from the director of the organization. So if these interested professors decide to retire or the director withdraws support, PLO will not have an organizer. This is a real possibility as nobody can commit continued support for ever. Hence, we are planning for registering a non-governmental association/society which can own and run PLO.

We find that private schools are more involved than public schools, usually because those are the schools that have language classes and language teachers, and we find it harder to convince other kinds of teachers that it is relevant. Also the private schools have more time and resources to run these kinds of competitions.

Our other problem is the timing. In Australia, the school year starts in late February / early March. Teachers do not know who will be in their classes much before this, and we can't easily contact them in the summer holidays anyway. Because of the timing of the IOL we have to hold our local (state) competition already in mid March so that we have time also for a National competition before registrations are due to IOL. This only gives schools a couple of weeks to get organised for their students to participate, which is not enough time.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

2009 & 2010: NO formal contest, so only a team of 3-4 students went to IOL

2011: 6 (approx.) ; 2012: 15 ; 2013: 25 ; 2014: 60 ; 2015: 110 ; 2016: 200 ; ... ; 2020: 500 (approx).

Thus, we did observe an exponential growth in the first 5 years. Since 2017 the numbers have more or less stabilized. The number increased since 2014 as we set up a nationwide program with test centers across the country.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Our round 2 is a residential training-cum-selection camp. It used to be for 7 days, but because students love it, we now have it for 10 days.

The daily schedule has two (1.5 hr) lectures in the morning, and two problem solving sessions in the afternoon, followed by a 2 hour team challenge every evening. Other than that there is a mid-test and an end-test (both IOL style), and a problem design workshop and sometimes excursion to labs on AI, comp. linguistics.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Over the years, ex participants have gradually taken up very prominent roles. We always had ex-participants in the problem committee, but now they take up all the following roles:

1) Problem committee member as well as chairing the committee (in fact, there are very few non-ex-student member in the PC)

2) Organizing coordinators who looks after website/registration/communication.

3) team leader at IOL

4) Volunteering as trainers during the camp.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No. So far only one school teacher has shown continued interest in hosting the test and encouraging their students to take part.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Parents are in general supportive, and often they have joined us as observers or team leaders in IOL (sometimes, they even sponsored themselves, and of course their kids because we do not have funding for the second team). Some parents offer to coordinate IOL travel schedule and logistics.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lifes of the participants?

All our contestants who attend the camp say that this camp is a life changing experience. You can watch the video on our website where the contestants talk about their experiences. As stated earlier, the strongest objective indicator of this is that several of our students take up major or minor in linguistics during undergraduation; several others choose computational linguistics or cognitive science. This is a field that they had no clue before attending the camp.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No. We have seen a healthy sex ratio in our round 1, 2 and IOL team. We do not have the infrastructure right now to particularly campaign for certain schools - say Govt funded, or certain regions, especially given that India is such a vast country. So mostly, our participants are from cities, and mostly (but not always) private schools.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

We do not instruct students to prepare for PLO Round 1. But the ones who specifically approach, we ask them to try previous years' problems from various LOs. At round 2, we do give them training - mostly exposure through examples and problem solving, and

narrating personal experience of linguists/their research; rather than teaching theory in a pedantic or structured way. And before IOL, we give more extensive training to the team on designing and solving problems - but again no theory.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

We only refer to problem sets present on our website.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

No theory material. But we distribute a book of problems that the trainers design by selecting problems from other Olympiads.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Microsoft since 2013 till 2020.

Xerox in 2016

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Usually nothing apart from acknowledgment.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Yes. In the problem booklet. But not mentioned on the webpage (for no particular reason).

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

A subset of the previous year's members are approached by the general chair and previous program chairs for chairing the committee. Once the chairs are decided, the chairs approach other people to be members. Usually most members are ex-contestants and some are professors or researchers.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

The PLO organizing committee decides on the Team Leaders. Usually it is based on several factors such as (a) who can travel, (b) who would not need sponsorship, (c) who can connect to the students and train them, and so on.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes, but not very consistently. National media usually publishes an article based on the IOL performance. <https://www.hindustantimes.com/education/pune-boy-wins-bronze-at-international-linguistics-olympiad/story-1rpjh6PVdtVsFfXE2rxJWO.html>

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

There is one on computationally solving linguistics Olympiad problems. But currently it is under review.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Yes. IIT Hyderabad offers direct admission interviews to students who clear PLO round 1.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Medals and books. The award ceremony takes place at the end of round 2 when all the students who participated in the camp (thus, cleared round 1) are awarded.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

More participation. In a country like India, we would like to see at least 5000 if not 50000 students participate in our round 1. This in turn would mean a more stable organization (which we are working on), more funding and more publicity.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

IOL is fantastic and over the years the organizational standards of IOL has steadily improved (better communication, accommodation, food etc.). I think IOL struggles with funding, as a result of which organizational qualities vary a bit year by year. So I think a steady funding is most important point for improvement for IOL. Secondly, more countries should participate in IOL.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Not about our country specifically, but you might be aware that we have started the Asia Pacific Linguistics Olympiad.

Irlanda

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?
Ireland.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A Linguistics Olympiad (All Ireland Linguistics Olympiad - AILO in Ireland) is a contest in which secondary school students develop their own strategies for solving problems in fascinating languages from around the globe.

Students must use their ingenuity to solve Puzzles such as deciphering Egyptian hieroglyphics, decoding numerical spy codes, and interpreting ancient Mayan poetry.

No prior knowledge of linguistics or a second language is required, as even the hardest problems require only logical ability, patient work, and a willingness to think around corners.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

1. Improve problem solving skills

2. Encourage students to take up STEM careers (Computing, Language Tech) in College.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We have 4000 participants in the participatory round, 1400 in round 1 and 100 in round 2 (National Final). We have participation from the 32 counties of Ireland.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<https://ailo.adaptcentre.ie/about/how-it-works/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Harold Somers had worked with the IOL. He brought the idea into a research funding proposal to the Irish government (Language Tech). We started in 2008/9 and attended our first IOL in 2009 in Poland.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Main obstacle is funding really.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

From 100 to around 700 in the first five years.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Yes - National Final - top 100 students are brought to Dublin City University. Round one takes place in schools under teacher supervision (and free nationwide workshops). This year round one took place at the end of Jan in Schools. Due to Covid-19, we ran our national final (top 100) remotely in schools under teacher supervision for the first time ever. The schools closed two days later.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes - they act as tutors for workshops across the country. A few of them also volunteer at the IOL every year. A few also submit puzzles.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes - they host workshops run by our tutors, researchers and lecturers. They hold round 1 in schools and post us the answers. They bring students to the National Final.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes - bringing them to the final usually.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Improve their problem-solving skills, intro to linguistics, increase up take of STEM in College. Make friends!!

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

We encourage cross-border collaboration and workshops (Ireland, north and south).

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

We have online puzzles and there is an online sample test too. We provide free workshops (approx 30) every year all over the island. <https://ailo.adaptcentre.ie/puzzles/>

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

<https://ailo.adaptcentre.ie/puzzles/> and workshop materials every year.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Yes - we do online training sessions and a 3-day pre IOL training session in Dublin City University.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

We have Government Funding and have found it hard to get company funding to date

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Funding reports, logos on material, press releases.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

No - good point!

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

It's mainly Harold Somers working with ELCLO and NACLO.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Team leaders are myself and Harold Somers as we provide the training.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes - we releases photos of each round etc with press releases eg <https://www.adaptcentre.ie/news/congratulations-to-the-four-x-four-ailo-2020-draws-winners-from-each-of-the>

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

<https://ailo.adaptcentre.ie/puzzles/>

<https://ailo.adaptcentre.ie/puzzles/ailo-at-home/> (for Covid-19)

<https://ailo-online.adaptcentre.ie/practice> Practise with immediate feedback on answers

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Northern Irish students use it for University applications.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Medals, trophies and vouchers. 12 medals and 3 trophies, We have certificates then for each level (honorary mention, participation at national final level).

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Funding. We also need more people to make puzzles. We also need to do a longitudinal study of AILO participation.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

I think the IOL has improved on solution discussion and solution examples so we are happy with that.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

N/A.

Japão 1

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Japan.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

An international linguistics competition for young people.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To compete in a worldwide contexto.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Expanding interest from all over the nation, with growing competition to be selected for participation.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<https://iolingjapan.org/application/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Some young Japanese contestants participated as individuals in 2012 and 2013, but were told that in future Japan must have an official body to organise and send a team. Prof. Nakamura Toshiharu, the grandfather of one (Nakamura Issu) of those young people happened to be a retired professor of German and colleague of Paul Snowden, who had just moved from Waseda University to become vice-president of Kyorin University, Tokyo. Snowden contacted a few professors (Waseda and Kyorin Universities) and teachers (Shotoku and Junten high schools) to become committee members, and they introduced some high school students as candidates to attend the 2014 contest in Beijing. The Japan Society for Promotion of Science (JSPS), which offers government support for such educational activities, was contacted, and offered to consider official support from 2017. The Asahi newspaper published an interview with Snowden. A website in Japanese and English --one of the conditions for recognition by the International Ioling committee-- was launched, as a result of which applications doubled each following year.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Linguistics is a relatively unknown field among high schools, compared with mathematics, physics etc. Official funding was eventually refused in 2017, as there is not high school curriculum subject with that name. Families have had to pay full costs; fortunately, this is less difficult for Japanese families than for some others.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Every year 2014-2019 two teams of four members each (total eight) have been sent to the international context. For those five years, a total of about 500 candidates applied for selection. For 2020, which is unlikely to be held on account of Covid-19, about 200 attended the selection test.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

There are single-day practice sessions in Tokyo. Online sessions are held frequently.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. Some are now staying language-related subjects at Japan's top universities, and play a central role in organising every aspect of Iolingjapan, including setting selection tests and running practice sessions. The website is designed and operated by ex-participants.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. Two are on the national committee; one has been the leader of every team at the international contest so far.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Some of the most enthusiastic parents attend practice sessions and meet at the airport when the teams leave for the international contest. Their greatest contribution is financial!

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Confirm their interest in language study of university study in general. Their record of participating will give them an advantage in being accepted for admission to top universities.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No. The only conditions are: pre-university / ability to participate in the Japanese language. There are regrettably few applications from girls.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Join practice sessions.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Some information on the website, including past tests.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Practice sessions with previous participants and other expert linguists.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

None.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

N/A.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

No. No need.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Discussion.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

One high school teacher with one ex-participant.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Regional newspapers publish reports on local young people selected to participate. Associations of teachers are informed at meetings and in their periodicals.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Yes. Many universities recognise past participation as a plus.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Certificates are awarded to all who score high in the selection test, regardless of whether they are selected to the international contest. For 2020, over 20 received them.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Wider publicity, financial stability.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Wider publicity, financial stability.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

I have just retired, and hope to have less to do with lolingjapan from now on. I have forwarded your request to members of jolingustics@gmail.com Please contact them if you need more information or comments.

Japão 2

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Japan.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

For students: A puzzle contest where you decipher the languages you see for the first time

For teachers: A contest where you observe language data and discover the law or mechanism of the language by analysis and generalization.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

1. For people to know about linguistics

2. To provide the opportunity for students to experience linguistics and advertise the career in language Science.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Some people including me chose the career in linguistics with being influenced by LO, but generally, no big effect has been reached now.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

You can see a part of regulations (e.g. contestants must be younger than 20 & pre-university), but it is in Japanese. here: <https://iolingjapan.org/application/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

LO in Japan started in 2012, but I began to attend to the LO's activity from 2016, so I don't know how it started exactly.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

About latter: The biggest obstacle is a financial matter (Currently we don't have any sponsor). The second one is a shortage of supporters. Concretely, it is hard to hold the contest not only in Tokyo but over the country, and we are looking for sponsors and supporters.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Sorry, I don't know.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, currently two ex-participants who are in linguistics course at university, are involved in the general process of the LO (advertising, problem making, workshops, IOL team leader etc.), and about 10 persons take part in the exam as invigilators.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, two high school teachers take part in the general process of the LO.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Generally no. However after the selection for IOL, some parents take part in something such as advertising or team T-shirt design.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

An aspect that participants can experience directly what is linguistics, which is different from language learning, and deepen their awareness of language.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Yes. To read the introductory books about linguistics for university students, and to solve the past LO problems as many as they can.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Yes, but few. Currently we have a workshop where the participants can get together, solve the problems and ask questions for ex-participants. Some ex-participants wrote explanation of solving the LO problems and posted on their blog, which you can access from the official web page. Personally I am preparing a web page and writing the more systematic educational materials for the LO.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Yes. Adding to 16), we have three more workshops.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

We have had no sponsors.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

No. I guess there is no clear reason.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

The people who participate in the general process of the LO, also take role of the problem making.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

One of two is fixed; this person takes part in IOL as a team leader every year because we think choosing a person who used to IOL is better to take care of participants and to observe the IOL's process and change. As for another, a person who is not busy is chosen.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes, but few. <https://globe.asahi.com/article/11558498>. We don't focus any aspect particularly.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No. Probably there is no academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in Japan.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

Not in our country. In other countries, I know only Ivan's work about self-sufficient problems, adapted here by Svetlana Burlak:

<https://pages.uoregon.edu/tpayne/ProblemCreation.pdf>

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

As for LO, no. Other Olympics which are approved by the government, offer.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

We award contestants at the national olympiad the similar way IOL does (gold, silver and bronze for top 1/3, and honorable for the upper than the average). We provide only paper certificates. We don't have award ceremony. Approximately half participants get some prize. (cf. the number of the participants are 2019: 115, 2020: 155).

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

To expand the exam place over the country, to get sponsors or a way to earn money, to bring forward the start of problem making and prepare the enough time to revise.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

If I have to say, I want them to publish the explanation for each problems on the official website.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

This might be interesting or not, but I heard two ex-participants appeared on famous quiz shows on TV, and one of them continues to appear every week as an 'ex-participant of IOL'. I guess it helps the LO prevail in Japan.

Letônia 1

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Latvian Linguistics Olympiad.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

In short words: if you are good in solving math and logic problems and you're interested in languages it is the olympiad for you.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Popularization of the view on linguistics from the point of view of mathematics and logic.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Due to a number of prizes at the IOL, we have some support from the city's educational institutions.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Not available at this moment.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

The first Latvian Linguistics Olympiad was held in 2003. But for a long time (the first 7-8 years) only 30-40 students from 2-3 schools participated in the Olympiad. It all started with the fact that one of the graduates of the school where I work, entered the jury of the 1st IOL and invited us to take part.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

This subject (linguistics) is not in the school curriculum. Therefore, many schools do not even try to take part in the Olympiad.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Sure. In the first years 30-40 participants from 2-3 schools of Riga, now 200-250 participants from different cities of Latvia.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No. There are only summer classes to prepare the Latvian national team for the next IOL. But these classes are open to anyone.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Without ex participants the holding of the LO would be impossible. Some prepare tasks, some participate in the verification, some do both.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Almost not. But I am grateful to those schools, whose teachers inform students about the possibility to participate in the LO.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

I do not set such global goals. But if someone as a result of our LO wants to study linguistics, I am very glad.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No, there is no such group.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Basically, using one of the sections of our website: <http://loling.lv/na/prepare.html>

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Please see answer to previous question. :)

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

No, we do not have special material for preparing for the IOL. We simply solve the complex tasks of national olympiads (for example, Russian or American).

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Our main sponsor is the ASNI Foundation (<http://www.fondsasni.lv/gb/about-us/>).

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Only a larger number of participants at the first stage.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Unfortunately, the majority of our problem committee members live outside Latvia.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Nobody chooses them. If you have ideas and desire – come and work. Of course, for free.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

While I'm the only one who is interested, so there is no one to choose from. :)

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

No. For everyone involved in LO preparation in Latvia it is only a hobby.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

Unfortunately not. But I am not a linguist. I am a mathematician (by education).

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No, I only know about collections of linguistics problems.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Yes, we have an award ceremony. Usually awarded about one third of the participants in the final stage. Winners receive medals, diplomas, pens and small inexpensive gifts.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

The main task is to increase the number of participants at the 1st stage of the LO.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

See the answer to the previous question. :)

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

When registering for our LO, our participants can choose the language in which they want to receive the problems. The jury provides three languages - Latvian, Russian and English.

Letônia 2

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?
Latvian Linguistics Olympiad.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It is a language-based problem-solving competition for high school students. During a Linguistics Olympiad the participants are to solve several self-sufficient linguistic problems. In a typical problem, participants are given data (usually words or sentences) in an unfamiliar language. The participants have to study the data, understand how the language works, and based on their understanding, complete further tasks, such as translating to and from the given unfamiliar language. No prior knowledge of foreign languages is necessary and the problems can be solved with analytical thinking.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

1.1. to popularize solving of self-sufficient linguistic problems as a way for school students to develop analytical thinking and broaden horizons;

1.2. to stimulate the interest of Latvian school students in linguistics and related disciplines;

1.3. to acquaint Latvian school students with the diversity of world languages;

1.4. to support holistic development of Latvian school students by using the interdisciplinarity of the genre of the self-sufficient linguistic problem, which contains elements of both sciences and the humanities;

1.5. using the special feature of the Olympiad that it does not require prior knowledge from the participants, to stimulate the interest of a wider circle of students about science Olympiads in general;

1.6. to select a team that will represent Latvia in the International Olympiad in Linguistics in the given academic year.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

A base of ~200-250 participants from 10-20 regions yearly; positive feedback from participants; Olympiad held in 4 cities; Latvia's participation in every IOL; improvement of Latvia's results in the IOL as the number of participants in the national Olympiad grew; increased interest in linguistics as a science among top participants of the national Olympiad; in addition, Latvian-created linguistic problems have been used to support other Olympiads in about a dozen countries.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

The regulations are not yet available online, but this is being addressed and is one of the plans for the season 2020/2021. An informal description and other information pertaining to the Olympiad can be found on our website here: <http://loling.lv/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Latvia participated in the IOL since 2003, but until 2011 the national selection, although formally open, in practice was held among the students of one or two schools, due to lack of resources. Everything pertaining to Latvia's participation in the IOL was organized and implemented by one school teacher, Vladimir Litvinsky. In 2012, the Latvian Linguistics Olympiad was established when two former students of Vladimir and IOL medalists Alexey Pegushev and Arthur Semenyuk graduated school and joined him to establish a fully-fledged national Olympiad.

The motivation behind the creation of the Olympiad was twofold. Internally, there was a desire to have a "real" Olympiad like the other countries do and finally there were enough human resources to make this happen. Externally, IOL had just introduced a requirement for participating countries to undergo a process of accreditation, which mandated a nation-wide selection competition and a publicly available website.

The first instalment in 2012 was held in Riga only and gathered 35 participants from two cities. It was held at Riga Secondary School #40, the school where Vladimir Litvinsky teaches. The problem set in its entirety was composed by Arthur Semenyuk and Alexey

Pegushev. It was tested by some former IOL participants from Latvia, which was arranged by Arthur Semenyuk. Everything pertaining to the content side of the Olympiad (problem style, grading process, organization of the testing process etc.) was inspired by the IOL, as Arthur and Alexey both became members of the IOL problem committee in the same year and adapted IOL PC practices for the Latvian national Olympiad. Most practicalities of the Olympiad (arranging the venue, finding a company to host the website etc.) were taken care of by Vladimir Litvinsky.

In the first few years, the Olympiad expanded. There were more participants. In 2016, a second city joined in to host the first round. In 2017, four cities held the first round. The second [and final] round has always been held in Riga.

The content-creation side also improved and expanded primarily through the joining of former participants as they graduated. In terms of institutions, initially it was just the abovementioned Riga Secondary School #40. Later, other schools and a private foundation that supports youth education events got involved in the organization.

Summary: the Latvian Olympiad in Linguistics appeared because of the IOL and in many ways was shaped by the IOL. At the beginning, it's main goal was also connected to the IOL (selection of a team), but as it grew, other goals (see previous questions) took precedence.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Limited human resources, limited experience, linguistics not being a school subject. Main obstacles now are the same, even though we have much more resources and experience than we used to.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

31, 52, 96, 221, 187. The record number is 261 in 2019. We are still trying to figure out what stimulates growth. Adjusted for advertising, which we have roughly kept on the same scale in the last few years, an important motivating factor for participants seems to be the location of the IOL in the given year. When the students compete for a chance to go to, say, India, they show up in greater numbers in comparison to years when the destination is less appealing from a tourist standpoint.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No. The second [and final] round happens in one day, and the award ceremony, which is on a different day, is usually attended only by people who live in the same city.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, a major part. Many have joined the Problem Committee and Jury. Some of them are composing problems. Other former participants help with minor organization tasks, such as invigilation.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

It is usually a school teacher who organizes the first round in each of the cities. In Riga, there are several school teachers involved with various organizational tasks, primarily from Riga Secondary School #40 (the school where Vladimir Litvinsky teaches) and the Riga State 1st Gymnasium (the top school in the country). School teachers are not involved with the content of the Olympiad. And we do not recruit school teachers to be members of Problem Committee or Jury.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Develop their brains, discover linguistics, learn something interesting about the world, create a passtime for them that is both productive and fun.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

Students from outside Riga. We have had a couple of seminars to promote the genre of self-sufficient linguistics problems in schools outside Riga. When distributing awards or invitations to the second round, we may unofficially opt for a larger number of awards, if expanding the list results in including somebody from outside Riga.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Yes, they are. We have shared resources on our website: past problems and solutions from our Olympiad and other Olympiads.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Only the materials mentioned in q15). Working on teachers' engagement is one of the long-term plans.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Yes, a lot. There are regular summer classes. The resources are offered to the students by whoever teaches the classes but are not made publicly available.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

Makonix has provided hosting for our website for free. The ASNI foundation (it is not a company, though) has provided financial support for the organization of both rounds. As for the cost of IOL participation for the Latvian team, the list of our sponsors has been found here: <http://loling.lv/en/articles/2019-8-4-iol.html>. This includes both companies, mfoundations, and in some years, private individuals.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Recognition on our website.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

We don't publish the names of the Problem Committee members. It changes every year. We do publish the names of everyone who worked on the problem set in a given year in the respective problem set. For example, see the last page on this document http://loling.lv/assets/2017.18_r2_LV_problems.pdf

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Either somebody is offered the opportunity by the Chair (Alexey Pegushev) or people themselves come forward. In the latter case, we have not rejected anyone yet, but we reserve the right to do so, if there is a good reason. For example, we won't accept somebody who has a vested interest (say, school teachers whose students are participating).

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

The Team Leader has been Vladimir Litvinsky since the inception.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

No. Something to think about in the future.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

Not in our country.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

Not in our country. In other countries, I know only Ivan's work about self-sufficient problems, adapted here by Svetlana Burlak:

<https://pages.uoregon.edu/tpayne/ProblemCreation.pdf>

Ivan Derzhanski's paper on multi-lingual editing here:

https://www.academia.edu/5680606/Multilingual_Editing_of_Linguistic_Problems,

Ivan Derzhanski and Bozhidar Bozhanov's paper on a specific type of linguistic problems: <https://www.aclweb.org/anthology/W13-3401.pdf>

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Medals, diplomas, and small prizes. Prizes have included hard cover notebooks, pens, powerbanks and watches. There is an award ceremony. About 50 students get different prizes. The prizes include awards for high scores in the competition, high scores among younger students (grade 9 and under) and best solutions of specific problems (like at the IOL). The number of awards depends on the number of participants.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Participation: try to bring in new cities and new schools. Communication: update the website and regulations.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

It is not something we discuss a lot. I have some opinions because I am also part of the IOL PC and Jury, but I don't have opinions from the perspective of a national Olympiad organizer.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Here's our website: <http://loling.lv/>

There is an unusual language issue with the Olympiad. Latvian is the only official language in Latvia, but there is a sizeable Russian-speaking minority in the country, around 30%. Riga School #40, where the whole thing started, is a Russian minority school, and Latvian-speaking participants joined the Olympiad only in 2013 in a small proportion. The proportion increased every year. Now it is about 50-50. According to our rules, we offer the problem set in Latvian or Russian. Moreover, officially we offer the problem set in any language that the participant reasonably requests, if it is done in advance and we have the resources. In practice, this has never gone further than Latvian, Russian, and English (for a couple of immigrant students).

Malásia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

I represent the Malaysian Computational Linguistics Olympiad (MyCLO).

Website: <https://www.myclo.my/>

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A problem-solving competition involving rules of languages and deductive/logical thinking. It does not require students to know any other language except the language in which the problems are set.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To promote computational linguistics as a field of study, even at a recreational level.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Not much since we just started for 2 years. The most positive effect is the formation of unofficial small groups of students and enthusiasts to do LO-inspired activities, such as exchanging problems and reading materials.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<https://www.myclo.my/> (under Contest Info).

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

I have been involved in the International Mathematical Olympiad for more than 20 years. In 2017, I had the idea of introducing LO as a sister contest to our math competition, and I contacted the organizer of IOL 2017. I attended as an observer with Mr. Khairul Anwar Zaki, who later became the team leader in 2018 and 2019. We then recruited a team to organize our LO, and invited Stanislav Gurevich (chair of IOL) and Rachel Henderly (organizer of OzCLO) to Kuala Lumpur to train our LO committee. The MyCLO is officially under the Malaysian Computational Thinking Association, but for all practical purposes, it is run by a private company ArdentEdu.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Same difficulties now and before: we do not have professional linguists in the organizing committee. So we cannot create our own problems, and depends on other countries to supply problems to us. That also means we cannot provide proper training to our IOL team. We continue to reach out to linguists to help us, but not much interest so far.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

MyCLO 2018: 120;

MyCLO 2019: 269;

MyCLO 2020 is canceled due to COVID-19 outbreak.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Yes, the winners of MyCLO (about 20 students) are invited to a training camp for one week. Students are given lectures in the morning, then problem solving in the afternoon until evening. On the last day they write a final exam, to select the IOL team members. Since the number of MyCLO participants are low, we only have one more selection round for IOL.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Since we just participated in IOL in 2018, we don't have many ex-participants. But those who went to IOL became active in the training camp for subsequent years.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not much, except to register their students for MyCLO.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

None, except to pay for airfare / fee for IOL.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

- 1. Traveling overseas and meeting excellent students from many countries.**
- 2. Meeting professional linguists and listening to lectures.**
- 3. Participating at the "Olympic" / highest level.**

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

We recommend them to solve problems available in public domain. For students at IOL level, we lend them linguistics textbooks to study theory.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

We provide with our MyCLO mailing to schools, a sample set of 3 problems with solutions.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

- 1. We give them problems from the IOL Leaders' secret Dropbox account (which are not meant to be public).**
- 2. We lend them textbooks on linguistics theory.**
- 3. We recommend they do past year IOL problems, both individual and team contests.**

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

ArdentEdu (a private company that organizes MyCLO) sponsors the training camp, and sponsors the Team Leader to IOL. The students participate at their own costs, so their parents pay for airfare, insurance, registration fees and other expenses.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

ArdentEdu collects a % of the registration fee for MyCLO, which is a sustainable arrangement. Therefore, it is in their interest to see the MyCLO becomes more popular.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

No, we do not have a problem committee. All our problems are "donated" by Stanislav Gurevich from his database of unpublicized Russian problems. The MyCLO organizers just edit and translate the problem into Malay.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Not applicable.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Mr. Khairul Anwar Zaki is the most experienced member of the organizing team, though he is not a linguist by training. He attended IOL as observer in 2017, and serves as Jury member for Asia Pacific Linguistics Olympiad (APLO). So he leads the team for the time being.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Not at the moment.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No data yet.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

We give out symbolic medals in the form of certificates. There is no ceremony, all prizes are mailed to schools. Around 30% of the participants are awarded each year.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

- 1. Recruit linguists;**
- 2. More promotion to media;**
- 3. More promotion of linguist as a serious field of study.**

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

None.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Nepal 1

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?
Himalayan Computational Linguistics Olympiad (HLON), Nepal, South Asia.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

High school level world-wide linguistics competition.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

1) To create awareness about the linguistics olympiad happening globally. 2) To prepare for the participation of Nepal in the international linguistics olympiad.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We participated in the international linguistics olympiad once. People are now better aware about the national and international olympiad.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

They are available online and the link is <http://hlon.org> but is unavailable right now due to some technical reasons.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

A colleague from India contacted me about the olympiad saying Nepal had not yet started. So we started it for the first time in 2017. Institutions like the Language Technology Kendra and Kathmandu University have been instrumental in it's inception and organization.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Lack of awareness about the event was the primary issue. Now it is getting better. People have now started to take more interest about it themselves.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Now we are in our fourth year. In the beginning we just had 35, now it is already 80.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Now it is mostly focused in the capital. We are extending it to throughout Nepal.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, they are now ambassadors of the event. They serve as volunteers.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, they do.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Well, not necessarily.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

They get better recognition and also become more knowledgeable.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

Not right now.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Yes. We provide them problems and solutions online.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

See the answer to question 15.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

See the answer to question 14 & 15.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

The telecommunications authority and a few private companies.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Advertisement and promotion.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not? **No.**

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Well, the founders of the LO.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

From the Founders committee.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes. Unfortunately, no link is available.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones? **No.**

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link. **No.**

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Well, if need be we can write recommendation letters.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

We provide medals and certificates.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

More coverage and bigger competition.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

See my answer to question 28.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

We are growing and becoming bigger year by year.

Nepal 2

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

HLON (Himalayan Computational Linguistics Olympiad), Nepal.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A language puzzle competition.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To raise awareness about IOL, strengthen the linguistics community, build an ecosystem and community of computational linguistics, represent Nepal at International linguistics platform.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Interesting responses and participation from schools/colleges; senior linguistics joined hand to support the LO including various other public and private organizations.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

www.hlon.org

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Indian team leader Mr. Monojit met Dr. Bal Krishna Bal in US during a different program there. Monojit curiously asked to Dr. Bal the reason behind Nepal not participating in IOL and Dr. Bal replied that he had no idea about the IOL at all.

Dr. Bal was my supervisor during my research at the Kathmandu University. He shared the idea with me when he came back to Nepal. In 2016, I attended IOL in India and as an observer and came back Nepal with a vision to take Nepal team to IOL. We have been conducting IOL since 2017. In 2019 we were able to participate in the IOL which happened in Yongin, South Korea.

Information on institutions involved are given in our website www.hlon.org

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Raising enough sponsorship to run the event locally.

Self-financing the team leader for IOL and asking students to finance themselves for the IOL. This still is the main obstacle.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

About 30-50 participants in the year 2017,2018, and 2019. About a 100 in 2020.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No. One final round only.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes. As a participant if they were eligible and as a volunteer.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No. They come along with their students as an observer.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

- **learning about linguistics;**
- **participating in IOL;**
- **getting international exposure.**

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

We send sample questions, past questions, and our website link for the practice.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Past papers of local LO and IOL.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

IOL past papers and assistance from the organizing team.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

There are a few. Please refer to www.hlon.org

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

So far, they are doing it pro-bono. A little exposure of their company name is expected. We also call representatives from those companies as a guest during the orientation.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

We don't particularly publicize who makes the problem-set. Our team + some help from IOL judges and team leaders are taken for problem set creation.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Our team + some help from IOL judges and team leaders are taken for problem set creation.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

We decide it internally within our organizing committee. We give chances to everybody to represent Nepal in a year or another.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes. We announce the competition openly in a few news media and also publish our results.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link. **No.**

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region? **No.**

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

We give medals, trophies, and certificates. In 2020, we distributed about 40 awards including Honorary Mentions.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

- **strengthen sponsorship support;**
- **bring in more schools for participation.**

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

- **raising enough funds/sponsorship to cover travel and registration expenses;**
- **training for our students on IOL questions so that they can perform better.**

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Polônia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Poland.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It is about solving puzzles about real languages.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

The main are: letting people know what linguistics is, making them have interest in learning [about] languages, having intellectual fun, based on real people's inventions.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Almost every high school in Poland (I believe) know what are Olympiad is, hence also what linguistics is and what linguistic tasks can look like. Teachers and students are keen on learning at least the basics of linguistics and solve linguistic problems.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

www.math.uni.wroc.pl/fmw/lingw

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

I was always interested in languages and had the idea of such a contest/problems in mind, then in 2004 I incidentally learnt about the IOL... :) I then convinced people from my faculty (of maths and computer science) to organize the Olympiad. It subsequently grew during the following years, became three-staged and got the recognition of the Ministry of Education.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Getting to contact all possibly interested students + money, now mostly money, but also people composing problems.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

2005 - about 100, the following years: about 500, 1000, after some years it exceeded 2000, then 4000, there was one sudden jump (but then the number of participants got back down to the equilibrium - about 4.500) when we sent out the invitation to participate to virtually almost every high school in Poland.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

There are the 3 hours for the final round, then the best say 10, have a boot camp, for usually 4 days. They have lectures on linguistics, solve olympic problems (mostly in teams) and socialize.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Sometimes they help with the organization, sometimes at the work on problems.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

They organize the first round at school, they verify students' work and send the results to us.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No. They sometimes try to influence the students and are more eager on the success than their children, but we try to avoid that, treating the students as our partners to speak to.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

I think/hope they have had fun, are richer in the knowledge about linguistics - what it is, but hopefully also more aware about languages, diminishing minorities, and different human cultures.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

They can (but are in no way urged to) attend some workshops an/or lectures at their school or some academic centre. They have also access to the problems from different previous contests, which they are encouraged to practice on.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Problems from previous contests available on our website, some printed books listed by us.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

The same as above + previous IOL's problems + our boot camp where they have lectures and practice sessions.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

In the first years we were looking for local sponsors, as the Ministry of Education was quite reluctant, but after some time they became our main sponsor, though there has always been some financial help from our faculty, and some friends.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

The Ministry wants itself to be named by every occasion as the main sponsor, others don't expect anything from us.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

They are not - we don't want people to know who they are, so that they are not bothered and the society don't utter any objections.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

We are just looking for anybody willing and able to.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

These are the people who do the most at the national olympiad.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Not really, but we stay in touch with one prominent newspaper and an editor who writes about education, sending her information about our results at the IOL's.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Yes, but this is the universities' own decision.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

There is a ceremony, but they are awarded only with diplomas and small gifts (about 10) - puzzles, books, games. Plus they get official certificates about being either a finalist (about 60) or a champion (about 15).

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Getting more people to work and organize some accompanying events and cover (media, Internet, archives, elaborated solutions).

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

If anything, then clearer information during the IOL about every single event, but this is not that important, and maybe not easy to achieve.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Reino Unido

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

UK – United Kingdom.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A contest in which competitors solve problems based on data from languages they are unfamiliar with. It is a test of logic and reasoning as well as the understanding of the structure of languages.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

We have two main aims. Firstly, we want to increase the profile of linguistics in schools. We aim to do that by having a multi-level contest with simpler materials being accessible to pupils as young as 9 or 10 years of age. Secondly, we want to select strong teams to compete in the IOL.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We feel we have succeeded in both our aims. We now have several thousand pupils participating at all levels of the contest, so the profile of linguistics has certainly increased. And, particularly over the last five years or so, we have had great success at the IOL.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

<https://www.uklo.org/how-it-works>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

A professor of linguistics wanted his son to be able to compete at the IOL so he contacted at teacher (me) at his son's school. We organised a small UK competition using materials from the Ireland Olympiad. It then grew through involvement of bodies interested in linguistics in school level education.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

We have seen steady growth over the years, but we would like to see two things: a better balance between private school pupils and state school (the latter are over-represented); and a better gender balance, particularly at the top end of the contest where boys dominate.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

I'll have to get back to you with that information.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

Our Round 2 gathers together the best 16 or so of the Advanced Level Round 1 candidates for a residential weekend at a host university. A typical schedule is:

Friday evening: introduction, social, linguistics lecture

Saturday: tuition on linguistics problems throughout the day, social/fun linguistics in the evening

Sunday morning: the Round 2 paper -- effectively the selection test for the IOL.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, we have many ex participants involved. Some are doing administration, some are tutors at Round 2, some have been team leaders at the IOL, some are now on the IOL jury.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, teachers organise Round 1 in schools. We encourage teachers to prepare students by giving them some tuition in linguistics problems.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Occasionally, very young students have their parents with them for the Round 2 weekend, but the parents don't play any role in the event.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Several of our IOL competitors have decided to read linguistics at university. We don't know whether the same is true of other competitors, but we suspect it is.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

As noted previously, we do want to encourage girls and state school students. We did have an additional residential weekend solely for state school students a few years ago. Unfortunately, none of those who attended that weekend did particularly well in the next year's olympiad, so we didn't repeat the event.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

We hope that teachers will work with students on linguistic problems. The UKLO website has lots of resources that students can work with on their own.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

See above and see the website.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

See above and see website.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

We have financial support from a small number of schools and occasionally individuals. The Round 2 hosting university usually provides accommodation at no charge. We have funding from various linguistics societies. See <https://www.uklo.org/sponsors>

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

Nothing specifically, but we do give them a mention on our website (<https://www.uklo.org/sponsors>).

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

We are part of the NACLO consortium of English speaking countries.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

See above.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

One team leader (me) has been with every team since we first became involved with the IOL. Other team leaders have been recruited according to interest and availability.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

We do try to get media interest, but it isn't easy. See <https://www.uklo.org/news>

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

Not sure I understand this question!

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

There is some evidence that the more selective universities are influenced by students having taken part in the higher reaches of the olympiad.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Participants are given certificates (gold, silver, bronze). These are issued at school level. There is no national award ceremony.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

We are hoping to change our Round 2 from a residential event to one based in schools. This will allow more students to take part in Round 2. We will then have a residential weekend for the IOL squad where we concentrate on training.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

The IOL seems pretty good to me. I can't immediately think of anything that needs improving.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

There is a dimension to our Olympiad that the answers so far haven't brought out: it is fun! Students may start out knowing little or nothing about linguistics, but almost all of them find the problems interesting and enjoyable.

República da Coreia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

South Korea.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

High-school level competition on solving problems featuring language and linguistics without prior knowledge to linguistics or proficiency in multiple languages.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

Select & send teams to IOL. Spread the value of language diversity and linguistics to the community. Enhance education on language and problem solving strategies.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

Reaching out to hundreds of students every year, motivating them to explore languages and linguistics.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

We don't have a verbal set of regulations. Our homepage is krlo.co.kr

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

South Korea is unique, in a way that not an institution started organizing teams to IOL. There were a group of students who wished to compete in IOL and they did. (Regulations were less strict back then.) And then, it got spread through lots of students who want to compete & be more prominent in their university applications. A professor in some university then started organizing the selection process, and then the duty was moved to the Linguistics Society of Korea, and then again to Hankuk University of Foreign Studies. Now it has its own independent organization regulating Korean Linguistics Olympiad.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

Budget. No mass sponsor whatsoever from the beginning even to now. Everything is run by the registration fee from contestants, which is quite high.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

We don't have the figures. It was low hundreds. No specific huge growth but there was a plunge in a year where our Ministry of Education banned the use of olympiads in university applications.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

We run a so-called winter school every year between the first and second round of the selection process. Total duration is 5 days. We train students on general linguistic topics and strategies to solve LO problems. They also solve problems on their own or in a team and get feedback from the instructors, who are mostly former LO participants.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Almost >90% is now run by ex-participants, since very less interest from the university/organization itself.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Zero. Sometimes they participate as a team leader to IOL.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Zero. Sometimes they participate as an observer to IOL.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

They actually choose to enter linguistics-related programs in universities! Some went to SNU Linguistics, and others went abroad to US, majoring computer science and language processing etc.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

By materials we put up on the website.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

We do. Past problems & translated problems of other LO's, how-to-solve guides, and generic linguistics materials.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

We are creating a bunch of materials including books and a website.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

None. NHN Corps sponsored IOL 2019, hosted in Korea.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

N/A.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

No. For integrity reason.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Recruited.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Usually former participants who are available in the summer and willing to go are chosen as a team leader.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Small effort, but we have facebook and twitter. twitter.com/edu_krlo facebook.com/edu_krlo

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

It did, but not anymore since MoE has banned the use of olympiads in general in college applications.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Certificates and a small ceremony. 8 students are awarded at the first round (KLO) and another 8 students are awarded at the second round (APLO). Not always the same 8 contestants get the medals in the second round.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Create more materials & advertise more widely.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Nothing much.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

I can tell you about APLO if you want.

República Tcheca

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?
Czech Republic.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

I usually say that usual problem looks as follows. There is a text in your mother tongue encoded in a cipher. And this cipher is an existing language unknown to you. You are supposed to figure out the cipher and not only translate but also understand how does the cipher work.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

- 1. Promote linguistics;**
- 2. Support talented kids and open new horizons for them.**

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We are supported by the government grant and we are promoting linguistics. 2231 students have been exposed to linguistics this year!!

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

No.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

There was a team of enthusiastic Uni students, who were conducting correspondence seminar on linguistics and I joined that team back then. One of the founding members (Matěj Korvas) had an idea to turn this into Czech LO nominating students for the international round. And since then Czech LO exists. I think the idea was pitched to Matěj by professor Hajič from Department of formal and applied linguistics as he knew some of the international figures - Drago and Lori.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

It has been money and problem creation. The rest was fine given the support of Faculty of Arts and Faculty of Mathematics of Physics of Charles University. Since we got funding from the Ministry of education, only creating problems was a struggle.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

2018/2019 – 2231;

17/18 - 1800 +;

15/16 - 1600+;

14/15 – 1331;

13/14 – 1576;

So there is obviously a positive growth which makes us immensely happy.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

We have a national round where all participants from this round gather. We have also a boot camp where we invite the winners and couple of extra kids to train and have fun.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes they do and they are immensely helpful in running it. They are helping with everything - team leading, problem creation, problem correcting, organizing....

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

They are in charge of the first - school round. they organize it at their schools and they correct the solutions and send it to us. We love them for this support.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?
Not much.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?
Some of them ended up studying linguistics, some of them were pretty successful and it helped them with their self-esteem, some of them made international long-lasting friendships.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?
Everyone is treated equally.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?
Of course. The best thing for them is to solve problems from past olympiads. This is highly encouraged.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?
We have a problem archive online - problems with solutions.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?
Problems and solution from past IOLs and problems and solutions from our LO. :)

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?
Our funding comes mostly from grants from the ministry of education and our University has been supporting us as well. We had some sponsors for IOL in our country such as IBM.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?
some medals. :)

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?
I don't understand the question.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?
They are not chosen, we are grateful for anyone who is willing to join and help with creating the problems. It is usually linguistics students.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?
According to their merits.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?
We don't. Only around IOL in our country.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?
We have written one paper about it. Me and Matěj Korvas – <https://www.aclweb.org/anthology/W13-3407.pdf>

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.
Same as the previous answer.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

It does. At the linguistics department at the Faculty of Arts at Charles University, first 3 students from the national rounds are automatically accepted as students. At The Faculty of Mathematics and physics at Charles University, all students from the national round are automatically accepted.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

We award them with diplomas and books. We don't have a official ceremony, we just announce results.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

Schools and participants acquisition.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

International funding could be better. :)

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

I love it. I am super proud of the Czech organising team and of our participants and of teachers - everyone who volunteers to help with this!

Rússia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Russia.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It's a contest for students of 8th to 11th grades (that is, aged 14 to 17). You are given a set of self-sufficient linguistic problems, that is, you do not need any special knowledge in order to solve them. Being able to think logically and use your linguistic intuition is enough.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

The main aim is to get secondary and high school students acquainted with linguistics. (Most schools do not offer such a subject.)

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

--- .

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

**http://www.lingling.ru/olymps/mos_olymp/Olimpiada_po_lingvistike_reglament.pdf
(in Russian).**

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

Our Linguistics Olympiad started 55 years ago, in 1965, in Moscow. The whole process is described in detail here (https://mccme.ru/free-books/uspenskii/vau_book3.pdf, pages 146–171, in Russian).

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

For the first years, see previous question. As for now, the main difficulty is to maintain balance with the traditions of the Olympiad and the new principles and the official regulations of school olympiads.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

--- .

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

No, there isn't. There are three rounds, all of them individual. There is Summer School of Linguistics, but it is not part of the Olympiad, it's an independent event, though organized mostly by the same people who organize the Olympiad--and for mostly the same students who take part in it.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes they do. Lots of ex-participants come back: as invigilators, as problem authors, as problem beta testers, as graders etc. Some of them only stay with the Olympiad community for a year or two; others stay longer. Some of us are ex-participants, too (Alexander, Boris, Julia, Maria, -- see list in answer 1).

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Mostly not, only if they are linguists and/or teach linguistics at schools (as an after-school activity).

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Not much, and they are not required or expected to. Some ex-participants are now the current participants' parents or grandparents, though.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

I know many former participants who got involved in linguistics after taking part in the Olympiad.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No. We pay equal attention at anyone. When we award prizes, we look at the table with participants' scores, and the columns with their names and cities are hidden.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

The tradition has always disapproved of any preparation. But the fact is that it is becoming more and more customary to prepare: solve practice problems, take part in after-school linguistic problem clubs, online courses etc. Until now, it has never been officially encouraged by the organizers of the Olympiad.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Lots of old problems (with solutions) are available online. Anyone is free to try and solve them at their leisure. This might help. However, this is not obligatory: after all, our problems are self-sufficient.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Several books containing previous problems with solutions have been published, most of them are available online. Two more books are in print right now.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

For more than ten years Moscow Linguistics Olympiad has been receiving some financial support from Yandex, the biggest search engine and IT corporation in Russia.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

They do not really expect any financial return. However, some former participants got jobs in Yandex.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

The official booklet with the problems which is handed out to all participants in the beginning of the competition includes the names of all problem authors and the head of the Problem Committee (listed as editor-in-chief). Otherwise, the names of the members are normally not published, but I don't think there is any reason for this.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

There is no formal procedure. The problem committee started as early as in 1960s; since then, it has been offering membership to people that had been already helping the Olympiad, like composing or testing problems.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

There is no formal procedure to select team leaders. As of now, one of the team leaders is a former contestant who took part in multiple competitions, including IOL, and the second one is one of the few high school teachers of linguistics throughout the country.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example? **Normally not. Most information about the Olympiad and related events is published in social media (a VK.com group currently having 5,300 members), and general media sometimes get interested, approach some of us and publish articles about the olympiad.**

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

Журинский А. Н. Морфология языков банту в лингвистических задачах. // Аксенова И. С., Ветошкина Т. Л., Журинский А. Н. Классы слов в языках Африки. М., 1984.

Журинский А. Н. Слово, буква, число: Обсуждение самодостаточных лингвистических задач с разбором ста образцов жанра. М., 1993.

Зализняк А. А. Лингвистические задачи. // Исследования по структурной типологии. М., 1963.

Тестелец Я. Г. Лингвистические задачи и “Презумпция незлобности автора”. // Знак: Сборник статей по лингвистике, семиотике и поэтике памяти А.Н. Журинского. М., 1994.

Держанский И. А., Бердичевский А. С., Гилярова К. А., Иомдин Б. Л., Муравенко Е. В., Рубинштейн М. Л. О переводимости лингвистических задач: Уроки первой международной лингвистической олимпиады // Компьютерная лингвистика и интеллектуальные технологии: Труды международной конференции Диалог’2004 («Верхневолжский», 2–7 июня 2004 г.). М.: Наука, 2004, с. 240–245.

Boris Iomdin, Alexander Piperski, Anton Somin. Linguistic Problems Based on Text Corpora. In: Proceedings of the Fourth Workshop on Teaching Natural Language Processing. Sofia, Bulgaria, August 4-9 2013. P. 9-17.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

--- .

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

There is a list of olympiads for high school students that was compiled some ten years ago and has been yearly updated by the Ministry of Education ever since. It lists olympiads by subjects and ranks them according to their outreach and difficulty. The Russian Linguistics Olympiad is listed as a top-level olympiad in two subjects, namely Russian and Foreign Languages. The winners of such olympiads can enrol in a B.A. course in Linguistics at some important universities irrespectively of their high school exam grades; at some other universities, the diploma of the Russian Linguistics Olympiad counts as 100 points out of 100 for the high school exams in Russian and / or Foreign Languages (KG: Students should validate these 100 points by passing the exam itself with 75+ points though). The choice of an option depends on the internal regulations of a university.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

The awards have always been books--and diplomas, of course. There are no medals or cups. There is an award ceremony; it usually takes place immediately after the discussion of the problems. The ceremony takes about two hours or so, and it’s very much like IOL: each winner is called, and is s/he is present in the audience, s/he gets his/her prize: a pile of books. Experienced winners come to the ceremony with huge bags. Approximately 5-10% participants of the offline contest (which means 2nd and 3rd rounds) get the prizes. It is fewer than in most other olympiads.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

There are lots of things to improve, and we are constantly working on this.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years? - - - -

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Our Olympiad was in fact the first LO to be held. Other LO traditions were inspired and influenced by ours.

Suécia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Sweden.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

A problem solving competition for high school students. Every problem is about a language you have never heard about. You need no previous knowledge to solve the problems, they are self contained. Really fun puzzles!

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To increase the interest for linguistics among students. To give a fun and challenging experience, for understimulated students in particular. To send two teams to the IOL each year.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

We are an appreciated competition among the students. We have also gotten a few very talented students to start studying linguistics, that otherwise wouldn't.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

No.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

I personally wasn't involved. It was a cooperation between Stockholm University and the organisation Young Scientists Stockholm, in 2006. Mainly it was a couple of individuals who did almost everything. The first years the competition was only a team competition organized at different universities, and the best team got to go to IOL. It spread fast to include more universities, and a few more individuals.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

In the first years it was difficult to get funding, and to get a high amount of high quality problems. Now the hardest thing is to reach out to enough schools and students.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

I only have data for year 3 and 4, 164 and 230, respectively.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

The second and last round, we gather the participants over two days. The first day is some social activities and a lecture about linguistic problem solving. The second day is the competition, and general lectures while we correct the exams.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Almost the whole arranging group is ex participants (including me). We create all the problems, we organize the national rounds and are team leaders at the IOL. The funding is still taken care of by a not ex participant.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Organising the first round at their own school.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Not in a major way, for the most part. We will make some of them study linguistics at university. Hopefully we will give them a memory for life. ^^

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

The best way is to solve IOL problems. We usually tell them that they can't expect to take a medal unless they have solved every IOL problem before the Olympiad. We usually have a training camp the week before IOL, where we have lectures on techniques as well.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

The problems from the last few years (when they started to become better) are available on our website.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Not in addition to the training camp.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

No companies. Some organizations, and for the since 2013 the government.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

That we stimulate students in general and high performing students in particular.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

Nope, we haven't really thought about it.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

We don't really separate between organized group and problem committee. Some of us create more problems and some do more of the administrative work.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

We choose from the organising group the ones who want to go the most, and the ones we think can help the students feel safe and become better at linguistic problem solving.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

We have tried, but not with any success.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

No.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Only travel to the IOL, for 8 students.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

More stable organising group (not dependent on any individual person). More participants. Better training possibilities for the participants.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Reach more countries. Higher quality team problems.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

Nope.

Turquia

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Linguistics Olympiad Of Turkey.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

It is a competition which is on language problems that is about the main rules of that language, you do not have to speak and know that language, all you have to do is to think analytically and try to understand.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

The aims is to choose the high school students who want to participate in IOL.

4) What was the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

The attention to the contest is increasing year by year.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Yes, it is online, the link is <https://linguisticturkey.com/>

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

I heard about IOL, and I announced it in the school that I worked in, then we formed a website and announced it to the other schools in Turkey.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

We had difficulty in money issues, finding sponsors.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Approximately 50-80 students, yes there is a growth.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

There is only one round.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No they did not.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

Yes, I am a school teacher too.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

Yes they have decided to study computational linguistics in university.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

No, if they have any individual interest they do prepare on their own.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

We provide past paper questions to all the students.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Yes, past paper questions and we teach them the rules of IOL.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

No so far.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

No.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

They participate and the people change each year, so there is no constant list.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

Volunteers from universities.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

I am the team leader since we started.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

Yes, we send invitations to the high schools, inform and train the school teachers as well.

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones?

No.

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link.

No.

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region?

Yes, but just linguistics not computational linguistics.

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

There is no national awarding system, just the schools give certificates.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

We try to reach out to more students.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

We try to reach more students and teachers and schools.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.

Uzbequistão

1) Which Linguistics Olympics (LO) do you represent, from which country / region?

Uzbekistan.

2) How would you describe what a Linguistics Olympiad is, to someone who has never heard about it?

Chance to explore languages and understand difference and similarity among them.

3) What are the aims of the Linguistics Olympiad in your country / region?

To increase interest in languages, enlighten origins and link of languages that we know and do not know.

4) What were the consequences / effects already reached of the LO in your country / region?

People started to realize that any language can be a key to discover culture, society or country where it is spoken.

5) Are the regulations of your LO available online? If yes, can you write here the link?

Uzbekistan uses APLO.

6) Can you describe how your LO started? What motivated the creation? Who brought up the idea? When was it started? Which institutions were involved? How this developed during the first years?

It is about to start.

7) What were the difficulties to develop the LO in your country / region at the beginning? And what are the main obstacles to develop the LO today?

People are excited to learn more technological skills. We are trying to explain the role of LO in developing computation thinking and other important life skills that can be used in any field.

8) Can you estimate how many participants took part in the Olympiad in each of the first five years? Did you notice a bigger growth in a specific moment after that?

Not yet.

9) Is there any round in your LO in which students from different parts of the country / region gather in one place for some days, like a camp or a summer school? If yes, can you briefly summarize how many days it lasts and what is the general schedule they follow?

In the future.

10) Do ex participants take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

We invited participants from Kazakhstan to present LO and share their experience.

11) Do school teachers take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

They distribute past papers and based on our instructions conduct workshops.

12) Do participants' parents take any part / role in your LO? If yes, which and to what degree?

No.

13) In which aspects do you expect your LO to change the lives of the participants?

It will make big difference for their both personal and professional development. With this initiative there can be increase in number of people who take other foreign languages except current popular ones. We may trigger others talent in Linguistics that can create great scientists.

14) Is there any social group (girls, government-funded schools, some ethnicity etc.) who receives any special attention, support or incentive within the process of your LO? If yes, which group and how is it done?

No.

15) Are students encouraged to prepare for the Linguistics Olympiad in any way in their country / region? If yes, how should they prepare?

Afterschool workshops.

16) Does your LO provide or indicate any training material for schools, teachers or students to prepare themselves for the first round? If yes, what kind of material?

Past papers of IOL.

17) Does your LO provide or indicate any training material for the students to prepare themselves for the international round (IOL)? If yes, what kind of material?

Past papers of IOL.

18) Which companies have provided financial support, sponsorship, for the Linguistics Olympiad in your country / region each year since the foundation of the Olympics?

None.

19) What do the sponsors expect as a return from your LO?

N/A.

20) Are the members of the Problem Committee published in your country / region? If so, insert the link, please. If they are not published, why not?

N/A.

21) How are the problem committee members chosen in your country / region?

N/A.

22) How are Team Leaders chosen to accompany IOL participants?

Teachers of students who participate in IOL.

23) Do your LO makes explicit efforts to communicate with general media, such as producing press releases? Focused on which aspects, elements or rounds of the olympiad? Can you write here a link of such a release, as an example?

<http://worldwinner.uz/iol>

24) Do you know of any academic work about Self-Sufficient Linguistic Problems in your country? If so, can you write here links for the most relevant ones? **No.**

25) Do you know any academic work on the Linguistics Olympics in your country or in other countries? Please insert the link. **No.**

26) Does the Olympics offer any benefits for applying to college and university in your country / region? **No.**

27) What kind of awards are given to the students in the end of the olympiad cycle? Medals, books, other things? Is there a national award ceremony or something of the sort? How many students, approximately, are contemplated with prizes each year?

Certificates.

28) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in your olympiad, for the next years?

To contact as many schools as possible so that olympiad is accessible to anyone in Uzbekistan.

29) What do you and the rest of the team from your LO see as the main points to improve in the International Linguistics Olympiad (IOL), for the next years?

Answered.

30) Do you have anything interesting or curious about your Olympiad that you want to tell, apart from what you already told in the previous questions?

No.



universität
wien

Department of Linguistics

Dr. phil. Robson Carapeto Conceição

Sensengasse 3a
1090 Vienna

robson.carapeto.conceicao@univie.ac.at

Evaluation of
Mr. EDUARDO CARDOSO MARTINS' PhD thesis

*Olimpíadas de linguística: Mosaico de uma
prática social baseada em problemas*

Vienna, 11 February 2022

It was with great pleasure that I read EDUARDO CARDOSO MARTINS' thesis, which was not only written and structured in an exemplary way, but also represents an unprecedented approach to Science Olympiads. I would like to highlight the great potential of this work to become an international reference, to improve the linguistic, social and political practices in the organization of Linguistics Olympiads, and to give rise to future debates and studies on language education.

The work goes through cyclical movements of closeness and distance that describe the investigated reality as a mosaic and builds a kaleidoscope of practices based on the critical analysis of the discourse of local organizers in 28 countries participating in the International Linguistics Olympiad (IOL). Transdisciplinarily, the author starts from the epistemological discussion involving the plurality of strands of language studies, offers a thorough and detailed socio-historical overview of the linguistic research tradition in the context of the Soviet Union, unveils the constitution and pedagogical potential of so-called "self-sufficient linguistics problems," and brings out contradictions of representations overlapped "with other discourses, such as the meritocratic or neoliberal, which make ideological action more effective and less visible, with greater potential for sustaining power inequalities and coercions" (p. 179).

The analysis of the articulation of social discursive practices culminates, finally, in significant social and (de)colonial implications related to autonomous learning, educational policies oriented to labour market demands, and the teaching of the scientific method applied to language. At the same time, when we reach the conclusions of the interpretative movements based on the methodology developed by Fairclough (1992), it becomes once again remarkable the transformative potential of the practices studied, of the Linguistics Olympiad and of this study itself.

Finally, I emphasize again the originality and relevance of the chosen theme, the broad international and multilingual scope of research corpus and theoretical basis, the empirical and transdisciplinary character and the competent writing oriented to the reader's reception. Thus, I strongly recommend the approval of the thesis, as well as its publication.

Dr. phil. Robson Carapeto Conceição

